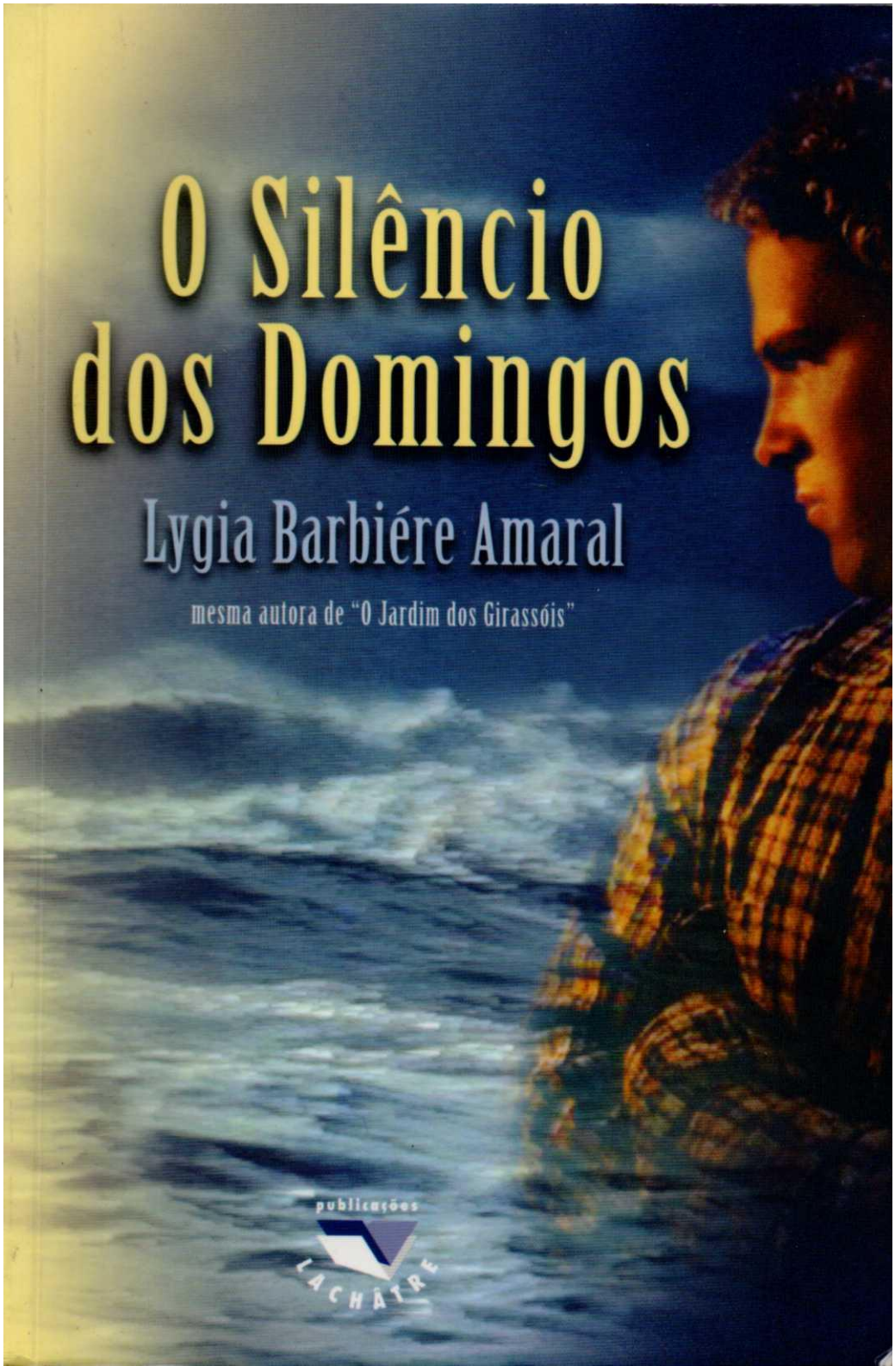
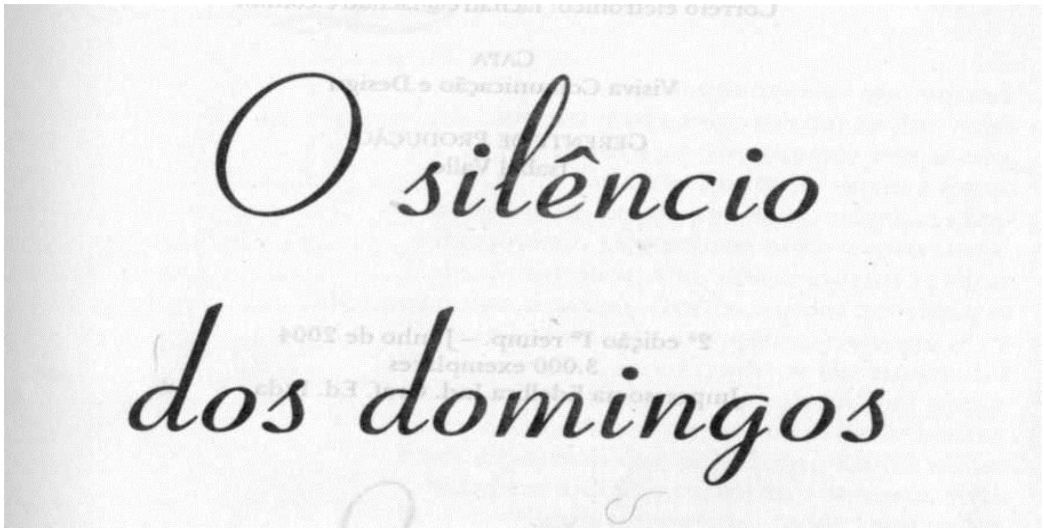

O Silêncio dos Domingos
Lygia Barbiére Amaral
mesma autora de "O Jardim dos Girassóis"
publicações
LACHÂTRE

Neste seu terceiro e empolgante romance, Lygia Barbiére Amaral, autora de "0 jardim dos girassóis" e "A luz que vem de dentro", mais uma vez nos leva a transitar por assuntos pulsantes e atuais. Síndrome do pânico, obsessão, gravidez na adolescência, aborto, mal de Alzheimer e relacionamento entre pais e filhos são apenas alguns dos ingredientes que compõem a instigante trama de "0 Silêncio dos Domingos". Uma trama ao mesmo tempo mágica e real tão real que poderia acontecer a qualquer um de nós. Aquele domingo mudou a vida de todos eles. Este livro também pode mudar a sua.

LYGIA BARBIÉRE AMARAL



© 2002 Lygia Barbiére Amaral
Editora lachâtre
Rua José Emílio, 207 -Jd. América CEP 12902-090 - Bragança Paulista - SP Tel (11) 4033-3999- Fax (11) 4032-3106 Página na internet: http://www.lachatre.com.br Correio eletrônico: lachatre@lachatre.com.br

Capa
Visiva Comunicação e Design
Gerente de produção Isabel Valle
2° edição 1° reimp. -Junho de 2004
3.000 exemplares
Impresso na Edelbra Ind. Graf. Ed. Ltda.

A reprodução parcial ou total desta obra, por qualquer meio, somente será permitida com a autorização por escrito da Editora. (Lei n° 6896 de 17.12.1980)

Impresso no Brasil Presita en Brazilo

CIP-Brasil. Catalogação na fonte

A485s ' Amaral, Lygia Barbiére, 1967-

O silêncio dos domingos / Lygia Barbiére Amaral -2a ed. Ia reimp. - Bragança Paulista. SP : Lachâtre, 2004.

464p.

1 .Espiritismo. 2.Romance espírita. 3.Literatura brasileira. I. Título.

CDD 133.9 CDU 133.9

Quando pois te encontrares em luta imensa, recorda que o Senhor te conduziu a semelhante posição de sacrifício, considerando a probabilidade de tua exaltação, e não te esqueças de que toda crise é fonte sublime de espírito renovador para aqueles que sabem ter esperança.

(Trecho da mensagem "Crises", extraída do livro Vinha de luz, de Francisco Cândido Xavier pelo espírito Emmanuel.)

Dedico este livro

A todos aqueles que sofrem, aos que têm medo, aos que tantas vezes se sentem paralisados por este medo, seja da eminência de uma fobia, de uma crise de pânico, de assumir um com compromisso tão sublime como a maternidade, de simplesmente não conseguir realizar algo que muito desejam. Dedico a todos aqueles que nos momentos de desespero se sentem sós e desamparados, acreditando-se tão esquecidos pela Providência Divina a ponto de mal conseguirem intuir a imensa quantidade de benfeitores espirituais que os rodeiam não só nestes como em todos os momentos de nossa vida. Nunca estamos verdadeiramente sós.

Este livro é também um presente para a prima, amiga e irmã Lúcia Maria Greve, minha querida Luculus, anjo de luz que me ampara, protege e acompanha pelos caminhos desta vida desde que ainda éramos meninas;

e também uma homenagem a uma das mais belas almas que já transitou por este planeta de provas e expiações, o terno e inesquecível Chico Xavier. Ele veio ao mundo com a missão de psicografar 30 livros e escreveu 418, mostrando-nos que, com perseverança, fé, humildade, amor e dedicação, nada é impossível.

Que Deus abençoe a cada um dos queridos leitores com Sua luz protetora.

I

Tudo aconteceu de repente. Era um domingo à noite. Vítor conversava com um amigo ao telefone, quando experimentou um certo desconforto gástrico. Não era exatamente um enjoo. Era como se algo quente e amargo lhe subisse do estômago para o esôfago e já se fizesse sentir na garganta. Mas não era só isso. Sem saber por quê, sentia-se meio aflito. Parecia uma sensação de vazio, uma insegurança em relação a algo que ele próprio não sabia o que era. Nesse momento, ouviu na televisão a chamada para o programa que estava prestes a começar:

- E possível clonar seres humanos? A polêmica questão, que é tema central da novela "Gêmeos por acaso", de Janete Glória, ganha novos contornos nos Estados Unidos, onde uma empresa de biotecnologia afirma ter conseguido clonar os primeiros embriões humanos, embora nenhum deles tenha sobrevivido - anunciava a apresentadora em trajes de gala sob cenário futurista.

- Enquanto isso, na Itália, o ginecologista Severino Antinori afirma já estar em fase de gestação o primeiro clone humano; e a bioquímica francesa Brigitte Boisselier diz estar preparando a própria filha para ser usada como cobaia. Quem, afinal, vencerá esta corrida milionária pelo direito autoral da vida? - complementou o outro apresentador, com ares de galã. - Está no ar o programa "Isto é Incrível!"

- Aí, cara, vou ter de desligar, o programa está começando - Vítor avisou ao amigo, sem querer entrar em maiores detalhes. - Falou! Amanhã na escola a gente conversa!

O mal-estar continuava e também a ansiedade, que parecia aumentar a cada minuto. Era estranho, pois aparentemente não havia nenhuma razão para que estivesse sentindo tudo aquilo. Não havia comido nada de diferente no almoço, nem no lanche. Além de que, era um domingo como outro qualquer, onde fazia as mesmas coisas de sempre. Por que estaria tão inquieto?

Por breves instantes, desejou não estar sozinho em casa. Mas ele sempre ficava em casa aos domingos e jamais experimentara qualquer problema. Os pais tinham ido ao cinema e o irmão mais velho tinha saído com a namorada. Procurou não pensar no mal-estar e concentrar-se em seu domingo de sempre.

Era um garoto de quinze anos, cabelos revoltos e olhos faiscantes, parecia sempre no limiar de alguma descoberta crucial para a humanidade. Em geral, passava o domingo estudando e não perdia uma edição daquele programa, onde seu pai, que era jornalista, trabalhava como editor-chefe. O tema daquela noite, aliás, mexia com ele de uma maneira especial. Apaixonado por biologia, sonhava tornar-se um geneticista e realizar, ele próprio, a primeira experiência de clonagem humana, motivo pelo qual sentia-se profundamente interessado pelo que acabara de ser anunciado.

Ajeitou melhor o telefone no gancho e correu para frente da TV. Era hora dos comerciais, ele tinha aproximadamente cinco minutos para ir até a cozinha, preparar um sanduíche e pegar uma latinha de refrigerante na geladeira. "Quem sabe um pouco de refrigerante não resolvia o problema?", pensava consigo.

Já estava voltando com o refrigerante e o sanduíche, quando sentiu de novo o estranho mal-estar. O ar parecia não entrar direito em seus pulmões, ao mesmo tempo em que experimentava uma espécie de angústia, uma pressão no peito, como se algo de muito ruim, que ele não sabia o que era, estivesse prestes a acontecer. A sensação era extremamente desconfortante. Era como se uma energia estranha, uma onda gigantesca de repente o envolvesse por inteiro.

Lembrou-se imediatamente dos pais que estavam na rua e uma série de pensamentos horríveis começou a passar por sua mente, aumentando seu desconforto. E se tivessem sido assaltados na saída do cinema? E se tivessem sido sequestrados pelos assaltantes? E se Vinícius, o irmão mais velho, tivesse sofrido um acidente? Poderia estar preso agora entre as ferragens de algum veículo! As hipóteses se sucediam cada vez piores em seus presságios angustiosos, aumentando cada vez mais o medo enorme que inexplicavelmente deflagrara-se em seu íntimo.

Sentou-se na poltrona e, tremendo como se estivesse com muito frio, procurou concentrar-se na tão esperada reportagem que começava a entrar no ar:

- Localizada em Worcester, Massachussets, a empresa americana de biotecnologia utilizou duas técnicas para clonar embriões humanos: o método de fecundação que gerou a ovelha Dolly e a partenogênese, onde a fertilização é simulada através de estímulos elétricos - explicava o repórter dentro de um laboratório.

Vítor, porém, captava apenas palavras longínquas, como se a TV estivesse ligada no apartamento de algum vizinho distante. Parecia mesmo que alguma coisa havia se descolado de dentro dele, deixando-lhe uma estranha sensação de irrealidade. Era como se houvesse um zoom em seus olhos. Ao mesmo tempo em que se percebia sentado na poltrona, diante do aparelho de televisão e cercado por todos os objetos que lhe eram familiares, sentia todo o cenário se aproximar e se afastar, como se fosse um espectador de um mundo estranho ao qual não mais pertencia. As coisas iam e voltavam, iam e voltavam, sob o ruído remoto das vozes na televisão.

Completamente alheio e disperso, Vítor tinha a impressão de ter perdido o tato; não conseguia mais sentir nem mesmo a lata de refrigerante que tinha nas mãos. Ela continuava lá, mas era como se não estivesse.

Ainda trêmulo, depositou-a sobre a mesa, temendo que a qualquer momento lhe escapulisse das mãos. "O que seria aquilo?", pensava consigo, apatetado. "Vertigem? Tontura? Desmaio? Confusão Mental? Acho que estou morrendo", foi tudo o que conseguiu deduzir. Tenso, percebeu então que suas mãos e todo o seu corpo, além de trêmulos, suavam muito. E aquela onda gigantesca novamente o envolvendo. Já não sabia se as sensações o estavam deixando nervoso ou se era o nervosismo que as causava. Começou então a ficar ainda mais nervoso.

O tempo todo esforçava-se para parar de sentir aqueles inexplicáveis sintomas, mas era como se sua mente não lhe obedecesse mais ao comando e se fixasse cada vez mais no que acontecia em seu corpo. Tomado por terrível sentimento de desespero, seu desejo era fugir, correr para algum lugar seguro onde pudesse estar com pessoas em quem confiasse. Sentia que algo de muito ruim poderia lhe acontecer caso permanecesse ali; talvez viesse mesmo a morrer. Mas fugir para onde?

Num esforço supremo, conseguiu levantar-se da poltrona e caminhar alguns passos, cambaleante. Precisava chegar até a cozinha, descobrir que horas eram se faltava muito ainda para que os pais voltassem do cinema. Eles tinham de voltar logo!

Chegando à entrada da cozinha, porém, sentiu efetivamente uma vertigem, como se estivesse prestes á desmaiar. O mais curioso, contudo, é que o desmaio não vinha. Sentou-se no chão para recobrar as forças e percebeu que estava com taquicardia. Achou que fosse ter um enfarte e começou a se arrastar pela sala, em desespero. Estava inteiramente empapado de suor, sentia enjoo e a boca muito seca. "Um enfarte, com toda certeza estou tendo um enfarte", disse a si próprio. "E agora, o que é que eu faço?", perguntou-se, sentindo-se dominado por aquele pavor crescente que quase o sufocava.

De tão atemorizado com os estranhos sintomas que se multiplicavam, em nenhum momento lhe ocorreu pedir ajuda por telefone ou mesmo pessoalmente a algum vizinho. Em sua cabeça, passava apenas o medo enorme de morrer, a certeza de que lhe restavam apenas poucos instantes de vida.

Tudo o que desejava era não estar onde estava, daria tudo o que tinha para não estar vivendo aquilo. Quanto tempo mais resistiria sem perder os sentidos? Meia hora? Meio minuto? Um segundo? E o pior de tudo era aquela sensação de medo, pânico, pavor que parecia se espalhar por dentro dele como uma mortalha gelada. "Será que tinha morrido e não tinha percebido?", chegou a perguntar-se.

O medo era tão grande que ele não conseguia nem se mover de onde estava. E a boca cada vez mais seca. Seca e amarga. Sentia uma sede quase insuportável, mas não tinha coragem de esgueirar-se até a cozinha para pegar um pouco de água, nem mesmo de arrastar-se até a mesinha onde deixara sua lata de refrigerante. Estava paralisado de tanto pavor. E os sintomas aumentando a cada minuto, aquele medo que parecia devorá-lo de dentro para fora.

Quando finalmente os pais, Luís Paulo e Cenyra, entraram em casa, cerca de vinte minutos depois do início da crise, encontraram-no agachado na porta da cozinha, enroscado como um feto, a respiração ainda ofegante. A roupa estava encharcada de suor, parecia mesmo que havia acabado de sair debaixo do chuveiro. Estava exausto física e emocionalmente, tinha a sensação de que havia lutado por mais de duas horas.

Ao vê-los, jogou-se nos braços da mãe e começou a chorar compulsivamente. "O que teria sido aquilo? O que, afinal, teria acontecido com ele?", não conseguia parar de perguntar-se.

II

Eu não posso deixar que ela faça isso! - Aline disse alto para si, enquanto acenava nervosamente para o ônibus com destino ao Campeche.

De onde estava, no chamado centrinho da Lagoa da Conceição, até o endereço que apertava com força na mão direita, não eram mais que vinte minutos de ônibus. Para ela, contudo, todo o tempo era pouco. Acabara de ser informada por uma colega de classe que sua melhor amiga estava prestes a fazer um aborto e saíra fugida da escola para tentar evitar que o ato se consumasse.

Aline vivia em Florianópolis. Tinha quinze anos e havia nascido e crescido nas imediações da Lagoa da Conceição - maior lagoa da cidade, situada no centro da ilha e famosa por sua exuberante paisagem natural. Morava com a mãe e o irmão mais novo em um bairro chamado Barra da Lagoa, localizado a leste, e estudava em um colégio de freiras bastante tradicional na cidade, onde cursava o primeiro ano do segundo grau.

"A Mariana grávida...", ia pensando, enquanto o ônibus seguia seu trajeto, costeando a lagoa em direção ao sul. "O que eu faria se fosse comigo? Não, certamente não pensaria em aborto. Eu jamais pensaria em aborto!", afirmou mentalmente com inflamada veemência. "Como é que alguém pode sequer cogitar a ideia de matar um bebê?", ela não conseguia entender. "Sim, porque desde o momento em que o óvulo foi fecundado, já existe um bebê!", afirmava a si própria. Teria mesmo Fatinha, a outra colega, entendido direito? Por que Mariana não lhe contara nada?

Mas ela não ia deixar que a amiga tirasse a criança. De jeito nenhum. Se fosse preciso, até arrumaria um emprego para ajudá-la a sustentar o bebê. Aliás, Florence, sua mãe, também poderia ajudar se necessário. Quem sabe até não a convidava para passar uma temporada na casa deles? Mariana certamente deveria estar com muito medo de contar a verdade a seus pais, ela imaginava.

Aline e Mariana eram amigas desde meninas, estudavam na mesma classe desde o maternal. Tudo o que acontecia à amiga, portanto, era algo que virtualmente poderia acontecer com ela. E era exatamente assim que ela sentia, como se aquele filho de Mariana, que ela até poucos minutos nem imaginava existir, fosse um pouco seu também. "Não, eu não posso deixar Mariana cometer esse crime", afirmou mentalmente mais uma vez, estalando os dedos das mãos.

Só nos últimos meses a amizade entre as duas havia ficado um pouco estremecida, justamente por causa do namoro de Mariana com Mairon, um rapaz do terceiro ano de quem Aline não gostava nem um pouco. Com toda a certeza, era ele o pai da criança.

"Eu sempre achei que esse namoro não ia dar boa coisa", cismava em silêncio, com os olhos fixos na paisagem lá fora, sem, contudo, enxergar nada além de suas próprias reflexões. "E a Mariana achando que eu estava com ciúmes, onde já se viu? Chegou mesmo a achar que eu estivesse a fim do Mairon...", ela estalou de novo os dedos ressentida. "A verdade é que eu sempre achei esse Mairon um tremendo gabiru ganguento. (1) E onde será que ele está neste momento? Será que foi ele que deu o dinheiro para ela fazer o desmancho? (2) Só pode ter sido... A Mari nunca tomaria uma atitude dessas por conta própria... Tadinha, deve estar sofrendo tanto... Eu tenho certeza de que ela está precisando de mim neste momento..."

- Ai, minha Nossa Senhora do Desterro, será que vai dar tempo? -pensou alto, consultando o relógio, sem se importar com o olhar curioso dos outros passageiros.

Nesse momento, porém, todos foram sacudidos por uma brusca freada. O ônibus acabara de bater num caminhão que ultrapassara o sinal, bem em frente à praia do Campeche, em seu trecho inicial.

Enquanto isso, numa ruazinha simples e pouco movimentada, habitada quase que exclusivamente por pescadores, uma jovem sozinha parava diante de uma casa.

1 Conquistador convencido no linguajar típico da ilha.

2 Aborto.

A porta estava aberta. Mordendo nervosamente a cabeça do dedo indicador, já no sabugo de tão roído, a jovem esticou os olhos em direção ao interior da casa. Devia ter, no máximo, uns dezesseis anos. "Ai, meu Deus... Será que é aqui?"; pensou, tocando levemente a barriga com a outra mão.

Era um local bastante modesto, de paredes que um dia já tinham sido azuis por inteiro, agora muito descascadas, cobertas de infiltrações e manchas de bolor. Do teto pendia um fio com uma lâmpada empoeirada; não havia nenhum quadro alegrando o ambiente. O único enfeite da sala era um pequeno vasinho dourado enferrujado, contendo flores artificiais velhas e desbotadas, imitação de orquídeas raras carcomidas pelo tempo. Ficavam em cima do moderno aparelho de TV de vinte polegadas, último modelo, ligado diante de um conjunto de sofás de tecido claro, também novinho em folha, onde uma jovem mascando chiclete folheava rapidamente as páginas de uma revista, sem muito interesse em seu conteúdo.

"E agora, Jesus, o que é que eu faço?" - pensou consigo a outra jovem que a observava da porta.

De dentro da casa, vinha um odor de peixe frito que lhe embrulhava o estômago.

- Vá embora daqui, desista dessa ideia - disse a seus ouvidos tuna voz, que ela não sabia de onde vinha.

Transferiu os dentes nervosos para outro dedo e respirou fundo. Talvez estivesse tendo alucinações, talvez estivesse apenas ouvindo a voz de sua consciência. Até aquele momento não tinha ainda chegado à conclusão se queria ou não estar ali.

"Madame Zilá: cartomante visionária", dizia a sugestiva plaquinha di madeira pendurada ao lado da porta. Todos na cidade conheciam sua fama na leitura de cartas; não havia marido ou mulher infiel que não voltasse para casa com os seus trabalhos, não havia moça que não arranjasse namorado depois de visitá-la. E pensar que ela nunca tinha tido a coragem de ir até lá para consultar as cartas e, no entanto, agora estava ali para...

- Não mate seu filho - insistiu a voz dentro de sua cabeça, como se real mente houvesse alguém ali a seu lado -, ele é um pedaço do seu corpo e um prolongamento do seu espírito, você não pode fazer isso!

Ela abaixou os olhos e começou a chorar, pensando mesmo em sair dali o quanto antes e voltar para casa, mas foi detida pelo barulho seco de tamancos altos que se aproximavam.

Era a mãe - uma mulher alta, perfumada e muito bem vestida, com OS olhos escondidos por grandes óculos escuros. Fora estacionar o carro cm uma sombra no final da rua; não queria que ninguém, passando ali por acaso, notasse o veículo da família estacionado diante daquela porta. As aparências sempre a preocupavam sobremaneira, ostentava um sobrenome tradicional na cidade, que não podia ser maculado, em hipótese alguma, por uma estripulia inconsequente da filha, menor e solteira.

-Ai... - suspirou ela, de maneira afetada, limpando o canto da testa com um lencinho bordado. - Não vejo a hora de acabar logo com tudo isso... Tu me aprontas cada uma...

Já passava do meio-dia, fazia um calor insuportável. Não muito longe dali, em meio à confusão generalizada que se formou, Aline, angustiada, tentava conseguir a atenção de um policial:

- Moço, por favor, onde fica essa rua? - disse estendendo o papel Com o endereço.

O policial consultou calmamente o papel e pensou por alguns instantes que para Aline pareceram uma eternidade -, antes de responder:

- Se não estou enganado, fica bem na subida do morro do Campeche, mais ou menos a uns três quarteirões daqui...

- Obrigada! - respondeu Aline, puxando rapidamente o papel de mas mãos e saindo em disparada.

Mãe e filha continuavam paradas em frente à casa de madame Zilá. O barulho dos pássaros brincando nas árvores da rua, naquele silêncio típico de hora do almoço, era quase uma afronta para aqueles dois seres inquietos, que não conseguiam manter calados os próprios pensamentos. A mocinha enxugou rapidamente as lágrimas com o dorso das mãos. Cada vez mais embrulhada com aquele cheiro de peixe, estava disposta a dizer que não queria mais fazer aquilo, mas sentiu-se desencorajada quando a mãe a empurrou para dentro, dizendo:

-Vamos, menina, entre! Ou queres que alguém nos veja aqui?

- Resista, não faça o que ela quer! Seu coração não quer isso! - insistiu a voz dentro dela.

- Mãe, eu... - tentou dizer.

A moça mascando chiclete, porém, a essa altura já estava na porta, com ar de extrema má vontade. "Diabo de gente rica que nem a hora do almoço da gente respeita!", pensava contrafeita, olhando as duas de cima a baixo com profundo desprezo.

- Entrem - ela disse, indicando o corredor que dava para o interior da casa, madame Zilá só está esperando vocês... Qual das duas é Mariana?

Num surto de coragem, Mariana chegou a virar-se de novo para a rua, pronta para sair correndo, mas a mãe foi mais rápida:

- Mariana é ela - respondeu, segurando a filha vigorosamente pelo braço.

III

Três meses se passaram até que um psiquiatra conseguisse diagnosticar o problema de Vítor:

-Você sofre de transtorno do pânico - disse o médico, depois de examinar atentamente a série de exames que a mãe do garoto lhe entregara.

- Mas nenhum destes exames apontou nada de errado com ele! -protestou Cenyra, apreensiva.

Vítor, que acompanhava tudo com olhos desconfiados, não disse nada.

-Justamente por isso -justificou o psiquiatra. - Por ser esta doença algo ainda em estudos pela comunidade científica mundial, o diagnóstico, em geral, é feito por eliminação. Os sintomas podem ser confundidos com os de asma, diabetes, alterações cardíacas, epilepsia, hipertireoidismo, dependência de drogas e alcoolismo. Só depois da verificação, através de exames, de que não se trata de nenhum destes males é que se começa a pensar para valer na hipótese da síndrome.

- Ai, meu Deus - suspirou Cenyra, quase num sussurro.

De tão exausta, ela não sabia se deveria ficar feliz com a descoberta ou se preocupava-se ainda mais. Desde a noite da primeira crise, ela vinha se desdobrando na busca de uma explicação para o problema do filho.

Na própria noite da primeira crise, quando Vítor conseguiu enfim parar de chorar, ela e o marido quiseram a todo custo levá-lo a um pronto-socorro, mas o garoto se opôs terminantemente. Estava muito amedrontado e passou a semana toda sem dormir e sem querer ir à escola, com medo de voltar a sentir aquilo que descreveu como a pior sensação que já experimentara em toda a sua vida.

Da primeira para a segunda crise houve um intervalo de quase um mês. Todavia, desde então, 'a coisa', como o garoto passara a definir, começou a repetir-se a cada semana, invariavelmente aos domingos. Nem o garoto, nem a família sabiam dizer se isto acontecia naturalmente ou em função de uma ideia fixa de Vítor, que passava a semana inteira ameaçado pela maior ou menor proximidade do domingo, como se coincidência implicasse necessariamente em uma regra.

O garoto vivia na permanente expectativa de voltar a sentir aquele pavor, de morrer desprotegido e sem assistência; o tempo todo com 'medo de sentir medo. Escravo do próprio medo, via o mundo como um condenado, prisioneiro da angústia e da tristeza que pareciam devorá-lo a cada dia.

Luís Paulo e a mulher já haviam procurado todo tipo de especialistas: cardiologista, neurologista, clínico, pneumologista, gastroenterologista (já que muitas vezes as crises vinham acompanhadas de forte enjoo), homeopata, endocrinologista. Todos pediam uma batelada de exames, mas o diagnóstico era sempre o mesmo: não havia nada de errado com Vítor que, em contrapartida, dia após dia tornava-se mais esquivo de tudo e de todos, mais receoso de sair de casa e de se relacionar com as pessoas.

Só queria ficar o tempo todo junto da mãe; não dava um passo sozinho. Cenyra não podia mais fazer nada, nem ir a lugar nenhum, a menos que o carregasse consigo o que nem sempre era fácil, posto que o garoto tinha pavor de qualquer outro lugar que não fosse o próprio quarto.

Até que, duas semanas atrás, ela conseguira o endereço do consultório daquele psiquiatra que agora parecia acenar-lhes finalmente com as primeiras explicações sobre o que de fato estava ocorrendo com Vítor.

- E o que é exatamente que o senhor chama de transtorno do pânico? - perguntou o rapaz, ainda incrédulo.

O médico pegou um papel e começou a fazer o desenho de estranhas estrelas com uma bola no meio, ligadas por pequenos tubos que eram, na verdade, o encontro entre dois braços posicionados lado a lado.

- Estes aqui são seus neurônios, suas células nervosas. Eles formam uma rede interligada que vai transmitindo a informação original até o ponto de ação. Assim, se eu penso que preciso andar, essa ordem se propaga em efeito dominó - ele pontilhou várias bolinhas atravessando a sequência de estrelas - , até chegar aos músculos das minhas pernas, e dá o aviso às células musculares para se moverem. Até aí você entendeu?

- Acho que sim... - respondeu Vítor, de olhar sempre muito desconfiado.

- Pois bem. Para enviar as mensagens existem neurotransmissores - ele apontou para as pequenas bolinhas com que havia pontilhado o desenho. - Esses neurotransmissores são proteínas excitatórias, dentre as quais podemos destacar como principais a serotonina, a noradrenalina, a adrenalina e a dopamina, ok?

- Ok - concordou Vítor, começando a se mostrar interessado.

- Sempre que o nosso cérebro percebe um perigo, ele envia uma mensagem que ativa uma espécie de alarme de proteção ou sistema de alerta, que prepara nosso corpo para brigar ou fugir, exigindo que todo o organismo mobilize energia para entrar em ação. Você já percebeu que seu corpo fica diferente nesses momentos?

- Na verdade eu nunca prestei atenção... - respondeu Vítor, pensativo.

- Mas é o que acontece. Por causa deste alarme, aumentam, por exemplo, as batidas do coração de maneira a acelerar a velocidade da circulação sanguínea, fazendo com que seja liberado mais oxigênio. Não sei se você sabe, mas é o oxigênio quem fornece energia para o corpo funcionar...

Vítor fez um movimento afirmativo com a cabeça, interessadíssimo na explicação.

- Além desta alteração no ritmo do coração - continuou o psiquiatra -, há também uma mudança na distribuição do sangue no organismo, que passa a ser dirigido às partes do corpo onde ele se faz mais necessário naquele momento, que são o próprio coração c os músculos das pernas e braços. Com isto, o sangue é retirado da superfície da pele, mãos e pés, o que, além de tornar mais efetivo o uso dos órgãos principais como o coração, faz com que o organismo fique menos vulnerável ao sangramento, no caso, por exemplo, do ataque de algum inimigo armado com alguma lâmina cortante. Todavia, por haver uma mudança nas batidas do coração e nos locais para onde o sangue é dirigido preferencialmente, sente-se frieza nas mãos e pés, dormência nesses órgãos e

0 corpo gelado. Você está acompanhando o raciocínio?

- Sim, sim - concordou Vítor.

- Outro exemplo interessante é o da transpiração. O alarme de proteção faz com que as glândulas sudoríparas aumentem o seu funcionamento, porque, quando o corpo fica molhado de suor, fica frio, tornando a pele mais escorregadia. Com isso, fica mais difícil a pessoa ser agarrada, se estiver fugindo...

- Isso é legal - considerou Vítor.

De fato, jamais havia refletido sobre as defesas automáticas de seu corpo. Todavia, não pôde deixar de observar a curiosa coincidência entre os processos descritos pelo médico e o que ele sentia em suas crises. "Qual seria, afinal, a ligação entre o pânico e o tal sistema de alarme de que o psiquiatra falava?", questionou-se em silêncio. Ainda pensava na melhor maneira de articular sua pergunta, quando o médico continuou:

-Até o momento, o que se descobriu sobre a Síndrome de Pânico é que as crises têm origem a partir da deflagração deste mecanismo de defesa sem que haja efetivamente um motivo para isto.

- Como assim? - tentou entender Cenyra, que também acompanhava atentamente a explicação.

-Acredita-se que os portadores da síndrome apresentem um desequilíbrio entre neurotransmissores, aquelas substâncias que enviam informações de um neurônio para outro, de que eu falei ainda há pouco.

- Mas por que isto acontece? - inquietou-se Vítor.

- Como disse, trata-se de um problema ainda em estudos. Na maioria dos casos, a síndrome é provocada por situações de estresse, depressão ansiedade intensas, mas também pode ter causas genéticas. Ou seja, se existir em uma família casos de síndrome do pânico ou outra doença nervosa, como depressão, há maior probabilidade de um dos descendentes desenvolver a doença.

Cenyra inventariou rapidamente todos os problemas que já haviam acometido a família, mas não havia nenhum dos casos descritos pelo médico. O único dado real que ela podia constatar era que Vítor era um menino que estudava demais o que, talvez, pudesse caracterizar uma situação de estresse. Fora isso, a única situação de pânico que ela, pessoalmente, vivenciara fora no dia em que houve um black out na cidade e ela ficou presa no elevador do prédio onde morava.

- O fato de alguém entrar em pânico uma vez não significa que tenha necessariamente o distúrbio - esclareceu o psiquiatra. - Qualquer pessoa está sujeita a ter uma crise ou outra de terror algum dia. O que caracteriza a doença, no entanto, é o fato de alguém enfrentar mais de três ataques por mês, como aparentemente é o caso de Vítor. Além disso, deve-se observar se a pessoa sente pelo menos quatro dos sintomas do pânico a cada crise.

- E quais são precisamente esses sintomas, doutor? - quis saber Cenyra.

- Falta de ar, tontura, tremores, palpitação, sudorese, náusea, formigamento, despersonalização, que é como chamamos a sensação de deixar o corpo, ondas de calor ou de frio, desrealização ou sensação de irrealidade, medo de enlouquecer ou de morrer e urgência de ir ao banheiro. Você costuma sentir algum destes sintomas durante suas crises? - o médico perguntou a Vítor.

O rapaz abaixou a cabeça, entristecido c, balançando-a em sinal afirmativo, respondeu:

- Quase todos.

Estava confuso. Se, por um lado, sentia-se aliviado por estar finalmente diante de alguém que parecia entender de fato o que se passava com ele durante aquelas horríveis crises, por outro incomodava-o o fato daquele médico explicar tudo de uma maneira tão fria e objetiva, como se estivesse diante de um caso de rotina.

- Existem chances de cura? - perguntou ressabiado.

- Mas é claro que tem. E só você se tratar - garantiu o médico sorridente.

Vítor não gostou da maneira como o psiquiatra se expressou. De tão bem humorado, chegava a parecer debochado. Aquele seu sorrisinho... Ele falava como se tudo não passasse de um simples resfriado! Afinal, um problema neurológico era uma coisa grave, ele mesmo falara em desequilíbrio de neurotransmissores!

- Então existe um tratamento? - reagiu Cenyra, esperançosa.

- Mas é claro que sim! O tratamento é feito à base de calmantes, que nós chamamos de ansiolíticos, e antidepressivos. O ideal, aliás, é que o paciente seja acompanhado também por um psicoterapeuta, para que volte a ter confiança em si mesmo e possa enfrentar suas fobias - disse ele, enquanto rabiscava algo num papel.

Vítor também não gostou de ouvir isso. Não era exatamente fã de remédios e muito menos de medicamentos que atuassem em seu cérebro.

Segundo o psiquiatra, os componentes do medicamento agiriam diretamente sobre o sistema neurotransmissor, bloqueando as crises de pânico, o que, no entanto, não significava que seus medos também cessariam com a mesma rapidez. O médico, porém, afirmava com toda a certeza que, no decorrer do tratamento, através de uma série de exercícios, Vítor aprenderia a exercer controle sobre eles até que voltasse a ter uma vida normal.

-Aqui está a receita - disse ele, mostrando o papel a Cenyra. - Este aqui é um comprimido para combater a ansiedade, já que o transtorno de pânico é fundamentalmente um transtorno de ansiedade. Este outro aqui é o antidepressivo, que vai atenuar bastante essa tristeza que você sente. Inicialmente, vamos começar com uma dosagem média, que poderá ser reduzida ou aumentada de acordo com a sua reação...

- Como assim reduzida ou aumentada de acordo com a minha reação? - Vítor não conseguiu se conter.

- Os antidepressivos costumam provocar alguns efeitos colaterais. O suor aumenta, sente-se muita sede, tem-se necessidade de comer doce. Pode haver também desarranjo intestinal, tontura, embaralha-mento de visão e, às vezes, aumento de peso - explicou o médico. - Todos estes sintomas, quando ocorrerem, deverão ser relatados pelo paciente para que se possa fazer o ajuste da medicação.

Vítor mal podia crer no que ouvia. Ajuste! Aquele camarada era o quê? Um médico? Um costureiro? Um mecânico? Definitivamente, seu cérebro não precisava de ajustes. E muito menos de remédios que ajustassem a sua capacidade de pensar. "E que indivíduo, em sã consciência, tomaria um medicamento, sabendo de antemão de todos aqueles efeitos colaterais?", pensava estarrecido e indignado. Afinal de contas o objetivo era ajudá-lo ou acabar com ele de vez?

- Mas não há como evitar todos estes efeitos, doutor? - perguntou Cenyra, percebendo a inquietação do filho.

- Em geral, todos estes sintomas desaparecem depois que o remédio é assimilado pelo organismo. Por isso, as doses são, a princípio pequenas, e vão aumentando gradativamente, até atingir o necessário a cada metabolismo. Em geral, só dá para descobrir a dosagem ideal para o paciente depois de alguns meses de experimentação, mas...

- Espera aí! Quanto tempo eu vou ficar tomando estes remédios? -interrompeu Vítor, cada vez mais incomodado.

- Isso vai depender da resposta do seu organismo. Tanto pode levar anos, quanto durar apenas alguns meses - esclareceu novamente o médico. - Mas acredito que o seu tratamento vai ser bem mais rápido do que imaginam. Afinal, contamos com a grande vantagem de a doença ter sido descoberta rapidamente. Você teve sorte, garoto!

"Sorte? O que será que ele chama de sorte?", pensou Vítor revoltado. Há três meses que a vida dele estava virada de pernas para o ar, que ele vivia na iminência de um pavor avassalador que ele nem sabia direito de onde vinha e aquele médico engraçadinho ainda dizia que ele tinha sorte?

- E o efeito é imediato, doutor? - perguntou Cenyra, depois de olhar a receita por alguns instantes.

- É e não é - respondeu o médico. - Em geral, aquele estado de angústia permanente que caracteriza o panicoso desaparece logo após a primeira dose. Mas o quadro geral da síndrome só sofre urna alteração considerável depois de duas semanas, quando os medicamentos começam a atuar, de fato, no organismo. Quase sempre, o paciente volta a ter uma vida normal após três meses. Mas cada caso é um caso. Como disse antes, o grande trunfo de vocês foi ter descoberto rapidamente o diagnóstico.

Vítor não conseguia acreditar em uma palavra do médico. Para começar, não entendia o que ele insistia em chamar de "rapidamente". Em sua cabeça de adolescente, três meses eram uma eternidade ele havia, inclusive, ficado em prova final na escola por ter faltado todo aquele tempo. De mais a mais, depois de tanto sofrimento, não entrava em sua cabeça a ideia de que as coisas pudessem se resolver assim, num passe de mágica, ainda que fosse esse o seu maior desejo.

E havia ainda a questão dos medicamentos. Não queria tornar-se dependente de um remédio para o resto de sua vida! E se ficasse bobo e alienado, sem qualquer capacidade de raciocínio? Afinal de contas, ele ainda queria tornar-se um cientista!

Embora o médico houvesse tentado convencê-lo de que as doses iriam futuramente diminuir, na medida em que o problema fosse sendo controlado, até a completa supressão do medicamento, ele sabia que, na prática, as coisas não funcionavam bem assim. Já lera muitas vezes que certos medicamentos viciam as pessoas; seu pai mesmo só conseguia dormir depois de tomar um comprimido de lexotan, e isso já fazia muitos anos.

Saiu do consultório direto para a farmácia, onde a mãe desembolsou considerável quantia na compra dos remédios receitados. Completamente alheio à euforia de Cenyra, Vítor, porém, tinha apenas uma certeza: ele não iria tomar aqueles remédios por muito tempo.

IV

Aline dançava diante do espelho do armário aberto, quando o telefone tocou. "Beijo é muito bom, é mais que mil, é mais que bom. Beijo quando é dado tem que ser apaixonado, pode ser até roubado, esteja onde estiver, ô,ô,ô", gritava o aparelho sobre a escrivaninha.

-Alô, quem? Fatinha?... O quê? A Mariana?... Não! Não, eu não quero falar com ela... Eu sei que é antevéspera de Natal... O quê? Ela perdeu o ano na escola, terminou tudo com o Mairon e está falando que quer se matar?.... Tá, tudo bem... Eu estou indo para lá... Tá, quarenta minutos. A gente se encontra na ponte de pedra... Não, não vou atrasar. Mesmo porque, às cinco horas, eu tenho que pegar o meu irmão na escola... Tá... Outro pra ti...

Ela depositou lentamente o fone no gancho e ainda permaneceu por alguns minutos pensativa, com a mão pousada no aparelho, sob a música altíssima que vinha do som portátil sobre a escrivaninha, na voz da dupla Sandy e Júnior, agora em ritmo romântico: "As vezes me pergunto se... eu viverei sem ter você... se saberei te esquecer..."

Desligou o som e começou a jogar apressadamente um monte de coisas dentro da bolsa: agenda, carteira, batom, escova de cabelos, remédio para eólicas, um pequeno caderno de telefone, duas canetas, uma amassada apostila de biologia. Tinha ficado em prova final nesta matéria e fazia questão de andar com a apostila para todo lado, na intenção de aproveitar qualquer pequeno intervalo para estudar, embora efetivamente não sobrasse muito tempo para isto em sua movimentada vida social.

- Acho que peguei tudo - disse alto, para si, pendurando a bolsa à tiracolo e dando uma última olhada no espelho. - Meu Deus, como a Mariana pôde mudar tanto em tão pouco tempo... Ela era tão estudiosa... Querer se matar por causa disso? Não é possível...

Três meses haviam se passado e Aline não conseguia esquecer sua Ilustrada tentativa de evitar que a amiga consumasse o aborto.

Naquele dia, quando Aline finalmente conseguiu encontrar o endereço, Mariana estava parada na porta, de olhos inchados e com a fisionomia muito pálida.

- Mariana... - disse Aline bufando, exausta depois de correr três quarteirões e ainda subir uma ladeira sob sol causticante.

- Graças a Deus que te encontrei a tempo... Vamos embora daqui, você não...

- Aline? - a mãe de Mariana, que vinha saindo de dentro da casa com o talão de cheques na mão, estancou assustada na porta. - Não vai me dizer que você também... Sua mãe sabe que você está aqui?

Só então Aline percebeu o olhar arrasado de Mariana e entendeu tudo. Era tarde demais.

-A senhora? - disse estupefata. - Como tiveram coragem? Eu... Eu nunca mais quero ver vocês, entenderam? Nunca mais! - ela saiu correndo pelo mesmo caminho por onde tinha vindo, sentindo as lágrimas escorrerem sobre seu rosto em chamas. Ficava sempre muito vermelha quando se aborrecia. Sobretudo depois de tanto exercício físico.

-Aline! Volte aqui, guria! - a mãe de Mariana ainda tentou gritar.

Mas ela já estava longe. Jamais perdoaria Mariana por ter sido tão fraca.

Desde então, embora estudassem na mesma classe, as duas não voltaram mais a se falar. Por diversas vezes, Mariana tentou se aproximar. Aline, contudo, sempre se esquivava. Sua decepção fora tão grande que ela não tinha vontade nem de ouvir mais a voz de Mariana. Seu coração, todavia, não perdera o afeto pela antiga amiga de infância. Tanto que agora, ao ser informada do estado de Mariana, acabara esmorecendo.

"A gente não pode abandonar os amigos nas horas difíceis...", pensava consigo, enquanto rabiscava, já na sala, um rápido bilhete para a mãe, que era assistente social e ficaria de plantão no hospital até o final da tarde naquele domingo:

"Mãe: Fui resolver um problema na casa da Mariana e..." Amassou o bilhete e pegou outro papel no pequeno bloquinho que ficava ao lado do telefone da sala. Não queria deixar a mãe preocupada. Era melhor que pensasse que tinha apenas saído com as amigas: "Fomos tomar um sorvete. Na volta, pego Rafael na gincana da escola. Beijos. "

De onde morava até a ponte de pedra, onde havia marcado com Fatinha, era um estirão, uma caminhada de mais de um quilômetro. Parou no ponto de ônibus, mas, depois de dez minutos de espera, decidiu ir a pé. Aos domingos, os coletivos eram quase uma miragem na cidade e, quando passavam, estavam sempre lotados de pessoas molhadas e grudentas vindas da praia, naquele calorão de dezembro. Havia também os amarelinhos, ônibus executivos assim conhecidos por causa da cor, mas, além de demorados e invariavelmente repletos de turistas argentinos naquela época do ano, eram bem mais caros do que os ônibus comuns. "E, melhor mesmo ir a pé", assegurou-se a si própria, depois de acenar, sem sucesso, pela terceira vez, pedindo carona.

"Como é que pode uma menina que sempre foi a primeira da classe perder o ano assim desse jeito... ela não foi nem para a prova final!", ia pensando, enquanto caminhava costeando a lagoa por uma calçadinha estreita. "Mas daí a querer se matar!" A bem da verdade, Aline havia reparado que, desde a tarde do aborto, Mariana havia perdido completamente o interesse pelos estudos. Ficara esquisita, fechadona. Se antes irritava os colegas co m a quantidade de perguntas que fazia aos professores durante as aulas, nos últimos tempos mal se ouvia sua voz dentro da sala de aula. Não fosse, aliás, a briga com Mariana, ela também não teria ficado em prova final de biologia. Ávida inteira Mariana havia lhe ensinado as matérias que não sabia na véspera das provas. "Tudo por culpa desse Mairon...", deduziu com ódio no olhar.

Ainda não conseguira se conformar com o fato de Mariana não ter confiado nela quando descobrira que estava grávida. E, o que era pior, depois do ocorrido, ela viera a saber que nem para Fatinha, também amiga das duas há anos, Mariana contara seu segredo. Achara de confiar justamente na fofoqueira da Eunice, que Aline sempre odiou! "Por que Mariana me traiu deste jeito?", ela até hoje continuava a perguntar-se.

Sua decepção aumentava ainda mais quando ela pensava na mãe de Mariana. "E como é que uma mãe pode levar a filha numa curandeira qualquer com o intuito de matar o próprio neto?", questionava-se revoltada. E pensar que a vida inteira ela havia admirado aquela mãe, a quem crescera chamando de tia. Sentia o coração se apertar de remorsos ao lembrar de quantas e quantas vezes havia julgado que ela fosse melhor do que sua própria mãe, por estar sempre tão bem vestida e arrumada, por fazer todas as vontades de Mariana... "Afinal, de quem teria sido a ideia do aborto? De Mariana ou de sua mãe?". Ela ainda não conseguira chegar a uma conclusão.

O fato, porém, é que Aline havia aprendido a valorizar muito mais a própria mãe, Florence, depois do acontecido. Só então percebera o quanto Florence era amiga e companheira, o quanto se esforçava para sustentar sozinha a ela e ao irmão, o quanto era bonita, mesmo não tendo tempo nem dinheiro para viver se arrumando em salões ou comprando roupas em boutiques, como a mãe de Mariana.

De tanto pensar, Aline nem sentia o caminhar de seus pés. Era como se flutuasse, envolta em suas preocupações. Logo, chegava a uma ruazinha estreita e curva que ligava a Rua Vereador Orni Ortiga, por onde viera, com a avenida das Rendeiras, que era uma espécie de continuação da ponte de pedra. Funcionava ali um portinho, com ponto de lancha coletiva e vários barcos de aluguel. Uma movimentação incomum, porém, chamou-lhe a atenção para a esquina da avenida, cujo início era famoso pelas quatorze casinhas espalhadas pelo passeio, onde senhoras mantinham viva uma das maiores tradições da ilha de Florianópolis, que era a confecção artesanal de rendas de bilro.

Pessoas pareciam movimentar-se de maneira estranha, entrando e saindo da primeira das casinhas. Sem falar na quantidade de veículos estacionados no passeio. "O que estaria acontecendo?", Aline não pôde deixar de perguntar-se. Ela conhecia bem o casal de velhinhos portugueses que moravam ali. Chamavam-se dona Preciosa e seu Gentil, e vinham a ser justamente os donos da casa alugada onde ela vivia com a família. Receosa, esticou um pouco mais o pescoço para tentar ver o que estava ocorrendo.

- O velho desocupou o beco! - surgiu gritando um guri pequeno e sem sapatos, com jeito de filho de pescador.

- O que estás dizendo? - Aline levou um susto.

- E isso mesmo: seu Gentil, o marido de dona Preciosa deu a casca, bateu a caçoleta!

- Meu Deus... Coitada da dona Preciosa...

- Morreu dormindo, depois de almoçar um baita prato de moqueca de siri mole com pirão de peixe! - explicou o garoto, que parecia extasiado com a história - Já pensaste? Pior que dona Preciosa ainda chamou a atenção dele, com medo que tivesse uma congestão depois de comer tanto, mas aí ele disse: "Deixa velha! Se eu morrer, pelo menos morro de barriga cheia!" E não é que morreu mesmo?

Aline abriu a boca, consternada, depois tapou-a com a ponta dos dedos e ficou alguns instantes congelada naquela pose, pensando se deveria ou não entrar para o velório. Não parava de chegar gente na casa, não sabia direito nem como proceder nestas ocasiões. Talvez fosse melhor voltar mais tarde, com a mãe.

A bem da verdade, não tinha lá muita ligação com seu Gentil, um homem muito taciturno, que era uma espécie de conselheiro dos pescadores da região. Para aqueles homens, era Deus no céu e seu Gentil na Terra. Rafael, o irmão de Aline, e Florence, sua mãe, também tinham verdadeira adoração por ele. Mas ela gostava mesmo era de dona Preciosa, espécie de avozinha querida de todas as crianças, daquelas que sempre têm uma deliciosa bolacha caseira para oferecer.

- Coitada da dona Preciosa... - voltou a repetir, ainda sem saber que rumo tomar.

Ao ver estacionado defronte à casa o carro da funerária, porém, lembrou-se de Mariana e sentiu um arrepio.

- É melhor eu ir... - pensou alto. - Depois... depois eu volto... - disse ainda, numa satisfação ao garoto, que a essas alturas já estava dando a notícia a outros passantes, com mais alguns detalhes.

Ao chegar à outra extremidade da ponte de pedra, porém, qual não foi sua surpresa ao ver a própria Mariana aos beijos com Mairon, do outro lado da rua, bem na porta dos correios, onde havia marcado com Farinha. Esta mantinha-se um pouco afastada, olhando para a Lagoa distraída.

Aline sentiu imensa tristeza e ao mesmo tempo muita raiva, não conseguia fazer com que seu cérebro parasse de fazer perguntas. Como Mariana tivera coragem de voltar com aquele canalha? Será que não enxergava que era ele o responsável por tudo de errado que estava acontecendo em sua vida? E pensar que a desmiolada havia até pensado em se matar por causa dele!

Toda aquela história começava a tomar ares de pesadelo. Amava Mariana como uma irmã, mas não conseguia se conformar com a falta de juízo da amiga. E, no final das contas, fora ela quem posara de má. Como podia ser uma coisa dessas? Tudo o que ela queria era ajudar, Deus era testemunha de suas intenções.

Jogou para trás os longos cabelos castanhos e lisos, de reflexos dourados pelo constante contato com o sol, e seguiu em direção à escola, do lado oposto ao da casa de Mariana. Era como se dentro dela estivesse uma grande bagunça; sua mente mais parecia um fichário após um tombo, com as folhas todas embaralhadas e fora do lugar.

Era uma moça muito bonita, aparentava dois ou três anos a mais do que dizia sua carteira de identidade. De porte alto e esguio, sua forte personalidade parecia impressa em cada um de seus traços, sobretudo em seus grandes e expressivos olhos verdes e em suas grossas sobrancelhas, que por pouco não se encontravam no alto da testa. Diziam que se parecia muito com a mãe.

Já eram quase cinco horas quando atravessou o portão da escola e foi sentar-se junto a outras colegas de turma. Elas também esperavam seus irmãos voltarem da gincana , tradicionalmente promovida pela escola na época do Natal, entre os alunos de quinta a oitava série.

Cumprimentaram-se todas com três beijinhos, depois voltaram a se acomodar, aboletadas nas costas dos bancos, com os pés sobre os assentos. Nenhuma delas vestia uniforme. Até porque era domingo. Olhando-as de longe, no entanto, tinha-se a impressão de que até haviam combinado a roupa, tão semelhantes eram os modelos. Todas usavam calças jeans rasgadas do jeito da moda, com a bainha na altura das canelas. Algumas eram incrementadas com alfinetes, outras com bordados, sempre acompanhadas de miniblusas coloridas de uma só alça e de sandálias pretas altíssimas, de salto Anabela. Fosse esse o uniforme da escola, talvez não o vestissem todas de tão bom grado e com tamanho preciosismo.

Como Aline, a maioria ali tinha por volta dos quinze anos de idade e acabara, ou estava prestes a acabar, o primeiro ano do segundo grau. Eunice estava entre elas e, embora a tivesse cumprimentado normalmente, só de olhar para ela, Aline sentia aumentar sua raiva. Estava com ódio de Eunice, de Mariana, de Farinha e até de si mesma por sentir todas estas coisas. Queria ser uma pessoa mais equilibrada, entender melhor os outros sem julgá-los tanto. Mas não conseguia. Era uma pessoa radical. Com os outros e consigo própria. Em esforço sobre-humano, porém, não disse nada. Ficou ali remoendo seus pensamentos, enquanto as moças falavam sem parar. E como falavam!

- Sabem o Fernando, do segundo B? Pois então, estávamos na Joaquina,(3) hoje cedo, quando ele chegou. Precisavam ver que físico, que porte! Ainda mais carregando aquela prancha! Daí ele chegou perto da Mônica, não foi Mônica?, E disse: "Não eras tu que estavas ontem no Quiosque do Alemão? E ela disse...

3- Praia da Joaquina, onde costumam ser realizadas competições nacionais e internacionais de surfe.

Em melodioso ritmo cantado, levemente chiado, e com uma velocidade lusitana de flexão, elas pareciam capazes de pronunciar cem palavras por minuto, sem perder a suavidade. Era esse, aliás, um dos traços mais característicos daquela cidade catarinense, onde a colonização açoriana do passado, com seus sotaques, festas e tradições, convivia pacificamente com a ilha movimentada, com vocação para capital do turismo do Mercosul.

Do encontro na praia da Joaquina, passaram a comentar a queima de fogos que estava programada para o réveillon na praia Brava, o novo bar que acabara de inaugurar no Campeche. Sabiam de toda a programação da cidade em minuciosos detalhes. Nada, porém, parecia interessar a Aline, que se mantinha emburrada e pensativa no caminho do banco.

- Repararam que coisa mais perfeita é o desenvolvimento do embrião dentro da mãe? Foi a parte que mais gostei de estudar na apostila. Com doze semanas o rostinho já tem fisionomia definida, não é incrível? - comentou uma delas, referindo-se à matéria da prova de biologia, que seria realizada logo depois das comemorações do Ano Novo.

Só neste momento Aline teve stia atenção despertada para a conversa:

- Eu nunca faria um aborto, não sabem? - disparou o pensamento ainda fixo em Mariana - Nunca faria, em hipótese alguma!

- Eu também não, guria! Ainda mais depois de passar noites e noites desenhando todos aqueles gráficos de embriologia, tás tola? - atalhou Janaína, a única do grupo que era natural de Chapecó, no oeste de Santa Catarina.

As garotas riram, a exceção de Adriana, que pareceu um pouco incomodada com o comentário:

- Olha Aline, vou te dizer uma coisa pra ti: não é por nada não, mas acho que estás a bancar a doutora-da-mula-ruça, pensando que sabes de tudo! Tem certas coisas que a gente nunca pode dizer. Sabes, por acaso, o que é que te espera no dia de amanhã? - ponderou.

- Lá isso é verdade - concordou Eunice, pensativa. - Tenho uma amiga, da nossa idade, não sabem, que descobriu que está doente de família. E ainda por cima de um *rapagi* que não tem nada a ver com ela. Os dois ficaram juntos de bobeira, por acaso, numa festa, e aí aconteceu. Pior é que o pai dela é gente de prestígio na cidade, não ia aceitar nunca. A coitada está disvareteiada, (4) não tem outra maneira de sair dessa situação... Vai ter que fazer o desmancho, de qualquer jeito...

Aline sentiu algo queimar dentro de si. Como aquela Eunice poderia ser tão sonsa, como podia incentivar as colegas a fazerem aborto? Vai ver fora ela quem convencera Mariana! E quem seria esta outra, de quem ela falava com tanta intimidade? Inconscientemente, talvez até por mero ciúme, Aline tentava desviar para Eunice toda a raiva que estava sentindo, toda a responsabilidade sobre o que ocorrera com Mariana.

- Como não tem outra maneira de sair desta situação? Enlouqueceste, tu também? Por que é que ela não cria o filho que ela mesma ajudou a gerar? - questionou inflamada.

- Ora, com quinze anos, Aline? Como é que ela vai dizer para a mãe dela, para o pai dela que tem um filho na barriga? E na escola, como vai continuar seus estudos com um baita de um barrigão, com todo inundo falando, todo mundo comentando?

- Pois eu não acho que aborto seja solução, viste? A tua amiga é uma grande covarde. Devia era ter pensado em tudo isto antes de fazer a bobagem, minha mãe sempre diz isto! - defendeu Aline, estalando nervosamente as juntas dos dedos das mãos.

- E a minha mãe, em compensação, sempre diz: nunca digas desta água não beberei! - reiterou Eunice. - Adriana tá certa! Como podes saber o qtie é que vai te acontecer de sóli parido a sóli murrido? (5)

4- Todas as expressões contidas nos diálogos foram extraídas do falar popular da ilha, como "vou dizer uma coisa pra ti". "Doente de família" é grávida. "Desvareteiada" é a pessoa que pirou, saiu do sério de tanta preocupação. "Doutora-da-mula-ruça" é a que é metida a saber de tudo, e "rapagi" é rapaz.

5- Do nascente ao pôr-do-sol, quer dizer durante todo o dia.

- Eu posso até não saber. Mas que nunca vou me perder com rapagi que nem conheço direito, isto eu garanto pra ti! Vou casar virgem, de branco, não sabes? - ela estalou todos os dedos da mão direita antes de continuar. - E se, por acaso, algum dia tiver qualquer problema deste tipo, vou escolher bem as pessoas a quem vou pedir ajuda! Não vou sair por aí contando meu problema para qualquer uma, não, viste? - insinuou, jogando os longos cabelos para trás, numa tentativa de disfarçar as lágrimas que já começavam a brilhar em seus olhos.

- E o que é que tu queres dizer com isto? - Eunice se levantou, pronta para a briga.

Antes que Aline conseguisse responder, porém, o hino da cidade começou a tocar, a todo volume, nos alto-falantes da escola, anunciando a chegada do pessoal da gincana.

A brincadeira era sempre realizada em um sítio em Ribeirão da Ilha, bairro a trinta quilômetros do centro, que, ao longo de mais de duzentos anos, mantinha-se como núcleo vivo da cultura açoriana, com suas ruas de pedra, ladeadas por casinhas antigas, de grandes portas e janelas com arcos, lembrando um pouco a arquitetura colonial de Ouro Preto. Era quase uma outra cidade dentro de Florianópolis.

"Um pedacinho de terra,/perdido no mar!... Num pedacinho de terra,/belezas sem par.../Jamais a natureza/ reuniu tanta beleza/Jamais algum poeta/ teve tanto pra cantar!", diziam os versos do chamado Rancho de Amor à Ilha, (6) alegremente acompanhado pelos garotos bronzeados e suarentos que iam descendo dos ônibus estacionados no pátio da escola. Apenas Aline e seu irmão Rafael, que tinha onze anos e estudava na quinta série, destoavam do clima. Ele acabara de sair do ônibus e, tal qual a irmã, mantinha o semblante e os lábios cerrados, enquanto aguardava que um colega jogasse pela janela o cantil que havia esquecido lá dentro.

De longe, Aline percebeu que algo de errado tinha acontecido e saiu correndo ao encontro de Rafael, sob o olhar desconfiado de Eunice. As outras meninas mal notaram quando ela se levantou. Pareciam mergulhadas no clima histórico e nostálgico que invadira a escola, cantando empolgadas como se vivessem de novo as últimas gincanas escolares de que haviam participado.

6 -De autoria de Cláudio Alvim Barbosa e declarado hino oficial do município em 08/07/1968.

- Te arranca, Aline, que eu não quero ficar nem mais um minuto nesta droga! Dois toques! (7) - disse ele, aborrecido, já caminhando em direção à saída em passos muito rápidos.

- Mas não vais nem esperar pela premiação? - estranhou ela.

- Minha equipe perdeu e o pessoal todo ainda tá tirando farinha comigo. Se eu ficar aqui mais um minuto, ainda assento as costuras d'um! (8) - ele atravessou os portões, ganhando a rua em passos cada vez mais rápidos.

- Mas o que é que aconteceu de tão grave, Rafa? - quis saber Aline, tentando acompanhá-lo.

"Tua lagoa formosa / ternura cie rosa/ poema ao luar,/ Cristal onde a lua vaidosa/ sestrosa, dengosa/ vem se espelhar..." , dizia a letra do final do hino, já longe, logo seguida por uma chuva de aplausos dos alunos em festa.

Sabes aquela brincadeira do boitatá? - perguntou Rafael, um pouco mais calmo, enquanto seguiam pela rua movimentada, cheia de pessoas em trajes de banho entrando e saindo dos bares.

Ele referia-se a uma das tarefas da gincana. Florianópolis é uma ilha mística por excelência, povoada de lendas que falam de bruxas que atacam pescadores, roubam barcos e bailam dentro de tarrafas de pescaria. Sem falar nos boitatás, nos lobisomens e fantasmas que arrastam suas sinas nas horas mortas da noite, pelas matas e na imensidão dos mares.

Por causa destas lendárias tradições, a gincana da escola era sempre dividida em duas partes: uma caritativa, que começava no início do mês de dezembro, quando as equipes arrecadavam alimentos, produtos de higiene e outros itens básicos para serem distribuídos mais tarde em asilos e orfanatos; e outra folclórica, onde de certa forma reviviam e cultuavam os principais mitos da chamada Ilha da Magia, em tarefas como dar nó na cauda e na crina de um cavalo bravo - travessura típica das bruxas, segundo as lendas correntes.

7 Rapidamente, num instante.

8 Tirar farinha - brincar, pegar no pé.

De todas essas tarefas, porém, a preferida das crianças era a do boitatá. Cada grupo tinha de recitar, sem nenhum erro e o mais rápido possível, a frase usada para afugentar o boitatá - "zenobra trás a corda do sino mode amarrar o boitatá que ele anda por aqui" - dando início a uma corrida entre as equipes que deviam, cada qual, subir até o alto da torre da Igreja de Nossa Senhora da Lapa, bem próxima ao sítio da escola onde acontecia a brincadeira, encontrar um pedaço de corda de sino e descer para amarrar o 'boitatá' (que era sempre um professor fantasiado). A garotada adorava.

- Sei, sei qual é - lembrou Aline.

- Pois então. Na hora em que eu estava lá na torre da igreja, apareceu o seu Gentil... - contou o garoto encabulado.

- O seu Gentil? - Aline sentiu um calafrio que deixou seu corpo todo arrepiado. Chegou a parar na rua de tão assustada.

- E... - Rafael também parou a seu lado - Ele tava lá na torre do sino procurando o pedaço de corda, não sei direito como ele entrou. Veio andando em minha direção e falou: "O, guri, preciso que leves um recado pra tua mãe".

- Um recado para a mãe? - surpreendeu-se Aline.

- Eu também fiquei abestalhado, não entendi por que ele não foi falar direto com ela e...

- Mas e aí, qual foi o recado? - interrompeu Aline, ansiosa, cada vez achando mais estranha aquela história.

- Bom, seu Gentil pediu para eu dizer para ela que não fique zangada com ele e nem com a dona Preciosa... Que às vezes uma coisa que parece um mal pode nos ajudar a voltar para o caminho que tinha sido desviado... "Acontecimentos que nos parecem desastrosos", ele disse, "representam escoras ao nosso equilíbrio e ao nosso êxito"... Eu não entendi nada.

- Que coisa mais esquisita... - disse Aline, já estalando novamente as juntas dos dedos - E nem perguntaste o que ele queria dizer com...

- Nem tive como! Depois de dizer tudo isso nessa linguagem de esfinge, ele simplesmente sumiu. Evaporou que nem uma visão, tu acreditas?

- Caramba... - Aline sentiu seus braços ficarem ainda mais arrepiados e uma tontura gelada percorrendo lhe a testa.

Ela sabia que, por a gincana mexer com o lado folclórico das crenças da região, muitas vezes era comum meninos verem bruxas, lobisomens e boitatás 'de verdade' durante a brincadeira. Mas Rafael tinha de ver justamente o seu Gentil? E ainda por cima trazendo um recado tão sem pé nem cabeça?

- Por causa disso, minha equipe perdeu a competição e, quando fui tentar explicar o que tinha acontecido, ficou todo mundo rindo da minha cara, dizendo que eu tava de alavela, (9) só pra assustar o pessoal...

-A que horas exatamente aconteceu isso? - quis saber Aline.

-Anda agorinha, antes da gente voltar. Era a última prova da gincana e... - só então ele reparou que a irmã estava pálida - Mas por que é estás me perguntando isto? Estás passando bem?

- O seu Gentil morreu hoje, logo depois do almoço!

9- Invencionice perversa.

V

- Ahhh... Algo me diz que este vai ser o Natal mais especial de nossas vidas - suspirou Florence, satisfeita, lambendo os dedos sujos da massa de panetone que escorria substanciosa das espátulas da batedeira - Encontrar meu pai, depois de todos estes anos, é tudo o que eu mais quero na vida!

A cozinha mais parecia um campo de batalha. Ao lado da batedeira com as pernas para cima, um filete de água pingava sobre uma pilha de pratos acumulados desde a hora do almoço. Havia panelas por toda par-[c. cheias e vazias, no fogão e fora dele. Panelas e copos, posto que o pessoal da casa tinha o péssimo hábito de ir usando todos os copos disponíveis, até que não restasse mais nenhum no armário. A mesa, por sua vez, estava coberta de travessas vazias, dos mais variados formatos, tamanhos e materiais, ainda em fase de seleção. Para Florence, tão importante quanto o sabor e o aroma de uma comida era sua forma de apresentação.

Tanta bagunça, porém, restringia-se à cozinha. No resto da casa, impecavelmente arrumada, recendia apenas a fumaça de perfumadas iguarias, cujos odores se misturavam em rara e harmoniosa combinação, dando água na boca em qualquer anônimo passante que cruzasse por acaso aquele pedaço de rua.

Já era noite e Florence queria aproveitar o final do domingo para adiantar os preparativos para a festa. No dia seguinte seria véspera de Natal e ela estava ansiosa porque, dentro de poucas horas, receberia em Florianópolis sua tia Noêmia e suas primas Paloma, Chuva e Lucila, que moravam no Rio e deveriam chegar à ilha na hora do almoço.

Mas não era só isso que a inquietava. Algo em seu íntimo dizia, gritava, que era preciso estar precavida para qualquer eventualidade. Afinal. a qualquer momento o telefone poderia tocar e... Será mesmo que a equipe do programa de televisão conseguiria localizar seu pai?... Só de pensar na possibilidade de revê-lo, já sentia aumentarem suas saudades. Ela havia passado tantos anos sem notícias, tanto tempo sem poder alcançá-lo... Será que aquela reportagem iria dar certo? Lágrimas escorreram lhe dos olhos emotivos, molhando-Ihe o sorriso que antecipada-mente despontava em seus lábios naquela expectativa.

- Bem - recapitulou alto, enquanto despejava na forma a massa do panetone que acabara de bater -, já limpei todo o camarão para o estrogonofe, o bacalhau com alcaparras vou tirar do forno agora, antes de colocar o panetone... O *strudel* de maçã já está na geladeira, o pavê de abacaxi está esfriando... Ficou faltando só o arroz... E o peru recheado com farofa, é claro... Nossa Senhora do Desterro! Será que estou exagerando na quantidade de comida?

Florence gostava de receber as pessoas com uma mesa farta, cheia de pratos variados. Para ela, preparar um alimento era uma forma de demonstrar carinho; cozinhar, um ato sagrado. Dona de inconfundível tempero, aprendera com a mãe, cozinheira profissional de um restaurante famoso e muito antigo em Florianópolis, os primeiros segredos de forno e fogão. Com o tempo, acabara criando seus próprios pratos.

Adorava combinar especialidades das mais variadas tradições sulinas, vivia anotando receitas na casa das vizinhas. Curioso é que cia preparava tudo com tal e tamanho empenho, que era como se sua emoção escorresse pelos dedos, misturando-se aos ingredientes. Não raro, as pessoas que provavam sua comida acabavam experimentando também um pouco dos sentimentos que lhe iam pela alma no momento do preparo, mas ela sempre achava que isto era coisa de sua imaginação.

Até que um dia, viu no cinema um filme onde tais coincidências aconteciam de maneira extremada e ficou muito impressionada. O filme, que ficaria para sempre gravado em sua memória como a mais bonita história que já acompanhara em sua vida, chamava-se "Como Água Para Chocolate", e era uma adaptação de um romance de Laura Esquivei. Contava o drama de uma jovem mexicana que perdia seu grande amor para a irmã mais velha, por causa de uma tradição familiar que determinava que a filha mais nova deveria permanecer solteira para cuidar dos pais quando estivessem idosos. A tal jovem, porém, era uma exímia cozinheira e passava suas emoções de uma tal forma para os pratos que preparava que, no dia do casamento, os convidados choraram depois de saborearem o magnífico banquete preparado por ela. O choro foi o primeiro sintoma de uma intoxicação de melancolia que atingiu a todos.

Desde então, impressionada com aquele filme que falava tão forte aos seus sentimentos, Florence passou a evitar cozinhar sempre que uma mínima pontinha de tristeza pairasse sobre seus pensamentos. Efetivamente, nem tinha muito tempo para isto. Durante a semana, o trabalho como assistente social no hospital que ficava no bairro universitário, do outro lado da cidade, tomava a maior parte de suas horas.

- O, Mãe!... Acho bom que te apresses, porque o programa já começou! - gritou Rafael, da sala.

-Vem, mãe! Assim mofas com a pomba na balaia! (10) Eles estão anunciando o teu caso! - completou Aline.

- Vocês colocaram a fita para gravar? - perguntou Florence, entrando na sala apressada, enxugando as mãos no avental. Lavara quase toda a louça:

-Já tá gravando! - respondeu o garoto, sem tirar os olhos do vídeo.

Aline e Rafael haviam combinado não comentar nada ainda com a mãe sobre a morte de seu Gentil, nem sobre o misterioso recado que ele transmitira a Rafael durante a gincana. Sabiam que ela estava cheia de expectativas e não queriam, de maneira alguma, estragar aquele momento tão especial para ela. Depois do programa, encontrariam uma forma de contar-lhe.

Sem conseguir parar de apertar os lábios com os dentes, Florence sentou-se ao lado de Rafael, na pontinha do sofá, como se estivesse prestes a mergulhar dentro da tela da TV. Mas não deixou de reparar em Aline, que parecia triste e distante:

- Aconteceu alguma coisa, filha?

- Não... Estava pensando na prova de biologia. Ainda tenho muito que estudar... - disfarçou a menina.

- Se precisares, te ajudo, tá? - ela deu um beijo carinhoso na cabeça da filha, que estava sentada sobre um almofadão bem a sua frente.

10- Expressão idiomática usada para dizer que a pessoa está demorando demais.

Mesmo em seus trajes caseiros, Florence era uma mulher bastante interessante e viva, quase italiana em seu jeito de ser. Tinha cabelos castanhos com reflexos dourados, como a filha, porém um pouco mais curtos, mais ou menos na altura dos ombros. Usava-os sempre presos à nuca por um palito de madeira que atravessava o coque, de maneira que sempre ficavam alguns cachos pendurados em sensual desalinho. Seus olhos eram grandes e brilhantes, cor de mel, emoldurados por expressivos cílios. Apesar de já ter dado à luz dois filhos, conservava ainda um corpo sinuoso e atraente, nem gordo e nem magro, na medida certa de seus trinta e quatro anos.

- Carioca de nascença, mas criada na cidade de Florianópolis, capital de Santa Catarina, ela esperou trinta e um anos por este momento -anunciava a voz do repórter na TV. - Viu o pai pela última vez quando tinha três anos e nunca mais soube de nada a seu respeito. Agora, dois anos após a morte da mãe, ela decidiu que quer reencontrá-lo e apresentar-lhe seus netos - a tela foi tomada por imagens do álbum de família, onde podia-se ver uma antiga foto em preto e branco de um homem com um bebezinho no colo, ao lado de uma foto de Florence sendo beijada pelos filhos.

- Eu nunca deixei de amá-lo - dizia ela, de olhos molhados, com o álbum aberto sobre o colo, finalizando a chamada para a reportagem.

- E você vai conhecer também a incrível história do homem que vive no interior da Amazônia e confecciona carrancas de personalidades famosas - acrescentou a outra repórter, dando prosseguimento ao cardápio eletrônico do programa que começava a entrar no ar.

Os três se mantiveram por algum tempo em silêncio, na expectativa, assistindo a todas as chamadas como se estivessem unidas à tão esperada reportagem de forma indissociável, tal qual as páginas de uma revista que contém uma matéria que nos interessa e que, por isso, fazemos questão de guardá-la por inteiro. Propositadamente deixado sobre a mesinha que ficava em frente à TV, cercado por velas decorativas e pinhas douradas, o álbum de família era quase um personagem daquela história, à espera do momento certo de entrar em cena.

- Mas tinhas de mandar aquela foto, não é, mãe? - Aline finalmente quebrou o silêncio, durante os comerciais.

- O que é que tem demais, filha? Era a única foto que eu tinha do meu pai... A única foto que eu encontrei escondida nos guardados de minha mãe depois que ela se foi...

- Pena que esteja tão velhinha, não é, mãe? Mal dá para ver direito o rosto do vovô, viste? - observou Rafael, abrindo o álbum sobre a mesinha e olhando carinhosamente para a foto.

Sem querer, ele se lembrou de seu Gentil e ficou um pouco triste. "As vezes uma coisa que parece um mal pode nos ajudar a voltar para o caminho que tinha sido desviado", ele dissera. "Acontecimentos que nos parecem desastrosos representam escoras ao nosso equilíbrio e ao nosso êxito", a frase voltava o tempo todo em sua mente. O que será que seu Gentil teria querido dizer com aquilo?

- E, e com certeza ele mudou muito nestes anos todos - imaginou Florence, envolta em suas próprias emoções, sem perceber a melancolia do filho.

- Gente, eu não estou falando da foto do vovô, não sabem? - interferiu Aline - Estou falando da nossa! Precisavas mandar também aquela foto, mãe? Poxa, todos as minhas amigas veem esse programa! - ela se lembrou sem querer de Mariana e também abaixou os olhos com tristeza.

- E o vovô também pode estar vendo, não sabes? - defendeu Rafael.

- Foi ideia deles filmar o álbum e eu achei que não tinha nada demais, Aline... Estás tão bonita naquela foto... -justificou Florence.

- Ahn? - Aline levantou os olhos e esticou-os até a página do álbum aberto sobre a mesa.

Realmente não tinha saído mal na foto. O que a incomodava era o fato de estar beijando a mãe como uma menininha. Afinal de contas, ela já tinha quinze anos!

- Sei... Depois eu é que vou ter de ficar ouvindo todo mundo pegar no meu pé lá na escola, não sabem? Que mico, meu Deus, que mico! -desabafou sua preocupação adolescente.

- Tudo pra ti agora é mico, já reparaste Aline? Eu acho que devias era ir morar de vez no Zoológico, que é cheio de micos! - implicou Rafael.

-Hi, tás tolo, tás? (11) Não funga, bocaiúva! (12)-rebateu Aline, com raiva.

Abriga dos garotos foi ficando cada vez mais inflamada. Provavelmente estavam descarregando um no outro as angústias que os sufocavam, mas não tinham consciência disso. A mãe não esboçava qualquer reação. De olhos grudados na tela, embora sem enxergar nada do que estava passando, Florence parecia desligada do inundo. Revivia mentalmente cada detalhe da última vez em que vira o pai, como se aquele simples anúncio da reportagem houvesse ativado um dispositivo interno que a empurrasse de volta ao passado:

- Não adianta, Aretusa, não dá certo - dizia ele à mãe, enquanto arrumava suas roupas dentro de uma mala aberta sobre a cama.

- Pense bem no que está fazendo, José. Se você colocar os pés fora desta casa, não haverá volta. Você nunca mais vai me ver, e nem à sua filha - ameaçou Aretusa, forte, segurando a dor na garganta.

- Ora, não seja idiota! Qualquer tribunal do inundo me dará o direito de visitar a minha filha ao menos uma vez por semana! - respondeu ele, quase indiferente, sem parar de tirar roupas do armário.

- Pois isto é o que nós veremos - garantiu a mulher, saindo do quarto com passos firmes.

Era um domingo de 1970. Agachada ao lado do armário, soluçando quase em silêncio, a pequena Florence assistia a tudo assustada, sem saber o que dizer. "Papai do Céu, por favor, faça o papai e a mamãe pararem de brigar!" - era tudo em que conseguia pensar.

- Manhêêêê! - gritou Rafael, abanando as duas mãos diante de seus olhos.

Só então Florence voltou ao presente:

- O quê?

-Tem alguma coisa queimando na cozinha! - ele falou alto, como se ela fosse surda.

11- Expressão idiomática típica dos moradores de Florianópolis (Estás tolo, estás?)

12 - Não incomode, não perturbe.

- O panetone!

Florence saiu correndo em direção ao forno, quase queimou as mãos no tabuleiro quente, de tão avoada que estava. Olhou para aquele panetone moreno e não conseguiu dizer se havia queimado ou não. Era como se uma parte dela, justo aquela que comandava as atitudes mais básicas, estivesse fora do ar. Depositou a forma quente em um canto da mesa, em ato instintivo, depois sentou-se em uma cadeira, apertando os dedos queimados dentro do avental, com os olhos ainda fixos no passado.

A porta bateu e Aretusa ficou parada na sala, segurando Florence pela mão. A menina abriu o berreiro, mas a mãe não disse sequer uma palavra. Uma única lágrima escorreu de seu olho direito. Uma lágrima grossa e solteira, que se depositou gorda sobre o vestidinho de Florence. Foi a única vez que ela viu sua mãe chorar em toda sua vida. Um choro profundo de uma lágrima só.

Poucas horas depois, as duas entravam em um ônibus para Florianópolis, levando apenas algumas poucas roupas dentro da surrada valise de couro, e Pupu, uma bonequinha de cabelos ruivos que Florence guardava até hoje. Só muito tempo depois, ela ficaria sabendo que Aretusa não conhecia ninguém em Santa Catarina, nem nunca havia feito planos de um dia ir morar na ilha. Escolhera seu destino por causa de uma foto bonita que havia no guichê de venda de passagens da empresa e achara estar fazendo a escolha certa depois de ser informada que o ônibus partiria em poucos minutos.

Desde aquela triste tarde, Florence nunca mais conseguiu gostar de domingos. Era como se, em seu silêncio típico, eles desnudassem a saudade insuportável que ela conseguia a tanto custo esconder em meio aos barulhos da semana. Saudades de seus gritos de alegria no parque, quando o pai a empurrava no balanço, saudades do tempo em que podia ser apenas uma criança, com a mente povoada de bruxas e fadas, príncipes e princesas.

De certa forma, era como se o pai tivesse levado junto com ele a sua infância. Fora preciso crescer de repente para conseguir suportar a dureza e a secura da mãe. De bom coração, porém extremamente exigente, dona Aretusa educou a filha com mãos de ferro, sufocando ao máximo todas as emoções da pequena a fim de que nunca viesse a passar pelo que ela passou.

Contrariando as expectativas da genitora, porém, a menina era a sensibilidade em pessoa, uma verdadeira 'manteiga derretida', que não se cansava de perguntar pelo pai. Em todas as vezes, contudo, a resposta era sempre a mesma, dita de forma fria e lacônica:

- Seu pai e sua mãe agora sou eu. E trate de não me aborrecer com essa sua choradeira que eu tenho muito o que fazer.

E sempre tinha mesmo. Dona Aretusa cuidava da casa, da menina, fazia comida, lavava e passava roupa, e ainda trabalhava de noite como cozinheira de um restaurante chique na Avenida das Rendeiras. Fazia o impossível para que não faltasse nada de material à filha.

Com o tempo, Florence desistiu de perguntar pelo pai. Entendeu que sua mãe sofria tanto quanto ela, embora sempre tentasse disfarçar, e só se tornara assim tão durona para não sucumbir diante da própria dor. A verdade é que dona Aretusa, cuja voz tornara-se irremediavelmente rouca desde a tarde da separação, não tinha a menor ideia do paradeiro do ex-marido.

Talvez, ao mudar-se para Florianópolis, imaginasse que ele fosse azucrinar seus parentes até conseguir descobrir seu paradeiro. Mas isso não aconteceu. José nunca sequer telefonou para tia Noêmia, a irmã de Aretusa, na tentativa de saber qualquer notícia sobre a mulher e a filha. Era fato que ele conhecia Noêmia apenas de nome (já que a família jamais houvera aceitado que os dois não tivessem se casado no papel). Nada impedia, contudo, que, naquelas circunstâncias, tivesse procurado seu telefone no catálogo e tentado ao menos algum contato.

A despeito de seu jeito fechado, Aretusa jamais deixou de apoiar a filha em todas as circunstâncias, de amá-la como seu maior tesouro. Trabalhou dobrado para que Florence pudesse cursar a faculdade de Serviço Social que tanto queria, apoiou-a até mesmo quando ficou sabendo que ela havia engravidado, ainda solteira, de um colega da universidade.

- Você não precisa se casar com ele só por causa da criança - disse à filha, depois de passar dois dias em absoluto silêncio. - Eu te criei sozinha e sei como te ajudar. Só não quero que faça a mesma burrada que eu fiz.

Mas Florence quis tentar, viver sua própria história de amor, que infelizmente também não deu certo. Voltou para casa trazendo Aline, então com cinco aninhos, e Rafael, ainda de colo. E mais uma vez sua mãe a apoiou, sem fazer qualquer censura ou comentário. Até porque era uma mulher de poucas palavras. E foi em nome de todo este apoio e dedicação que Florence se resignou a jamais tentar buscar notícias do pai enquanto ela fosse viva, como uma atitude de respeito.

Com a morte de Aretusa, porém, não havia mais por que manter aquela postura. Ainda assim, fora preciso esperar dois anos até que ela conseguisse vencer seu luto e decidisse buscar ajuda naquele programa de TV.

Perdeste toda a reportagem - Florence foi despertada pela voz de Rafael, que tocou docemente em seu ombro.

Ai. Filho... - embora houvesse permanecido todo aquele tempo refletindo. ela havia revivido tão intensamente suas lembranças que agora sentia-se como se estivesse acordando de um longo sono - Não sei o que me deu... Fiquei tão emocionada quando me vi ali na tela, contando meu segredo para todo inundo... Acho que saí do ar...

- Eu percebi - respondeu ele, terno, como se pudesse ler as entrelinhas do olhar da mãe. - Mas não te preocupes, eu gravei tudo. Quando tiveres vontade de ver, é só voltar a fita.

- Obrigada, meu filho... - ela beijou com carinho a mão do garoto que se mantinha pousada sobre seu ombro.

Era um menino lindo. O nariz era fino e arrebitado, todo salpicado de pequenas sardas; a boca, pequenina e rosada, emoldurando um sorriso de dentes perfeitos. Os cabelos eram castanho-alourados, levemente ondulados, e tinha olhos pretos e perspicazes que, desde o berço, se mantinham atentos a tudo o que se passava a sua volta. "De quem seriam aqueles olhos?", ela sempre se perguntava. Todos na família, inclusive seu ex-marido, tinham olhos claros; os dela, de um mel quase caramelo, eram os mais escuros.

Aqueles olhos pretos como jabuticabas eram o grande charme de Rafael, em sua visão de mãe apaixonada. Não era só exteriormente que ele era bonito. Era um garoto compreensivo, sempre preocupado em entender e ajudar a todos. Tinha lá setis arrufos com Aline, é verdade, mas era coisa de irmãos, que muito implicam um com o outro, porém no fundo se adoram. Florence e os filhos eram muito unidos.

-Taí! Gostei! Arrombassi! (13) - gritou Aline, toda espevitada, entrando na cozinha arrastando os tamancos, de forma despojada. Por alguns instantes, tinha conseguido até esquecer o drama da amiga Mariana. -Tirando aquela foto ridícula, que tinha que aparecer de novo para estragar tudo, a reportagem ficou o máximo! Sinceramente? Eu, se fosse o meu avô, ligava correndo pra cá! Já pensaste? Depois de mais de trinta anos, o cara descobre que a filha nunca esqueceu dele e ainda tem dois netos para ele conhecer... É muito bonita a tua história, mãe...

- Será que ele ainda se lembra de mim?... Será que gostou de nos ver na reportagem? - perguntava-se Florence, preocupada.

Rafael abriu a boca e tomou fôlego, como se preparando para contar à mãe o estranho ocorrido daquela tarde. Aline, porém, percebeu no ar sua intenção e o impediu:

- Se gostou? Periga ele ter um enfarte, de tanta emoção! Qualquer um ia ficar louco de vontade de abraçar a filha e os netos, depois de todos esses anos... - Aline olhou séria para o irmão, como que alertando-o de que ainda não era hora, depois beliscou o panetone que estava sobre a mesa - Hummm... Mas ficou uma delícia este panetone!

- Ai, que bom! - suspirou Florence, aliviada - Tens certeza de que não queimou nem um pouquinho?

Aline tirou outro pedacinho, que mastigou por alguns instantes antes de responder:

- Está crocante por fora e macio por dentro, perfeito! O mais perfeito que já fizeste! - tentou definir, de olhos fechados, o panetone da mãe, enquanto capturava com a pontinha da língua um pequeno farelo que restara nos lábios.

- Deixa eu experimentar - pediu Rafael, já encostando a faca no bolo ainda na forma.

- Mas esse panetone era para amanhã! - protestou Florence, enquanto recolhia rapidamente as travessas ainda espalhadas sobre a mesa, sem conseguir deixar de sorrir. Sua maior alegria era ver os filhos se deliciando com quitutes que preparava.

- Ah, mãe... - sugeriu Aline, sentando-se à mesa e também servindo-se agora de uma grossa fatia. - Por que tu não ofereces o panetone, ou melhor, o que sobrar dele, no café da manhã? Vai ficar chiquérrimo...

13- Expressão idiomática que quer dizer "foi demais, muito bom".

- Gostei da idéia! - aprovou Rafael. - Poderíamos até instituir, todos os anos, o café da manhã especial da véspera de Natal! Seria uma espécie de marca da nossa família!

- Marca, não, tradição, tanso! (14) - corrigiu Aline, de imediato. Como sempre, em seus rompantes acabava falando a primeira coisa que lhe vinha na mente.

- Tansa és tu! - respondeu Rafael de boca cheia.

-Ai, ai, ai! Estava tudo tão bem, vocês não vão começar... - pediu Florence. - Se soubessem como estou angustiada... Nossa, faz mais de dez dias que eu não durmo, só pensando no dia em que...

- Será que o meu avô também gosta de panetone? - interrompeu Aline, mudando de assunto. Parecia contagiada pela nostalgia da mãe.

- Sabes que eu não sei? - tornou Florence, reflexiva. - Na verdade eu não conheço nada sobre o meu pai...

- Podias era ter chamado a gente para aparecer na reportagem! -protestou Rafael.

-Vocês estavam na escola quando o repórter veio aqui... Era dia de prova, não lembram?

-Eu ia falar pra ele-continuou Rafael: -"Vô, quando o senhor quiser jogar uma partida de videogame, eu tenho muito jogo legal!" - ele sem querei lembrou-se de novo de seu Gentil e sentiu um aperto no coração A esta hora o corpo ainda devia estar sendo velado.

-Isso é o que eu chamo de mico! - Aline não se conteve. - Onde já se viu convidar o avô para jogar videogame} A essas alturas o vô José deve ter quase setenta anos!

Falou a Chita! - debochou Rafael - E o que é que tem? - questionou, mexendo os ombros sucessivamente em um trejeito de "nem te ligo". - Eu ia achar muito legal se ele quisesse jogar comigo! Não tem limite de idade escrito no jogo, não sabes?

- Chita é o raio que te parta! Ainda bem - ela fez questão de grifar as palavras - que a mamãe nos poupou desse mico!

14 Parvo, tolo, palerma.

Florence sorriu ao constatar o quanto seus filhos também idealizavam a figura daquele avô e pensou o quanto eles também sentiam a falta de um pai. Ornar, seu ex-marido, era muito ocupado e raramente tinha tempo para vê-los. Trabalhava em uma escuna, fazendo passeios com turistas na baía dos Golfinhos e só aparecia uma vez a cada dois meses, quando aparecia.

Os três ainda conversavam quando deixaram a cozinha. Florence deteve-se ao lado da árvore de Natal logo ao entrar na sala. Ela caminhou dois passos para trás, fechou um dos olhos e apertou bem o outro para examinar melhor o conjunto de longe.

- Estou achando que concentrei muitas bolas azuis deste lado. O que é que tu achas, Aline? - perguntou, já tirando uma bola da árvore.

- Hummm... - ela virou a cabeça, também tentando uma noção melhor do conjunto. - Estou achando é que há um excesso de prateadas daquele lado!

- Deste lado? - estranhou a mãe, franzindo a boca. - Não... Tens certeza? E se eu pendurasse uma azul do lado de cá... — ela retirou uma das bolas prateadas - e... Nossa! Esqueci de buscar os enfeites de pano que encomendei para dona Preciosa. Vou agora mesmo ligar para ela!

Rafael e Aline trocaram um olhar assustado. Precisavam contar à mãe sobre a morte de seu Gentil antes que ela descobrisse por si própria. Aliás, era quase um milagre que nenhum conhecido tivesse já telefonado para dar a notícia.

- Não liga agora não, mãe, já é tarde... - despistou Aline, barrando-lhe a passagem.

- E... concordou Rafael, olhando para a irmã com olhos de quem não concordava, mas também não via outra alternativa - vamos arrumar essas bolas; amanhã buscas o restante dos enfeites...

- Vocês estão tão esquisitos - percebeu Florence, trocando as bolas de lugar -, aconteceu alguma coisa? Que aconteceu, aconteceu, disto eu tenho certeza - ela retirou outra bola e os encarou.

- Bem, mãe... - ensaiou Aline, estalando os dedos, sem saber por onde começar. - O que Rafael está tentando dizer é que... A dona Preciosa, quer dizer... O seu Gentil...

- O que aconteceu com eles? - alarmou-se Florence, sentindo um aperto no peito.

- O seu Gentil morreu, mãe! - Rafael disse de uma vez.

A bola de Natal escapuliu das mãos de Florence e espatifou-se no chão. Seus olhos encheram-se de lágrimas, ela não sabia o que dizer. Neste minuto o telefone tocou. Rafael lançou-se sobre o aparelho:

- Quem? E, é sim, é daqui mesmo... E o filho dela que está falando. O quê? Um minutinho que eu já vou chamar - ele tampou a boca do fone: - Mãe! Depressa! E uma pessoa do programa "Isto é Incrível"! Parece que localizaram o meu avô!!!

VI

Luís Paulo bateu a porta do carro e soltou uma profunda baforada de fumaça. Do lado de fora do veículo, caía um temporal. Ainda assim, abriu a janela e continuou a fumar seu cigarro, sentindo os pingos gelados batendo em seu rosto como finas agulhadas. Não tinha coragem de dar partida no veículo. Estava encharcado da cabeça aos pés, empapuçado de nicotina até a raiz dos cabelos, de tanto que já fumara naquele dia. Mas não sabia raciocinar sem um cigarro na boca.

Cocou nervosamente o cavanhaque com a mão que não estava segurando o cigarro, em um cacoete que lhe era típico. Aos quarenta e dois anos de idade, charmoso e precocemente grisalho, era um homem bem sucedido na profissão. Já saíra da faculdade com emprego fixo em um grande jornal; pouco tempo depois era promovido a editor da seção policial. O convite para passar para a televisão viera de um colega de faculdade, Maurício Mofieda, atualmente um dos diretores de jornalismo da TV Paladium, a emissora onde trabalhava. "Você é o Sherlock Holmes do jornalismo brasileiro", costumava dizer Mofieda, referindo-se a seu talento para desvendar os mais misteriosos casos, muitas vezes antecipando-se até à conclusão da polícia.

Naquela noite, porém, Luís Paulo sentia-se como o último dos repórteres, faltavam-lhe palavras para definir o sentimento de frustração que lhe corroía por dentro.

Há dez anos ocupando o cargo de editor-chefe do programa "Isto é Incrível", nunca se empenhara tanto na apuração de uma matéria quanto naquele caso da moça de Florianópolis. Deslocara quatro repórteres para trabalhar na pesquisa, fora pessoalmente a todos os cartórios da cidade em busca de alguma pista, pedira a colaboração da Cruz Vermelha e até da Igreja dos Mórmons (15) para localizar aquele pai desaparecido. Não contente, mandara verificar em todos os distritos policiais se havia nos arquivos alguma queixa registrada na época em que a moça dissera ter saído do Rio com a mãe. Vasculhara até mesmo o prédio em Copacabana onde Florence dissera ter morado. Os poucos moradores que ainda se lembravam da família, contudo, afirmavam jamais terem voltado a cruzar com o homem.

O fato é que era quase impossível encontrar uma pessoa com o nome de José da Silva Filho, que tinha como pais um cidadão chamado José da Silva e uma mulher com a raríssima alcunha de Maria José da Silva. Espalhados pelo Brasil existiam milhares, talvez milhões com estes nomes. Como descobrir o certo?

- É furada - alertou o sempre previdente Mofieda -, não podemos colocar no ar uma história dessas sem oferecer, na semana seguinte, uma resolução para o telespectador. Acho melhor descartar esta matéria.

Mas Luís Paulo gostava de desafios. Tinha, acima de tudo, um faro incrível para reportagens polêmicas, destas que mexem com a emoção das pessoas. Tanto insistiu que acabou convencendo o diretor. Aquela história tinha esse 'quê '. Ele estava certo de que, mesmo que a equipe não conseguisse localizar o tal José da Silva Filho pelas vias convencionais, o próprio público iria localizá-lo. De uma forma ou de outra, o sujeito acabaria aparecendo depois que fosse ao ar a reportagem.

15 - Seita religiosa norte-americana fundada em 1827, que instalou-se oficialmente no Brasil em 1935, onde é também conhecida como Igreja Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias. Especialistas em genealogia, os mórmons são famosos por possuírem os mais completos arquivos de pessoas do mundo.

O editor sentiu uma satisfação imensa ao explicar tudo isso, por telefone, àquela moça tão sofrida de Florianópolis. As vezes, por contar com toda a megaestrutura que a TV Paladium lhe oferecia, ele se sentia uma espécie de Deus poderoso, infalível e temperamental, nos moldes daqueles da Grécia Antiga que tanto adorava estudar.

- Pode ficar tranquila. Nosso programa vai fazer você reencontrar seu pai - garantiu à Florence na última vez em que conversaram.

Ele soltou mais uma profunda baforada de fumaça e lembrou-se novamente dos últimos acontecimentos. A única coisa que ele não esperava era que, naquela mesma noite, o tal José da Silva Filho, em pessoa, telefonasse para a emissora com uma disposição tão pouco amistosa:

- Por obséquio, eu gostaria de falar com o responsável por essa reportagem que acaba de ir ao ar - disse uma voz de homem, em tom nervoso, quase ríspido.

Luís Paulo não tinha hábito de atender telefones na redação. Não era uma de suas atribuições como editor do programa. Todavia, como fosse domingo, havia na sala apenas os jornalistas de plantão. Por uma incrível coincidência, todos nesse momento haviam saído para fazer um lanche na cantina, ali perto.

- O senhor poderia me adiantar do que se trata? - respondeu, seguindo a convenção combinada entre os repórteres.

- Eu disse que gostaria de falar com o responsável pela reportagem que acaba de ir ao ar, terei sido claro o suficiente? - insistiu, arrogante, a pessoa do outro lado da linha.

De imediato, Luís Paulo captou que estava prestes a receber alguma pista a respeito do homem a quem procurava e correu os olhos em direção ao aparelho que registrava o número de onde procedia a chamada. Todos os telefones da redação eram equipados com este dispositivo.

- É ele mesmo quem está falando. Sou Luís Paulo Moutinho Soares, o editor-chefe do programa. E o senhor? - quis saber, enquanto anotava rapidamente o número no bloco que tinha à sua frente.

O interlocutor ficou alguns minutos em silêncio, como se titubeasse antes de responder:

-Aqui quem está falando é José da Silva Filho...

- Que ótima notícia! - ele fechou a mão direita em silencioso sinal de vitória. - Então o senhor é o pai da moça que acabamos de...

- Eu não acharia tão ótimo, se fosse o senhor - interrompeu ele, pouco simpático.

- Mas... - Luís Paulo não entendeu de imediato.

- O que eu tenho a dizer é que não gostaria que esta investigação fosse adiante. Muito tempo se passou, não estou disposto a reencontrar essa moça - declarou sem meandros.

- O senhor está certo disto? Mas espere um pouco, como vou saber se estou mesmo falando com a pessoa que estou procurando? O senhor não gostaria de marcar um encontro para...

- Tenho absoluta certeza do que estou dizendo. Agora, quanto ao senhor, volto a dizer que seria melhor interromper a investigação - reafirmou, enfático.

- Que mal lhe pergunte, que razões o senhor teria para não querer ver sua própria filha, depois de tantos anos? – o jornalista insistiu, tentando ganhai tempo.

Tenho outra família. Minha esposa nem imagina que um dia vivi com outra mulher. Não quero dar este desgosto a ela, nem a meus filhos respondeu - o pai de Florence. - De mais a mais, não gosto de aparecer em reportagens de televisão.

- Mas o senhor nunca sentiu falta de sua filha, nunca quis vê-la ou saber como ela está?

- Se eu tinha alguma curiosidade, ela já foi satisfeita com o que vi hoje em seu programa. Não gostaria que o senhor voltasse a insistir neste ponto.

Luís Paulo ficou atônito. Jamais imaginara que pudesse existir no mundo alguém dotado de tamanha frieza. Sentia-se ainda mais chocado ao pensar no amor, na expectativa daquela filha. Além de tudo, não poderia resolver o caso assim, com um telefonema que só ele ouvira. Precisava encontrar um meio de gravar imagens daquele homem ou pelo menos um trecho daquela conversa para levar ao ar na semana seguinte.

- Escute - tentou convencê-lo mais urna vez, enquanto revirava a gaveta em busca de um pequeno gravador específico para este tipo de procedimento -, eu entendo o seu ponto de vista, quero que tenha a certeza de que não vou obrigá-lo a fazer nada que não queira... - ele fez uma careta de descontentamento ao perceber que a aparelhagem não estava na gaveta. - Droga... - disse baixinho.

- Como disse? - estranhou o homem do outro lado da linha.

- Que tal se nós marcássemos um encontro, apenas o senhor e eu, onde pudéssemos conversar sem que sua família desconfiasse de...

- Não há o que conversar - o pai de Florence parecia estar perdendo a paciência. - Já disse o que tinha a dizer. Tenha urna boa noite - ele desligou o telefone.

Luís Paulo não teve coragem de ligar para Moheda em seguida. Estava tão desnorteado que precisava pensar antes de agir. A única coisa de que tinha certeza era de que Florence tinha de ser avisada do ocorrido. Era sua obrigação moral como repórter.

O chefe de reportagem chamou então Louise, a secretária em quem depositava total confiança, e instruiu-a cuidadosamente sobre o que dizer à jovem de Florianópolis.

- Meu Deus, coitada! - exclamou Louise ao tomar ciência do desfecho da história que acompanhara tão sensibilizada. - Você não acha melhor esperar passarem as festas para dar a ela esta notícia? Quem sabe o espírito do Natal não faz este homem repensar sua atitude?

- Não adianta, Louise. Acho que, nem mesmo se Jesus Cristo viesse à Terra de novo, este homem mudaria de opinião. E um sujeito completamente insensível - definiu, lembrando-se das últimas palavras do tal José. - O melhor é pouparmos esta moça de um desgosto maior - ele colocou o cigarro apagado na boca, já se preparando para deixar a sala de redação rumo ao estacionamento.

- Você vai sair debaixo deste pé d'água? - estranhou a secretária. -E... estou precisando esfriar um pouco as ideias - ele pegou a pasta e seguiu pelo corredor em direção aos elevadores.

Agora, ainda sentado no carro dentro do estacionamento com o toco de cigarro aceso na boca, Luís Paulo pensava se agira precipitadamente mandando avisar à moça. Não era possível, não podia ser verdade tudo o que ouvira... Como um pai poderia nunca mais querer ver a própria filha?

O telefone celular tocou estridentemente dentro de sua pasta, uma única vez, indicando que a bateria estava no fim. Luís Paulo jogou fora o cigarro e pôs-se a remexer apressadamente a pasta abarrotada de papéis em busca do aparelho.

- E se for o Moneda, o que é que eu digo?

Ficou apertando na mão o minúsculo e moderno dispositivo até que ele parasse de tocar. Tentou em seguida verificar o número mostrado à tela, indicando a proveniência da chamada, mas a bateria estava muito fraca, impossibilitando a visualização. Luís Paulo ainda tentou encontrar sua bateria reserva na pasta.

- Ela tinha de estar neste compartimento... - estranhou ao perceber o pequeno bolso vazio - Ah, não... - só então lembrou-se que havia trocado de pasta naquela manhã. - Ficou na outra...

Ele ficou algum tempo alisando o cavanhaque, olhando para longe, embora não fosse possível enxergar nada através do vidro do carro por causa da chuva muito forte.

-A esta hora a pobre moça já deve estar sabendo de tudo- considerou, depois de verificar o relógio, batendo o maço de cigarros contra o dedo indicador direito para tirar mais um. - O pior é que a solução do caso não vai poder ir ao ar do jeito que nós planejávamos... O Mofieda vai me matar... - ele acendeu o cigano antes de dar partida no carro. -E, eu acho que com esta eu estou desempregado - e arrancou cantando pneu sob uma chuva cada vez mais forte.

Só então lembrou-se de que era domingo e havia prometido à esposa chegar mais cedo para realizarem juntos o tal estudo do Evangelho no lar. Cenyra, sua mulher, agora estava tentando buscar respostas no espiritismo de Allan Kardec para o problema de Vítor, seu filho mais novo.

Cético como convém aos jornalistas, Luís Paulo não acreditava em nenhuma religião e muito menos em espiritismo. Mas comovia-o tanto o empenho de Cenyra em ajudar o garoto que acabara por concordar em participar do tal estudo do Evangelho no lar, que ele nem sabia direito o que era. Em seu íntimo, temia que Vítor acabasse por revelar uma esquizofrenia incurável. Recentemente, Cenyra descobrira que ele era portador da tal síndrome do pânico. Ou transtorno do pânico, como os inéditos preferiam dizer. Efetivamente, transtorno era o que aquela doença estava causando na vida de toda a família desde que o garoto tivera sua primeira crise.

Sozinho com seus pensamentos, enquanto dirigia pelas ruas molhadas do aterro do Flamengo, rumo ao bairro de Laranjeiras, onde morava, Luís Paulo questionava até que ponto o filho era sincero em seus relatos. Não estaria apenas vivendo uma crise adolescente, tentando chamar a atenção dos pais com uma doença fabricada por sua própria mente? Até que ponto tudo isto não era simplesmente uma estratégia para fugir de algum problema na escola que Vítor não queria admitir para os pais?

Naquele domingo, aliás, completavam-se exatos quinze dias da última crise de Vítor, mas todos estavam confiantes de que a situação estava finalmente sob controle.

Não fosse por isso, Luís Paulo teria a família perfeita. Cenyra era uma mulher adorável, doce, meiga, organizada, eficiente e equilibrada. Em todos aqueles anos de casados, nunca a vira alterar a voz, nem mesmo quando ele a atordoava com suas absurdas crises de ciúmes. Luís Paulo era uma pessoa extremamente ansiosa e possessiva. Amava tanto sua mulher que, só de pensar que um feirante pudesse mexer com ela durante as compras, tinha vontade de prendê-la em casa. Para sorte de Cenyra, ele trabalhava tanto que mal tinha tempo de dar vazão a suas crises, embora andasse bastante incomodado nos últimos meses com aquela história dela não poder desgrudar-se do filho mais novo.

Vinícius, o filho mais velho, por sua vez, era seu orgulho. Aos dezoito anos, havia acabado de entrar para a faculdade de jornalismo. Tinha um temperamento um pouco forte e agressivo, é verdade, mas Luís Paulo não via isto como um problema. No fundo, ele, que crescera apanhando de todos os colegas na escola, achava o máximo que Vinícius tivesse a coragem de bater em quem quer que fosse. Luís Paulo olhava para ele e sentia que conseguira criar um filho seguro, sem medos, mais preparado para a vida. Tão bom se Vítor também fosse assim...

Vítor também era um filho exemplar, não fossem os problemas que recentemente vinham acontecendo. Luís Paulo enchia-se de brios sempre que via o filho falando sobre as últimas descobertas no campo da genética; poucas vezes conhecera um adolescente tão certo do que queria fazer no seu futuro. Mas não podia negar que sentia muito mais afinidade com o mais velho, sem perceber que, efetivamente, Vítor era muito mais parecido com ele em temperamento. Incomodava-o sobretudo a implicância do mais novo com seu cigarro. Mais ainda porque o garoto nunca falava nada. Apenas tossia e se retirava de sua presença, numa espécie de postura silenciosa de protesto que o deixava profundamente irritado. Era incrível como Vítor, mesmo doente, estava sempre tentando controlar as coisas e as pessoas, ainda que de maneira sutil.

No fundo, o jornalista ressentia-se da completa falta de diálogo com o menino. Não entendia por que ele se dava tão bem com a mãe e mal trocava duas palavras com ele. O que Luís Paulo não podia admitir para si mesmo, porém, é que sentia muito ciúme da relação de Cenyra com o filho mais novo.

Luís Paulo atirou pela janela a ponta do cigarro que acabara de fumar e só então percebeu que a chuva havia parado. Estava a poucos metros de casa. O sinal fechou e, vendo-se diante da padaria, resolveu fazer uma surpresa para a esposa, que adorava as bombas de chocolate dali. Estacionou o carro e entrou calmamente na fila da caixa, sem imaginar que fora Cenyra quem ligara há pouco para seu telefone celular. Algo de realmente grave acontecia.

VII

Há cinco dias, por sua conta e risco, Vítor havia parado de tomar os medicamentos. Depois de muito pensar sobre o assunto, deduziu que os remédios acabariam por afetar o funcionamento de sua mente, provocando-lhe uma espécie de lavagem cerebral, e tomou sua decisão, sem dizer nada a ninguém.

Como fosse domingo, já sabendo de antemão da ansiedade descomunal que tomava conta do filho naqueles dias, Cenyra tivera a idéia de chamar alguns vizinhos amigos de Vítor para conversarem um pouco em sua casa naquele fim de tarde. Há tanto tempo Vítor não os via... Quem sabe assim ele não se animava e parava um pouco de pensar em seus medos?

Não contou nada ao filho. Enquanto ele tomava banho, preparou cuidadosamente a mesa para o estudo evangélico que pretendia fazer naquela noite com o marido, depois ligou para os rapazes e pediu que viessem o quanto antes. Eles também não sabiam de nada a respeito do que vinha se passando com o amigo nos últimos três meses; haviam sido informados apenas de que Vítor atravessava uma profunda depressão e logo se prontificaram a ajudar.

Ao sair do banho, Vítor já os encontrou esperando por ele no quarto. Parou na porta, surpreso, e ficou um tempo a observá-los, sem coragem de se anunciar.

"E se ele tivesse uma crise na frente de todo mundo?" - era tudo em que conseguia pensar. Mas não podia simplesmente mandar os amigos embora sem nenhuma explicação. Até porque fazia meses que não os via; lambem estava saudoso das antigas conversas. Mas será que conseguiria conversar normalmente como antes? Como sua mãe os deixara entrar assim, sem sequer consultá-lo? Não. Ele tinha de enfrentar. O médico dissera que era bom conviver com as pessoas, estabelecer metas para voltar à sua vida normal. E sua meta da semana era justamente criar coragem e procurar um amigo. Lembrando disto, Vítor esforçou-se o máximo para sair de seu mundo interior e ouvir o que os colegas diziam:

- Querem saber? Eu acho muito atrasada essa história das garotas ficarem se guardando para o casamento - dizia Fabrício, de costas para a porta, os olhos fixos no pequeno mural de fotografias que ficava na parede ao lado da cama. Era um gordinho de quatorze anos, que nunca tinha tido uma namorada sequer, mas era todo metido a sabichão.

-Tudo por causa dessa tal cantora Sandy, que não tem o que fazer e fica enchendo a cabeça das garotas com essas ideias ultrapassadas - opinou Jorjão, um compridão sardento de dezesseis anos, que ainda cursava a sétima série, depois de tomar bomba quatro vezes seguidas

- Hi! Não lembrava dessa foto... - disse apontando para um recorte do grupo na porta do prédio, tirada quando todos estavam na faixa dos seis, sete anos de idade.

- Mas que a Sandy é uma gatinha, isso ninguém pode negar - observou Ivan, um mulato de quinze anos muito bonito, enquanto brincava com uma pequena bolinha que encontrara na escrivaninha de Vítor. Aparentemente mais equilibrado que os amigos, ele ja trabalhava como modelo publicitário e tornara-se por isto uma espécie de ídolo do grupo -Por mim, ela pode dizer a besteira que quiser que eu vou continuar apaixonado por ela... - ele lançou a bolinha no ar e a apanhou em seguida.

- Po... po... pois eu não acho que seja besteira o que ela diz - começou a defender Vítor. Por excesso de timidez, ele sempre gaguejava antes de iniciar uma frase, sobretudo depois que passara a ter as crises.

Os três voltaram-se para a porta de imediato, e só então perceberam o amigo, de cabelos molhados e ainda descalço. Ivan deixou cair a bolinha, que ficou batendo no chão repetidas vezes. Ninguém sabia o que dizer. Vítor estava magro e abatido, parecia ter esticado nos últimos meses. Por alguns instantes ficaram todos se olhando, até que Ivan tomou a iniciativa:

- E aí, cara? Você sumiu! - ele aproximou-se para abraçar o amigo, mas Vítor instintivamente deu um passo para trás.

-Vo.. vo.. vo... cês viram a minha mãe? - perguntou, um tanto aflito, virando-se para o corredor como que buscando-a no resto da casa.

- Ela foi até a padaria, buscar uns pãezinhos, disse que não demorava - explicou Jorjão.

- E, falou até que voltava antes de você sair do banho... - complementou Fabrício, notando algo de errado no ar. Vítor estava muito estranho.

- Talvez ela esteja demorando porque domingo, neste horário, a padaria sempre fica muito cheia... Mas o que era mesmo que você ia dizendo sobre a Sandy? - Ivan tentou retomar a conversa, querendo aparentar naturalidade.

Vítor tentou se concentrar ao máximo para responder. Era domingo, ele até então não tinha se dado conta. Esta simples constatação o fazia tremer nas bases. Sentiu um calafrio. Era inevitável. A coisa' estava chegando. Buscou todas as reservas de força em seu íntimo, não podia deixar que viesse. Pelo menos até que sua mãe voltasse. E se viesse, o que fazer? Seus amigos não sabiam de nada, não teriam como socorrê-lo. Cenyra já devia estar voltando. Ela tinha que estar voltando. Afinal, ninguém poderia demorar tanto tempo em uma padaria!

Quanto mais ele tentava se controlar, porém, mais nervoso ficava. Fechou as duas mãos para disfarçar a tremedeira e notou que já estavam completamente molhadas de suor, pulsando como se fossem dois pássaros que acabaram de ser capturados. Paradoxalmente, ao mesmo tempo em que suava como um touro, sentia muito frio. Era 'a coisa', ele não tinha a menor dúvida. O que fazer?

- A gente estava falando sobre a Sandy, lembra? - insistiu Ivan, observando que os olhos de Vítor pareciam tentar localizar-se no tempo e no espaço.

Vítor fez um esforço muito grande para fixar em sua mente a imagem da cantora. Mas o que era mesmo que eles estavam falando sobre ela? Sua cabeça parecia varrida por um furacão, não conseguia pensar em nada, apenas no medo enorme que se espalhava, como uma mancha de tinta escura sobre todo o seu cérebro.

- Pe... pe... penso que....

Ele disse só por dizer. Mas não conseguiu terminar a frase. Naquele minuto, vinda não se sabe de onde, uma onda de pavor, a pior de todas que já havia sentido, apossou-se de todo o seu corpo. Segurou-se na parede. Tinha a certeza de que desmaiaria em seguida, o ar começava a faltar-lhe. A sensação que ele tinha era de que estava morrendo, tamanha era a pressão em seu peito. Ao mesmo tempo, sentia esvaírem-se suas últimas energias e também o esfriamento progressivo de todos os músculos de seu corpo. Mas o desmaio não vinha.

-Vítor, fale comigo, cara... Tá tudo bem? - preocupou-se Ivan, já se preparando para ampará-lo caso ele caísse.

-E... e... estou passando... muito... mal -ele explicou, com falta de ar.

- Não seria melhor a gente chamar uma ambulância? - sugeriu Jorjão, bastante assustado. - Ele tá pálido, gente, da cor dessa parede!

-Na... na... não... Não vai... acontecer nada... a minha mãe...- pediu Vítor, com muita dificuldade. Ele tinha cada vez mais certeza de que iria desmaiar em poucos minutos e só queria que a mãe chegasse a tempo de socorrê-lo. Sentia mesmo que poderia morrer se ela não chegasse.

- Corre lá embaixo, na padaria, Fabrício, e pede pra tia Cenyra vir depressa! - determinou Ivan, enquanto apoiava Vítor com o braço direito -Vem... Vamos sentar um pouquinho... Vai ficar tudo bem, você vai ver...

- Cara, ele tá gelado! - observou Jorjão, também começando a ficar pálido de medo, enquanto ajudava Ivan a sentar Vítor na cama.

- Eu acho que ele tá morrendo - concluiu Fabrício, sem conseguir conter os soluços.

- A mãe dele! - gritou Ivan numa ordem que era quase um grito de desespero - Depressa! Vai!

O elevador não vinha. Fabrício achou melhor ir pela escada. Desceu os três andares como um raio, sobrevoando os degraus de cinco em cinco, em pulos arriscados. Só ao chegar lá embaixo, pensou: "E se a mãe de Vítor tivesse subido de elevador enquanto ele descia?"

- Severino! Severino! - atravessou a portaria gritando. - A dona Cenyra já passou por aqui? - perguntou, logo ao avistar o porteiro, num resto de fôlego.

- Eu, hein! O que é que deu em você, Fabrício? - estranhou o porteiro, de sua cadeira cativa na entrada do prédio, com seu tranquilo e ritmado sotaque nordestino.

-A dona Cenyra, do 302! E uma emergência! O Vítor tá morrendo!

- O Vítor? Mais óie! E o que é que ele tem? - quis saber Severino.

- Ela voltou ou não voltou, Severino? - Fabrício estava cada vez mais ansioso.

- Por aqui passo não...

Fabrício já estava voando para a padaria quando trombou, na escadaria de acesso ao prédio, com Vinícius, que vinha voltando do treino de capoeira. Por pouco os dois não rolaram juntos até a calçada.

- O moleque! Não olha por onde anda, não? - resmungou Vinícius, contrariado, meio grosseirão - Que gritaria é essa? Lá da esquina eu tava ouvindo você berrando o Severino! Tá pensando que isso aqui é...

-Vinícius, graças a Deus que você apareceu! O Vítor... - Fabrício mal conseguia falar, de tão agitado.

- Que é que tem o Vítor? - Vinícius o encarou sério, já fechando o punho direito com força. - Desembucha de uma vez!

Vinícius logo intuiu que o irmão tivera outra crise e ficou com muito ódio. Estava farto daquelas frescuras de garoto mimado; não acreditava em uma só palavra do que sua mãe dizia. Síndrome de pânico! Onde já se viu? Para ele, Vítor havia inventado tudo aquilo só para chamar a atenção. Já devia estar indo mal nos estudos, com toda certeza já sabia que ia acabar sendo reprovado. Daí toda aquela encenação. Na opinião de Vinícius, o irmão sempre fora sonso e bajulador. Não entendia por que a mãe sempre caía em suas armadilhas. Por trás daquele ar de 'bonzinho indefeso', estava sempre manipulando as pessoas em seu proveito próprio. Todos, menos ele, Vinícius, que já estava cansado de conhecer aquele jogo.

- Não foi culpa minha, eu juro! Ele... ele... - Fabrício estava tão nervoso que não sabia como explicar.

- Cala essa boca, imbecil! Onde é que ele tá? - ele parecia alterado, tinha os olhos vermelhos e estava mais agressivo do que de costume.

- Lá em cima... - encolheu-se Fabrício, morrendo de medo.

Quando Vinícius entrou no quarto, encontrou Vítor ainda sentado na cama. Seu corpo estava completamente gelado e o coração batia muito rápido. Sentado a seu lado, tentando ser o mais paciente possível, Ivan tentava a todo custo reanimá-lo, enquanto Jorjão, de costas, chorava temendo pelo pior.

-Vítor! Vítor! - chamava Ivan. - Você não pode se entregar! Explica pra mim o que você tá sentindo?

- Deixa que eu falo com ele - disse Vinícius, afastando Ivan de maneira brusca. - Levanta daí, Vítor! Pode parar com a encenação.

A dois passos de distância, Ivan roeu a ponta de uma unha e trocou um olhar angustiado com Jorjão. Desde pequeno, Vinícius sempre fora violento. Todos os amigos de Vítor tinham medo dele.

- Levanta, eu já disse, droga! - ele insistiu, fechando os punhos de raiva, já se preparando para partir para cima do irmão.

- Peraí, cara - Jorjão resolveu interferir. - Ele tá mal!

Vítor olhava fixamente para o irmão, mas não esboçava nenhuma reação. Parecia desligado do próprio corpo. Em sua mente reinava apenas uma imensa, incomensurável tristeza, como se tudo na vida houvesse perdido o sentido. Vinícius segurou-o com as duas mãos, levantando-o da cama e começou a sacudi-lo.

- Até quando você pensa que vai continuar enganando as pessoas com os seus faniquitos, hein? Até quando?

Vítor abaixou os olhos e começou a tremer ainda mais. Chegava a bater os dentes de tanto que tremia.

- Vinícius, pelo amor de Deus... - implorou Ivan - Não faça is... -Tá pensando que me comove com a sua tremedeira? - ele parecia tomado por alguma coisa muito ruim e sacudia o irmão cada vez mais forte.

"Eu vou morrer", era tudo o que passava na cabeça de Vítor. "Se ele me bater, não vai fazer a menor diferença".

- Larga ele, cara! - de um ímpeto, Ivan pulou nas costas de Vinícius, que virou-se em um golpe de capoeira que o atirou ao chão. Em seguida, pulou novamente sobre Ivan e começou a esmurrá-lo, descarregando nele toda a raiva que estava sentindo do irmão.

- Socorro! - gritou Jorjão desesperado.

- O que é que está acontecendo aqui? - Cenyra surgiu assustada na porta do quarto, seguida por Fabrício.

Ela era dessas pessoas cuja voz conserva a doçura mesmo quando se coloca mais grave, impondo respeito. Vinícius soltou Ivan e levantou-se de um pulo. Depois a encarou, soltando faíscas:

- Sempre o coitadinho da mamãe! Sempre!

-Vinícius, por que você está fazendo isso com o seu irmão? Com os amigos do seu irmão? - ela se manteve firme.

- Coitadinho do Vítor! - ele respondeu com cara de nojo, saindo do quarto em seguida.

-Vinícius! Volte aqui! - ela ordenou, brava, ainda parada na entrada do quarto. Mas a resposta foi um bater de porta do outro lado do corredor.

Cenyra fechou os olhos e respirou fundo, procurando se reequilibrar, depois caminhou até Vítor. Desde que o irmão o soltara, ele se mantinha agachado no chão, abraçando fortemente as pernas com os dois braços. A crise havia passado, mas ele continuava sentindo muito medo. Cenyra agachou-se junto a ele e abraçou-o com toda a sua ternura de mãe.

- Pronto... passou.... Depois seu pai irá conversar com ele.... Vítor nada respondia, apenas chorava. Um choro que parecia vir

do fundo de sua alma atormentada. Do outro lado do quarto, Jorjão e Fabrício ajudaram Ivan a levantar e os três, ainda sem conseguir entender direito o que acontecia, dirigiram-se à saída do quarto.

- Me desculpem por tudo... - disse Cenyra, de costas, sem largar Vítor. Ela fazia força para não chorar também, mas as lágrimas teimavam em pular-lhe dos olhos, banhando-lhe o rosto sereno e bonito. - Eu jamais deveria ter saído...

- Tá tudo bem, tia - Ivan voltou e tocou-lhe nas costas com carinho - Depois a gente conversa... Agora cuida do Vítor que ele tá precisando... - ele beijou os cabelos de Cenyra antes de sair do quarto.

Horas mais tarde, quando Luís Paulo chegou da rua com as bombinhas de chocolate, encontrou Cenyra sentada na sala, pensativa, sob a luz fria de um abajur, apertando nas mãos um livro de mensagens psicografadas por Chico Xavier. As últimas palavras lidas durante o estudo evangélico que acabara de realizar ainda ecoavam em sua mente: "Seja na vida particular ou portas a dentro de casa, no grupo de serviço a que te vinculas ou na grande esfera social em que se te decorre a existência, sempre que te vejas à beira do ressentimento ou revide, rebeldia ou desânimo, nunca te entregues a semelhantes agentes destrutivos. Tenta a humildade.(16)

"Tens contigo uma chave bendita - a chave da humildade, cunhada no metal puro da paciência", sua cabeça repetia sem cessar, embora Cenyra ainda não conseguisse entender o que, efetivamente, significaria "tentar a humildade" para resolver os problemas que tanto a atormentavam. Os meninos aparentemente dormiam, cada qual em seu quarto. Vinícius não saíra de lá nem mesmo para tomar banho, Vítor apagara depois de muito chorar.

-Aposto que está zangada comigo porque me atrasei... - disse Luís Paulo, beijando-a levemente nos lábios em seguida. - Eu trouxe um presente....

- Obrigada, meu amor... - ela respondeu, ainda um pouco triste, tomando nas mãos o pacote de doces.

-Aconteceu de novo? - ele sentou ao lado dela e apertou sua mão.

- Sim, aconteceu... - ela continuava reflexiva. - Mas não é só isso que está me preocupando...

Neste momento, Vinícius surgiu na sala, de olhos inchados, com uma mala na mão e comunicou:

- Eu vou-me embora.

16 -Trecho da mensagem "A Chave Bendita", contida no livro Mais perto, de Emmanuel, psicografado por Chico Xavier. São Bernardo do Campo, G.E.E.M., 1983.

VIII

- Você só pode estar ficando maluca, Chuva! Só pode ter titica de galinha na cabeça! Só pode! - gritava Paloma, alterada, andando de um lado para o outro. - Ir passar o Natal na Ilha Grande com o Vinícius! Era só o que me faltava!

Era uma mulher de trinta e dois anos, baixa, muito magra, de cabelos compridos e pretos. Vegetariana radical tinha um jeito meio hippie de ser, o que podia ser percebido pelas roupas que costumava vestir, quase sempre vaporosas e em estilo indiano, como o vestido que agora usava. E também pelas bijuterias, sempre muito cheias de cristais e de pedras trabalhadas. Era técnica em enfermagem, mas nunca havia trabalhado exatamente com isto. Tinha consultório próprio, dizia-se holo-terapeuta. Dava consulta de florais, cromoterapia, jogava taro e fazia reiki. O que tinha de alternativa, porém, tinha de estressada. Sobretudo quando o assunto era a filha.

Chuva era o oposto da mãe. Em todos os sentidos. Alta, de longos cabelos louros e cacheados e corpo muito bem definido, tinha apenas dezesseis anos. Gostava de shoppings, boutiques, ginástica de impacto e comida industrializada, especialmente hambúrgueres e batatas fritas. Odiava granola, mel de laranjeira, chá de erva cidreira, máscaras de argila e toda aquela parafernália natureba com que a mãe a atormentava. Seu sonho era ser economista e havia acabado de ser aprovada para a Universidade Federal do Rio de Janeiro.

- O que é que tem demais? - perguntou à mãe, olhando para o esmalte das unhas sem encará-la, enquanto segurava uma lixa com a outra mão.

-Tem que eu já comprei a sua passagem para Florianópolis! Caríssima por sinal!

- E não dá para desistir? - ela continuava lixando as unhas com o mesmo ar de desprezo.

- E claro que não! Já está tudo combinado, as pessoas estão nos esperando, o avião sai amanhã de manhã cedo! - ela fechou o zíper da bolsa de viagem de Chuva que estava sobre a cama.

- Mãe - ela finalmente levantou os olhos e encarou Paloma — é uma emergência, será que você entende isto? - ela fazia gestos o tempo todo, enquanto expressava-se, quase falava com as mãos.

- O Vinícius me ligou desesperado, está indo embora de casa e eu não posso deixá-lo sozinho numa hora dessas! - caminhou até a cama e abriu novamente o zíper.

- O que você não pode é fazer a família inteira de palhaça! - Paloma fechou novamente o zíper. - Namorado, minha filha, você ainda vai ter muitos!

- Quer parar de fechar esta bolsa que eu ainda não terminei de arrumar? - protestou Chuva.

- Como não terminou se ontem à noite elajá estava pronta? - a mãe arrastou a bolsa até a porta do quarto - Você vai para Florianópolis ou eu não me chamo Paloma!

- Me dá essa bolsa aqui, mãe!

Enquanto as duas discutiam no quarto, dona Noêmia entrou na sala e ficou olhando intrigada para as três malas que já estavam enfileiradas ao lado da porta.

- Quem será que vai viajar? - ela se perguntou alto. - Ninguém me falou nada...

Dona Noêmia tinha sessenta e nove anos e, embora se mantivesse franzina e elegante, destoava bastante dessas senhoras modernas que conseguem se manter joviais mesmo após os oitenta. Noêmia era contra qualquer tipo de produto que lhe mascarasse os sinais do tempo. Usava os cabelos grisalhos e semilongos presos atrás da orelha por dois grampinhos; tratava-os apenas com sabão de coco e algumas gotas de violeta de genciana, que davam-lhe um aspecto levemente arroxeado.

Não era mulher de muitas vaidades. Seus poucos vestidos haviam sido feitos por ela mesma, a maioria encontrava-se já rota pelo prolongado uso. Há tempos deixara de costurar por causa da vista, bastante enfraquecida por uma catarata, mas inventara que tinha pavor de roupas compradas prontas, alegando serem todas "costuradas com cuspe".

Era brava e temperamental, sim, mas estava também cada dia mais esclerosada. A filha mais velha, Lucila, que era pediatra, já a tinha levado a vários médicos, mas todos diziam que seu problema era apenas uma degeneração senil comum, causada pela morte de células cerebrais que ocorre naturalmente com o passar dos anos, mais cedo para uns e mais tarde para outros. A grande questão é que ela vivia se lembrando de acontecimentos do passado, como a formatura de Lucila, que acontecera há quase vinte anos, ou o dia de seu casamento com o finado marido, há quase cinquenta, mas experimentava incrível dificuldade de fixar na memória os fatos mais recentes.

- Esta mala aqui é de Lucila - ela abaixou-se para verificar de perto. -Será que é ela quem vai viajar? Meu Deus... Mas para onde? E essas outras malas aqui? De quem serão? - dona Noêmia não se conteve e abriu uma das malas ali mesmo. - Mas essas aqui são minhas roupas! - constatou estupefata. - O meu despertador!

E foi tirando tudo de dentro da mala, fazendo uma grande bagunça na entrada do apartamento.

- Será que elas estão pretendendo me mandar para algum asilo? -perguntou-se sentida, já começando a vasculhar outra mala.

- Mamãe! - gritou Paloma, que vinha do quarto arrastando a bolsa de viagem da filha. - O que é que a senhora está fazendo?

- Eu é que pergunto! - questionou Noêmia, com uma das mãos na cintura, segurando com a outra o despertador. - O que é que vocês estão aprontando desta vez?

- Mamãe, nós vamos viajar! Não é possível que a senhora tenha esquecido!

- Nós vamos? - ela cocou a cabeça, preocupada, sem largar o despertador. - Para onde?

- Para Florianópolis, mãe! Passar o Natal na casa da Florence, filha da sua irmã Aretusa, a senhora não se lembra?

-Ah, sim... - ela pareceu recordar-se vagamente, fixando em seguida os olhos nos ponteiros do relógio. - Mas escute, Paloma, a Aretusa não morreu?

- Ai, meu Deus... - Paloma abaixou-se e começou a catar as roupas da mãe espalhadas pelo chão. - Não sei onde a Lucila estava com a cabeça quando inventou esta viagem!

- Ela não vai? - Noêmia ainda tentava se situar no tempo e no espaço. -Vai, mamãe! - Paloma sentou-se no chão para arrumar as roupas

de novo dentro da mala. - Ela foi atender a uma emergência no hospital, daqui a pouco está de volta. -Ah, sei...

- Amanhã cedo nós embarcamos - explicou Paloma.

- Nós vamos de navio? - perguntou Noêmia, com ingenuidade.

- Não, mamãe! Desse jeito quem vai acabar ficando maluca sou eu! Chuvaaaaa! - Paloma gritou pela filha.

Ela veio lá de dentro com a cara mais mal-humorada do mundo. Estava achando "um atraso de vida" aquela viagem com a família; ainda queria por toda lei ir para a Ilha Grande com o namorado. Paloma chegara a sugerir que ela convidasse Vinícius para acompanhá-las, já que o caso era assim tão grave, mas Chuva nem cogitou a hipótese. Não queria expor o rapaz à loucura que acreditava ser privilégio patenteado da sua família. Assim, o único meio que restara a Paloma para convencê-la fora lançar mão de sua autoridade de mãe: ou vai ou fica três meses sem mesada, argumento que imediatamente se impusera como indiscutível.

- O que foi agora? - a garota perguntou contrariada.

- Me ajude aqui com essa mala! - pediu Paloma, agoniada. - Não bastasse uma filha adolescente, agora eu tenho também uma mãe que é pior do que uma adolescente. Ai, eu preciso urgentemente me reenergizar! - ela agarrou um cristal lilás que trazia pendurado ao pescoço e começou a cantar baixinho um mantra: *"Hare Krishna, hare Krishna, Krishna Krishna, hare hare..."*

Chuva olhou para a avó, depois para a mãe naquela esdrúxula postura e não pôde evitar um balançar risonho de cabeça. Abaixou-se no chão e começou a recolher algumas peças do chão. Dona Noêmia olhava tudo sem entender direito; a essas alturas já estava achando que fora a própria Paloma quem espalhara as roupas daquele jeito. O pior é que ela acabara por misturar suas roupas com as de Lucila. Em poucos minutos, porém, já parecia novamente desligada de tudo. Caminhou alguns passos até a estante e pôs-se a verificar o pó nas prateleiras. Tinha fixação em relógios, em limpeza e na ideia de roubo; sempre achando que alguém a pudesse ter roubado algo sem que ela houvesse percebido.

- Mas esta faxineira é muito relaxada! - resmungou, limpando um antigo porta-retratos com a própria manga comprida da camisa.

- Hare Rama, hare Rama, Rama Rama, hare hare ... - Paloma continuava concentrada, entoando seu mantra.

- Mãe, deixa eu te falar, me escuta ... - pediu Chuva, ajoelhando-se a seu lado e dobrando com cuidado um vestido da avó.

- Hare Rama, Rama Rama...

- Será que o Vinícius não podia pelo menos passar esta noite aqui? -perseverou a moça. - Por favor, só esta noite...

- Chuva, pense! - explodiu Paloma. - Como é que eu vou hospedar o seu namorado aqui em casa?

- O que é que tem demais, mãe? - ela ficou vincando o vestido com a ponta da unha. - Ele dorme na sala e...

- E o que é que eu vou dizer para a minha mãe? - ela simulou um diálogo imaginário. - Mamãe, este bonitinho aqui é o namoradinho da Chuva, que mora aqui embaixo, no 302, a senhora está lembrada? Pois é, ele brigou com a família e não tem onde dormir... - ela depositou uma porção de blusas dobradas dentro da mala que estava aberta diante de si. - Ela ia ter um troço!

- Homem nesta casa de jeito nenhum! - declarou Noêmia, sempre alerta. - Quem é que está querendo dormir aqui?

- Está vendo? - confirmou Paloma, sem parar de dobrar roupas. -Não é que eu seja careta, filha, mas do momento em que moramos com outras pessoas, precisamos respeitar a maneira de pensar dessas outras pessoas, você me entende?

Chuva abaixou a cabeça, sem saber o que dizer. No fundo, compreendia que a mãe não estava errada, mas ao mesmo tempo tinha muito medo de negar um favor ao namorado. Era completamente apaixonada por Vinícius.

- Eu sabia que tinha homem nesta história! - deduziu Noêmia em seu delírio particular. - Nem adianta arrumar de novo estas malas, Paloma. Você não vai sair daqui com esse rapaz - ela agora parecia ter voltado ao tempo em que Paloma saiu de casa, com a mesma idade de Chuva, para ir morar com um companheiro de partido, que mais tarde viria a ser o pai de sua filha.

- Saint-Germain! - Paloma levou as mãos à testa olhando para o punhado de roupas que restara no chão. - E demais para mim, eu juro que não estou mais aguentando!

- Mãe, essa calçona aqui é da vovó ou da tia Lucila? - Chuva levantou uma enorme calcinha de algodão, morrendo de vontade de rir.

-Ai, meu Deus, pior é que eu não sei! - suspirou Paloma. - Só falta agora a Lucila chegar!

Nem bem ela acabou de falar, a chave girou na porta e Lucila entrou, exultante, carregando sua malinha de médica. Era uma moça forte, tendendo para gordinha, toda vestida de branco. Tinha feições bonitas que, no entanto, eram desfavorecidas por seus grandes óculos redondos de aros escuros que davam-lhe um ar envelhecido, fazendo-a aparentar bem mais do que seus trinta e sete anos de idade.

- Graças a Deus estou de férias! Uma semana sem atender nenhuma criança doente, nenhuma mãe histérica, nenhu... - seu sorriso imediatamente se transformou numa careta de horror ao ver aquela bagunça. -Mas o que houve nesta sala? — ela arrancou a calcinha das mãos de Chuva. - Me dê isso aqui! Com que direito vocês reviraram as minhas coisas?

- Calma, Lucila! - pediu Paloma. - Eu posso explicar tudo! Enquanto as duas discutiam, acompanhadas pelo olhar cada vez

mais confuso de Noêmia, Chuva retirou-se sorrateiramente para seu quarto, carregando sua bolsa de viagem. Lá chegando, abriu rapidamente o zíper e acrescentou uma lanterna, um repelente de mosquitos e mais alguns biquínis.

- Eu vou com o Vinícius! - disse alto para si, com ar decidido. - De qualquer jeito!

Fechou novamente a mala e sentou-se ao lado do telefone, à espera da ligação do namorado.

IX

- Guarde essa mala, Vinícius - gritou Luís Paulo, levantando-se do sofá e postando-se diante do filho, de maneira a impedir-lhe a passagem.

- Luís Paulo, espere... - disse Cenyra, também levantando-se e tocando de leve em seu braço. - Se ele quer ir, deixe ele ir...

Luís Paulo olhou incrédulo para a esposa, mas ela parecia convicta do que estava dizendo. No minuto em que vira o filho parado na porta com aquela mala na mão, sentira-se tomada por uma força descomunal, uma força quente e luminosa que ela não tinha a menor noção de onde provinha. Era como se essa força lhe soprasse frases dentro de sua mente, palavras fortes que rapidamente lhe chegassem aos lábios, sem que ela pudesse resistir. Fora então que lhe viera aquela ideia.

- Mas... - ainda tentou protestar o marido.

- Se você acha que isto é o melhor para você, meu filho - ela continuou com doçura -, eu não tenho o direito de impedir que lute pela sua felicidade... - ela fez uma pausa, levantou-se do sofá e caminhou até ficar em frente ao filho. - Só não queria que saísse assim, no meio da noite, sem nada no estômago... - ela esticou a mão para fazer-lhe um carinho, mas o rapaz, em ato reflexo, deu um passo para trás.

Cenyra entendeu que ele continuava na defensiva e abaixou o braço, dando também um pequeno passo para trás, em sinal de que não estava tentando ultrapassar seus limites.

- Sente-se - disse, indicando a mesa -, vamos conversar, fazer um lanche, trocar ideias. Se, depois de tudo, você ainda estiver disposto a sair, ninguém vai segurá-lo aqui contra a sua vontade, eu prometo isto a você.

Vinícius olhou para a mãe, desconfiado, mas não disse nada. Ficou parado no mesmo lugar, confuso, sem saber direito o que fazer. Não contava com aquela reação da parte dela.

Cenyra também não ficou insistindo. Calmamente, abriu o armário de louças que ficava atrás da mesa de jantar, coberta por fina toalha de renda, e dele tirou alguns pratos azuis de cerâmica e um pote de vidro repleto de rosquinhas de coco que comprara de tarde na padaria. Em seguida, desembrulhou um pacote de cheirosos pãezinhos de leite e também o pacote de doces que acabará de ganhar do marido.

Só depois da mesa pronta, ela virou-se novamente para Vinícius e para Luís Paulo, que permaneciam olhando para ela surpresos:

- Só faltou pegar a manteiga e o refrigerante na cozinha. Vocês não vêm?

O rapaz, que havia se preparado para travar longa e desgastante discussão com os pais, depois de horas ruminando uma porção de desaforos para cuspir-lhes no rosto, continuava sem saber o que dizer.

Luís Paulo, por sua vez, só conseguia pensar em acender um cigarro. Só não o fez para não quebrar o clima mágico que parecia ter tomado conta da casa naqueles breves instantes. Tirou o cigarro do maço e ficou girando-o entre os dedos. "O que, afinal, estaria acontecendo?", não conseguia deixar de se perguntar. "Por que Vinícius queria ir embora, por que Cenyra estava evitando discutir com ele? Haveria alguma ligação com o problema de Vítor?", tentava juntar as peças em sua cabeça.

Nenhum deles podia ver, mas a casa estava cheia de gente. Ao realizar seu estudo do Evangelho no lar, Cenyra atraíra para o local verdadeira plêiade de espíritos iluminados, que agora se cotizavam na tentativa de reconstruir o equilíbrio energético daquele ambiente. Tais entidades haviam sido mobilizadas sobretudo pela sinceridade e pela humildade com que a dona da casa fizera sua prece no encerramento do culto, quando, de imediato, já lhe fora sugerido que abrisse o livro de mensagens que tinha nas mãos no momento em que o marido entrou em casa.

Cenyra era uma alma boníssima. Vivia empenhada em auxiliar o próximo, dentro e fora de seu ambiente doméstico. Era natural, portanto, que seu momento de dificuldade também não passasse despercebido aos guias e mentores da espiritualidade maior que a acompanhavam em seu discreto dia-a-dia.

Ao todo, encontravam-se na sala sete personalidades espirituais de magnânima bondade, quatro homens e três mulheres. Em grupos de dois, eles envolviam cada um dos encarnados presentes, enviando-lhes fluidos de paz, amor e harmonia. Apenas um desses espíritos se mantinha afastado dos demais, tendo se posicionado em urna das cabeceiras da mesa, onde permanecia com os olhos fechados e muito concentrado.

- Vocês não vão se sentar? - insistiu Cenyra, voltando da cozinha com a manteigueira e a garrafa de refrigerante gelado.

- Está bem - concordou Vinícius, puxando a cadeira, no que foi logo imitado pelo pai.

"Estou ficando louco", pensava o rapaz olhando para as mãos da mãe passando manteiga num pão, enquanto as mãos do pai rodavam nervosamente o cigarro na mesa. "Só posso estar ficando louco... Há duas horas atrás eu estava com ódio da minha mãe e agora estou aqui, que nem uma ovelhinha mansa de presépio, esperando que ela me prepare um pãozinho... Por que será que não consigo discutir com ela, botar para fora o monte de coisas que está engasgado na minha garganta? Ela tem umas mãos tão bonitas..."

Ao mesmo tempo em que Vinícius estranhava a própria passividade, o casal de espíritos que impunha as mãos sobre ele enviava-lhe, de mente para mente, imagens pacificadoras como a lembrança da mãe desembaraçando-lhe carinhosamente os cabelos cacheados, quando ainda menino, a cena de Cenyra montando com os filhos, pela primeira vez, a árvore de Natal que ainda hoje ornamentava a sala. Tocado por esta lembrança, Vinícius recordou o quanto ele e o irmão eram unidos naquela época, o quanto no fundo sentia falta daquela amizade, que não sabia dizer exatamente quando e nem por que havia se rompido.

Recebeu das mãos da mãe o pão e abaixou a cabeça entristecido. Sentia vontade de chorar. Era como se só agora houvesse caído em si depois de todo o escândalo da tarde; estava quase arrependido de ter perdido a cabeça daquele jeito. Será que seu desequilíbrio tivera alguma coisa a ver com as cervejas que tomara com os amigos no Aterro do Flamengo, logo depois do treino de capoeira? Não, assegurou rapidamente a si próprio, ele quase não bebera, apenas duas garrafas de cerveja, nada que deixasse uma pessoa assim alterada... - ele imaginava. A questão era que a bebida, ao invés de fazê-lo sentir-se aliviado, parecia ter aumentado a imensa indignação que o vinha consumindo nos últimos tempos.

"Talvez nem Vítor, nem a mãe e muito menos o pai, a quem tanto idolatrava, merecessem sua revolta", chegou a pensar por alguns instantes. Mas, ao mesmo tempo, estava tão saturado das crises do irmão que não conseguia mais cultivar bons sentimentos. Há quase três meses tudo naquela casa girava em torno de Vítor. Dos medos de Vítor, daquela sua irritante certeza de que 'a coisa' iria voltar a despeito de todos os pareceres e receitas médicas.

A coisa' havia praticamente se transformado numa pessoa concreta, uma assombração que só Vítor pressentia, mas que vivia infernizando a vida de todo mundo. Lágrimas escorreram dos olhos de Vinícius, molhando O pão que descansava sobre o prato.

Será que alguém poderia me explicar o que é que está acontecendo nesta casa? - pediu Luís Paulo, angustiado com aquele silêncio. - Primeiro, Cenyra me diz que está preocupada demais com alguma coisa, mas que não é nada referente a Vítor. Depois, Vinícius aparece com a mala na mão... Vocês brigaram?

- Sim - respondeu Vinícius.

- Não - respondeu Cenyra, ao mesmo tempo.

- Brigaram ou não brigaram? - insistiu o pai.

Cenyra tomou longo gole de refrigerante antes de responder.

"É agora", pensava preocupada. Estava com tanto medo de não conseguir convencer o filho a não ir embora de casa, não podia, de maneira nenhuma, perder aquela oportunidade que conseguira criar por inspiração divina. "Tenta a humildade", sentia os mentores soprarem-lhe à mente, sem qualquer consciência disso.

- Na verdade o erro todo foi meu... - declarou.

-Você não pode se culpar pelas crises do Vítor! - protestou Vinícius.

- Deixe sua mãe falar - pediu Luís Paulo, batendo o cigarro na mesa, como que preparando-se para acendê-lo - Erro em que sentido, Cenyra?

Ela então explicou todo o ocorrido, sua vontade de fazer uma surpresa para o filho mais novo, achando que estivesse finalmente restabelecido, a ideia de chamar seus amigos para uma visita, a descida rápida até a padaria que acabou durando mais do que ela imaginava. Na medida em que ela falava, Vinícius ia esmigalhando seu pão com a pontinha dos dedos. Não conseguia acreditar que o irmão não tivesse controle sobre aquelas crises; sentia que Vítor usava Cenyra para atingir seus objetivos de chamar a atenção e isso o irritava sobremaneira.

- Mas você atacou o garoto, Vinícius? - reagiu Luís Paulo ao ter ciência da cena que a esposa presenciara ao entrar em casa.

- Ele ficou nervoso - defendeu Cenyra -, perdeu a cabeça. Por isso é que digo, se eu não tivesse inventado de ir na padaria, nada disso teria...

- Mas ele não podia ter sacudido o irmão daquela maneira! E muito menos ter atacado o Ivan, que não tinha nada com isso! - exaltou-se o marido, tomando finalmente o isqueiro que há tempos afagava a seu lado e acendendo o cigarro - Quem você pensa que é, Vinícius? - disse, numa baforada nervosa.

- O Jean-Claude van Damme?

- Eu não penso nada! - explodiu Vinícius, dando um murro na mesa. - E, se penso, também não importa. Ninguém está preocupado em saber o que eu penso! E por isto que eu estou saindo fora desta casa!

Pesado silêncio abateu-se sobre todos, fazendo com que parecessem horas os poucos minutos que tiquetaqueavam no antigo relógio da parede.

- Vinícius tem toda razão! - interferiu Cenyra. - Com este problema do Vítor, mal temos tido tempo de conversar; há meses temos vivido só em função do outro...

- Você tem vivido - corrigiu Luís Paulo.

- Filho, por favor, me perdoe se eu não tenho sido uma boa mãe para você, se eu gritei demais com você hoje de tarde... Eu entendo as razões que o levaram a agir daquela maneira - continuou Cenyra, indiferente à provocação do marido.

Apoiado na mesa com as duas mãos fechadas, Vinícius olhou fundo nos olhos da mãe, depois abaixou a cabeça e não conseguiu controlar mais o choro. Não existe remorso maior do que aquele que vem quando a pessoa sabe que está errada e alguém a defende como se estivesse certa.

Bem de mansinho, Cenyra caminhou até ele e o abraçou com ternura, da mesma forma como fizera com Vítor horas atrás, enquanto Luís Paulo quase devorava o cigarro em sua angústia de não saber o que dizer. Após o último trago, apertou contra o cinzeiro o filtro que restara e aproximou-se também do filho. Inicialmente tocou em suas costas apenas com a ponta dos dedos, acabando por abraçá-lo com toda a sua força.

Os três ficaram ali, chorando abraçados por algum tempo, envoltos em verdadeira onda de fluidos magnéticos que lhes era lançada pelos espíritos de luz ali presentes. Até que Cenyra se afastou, limpando os olhos e disse:

-Acho que só existe um meio de resolvermos o problema de Vítor.

- Qual? - perguntou Luís Paulo, também recompondo-se. - Temos de nos unir, atuar juntos para tentar descobrir o que é que

o está levando a ter essas crises.

- Mas ele não estava tomando remédios? - lembrou o marido.

- Hoje à tarde, depois que ele dormiu, descobri que há dias ele deixou de usar os comprimidos.

- Estão vendo? Ele não quer ficar bom! - protestou Vinícius. - Para dizer a verdade, tenho sérias dúvidas se...

- Ele tem realmente um problema, filho - assegurou Cenyra. - Acho que o primeiro passo para ajudá-lo é acreditarmos no que ele nos diz.

- Mas então por que ele parou de tomar o remédio? Não posso entender! - desabafou Luís Paulo.

Cenyra começou a juntar a louça da mesa, tentando encontrar uma resposta para aquela questão que ela própria também não podia ainda compreender.

- Não sei... - disse por fim. - O que sei é que Vítor está precisando muito da ajuda de todos nós. Ele não é mais o mesmo, nem estudar está conseguindo mais... - ela depôs novamente sobre a mesa os pratos que acabara de empilhar.

- E não será esta a razão de todas as suas crises? Vai ver criou tudo isso só para vocês não pegarem no pé dele por não ter passado de ano! -aventou Vinícius.

- Não, isto não - considerou Luís Paulo, sentando-se novamente à mesa e acendendo outro cigarro. - Ele sempre adorou os estudos, sempre teve prazer em ser o primeiro da classe... Tenho certeza de que jamais deixaria uma prova inteira em branco, como aconteceu nas últimas vezes em que esteve na escola, se não estivesse realmente com algum problema - ele soltou uma baforada.

- Mas então o que é que vocês sugerem? Que todos nós continuemos a nos submeter aos caprichos do Vítor? - impacientou-se Vinícius. -

A mamãe não pode nem mais sair de casa para ir ao supermercado ou à padaria que ele logo entra em crise!

- Precisamos ter paciência - considerou Cenyra.

- Mais do que você está tendo? - questionou Luís Paulo. - Vinícius tem razão. Há mais de três meses que não vamos ao cinema, nem jantar fora, nem a lugar nenhum. Só vivo de casa para o trabalho e do trabalho para casa. O tempo todo que estamos juntos o Vítor está entre nós. Só está faltando ele se mudar para a nossa cama!

Cenyra abaixou os olhos, triste. Luís Paulo tinha razão. Também sentia-se sufocada com aquela situação, não podia nem assistir mais às palestras que tanto gostava de assistir no centro espírita. Havia se tornado quase que uma possessão do filho mais novo, que a vigiava até mesmo quando ela precisava ir ao banheiro, permanecendo próximo à porta a esperá-la. Mas não podia reclamar, porque sabia que havia se tornado o único referencial seguro para Vítor, só a seu lado ele conseguia sentir-se protegido contra 'a coisa'. Como mãe, ela não podia negar-lhe esta proteção, por mais que sua liberdade ficasse ameaçada.

-Assim que passarem as festas de fim de ano, eu vou levá-lo a outro médico - prometeu. - Hoje à tarde, na padaria, conversando por acaso com uma senhora que conheci há tempos no centro espírita que eu frequentava antes das crises de Vítor, fiquei sabendo de uma excelente psicóloga, especializada no tratamento do transtorno do pânico. O próprio psiquiatra Antonopoulos, aliás, havia me sugerido que o tratamento fosse acompanhado por um psicólogo...

- Mais um terapeuta? - repetiu Luís Paulo cético. - Sinceramente, não consigo acreditar nestas coisas...

- Nem eu - concordou Vinícius de imediato.

- Só estou pedindo a vocês uma chance, uma última chance. Se não der certo, a gente senta de novo e então vocês decidem o melhor caminho a seguir, está bem assim? - propôs Cenyra.

- Se você acredita realmente nisso... - titubeou Luís Paulo.

- Não sei mãe, estou realmente saturado de tudo isso... - ponderou Vinícius.

- Por favor, filho, eu preciso muito da sua ajuda... A gente passa o Natal juntos, no réveillon você viaja com os seus amigos, para espairecer... Na outra semana eu levo seu irmão no médico e...

Enquanto ela fazia planos, Vinícius, ainda intuído pelos espíritos de luz que o rodeavam, pensava que realmente não conseguia imaginar seu Natal longe da família. Sobretudo depois de toda aquela conversa. Sentia-se agora mais próximo do pai e da mãe. Uma parte dele começava até a sentir um pouco de pena de Vítor e um tímido desejo de ajudá-lo. Se o irmão realmente aceitasse fazer um tratamento com uma psicóloga, era sinal de que estava mesmo na pior. Ele, pessoalmente, não acreditava em psicologia, achava que esse negócio de ficar fazendo análise era coisa de gente efeminada.

De tudo aquilo, porém, Vinícius gostara mesmo fora da sugestão da mãe de viajar com os amigos no réveillon. Era uma ótima ideia. Os amigos estavam mesmo planejando uma super festa em Búzios; a namorada ia para Florianópolis. "Por que não?", perguntou-se, sem sequer se lembrar que horas antes havia convocado Chuva para passar o Natal e o Ano Novo na Ilha Grande, e que ela, a essas alturas, esperava apenas seu telefonema para mandar para o espaço toda a sua antiga programação de fim de ano. Vinícius gostava de Chuva, a seu jeito, mas não era tão apaixonado por ela quanto ela por ele.

- Eu vou pensar, está bem? Amanhã te dou uma resposta. Agora eu vou deitar que eu estou exausto - disse, beijando a testa da mãe e repetindo o gesto na bochecha do pai. - Boa-noite para vocês!

Cenyra curvou os lábios num discreto sorriso, enquanto ele se encaminhava para o quarto, sem sequer se dar ao trabalho de retirar a mala da sala.

- Você não existe! - Luís Paulo, sentado na cadeira, puxou-lhe o braço e beijou-lhe a mão demoradamente.

-Agora, nós precisamos é pensar no nosso Natal! - ela abaixou-se, encostando sua cabeça na do marido e enlaçou seus ombros num abraço.

- Meu Deus... - ele respirou fundo, preocupado.

- O que foi meu amor?

- Lembrei-me agora do caso da moça de Florianópolis... Coitada! Sei á que já recebeu a notícia?

- Que moça de Florianópolis? - estranhou Cenyra. -Vamos deitar que lá no quarto eu te conto.

- Mas e esta louça? Não posso deixar tudo as...

Amanhã eu te ajudo prometeu Luís Paulo, já puxando-a pela cintura.

Os dois seguiram abraçados para o quarto, sem imaginar que do canto mais escuro da sala estranhos olhos os observavam assustados.

X

Florence não podia dormir. Por diversas vezes tentara deitar-se, mas não havia meios de fechar os olhos. Era como se houvesse pedras entre suas pálpebras. Virava-se para um lado, para outro, mas não conseguia encontrar uma posição. O corpo negava-se a relaxar. "Que coisa engraçada", matutava consigo. "Durante tantos anos condenara a mãe por seu jeito contido e naquela noite, pela primeira vez em sua vida, sem querer, agira da mesma forma. Era quase como se trouxesse um pedaço dela entranhado no próprio cérebro...".

Com efeito, não derramara uma única lágrima sequer diante de Aline e Rafael. Mostrara-se forte, controlada, inabalável, monossilábica. Não queria que suas palavras gritassem sua dor. Todavia, fizera tanto, mas tanto esforço para manter-se equilibrada na frente dos dois, que acabara por ficar entalada com os próprios sentimentos. Era quase como se tivesse engolido uma galinha viva, que agora bicasse-lhe a goela querendo sair.

O choque fora muito grande. Tão grande que, mesmo depois de fechar-se em seu quarto, ela não se permitia chorar. Tinha medo de afogar-se nas próprias lágrimas. Lembrou-se então de uma cena do filme de que tanto gostava, onde uma personagem explicava na cozinha que "o ruim de chorar quando se pica uma cebola não é o fato de chorai", e sim que, às vezes, não se consegue parar". Era exatamente assim que ela se sentia.

Por que seu pai agira daquela forma? Por quê? Não conseguia parar de perguntar-se. Teria mesmo ele dito tudo aquilo? Ou será que todo aquele pessoal do programa não havia usado simplesmente sua história para preencher um espaço? Teriam de fato se empenhado em ajudá-la? Ou queriam apenas o ibope de seu apelo sentimentalista? Será que as emissoras de televisão eram tão perversas como diziam certos telespectadores? Será que agiam mesmo assim com as pessoas?

Pensava em tantas coisas ao mesmo tempo em que os raciocínios acabavam por se misturar dentro de sua cabeça, e ela só conseguia ficar cada vez mais confusa, sem chegar a nenhuma conclusão. Nem mesmo sobre o que fazer naquele momento. Tinha a sensação de que alguém dera um nó nos neurônios de seu cérebro, bloqueando a livre circulação de suas ideias.

Depois de caminhar até a cozinha pela décima vez e abrir vagamente a geladeira, em busca de algo que não sabia o que era e nem tampouco conseguia encontrar entre as prateleiras repletas de iguarias deliciosas, decidiu sair para caminhar um pouco. "As crianças estão dormindo", pensou, "não vão perceber. Nem vou demorar muito. Apenas urna voltinha para espairecer."

Vestiu o velho jeans e a camiseta de malha amarela com gola alta que descansavam no cabide atrás da porta de seu quarto. Depois, prendeu os cabelos com seu palito de sempre e tingiu rapidamente os lábios com uma leve camada de batom. Não queria sair na rua parecendo uma assombração. Florence era uma pessoa muito transparente e tinha consciência disto. Não era preciso nem olhar-se no espelho para constatar que sua desordem mental estava estampada em seu rosto.

Por força do hábito, empurrou para dentro do bolso apertado a nota de dez reais que deixara sobre a mesinha de cabeceira e seguiu em direção à sala, sentindo aumentar sua urgência de chegar até a rua. Precisava aspirar o ar puro da noite, como se só ao ar livre fosse efetivamente conseguir respirar.

Já estava no alpendre, trancando a porta, quando percebeu que estava descalça. "Onde estou com a cabeça, meu Deus!", pensou consigo. Abriu novamente a porta e deu com os tamancos que Aline deixara na entrada da sala. Por sorte, as duas calçavam o mesmo número. E assim, Florence ganhou a rua em passos firmes, sem a menor noção do quanto estava bonita a despeito de toda a sua dor.

A pracinha em frente estava vazia. "Ali...", ela respirou profundamente, abraçando a si mesma como sê estivesse com frio, "como eu precisava ficar um pouco comigo mesma... Só eu e esta noite estrelada... Só eu e as estrelas..." Respirou fundo mais algumas vezes e seguiu pela rua residencial deserta e arborizada em direção à ponte, pelo mesmo caminho por onde seguira Aline na tarde anterior. Não sentia medo, morava ali há tantos anos... Ou será que sentia? Há tanto tempo não saía sozinha, ainda mais assim tão tarde da noite. Haveria algum perigo? Estava ainda tão confusa que não conseguia responder às próprias indagações. "Melhor não ficar pensando nestas coisas", decidiu.

Não tinha exatamente um desuno. Queria apenas caminhar olhando a lagoa. De noite ficava tudo tão diferente... A lagoa mais parecia uma mulher madura, envolvida em seu manto cor da noite, onde se refletiam as estrelas do céu. Ei a como se nela estivessem escondidos todos os segredos da ilha. De dia, tudo era festa e alegria, a mesma lagoa era quase uma cidade-menina, emoldurada por magnífica paisagem e habitada por barcos a vela, *jet-skis, bananas boats*, lanchas voadoras e baleeiras, enquanto em seus céus brincavam asas deltas e parapentes coloridos.

Florence não se identificava muito com a lagoa diurna, embora lhe apreciasse a beleza. Preferia a lagoa da noite, sóbria e misteriosa. Parou em um pequeno banco de madeira e tirou os tamancos para massagear os pés, que já doíam. Tudo era silêncio, não havia nem mesmo um carro cruzando a rua. Fixou os olhos nos dois balanços de pneu bem adiante e, sem querer, sua mente reviu a imagem do pai empurrando-a em um balanço como aquele, em alguma pracinha do Rio que não saberia localizar. Vestiu novamente os tamancos e levantou de um só impulso. Não queria pensar nisso agora.

Enquanto isso, do outro lado da ponte, um carro também vagueava sem destino. Ao volante estava Maurício Mofieda, o jovem e sóbrio diretor geral de jornalismo da TV Paladium e supervisor do programa "Isto é Incrível". Viúvo e solitário, decidira aproveitar o feriado do Natal para um rápido passeio em Florianópolis.

Não escolhera a cidade por acaso. Havia uma razão especial para estar ali. De alguma maneira, queria sepultar as lembranças dolorosas da esposa Lorraine, que o impediam de ser feliz e até mesmo de relacionar-se com outras pessoas. Ela havia morrido subitamente, aos vinte e quatro anos, e ele não conseguia deixar de culpar-se por causa disso, embora jamais falasse sobre os motivos de seu falecimento.

Florianópolis fora justamente o último lugar onde haviam estado antes do trágico ocorrido, a última lembrança feliz que restara na memória do taciturno diretor.

Inconscientemente, ao revisitar cada canto onde estivera antes com a esposa, tentava resgatar um pouco da energia viva que deixara impressa nos ares daquela ilha para ele tão mágica, quase como se buscasse na memória dos acontecimentos ali vivenciados um último alento para continuar vivo.

Todavia, depois de passar a tarde entre praias e pontos turísticos que visitara no passado com a esposa, sentia-se ainda mais solitário e deprimido. Afinal, embora houvesse revisto na memória cada sorriso que Lorraine dera nestes lugares, e até mesmo seus olhares ciumentos e os apertões que ela lhe dava no braço, sempre que alguma moça bonita cruzava-lhes o caminho, o silêncio de sua não-presença a seu lado despertava-lhe um terrível vazio. Ele agora podia olhar para onde quisesse, porém nada mais lhe interessava a não ser seu próprio trabalho, único elo que ainda o mantinha ligado à vida.

Lembrou-se então de uma praia que lhe havia sido recomendada por uma repórter da emissora como ura dos lugares mais lindos da ilha e resolveu ir até lá. Era um dos poucos locais turísticos de Florianópolis onde não havia estado com Lorraine, talvez fosse bom conhecer. Sentia-se de uma tal maneira impregnado com as lembranças da esposa e com a dor que estas lhe suscitavam que parecia até que seu coração ia falir a qualquer momento, sufocado de tanta saudade. Estacionou às margens da lagoa e tentou localizar-se no mapa que trazia dentro do porta-luvas.

Florence já havia caminhado mais de meia hora e sentia sede. Apesar da brisa leve que vinha da água, estava uma noite quente. Pensou em tomar um suco de frutas no simpático barzinho que havia logo adiante, próximo à ponte. Contudo, como estivesse fechado, decidiu seguir pela ruazinha estreita costeando as águas, em direção ao centro. A boca salivava de vontade de tomar um suco de abacaxi.

Chegando ao Portinho próximo à ponte de Pedra, lembrou-se dos restaurantes da Avenida das Rendeiras, mas logo desistiu da ideia, sem coragem de cruzar a casa de dona Preciosa, onde o corpo de seu Gentil ainda estava sendo velado. Não tinha condições de encará-los agora.

Culpada por esta decisão atravessou rapidamente para a ponte, fugindo do olhar de algum possível conhecido. Sentiu então recrudescer novamente toda a sua angústia, esqueceu-se até do suco de abacaxi que tanto desejara momentos antes. O que queria, na verdade, era fugir de si própria, não pensar em nada até que as suas ideias voltassem para o lugar. Seus pés, porém, já começavam a doer outra vez. "Maldita a hora em que resolvi vestir este sapato de Aline!", praguejou.

Em poucos instantes, chegava ao outro lado da lagoa, emoldurado pelas luzes e barulhos dos bares ali perto. Já passava da meia-noite, mas o local fervilhava. Parecia até uma outra cidade. De longe, ouviam-se as gargalhadas, o característico bater de copos e garrafas, o eco de chapinhas pulando na calçada sob os letreiros coloridos e convidativos. Florianópolis estava lotada e parecia que toda a população de moradores e visitantes estava agora ali reunida naquelas mesinhas.

Mas Florence não se sentia parte desta alegria viva e despudorada que se espalhava em torno da lagoa, bar após bar, em brindes e beijos que antecipavam a chegada do Natal. Queria estar sozinha, esquecer que era Natal, se possível enterrar-se na areia até que aquela dor passasse.

“É isso, preciso pisar na areia", pensou, enquanto cruzava rapidamente a estreita calçada em frente aos bares. "Mas as praias ficam tão distantes daqui, como é que eu faço para chegar até lá?"

- Olê, olê! Gritou uma voz de homem de uma das mesas, tentando chamar sua atenção - Pra que tanta pressa, morena?

- Ah, me puxa, me puxa, vai! - provocou o outro rapaz que estava na mesma mesa. (17)

Florence, agoniada, respirou fundo e apertou mais o passo.

- Vai ver que o urubu tá cum raiva do boi! (18) - ela ainda pôde ouvir ao longe, sem conseguir evitar o sorriso.

Sem querer, lembrou-se de Ornar, o ex-marido, e sacudiu a cabeça como quem acaba de provar algo muito amargo. Um mulherengo, isso sim que ele era. Provavelmente, deveria estar agora em algum bar, cantando alguma pobre desavisada. Quanta decepção... Como pudera se enganar tanto com uma pessoa?, questionava-se em seu rápido caminhar sem direção definida. Por que, afinal, ela vivia se enganando com as pessoas? Súbito, um carro parou a seu lado. Era um moderno Renault azul-metálico.

-Você sabe dizer como é que eu faço para chegar na praia Mole? -perguntou o motorista, com sotaque carioca. Era Maurício.

17- Me leva junto, me carrega.

18- Expressão utilizada para dizer que a mulher está brigada com o marido.

- Estou indo para lá. Será que tu me darias uma carona? - Florence respondeu de um ímpeto, já entrando no carro.

O vidro elétrico se fechou como num passe de mágica e ela se sentiu envolver pelo frio do ar condicionado ligado. Só então se deu conta da loucura que talvez estivesse fazendo. Era comum as pessoas pegarem carona em Florianópolis, contudo, àquela hora da noite, não estaria se arriscando em entrar no carro de um estranho, ainda por cima sendo alguém de uma outra cidade?

- E agora? Eu subo por esta ponte? - perguntou o motorista, interrompendo lhe o fluxo desesperado de pensamentos.

- Isto! Depois é só seguires reto toda a vida. Vais atravessar a avenida das Rendeiras e começar a subir o morro da Lagoa, até encontrares uma bifurcação - Florence explicou.

"Meu Deus, vou passar de novo na porta de dona Preciosa...", pensou consigo, angustiada. "E se eu pedisse para descer por lá, não seria melhor?" Alguma coisa dentro dela, porém, parecia assegurar-lhe que não havia o menor perigo. De mais a mais, ela queria tanto chegar até a praia Mole, não teria sido uma bênção de Deus aquela carona inesperada? Não, ela não queria descer, não queria ir para o velório, queria apenas caminhar nas areias quentes da praia Mole. Nada de mal iria lhe acontecer, tentava, a todo custo, garantir a si própria, sem coragem de olhar para o motorista.

Fechou os olhos e procurou concentrar-se na música que tocava. Era uma espécie de ópera melodiosa, quase um bolero italiano. Falava sobre um mágico encontro, mas ela não conseguia compreender muito bem o que dizia exatamente a letra. *Aria e memória* talvez fosse o refrão. Pelo menos, fora isto o que ela conseguira identificar. O que significaria?

- Que música bonita... - ela comentou, tentando parecer natural.

- Também gosto muito - ele respondeu atento ao caminho. - Esta, aliás, é minha faixa favorita.

- E corno se chama o cantor? - quis saber Florence.

- Alessandro Safina. Nesta canção, ele é acompanhado pelo coro da Academia Romana e... Nossa, que restaurante bonito! - ele observou ao cruzar o famoso Amendoeira, já na metade da avenida das Rendeiras. -E novo?

- Que novo que nada! Minha mãe trabalhou muitos anos aqui - contou Florence, ainda envolvida pela música.

- Na verdade não conhecia esta parte da ilha... Da outra vez em que estive aqui, fiquei mais ao sul... Você nasceu aqui mesmo? - ele quis saber.

- Sim, sou manezinha... - ela respondeu tímida e atenta.

- Manezinha? - ele sorriu, estranhando.

- Todos os que nasceram na ilha são manes, manezinhos como a gente diz por aqui. Antigamente, não era todo mundo que gostava de ser chamado assim. Soava meio pejorativo, não sabes? Mas, depois que o Guga saiu pelo mundo se apresentando como mane, o pessoal passou a ter orgulho de ser chamado desse jeito - explicou Florence.

- E mesmo, o Gustavo Kuerten c daqui... - lembrou o motorista, sempre com os olhos fixos na estrada.

- Não só ele, como também o nadador Fernando Scherer, o Xuxa, o surfista Teco Padaratz, que também é músico... - enumerou ela. - O pessoal aqui tem idolatria por estes desportistas! Afinal, eles divulgaram muito o nome da nossa cidade... Agora, depois desta curva, se seguires adiante, sairás na praia da Joaquina... Diminua um pouquinho que logo vais ter de cambar à esquerda...

- Cambar? - estranhou ele.

- É, cambar, virar! - explicou ela.

Quando finalmente estacionaram no alto da praia, Florence sentiu seus olhos se encherem de lágrimas. Tinha uma coisa com aquela praia que não saberia definir para ninguém, o rapaz fez menção de tomar uma água de coco em um pequeno quiosque que permanecia aberto, apesar do adiantado da hora.

- Você não me faz companhia? - perguntou gentil.

Só então ele olhou para ela de frente e percebeu o quanto era bonita. Mais do que isso, ela tinha algo de familiar, aqueles olhos... Ele conhecia aqueles olhos, mas de onde? Se ela ao menos o deixasse olhá-la por mais alguns instantes...

- Não, obrigada... - ela respondeu, tirando os tamancos, com os olhos fixos nas ondas que estouravam na areia lá em baixo. - Nem sei como agradecer pela carona...

- Espere! Você não quer carona também para voltar? - ele perguntou, tentando ganhar tempo.

Mas Florence não respondeu, parecia hipnotizada pelo barulho do mar, inteiramente tragada pela emoção de pisar naquelas areias quentes e moles. O movimento das ondas parecia encobrir todos os sons internos e externos; apenas o murmurar do vento por entre as folhas das árvores se fazia ouvir em meio ao estrondo das águas.

Ventava muito. Florence estancou a poucos metros do mar e se deixou banhar pela língua de água quente que logo envolveu seus pés em pequena poça, enquanto a franja comprida que lhe escapara do coque dançava diante de seus olhos. Soltou os cabelos e deixou que o vento os afagasse, em deliciosa sensação de liberdade.

Desde menina, aquela que agora era conhecida como a praia da moda e da 'azaração', freqüentada por modelos, surfistas e todo o tipo de gente bonita, sempre fora sua preferida. Mas não era nem a agitação, nem a exposição de corpos esculturais que a atraíam habitualmente para lá. Gostava mesmo era de postar-se na beira da água da 'sua praia', com os dois pés enterrados na areia, exatamente como estava agora, e ficar ouvindo o quebrar das ondas que, em noites de lua crescente como aquela, pareciam ainda mais verdes, enormes e espumantes.

Ficou algum tempo ali, longe dos quiosques e do pequeno movimento no alto da praia, só ouvindo o barulho das águas batendo sobre a areia. Aos poucos, começou a rememorar cada etapa de sua busca infrutífera.

"Nem sei como te dizer, mas seu pai foi encontrado...", informava, em seu retrospecto mental, a voz da secretária da TV Paladium. "Só que... infelizmente, ele não quer ver você..." "Como assim ele não quer me ver?", Florence replicou de imediato. "Querida, sei que deve ser muito difícil para você ouvir isso, e você pode ter certeza de que também para mim é horrível a tarefa de transmitir-lhe estas informações", tentava desculpar-se a secretária. "Mas o que foi exatamente que ele disse?", insistiu Florence. "Bem", prosseguiu a moça após titubear por alguns instantes, "segundo me consta, seu pai formou outra família nesses anos todos em que ficaram separados e agora não quer misturar as estações... Parece que tem medo da reação da esposa, dos filhos; provavelmente eles não sabem que você existe e... Ei, você está me ouvindo?"

Florence estancou suas lembranças no mesmo ponto em que havia desligado o telefone. Lágrimas quentes começavam a cair de seus olhos, confundindo-se com os pingos salgados e frios que o mar salpicava em seu rosto a cada novo estouro. Então seu pai tinha outra família, tinha até outros filhos... Ela não significava nada para ele. Desaparecera de sua vida como um rastro de água sobre a areia molhada. Todo o seu passado explodira como uma onda. Ela simplesmente não existia mais para o pai. Seria possível isso? Seria verdade?

Quase como uma autômata, Florence começou a caminhar lentamente em direção às águas. Era perigoso, pois ondas gigantescas começavam a estourar cada vez mais forte, mais alguns passos e ela seria engolida por aquele turbilhão. E, no entanto, ela parecia nem se dar conta disso, como se sua visão estivesse turvada pelas lágrimas que escorriam de seus olhos sem parar. Só se deu conta do perigo que corria quando braços fortes a enlaçaram pela cintura:

- Cuidado! - disse a voz de homem, já puxando-a rapidamente para mais próximo da margem.

Menos de um segundo depois, a enorme onda estourava e quase o levava junto com ela no repuxo das águas. Maurício, porém, foi mais forte e sem por um instante largar sua cintura, conseguiu conduzi-la de volta à areia sã e salva.

- Que susto você me deu! - ele disse, finalmente depositando-a no chão, exausto e muito molhado.

Só então ela o reconheceu.

- Eu... - abaixou a cabeça envergonhada, sem saber como continuar. Florence não imaginava, mas há tempos ele a observava, entre atraído e curioso. Quase sem querer a havia seguido em seu caminho pela areia, movido por um impulso que não sabia de onde vinha, tendo parado atrás dela a uma distância de poucos metros, de onde, tal como um anjo da guarda, acompanhara cada um de seus gestos. Se não a enlaçasse naquele exato instante, ela certamente teria se afogado.

- Se imaginasse que estava pensando em fazer isso, jamais teria te dado carona! - ele disse, bravo, juntando os sapatos que jogara na areia na corrida para salvá-la. - Se bobeasse, ainda era capaz de ter de responder a um processo por sua culpa. Era só alguém testemunhar que me viu chegando na praia com você e...

Ao vê-la sentada no chão, sacudindo-se em pranto, porém, comoveu se e novamente aproximou-se.

Não fique assim... Será que não há nada que eu possa fazer para ajudá-la?

Ela fez um movimento negativo com a cabeça, esforçando-se ao máximo para conter o choro.

- Eu não falei por mal, apenas fiquei nervoso porque... - ele tentou justificar.

- Está tudo bem - ela respondeu, engolindo um soluço.

-Você estava chorando de uma maneira tão sentida ... - ele abaixou-se a seu lado, limpando com delicadeza as lágrimas que ainda brilhavam em sua face. - Será que não há nada que eu possa fazer para ajudá-la? - repetiu.

Um forte e másculo perfume exalou de seus dedos, no momento em que ele tocou nas lágrimas de Florence. Como que despertada por aquela fragrância, só então ela reparou que ele tinha os traços do ator que interpretara o papel de herói no filme Como Agua Para Chocolate, de que ela tanto gostava. Os cabelos negros e lisos jogados para trás, os olhos levemente puxados... era um homem muito atraente.

"Como era mesmo o nome daquele ator?", tentava recordar. Eles eram tão parecidos... Não, não era possível. Não era ele. Mesmo porque, o tal ator era mexicano. Ou não? De qualquer forma, brasileiro não era.

Maurício, por sua vez, também a olhava estupefato. Assim de cabelos soltos, os olhos molhados fazendo parecerem maiores os cílios, não, não era possível... Aquela moça era muito parecida com Lorraine, por isso lhe parecera tão familiar no alto da praia. Os olhos! As duas tinham os mesmos olhos! Não fosse pelo sotaque tão carregado, ele diria que... Não. Ele sabia que isto era impossível.

"Marco Leonardi, era este o nome", Florence lembrou-se de um estalo. Tinha quase certeza. Nunca mais o vira em nenhum filme, todavia jamais esquecera seus olhos expressivos. "Nossa Senhora do Desterro... Será que estou sonhando? Como alguém poderia ter olhos exatamente iguais aos de outra pessoa? Seria um efeito da lua?", questionava-se, intrigada, sem imaginar que ele se fazia a mesma pergunta. E como não reparara em nada disso durante todo o trajeto do centro até ali? Seria ele mesmo o rapaz da carona? A voz, porém, não deixava qualquer dúvida. Ainda mais aquele sotaque... Devia ter pouco mais de quarenta anos, uns quarenta e quatro talvez. Usava uma camisa polo listrada, de grife, e calças jeans escuras, de aspecto seminovo.

E estava inteiramente encharcado por causa dela. "Meu Deus, que vergonha...", ela escondeu o rosto entre as mãos.

- Você está sentindo alguma coisa? - ele perguntou preocupado.

- Tu deves estar achando que sou uma louca, não é mesmo? - ela perguntou, sem levantar o rosto.

Ele acarinhou, terno e trêmulo, seus cabelos molhados antes de responder. Era quase como se tocasse nos cabelos da esposa morta.

- Não, não acho que você seja louca... Mas, com certeza, deve estar passando por algum momento difícil na sua vida... Me deixe ajudá-la...

- Está tudo bem... - ela garantiu, recompondo-se. - Olhe, se quiseres, podes ir. Eu já te dei muito trabalho, não quero tomar mais seu tem...

- Não diga bobagens - ele tampou seus lábios levemente com a ponta dos dedos.

Sentia uma vontade incrível de beijá-la, mas sabia que não podia fazer isso. Florence, por sua vez, ao inspirar novamente aquele perfume, também sentiu um arrepio, um estranho desejo de ser beijada. Mas apenas olhou para ele assustada.

-Você pode não acreditar, mas eu posso imaginar exatamente como está se sentindo... - ele atirou de novo na areia as sapatilhas de couro e apoiou uma das mãos no chão, preparando-se para sentar. - Posso?

Ela fez um movimento afirmativo com a cabeça. Seu íntimo, no entanto, gritava: "Meu Deus, Florence, tu enlouqueceste? Nem sabes quem é esse homem, como podes deixar que se sente a seu lado assim sem mais nem menos, só porque se parece com o Marco Leonardi?" "Não, não é por causa disso", ela mesma se respondeu. "Este homem salvou a minha vida, não pode me fazer mal". "Mas esta praia está tão deserta", protestava o outro lado de sua personalidade, "ele pode muito bem se aproveitar da situação e..."

- Não se preocupe. Não vou fazer nada com você. - ele afirmou, como se lesse seus pensamentos. - Só me sentei aqui porque achei que talvez estivesse precisando de alguém para conversar... Sabe, eu também já chorei muito diante do mar... - confessou, com certa melancolia na voz. - E até tentei afogar toda a minha dor no meio das águas, do mesmo jeito que... - ele procurava as palavras para não magoá-la.

- Falas sério? - ela sorriu, surpresa.

Não estivesse tão atormentada com seus problemas, podia se apaixonar por ele só de ouvi-lo dizer estas coisas. Era tão difícil um homem chorar, mais difícil ainda um homem confessar que chorou muitas vezes, e ainda por cima identificar-se com a sua situação. Florence admirava homens sensíveis, embora não mais acreditasse que eles existissem fora das telas do cinema.

- E quem te salvou? Quer dizer... - por razões óbvias, o assunto a constrangia.

- Um pescador. Mas tudo isso já faz muito tempo... Você queria mesmo morrer? - a imagem de Florence entrando na água ainda se repetia cm sua mente.

- Se eu dissesse pra ti que não tinha pensado nisso, tu acreditarias? Eu não queria morrer, não vim aqui para me matar. Apenas tive vontade de entrar ai na água, como que para limpar a dor que eu estava sentindo, entendes

- Sim, entendo. Como te disse, eu também já senti uma dor como essa - ele reiterou pensativo.

"Como podiam ser tão parecidas?", ele não conseguia parar de perguntar-se. Florence esboçou um sorriso curto com um mexer de ombros. Havia um quê de despeito, de ironia em sua voz quando ela observou:

- E engraçado pensar que um homem também possa sentir estas coisas...

- Por quê? Você também não acredita que os homens sintam dor? -ele perguntou, com os olhos perdidos no infinito do mar. "Com toda certeza tudo não passava de uma ideia fixa, de uma brincadeira de sua imaginação", pensava consigo.

Imediatamente Florence lembrou-se do pai e respondeu ressentida:

- Queres saber? Não acredito nem que um homem seja capaz de amar.

-Você pensa isto mesmo? - desta vez foi ele quem olhou para ela incrédulo. - E quem foi que te fez pensar assim? Algum namorado?

- Tu já tiveste, por acaso, algum grande sonho, alguma coisa que desejasses muito, muito mesmo na tua vida? - ela desconversou, voltando o foco para os próprios sentimentos.

-Já - ele respondeu monossilábico.

- Pois é. Eu estou assim por causa de um sonho. Um sonho que me foi negado realizar... - ela aspirou profundamente à brisa do mar.

- E ao menos era um sonho possível de ser realizado? - perguntou ele. -Sim. Possível era, só que... Escute, tu acreditas mesmo que esses programas de televisão se empenhem de verdade para ajudar uma pessoa?

- Como assim? - ele reagiu ressabiado.

- Tu nunca viste esses programas onde eles mostram uma pessoa procurando por uma outra pessoa?

- Você quer saber se a equipe do programa realmente ajuda nessa procura? E claro que sim! E vantagem para o programa promover o reencontro. É isso o que os telespectadores desejam ver!

- Estás falando de ibope?

- E óbvio! Sem ibope, um programa não fica no ar! Você não tem ideia da quantidade de coisas em que isto implica. Mas... Por que você está me perguntando isso? Já esteve, por acaso, procurando alguém em algum programa de televisão?

Ele parecia entender muito do assunto, mas, por alguma razão que Florence desconhecia, o tema havia alterado o tom de sua voz, que então se tornara mais incisiva, quase defensiva.

- Não... - ela desconversou, sentindo-se inferiorizada por aquela indagação. - Foi só uma coisa que me passou pela cabeça...

Obviamente, não iria contar a mais um estranho toda a sua dolorosa história. Não queria que ninguém mais soubesse de seu segredo. De mais a mais, ele parecia tão rico, tão distinto, com toda certeza deveria achar ridículas essas pessoas que aparecem na televisão fazendo apelos. Aliás, não queria nem que soubesse seu nome. Se ele perguntasse, inventaria qualquer mentira.

Os dois ficaram alguns minutos olhando o mar em silêncio, como se cada qual houvesse sido tragado pelos próprios pensamentos.

-Você se arrepende de ter desejado ou de ter lutado para realizar o seu desejo? - ele readquiriu seu tom sensato, quase meigo.

-As duas coisas... a verdade é que eu me decepcionei muito... Alguma vez tu já te decepcionaste profundamente com uma pessoa? - ela quis saber.

Ele demorou mais alguns instantes para responder.

- Eu me decepcionei com Deus - disse melancólico.

- Como assim? Tu não acreditas mais em Deus? - ela estava surpresa.

- Não sei. Olhando para esse mar imenso, é difícil dizer que não acredito mais em Deus. Eu sei que Ele existe, eu vejo que Ele existe, mas o meu coração não consegue confiar n'Ele como as pessoas confiam, será que você pode compreender o que estou dizendo?

- Mais ou menos - respondeu Florence, reflexiva. - Mas o que foi que fez com que perdesses a confiança em Deus desta forma?

- Ele me tirou o que eu tinha de mais raro, de mais precioso em minha vida...

- E o que foi que Ele te tirou?

- Minha esposa...

- Puxa... - Florence não sabia o que dizer.

Uma onda estourou pesadamente na areia. Ela estava pasma. Como um homem poderia amar tanto uma mulher a ponto de brigar com Deus por causa dela? Como ela gostaria de um dia ser amada assim... Mas já havia se convencido de que o amor não era para ela. A desilusão com Ornar fora tão grande, tão imensa, que ela imaginava que jamais conseguiria amar de novo um homem. Nem mesmo se ele fosse a cara do Marco Leonardi. Era como se sua capacidade de amar houvesse fenecido junto com seu casamento fracassado.

Estranhamente, porém, pela primeira vez, desde que se separara de Ornar, ela sentia uma ternura diferente dentro de si, enquanto conversava com aquele estranho. Agora mesmo, ouvindo-o falar da esposa de maneira a tão poética, sentia uma vontade tão grande de abraçá-lo... Ele parecia uma pessoa tão especial, ao mesmo tempo tão forte e tão frágil “Você só pode estar ficando maluca, Florence", reprimiu-se novamente "É claro, é óbvio que este homem jamais vai amar outra mulher!”

- Já faz muito tempo que... - ela ensaiou, procurando as palavras.

- Dezoito anos Acho melhor nos apressarmos, pois a maré está subindo e, logo, logo vamos estai dentro da água de novo se permanecermos aqui - ele respondeu, levantando-se e estendendo a mão para que ela também pudesse se erguer. Parecia não querer falar mais sobre aquele assunto.

- E nunca mais você... - ela ainda tentou perguntar, enquanto se punha de pé.

Neste momento, porém, os corpos dos dois quase se encontraram e novamente algo de estranho aconteceu. Era como se uma mágica energia os envolvesse. Ficaram tão perto, que por pouco não se beijaram.

- Sabe que você é muito bonita? - ele disse, olhando-a no fundo dos olhos. - Tão bonita que... - ele aproximou os lábios para beijá-la.

- Eu preciso ir - ela desconversou, limpando a areia grudada em sua calça molhada. - Se meus filhos acordam e não me encontram em casa eu nem sei o que...

-Você tem filhos? - ele não conseguiu disfarçar seu desapontamento.

- Eu tenho dois - ela sorriu, antes de estalar-lhe um leve beijo na bochecha - Obrigada por tudo, foi muito legal te conhecer!

Surpreso com seu gesto espontâneo, ele ficou meio sem ação. Estava confuso com os próprios sentimentos, desde a morte da esposa, jamais olhara para alguém daquela forma. As duas eram realmente muito parecidas e este fato parecia envolvê-la numa aura mágica diante dos olhos dele. Mas tantos anos havia passado na mais absoluta solidão que nem sabia mais como agir diante de uma mulher.

- Espere! - ela já estava vários passos na frente, quando ele finalmente gritou. - Eu vou levar você em casa - disse ao alcançá-la.

- De jeito nenhum. Eu posso muito bem ir andando e...

- A essa hora da noite? Do ponto em que eu peguei você até aqui são mais de dez quilômetros!

- E verdade... - ela admitiu, desanimada. - Só não queria te dar mais esse trabalho...

- Eu faço questão - ele segurou-a pela mão.

Os dois seguiram em silêncio, de mãos dadas, até o alto da praia. Não era exatamente um gesto de duas pessoas apaixonadas. Embora sentissem algo quente e inabitual pulsando dentro do peito, viam-se muito mais como náufragos, cansados, amparando-se mutuamente em seu trajeto de volta à vida.

- Você ainda não me disse o seu nome - ele observou, enquanto abria a porta para que ela entrasse no carro.

-Aline... Meu nome é Aline - foi o primeiro nome que lhe veio a cabeça.

- O meu é Maurício - ele disse ao entrar no carro. - Maurício Mofieda.

Conversaram sobre as atrações turísticas da ilha durante todo o trajeto de volta. Mofieda mostrou-se fascinado ao ser informado, já no quarteirão de Florence, da existência na região de um viveiro de plantas nativas, onde podiam ser apreciadas inúmeras variedades de orquídeas e bromélias da mata Atlântica. Era um orquidófilo, possuía mais de trinta espécies na varanda de seu apartamento no Rio.

- E ainda por cima cultivas orquídeas! E inacreditável! - ela não pôde deixar de comentar. - Devagar! E bem ali que eu moro - disse apontando para a casinha branca de janelas azuis.

-Você bem que poderia me acompanhar neste passeio - ele sugeriu ao parar o carro, ao mesmo tempo em que fixava na memória o número da casa.

- Infelizmente não vai dar. Amanhã terei um dia cheio, de manhã tenho de ir a um velório, na hora do almoço chegam visitas e... - ela tentou justificar.

- Será que não vai sobrar nem um tempinho? A gente podia se encontrar pelo menos para tomar um suco naquele barzinho próximo à ponte, por onde acabamos de passar. Queria só ter a certeza de que você está bem...

"Ele não podia perdê-la", era tudo em que conseguia pensar. Florence, por sua vez, sentia alguma coisa queimar dentro de si. Quanta consideração! Será que ele estava realmente preocupado com ela? Enterneceu-se. Também queria muito vê-lo de novo, mas ao mesmo tempo tinha medo. Será que deveria? Lembrou-se então dos meninos dormindo e apressou-se.

- No fim da tarde, pode ser? - disse em um rompante de coragem, já abrindo a porta do carro.

- Fechado! - ele abriu um largo sorriso.

- Então as cinco, no barzinho - ela confirmou, saindo do carro. -Agora, realmente preciso ir.

- Até lá!

Antes de trancar o portão, Florence ainda pôde vê-lo sorrindo ao volante, arrancando com o carro em direção à ponte. Parecia realmente que já o conhecia há muito, muito tempo. Só então lembrou-se de que não haviam sequer trocado os telefones.

XI

Naquela noite, depois que todas as luzes se apagaram no apartamento de Cenyra e Luís Paulo, eles continuaram na sala, por muitas e muitas horas, agachados, quietinhos, escondidos como duas crianças amedrontadas. Um no canto, encaixado em uma fresta entre a parede e o armário de louças, outro debaixo da mesa.

-Acho que eles já foram! - sussurrou baixinho o que estava debaixo da mesa, girando a cabeça titubeante para verificar se não havia mesmo mais ninguém na sala.

- Ufa! Pensei que nunca mais ia poder sair desta posição! - respondeu o outro, alongando-se. - Falando nisso, nem nos apresentamos! Meu nome é Fajardo, e o seu?

Era um rapaz comprido e magro, com a estatura de um adolescente. Usava apenas uma calça, amarrada à cintura por uma corda, trazendo o peito nu e os pés descalços, fazendo lembrar um lutador de capoeira.

- Psst! - fez o outro, pedindo silêncio, sem sair ainda do esconderijo. -Talvez ainda estejam aqui!

- Mas você não disse que eles tinham ido embora? - questionou Fajardo, contrariado, voltando a ficar de pé no pequeno espaço que havia entre o armário e a parede.

- Eu disse que achava que eles já tinham ido - explicou o que estava debaixo da mesa, ainda sussurrando. - Mas sinto ainda alguma coisa estranha no ar!

Permaneceram mais alguns minutos em silêncio, até que, acreditando que não havia realmente mais nenhum perigo, o que estava debaixo da mesa passou por debaixo de uma cadeira e pôs-se finalmente de pé.

- Chamo-me Oto - apresentou-se.

Era um ser estranho. O corpo era de um menino de cerca de cinco anos de idade, os braços, porém, eram longos e cabeludos como o de um homem comum, o que causava um sério desequilíbrio em sua postura, fazendo-o andar como um macaco, arrastando no chão o dorso das mãos. O rosto também não era de criança, mas de um rapaz barbado. Todavia, o que mais chamava a atenção em todo o conjunto, mais ainda do que sua estranha postura e o completo desacordo entre as idades de seu corpo e rosto, eram seus olhos. De tão esbugalhados, chegavam a curvar-se para fora das órbitas, quase num círculo completo, revestido por fina tessitura de nervos vermelhos. Eram olhos enormes e inquietos, o tempo todo a movimentarem-se de uma ponta à outra do glóbulo, como a espera de um golpe inesperado e fatal.

- Quer saber, maninho? - disse o que estava no canto do armário, saindo novamente de seu esconderijo, sem encará-lo - Foi um prazer te conhecer, mas eu tô caindo fora! Entrei nessa roubada por acaso, só estava querendo me divertir quando acompanhei o Vinícius do bar até em casa e... - ele viu os pratos empilhados e o pote de biscoitos abertos e desarvorou-se até a mesa - Humm...

Ele aspirou profundamente o odor dos pratos empilhados:

- ... doce!... - decodificou, extasiado.

Em seguida, debruçou-se com voracidade sobre o vidro contendo biscoitos, parecia querer enfiar a cabeça inteira lá dentro, e voltou a inspirar com toda a sua força:

- Adoro biscoitinhos... - comentou, frustrado, depois de repetir o gesto inúmeras vezes, sempre observado por Oto.

- Você vem sempre aqui? - perguntou o barbudo, mexendo os olhos em velocidade fora do comum, como se fosse um radar, varrendo a casa em todas as direções.

- Vim algumas vezes - respondeu Fajardo, vasculhando o armário através do vidro. - Estou acostumado a encontrar com o Vinícius nos treinos de capoeira, gosto daquele jeito dele de criar confusão com as pessoas. Quando eu ainda podia ser notado entre os vivos, eu era desse jeito. Estava sempre batendo em todo mundo. Escreveu, não leu, o pau comeu! - ele soltou uma risada nervosa e ritmada que mais parecia um soluço — Aha, aha, aha!

- Sei... Então quer dizer que você anda com ele por afinidade... -deduziu Oto.

- Podes crer! E isso aí! Gosto das pessoas que são como eu - explicou Fajardo, sem tirar os olhos do pacotinho fechado que descobrira dentro do armário. - Só não esperava que fosse encontrar por aqui aquele exército dos... - ele girou a cabeça para os lados, certificando-se de que não havia mesmo mais ninguém na sala - você sabe. Já tinha ouvido falar sobre eles muitas vezes, mas nunca tinha encontrado assim Cara a cara com nenhum... - só então percebeu Oto por inteiro. - Caramba! Você é muito esquisito! Como foi que ficou assim?

Oto olhou para o chão acanhado, não gostava que comentassem sobre sua aparência. Não tinha propriamente consciência de sua imagem, posto que nunca tivera a oportunidade de ver-se diante de um espelho, mas tinha noção de sua monstruosidade. Jamais comentava, porém, sobre a razão por que se transformara naquela aberração.

- Você ficou com medo? - tentou desconversar.

- De você ou daqueles... você sabe quem? - tornou Fajardo, tentando disfarçar sem assombro.

- Deles, é claro! - exclamou Oto, como se falasse do óbvio.

- E você não ficou? Achei que eles fossem me capturar de qualquer jeito!... - ele fez uma pausa e continuou encarando Oto de cima a baixo. Nunca tinha visto ninguém assim. - Engraçado é que eles nem notaram que a gente tava aqui! - ainda comentou.

- Eu, se fosse você, não teria tanta certeza... - observou Oto reticente. Fajardo não gostou:

- Hi! Qual é a tua? Tá a fim de me zoar? Quer saber? Fui! - e, dizendo isso, ele cortou a sala como um raio e desapareceu.

-*Tsc,* mais um covarde... - resmungou Oto, estalando a língua num muxoxo descontente.

Em seu andar arrastado, ele vasculhou mais uma vez toda a sala com seu olhar nervoso, deu um passo para trás ao deparar-se com o livro que Cenyra deixara sobre o sofá, como se a publicação oferecesse algum tipo de perigo. Caminhou mais alguns passos para trás e fez uma careta ao sentir-se atravessar por uma poltrona que atropelara sem querer. Sentou-se então sobre a mesa e ficou olhando o livro de longe, com ar pensativo e desconfiado.

Aquela era a prova de que os espíritos do bem haviam estado naquela casa. Oto sabia que eles sempre vinham quando as pessoas faziam uso de livros como aquele com o intuito sincero de receber auxílio. E Cenyra, sob este aspecto, era uma mulher perigosa, pois parecia sempre sintonizada com os seres luminosos.

Não tinha medo dos espíritos de luz, ele próprio um dia já havia sonhado ser um deles. Mas, desde que fugira da Colônia Renascer, onde vivia com dezenas, centenas de seres de formas tão esdrúxulas quanto as suas, tudo isto ficara muito longe. Por hora, temia apenas que os mentores da tal colônia o reencontrassem. Não queria mais voltar para lá, não acreditava mais naquelas conversas sobre redenção e regeneração.

E pensar que por tão pouco ele não estava vivendo entre os seres a quem agora se comprazia em perturbar. Estava tudo planejado para que reencarnasse em uma família muito próxima àquela; deveria crescer junto com Vítor e aproveitar todas as oportunidades para transformar em amizade o ódio que há séculos os unia.

Mas então aconteceu aquilo. Um acontecimento tão traumático que Oto não gostava nem de se lembrar. Somente os espíritos de luz haviam acompanhado o seu desespero, somente eles tinham noção do quanto havia sofrido naquela fracassada tentativa de regeneração. Somente eles e Odilie, o espírito programado para ser sua irmã gêmea naquela malfadada experiência. Ao fim do massacre, eles recolheram o que havia restado dele e de Odilie e os conduziram, ainda inertes, para as dependências hospitalares da Colônia Renascer.

Não sabia dizer quanto tempo se passara desde o triste ocorrido. Desde aquele dia, no entanto, nunca mais conseguiu voltar a sentir aquela vontade de ser bom que o impelira à frustrada tentativa de regresso à Terra. Nem mesmo a doçura e o otimismo de Odilie puderam mais contagiá-lo (como ela conseguia? Perguntava-se sempre), nem mesmo os cuidados dos mentores daquela colônia tiveram como cativá-lo desta vez. Ao contrário, o traumático acontecimento acabou por fazer recrudescer todo o seu ódio pelos desafetos do passado, secando cada gota do pouco de generosidade que tão arduamente conseguira cultivar em sua alma amargurada.

Durante meses, talvez anos, não sabia ao certo, permaneceu trancado em sua revolta, até o dia em que a colônia foi sacudida por uma rebelião de espíritos em sua mesma situação, dispostos a vingarem-se do homem que tão cruelmente podara os sonhos e esperanças de todo o bando. Oto juntou-se a eles e fugiu, sequer disse adeus a Odilie antes de partir. Este talvez fosse seu único arrependimento.

O mais curioso fora que, ao instalar-se com os companheiros no apartamento do encarnado a quem perseguiam, acabara por reencontrar Vítor, possivelmente o maior de todos os seus desafetos, a quem odiava até mais do que ao desprezível exterminador de almas que o movera até lá. Afinal, Vítor, que morava justamente no apartamento debaixo, o havia mutilado não apenas urna, mas muitas vezes. Por isso, desde que topara tom ele e o reconhecera por seus traços de caráter, Oto deixara definitivamente de acreditar que as pessoas pudessem mudar através de suas várias encarnações, passando então a obsediar permanentemente o rapaz com a conivência e a colaboração de todos os companheiros "do andar de cima".

De vez em quando, porém, como acontecia naquela silenciosa madrugada, lembrava-se dos espíritos benévolos que o haviam assistido no planejamento e nos preparativos para a reencarnação que não acontecera. Não queria pensar nestas coisas, mas era mais forte do que ele; não podia evitar, por mais que relutasse. Era como se Pablo e Têmis, seus mentores naquela experiência, houvessem ficado gravados em seu ser como uma espécie de consciência, incansável e insistente. O que diriam Pablo e Têmis se o vissem agora?, não pôde deixar de perguntar-se.

- Diríamos que, não importa o que você faça, as leis aprendidas permanecerão sempre gravadas dentro de você, mostrando-lhe o caminho certo a seguir - ecoou na sala sonora voz feminina, cujas palavras se espalhavam como flechas de luz por todo o ambiente.

-Têmis? - Oto a reconheceu de imediato, embora não pudesse enxergá-la. - E você quem está aí?

Ela era um dos espíritos que haviam participado da caravana que há horas havia auxiliado a família de encarnados com seus bons fluidos, tendo permanecido na casa desde então, embora Fajardo e Oto, por seu baixo padrão vibracional, não tivessem podido detectar sua presença.

- Em algum momento você acreditou que nós o tivéssemos esquecido? - ela continuou, envolvendo-o agora em verdadeira chama de fluidos balsamizantes.

Oto não conseguiu responder, lágrimas de intensa comoção inundavam-lhe a face, embargando-lhe o raciocínio.

- Meu irmão... - soou agora tonitruante voz masculina com leve sotaque espanhol, inundando a sala com suas vibrações de paz - Não pensas que é hora de retroceder um passo em seus projetos de vingança e voltar à colônia para receber o tratamento de que necessitas neste momento? Encontra-te mui enfraquecido...

- Não posso Pablo - tornou Oto, a voz entrecortada pelos soluços. - Não sou quem acreditaram que fosse não pude aprender o que... - ele não conseguiu terminar a frase, caindo novamente em sentido pranto.

- Somos todos seres imperfeitos, fadados a cair e levantarmo-nos sempre e sempre!

- Sim - continuou Têmis -, o caminho da luz é um longo aprendizado. Não pense você que não temos também nossos momentos de fraqueza...

- Não é uma questão de fraqueza, mas de determinação - tornou Oto, recompondo-se. - Eu quero destruir Vítor do mesmo jeito que ele tantas vezes me destruiu! - o ódio imenso que sentia era quase uma vitamina a fortalecê-lo em seus propósitos malignos.

- Mas não foi ele quem tirou-lhe a vida desta vez! - argumentou Têmis.

- Você não pode transferir para ele os erros de uma outra pessoa, ainda que sejam os mesmos erros que ele cometeu no passado!

- Não quero voltar! - afirmou Oto, apertando firmemente os punhos como se assim pudesse manter sob controle a incerteza que dominava seus sentimentos.

Têmis e Pablo trocaram um olhar, em seguida deram-se as mãos como que preparando-se para partir. Em seus camisolões brancos de mangas alongadas, quase prateados de tão alvos, mais pareciam anjos celestes.

- Se é isto o que realmente deseja, não temos permissão para obrigá-lo a acompanhar-nos. Você tem seu livre-arbítrio. Só não esqueça que terá de responder um dia por todos os atos praticados por sua livre e espontânea vontade - lembrou Têmis.

- Estaremos sempre prontos a socorrê-lo quando achar que for a hora - complementou Pablo, despedindo-se.

- Esperem! - pediu Oto, sentindo novamente uma vontade muito grande de chorar. - Queria muito saber notícias de Odilie! Como ela está?... - uma lágrima escorreu-lhe dos olhos no minuto em que ele formulou a pergunta.

Têmis e Pablo trocaram novo olhar cúmplice antes que ela respondesse:

- Odilie está decidida a voltar à Terra.

Os olhos de Oto pareceram arregalar-se ainda mais ao ouvir isso.

- Então ela vai tentar outra vez? - perguntou incrédulo.

- Sim, Odilie deseja nova oportunidade. Entendeu que no momento é a única alternativa de que dispõe para libertar-se dos traumas que ficaram impressos em sua casa mental - explicou Têmis.

- E quando será isso? - quis saber Oto.

- O mais breve possível. Odilie já encontra-se em processo de preparação - contou Pablo.

- E... - titubeou Oto, visivelmente abalado com a inesperada notícia - vocês já sabem onde ela vai reencarnar?

- Não. Como disse, ela acaba de iniciar seu processo preparatório; as possibilidades de regresso se encontram em estudo; ainda não está certa a família que irá recebê-la - respondeu Pablo.

Oto abaixou os olhos, triste. Desde que vivera aquela curta e traumatizante experiência como irmão gêmeo de Odilie, no útero da mãe que os abortou, sentia como se os dois estivessem para sempre ligados. Embora a gestação de ambos houvesse durado apenas três meses, haviam passado anos se preparando na espiritualidade para o regresso conjunto; nesse longo período haviam estreitado laços de muito profunda amizade. Era como se parte dele agora vivesse nela è vice-versa, como se houvesse uma espécie de intersecção entre eles. Por isso doía-lhe tanto na alma saber que ela tomara uma decisão de tal vulto sem sequer consultá-lo.

- Você também não a consultou quando decidiu fugir... - observou Têmis, lendo seus pensamentos.

- A situação é diferente... A qualquer momento eu poderia voltar e reencontrá-la... Agora, no entanto, que ela decidiu vir sozinha para a Terra, talvez leve muitos séculos para que me reconheça de novo...

- Ela não decidiu vir sozinha. Mas não estavas lá para participar de sua decisão! - lembrou Pablo.

- Ela vai se esquecer de mim, criar outros afetos, nunca mais será a mesma... - lamentou Oto.

- A grande diferença entre vocês é que Odilie escolheu evoluir como ser integral e você decidiu estacionar em seus propósitos de vingança. E natural, portanto, que se distanciem, visto que vibram em sintonias diferentes.

- Agora devemos partir! - anunciou Pablo, olhando fundo nos olhos de Têmis, como que dizendo-lhe algo além das palavras expressas.

- Sim - concordou Têmis, endereçando um último olhar de ternura para Oto. - Você sabe que pode nos chamar quando precisar, não sabe?

Ele abaixou novamente a cabeça, fazendo sinal afirmativo, sem conseguir segurar as lágrimas que lavavam-lhe o rosto transtornado. Pablo e Têmis, novamente de mãos dadas, unindo as mangas de seus camisolões, transmutaram-se então em dois fachos de luz, um azul índigo e outro prateado, e foram sumindo como duas estrelas que encolhiam em velocidade vertiginosa. Já eram quase uma faísca de luz quando Oto, levantando de um ímpeto, abriu seus enormes braços e gritou:

- Por favor, esperem! Eu quero ir com vocês!

XII

Naquela manhã, Aline acordou com o barulho de alguém batendo palmas na entrada da casa. Estava sozinha, a mãe e o irmão haviam saído para o sepultamento de seu Gentil, mas ela preferira ficar em casa. Tinha pavor de enterros. Levantou sonolenta, enquanto a pessoa insistia nas palmas.

- Raio de gente que não sabe nem onde é que fica a campainha! -resmungou, enquanto destrancava a porta.

Ao avistar o homem do outro lado do portão, porém, seu olhar se iluminou. Era o rapaz da floricultura e carregava um maravilhoso vaso de orquídeas embrulhado para presente. Pelo endereço escrito na pequena caminhonete estacionada ao lado do portão, ela pôde constatar que a encomenda viera do Campeche.

-Aline és tu? - perguntou o rapaz, já lhe entregando o vaso.

- Sou... - ela respondeu, entre curiosa e intrigada, arrancando afoita o envelope grampeado no arranjo. Estava louca para saber de quem era.

- Poderias então assinar aqui para mim com letra legível? - pediu o rapaz, estendendo-lhe um papel.

Aline não respondeu, estava por demais concentrada no cartão.

- Espere aí! Que coisa mais esquisita... - ela pensou alto, depois de reler pela segunda vez o texto, que dizia:

"Aline: Infelizmente não poderei comparecer ao encontro que marcamos para o final desta tarde. Fui convocado às pressas para uma reunião de trabalho no Rio. Quero, porém, que saiba que a noite de ontem foi a mais especial que já passei nos últimos dezoito anos. Espero revive-la breve Aguardo seu telefonema.

Com os mais afetuosos votos de um Feliz Natal,

Mauricio Moneda"

No verso, impressos com elegante letra de gráfica, estavam seu endereço e seus telefones no Rio.

-Acho que houve algum engano... - disse Aline, devolvendo o vaso com certo pesar. - São lindas, mas não são minhas... Deves ter errado de endereço...

O restante do dia foi tão movimentado que ela nem se lembrou de comentar o incidente com a mãe. Nem bem acabou de tomar seu banho, já estava na hora de ir encontrar Florence e Rafael no aeroporto para buscar as primas que acabavam de chegar do Rio; depois foi aquela confusão para acomodar todo inundo dentro de casa.

Só no fim da tarde, depois que a mãe deu uma rápida saidinha dizendo que ia buscar pão no centro e voltou com a cara mais desarvorada do mundo e sem nenhum pacote nas mãos, Aline percebeu que Florence não estava nada bem.

"Anoiteceu... O sino gemeu... E a gente ficou, feliz a rezar... Papai Noel..." A antiga canção, que vinha de algum lugar na vizinhança, adentrava o ambiente, trazendo para Florence uma incômoda e melancólica saudade de Natais do passado. As últimas vinte e quatro horas tinham sido extremamente difíceis para ela; nunca sentira tanta falta da mãe.

Trancada no banheiro, diante de uma bolsa repleta de produtos de maquiagem, ela se esforçava para tentar disfarçar as olheiras profundas e manter as aparências diante da família, mas seus olhos teimavam em não parar de chorar, borrando toda a pintura. Sentia-se horrível.

- Desliguem esta droga! - explodiu, fechando os olhos para que as lágrimas parassem de cair, enquanto amassava com ódio o bastão de corretivo contra a pia.

- Não é aqui, mãe! - gritou a voz de Aline, do outro lado da porta. De fora, Aline ouviu quando ela deixou escapar um soluço e preocupou-se:

- Mãe, você precisa de ajuda?

- Alguém está se afogando? - perguntou tia Noêmia, em sua habitual alienação, aproximando-se também da porta do banheiro. - Você... Você é quem? - tentou lembrar-se, olhando detidamente para Aline.

- Mamãe, faz favor, venha se arrumar - atalhou Paloma, rápida, puxando dona Noêmia para o quarto em frente, de Rafael, onde estavam alojadas.

- O que foi que eu fiz? - questionou a senhora. - Não bastasse você e sua irmã me trazerem para esta casa onde eu não conheço ninguém, ainda querem me manter prisioneira num quarto! Eu não vou aceitar isto, eu vou...

- Como não conhece ninguém, mamãe? São nossos primos, a filha e os netos da sua irmã Aretusa, a senhora não se lembra? - Paloma respondeu paciente.

- Ah... É mesmo... Tinha me esquecido - concordou Noêmia, sem-graça, entrando no quarto.

- Está tudo bem, Aline? - Paloma ainda perguntou, antes de fechar a porta.

- Sinceramente eu não sei, tia... - respondeu a moça, desanimada, voltando em seguida a bater na porta do banheiro. - Mãe, não precisas que eu faça nada para te ajudar?

Florence não respondeu. Só conseguia ouvir aquela música irritante, que reverberava dentro dela no máximo volume. "Eu pensei que todo mundo fosse filho de Papai Noel..."

- Bom, se precisares, é só chamar. Estou no meu quarto. Tu estás me ouvindo? - a menina ainda insistiu.

A mãe, porém, continuou em silêncio, pressionando fortemente os dois ouvidos com as mãos. Sabia que a música vinha da vizinhança, mas tinha tido necessidade de protestar para aliviar o peso que sentia dentro do peito. "Já faz tempo estou pedindo, mas o meu Papai Noel não vem... Com certeza já morreu ou então felicidade é brinquedo que não tem...", continuava a impiedosa cantiga.

- Felicidade... - ela repetiu, destapando os ouvidos e abanando a cabeça com certo desalento.

Estava arrasada. Jamais, em toda sua vida, se sentira tão sozinha e desamparada, tão irremediavelmente órfã, apesar da casa cheia de parentes. "E como conseguiria dar a devida atenção às visitas no estado em que se encontrava?", perguntava-se a cada instante, olhando para si mesma diante do espelho. "Como um homem poderia se interessar por uma mulher assim?", tentava justificar o 'bolo' que imaginava ter acabado de receber de Maurício.

A bem da verdade, jamais tivera um contato muito próximo com a tia e com as primas. Desde menina, falava sempre com elas por telefone, por duas ou três vezes ela e a mãe as haviam recebido em Florianópolis. Mas fazia tanto tempo... Da última vez em que se viram, Chuva ainda nem era nascida; Florence, Paloma e Lucila eram então adolescentes. Florence guardava boas recordações desse encontro, quando experimentara grande afinidade com Paloma e uma certa implicância por Lucila, na época extremamente arrogante e pretensiosa por ter acabado de ser aprovada para a faculdade de medicina. O tempo, porém, encarregara-se de apagar de sua mente até mesmo a fisionomia das primas, que agora figuravam-lhe como duas estranhas.

Talvez fossem até ótimas pessoas, mas naquele momento ela só conseguia sentir-se incomodada com sua presença. "Meu Deus, o que é que está acontecendo comigo? Eu nunca fui assim!", questionava-se, ainda diante do espelho, misturando suas lágrimas à base que espalhava na região das têmporas. Afinal, o que havia mudado dentro dela? Achara maravilhoso quando Paloma ligara, no início do mês, falando da ideia de Lucila de reunir a família e do desejo que tinham de voltar a Florianópolis. Até o dia anterior, aliás, estava contando os minutos para sua chegada. Passara semanas sonhando com o momento em que todos se sentariam em (orno da mesa para partilharem juntos a ceia de Natal que ela preparara com tanto carinho. Por que então agora sentia-se tão confusa e insatisfeita?

Ela mesma não sabia responder. Parte de sua tristeza talvez viesse da constatação de que a família que ela tanto idealizara não era tão perfeita quanto imaginara. Tia Noêmia, coitada, nem se lembrava direito quem era ela; Chuva parecia incrivelmente contrariada por estar ali. "Será que era mesmo Chuva que estava contrariada? Ou seria ela quem estava transferindo sua contrariedade para a garota?", cogitou naquele instante.

O fato era que Florence mal tivera tempo de conversar com as primas, que haviam chegado logo após o enterro de seu Gentil, já a encontrando assim deprimida. Ainda assim, juntara suas últimas reservas de força para recebê-las e comparecer ao encontro combinado, mas, ao constatar que tudo não passara de mais uma ilusão, não pudera mais disfarçar sua tristeza. "Não", concluiu. Com toda certeza o horrível sentimento de angústia que ora experimentava não era por causa delas. Era o resultado de tudo o que ela mesma vivenciara nas últimas horas.

Não bastasse a notícia, dada tão de supetão por aquela secretária, de que o pai não estava interessado em revê-la, a morte de seu Gentil a fizera sentir-se ainda mais órfã. Desde menina, havia aprendido a amá-lo como uma espécie de pai postiço, a despeito de seu jeito fechado. Muitas e muitas vezes sua mãe precisara deixá-la sob os cuidados de dona Preciosa e seu Gentil para poder ir trabalhar. Tinha por ele um carinho muito grande. Florence sentia-se segura quando estava perto de seu Gentil; às vezes chegara a imaginar que ele a queria como a uma filha. Por isso, agora sentia como se, no mesmo dia, houvesse perdido dois pais. O real e o imaginário. E o pior é que sequer saberia definir para si própria qual deles era o real, qual o imaginário.

Naquela manhã, sentada no último banco do ônibus, enquanto seguia do cemitério rumo ao aeroporto para buscar as primas, a sensação que tinha era de que estava vivendo um pesadelo do qual não conseguia acordar. As mesmas perguntas não paravam de se repetir em sua mente. Por que seu pai agira daquela forma? Teria mesmo uma outra família de quem queria esconder seu passado? Teria mesmo se recusado a vê-la? Não, ela não queria, não podia acreditar nisso. Ele não podia tê-la esquecido simplesmente, era seu pai! Haviam vivido muitos momentos juntos, embora ela não se lembrasse de quase nada. Seria mesmo o homem frio e insensível que sua mãe dizia?

- Ah, mãe... Eu sinto tantas saudades da senhora... Queria tanto que estivesse aqui comigo agora... Por que é que a senhora foi embora tão cedo?

Sentou-se no vaso tampado, escondeu o rosto com as duas mãos e deixou que o pranto viesse, com toda a carga represada ao longo do dia. Se não estivesse tão transtornada, talvez pudesse ao menos pressentir a amorosa presença parada a seu lado, acarinhando lhe as costas e dizendo a seu ouvido com a voz ainda rouca:

- Minha filha, tenha calma... Você ainda tem tanto que viver... Não se desespere... O mundo não gira no mesmo ritmo de suas expectativas ansiosas...

Florence, contudo, não podia captar a energia que provinha de suas palavras. Ao contrário, a presença da mãe em espírito, ali a seu lado, só conseguia despertar nela mais saudades, aumentando o seu desespero.

- Irmão Demóstenes, não seria melhor se nós lhe aplicássemos um passe? - Aretusa pediu, olhando suplicante para o espírito que a acompanhava.

Se Florence pudesse vê-la, diria que havia remoçado quase vinte anos, embora conservasse os antigos traços, os enormes olhos verdes e o jeito modesto que lhe perpassava todos os gestos. Ele, por sua vez, era um ser magro e muito alto, cuja fisionomia, quase sorridente, transmitia uma serenidade fora do comum. Postado ao lado da porta do banheiro, olhando com extrema delicadeza para Florence, parecia inteiramente envolto por uma espécie de luz amarela e intensa.

- Com todo prazer, irmã. Lembro-lhe, no entanto, que a transfusão de energias só é eficaz quando o encarnado se mostra minimamente receptivo - esclareceu com carinho.

-Vamos tentar - rogou Aretusa, numa postura concentrada, já impondo as mãos sobre a filha, no que foi prontamente imitada por Demóstenes.

Era como se das mãos daquelas duas entidades espirituais jorrasse uma torrente de gotas de luz que, no entanto, não conseguiam ultrapassar o estranho escudo negro que Florence. irradiava em torno de si com seus pensamentos depressivos, o qual parecia fazer evaporar toda aquela energia preciosa que lhe era dirigida.

“Eu sou mesmo uma infeliz”, pensava a mãe de Aline e Rafael, no mais intimo de seu ser, entre fungos e lágrimas. "É... eu não mereço ser feliz, só pode ser isso. Tudo na minha vida dá errado porque eu não mereço ser feliz."

- Ela está muito revoltada - observou Aretusa, compungida.

- Cuidado, irmã! - alertou Demósienes, vendo que ela se deixava abalar pela tristeza da filha - Estamos aqui para elevar o padrão vibratório de Florence e não para chorar junto com ela! Acho que o principal problema é que ela está com muita pena de si mesma. Quem prefere a lamentação ao esforço opta pela situação de vítima de si mesma, em lugar de triunfar sobre os próprios limites.

- Vamos tentar mais uma vez - pediu Aretusa.

A um sinal afirmativo do compassivo mentor que a acompanhava, ela abaixou-se ao lado da filha, enquanto Demóstenes impunha outra vez as mãos sobre a moça, dirigindo-lhe nova profusão de luzes.

- Filha, por favor - Aretusa sussurrou aos ouvidos espirituais de Florence -,(19) pense em Jesus. Hoje é véspera de Natal, é aniversário de Jesus... Ele sofreu tanto para poder nos trazer sua mensagem de amor... Você não pode esquecê-lo, minha filha... Confie em Jesus... Confie nos caminhos de Jesus e tenha paciência... Com toda a certeza, sua cruz não é mais pesada do que a cruz que ele carregou; não ultrapassa o peso que você pode carregar... Ademais, você sempre foi uma lutadora, sempre perseguiu com garra e determinação os seus objetivos! Por que então vai cruzar os braços agora, e ficar aí chorando, morrendo de pena de você mesma?

Aretusa falava com tanto amor, com tanta fé, com tanta certeza de que a filha podia ouvi-la que, aos poucos, começou a formar-se na mente de Florence a imagem do menino Jesus, humilde, deitado em sua manjedoura, cercado por dóceis animais. Em seguida, seus pensamentos mostraram-lhe Jesus adulto, discutindo com os homens do templo, pregando para as multidões; Jesus coroado de espinhos, tropeçando sob o peso da cruz, caminhando rumo ao calvário com sua máxima dignidade.

- Hoje é véspera de Natal - Florence repetiu, fungando e enxugando as lágrimas. - Não posso ficar aqui trancada no banheiro a noite inteira — ela conseguiu enfim sintonizar-se com as ideias que a mãe lhe transmitia - Meus filhos esperam por mim, minha família espera por mim... Coitadas das minhas primas! Vieram até aqui para passarem esta noite tão especial conosco e eu mal lhes dei atenção. Preciso compensar isso! - ela levantou-se de um pulo e correu até a pia para lavar o rosto. Sentia-se finalmente reanimada.

Demóstenes e Aretusa trocaram um sorriso de alívio e contentamento.

- Vejo que a irmã tem feito um ótimo aprendizado das lições que vem recebendo no mundo espiritual - ele comentou.

19 Todos nós possuímos um duplo etérico, de natureza semimaterial e também chamado períspirito, de aspecto idêntico ao de nosso corpo físico. Na verdade, é ele o modelo que dá origem ao nosso corpo de carne durante seu processo embrionário de formação.

- Ora, quem me dera irmão... - ela sorriu envergonhada - Ainda me falta aprender tanto... Às vezes penso que nunca conseguirei chegar à condição de espírito perfeito...

- Todos nós um dia chegaremos, Aretusa, a evolução é o caminho natural de todos os seres da criação. Todavia, nenhum espírito se transforma da noite para o dia. Ninguém se despe de todas as imperfeições para vestir todas as qualidades em um estalar de dedos. Há que se ter perseverança, lutar com determinação e bravura para vencer cada um de nossos defeitos, sem desanimar. Como nos ensinou o Mestre, "aquele que perseverar até o fim, será salvo" - lembrou Demóstenes.

-Ah, meu amigo... Devo confessar que ainda não me conformei com a ideia de ver Florence frente a frente com o pai... - ela lamentou entristecida. -Acho que não vou conseguir manter meu equilíbrio quando...

- Não pense nisto agora - interrompeu o mentor iluminado. - O Pai sabe que não podemos evoluir aos saltos, só nos confia novas tarefas quando percebe que estamos aptos a cumpri-las.

-Tem razão. Florence ainda precisará trilhar um longo caminho para encontrá-lo. Até lá terei tempo de me preparar - considerou Aretusa. - Poderíamos agora ir até o resto da casa? Gostaria de ficar um pouco com meus netos e minhas sobrinhas, dar um abraço bem forte em Noêmia!

- E claro, irmã! Ainda temos muito tempo. Esta noite é sua. É um presente que muito trabalhou por merecer! - Demóstenes fez questão de grifar.

Os dois espíritos transferiram-se então para a cozinha, onde encontraram Lucila sentada sozinha, devorando uma travessa de bolinhos fritos de formato retorcido, cobertos de canela e açúcar. Ela comia desesperadamente sempre que se sentia de alguma maneira lesada em seu afeto. Mesmo sabendo de tudo o que acontecera com a prima, estava magoada por não ter recebido dela a atenção de que se julgava merecedora. Afinal, não era nada barata uma passagem de avião Rio-Florianópolis. Sem contar o sacrifício que fora viajar com a mãe arteriosclerótica daquele jeito.

Pelo menos encontrei aqui este manjar dos deuses - dizia, de boca cheia, sem consciência da rapidez com que mastigava, da aflição com que retirava os bolinhos da travessa. - Hummm... Que delícia! Tia Aretusa sempre fazia esse negócio para mim - lembrou-se.

Lucila. não coma com tanta voracidade! - aconselhou Aretusa,

beijando -lhe a testa com carinho. -Você sabe que não lhe faz bem engolir a comida desse jeito... Mastigue com calma, saboreie o alimento!

Imediatamente, Lucila olhou para a metade do bolinho que tinha nas mãos, depois para a travessa quase vazia diante de si, e pensou: "nossa, estou comendo muito depressa! Preciso me controlar senão eu vou engordar uns vinte- quilos nessa viagem!"

- Não fique magoada com Florence - Aretusa continuou falando a seu lado. - Ela está passando por um momento difícil, mas tem muita consideração por você. Tanto que fez estes bolinhos especialmente para agradá-la.

- Será que Florence se lembrava que eu fiquei maluca com estes bolinhos da outra vez em que estive aqui? - perguntou-se Lucila, como se as palavras de Aretusa fossem um pensamento seu.

- O que é isso que você está comendo, tia? - perguntou Chuva, entrando na cozinha toda arrumada, com sua roupa de Natal.

- Uns bolinhos deliciosos que eu encontrei aqui, tia Aretusa fazia sempre que a gente vinha... Como era mesmo o nome? - ela esgarçou os olhos, num movimento de quem puxa pela memória.

- Cueca virada - disse Aretusa, ainda parada a seu lado.

- Cueca virada! - Lucila repetiu de imediato, certa de que fora ela mesma quem havia se lembrado. - Quer? - ela esticou a travessa até a sobrinha.

- Como é que é? - estranhou a garota.

- E isso mesmo que ouvistes - confirmou Rafael, também entrando na cozinha todo bonito - Cueca virada! Mas tem muita gente que chama de grústoli.

- Grus... o quê? - riu-se Chuva.

- Grústoli! O pessoal do Rio Grande é que gosta mais de falar assim - explicou Rafael.

-Também prefiro - opinou ela, pegando um bolinho e observando seu formato. - Se eu pensar que isto aqui se parece com uma cueca, acho que não como!

- Não seja por isso! - disse Lucila, tirando mais um bolinho, sem conseguir conter-se. - Eu como por você!

Os três riram. "E uma tremenda gata essa prima Chuva! Um verdadeiro temporal!", pensou Rafael.

- Menino, tenha juízo! - ralhou a avó invisível. Rafael ouviu e deu um pulo da cadeira.

- O que houve? - estranhou Chuva, percebendo seu espanto.

- Nada... - ele respondeu, olhando ressabiado atrás de si - Pensei ter ouvido a voz da minha avó...

- Cruz credo, garoto! - Lucila bateu três vezes na mesa.

- Trabalhas no Rio como pediatra, tia? - Rafael puxou conversa, mudando de assunto.

Foi a senha para que Lucila se sentisse à vontade. Era vaidosa, adorava contar detalhes sobre como era árduo o seu trabalho, como era obrigada a se sacrificar para atender todas aquelas mães neuróticas que ligavam dia e noite para sua casa, muitas vezes por razões insignificantes, como uma leve mudança de coloração no cocozinho da criança. Vendo-a falar, logo ficava claro que ela sabia muito sobre pediatria, mas não tinha verdadeiro amor pela profissão.

- Como Rafael me escutou? - Aretusa, um pouco assustada, perguntou baixinho a Demóstenes.

- Seu neto possui mediunidade ostensiva e é chegado o momento de sua sensibilidade começar a aflorar - explicou o mentor.

- E por que ele não pode ouvi-lo? - quis saber Aretusa.

- Porque no estágio em que se encontra ele só é capaz de perceber aqueles que se dirigem a ele vibrando na mesma sintonia.

- Como assim?

-Vocês estão ligados por vínculos de afeto. Estão sempre pensando um no outro, com carinho e saudades. Por isso, a transmissão de pensamentos entre vocês é tão nítida - explicou o mentor.

- Entendi. A afinidade que temos cria o canal e a faculdade que ele tem possibilita a compreensão imediata e explícita da mensagem, enquanto os outros, que não possuem mediunidade ostensiva, apenas intuem o que dizemos a eles, quase sempre imaginando que estão ouvindo seus próprios pensamentos. Sabe, às vezes fico confusa porque, quando encarnada, não entendia nada de espiritismo e mediunidade -justificou Aretusa.

- Não se preocupe. Com o tempo aprenderá a comunicar-se cada vez melhor com os encarnados - garantiu Demóstenes.

A conversa dos dois foi interrompida pela discussão que vinha da sala, entre Noêmia e Paloma. A irmã de Aretusa tinha subido no sofá para tentar tirar da parede da sala um antigo relógio cuco que afirmava ser da "sua casa", enquanto a filha tentava detê-la, segurando-a pelos quadris:

- Mamãe, pelo amor de Deus, quer descer daí? Esse relógio não é seu!

- Como não é meu? Eu me lembro exatamente do dia em que o comprei, na rua do Ouvidor!

A senhora deve estar fazendo alguma confusão, é claro que...

-Que confusão que nada! Eu estou velha, mas estou lúcida! Lembro de tudo, tudo... Este relógio é meu, sim senhora!

- Mamãe...

-Me lembro até do vestido que estava usando na ocasião! - continuou Noêmia, ainda imersa em seu mundo particular do passado.

-Aretusa estava comigo neste dia! Estava sim! Ela ficou encantada com ele, só não comprou um igual porque não dispunha de uma situação como a nossa! Ela disse baixinho. - O companheiro dela ganhava muito mal! Trabalhava como enfermeiro em um hospital no subúrbio!

- Mamãe, a senhora está passando dos limites! - ralhou Paloma, tentando puxá-la para baixo.

-Já seu pai ganhava muito bem. Era engenheiro do Banco do Brasil -prosseguiu dona Noêmia com orgulho, sem dar a menor atenção ao que a filha dizia. - Esse relógio é meu, sim senhora! E te digo mais, não é porcaria não! A máquina dele é uma peça muito rara, fabricada na Suíça, quer ver só? - ela conseguiu inclinar-se até a parede, alcançando o relógio.

- Mamãe, não! Lucila!!! - Paloma gritou pela irmã, pedindo ajuda.

- Eu estava certa, espie só! - afirmou Noêmia, vitoriosa, ao avistar a minúscula etiqueta prateada nas costas do relógio.

Não entendia o que estava escrito e nem sequer conseguia enxergar, posto que mesmo de óculos seus olhos 'não podiam' com aquela letrinha miúda. Mas tinha absoluta certeza de que a etiqueta especificava que o produto viera da Suíça. Conhecia aquela etiqueta!

- Agora, como é que este relógio veio parar aqui? - ela perguntou-se, desconfiada.

- O que é que está acontecendo? Mamãe! - exclamou Lucila, que vinha da cozinha seguida por Chuva e Rafael.

- E meu este relógio, não tenho a menor dúvida - dizia Noêmia, descendo com cuidado do sofá, amparada por Paloma.

- Mamãe, por tudo quanto é mais sagrado, deixa eu colocar esse relógio de volta! - dizia Paloma, já estendendo a outra mão para pegá-lo das mãos de Noêmia.

- Essa sua avó é muito doida! - deixou escapar Rafael.

- Bota doida nisso! - concordou Chuva. - Mas você sabe que até um ano atrás ela não era assim? Ela era lúcida pra caramba, conversava sobre tudo com a gente. Agora vive desse jeito, com tudo misturado na cabeça.

- Ela não se lembra de nada? - quis saber Rafael.

- Do passado ela se lembra bem. E capaz de descrever com detalhes coisas que aconteceram há mais de vinte anos. Mas não consegue fixar os fatos mais recentes, sabe como é que é? Minha tia diz que é porque as veias dela estão entupidas...

- Mamãe, coloque este relógio no lugar imediatamente! - gritou Lucila, alterada.

- Este relógio é meu! - respondeu Noêmia, agarrando-se ao objeto.

Aretusa, que observava a tudo de longe, ficou muito triste ao ver o estado da irmã. Queria fazer alguma coisa, explicar que há tempos Noêmia lhe enviara o relógio pelo correio, como presente. Segundo lhe explicara na época, encontrara-o guardado num armário, parado e empoeirado. Noêmia nunca pudera pendurá-lo em sua casa porque seu falecido marido implicava com o barulho do cuco. A decoração de sua sala, porém, então já não comportava mais aquela antiguidade e ela acabara decidindo fazer um agrado à irmã distante, que por sua vez o mantivera guardado durante mais alguns anos.

Só depois de seu desencarne, Florence (única, aliás, que conhecia toda a história do relógio além de Noêmia e Aretusa) encontrara-o entre seus pertences, consertara-o e o pendurara na sala. "Mas onde estaria Florence que não aparecia para esclarecer tudo?", inquietou-se Aretusa. Por um instante, olhou para o neto, que continuava a divertir-se com a situação ao lado de Chuva, mas foi imediatamente advertida por Demóstenes:

- Nem pense em fazer isso! Só temos permissão para fazer uso da mediunidade dos encarnados em casos muito especiais!

- Perdoe-me, irmão, é que...

Neste momento Florence entrou na sala, recomposta e perfumada, e finalmente explicou tudo.

- Mas, tia, se quiser, podes levar o relógio. Não tem o menor problema se a senhora se arrependeu de tê-lo dado à minha mãe, não sabe? - finalizou.

- De maneira nenhuma. Eu o dei à sua mãe, era isso o que eu estava tentando dizer o tempo todo - Noêmia caiu em si. Sua vida oscilava entre os momentos de confusão e esquecimento, e esses raros instantes de lucidez, quando percebia que tinha feito algo de errado e tentava consertar, como se isso fosse possível. - Não era exatamente o que eu estava dizendo, Paloma? - ainda tentou reiterar, de olhos baixos, enquanto tirava a poeira do relógio com a ponta dos dedos.

- Era, mamãe? - duvidou Paloma irritada.

Florence puxou a prima pelo braço, simpática:

- Deixa Paloma. Isso é coisa da idade! Vamos até a cozinha que estou louca para que experimentes a salada de rúcula com agrião e rabanete que preparei para ti!

Paloma ficou comovida:

-Você se lembrou que eu sou vegetariana! Não acredito! Essa é a Florence que eu vim visitar! - ela não se conteve e deu um abraço na prima já sentindo a afinidade natural que sempre as unira - Ai, Flor, que bom que você voltou, ao normal!

-Que bom que estão aqui! - Florence retribuiu o abraço. - Estou precisando conversar com pessoas amigas!

- E assim, as duas se encaminharam para a cozinha, unidas, como se quase vinte anos não se tivessem passado desde a última vez em que haviam conversado. Em questão de poucos minutos, Florence e Paloma já um trocavam confidencias como duas amigas íntimas.

- Tão bom vê-las assim! - comentou Aretusa. - Só estou preocupada demais com Noêmia - disse, após algum tempo observando as duas. -Não pode ser simplesmente uma arteriosclerose, como acreditam as meninas. Ela está doente, não está?

- Sim. Ela tem uma disfunção no cérebro - respondeu Demóstenes.

- E isto é grave?

- É, na medida em que ela tende a perder completamente não só toda a memória, como também sua personalidade e até mesmo sua capacidade de mover eficazmente o próprio corpo.

Aretusa ficou alguns minutos em silêncio, digerindo a informação.

- E quanto tempo ela ainda tem de vida? - perguntou por fim.

- Antes de mais nada é preciso que ela tenha sua doença diagnosticada - tornou Demóstenes.

- E nós não podemos fazer nada neste sentido? - insistiu Aretusa.

- Florence, como assistente social, já viu casos como o de Noêmia.

Vamos intuí-la, em momento oportuno, para que esses casos lhe venham à mente e ela faça a necessária associação. Agora vamos até o quarto, pois Aline está precisando de nosso auxílio.

- Minha neta! Com toda essa confusão eu acabei me esquecendo dela! - admitiu Aretusa.

Quando os dois entraram no quarto, encontraram Aline agachada num canto, ouvindo uma canção triste com dois pequenos fones de ouvido.

- Pobrezinha, ela não está bem! O que há com ela? - preocupou-se a avó.

- Além de abalada com os últimos acontecimentos, um forte sentimento de impotência a está levando à depressão. Aline quer muito ajudar a mãe a encontrar o avô, mas não sabe como. Ao mesmo tempo, encontra-se preocupada com uma amiga que fez um aborto, recentemente, e culpa-se por não ter podido impedi-la - explicou Demóstenes.

- Espere um pouco! - alarmou-se Aretusa. - Você disse que... Meu Deus! - ela mal conseguia conter o próprio espanto. - E quem foi esta moça? Conheço todas as amigas de minha neta!

- Sim, você a conhece - respondeu Demóstenes - Mas não tenho permissão para revelar-lhe agora o nome dela. Mesmo porque, o fato já foi consumado.

- Mas e a pobre criança? Quero dizer, o espírito que estava designado para nascer dessa gravidez, o que houve com ele? Não estará neste momento precisando de nosso auxílio?

- Tenha calma, minha irmã. Não pense que só porque é agora um espírito pode interferir na vida de todos aqueles que conhece. O aborta-dojá foi socorrido. Aliás, não cai uma folha de uma árvore sem que seja do conhecimento do Pai, que não desampara a nenhum de seus filhos -afirmou o mentor.

- Me perdoe, irmão - Aretusa mais uma vez abaixou a cabeça envergonhada. - Minha intenção era apenas...

- Eu compreendo - tornou Demóstenes, lendo seus pensamentos. -E normal acontecer isso com todos os desencarnados que começam a ter consciência de suas possibilidades de ação como espíritos.

- Mas realmente gostaria de poder fazer algo por essa entidade que acaba de ser rejeitada. Desde encarnada, o aborto sempre foi uma coisa que me deixou por demais sensibilizada - comentou Aretusa, triste.

-Vou ver com meus mentores maiores se podemos visitar esse espírito na colônia onde se encontra abrigado. Por hora, no entanto, creio que sua neta é quem mais precisa de nosso auxílio.

Os dois voltaram novamente os olhos para a menina, que continuava acabrunhada junto à escrivaninha, perdida em pensamentos completamente desordenados. "Talvez eu devesse ligar para a minha amiga... E se a mamãe passar a noite toda no banheiro? Preciso ir lá na sala ver as pessoas. Mas aquela Chuva parece tão metida, não fui com a cara dela!... Que boa amiga que sou... Será que era menino ou menina?"

- Pobrezinha, ela está tão confusa... Quer resolver tantas coisas ao mesmo tempo que acaba não conseguindo nem sair do lugar... - observou Aretusa.

- No fundo, pessoas que esperam demais de si mesmas sempre são mais propensas a este tipo de crise, pois pensam que podem tudo e, quando se deparam com os acontecimentos gerados pelo livre-arbítrio alheio, acabam resvalando para o sentimento oposto, que é o de não poderem nada - explicou Demóstenes, notando o quanto Aretusa era parecida com a neta, embora ela própria não se desse conta disto.

- E esta música triste não piora o quadro? - ela perguntou.

- Com certeza. A música triste a leva a uma espécie de ciclo vicioso.

Aline a procura porque está triste e acaba ficando mais triste por tê-la procurado. E sentimentos tristes, como você sabe, sempre atraem entidades tristes...

Aretusa olhou quase instintivamente para a janela e viu três vultos escuros do lado de fora da casa, olhando fixamente para Aline.

- Deus amado! Precisamos urgentemente alterar seu padrão vibratório, antes que seja tarde.,.

De um ímpeto, ela tentou desligar o aparelho de som da neta, mas sua vibração, ao entrar em contato com a corrente elétrica, acabou gerando uma espécie de defeito no aparelho, alterando a rotação do CD e fazendo com que ele parecesse arranhado.

- Não faça isso! - Demóstenes a deteve - Não temos autorização para interferir no livre-arbítrio dos encarnados e muito menos para atrapalhar o funcionamento de seus aparelhos!

- Droga! - protestou Aline, desligando o aparelho. - Só queria saber quem foi que mexeu no meu som! Rafael! - ela gritou, encaminhando-se para a sala.

- Desculpe, irmão, eu... - tentou justificar-se Aretusa.

- Não repita mais isto! - pediu o mentor, enfático.

Aretusa ficou muito envergonhada. Era realmente difícil para ela abrir mão de atitudes que estava acostumada a tomar quando encarnada, compreender que os espíritos não podem agir como encarnados. O grande problema era que, sensibilizada pelas lições que aprendia no plano espiritual, ela queria realmente modificar-se, mas não conseguia. Pelo menos, não com a rapidez que idealizava. Faltava-lhe solidificar a compreensão de que o ser desencarnado é meramente a continuação, em nova dimensão, da personalidade do antigo ser encarnado.

- Não se penalize tanto - Demóstenes interveio, percebendo seu constrangimento - Veja, mesmo agindo de maneira imprópria, acabou atingindo seus objetivos.

Ao entrar na sala e ver a mãe toda arrumada, animadamente conversando com o resto da família em torno da mesa festiva, Aline ficou tão contente que até esqueceu do aparelho que julgava com defeito, passando automaticamente a vibrar numa outra sintonia.

- Nem sabia que estavam todos aqui, neste clima de festa! - ela comentou, puxando uma cadeira.

- Querida! - Florence tomou-lhe a mão com doçura. - Até que enfim chegaste! Estávamos aqui comentando sobre a nossa decepção de ontem.

- Quer saber, Florence? Eu, se fosse você, não desistia! - disse Paloma, dando prosseguimento à conversa. - Sabe, temos um vizinho que é jornalista e trabalha justamente no programa "Isto é Incrível". Se não me engano, é editor-chefe. A mulher dele é muito minha amiga.

- Você está falando da Cenyra? - deduziu Chuva de imediato.

- Eles são pais do namoradinho de Chuva - acrescentou Lucila.

- Chuva já está namorando? - estranhou Noêmia, aterrissando no assunto de repente.

- Eu, hein, vó! A senhora está cansada de conhecer o Vinícius! Vive oferecendo cafezinho para ele! - lembrou Chuva, sentindo saudades do namorado.

- Pois eu na sua idade ainda brincava de boneca! - asseverou Noêmia.

- Ah, mamãe! No seu tempo nem ônibus existia! - brincou Lucila.

- Não existia mesmo, não! No meu tempo, a gente andava era de bonde! - defendeu-se Noêmia.

- Mas o que é mesmo que ias dizendo, tia Paloma? - tornou Aline curiosa.

- Ali, eu acho que vocês deviam passar uma temporada no Rio conosco. Quem sabe esses meus vizinhos não te dão uma força para encontrar o seu José? Seria bom que você conversasse com a pessoa que falou com ele logo depois que o programa foi ao ar. Essas coisas de televisão, sabe como é que é. Se a gente conhece uma pessoa lá dentro, fica tudo muito mais fácil, você não acha Lucila?

Os olhos de Aline e de Rafael brilharam ao ouvir isso. Os dois eram loucos para conhecer o Rio.

- 'Carcule eu' no Rio de Janeiro! - empolgou-se Rafael, brincando com o jeito simples de falar dos pescadores de Florianópolis.

- E, não deixa de ser uma possibilidade - respondeu Lucila, sem muito entusiasmo. Egoísta como era, pensara logo no incômodo que seria hospedar todo mundo no apartamento.

- Não sei, não... - refletiu Florence, ainda muito magoada.

- Se ele já disse que não quer me ver, será que vale a pena insistir? - disse, pensando ao mesmo tempo no pai e em Maurício.

Aretusa observava o diálogo tensa, sem coragem de fazer sequer um comentário com Demóstenes.

- Pensando bem, eu até podia botar um taro para ver o que dizem as cartas! - cogitou Paloma.

-Tia! Não acredito! Jogas taro? - perguntou Aline, empolgadíssima.

- Nem adianta se animar! A gente nunca entende nada do que ela fala! - provocou Chuva.

A conversa prosseguia animada. Tão animada que a maioria das pessoas nem percebeu quando o telefone tocou. E muito menos quando Florence ficou branca como uma cera.

- Compreendo, sim senhora... Claro, claro... Não, ele não chegou a me dizer nada antes de morrer... Eu sei que a senhora não tem outra aliei nativa... Não, não... De maneira alguma... Não tem problema a senhora ter me dito isto hoje, eu imagino o quanto deve estar angustiada...Tá. Eu entro em contato com a senhora assim que tiver resolvido tudo... Não, pode dormir tranquila... Eu não estou chateada com a senhora... Outro... Obrigada. Dê um abraço nela também.

Florence voltou à mesa com os olhos atônitos, mas demorou um pouco para que o resto da família percebesse sua expressão pasmada.

- Que houve, mãe? Quem era? - perguntou Rafael, ainda rindo de uma piada de Lucila sobre as cartas de Paloma.

- Era uma irmã de dona Preciosa - respondeu Florence, desfigurada pelo susto que acabara de levar - Disse que seu Gentil tinha muitas dívidas, que chegou mesmo a hipotecar essa casa sem nos dizer nada...

O coitado se endividou para poder emprestar dinheiro a pescadores, que não têm como pagar...

- Nossa Senhora do Desterro! - escandalizou-se Aline.

- Mas vocês não tinham um contrato? - estranhou Lucila.

- Não, havia apenas um acordo apalavrado entre a minha mãe e esse casal. Eles eram amigos há muitos anos - explicou Florence.

- E nessas horas que a gente reconhece os amigos! - exclamou Paloma.

- E agora, mãe? - quis saber Rafael, sem conseguir deixar de lembrar-se mais uma vez das palavras que ouvira de seu Gentil naquela tarde. Ele havia insistido num pedido de desculpas a Florence.

- Agora, como seu Gentil não pagou a dívida e dona Preciosa não tem como pagá-la, nossa casa vai a leilão - continuou Florence.

- Estão querendo leiloar o relógio que dei a Aretusa? - surpreendeu-se Noêmia que, como sempre, aterrissava nas conversas de repente.

- E o que significa isso? - tentou entender Aline.

- Isso significa que nós estamos despejados. Temos mais ou menos um mês para encontrar onde morar - ela concluiu, arrasada.

- Que história é essa de procurar onde morar? *Hare Krishna,* está decidido! Vocês vão para o Rio! Tudo tem uma razão de ser, nada acontece por acaso! Como diz o ditado, Deus escreve certo por linhas tortas! - comemorou Paloma, sob o olhar estarrecido de Lucila , enquanto o cuco cantava na parede, anunciando a meia-noite. Era Natal.

XIII

- Tenho muito medo de acreditar nas possibilidades deste tratamento e acabar me decepcionando mais uma vez - Vítor confessou à mãe.

Sentado de pernas cruzadas sobre o sofá, ele tinha os olhos fixos nas gotas de chuva que escorriam pela vidraça, enquanto Cenyra trabalhava os pontos de uma tapeçaria. Quem respondeu, porém, foi o pai, que vinha lá de dentro com um cigarro na boca, carregando na mão direita a pesada pasta que sempre levava para o trabalho:

- De fato. E muito mais cômodo ficar em casa imaginando que não existe solução para o seu problema do que fazer efetivamente alguma coisa para melhorar - ele depositou ruidosamente a pasta sobre a mesa de jantar para conferir se estava levando tudo o de que necessitava.

- Não, pai, eu não acho boa esta situação de ficar em casa o tempo todo, de não poder desgrudar da minha mãe para nada e...

-Ah, é mesmo? - Luís Paulo soltou uma baforada com ironia. - Não é o que parece! Aliás, para ser sincero, já perdi a noção de quem é o mais doente, se é você ou sua mãe!

- Luís Paulo! - Cenyra soltou as agulhas e levantou-se do sofá de maneira a encará-lo.

O marido, porém, limitou-se a fechar a pasta, segurando o cigarro no canto da boca, e sair batendo a porta, sem sequer dizer até logo. Estava farto daquela situação. Quase um mês havia se passado desde o Natal e praticamente nada havia mudado. Toda semana Cenyra marcava consulta para Vitor com a tal terapeuta especialista em síndrome de pânico, toda semana o garoto inventava uma desculpa para não ir.

E enquanto isso seu casamento desmoronava. Cenyra não ia mais a lugar nenhum sem o filho caçula não raras vezes passava até a noite no quarto do garoto, velando-o para que não tivesse nenhuma crise. Sinceramente, Luiz Paulo começava a acreditar na versão de Vinícius de que tudo não passava de uma jogada de Vitor para manter a família inteira sob o comando de sua abstrata doença.

Era quase como se ele e Cenyra não fossem mais casados, não podiam nem mais sentar para conversar sobre qualquer assunto que Vítor logo a solicitava. Ela vivia as vinte e quatro horas do dia em função do garoto. E agora, como se não bastasse, ainda inventara aquela mania de fazer tapetes. Nas noites em que Vítor lhe dava sossego, Cenyra permanecia sentada no sofá da sala, calada e pensativa, bordando e desmanchando pontos em um desenho que jamais ganhava contornos definitivos.

Mal sabia ele que aquela fora a única maneira que Cenyra encontrara para equilibrar sua própria ansiedade. As vezes, o arrastar-se de uma situação de conflito, ainda que aparentemente estabilizada, é muito pior do que um momento de explosão, porque toda explosão, por pior que seja, sempre conduz a reposicionamentos e mudanças. Um vulcão adormecido não gera mobilização, mas nem por isso deixa de ser um vulcão, passível de entrar em erupção a qualquer momento.

Desde a angústia vivida na antevéspera de Natal, Cenyra sentia-se como se caminhasse por cima de um vulcão adormecido. Quem olhasse de fora, diria que o ano novo até havia trazido um pouco de paz para a família. Depois da conversa naquela noite com os pais, Vinícius mostrara-se mais seguro e equilibrado; regressara do réveillon em Búzios bem mais paciente com o irmão. Vítor, por sua vez, não tivera mais nenhuma crise no período, embora se mantivesse firme na decisão de não fazer uso de medicamentos até ouvir um outro parecer médico - o que, teoricamente, não demoraria muito a acontecer, já que concordara em procurar a psicóloga especialista em pânico descoberta por Cenyra. A questão, porém, é que este dia nunca chegava.

Enquanto isso, por medida de precaução, Vítor preferia continuar recluso, saindo apenas eventualmente, acompanhando a mãe em inadiáveis tarefas de rotina. Apesar de vir passando bem nas últimas semanas, sentia que 'a coisa' continuava sempre à espreita e tinha verdadeiro pavor de ficar em casa sozinho, por poucos minutos que fossem.

Era sobre isto que Vítor e Cenyra conversavam naquela noite chuvosa de verão, véspera de mais uma consulta que a mãe perseverantemente marcara para ele. Depois da brusca saída de Luís Paulo, permaneceram sentados na aconchegante sala-de-estar que dava para a varanda do apartamento, cada qual esforçando-se para disfarçar o enorme nó que trazia na garganta.

- Acho que você não tem que ir achando que a psicóloga vai te dar uma receita pronta para resolver imediatamente todos os seus problemas - disse Cenyra, retomando o assunto interrompido pelo marido.

- Ora, se ela não vai resolver o meu problema, então o que é que eu vou fazer lá? - reagiu o garoto, ainda tenso pelas palavras agressivas do pai.

- Ela vai conversar com você, ouvir você, buscar subsídios no seu próprio discurso para tentar encontrar as raízes dos seus momentos de aflição - explicou Cenyra que, além de gostar muito de psicologia e ler muito sobre o assunto, já havia conversado, por telefone, sobre as crises do filho com a Dra. Olívia.

- Aí, tá vendo? Não gosto desse negócio da pessoa ficar anotando tudo o que eu falo para depois usar minhas palavras para jogar contra mim mesmo! - protestou ele. - Não existe uma razão específica e palpável para as minhas crises. Se houvesse, eu mesmo teria percebido e logo tomaria as rédeas da situação. Você pensa que eu já não tentei mil vezes fazer isso? - ele descruzou as pernas e apoiou a cabeça sobre o braço direito, fazendo pressão com o cotovelo sobre a coxa.

Cenyra percebeu que o filho estava precisando falar e não o interrompeu. Deixou que ele desabafasse.

-Já estou até ficando maluco de tanto buscar um elo que ligue todas as vezes que 'a coisa' aconteceu - continuou Vítor. - Pensei no dia da semana, no que eu estava fazendo na hora, no assunto que estava rolando, pensei até na roupa que estava usando e na posição que eu estava sentado, achando que poderia sem querer estar forçando uma vértebra ou um nervo qualquer que, por causa disso, acionasse alguma coisa lá no cérebro, detonando todo o processo - ele sempre procurava raciocinar de maneira científica e lógica.

- E conseguiu chegar a alguma conclusão? - a mãe perguntou, entre um ponto e outro, encorajando-o a continuar.

- Não. Nem sempre eu estava sentado, nem sempre eu estava parado, nada coincide com nada! É como se eu caminhasse sobre um campo minado. Não existe uma regra, nem um local provável. A bomba pode explodir a qualquer momento, em qualquer lugar! - lágrimas pularam de seus olhos angustiados.

-Filho- Cenyra sentou-se a seu lado e segurou na mão que se mantinha apoiada no sofá -, a gente precisa ser humilde para aceitar que nem sempre podemos resolver sozinhos todos os nossos problemas. As vezes precisamos da ajuda de uma outra pessoa para...

-Queria que você me dissesse, como mãe, o que exatamente essa pessoa pode fazer para me ajudar! - ele levantou a cabeça para encará-la.

Cenyra caminhou até a porta envidraçada da varanda tentando encontrar o que dizer. A angústia do filho também a angustiava. "Se eu fosse o Luiz Paulo, certamente acenderia um cigano", ela pensou, vendo o cinzeiro abarrotado sobre a mesinha da varanda. Mas ela não fumava e sabia que cigarros eram apenas válvulas de escape para a ansiedade das pessoas, Era preciso convencer Vítor e ela tinha noção de que só ela poderia conseguir isto.

- Um psicólogo, Vítor, é uma pessoa que procura desvendar os mecanismos do cérebro - ela ensaiou por fim.

- Como assim "desvendar os mecanismos do cérebro"?

- Dentro da nossa cabeça, há uma constelação gigante, com mais de 100 bilhões de células nervosas. Você se lembra daquelas estrelas que o psiquiatra desenhou no papel para você? São os chamados neurônios, que controlam desde as batidas do coração até a lembrança de um amor que você teve na infância, por exemplo. Desde que nós nascemos, cada coisa que a gente aprende, uma palavrinha que seja, gera uma conexão de neurônios. Quanto mais o mundo passa a ter significado para você, mais conexões são feitas em seu cérebro - explicou Cenyra.

- Essas conexões são chamadas sinapses, isso eu estou cansado de saber. - respondeu Vítor que, apesar da declaração, parecia bastante interessado no que a mãe dizia.

- Ocorre, porém, filho, que essas sinapses agem como programas de computador. Os pesquisadores explicam que, para não perdermos muito tempo e agilizarmos nossas ações, nossa inteligência se encarrega de criar padrões.

Uma vez programada, a máquina tende a seguir os padrões estabelecidos até que seja reprogramada. Ao mais leve sinal que nos chegue, logo buscamos em nosso "banco de dados", em nosso arquivo de experiências vivenciadas, algo que nos ajude a identificar o que temos diante de nós, naquele momento, e assim nos orientamos, detonando a reação ou conduta mais de acordo.

- Você fala como se nós fôssemos robôs - observou Vítor.

- A grande diferença é que os robôs precisam de alguém que os programe, enquanto nós mesmos damos as ordens a serem cumpridas pelo nosso cérebro. Minha mãe, por exemplo, era professora e precisava acordar todos os dias às seis horas da manhã para ir trabalhar. Foram tantos anos de condicionamento que, quando ela se aposentou, ela continuou acordando a essa hora, sem precisar de despertador.

- E em nenhum momento ela pensou em enviar uma ordem ao cérebro para que mudasse o horário? - questionou o garoto.

- Sim. Me lembro de várias vezes tê-la visto sentada na cama, antes de dormir, dizendo: "amanhã eu só quero acordar depois das nove". Depois de fazer isto repetidas vezes, ela acabou reprogramando seu cérebro - lembrou Cenyra.

- Interessante... Mas acho que na maior parte do tempo o cérebro funciona no automático - observou Vítor. - Senão a gente ia perder muito tempo pensando, cada vez que fosse tomar uma atitude banal.

- Aí você tocou no ponto chave - sublinhou Cenyra. - Sem os automatismos, teríamos que decidir cada gesto, cada ação, viver cada situação como inaugural. A grande questão é que, por causa do automatismo, nem sempre temos consciência dos programas que implantamos em nós mesmos, a partir de nossa vivência diária. As vezes as sinapses automatizam ações e reações sem que a gente perceba - continuou ela.

Cenyra era uma mulher extremamente perspicaz. Conhecendo bem o filho, imaginara que a melhor maneira de despertar seu interesse pela consulta prestes a ser realizada fosse exaltar todo o lado científico da psicologia, como estava fazendo agora. Precisava, acima de tudo, fazê-lo ver o tratamento como uma possibilidade de conhecimento de mecanismos biológicos passíveis de intervenção.

-Você está falando daquele tal alarme de segurança que dispara sem razão? - deduziu Vítor, lembrando-se das explicações do psiquiatra.

- Na verdade eu não acredito que nada no nosso corpo funcione sem razão... - ponderou Cenyra.

- Ainda não entendi onde você quer chegar - disse Vítor.

- O trabalho de um psicólogo, filho, é justamente observar, com base no que você leva para ele, em que situações você tende a agir desta ou daquela maneira, o que há em comum entre as situações em que você age da mesma maneira. Porque, na verdade, você só age da mesma maneira em duas situações aparentemente diferentes porque o seu cérebro interpreta estas duas situações como semelhantes em alguma coisa, você concorda com isto?

Para a alegria de Cenyra, Vítor não só concordou, como mostrou-se maravilhado com as possíveis ligações entre a neurologia e a psicologia.

Empolgados, os dois conversaram até altas horas sobre a importância do trabalho de Freud na consolidação da psicologia como ciência; sobre como um bom trabalho de análise poderia ajudar um indivíduo a compreender melhor a própria dinâmica da mente, como organismo condicionado por estímulos diversos, para assim poder interferir em seu funcionamento.

A estratégia deu tão certo que Vítor passou boa parte da madrugada lendo uma série de reportagens sobre o funcionamento do cérebro que a mãe lhe emprestou. Como resquício dos tempos em que trabalhava como Cenyra tinha o vício de colecionar matérias sobre diversos assuntos de seu interesse e guarda-las em pastinhas coloridas, organizadas na estante por ordem alfabética.

No dia seguinte, ele acordou ainda mais entusiasmado com suas últimas descobertas Impressionado com o que lera respeito das diferentes atribuições dos hemisférios esquerdo e direito do cérebro, queria agora deduzir qual deles seria o ideal para ser trabalhado por um psicólogo de maneira a descobrir as raízes de suas crises de pânico (como se as coisas fossem assim tão simples).

Tão concentrado estava nas próprias reflexões que ensaboou-se inúmeras e demoradas vezes no banho, quase sem perceber o que fazia. Enquanto se enxugava diante do espelho, chegou a cogitar se ele, sozinho, aprofundando-se em estudos sobre as diferentes áreas do cérebro, não seria capaz de encontrar uma solução para seu problema.

"Sabe de uma coisa?" - perguntou-se em pensamento, enxugando urna orelha com a pontinha da toalha. "Estou tão bem, o que é que eu vou fazer nessa médica? Talvez fosse mais interessante se eu me sentasse diante do computador, me conectasse com a internet e...". Foi então que tudo começou novamente. A angústia crescente sem explicação aparente, o aperto no peito, a respiração difícil, a sensação de que ia ter um enfarte fulminante a qualquer momento.

- Mãe... - ele gritou, após abrir a porta num solavanco.

- O que houve meu filho? - Cenyra assustou-se.

Os dois estavam sozinhos outra vez, tanto Luís Paulo quanto Vinícius haviam chegado tarde em casa e saído muito cedo.

- A coisa'... - ele respondeu, quase sem fôlego, enxugando nervosamente a testa encharcada de suor. - Não estou conseguindo respirai- direito...

- Procure manter a calma... - ela o amparou até o quarto. - Já está quase na hora da consulta. E só vestir a roupa e...

- Não adianta... - interrompeu ele, ofegante. - Eu não vou conseguir ir...

- Mas é claro que vai! - garantiu Cenyra, firme. - Você sabe que a crise não dura mais de vinte minutos. Tenha calma, já vai passar.

Vítor, no entanto, não tinha como se manter calmo. Era mesmo como se um vulcão estivesse explodindo dentro dele, tamanha era a agitação que ia tomando conta de seus músculos. A vontade que ele tinha era de sair correndo pelo meio da rua para desgastar toda aquela energia avassaladora. Ao mesmo tempo, sentia-se dominado por aquela sensação de fraqueza, aquela tontura... E o ar cada vez mais difícil de respirar, o coração doendo, batendo mais e mais forte.

- Mãe... Eu acho que desta vez eu vou morrer... Não estou conseguindo mais respirar... Tá doendo, mãe...

- Não diga besteiras, meu filho - Cenyra estava se esforçando o máximo para parecer tranquila. - Eu vou até a cozinha, pegar um pouco de água e...

- Não! - ele agarrou a mão da mãe e a apertou contra o peito descompassado. - Não me deixe aqui sozinho...

"Pai Nosso que estais nos céus", Cenyra orava em silêncio, procurando transmitir paz ao filho através daquele toque. Ele fechou os olhos e teve a impressão de que uma parte dele estava se deslocando do corpo; a visão turvou-se, mas o desmaio, como sempre, não veio. "Eu estou morrendo", era tudo em que conseguia pensar, apertando cada vez mais forte a mão da mãe contra o peito, como se assim pudesse manter-se preso ao próprio corpo. "O pão nosso de cada dia", Cenyra prosseguia em sua oração silenciosa. Enquanto ela orava, Vítor sentia-se cada vez mais distante. Tudo em volta parecia ir aos poucos recuando, ouvia ao longe risos e vozes de pessoas que ele não conhecia. O quarto, o mundo parecia irreal, não sentia mais nem mesmo a mão da mãe dentro da sua. Apenas o barulho do coração, que parecia amplificado no tempo e no espaço, lhe dava a certeza de que ainda estava vivo. Inexplicavelmente, ele foi aos poucos tornando-se mais compassado, mais compassado... Até que a crise deu seus primeiros sinais de alívio. A pressão começou a voltar ao normal, ao mesmo tempo em que uma espécie de branco gelado parecia tomar conta de todo o corpo de Vítor.

Só então percebeu que estava nu. Tampou o sexo, envergonhado, e deixou-se cair sobre a cama. O choro foi vindo lentamente, estava exausto.

- Não fique assim, meu filho... - Cenyra entregou-lhe a toalha que estava caída no chão e o ajudou a cobrir-se com ela, sem que ele parasse de chorar. - Respire fundo, pense que está tudo bem. Eu estou aqui com você, daqui a pouco nós vamos ver a psicóloga e...

- Eu não vou mais! - ele a interrompeu em prantos. - Não quero sair daqui! - disse encolhendo-se como um feto amedrontado.

- Mas, filho, você precisa ir, você...

- Não adianta, mãe... - ele disse, entrando debaixo das cobertas. -Marque para outro dia. Hoje eu não vou.

Sem discutir, Cenyra arrumou no canto da cama as roupas para que ele vestisse. Depois saiu do quarto de mansinho, enquanto ele continuava chorando sob as cobertas, e dirigiu-se ao telefone na sala.

Cerca de quarenta e cinco minutos depois, exatamente na hora em que estava marcada a consulta, a campainha tocou. Era a Dra. Olívia Larguerucho, a psicóloga, que, para alívio de Cenyra, por ser especialista em casos como o de Vítor, costumava ir à casa de seus pacientes quando necessário. Após conversar alguns minutos com Cenyra, esta a levou até o quarto do filho.

Entre! - ele gritou, ao ouvir as três batidinhas secas na porta,

Achando que a mãe estivesse sozinha.

- Vitor, meu filho, você já está vestido? - Cenyra perguntou, Ele fez um movimento de sim com a cabeça. Estava sentado na cama, inteiramente coberto por um lençol.

- Então saia debaixo desse lençol. A Dra. Olívia está aqui.

XIV

- Não adianta me manterem preso aqui! Ele está cercado! Não tem como fugir! - gritava Oto, inconformado. - Não estou sozinho nesta vingança!

Nem bem chegara à Colônia Renascer, sentira-se inquieto ao captar a vibração dos pensamentos de Vítor, a quem mantinha-se estreitamente ligado, e de imediato arrependera-se por haver se deixado conduzir por Têmis e Pablo de volta àquele local de refazimento na espiritualidade. Não queria permanecer ali. Atormentado por uma mistura de lembranças dolorosas do passado, as quais haviam sido ativadas mediante o simples desejo de Vítor de desvendar os mistérios de seu próprio cérebro sem a ajuda de ninguém, Oto sentiu uma vontade irresistível de retornar ao apartamento de Luís Paulo e Cenyra, mas foi impedido por seus protetores.

Encontrava-se agora retido em um quarto amplo e quadrado, de aproximadamente nove por nove metros, cercado por paredes transparentes, de um material semelhante ao vidro, porém inquebrável e de propriedades sonoras, que ofertavam ao interno a companhia de grandes mestres da música. Oto, contudo, não conseguia ouvir nada além de sua angustiosa revolta. Aproximando-se um pouco mais, podia-se notar que ele era mantido ali como que enjaulado. As paredes envidraçadas cercavam, na verdade, um outro quarto, protegido por grades magnéticas, onde o único móvel era uma cama.

Do lado de fora, Têmis e Pablo o observavam, quando foram surpreendidos pela voz de alguém muito conhecido que acabara de chegar:

- Com licença... Atrapalho alguma coisa?

- Irmão Demóstenes! Que grande alegria tê-lo novamente conosco! - exclamou Pablo, abraçando-o.

- Nós o estávamos justamente aguardando! - disse Têmis, apertando sua mão em uma saudação calorosa.

- Irmão Guilhôme nos disse, esta manhã, que traria uma nova estagiária para o nosso departamento... Onde está ela? - quis saber Pablo.

Os três viraram-se para trás e só então perceberam Aretusa, parada na porta da sala, girando o olhar admirado pelo ambiente. Incentivada pelo sorriso de Têmis, ela caminhou timidamente até onde estavam cada vez mais maravilhada com o que via.

A sala era enorme, pintada de uma cor entre o rosa e o salmão, numa tonalidade delicada que ela jamais vira na Terra. Tal cor parecia dotada de uma propriedade *sui generis,* que fazia com que as pessoas que adentrassem o local sentissem como se estivessem sendo abraçadas, numa sensação de aconchego comparável à de um útero materno.

Não era só isso que tornava aquela sala diferente. Em cada uma de suas paredes havia janelas compridas como as de um berçário, que davam acesso a vários quartos especiais como o de Oto. Tais internos, contudo, não tinham a noção de que eram permanentemente observados. Tanto os beirais dessas janelas quanto os portais eram pintados de branco, assim como os rodapés e as *sancas* que arrematavam o altíssimo pé-direito, sendo que dos rodapés erguia-se maravilhoso jardim florido. Somente tocando-o podia-se ter a certeza de que não era de verdade, mas sim pintado à mão por algum artista de talento inigualável.

Os móveis da sala, todos brancos, de formato arredondado e sem pontas, também faziam lembrar o desenho de flores. Havia muitas mesas e cadeiras, algumas dispostas em círculo, dando idéia de grupos de estudos, e também algumas cadeiras e mesinhas infantis - réplicas das outras, maiores - arrumadas em um dos cantos, onde se podia notar ainda um cercado todo florido de grandes proporções. Complementando o espetáculo, todo o ambiente era embalado por suave melodia.

- Que lugar divino! - deixou escapar Aretusa, encantada.

- E nosso local de estudos e pesquisas, seja bem-vinda! - disse Têmis. - Os móveis sem ponta - ela explicou, lendo seus pensamentos - foram projetados especialmente para atender às necessidades de nossas crianças e bebês, para que não se firam em suas brincadeiras. Aqui realizamos vários trabalhos com nossos pequenos internos, enquanto mantemos sob observação certos pacientes em estado delicado que não podemos perder de vista.

- Esta é Aretusa - apresentou Demóstenes. - Ela encontra-se ainda em fase de adaptação à vida no plano espiritual e, muito aplicada em seus estudos, tem demonstrado grande interesse em conhecer de perto o destino dos espíritos abortados. Ultimamente, ela me tem feito tantas perguntas que achei que seria oportuno trazê-la aqui para uma experiência prática.

Eu adoro ajudar! - anunciou ela, entusiasmada.

- Trabalho é o que não vai faltar! - garantiu Pablo.

Enquanto ele explicava a Aretusa alguns detalhes sobre o funcionamento daquela colônia, Demóstenes aproximou-se da janela e viu Oto, que ainda espumava de raiva, em seu delírio particular.

- Este é aquele espírito que vocês socorreram na noite em que estivemos na casa de Cenyra e Luís Paulo? - perguntou ele, que era também um dos abnegados colaboradores daquela colônia.

-Sim, é Oto - confirmou Têmis.

- Assassino! Ele é um assassino! - gritava Oto sem parar.

- Ele parece furioso - comentou Demóstenes.

- Não imaginávamos que ele fosse mudar suas disposições íntimas tão abruptamente. Na noite em que o recolhemos no apartamento ele parecia tão fragilizado... - comentou Têmis, também observando-o através da janela.

- Seu sofrimento é um conflito entre duas partes de seu caráter, que se intercalam em sua mente, confundindo-lhe os sentimentos - explicou Pablo, aproximando-se. - Um lado de Oto quer mudar, recuperar a esperança e voltar a trilhar o caminho do bem. O outro, contudo, ainda não se conformou com o que lhe fizeram no passado e se contorce de ódio só de pensar que seus antigos inimigos estão tendo uma nova oportunidade de redenção. Como se encontra muito desequilibrado em termos vibracionais, ele fica oscilando entre estes dois extremos, sem conseguir definir nem mesmo para si próprio o que efetivamente quer.

- Ele não mudou nada! Um dia todos vão me dar razão! Por trás daquela carinha de santo, Vítor é um assassino! - esbravejava Oto, andando de um lado para outro, transtornado. - Assassino! - repetia entre lágrimas.

Havia muita mágoa em suas palavras. Seu tom de voz não expressava apenas ódio e revolta, mas acima de tudo muita dor. Uma dor interna e profunda que não lhe permitia um minuto sequer de paz. Era um espírito atormentado.

- Se ao menos ele não tivesse se recordado de tantos fatos passados ao reencontrar Vítor... - lamentou Têmis, sob o olhar atento de Aretusa.

- A questão é que Oto não tinha condições de estar entre os encarnados quando houve o encontro. Vivia séria crise de identidade desde o momento em que fora abortado, não se encontrava ainda recuperado quando decidiu aderir ao levante dos revoltados e fugir da colônia, disposto a assediar o médico que lhe tirara a vida de maneira tão cruel -analisou Pablo.

- O que mais me impressionou neste caso foi a rapidez com que ele identificou Vítor, logo da primeira vez em que o viu, por acaso, no prédio do tal médico - comentou Têmis.

- Oto reconheceu-o pelos traços de caráter. A grande maioria dos espíritos parte para novas experiências no campo carnal cheia de nobres ideais, acreditando-se diferente após anos de estudos e reflexão no plano espiritual. Todavia, uma vez protegidos pela bênção do esquecimento, não raro acabam deixando novamente aflorar quase todas as tendências que os levaram à queda em suas últimas experiências passadas - explicou Pablo.

- Tais espíritos tiveram acesso ao aprendizado, mas não permitiram que os ensinamentos penetrassem verdadeiramente em suas almas, como demonstram assim que vem à tona sua real personalidade, no chamado auge da adolescência - complementou Demóstenes.

- Ele não pode enganar-me. Eu sei que ele não mudou! Eu vi que ele não mudou! - continuava a gritar Oto, do interior de seu quarto especial.

- Oto é o retrato de uma situação que comumente acontece no mundo carnal - reiterou Pablo. - O tempo todo as pessoas emitem a vibração dos sentimentos e pensamentos que lhes passam pelo íntimo, ainda que não esbocem uma só palavra que os revele. Todavia, estes sentimentos e pensamentos se propagam no ar assim como um odor de perfume se espalha entre os encarnados, criando laços mentais com seres que já não vivem mais na Terra. Esses laços os mantêm ligados e os aproximam destes seres, com quem um dia experimentaram uma relação de afinidade, boa ou má.

- Então quer dizer que a afinidade também pode existir num sentido negativo? - tentou entender Aretusa.

- Mas é claro! Você nunca ouviu dizer na Terra que amor e ódio são sentimentos irmãos? - interveio Demóstenes. - As vezes até, nos ligamos mais fortemente àqueles a quem odiámos, pelo pensamento fixo e constante no alvo de nosso ódio, do que àqueles a quem amamos.

- E verdade... - refletiu Aretusa. - Sabem que eu nunca me havia dado conta disto?

- Compreendo - meditou Têmis. - Uma vez atraídos por vibrações de amor ou de ódio, os espíritos são capazes de identificar personalidades do passado ao verificarem a manutenção dos traços de caráter...

- Ele não mudou! Ele não mudou! - insistia Oto, alheio a tudo o que era dito do lado de fora de sua cela envidraçada.

Condoída com seu desespero, Têmis cerrou seus olhos e orou com todo o seu amor. Suas palavras, ditas em concentrada prece mental, chegavam até Oto como uma chuva de estrelas prateadas e faiscantes, as quais pareciam aderir-se a seu corpo espiritual deformado, paulatinamente acalmando-o:

Bendito és, meu Pai, cuja bondade nos permitiu estar aqui agora, unidos em torno deste ser que tanto necessita do nosso auxílio para que possa galgar estágios mais altos de sua trajetória evolutiva. Perdoa-nos, Senhor, se não conseguimos fazer tudo o que estava ao nosso alcance em prol da evolução deste espírito. Ainda assim, ilumina-nos Pai, neste momento, com a tua luz excelsa e magnânima, compadece-te deste nosso irmão, faze brotar dentro dele uma simples fagulha do teu infinito amor. Sabemos. Pai querido, que uma simples fagulha do teu amor é mais forte que o sol que ilumina toda a Terra. És a luz maior, a luz que cura e alimenta, a luz que nos faz enxergar, a luz que balsamiza, a luz que acalenta, a luz que jamais abandona. E é com esta fé, Senhor, que te imploramos: ilumina este espírito, encontra um meio, Senhor, de fazer com que a tua luz penetre o mundo de trevas que ele criou para si próprio. Sabemos que a tua infinita misericórdia jamais deixa sem resposta a prece de um de teus filhos. Com esta certeza, Pai, te agradecemos por mais esta bênção de amor."

Quando Têmis encerrou sua sentida prece, tinha o rosto inteiramente banhado em lágrimas. Oto dormia. Parecia até uma criança indefesa, encolhida no meio da cama como um pequeno feto. As vibrações que dele emanavam, contudo, mostravam que era um ser que se encontrava muito doente. Olhando-o, seus protetores tinham acesso a tudo o que se passava em sua casa mental. Enquanto ele aparentemente sonhava, da região de sua testa emergia um vapor cinzento, fazendo lembrar uma nuvem carregada de chuva. Envoltos neste vapor, podiam ser identificados diversos instrumentos médicos, como tesouras, bisturis e até mesmo um estranho aparato que fazia lembrar uma espécie de aspirador de pó de proporções diminutas.

- O que são todas estas coisas? - perguntou Aretusa, impressionada.

- São traumas que ficaram gravados na memória espiritual de Oto e que hoje agem como instigadores de sua revolta - explicou Têmis.

- Mas todos estes aparelhos foram usados em um único aborto? -insistiu Aretusa.

- Na verdade, não. Digamos que todos eles fazem parte do passado de Oto. Na medida em que for se inteirando mais de seu caso, compreenderá melhor o que estamos dizendo - acrescentou Pablo.

Os quatro ainda permaneceram, por bom tempo, ali concentrados, orando por Oto. Depois, Demóstenes se despediu do grupo, partindo para a execução de algumas tarefas, e Têmis convidou Aretusa para um passeio nos jardins que circundavam o prédio, na verdade um grande hospital, com vários departamentos que oportunamente ela viria a conhecer.

- E uma ótima ideia - incentivou Pablo. - Enquanto isso, ficarei aqui terminando alguns relatórios.

Mais uma vez, Aretusa ficou surpresa com o que via. O imenso jardim que se estendia em torno do prédio do hospital parecia até coisa de filme. Tudo ali parecia mais vivo do que as mais belas paisagens que tivera oportunidade de apreciar na Terra. As cores eram diferentes, mais intensas, mais vibrantes, de nuances por ela desconhecidos. O verde do gramado, o azul do céu, o colorido das flores espalhadas por canteiros que formavam o desenho de pássaros, borboletas, joaninhas, pipas. Até as flores eram diferentes, misturando-se numa variedade de espécies também jamais vistas em seu planeta de origem, enquanto fontes de águas cristalinas emitiam delicada fragrância, que lembrava o perfume de jasmins.

Todavia, faltava alguma coisa àquela magnífica paisagem. A alegria de crianças correndo pelos gramados, seus risos, seus gritinhos, suas danças, nada disso existia naquela colônia que, apesar de bela, parecia envolta em uma aura de profunda melancolia. Olhando agora mais atentamente, Aretusa percebeu que até as árvores, com suas vetustas cabeleiras de flores pendentes, pareciam soluçar sob o barulho das águas a correrem tristes por algum riacho ali perto.

- Por que tudo aqui é tão triste? - perguntou, sentindo o coração apertado por aquele peso que pairava no ar.

- A atmosfera local é um reflexo do psiquismo dos que a habitam. Não se esqueça de que estamos numa colônia que abriga seres que foram rejeitados - esclareceu Têmis.

As duas tiveram então sua atenção voltada para um grupo de cerca de vinte crianças que saía do prédio em direção ao jardim, tuteladas por duas senhoras vestidas como irmãs de caridade. Silenciosamente, elas desceram as escadarias do hospital e, pouco a pouco, espalharam-se, sozinhas e pensativas, pelo gramado de intenso verde.

Contagiada pela tristeza que parecia dispersar-se pelo ambiente junto com aquelas crianças, a própria Aretusa, que nos tempos de encarnada fora sempre tão contida, não pôde segurar as lágrimas.

- Controle suas emoções, querida irmã - pediu Têmis, apertando-lhe a mão num gesto de carinho que lhe era característico. - Não é bom que eles a vejam assim chorando. Nós, trabalhadores desta colônia, precisamos nos manter firmes na disposição de transmitir emanações harmoniosas de alegria, amor e otimismo. Só assim podemos contribuir para aliviar a pesada atmosfera que nos envolve.

-Desculpe... - ela respirou fundo, enxugando as lágrimas com as pontas dos dedos.

-Infelizmente, nosso primeiro contato com estes seres é sempre muito doloroso... -observou Têmis, sem soltar sua mão.

As duas permaneceram mais alguns instantes em silêncio, observando o grupo Ao longe, uma das irmãs conseguiu reunir um pequeno número de internos e iniciou com eles uma brincadeira de roda, da qual a garotada o começou a participar, à princípio sem muito entusiasmo.

- Embora não pareça, brincadeiras como essa ajudam aqueles espíritos a esquecerem, ainda que por breves momentos, o ódio e o sentimento de inconformação que carregam em seus íntimos - explicou Têmis.

- Todos os internos são tristes assim? - quis saber Aretusa.

- Como sempre diz o irmão Guilhôme, nosso mentor, não devemos jamais generalizar raciocínios nem padronizar efeitos. A especificidade de cada caso determina situações absolutamente individuais no que se refere às repercussões sofridas pelo espírito eliminado de seu corpo em vias de estruturação. É verdade que a tristeza é um traço marcante em boa parte de nossos internos. Afinal, é sempre doloroso preparar-se para cumprir determinada tarefa e se ver subitamente impedido de cumpri-la.

- Eu diria que é no mínimo frustrante... - observou Aretusa.

- Contudo, de acordo com sua evolução, cada espírito vai reagir de forma diferente a esta frustração, compondo a infinidade de quadros que abrigamos nesta colônia - esclareceu Têmis.

- Como assim? - quis compreender melhor Aretusa, sem conseguir tirar os olhos da roda onde as crianças brincavam.

- Estes espíritos que agora você observa fazem parte de uma turma de evolução mediana. Experimentam dificuldade em esquecer-se da decepção que recentemente viveram, contudo não alimentam sentimentos de revolta contra aqueles que seriam seus futuros pais e nem desejos de vingança. Apenas precisam de tempo para se recuperar - exemplificou Têmis.

Aretusa permaneceu por mais alguns instantes com a atenção fixa na cantiga de roda que as crianças agora pareciam cantar com um pouco mais de entusiasmo. Ainda assim, era uma entonação ralentada, como se todas estivessem enfraquecidas por um resfriado muito forte. "Não sei se eu conseguiria sentir apenas uma tristeza debilitante, se estivesse no lugar deles...", ela pensou consigo. "Talvez quisesse me vingar... Com toda certeza estaria sentindo muita raiva..."

- Será que existem espíritos que conseguem perdoar de imediato? -perguntou incrédula.

- E por que não? - sorriu Têmis. - Jesus não perdoou a seus algozes ao ser preso na cruz? Não foi isso o que ele nos ensinou?

"Pai, perdoai-os porque não sabem o que fazem", Aretusa lembrou-se de imediato das palavras do Mestre.

- Mas Jesus foi o espírito mais evoluído que a Terra já conheceu! -argumentou ela. - Estamos falando de seres comuns, que ainda precisam reencarnar em nosso planeta.

- Entendo o que quer dizer. Todavia, mesmo entre aqueles que ainda necessitam transitar pela crosta são infinitas as nuances evolutivas. De uma maneira geral, o espírito, quando de nível evolutivo mais expressivo, tem reações mais moderadas e tolerantes. Muitas vezes seria ele alguém destinado a aproximar o casal, restabelecer a união ou mesmo, no futuro, servir de amparo social ou efetivo aos membros da família. Neste caso, ele lamentará a perda da oportunidade de auxílio para aqueles que ama, mas não se deixará envolver pelo ódio, pelo ressentimento ou mesmo pelo desânimo, ainda que o ato do aborto o tenha feito sofrer física e psiquicamente. Muitas vezes, manterá, mesmo desencarnado, tanto quanto possível, o seu trabalho de indução mental positiva sobre a mãe ou os cônjuges - detalhou Têmis.

"Como eu queria ser assim", imaginou Aretusa, comovida. "Será que um dia conseguirei chegar a esse estágio?"

- E claro que sim. Um dia todos nós chegaremos à condição de seres de luz - disse Têmis, lendo seus pensamentos.

- E quanto aos que ainda se encontram nos degraus mais baixos da escada evolutiva? Como reagem ao aborto? - insistiu Aretusa. - Existem seres assim nesta colônia?

- Sim, e não são poucos. Nestes casos, as reações se farão de forma mais descontrolada e, sobretudo, mais agressiva, como você teve oportunidade de presenciar momentos atrás... - lembrou Têmis.

- É mesmo, aquele Oto parecia verdadeiramente transtornado... Por instantes cheguei a sentir medo do ódio que brilhava nos olhos dele... - confessou Aretusa. - Fico só imaginando o que ele não seria capaz de fazer com os alvos de sua revolta...

- É, de fato, uma situação bastante delicada. Espíritos destinados ao reencontro com aqueles a quem no passado foram ligados por liames desarmônicos, ao se sentirem rejeitados, devolvem na idêntica moeda o amargo fel do ressentimento. Alguns revidam com a perseguição aos cônjuges ou a outras pessoas envolvidas na consecução do ato abortivo, outros permanecem ligados àquela que fora destinada a ser sua mãe, induzindo, consciente ou inconscientemente, a profundos distúrbios ginecológicos. Outros ainda, pela vampirização energética, ficam sugando o *fluido vital materno*, podendo às vezes até provocar o desencarne precipitado daquela que os deveria receber como filhos. Veja, por exemplo, aquela nova turma de desencarnados que está chegando ao jardim -Têmis indicou

Na medida em que algumas delas se aproximavam do local onde estava, sempre seguidas de perto por um enfermeiro específico. Aretusa, estarrecida, pôde reparar que não eram exatamente crianças. Tão assustadoras como Oto - cujo aspecto lhe passara despercebido, em meio às emoções de seu primeiro contato com a colônia . algumas eram metade homem, metade criança; outras, mancas, possuíam a metade direita de um adulto e a esquerda de crianças; outras ainda eram homens e mulheres com fisionomia de bebês, enquanto gentis enfermeiras embalavam em carrinhos estranhos bebês com fisionomia de adultos.

- Que coisa horrível! - Aretusa novamente não conseguiu segurar as lágrimas.

Têmis a repreendeu com um olhar delicado, sem nada dizer. Num esforço supremo para se conter, Aretusa então respirou fundo e procurou concentrar-se numa prece, em busca de forças para restabelecer seu equilíbrio.

- E por que acontecem essas aberrações? - conseguiu finalmente perguntar.

- Ficaram assim pelo choque. Não podemos esquecer que, antes de decidir reencarnar, estes seres mantinham uma forma perispiritual, normalmente a de sua última existência.

- Como nós... - compreendeu Aretusa.

- Exatamente. Durante o processo reencarnatório, todos precisamos nos desligar desta antiga forma, de modo a irmos assumindo, pouco a pouco, as características do novo corpo que iremos animar. Para que isto aconteça, o perispírito deverá sofrer um processo de miniaturização, a fim de que se adeque às formas de um bebê...

- Mas eles são metade adulto, metade criança! - grifou Aretusa, ainda angustiada. - Isto quer dizer que tiveram problemas durante a miniaturização?

- Não propriamente. E que nestes casos, no momento violento do aborto, o espírito perde a noção de sua identidade com o choque. Ele nem é mais o ser que iria se formar, embora já houvesse internalizado algumas de suas características, nem tampouco a forma que recentemente deixara de vestir. Este conflito de identidade acaba gerando as anomalias da forma perispiritual.

- Mas durante o aborto o espírito não recebe nenhum socorro do plano espiritual? - estranhou Aretusa.

- E claro que recebe! Aliás, só não sofre mais o espírito do abortado porque espíritos abnegados da falange de Maria de Nazaré fazem guarda nessas clínicas, para socorrer as vítimas indefesas. Na hora em que o espírito está lutando para permanecer no útero, as equipes de Maria fazem o impossível para minimizar o seu sofrimento - lamentou Têmis.

- Quer dizer então que todos os espíritos menos evoluídos ficam assim deformados? - deduziu a estagiária.

- Nem todos - informou Têmis. - Como disse, não existe uma regra geral, e sim uma infinidade de situações individuais. Temos diversos berçários onde encontram-se sob cuidados espíritos que se mantiveram com a aparência de bebês comuns ou mesmo de fetos; e também departamentos onde espíritos que já conseguiram modelar seus períspiritos com a forma de crianças ou de adultos sem qualquer aberração são preparados para novas tentativas de reencarne.

- Todos terão de reencarnar, mesmo aqueles que já foram rejeitados mais de uma vez? - inquiriu Aretusa.

- Principalmente estes. De maneira geral, todos aqui necessitam da experiência reencarnatória para o reequilíbrio perfeito de suas energias. Só através de uma nova oportunidade de existência terão como apagar de suas mentes os traumas que ficaram gravados em sua memória espiritual - esclareceu a anfitriã.

Do jardim, depois de observarem de longe por mais algum tempo aquelas estranhas criaturas, as duas seguiram para a alameda das orquídeas, onde Têmis vivia. Durante o período de estágio, Aretusa ficaria hospedada com ela no chalé amor-perfeito. Os médicos, enfermeiros e trabalhadores em serviço na colônia habitavam temporariamente aquela alameda de chalés, cada qual batizado com o nome da flor que predominantemente o ornamentava. Era um lugar lindo, que mais parecia uma pintura em alto relevo.

- Ninguém pode imaginar o trabalho da espiritualidade em colônias como esta - suspirou Aretusa, enquanto caminhavam por aquela alameda florida, onde a calçada oposta era ocupada por um muro inteiramente coberto de orquídeas. - Em toda a minha vida de encarnada, nunca soube de uma clínica de recuperação tão bem planejada e estruturada, tão minuciosamente cuidada...

- O que, no entanto, não diminui a responsabilidade daqueles que executam este crime hediondo, que é o aborto... - observou Têmis.

- Sabe, não consigo compreender o que passa na cabeça de um médico que jura, perante todos, no dia de sua formatura, empenhar-se para salvar vidas e acaba se dedicando a exterminar fetos! - desabafou Aretusa. - Acho que eu, corno espírito, jamais ajudaria uma pessoa assim! Não teria à menor compaixão se...

Aretusa, minha irmã, jamais diga uma coisa dessas - interrompeu Têmis, prudente- Primeiro, porque, se pretendemos um dia nos tornar espíritos verdadeiramente- bons, não podemos julgar as pessoas. Sabe lá o que já fez em suas vidas passadas? O Pai, no entando, nunca deixou de usar de misericórdia para com os nossos erros e assim devemos proceder com nossos semelhantes. Além de que, o nossos problema do aborto não se encontra tão distante de sua família quanto você imagina. Com toda certeza, não é por acaso que você está aqui, tendo acesso a todos estes conhecimentos no atual patamar evolutivo em que se encontra...

- Como assim? ela estancou assustada à porta do chalé.

- Logo você entenderá o que estou dizendo - garantiu Têmis. - Fique certa de que, tanto os encarnados quanto nós, desencarnados, somos sempre situados no local certo e apropriado ao nosso desenvolvimento integral. Vamos? - ela indicou com um gesto o interior da casa para Aretusa, que a seguiu pensativa.

"Afinal, que razões existiriam para que estivesse ali naquele lugar, além de seu desejo pessoal de conhecer o destino dos abortados?", não conseguia deixar de perguntar-se.

XV

O susto foi tão grande que Vítor levantou de um pulo da cama. Deu de cara com a psicóloga sorrindo para ele.

Era uma jovem de trinta e poucos anos, cabelos louros, compridos e cacheados, olhos castanhos e ternos, o rosto muito bonito. Parecia mesmo um anjo a observá-lo. "Ela não pode entender muita coisa sobre o que eu sinto. E quase uma menina!", ele pensou consigo.

- Oi, Vítor! - ela o cumprimentou, carinhosa e simpática. - Eu sou a Olívia. Sua mãe me ligou aflita, dizendo que você não tinha condições de chegar até o meu consultório, e resolvemos então que seria melhor que eu viesse até aqui ver você...

Ainda tomado pelo assombro e pela desconfiança, ele engoliu em seco, sem saber o que dizer.

- Sua mãe me disse que acaba de ter uma crise... - prosseguiu Olívia, cautelosa. - Como você está agora?

Com os olhos, ele procurou desesperadamente a figura da mãe, que o incentivou com um movimento afirmativo de cabeça, como a dizer "fale, meu filho!". Vítor, porém, estava tão atônito que não sabia o que responder. "E se começar tudo de novo na frente desta moça?", era tudo em que conseguia pensar.

- Não se preocupe. Você não vai ter outra crise - afirmou a psicóloga, como se pudesse ler os seus pensamentos. - Se tiver, estarei aqui para ajudá-lo. Eu sei como lidar com isso.

Ele abaixou a cabeça envergonhado. Sentia-se extremamente humilhado por estar ali, naquela posição frágil, diante de alguém que estava ciente de suas fraquezas. Ainda por cima uma mulher, que talvez tivesse idade para ser sua irmã mais velha. "Quantos anos teria?", ele perguntava-se, confuso diante de sua beleza. A vontade que tinha era enfiar-se debaixo da cama, mas ele sabia que não podia fazer isto. Afinal, o que ela iria pensar dele? Talvez o tomasse como louco! Ao mesmo tempo, a expressão da psicóloga era tão doce, tão terna que o fazia sentir-se à vontade mesmo sem conhecê-la. Era como se estivesse escrito nos olhos dela que não lhe faria nenhum mal.

- Imagino que não deve ser nada fácil isso que você está passando -continuou ela. - Tenho muitos pacientes na sua mesma situação e eles me dizem que o pânico é um tipo de medo muito desagradável porque os deixa totalmente perdidos, desconcertados frente aos outros e, sobretudo, perplexos frente a eles mesmos, na medida em que não conseguem entender por que esse medo aparece. E assim que você se sente?

Vítor balançou a cabeça, em sinal afirmativo. "Será que ela realmente entendia alguma coisa do assunto? Teria mesmo muitos pacientes em sua mesma situação?"

- A primeira coisa que quero que fique claro para você é que você não está louco e que isso que está acontecendo na sua vida acontece também com inúmeras outras pessoas no mundo inteiro - ela acrescentou.

Ele a encarou surpreso. Nunca tinha ouvido isso. Seria verdade?

- Sim, calcula-se hoje que cerca de cinco por cento da população mundial sofra com os transtornos do pânico'20 - confirmou a Dra. Olívia. -Acho, aliás, que um importante ponto de partida para o tratamento é a pessoa se informar, procurar conhecer tudo o que foi descoberto sobre o assunto. Você gosta de estudar?

- Hum, hum - respondeu Vítor, ainda tímido e desconfiado.

- Pois bem - disse ela, correndo os olhos pelo quarto do rapaz. - Vejo que você tem aqui um computador... Se eu, pessoalmente, estivesse no seu lugar, a primeira coisa que faria seria dar uma procurada na internet. Você costuma fazer pesquisas na internet?

- Hum, hum - ele repetiu o murmúrio.

- Pois então faça isso. Você vai encontrar uma quantidade absurda de depoimentos! - ela incentivou.

- Agora? - perguntou o rapaz, começando a interessar-se.

- Não. Mais tarde você poderá fazer isso. Será, inclusive, um exercício que vou passar para você... Dona Cenyra, eu agora vou aceitar aquele copo d'água que a senhora me ofereceu! - ela disse, percebendo que Vítor estava mais confiante. Era a senha para que Cenyra os deixasse sozinhos.

No momento em que viu a mãe cruzar entrada do quarto e encostar a porta, Vitor esboçou um esgar de susto, mas Olívia, percebendo sua reação, logo o tranquilizou:

- Se nos precisamos, chamamos a sua mãe, ok? Sabe, uma boa técnica para a gente manter sob controle a nossa ansiedade é ocuparmos a nossa atenção com outras coisas. Uma pesquisa, uma atividade, nem que seja a simples observação da sua respiração.

- Como assim? - ele quis saber.

- Quando você perceber que a crise está vindo, fixe seu pensamento no ritmo corn que o ar entra e sai de, seus pulmões. Você já reparou como respira depressa nos momentos em que se sente ansioso?

Vítor pensou por alguns instantes. Realmente, o primeiro sintoma que costumava sentir quando 'a coisa' se aproximava era uma dificuldade de muito grande de realizar trocas de ar, o que aos poucos ia se transformando numa espécie de sufocamento. Estava tão concentrado em suas reflexões que nem deu importância quando a mãe apareceu para entregar o copo de água a Olívia e saiu logo em seguida.

- Quando sentimos ansiedade, o ritmo respiratório adquire características próprias - continuou Olívia, após um comprido gole de água. - Convencionou-se chamar de hiperventilação esse tipo específico de respiração, curta e rápida, que também faz parte do quadro sintomatológico da síndrome do pânico. Em geral, essa forma de respirar é esperada em situações que envolvem esforço físico intenso ou quando o indivíduo está sob forte tensão. Ela produz processos biológicos específicos, inofensivos em si, mas bastante desconfortáveis e perturbadores, como formigamento, tonteira, contração muscular, visão embaralhada etc. - ela depositou o copo sobre a escrivaninha de Vítor e puxou a cadeira para sentar-se diante dele.

- Tudo isso é causado pela respiração? - estranhou ele.

- Sim. Quando você aumenta muito o número de inspirações e expirações, acaba entrando mais ar nos pulmões e, consequentemente, mais oxigênio. Mas há também uma maior eliminação de dióxido de carbono, o que causa vasoconstrição em determinadas partes do corpo -esclareceu ela.

(20) Conforme dados da Organização Mundial de Saúde.

- E o que isto significa na prática? - questionou Vítor.

- Como o CO_2 é ácido, reduzir sua quantidade no sangue aumenta o ph, a alcalinidade, do sangue, o que provoca todas aquelas reações de que acabamos de falar. Mas é sempre possível interferir no ritmo respiratório antes que a situação chegue a esse ponto.

- Como? - perguntou Vítor, cada vez mais curioso.

- O segredo é alterar o tipo de respiração, quer ver só? - ela colocou a mão em seu peito de maneira a sentir sua respiração.

Intimidado, Vítor ficou um pouco ansioso e começou a respirar mais depressa.

- Está vendo só? Toda a sua respiração parece estar concentrada aqui no peito. Preste atenção...

Ele ficou concentrado por alguns instantes, sentindo como se seu coração pulsasse dentro da mão da psicóloga.

- Essa é a chamada respiração torácica, que consiste basicamente no movimento barriga para dentro, peito para fora... Quando muito acelerada, ela se transforma na hiperventilação... Agora procure relaxar e encher bem os quadris, expandir bem o abdômen no momento em que for inspirar - ela tocou em sua barriga para indicar o local. - Depois vá esvaziando calmamente, contraindo a barriga na medida em que for expulsando o ar de dentro de si...

Vítor obedeceu, tenso a princípio, mas aos poucos foi se deixando levar pelo movimento do ar, pelo calor da mão de Olívia que continuava pousada sobre seu abdomem. Na quarta respiração já se sentia bem mais relaxado.

-Viu como é fácil? Esta é a respiração diafragmática, que ocorre naturalmente nas situações de calma. Em geral, costumo aconselhar a meus pacientes a lançarem mão de um estímulo visual após as primeiras respirações para auxiliar no processo.

- Não entendi - expôs Vítor, sem parar de respirar.

Olívia correu rapidamente o olhar pelo quarto até encontrar o despertador que tiquetaqueava na ponta de uma prateleira cheia de livros.

- Como isto aqui, por exemplo! - disse, tornando-o nas mãos e voltando a sentar-se diante de Vítor.

- Um despertador? - estranhou ele.

- Um relógio qualquer - explicou ela. - Enquanto normaliza sua respiração, tente fixar seus olhos no ponteiro dos segundos, concentre toda a sua atenção no seu movimento.

- Mas... - balbuciou Vítor, seguindo o ponteiro - Na hora da crise isso dá certo?

- Dá - asseverou ela com determinação. - Sabe por quê? Nosso cérebro dificilmente consegue pensar em duas coisas ao mesmo tempo. E se você estiver ocupado em adequar o movimento dos ponteiros a seu ritmo respiratório, não ficará mais tão preocupado com o seu medo, diminuindo ou até mesmo anulando o poder e a intensidade das sensações que ele desperta em voc. Pense apenas nos tempos de sua respiração. Observe quantos segundos leva inspirando, quantos segundos o ar permanece retido em seus, pulmões, quantos segundos leva para expulsá-lo completamente, quantos segundos consegue ficar com o pulmão vazio antes de partir para uma nova inspiração Aos poucos, tente ir distribuindo cada uma destas etapas respiratórias em tempos iguais, perceba quantos segundos necessita para isto

Vitor gostou daquela explicação. Olhou mais uma vez para o despertador que Olívia colocara em suas mãos e sentiu-se encorajado para perguntar:

- Mas, afinal, de onde vem tanto medo?

-Antes de mais nada, você precisa compreender que o pânico nada mais é do que a manifestação de um estado de extrema ansiedade, o estado mais agudo que uma ansiedade patológica pode atingir. Em geral, surge a partir de um contexto de vida estressante, que nos leva a ultrapassar os nossos próprios limites.

- Então é uma doença? - arriscou Vítor, querendo ver se ela ia dar a mesma explicação que lhe dera o psiquiatra.

- É e não é, visto que ainda não existe uma confirmação para as hipóteses científicas que tentam dar conta de suas origens.

- E que hipóteses seriam essas? - ele continuou a testá-la.

- Bem, acredita-se hoje que a síndrome do pânico seja causada por um possível defeito no sistema de neurotransmissores do organismo, que são aquelas substâncias responsáveis pela comunicação dos impulsos nervosos que estabelecem ligações entre as células.

-Você fala das sinapses? - ele queria mostrar que também entendia do assunto.

- Exatamente. Essas substâncias de que falo, tais como a serotonina e a noradrenalina, é que possibilitam as sinapses. No caso da síndrome do pânico, é como se a mente da pessoa fizesse uma leitura errada das informações registradas pelo organismo, disparando um alarme de ação contra um perigo que aparentemente não existe. Mas tudo isso são apenas hipóteses. As verdadeiras causas da síndrome do pânico são desconhecidas.

Vítor manteve-se pensativo por alguns instantes, antes de perguntar:

- Em outras palavras, você também acredita que o cérebro das pessoas portadoras desta síndrome tem um defeito de funcionamento?

- Esta é apenas tuna das hipóteses - corrigiu Olívia, sem deixar de registrar que ele utilizara a palavra também e que, portanto, já ouvira antes aquela explicação.

- E quais seriam as outras? - quis saber o rapaz.

- Há hipóteses, também ainda não confirmadas, de uma disfunção do sistema endócrino, responsável pelo funcionamento das glândulas, ou ainda de uma disfunção cardíaca associada à ocorrência do prolapso da válvula mitral. Eu, particularmente, porém, acredito numa outra hipótese - ela o provocou.

- Qual? - ele perguntou curioso.

- Preferia conversar mais sobre isso no meu consultório. Você aceitaria?

- Quando? - a curiosidade de Vítor parecia ter rompido suas resistências. Afinal, ela realmente parecia entender muito sobre o assunto.

Olívia retirou uma grande agenda de dentro da bolsa e passou algum tempo a folheá-la, às vezes para frente, às vezes para trás, criando um certo suspense.

- Bom - ela disse por fim. - Tenho um horário livre na semana que vem... Na quarta-feira, ao meio-dia, está bom para você?

Vítor parecia renovado depois daquela breve conversa. O que ele queria era entender todas as possíveis causas para seu problema, esmiuçá-las uma a uma até encontrar uma explicação. Não se importava de fazer quantas experiências fossem necessárias, desde que a finalidade fosse dar meios à sua própria mente para sair vitoriosa daquele desafio. E, decididamente, Olívia parecia a pessoa certa para orientá-lo no combate. Seu lado racional dizia-lhe isso, o emocional parecia enfeitiçado por aquela personalidade firme, discreta e ao mesmo tempo tão feminina.

- Seria, interessante, inclusive, que você pesquisasse bastante sobre o assunto na internet e levasse suas dúvidas para discutirmos juntos no consultório - sugeriu ela.

- Eu estarei lá! - ele garantiu, sem pestanejar.

- Isto é o que nós vamos ver - ecoou, quase imediatamente, uma voz dentro de seus pensamentos.

Se Vítor pudesse ver os horríveis seres invisíveis que o rodeavam naquele momento, talvez tivesse tido outra crise.

- Sim, isto é o que nós veremos! - repetiu outra voz, ainda mais ameaçadora.

XVI

- Isso é um absurdo! - gritou o dr. Faustino, atirando longe a revista que acabara de ler.

Era um homem de mais de sessenta anos, com cabelos grisalhos e óculos de aros invisíveis, inteiramente trajado de branco. Só se vestia assim, mesmo nos dias em que não atendia no consultório, situado em uma clínica no subúrbio do Rio. Era médico ginecologista e a mania de roupas brancas era apenas uma das manifestações de sua obsessão por limpeza. Ele lavava tanto as mãos ao longo do dia que tivera o cuidado de mandar instalar uma pia em cada cômodo do luxuoso apartamento de cobertura onde morava com a mulher e os filhos, em um antigo prédio no bairro de Laranjeiras. E só lia revistas e jornais com luvas de borracha descartáveis, como as que agora usava. Talvez tamanha psicose, que parecia aumentar dia após dia, derivasse do fato dele não trabalhar apenas como ginecologista, como acreditava a família.

"Novas pílulas oferecem opções mais seguras e eficientes para as mulheres evitarem a gravidez indesejada", dizia a manchete na capa da revista estirada ao chão, que falava da nova geração de medicamentos inventados na França, os quais começavam a se tornar populares no Brasil sob o sugestivo título de "anticoncepcionais de emergência". Conhecida como "pílula do dia seguinte", a dita droga, possível de ser adquirida sem receita médica em qualquer farmácia por um preço em torno de quinze reais, conforme explicava a revista, precisa ser ingerida até setenta e duas horas após a relação sexual para fazer efeito. Contraceptivo de emergência, ela impede a fixação do embrião no útero, mas não deve ser usada com frequência porque contém alta dosagem hormonal e não protege contra doenças sexualmente transmissíveis. Ainda assim, vem sendo largamente utilizada pelas adolescentes como um método de uso regular.

- Era só o que faltava! - esbravejava o médico, enquanto caminhava nervoso de um lado para outro de seu escritório. - O governo não pode permitir uma coisa dessas!

-Algum problema, Faustino? - perguntou a mulher, abrindo delicadamente a porta do escritório para ver o que estava acontecendo.

Era uma mulher loura de corpo atraente, modelado por inúmeras cirurgias plásticas, e arduamente mantido à base de dietas e muita ginástica. Aparentava trinta e poucos anos de idade, embora a carteira de identidade revelasse que completaria quarenta e cinco nas próximas semanas. Usava um tailleur clássico no tom alaranjado da moda, saltos altíssimos e transparentes, em formato de agulha, e muitas joias. Tão logo ela abriu a porta, um forte odor de perfume francês invadiu o ambiente.

- Já não disse que não gosto que entre em meu escritório sem bater, Jaqueline? - reclamou o médico encarando-a.

- Mas, *darling,* ouvi você gritar e pensei que poderia estar pre...

- Por favor, me deixe sozinho - interrompeu ele, sentando-se diante da escrivaninha e ajeitando os óculos sobre o nariz com a ponta do indicador direito. Sempre fazia isto quando estava nervoso e queria novamente c entrar-se.

- Está certo. Só queria avisar que estou indo para o *shopping* - ela estalou- lhe um beijo na testa, marcando-o de batom. - Não sei a que horas volto.

- E as crianças, onde estão? - ele perguntou, recolocando novas luvas, preparando-se para mexer em alguns papéis e recibos.

- O Binho saiu com Vinícius e vou deixar Clarinha com a Paloma, aqui embaixo. Não se esqueça de pensar no que eu te pedi...

- E o que foi mesmo? - ele tentou lembrar-se.

- Ah, Faustino... - ela simulou um beicinho. - O forno artesanal para pizza que eu queria tanto instalar no terraço!

-Tá, eu vou pensar... - respondeu ele, voltando a fixar os olhos no maço de cheques pré-datados que tinha diante de si.

- Então pense com carinho. Faltam menos de quinze dias para o meu aniversário! Beijos! - disse ela, afetada, fechando a porta logo em seguida.

Faustino retirou da gaveta um algodão e um miúdo frasco contendo álcool e limpou irritado a mancha de batom no alto da cabeça, tapotando o algodão contra a testa. Mania que Jaqueline tinha de beijá-lo daquele jeito! Tantos anos dizendo as mesmas coisas e ela jamais aprendiam. Pior era aquela sanha que ela tinha de achar que podia ter tudo o que descobria em revistas como moda entre as mulheres da alta sociedade.

É certo que até então haviam gozado de uma boa situação. Mas se insistissem em continuar a viver esbanjando como milionários, em breve poderiam ter problemas.

-Agora querer instalar no terraço um forno igual ao de uma pizzaria exclusiva, só porque leu no jornal que é chique... Um forno de pizzaria no terraço! Onde já se viu? Daqui a pouco ela vai querer instalar uma piscina no meio da sala de visitas! É só o que está me faltando! - resmungou, enquanto verificava cuidadosamente o maço de cheques pré-datados.

Mas nem passava por sua cabeça negar um pedido de Jaqueline. Faustino era louco por ela, por sua beleza, seu jeito de receber as pessoas e até mesmo por suas frescuras. Tinha orgulho de ser casado com uma mulher como Jaqueline, de poder ostentá-la como sua esposa em coquetéis e reuniões. Ela era a exacerbação de seu lado mais fútil e materialista, a prova viva de que ele era um vencedor.

Só não gostava quando algum engraçadinho insinuava que ela tinha idade para ser sua filha. Faustino era vinte e um anos mais velho do que Jaqueline. Estavam casados há vinte e quatro. Fisicamente falando, ela parecia não ter mudado quase nada desde o dia em que se conheceram. Faustino a amara desde aquele primeiro momento.

Na época, ele trabalhava como enfermeiro em um hospital público e ela era filha de um médico, o doutor Bragança, conceituado obstetra que, no entanto, por sua teimosia em só viver preocupado com os pobres, jamais conseguira enriquecer como seus colegas de turma. Tinha até um consultório particular no Méier - o mesmo que Faustino reformaria, anos mais tarde, para fundar sua própria clínica ginecológica -, mas, como dizia Jaqueline, era tão boboca que acabava atendendo a maioria de suas pacientes de graça, como se seu consultório fosse mera extensão do hospital do governo. E, com isso, enquanto o doutor Bragança viveu a família jamais conseguiu mudar-se do subúrbio do Méier, que Jaqueline tanto odiava até hoje.

- Esse lugar para mim não existe. Jogaram uma bomba e o bairro todo explodiu - costumava desabafar a esposa de Faustino, em seus momentos de raiva.

Filha única e descendente de uma família de antigos nobres por parte de mãe, Jaqueline sempre foi criada cheia de mimos e regras de etiqueta. Nunca se conformou, contudo, com o fato da mãe ter aberto mão do sobrenome pomposo e comprido para adotar simplesmente o nome do pai. Embora amasse o doutor Bragança e reconhecesse em seu íntimo todo o sacrifício que este empreendera para poder oferecer-lhe uma educação dentro dos mais rígidos padrões, não conseguia entender a falta de ambição de seu genitor e, sobretudo, por que a mãe, dona Carolina, havia se submetido a um estilo de vida tão diferente do que fora criada.

Talvez faltasse a Jaqueline a compreensão da grandeza do amor verdadeiro que unia seus pais, ambos já falecidos, já que, sempre movida por valores materialistas, nunca tivera a oportunidade de experimentar tal sentimento. Nem ela, nem o marido, porém, tinham consciência da própria ignorância em termos afetivos. Ao contrário, até acreditavam-se felizes dentro da moldura de aparências que haviam construído para si ao longo daqueles vinte e quatro anos de convivência.

Fora, porém, graças à excessiva generosidade do doutor Bragança que Faustino despertara para a possibilidade de tornar-se um médico. O bondoso facultativo era o único no hospital que sempre apreciava sua precisão como enfermeiro. Faustino era dedicado, cuidadoso, jamais errava uma veia durante uma aplicação de soro, uma injeção ou uma simples coleta de sangue. Até que um dia foi chamado para uma conversa na residência do doutor Bragança, a essas alturas já viúvo:

- Meu filho, por que você não tenta um curso superior de enfermagem ou mesmo de medicina? Sinto que você leva jeito para a coisa! - disse o médico, após enchê-lo de elogios.

Os olhos de Faustino brilharam ao ouvi-lo. Era vaidoso, gostava de ter suas qualidades exaltadas. Além do que, a medicina sempre fora seu grande objetivo. Em sua infância pobre, olhava para a mansão do mais conhecido médico da pequena cidade onde morava, no interior do estado do Rio, e sonhava com o dia em que moraria numa casa ainda maior do que aquela. É verdade que tinha bastante vontade de trabalhar como médico, sentia mesmo que trazia aquele dom dentro de si. Mas, já desde aquela época, atraía-o sobretudo o *status* que poderia obter através da medicina. Acabara, no entanto, optando por um curso técnico de enfermagem, dada a necessidade de ingressar o quanto antes no mercado de trabalho.

- Mas, doutor, eu já tenho trinta e seis anos, até conseguir me formar, depois de cumprir o período obrigatório de residência, já ia ter mais de quarenta! Quem vai querer contratar um médico desta idade? -argumentou, vencido, após alguns instantes de reflexão.

- Meu rapaz, tente ver as coisas pelo lado positivo. Você já trabalha em um hospital, já tem muita experiência com doentes. Eu teria interesse em contratar um profissional como você! Aliás, se optar por especializar -se em ginecologia e obstetrícia, já tem emprego garantido como meu assistente - prometeu o médico.

Estava claro que o médico - que até então apenas intuía-se portador do câncer que em poucos anos consumiria suas últimas resistências - queria fazer de Faustino seu sucessor. A hipótese fascinava sobremaneira o enfermeiro que, todavia, não a enxergava pela mesma ótica do bom medico. Doutor Bragança queria alguém que pudesse substituí-lo em sua missão junto aos pobres. Faustino, contudo, via na oportunidade acima de tudo uma forma de ascensão material. Em uma fração de segundos, Imaginou-se do prestígio do doutor Bragança, atendendo a todas as mulheres ricas que o facultativo usualmente não tinha tempo de incluir em sua agenda, recebendo delas o "valor justo" de uma consulta.

- Não se preocupe com livros e equipamentos - acrescentou Bragança, acreditando que seu silêncio fosse o resultado de preocupações desta ordem. –Trabalharemos juntos, poderei ceder-lhe quase tudo de que necessitará. E o que faltar, deixe comigo. Quero ser seu padrinho nesta batalha. Isto é, se você assim o desejar...

- Eu... eu... - Faustino, emocionado, não conseguia encontrar palavras para exprimir seu contentamento. Mal podia acreditar que tudo aquilo estava realmente acontecendo.

- Você só precisa estudar, meu rapaz. Meter a cara de verdade, queimar os miolos para passar no concurso! - sorriu o médico, dando-lhe leves tapinhas no rosto, em gesto de carinho paternal.

Nem bem o doutor Bragança acabou de falar, Jaqueline entrou na sala, na plena exuberância de seus quinze anos. Já era mulher feita, sem qualquer trejeito infantil. Faustino ficou tão fascinado ao vê-la que perdeu até a noção do importante assunto que estava sendo discutido, deixou cair no chão a maleta que sempre carregava consigo. Era como se a vida inteira houvesse esperado por aquele encontro. Ela, porém, deixou a sala tão rápido quanto entrou, nem reparou no enfermeiro que atabalhoadamente recolhia no chão um antigo aparelho de pressão que lhe caíra da maleta. Queria apenas algum dinheiro para pagar o lanche que programava fazer com as amigas após a escola.

- Estragou seu aparelho? - o médico perguntou solícito, assim que a filha saiu.

- Ela também pensa em fazer medicina? - o rapaz não pôde conter-se. -Jaqueline? - riu-se o doutor Bragança. - Já perdi as esperanças de tentar convencê-la. Tem pavor de sangue e alergia a doentes.

Ele riu e Faustino tentou fingir descontração, acompanhando-o com uma gargalhada forçada, ao mesmo tempo em que fechava de novo o aparelho dentro da maleta. Não conseguia parar de pensar em Jaqueline. Tomara aquela visão como um sinal de que deveria realmente aceitar o oferecimento do médico. Aliás, não só acatou-lhe a sugestão como passou a freqüentar-lhe a residência quase todos os dias para estudar química e biologia com o doutor Bragança, em preparação para o concurso. Muitas vezes saía exausto do trabalho, mas recobrava as forças só de pensar que iria ver Jaqueline, ainda que fosse apenas para ela o desprezar mais uma vez.

Por um bom tempo, ela o tratou com frieza e indiferença. Mas nem por isso eximia-se de provocá-lo. Não raras vezes, atravessava a sala em esvoaçantes camisolas, sob o pretexto de ir buscar água na cozinha. Faustino ficava tão perturbado que precisava jogar água no rosto para voltar a concentrar-se nos livros. E quanto mais ela fingia desprezá-lo, mais vontade ele tinha de estudar, mais desejava passar naquele concurso.

Com tanto empenho de Faustino, não era de se estranhar que nem passasse pela cabeça do doutor Bragança que o enfermeiro tivesse uma esposa e uma filha pequena de colo. Cada vez mais apaixonado pela beleza de Jaqueline, ele tomava sempre o máximo cuidado com as palavras, desconversava sempre que o assunto resvalava para sua vida pessoal, comportando-se o tempo todo como üm adolescente com vergonha da família.

Na verdade, nem mesmo contara à esposa sobre seus planos futuros. Cada vez mais seco e distante, justificava seus horários de chegada tão tarde da noite dizendo que estava trabalhando mais para dar uma vida melhor à filha. Contraditoriamente, tão cego, tão obcecado estava em sua paixão por Jaqueline que mal conseguia ter olhos mais para a menina, a quem até poucos meses atrás atribuía sua maior razão de viver. Sua ambição desmedida sufocara toda a alegria que antes reinava naquele lar, tornando infernais as poucas horas em que passava ao lado da mulher e da filha.

A menina chorava o tempo todo, tentando expressar a falta que sentia do pai, a mulher vivia crivando-o de perguntas descabidas e desagradáveis, cobrando-lhe por suas prolongadas ausências. Exausto pela puxada rotina de estudo e trabalho que se impusera, o enfermeiro aspirante a médico só conseguia irritar-se com aquela situação estressante, chegou a um ponto em que não suportava mais sequer ouvir a voz da esposa.

Curioso é que, até o dia em que o doutor Bragança chamara-o para aquela conversa, Faustino vivia bem com a mulher e a filha. Não que vivessem uma vida de propaganda de sabão em pó, onde as pessoas sorriem o tempo todo para realçar a brancura das roupas. Lutavam com dificuldade para assegurar um padrão de vida minimamente compatível com suas necessidades, brigavam de vez em quando, como qualquer ei sal, mas sempre se acertavam.

Acima de todas as dificuldades financeiras, reinava um agradável companheirismo entre os cônjuges, que conversavam sempre sobre seus problemas e buscavam alternativas para oferecer um futuro digno à filha. Todavia, o encontro com aspirações já esquecidas, trazidas à tona pelos elogios do doutor Bragança, acabou por abalar as estruturas mais íntimas de Faustino, transformando-o em um duplo de si mesmo.

De certa forma, era como se o enfermeiro sempre houvesse esperado por esta duplicação de sua personalidade. Era no mínimo intrigante o lato dele possuir em seu registro de nascimento um nome diferente do que constava na certidão da filha e mais ainda o fato dele fazer questão de ser chamado no hospital justamente por este nome. Em casa, o enfermeiro era apenas José.

Toda esta confusão surgiu quando, por ocasião de seu nascimento, o pai, de quem aparentemente havia herdado a sua mania de grandeza, decidiu registrá-lo com seu mesmo nome, como manda a tradição machista, fazendo, porém, um pequeno acréscimo. Ao invés de José da Silva Filho. Não queria que o filho se chamasse José Faustino da Silva Filho. Não adiantaram os argumentos do humilde funcionário do cartório local, que explicou um sem número de vezes que, para receber o sobrenome Filho, a criança teria de ter exatamente o mesmo nome do pai, sem qualquer acréscimo. Orgulhoso, o pai de José arranjou uma leitoa para 'presentear' o rapaz do cartório e conseguiu assim dar ao filho o nome que sonhava para si.

Confusão semelhante se repetiria mais tarde, quando do nascimento da filha de José Faustino, quando o então funcionário do cartório observou a diferença entre os nomes e, avesso a propinas, alegou que de forma alguma poderia perpetuar aquele erro na certidão da criança, optando por designá-lo com o nome 'correto'. Foi assim que ele passou a existir na sociedade simultaneamente como José Faustino da Silva Filho e José da Silva Filho.

Tal duplicidade durou até o dia em que, cansado de ser pressionado pela esposa, cada dia mais desconfiada de suas saídas noturnas, arrumou as malas e foi embora de casa, indo alojar-se em uma pensão próxima à residência do doutor Bragança, sob a alegação de que havia sido despejado de sua antiga moradia.

Com a intensa convivência, não demorou para que ele e Jaqueline se identificassem como espíritos afins. O relacionamento entre os dois solidificou-se com a descoberta da doença do doutor Bragança, quando ela, fragilizada, encontrou em Faustino todo o apoio de que necessitava. Poucos meses após a morte do médico, faltando apenas um semestre para que Faustino concluísse a faculdade, os dois se casaram.

Mesmo herdando o consultório do sogro, porém, a afirmação como profissional não foi nada fácil para Faustino. Afinal, como imaginara logo de início, não tinha mais a idade ideal para um iniciante e não podia mais contar com a indicação do doutor Bragança para a consolidação de sua carreira.

Jaqueline já começava a inquietar-se com a vida de privações que eram obrigados a levar quando mais um "golpe de sorte" alçou Faustino ao patamar com que ele tanto sonhara. Ainda lutava por uma vaga de médico no hospital onde continuava a desempenhar a função de enfermeiro, quando Lupércio, um colega não menos ambicioso, surpreendeu-o com a proposta: não era ele agora um ginecologista recém-formado, com consultório próprio e tudo? Por que não transformar o local em clínica especializada em abortos? O feminismo estava em alta, não faltavam mulheres interessadas em livrar-se do fardo pesado da maternidade.

Dentro do próprio hospital, aliás, a procura era tanta que o próprio Lupércio, mesmo como simples enfermeiro, já havia se familiarizado com alguns métodos abortivos. Em seus plantões, diversas vezes realizara 'operações' em sigilo, como forma de assegurar um dinheirinho extra. Com o diploma de Faustino e a clínica que herdara do sogro, ficaria tudo muito mais fácil. Poderiam montar um consultório tradicional de fachada, preparar salas especiais nos fundos e, logo que o dinheiro começasse a entrar, investiriam nos equipamentos.

Faustino nem pensou duas vezes. Aceitou a proposta de imediato, Jaqueline nem precisou ficar sabendo de nada. Com as economias de Lupércio reformaram o antigo consultório e, em poucas semanas, já recebiam uma primeira cliente, moça rica da zona sul que, satisfeita com o "serviço bem feito" e com a discrição do local, não tardou a recomendá-lo às amigas.

E logo o negócio prosperou, confirmando as previsões de Lupércio. Em menos de seis meses, Faustino era alçado ao posto de cliente especial no banco onde era correntista. Em cinco anos, depois de duas viagens à Europa com a esposa, já dispunha de dinheiro suficiente para adquirir o amplo apartamento de cobertura em Laranjeiras e o submeter a uma completa e cara reforma.

Os primeiros abortos foram difíceis. Não pela técnica em si, que não tinha nada de complicado para alguém que sempre fora conhecido por uma incrível habilidade manual. Experiências deste tipo, porém, inicialmente sempre geram algum tipo de conflito para aqueles que a realizam. Não que Faustino fosse dado a crises de consciência. Seu caráter ambicioso não oferecia muito espaço para questionamentos de ordem moral. Todavia, sempre que terminava uma 'operação', sentia-se assaltado por profundo mal-estar, urna sensação de sujeira que não o deixava dormir, fazendo-o varar madrugadas debaixo do chuveiro. Quando, exausto, conseguia pregar finalmente os olhos, era então sacudido por horríveis pesadelos onde os fetos retirados ganhavam vida para acusarem-no e ameaçarem-no.

Com o tempo, foi se acostumando de uma tal forma à rotina e aos pesadelos que estes deixaram de incomodá-lo. Via-os como simples manifestações de medos descabidos e inconscientes. Não podia, no entanto, livrar-se da sensação de sujeira. Era como se um cheiro de sangue uterino lhe houvesse ficado entranhado por dentro da pele, de uma maneira que nenhum sabão, nenhum perfume conseguia neutralizar. Por isso aderira às luvas de borracha e mandara instalar tantas pias no apartamento Ainda assim aquele odor jamais deixava de acompanhá-lo, mesmo nos dias em que não realizava nenhum aborto.

-Já estou eu pensando no passado de novo! - enxugou o suor da testa com novo algodão embebecido em álcool.

A verdade é que Faustino encontrava-se atormentado desde o dia em que assistira pela televisão àquela reportagem em que a moça de Florianópolis fazia um apelo para encontrar o pai que não via desde a infância. Era ele o homem que Florence procurava.

Trancou na gaveta o maço de cheques e fechou o algodão nos punhos em movimento de raiva contida. Por que Florence decidira mexer no passado depois de tantos anos? Por que obrigá-lo a pensar num tempo que para ele estava morto e enterrado? Se Lupércio fosse vivo, diria que tudo aquilo não passava de mais uma armação daquele recalcado maldito, que tudo fizera para prejudicá-lo no momento em que a clínica começava efetivamente a prosperar, desejoso de percentagens maiores de lucro.

Mas Lupércio, assim como seu passado, também estava morto e enterrado, disso ele tinha a certeza. "Quem, então, teria sugerido a Florence a infeliz ideia de trazer a público toda a sua história?", Faustino perguntava-se desde aquela fatídica noite em que o programa fora ao ar.

Aquela mulher da televisão dizia ser sua filha. Sua cabeça, no entanto, não conseguia realizar esta ideia. Vira sua menina pela última vez quando ela tinha três anos, perdera-a para sempre na noite em que dissera adeus a Aretusa. Como poderia voltar agora, trinta e um anos depois, casada e mãe de filhos, requerendo o direito de sua paternidade?

Em sua mesquinhez de sentimentos, Faustino não conseguia enxergar o drama da filha e muito menos o amor que ela conservara por ele, apesar de tudo. Não. Via-a como inimiga, personificação do medo que o perseguira ao longo de todos aqueles anos de ser um dia descoberto como um farsante. O que Jaqueline iria pensar, o que seus filhos iriam dizer se soubessem de tudo? De mais a mais, quem lhe garantiria que Florence se contentaria com um simples encontro? De certo, já ia chegar querendo saber onde era seu consultório, o que fazia, como atendia, cobrá-lo por todos os anos que passara sem dar qualquer assistência a ela e à mãe. Não estaria apenas disposta a tirar-lhe um bom dinheiro, já informada de sua prosperidade?

Cruzou angustiado diversas vezes o escritório. Aquele silêncio típico de domingo parecia amplificar a balbúrdia em sua mente, onde questões e apreensões se sucediam e misturavam como as ondas de um mar bravio. Tirou as luvas, abriu a torneira e lavou as mãos friccionando-as vigorosamente debaixo da água, como se assim pudesse limpar-se de seu próprio passado.

É claro que sentira alguma coisa ao encontrar o apartamento vazio, dias depois da briga com Aretusa. Afinal de contas, não era o animal torpe e insensível que de certo as duas imaginavam, onde quer que estivessem alojadas.

Reconhecia, contudo, que não vinha sendo bom pai e muito menos bom marido nos últimos tempos. E, sob este aspecto, acreditou que fosse mesmo melhor que elas o tivessem deixado. Melhor para elas e melhor para ele, que poderia então seguir seu destino sem nenhum complexo de culpa. Afinal, foram elas que partiram sem deixar endereço. Já que Aretusa havia optado por esta saída, ele respeitaria sua decisão, eximindo-se de qualquer esforço para tentar localizá-la. Se porventura ela precisasse dele por alguma razão, sabia onde trabalhava.

Ainda assim, José Faustino voltou diversas vezes ao apartamento antes de entregá-lo definitivamente ao proprietário. Muitas noites, chegou mesmo a chorar diante dos humildes brinquedinhos da filha que permaneceram espalhados no caminho do sofá. Mas sempre que pensava em Jaqueline, concluía que tinha sido melhor que as coisas tivessem se encaminhado daquela maneira.

Aos poucos sua dor foi então transformando-se em uma espécie de alívio.

As vezes sentia raiva da petulância da ex-mulher, às vezes, ódio por elas o terem descartado de maneira tão sumária (sem em nenhum momento considerar que fora ele quem primeiro as descartara), às vezes, apenas saudade, uma saudade fúnebre e definitiva que a gente só sente de quem já morreu. E assim, dia após dia, Aretusa e Florence foram se dissolvendo na memória de Faustino.

0 rompimento total aconteceu quando Jaqueline, após oito anos de casados, deu à luz um menino, Bernardo, ou simplesmente Binho, como gostava de ser chamado, agora já com dezesseis anos. A partir de então, Faustino passou a considerar-se como chefe de uma nova família. Mas nunca conseguiu olhar para o filho do mesmo jeito como um dia havia olhado para Florence. Era como se a mágoa da perda da primeira filha, cristalizada dentro dele, o impedisse de ser pai de uma maneira integral. Até porque, na época, Faustino já ganhava a vida como aborteiro e, como tal, não podia mais se permitir ficar sensibilizado diante de uma criança.

No caso de Clarinha, foi muito pior. Ele e Jaqueline já haviam decidido que não queriam mais filhos - ele, por razões morais, ela, por questões estética - quando foram surpreendidos por uma gravidez indesejada, sete anos depois do nascimento de Bernardo. Jaqueline queria, por toda lei, tirar a criança e, pela mineira vez na vida, Faustino pensou em revelar à esposa o verdadeiro teor de suas atividades na clínica do Méier, onde ela jamais voltara a pisar desde que se mudaram para Laranjeiras, mas não teve coragem. Tampouco, teve coragem de encaminhá-la a outro profissional. Por sua, própria experiência sabia serem muito comuns às mortes de mulheres após um aborto e não queria, sob hipótese alguma, arriscar-se a perder Jaqueline. A solução foi demovê-la da idéia, alegando que ele, Faustino. queria muito ser pai novamente,

E assim Clarinha veio ao mundo. Muito mais por falta de coragem do que por um ao alegre, tão meiga, dengosa e cativante, no entanto, que desejo nem parecia fruto de tanta rejeição por parte dos pais, antes, durante e depois de seu nascimento. Para se ter uma idéia, Jaqueline sequer a amamentou, nem mesmo na noite do parto, para que seus seios não viessem a cair no futuro. Faustino, por sua vez, repudiou-a instintivamente desde o primeiro olhar. Por uma dessas incríveis 'coincidências' do destino - que, se fizéssemos a mais pálida idéia do trabalho da espiritualidade maior, jamais definiríamos como tal - a menina tinha os mesmos traços de Florence, despertando de imediato no pai os mais confusos sentimentos.

Mais uma vez, tentando fugir da própria sensibilidade, Faustino optou pela distância. Não deixou jamais faltar nada de material às crianças. Contudo, jamais se deu aos filhos como verdadeiro pai, jamais envolveu-os com o calor de sua presença. Mantinha-se sempre frio e ocupado, não verificava cadernos escolares, não participava de reuniões, enquanto a mãe também pouco tempo tinha para estas tarefas, ocupada com sua vida social movimentada.

Clarinha e Bernardo cresceram, pois, educados por empregados, com a agenda lotada de compromissos desde a mais tenra idade. As terças e quintas, da escola para o inglês, do inglês para o vôlei, do vôlei para o teatro. As quartas e sextas, tinham francês, balé e *jiu-jitsu;* às segundas, estudavam alemão e natação. Nos finais de semana como aquele, o garoto, já adolescente, 'sumia no mundo' com os amigos e a irmã ficava na casa das vizinhas debaixo, que a adoravam.

Faustino sentou-se novamente à escrivaninha e soltou o ar num suspiro, exausto de tanto pensar. Não. Florence jamais descobriria seu paradeiro. Não tinha qualquer referência a seu respeito, nem seu nome completo sabia, como provara a reportagem. Não, ela não tinha como encontrá-lo, afirmou mentalmente, com a máxima convicção.

Enquanto isso, no andar debaixo, Chuva ligava o aparelho de som no máximo para comemorar a notícia: os primos chegavam em uma semana.

XVII

- Eu posso vencer o pânico! - afirmou Vítor, eufórico, encarando sua imagem diante do espelho.

A descoberta aconteceu por acaso. Naquele mesmo dia, logo que a psicóloga deixou o apartamento, o rapaz correu para o computador em busca dos sites sobre o pânico que ela mencionara. Ficou maravilhado com a quantidade de informações disponíveis sobre o assunto. Encontrou explicações médicas, relatos de experiências, indicações de livros, exercícios e até mesmo um jornal virtual dirigido aos portadores da síndrome. Passou a tarde e a noite inteiras trancado no quarto, selecionando e imprimindo documentos; saiu apenas para um rápido lanche a pedido da mãe. Ao raiar do dia seguinte, tinha mais de seiscentas páginas impressas.

De tão ocupado com a pesquisa, mal teve tempo de pensar no próprio pânico. Sentia-se quase como um cientista no limiar de uma grande descoberta, em crescente estado de ansiedade, louco para cruzar todos os dados obtidos. Todavia, por volta das cinco da manhã, no momento em que efetivamente sentava-se para ler detalhadamente o material levantado, aconteceu o inesperado.

"De que adianta ter tudo isso?" sentiu dizer uma voz dentro de sua cabeça.” O pânico está dentro de você, nada que venha de fora poderá mudar isso. Você não vai conseguir. Todas as vezes em que pensou sobre seus sintomas eles voltaram, e é isso o que vai acontecer mais uma vez", insistiu a voz.

Vitor sentiu um arrepio Era tão grande sua expectativa, porém,

Que decidiu não dar atenção ao que julgava serem seus próprios pensamentos e insistiu na leitura. Estava diante de um artigo extraído de um jornal virtual cujo titulo. Despedindo-se da Síndrome de Pânico".

“Parece que foi em um dia como outro qualquer", dizia o primeiro parágrafo... “Você passeava, estava com amigos, assistia à TV e a síndrome do pânico entrou em sua vida " Neste ponto, Vítor lembrou-se de sua primeira crise e sentiu um aperto no peito. Respirou fundo, porém, e continuou. "A partir desse dia, a sensação é de que você foi uma pessoa antes e outra acaba de nascer. Para alguns, receber atendimento medicamentoso e psicoterapêutico é suficiente para libertar-se das crises e vê-las como algo que se foi. Mas, para outros, o caminho é mais tortuoso: a peregrinação a médicos de diversas especialidades, psicólogos, terapias alternativas e a série interminável de buscas com o objetivo de encontrar respostas e soluções é longa, abrindo uma porta para a agora fobia, para o isolamento, para a evitação de locais e situações e para uma ansiedade maior, que se instala a cada vez que a pessoa precisa afastar-se do seu espaço de segurança. Na verdade, o tratamento da síndrome do pânico implica, sobretudo, na necessidade de mudanças de comportamentos que levam à ansiedade: mudança na visão do seu próprio mundo e daquele que está ao seu redor."

Aquelas palavras tinham para Vítor o efeito de um ácido derramado sobre uma ferida. Era a sua história sintetizada naquelas linhas! Sentindo um incômodo muito grande, deixou a folha de lado e selecionou outra, extraída de outro *site*, que falava sobre as reações do corpo quando exposto a um perigo, imaginando que assim poderia ter maior controle sobre as próprias lembranças. Afinal, tratava-se apenas de uma descrição do funcionamento do sistema nervoso de uma pessoa e do que acontece cada vez que o chamado "alarme de proteção" é acionado.

Ledo engano. A medida em que lia, Vítor sentia crescer seu mal-estar. Não bastasse o cansaço da noite em vigília, todas aquelas informações pareciam sugestioná-lo negativamente, de maneira a acordar algo que trazia adormecido dentro de si. Ao fim da segunda página instalou-se a crise, brusca como uma tempestade, desta vez enriquecida por todas as variações que acabava de ver relacionadas. Era como se aos sintomas habituais houvessem sido acrescidos todos os outros que ele nunca havia sentido antes.

Vítor cambaleou na cadeira, tonto e enjoado. De novo vinha o medo, inexplicável, que parecia engoli-lo de dentro para fora, o mundo diante de seus olhos inteiramente fora de foco. Tudo podia acontecer. De tão débil, não conseguiu segurar a vontade de urinar e molhou-se todo. Só então, dada a força das circunstâncias, voltava a situar-se como parte do universo estudado. Não era um cientista em vias de concluir uma pesquisa de notória importância para o resto da humanidade, e sim um doente confrontado com explicações a respeito do próprio mal que o afligia. Mas parecia tarde para muitas considerações. Pálido, trêmulo e asfixiado, sentindo todo o seu corpo formigar como se estivesse prestes a perder a percepção da realidade, rastejou até a porta e gritou pela mãe, que dormia em seu quarto, no final do corredor. A porta, porém, esta noite estava trancada e Cenyra não o ouviu.

Psicologicamente impressionado, Vítor deitou-se então no meio do quarto e ficou esperando o desmaio que, contudo, mais uma vez não veio. Inteiramente contraído, tremia como se estivesse à beira de um ataque epilético, quando, súbito encontrou seu olhar distorcido com o despertador que trabalhava sonoro na mesinha de cabeceira e lembrou-se da doutora Olívia. Naquele instante, foi como se um clarão invadisse sua mente angustiada e amedrontada. Juntando seus últimos esforços, conseguiu chegar até a mesinha de cabeceira, agarrou o relógio e fixou seus olhos nos ponteiros, enquanto tentava regularizar e aprofundar sua respiração, tal qual lhe fora ensinado pela especialista.

Acompanhou um minuto inteiro segundo a segundo, aos poucos seu próprio coração começou a acompanhar a batida do relógio, a respiração tornou-se mais ritmada. Quinze minutos se passaram, diante dos ponteiros. Na rua, os primeiros pássaros começavam a anunciar a manhã. Espalhados pelas árvores do parque Guinle, pareciam louvar o majestoso e imenso manto verde que o sol descortinava em frente à janela de seu quarto. Vítor conseguiu ouvi-los e sorriu. Havia vencido sua primeira batalha.

Encorajado, tão logo levantou-se na manhã seguinte, sentou-se novamente na escrivaninha, determinado a voltar aos estudos. Não foi fácil. O tempo todo, o condicionamento típico da doença alertava-lhe que a última crise ocorrera no momento em que lia aqueles papéis e que, portanto, tenderia a ocorrer de novo caso repetisse os mesmos gestos. Era o chamado "medo do medo"

provocando-o. Contudo, Vítor desta vez não esmoreceu. Sua curiosidade era maior do que o medo, a vitória do raiar do dia ainda inundava todo o seu ser, instigando-lhe esperança e contentamento.

Plantou o despertador no alto do monitor do computador, exatamente na linha do olhar. Sentia-se mais seguro assim. Selecionou, então as folhas que lhe pareciam mais interessantes, tendo o cuidado de pular a parte referente à descrição dos sintomas, e mergulhou na leitura.

Na medida em que as horas iam passando, a luta parecia tornar-se mais intensa No momento em que sentia aproximarem-se os primeiros sintomas. Vítor automaticamente lembrava-se dos exercícios respiratórios de Olívia que, para sua alegria, constavam também das páginas de na internet, e os colocava em prática. Sem parar de inspirar e expirar no ritmo certo, enchendo e esvaziando o diafragma em tempos mentalmente marcados, fixava então os olhos no ponteiro do despertador acompanhando lhes o movimento com a máxima atenção, conforme lhe ensinara a psicóloga, até tornar uma coisa só a marcação dos segundos e os tempos de sua respiração.

Era quase como um exercício de autocontrole em um momento de forte dor de barriga. Ao final, sentia-se tão ou mais exausto do que durante uma crise, as mãos tremiam e a testa suava frio. Todavia, o esforço de evitar a crise trazia em si um componente que jamais estivera presente em nenhum de seus ataques de pânico. Era uma sensação de alívio, misturada a uma leve euforia de quem conseguiu alcançar mais uma vitória. E assim passou-se uma semana sem nenhuma crise.

A comprovação, via internet, de que realmente existiam muitas pessoas com seu mesmo problema também contribuiu muito para a incipiente sensação de segurança que começou então a brotar dentro de Vítor. Afinal, sc tanta gente havia conseguido vencer o pânico, corno era atestado pelos inúmeros depoimentos que recolhera na rede, por que ele também não conseguiria?

- Eu posso vencer o pânico! - repetiu, ainda encarando sua imagem diante do espelho.

Orgulhoso de si mesmo pela primeira vez desde muitos meses, o rapaz preparava-se para sua primeira sessão de análise no consultório da doutora Olívia, quando sentiu de novo o estranho arrepio. Tinha a impressão de que alguém o observava, embora estivesse sozinho no quarto, e sentiu, sem querer, uma pontinha de medo, já procurando com os olhos o despertador.

De fato, havia duas figuras de estranho aspecto sentadas sobre a cama de Vítor, acompanhando atentamente cada um de seus gestos. Semelhavam-se dois anões de fisionomia carrancuda, ambos de olhos fixados na imagem de Vítor no espelho do armário aberto diante da cama. Eram espíritos integrantes da mesma falange à qual Oto pertencia.

- Não sei se foi uma boa estratégia essa história de deixarmos o rapazinho pensar que adquiriu o controle da situação - comentou o mais corpulento, batendo o indicador e o dedo médio corrtra a face direita, pensativo.

-Você não tem que pensar nada. Na ausência de Oto, quem pensa aqui sou eu. Quer ver só como estou certo?

Ele deu um pulo da cama, indo parar sobre os ombros de Vítor, onde montou sem cerimônia, segredando-lhe ao ouvido em seguida:

- Você é o máximo! Pode ter o controle de todas as situações. A ciência espera por homens brilhantes corno você. O que, então, vai fazer nessa tal psicóloga? Ela já lhe ensinou tudo o que podia, não perca seu tempo! Fique em casa, estudando sozinho, que você ganha muito mais!

Vaidoso, Vítor imediatamente captou-lhe os pensamentos, repetindo alto para si:

- E mesmo! O que mais terá esta tal Olívia a me dizer? Já aprendi tudo o que precisava pela internet, já sei exatamente corno controlar a situação. Eu tenho faro de cientista, minha inteligência é fora do comum. Quer saber? Acho que eu não vou nessa consulta não...

A insistente sensação de mal-estar, porém, era quase um alerta de que as coisas não eram bem assim. A simples presença daquelas duas entidades rro quarto, com suas vibrações negativas, faziam-no intuir que havia algo de estranho no ar. O que ele não percebia era que tais vibrações só o atingiam porque ele oferecia brechas para isto.

-Ai, meu Deus... - disse angustiado, com o despertador apertado nas mãos. - E se eu estiver errado? Não posso passar o resto da minha vida olhando para este despertador! O que é que eu faço? Vou ou não vou?

- A doutora Olívia disse que gostaria de conversar com você sobre uma nova abordagem a respeito da doença - disse outra voz, vinda não se sabe de que ponto do quarto e que só por Vítor podia ser ouvida.

"Eu, particularmente, porém, acredito numa outra hipótese ", Vítor lembrou-se da voz de Olívia dizendo. Que hipótese seria aquela?

- Bobagem! - insistiu o anão mirrado sentado às suas costas, o qual parecia ter acesso a todos os seus pensamentos. - Ela deve ter dito isso só para instigar a sua curiosidade. Você nunca ouviu falar em estratégia de marketing?

- Não, não era marketing - Vítor respondeu, como se estivesse conversando consigo próprio. - Ela parecia muito certa do que estava dizendo...

Aporta se abriu e surgiu Cenyra, ladeada por ser longilíneo e inteiramente iluminado que não podia ser visto por olhos comuns e nem mesmo pelas duas estranhas entidades que ali se encontravam. Seu brilho indescritível parecia espargido em torno da mãe de Vítor, sob forma de rósea neblina.

- Está pronto, filho? - ela perguntou, com a chave do carro na mão. Assustada, a entidade que se encontrava montada em seus ombros perdeu o equilíbrio e caiu no chão. Embora nada divisassem, agora eram os anões que pressentiam perigo no ar. Todo o quarto parecia tomado por vaporosa fumaça rosada, à qual se misturava um delicado perfume de alfazema que logo os fez intuir a presença de "exércitos inimigos".

- Psst! - fez a entidade que acabara de cair no chão diante dos olhos assustados de seu companheiro.

-Bem...eu... - Vítor continuava confuso.

-Então vamos logo - Cenyra parou atrás dele, forçando-o a sair.- Não podemos nos atrasar.

Banhando pela mesma luz que envolvia Cenyra, Vítor não conseguiu resistir á força de seu apelo. Enfiou rapidamente o despertador no bolso da bermuda e saiu, sentindo o coração disparado pela ansiedade que já começava a toma-lo novamente.

Os dois anões tentaram segui-lo, mas foram impedidos de passar pela barreira de luz que se formou na entrada do quarto, a qual bloqueou sua passagem como uma tênue teia emborrachada.

XVIII

- Todo caso desta doença a que chamam pânico é sempre ligado à presença de um espírito inimigo ao lado da pessoa? - Aretusa perguntou a Têmis.

Envoltas por suave melodia na sala de estudos e pesquisas, as duas conversavam sobre o caso de Oto, enquanto separavam algumas fichas que haviam sido solicitadas por Demóstenes. Alheio a tudo o que as duas diziam a seu respeito, Oto dormia, chupando o dedo como uma criança. Naquele dia, estava previsto o início de uma nova fase em seu tratamento e as duas estavam ali justamente aguardando o seu despertar para conduzirem-no a um outro departamento da colônia.

- Não necessariamente - ponderou Têmis, olhando com ternura para Oto através do vidro que dava para seu quarto. - Como vêm descobrindo os encarnados que estudam o assunto, o transtorno do pânico é gerado por uma pequena disfunção no cérebro da pessoa, um pequeno mecanismo que não funciona como deveria.

- Mas são os inimigos desencarnados que provocam esta disfunção? - insistiu Aretusa.

- Não faça deduções precipitadas - aconselhou Têmis, tornando à mesa e pegando algumas fichas que deixara empilhadas na lateral. -Antes de mais nada, você deve ter claro na sua mente que não existem inimigos externos, espíritos que atacam as pessoas gratuitamente. Nossos verdadeiros inimigos são os pensamentos errôneos, que todos nós temos e que lançamos no ar, atraindo pensamentos semelhantes no próximo.

- Isto quer dizer que somos nós mesmos que atraímos os espíritos obsessores com os nossos pensamentos?

- Exatamente.

Como sempre diz o doutor Bezerra de Menezes (21) em suas palestras e livros, "não existem obsessores, existem obsediados". -sintetizou Têmis.

21- Adolfo Bezerra de Menezes (1824 - 1900) foi um médico cearense que muito se destacou na divulgação do espiritismo, famoso sobretudo por exemplificar em sua vida tudo aquilo que prega a doutrina. Também conhecido como "o médico dos pobres", Bezerra é cognominado o Kardec brasileiro.

- Mas, uma vez atraído para uma pessoa, um espírito pode efetivamente provocar nela uma doença? - Aretusa queria realmente entender aquela questão.

- Na verdade - continuou Têmis, após correr rapidamente os olhos por todas as fichas, como que a verificar se havia separado tudo o de que necessitava - aquilo a que os humanos chamam de doença ou disfunção, quando não decorre de negligência ou imprudência naquela própria existência, é consequência de uma causa anterior, da qual a maioria dos encarnados não se recorda.

- Como assim negligência ou imprudência? - confundiu-se Aretusa.

- Veja, por exemplo, este caso que separei para ser analisado pelo irmão Demóstenes - ela retirou uma das fichas do conjunto. - Este espírito, que um dia já esteve internado aqui na colônia, deixou a Terra em sua última encarnação com vários órgãos praticamente dissolvidos em função de uma pancreatite aguda. (22)

- E estava previsto o seu desencarne dessa maneira?

- Não, não estava. Aí é que entra a questão - ela inseriu a ficha como se fosse um disquete numa espécie de computador-gigante, em cuja tela começaram a ser mostradas imagens referentes à última existência daquele ser.

Boquiaberta com toda aquela tecnologia, Aretusa grudou os olhos à tela, interessada.

22- Inflamação do pâncreas, que ocorre quando as enzimas digestivas produzidas pela glândula para degradar as proteínas no intestino são ativadas ainda no interior do pâncreas, acabando por destruir a própria glândula. Nos casos mais graves, as enzimas são liberadas na corrente sanguínea, podendo provocar disfunção e falência de múltiplos órgãos. Uma das principais causas desta doença é a ingestão sistemática de bebidas alcoólicas.

- Como pode observar - continuou Têmis, comandando o computador de maneira a selecionar as imagens que surgiam na tela como uma sequência de fotos animadas - trata-se de um espírito que lutou muito pela oportunidade da reencarnação - o computador mostrou imagens de um Feto sendo abortado, imagens do espírito traumatizado chorando na colônia amparado por muitos mentores, do espírito reunido com esses mentores naquela mesma sala onde agora as duas se encontravam, diante do desenho do corpo físico que futuramente animaria, discutindo as metas que planejava cumprir em sua nova encarnação.

- Quero ser um bom filho, bom pai e bom marido para minha esposa – dizia ele, entusiasmado, aos mentores, tal qual o estudante que recapitulado momento da prova. - Nascerei de uma família pobre, mas muito lutarei até conseguir estabilizar-me como administrador de empresas. Sei que não será fácil o caminho até lá, o tempo todo precisarei exercitar a dedicação, a disciplina e a humildade. Por volta da meia idade, porém, Se tudo correr conforme o esperado, serei contratado por uma grande empresa e então terei vencido a etapa de dificuldades financeiras. Daí por diante, não medirei esforços para dar a meus filhos tudo aquilo que eu não tive. Acima de tudo, quero transmitir para eles e para todos os que vierem a trabalhar comigo o exemplo de que é possível vencer na vida através da perseverança, da generosidade, da honestidade e dos bons valores...

Aretusa sorriu enternecida. Já descobrira que quase todos os seres deixam o mundo espiritual imbuídos de nobres ideais, mas, urna vez reencarnados, poucos conseguem levar a termo os projetos que tão meticulosamente preparam para si próprios. Têmis digitou algumas teclas, selecionando novas imagens para dar prosseguimento à sua narrativa:

- Nosso amigo voltou à Terra com a saúde perfeita, apto a cumprir eficazmente cada pequena etapa de seu planejamento. Todavia, ainda muito jovem, deixou-se enredar pelo vício da bebida, comprometendo a saúde e a missão que havia abraçado antes de reencarnar.

As imagens mostraram então o rapaz em um baile de clube, rodeado de copos e garrafas numa mesa cheia de jovens de sua mesma idade; o rapaz embriagado sendo carregado para casa pelos amigos.

- Ele começou a beber e fumar antes mesmo de completar dezoito anos de idade - continuou Aretusa -, embora jamais houvesse desperdiçado uma oportunidade de trabalho, porque não existe um único ser sobre o orbe que não seja dotado de qualidades, o vício andava sempre em seu encalço. Durante a semana era filho, aluno e funcionário exemplar; aos sábados e domingos perdia a medida, bebendo mais do que deveria. E assim, ao longo de toda sua maturidade, nosso amigo continuou fazendo inúmeras bobagens condicionadas pelo álcool, ainda que em nenhum momento perdesse o senso de responsabilidade para com o trabalho - imagens mostraram-no envolvido em diversas brigas de rua e também em momentos em que ele, embriagado, agredia a própria família ou até mesmo o chefe do setor em que trabalhava, durante uma comemoração regada a muito uísque.

- Ele nunca admitiu que precisava parar de beber? - quis saber Aretusa.

- Nunca. Nem mesmo quando aconselhado pelos médicos, após uma cirurgia de apendicite, por volta dos quarenta anos de idade. O apêndice, aliás, foi a primeira parte de seu corpo a ser" prejudicada por seus desregramentos - o computador ofereceu várias imagens da operação.

- E pensar que ele podia ter evitado tudo isso... - comentou Aretusa, sentindo certo mal-estar com aquelas imagens.

-Após esta operação, ele sofreu mais duas cirurgias sérias, uma no pulmão, outra no intestino, verdadeiras advertências de seu errado modo de proceder, mas nem assim se convenceu do problema. Ao contrário, bebia e fumava cada dia mais. Achava-se dono da situação, chegava mesmo a dizer às pessoas que jamais deixaria de beber e fumar, pois eram essas as suas únicas alegrias na vida - imagens mostravam o homem sentado sozinho na sala de seu apartamento, conversando com um copo de uísque diante do cinzeiro abarrotado, cercado por espíritos também ébrios a exalarem os vapores invisíveis que emanavam de seu copo e a fumaça de seu cigarro. Em seguida, o homem cambaleava da sala até o quarto, caindo e ferindo-se nas quinas dos móveis da casa, até que literalmente apagava na cama, todo machucado, sem qualquer consciência dos próprios ferimentos.

- Que coisa mais triste - externou Aretusa com o coração apertado. - Pode parar Têmis, não quero vê-lo morrendo...

A instrutora retirou a ficha de dentro do aparelho em silêncio. Também lhe eram pungentes aquelas imagens. Afinal, é sempre doloroso ver um ser humano se destruindo por vontade própria.

- Tudo isto não quer dizer que ele não tenha conquistado nada de bom nessa sua estada na Terra. Afinal, como destaquei no princípio, todos nós, como espíritos em evolução, possuímos qualidades nobres que acumulamos e aperfeiçoamos em nossas sucessivas existências, mas também imperfeições de que nos devemos desvencilhar. Apenas sublinhei a questão do vício no decorrer da última encarnação desse espírito a fim de que você pudesse compreender melhor em que consistem os tormentos voluntários que muitas pessoas se impõem por negligência ou imprudência.

- E como se encontra esse espírito atualmente? Ele ja desencarnou, não?

- Sim. Depois de muitos anos de sofrimentos em regiões infelizes, onde se exilou compelido pela própria consciência, hoje ele reconhece que foi negligente e imprudente, e implora por nova chance de voltar ao convívio dos seus para recuperar a oportunidade perdida – finalizou Têmis entristecida, recolocando a ficha entre as demais que havia selecionado para Demóstenes.

-E ele vai poder voltar? - quis saber Aretusa.

-Certamente que sim pois misericórdia divina jamais priva o homem de novas chances de aprimoramento. Mas talvez não possa voltar entre aqueles que outrora o amara com dedicação. Além disso, ele tenderá sempre a encontrar pelo caminho as sequelas e os resultados de seu mau proceder naquela encarnação. É possível que apresente mau funcionamento do pâncreas e de outros órgãos desde tenra idade; provavelmente seu suplício incluirá também a convivência com aqueles a quem prejudicou ou influenciou no passado com suas atitudes. Cada caso é um caso. Toda situação é cuidadosamente estudada antes no plano espiritual para que a ninguém seja dado um fardo que não tenha ainda condições de suportar. Uma coisa, porém, é certa: mais cedo ou mais tarde, colheremos aquilo que um dia plantamos.

- Entendi. Mesmo que este homem jamais coloque uma gota de álcool na boca em sua próxima existência, ele poderá vir a ser vítima de doenças e disfunções causadas por seu mau proceder em vidas anteriores. Mas, por não se recordar do próprio passado, ele terá a impressão de que tais males o atingem por mera fatalidade... - observou Aretusa.

- Exatamente. Não podemos jamais nos esquecer de que Deus é justo. Assim, se um encarnado, por exemplo, nasce com o problema da cegueira e não fez nada naquela existência que justificasse sua perda da visão, é porque possivelmente ele usou mal a vista em vidas anteriores. Ou então causou a perda da visão cm alguém. A pessoa sempre sofre o que fez sofrer aos outros. Se foi dura e desumana, poderá ser, a seu turno, tratada duramente e com desumanidade; se foi orgulhosa, poderá nascer em humilhante condição; se foi avara, egoísta ou fez mau uso de suas riquezas, poderá ver-se privada do necessário e assim por diante.(23) Nossos atos geram marcas em nosso períspirito que vão resultar em doenças ou predisposição a doenças conforme a nova atitude assumida, ou não, pelo indivíduo.

-Toda doença ou disfunção no cérebro então indica mau uso do cérebro em existências pregressas? - imaginou Aretusa.

- É uma questão muito complexa, cada caso requer uma análise detalhada e diferenciada. Pode ser, sim, uma decorrência de um mau uso do cérebro, mas pode ser também o resultado da cristalização de algum trauma passado que se manifesta através da doença. Existem ainda espíritos que pedem para passar por determinadas doenças, como uma prova destinada ao aprendizado. De uma maneira geral, porém, tanto as distonias mentais quanto as doenças orgânicas expressam os resultados de ações desequilibradas do espírito, seja no seu passado próximo ou remoto, que o tornam vulnerável, visto que a conduta negativa, danosa, prejudica primeiramente o próprio autor, abrindo zonas mórbidas em seu psiquismo, refletindo-se no seu períspirito e registrando-se no corpo físico em reencarnações posteriores.

23 -A esse respeito, ver o capítulo V de O evangelho segundo o espiritismo: "Bem-Aventurados os Aflitos".

- Tudo isso ainda me parece tão complicado, eu... - tentou continuar Aretusa. Têmis, porém, se viu obrigada a interrompê-la:

- Vamos ter de deixar esta discussão para um outro momento. Veja... Oto parece estar se espreguiçando - ela encaminhou-se depressa para o corredor que dava acesso aos quartos.

- Ai, meu Deus, será que ele melhorou? - ainda impressionada, Aretusa não pôde deixar de perguntar-se.

XIX

- Espere aí, Paloma! Aonde você pensa que vai com isto?

Lucila nem bem abriu a porta de casa, exausta depois de uma manhã intensa de muito trabalho, e já deu com a irmã atravessando a sala com uma pilha enorme de livros médicos. Seus livros médicos, diga-se de passagem!

- Tem muita coisa no escritório, Lucila! Estou tentando transferir algumas coisas para aquelas prateleiras que ficam no alto do banheiro de empregada. Afinal, Florence chega na outra semana com os meninos e precisamos... - tentou explicar Paloma, sob o barulho de panelas sendo remexidas no armário da cozinha.

- Meus livros médicos no banheiro de empregada? - Lucila a interrompeu bruscamente, arrancando-lhe os livros das mãos. - De maneira alguma!

- Não vou tirar todos, apenas os que você usa menos, os que estavam empoeirados no alto da estante e... - argumentou Paloma, fazendo 0 máximo para não explodir.

- E quem é você para saber que livros eu uso mais ou uso menos? -ela seguiu irritada em direção ao escritório, que era logo o primeiro quarto que vinha depois da sala.

-Lucila, espere, deixa eu falar, eu só pensei que...

- E desde quando você pensa? - Lucila quase atropelou-a em sua ânsia de verificai o que havia de fato ocorrido no escritório.

Ao chegar na porta do cômodo, o susto foi tão grande que Lucila deixou todos os livros caírem no chão e gritou, a toda voz:

-EU NÃO ACREDITO! Quem te deu permissão para mudar todas ,as minha coisas de lugar?

Para quem não conhecia, o quarto estava um brinco. Impecavelmente limpo e arrumando, não havia uma só folha de papel fora do lugar. Era um quarto pequeno, que tinha duas de suas paredes inteiramente ocupadas por prateleiras cheias de livros, sendo que em uma delas ficava encaixada a escrivaninha de Lucila. Do lado oposto, havia um antigo armário de duas portas e uma cama de solteiro, que Paloma cobrira com uma bonita colcha de crochê azul marinho, confeccionada por dona Noêmia no passado. Para Lucila, no entanto, a sensação era comparável à de olhar para Nagazaki após o estrago da bomba atômica.

- Onde estão os papéis que eu deixei sobre a escrivaninha?... - Lucila andava pelo quarto desarvorada, correndo os olhos sobre cada objeto. - Os livros de puericultura que estavam em cima da cama? As revistas médicas que estavam separadas? Onde, Paloma, responda!

- Bem, os papéis eu coloquei no seu quarto e os livros eti arrumei na es...

- No setor de doenças crônicas infantis! - gritou Lucila, localizando os livros numa das prateleiras ejá tirando-os de lá. - Você não tem o mínimo senso de organização e acha que todo o mundo é igual a você! Onde já se viu misturar noções básicas de puericultura com doenças crônicas infantis!

- Espera aí, Lucila! - protestou Paloma, ao vê-la encher a cama novamente de livros. - Você está bagunçando tudo!

- Bagunçando, eu? Ora, você perdeu a noção de realidade! - resmungou Lucila, ainda separando livros em cima da cama. - Espere... Que cheiro é este?

Ela inspirou diversas vezes e só então percebeu o palito de incenso que queimava sobre sua escrivaninha. Era demais! No seu escritório, em cima da sua escrivaninha! Paloma sabia que ela odiava aquele cheiro! Com ódio, tomou o palito de um só golpe e atirou-o pela janela aberta com suporte e tudo.

- Meu suporte indiano! - Paloma ainda teve tempo de vê-lo despencando prédio abaixo.

- Pois então que o guardasse junto com as suas coisas! Já cansei de dizer que eu não suporto esse troço queimando aqui dentro de casa!

-Você não suporta nada que possa trazer um mínimo de paz para esta casa!

- Estou farta dos seus incensos, dos seus sininhos da felicidade, das suas velas e essências mágicas, seus gnomos e fadinhas... - Lucila voltou a separar livros em cima da cama. - Quer saber, esta casa só vai ter paz o dia em que você for embora daqui, com toda esta sua parafernália esotérica!

- Pois fique sabendo que esta casa não é só sua! - reagiu Paloma, sentida, tirando alguns livros de cima da cama em atitude de revanche.

- Paloma, me dá esses livros aqui!

- Não dou! Pode parar de fazer escândalo porque, de hoje em diante, este quarto vai ser ocupado pelo Rafael!

- O Rafael? - Lucila olhou para ela, incrédula. - Era só o que me faltava! Você inventa de hospedar a família inteira aqui dentro de casa e eu é que pago o pato? - ela arrancou novamente os livros das mãos de Paloma.

- E onde você quer que o menino durma? - protestou ela.

- Por quê não no "consultório" que você montou no quarto de empregada? - Lucila perguntou debochada.

- Por Saint Germain! Você não pode ser tão egoísta, tão apegada a um quarto material! Se eu colocar o menino no consultório, onde é que eu vou receber meus clientes, onde é que eu vou trabalhar? Eu preciso daquele espaço para exercer a minha profissão, enquanto você, além de ter seu próprio consultório fora de casa, ainda ocupa sozinha o maior quarto da casa!

- Exercer minha profissão... - Lucila repetiu com ironia. - Então que coloque o garoto no seu quarto! - Lucila continuava a arrumar livros freneticamente nas prateleiras.

- No meu quarto, que aliás eu já divido com a Chuva, vão ficar a Florence e a Aline! Ele é um menino!

- Problema dele. Aliás, seu e dele. Se queria um quarto só para você, devia ter pensado antes de arrumar uma filha, antes de bancar a boazinha e convidar esse bando de desabrigados para virem passar uma temporada no Rio!

- Lucila, como você é cruel! - desabafou Paloma com lágrimas nos olhos. - E por causa de pessoas como você que o mundo estacionou nesta condição de planeta de provas e expiações, que não conseguimos alcançar nunca um estágio evolutivo de... de... - depois de fungar algumas vezes, desta vez foi o nariz de Paloma que detectou algo de errado no ar. - Você está sentindo?

- Claro! Este seu incenso indiano é pior do que vômito de criança intoxicada com detergente! -respondeu Lucila, sem lhe dar muita atenção.

- Não é incenso! E borracha queimada!... Mamãe! - ela teve um lampejo e saiu correndo em direção à cozinha, seguida por Lucila.

Dito e feito. Dona Noêmia estava sentada na mesa da cozinha olhando para ontem, completamente alheia a tudo o que se passava a sua volta, enquanto em uma panela seca sobre o fogão, queimava o estetoscópio de Lucila.

-Nem reparei que vocês , estavam aí... - a senhora comentou, ainda longe. - Seu pai já chegou do trabalho?

-Mamãe! Meu estetoscópio! – gritou Lucila, enquanto Paloma com um garfo tentava retirar o que restara dele na panela.

-Ah, pois então! – tornou Noêmia, ainda sem se dar conta do estrago feito -Paloma estava arrumando suas coisas e resolvi dar uma mãozinha. Estava tão sujo, tão encardido esse seu aparelho... Estas coisas a gente precisa limpar de vez em quando, minha filha! Ainda mais você que trabalha com doentes! Tem que esterilizar os aparelhos!

- Onde já se viu esterilizar estetoscópio, mamãe? - Lucila deixou-se cair na cadeira, vencida. - Ainda mais numa panela seca!

- A água deve ter secado, ela agora vive fazendo isso... Coloca as coisas para ferver, depois esquece - observou Paloma, segurando com um pano de prato o aparelho todo deformado pelo longo contato com o alumínio quente. - E, não tem jeito mesmo... Você vai mesmo ter de comprar outro...

- Ficou bom? - perguntou Noêmia, animada.

-Acho que nós vamos ter é que levar mamãe de novo ao neurologista - concluiu Lucila, arrasada.

-Tem que haver uma explicação, não pode ser simplesmente uma esclerose senil...

Enquanto Lucila se lamentava, com a cabeça enterrada entre as mãos e Paloma esfregava a panela queimada com palha de aço, Noêmia se levantou, sem que as filhas percebessem, verificou a despensa, depois saiu à cata da chave. Tinha de ir até a padaria, comprar um pouco de café, não havia nem mais um restinho de pó dentro de casa. "Uma família não pode passar sem café", pensava consigo, enquanto remexia as coisas que Paloma, Chuva e Lucila costumavam deixar em cima da mesa, sempre que chegavam da rua. "E como é que o café acabou assim, sem ninguém perceber?" Andava mesmo cismada que a faxineira estava levando mantimentos para casa. "Mas até o café!...", resmungou mentalmente.

- Ali! Aqui está! - disse, agarrando o chaveiro com força, sem sequer se dar conta de que estava de peignoir e chinelos. - Vou aqui embaixo um instantinho buscar café, não demoro! - avisou, batendo a porta em seguida.

- Mamãe! - Paloma largou a panela debaixo da torneira aberta e veio correndo da cozinha.

- Ela desceu! - constatou Lucila, já com a mão na maçaneta para ir atrás da mãe.

Noêmia, contudo, tivera o cuidado de trancar a porta ao sair. - A chave! - bradou Lucila, correndo até a mesa. - Tenho certeza de que deixei aqui!

- Ela levou! - constatou Paloma, procurando algo com os olhos. -Ai, meu Deus, onde foi que eu deixei a minha chave?

- Não é possível que você não saiba nem onde guarda a própria chave! - protestou Lucila, nervosa. - Não quero nem pensar no que pode acontecer... Abolsa! Veja na bolsa! - ela estendeu a Paloma a bolsa que estava pendurada nas costas da cadeira.

Enquanto isso, na portaria, Chuva esperava o elevador com certa tensão. Terminara o namoro com Vinícius logo que voltara de Florianópolis, na esperança de que ele se ajoelhasse a seus pés implorando para que não o deixasse, mas o tiro saiu pela culatra, Vinícius achou que era melhor mesmo os dois darem um tempo no relacionamento. Desde então, ficava ansiosa sempre que precisava tomar o elevador, com medo de encontrar com ele, e ao mesmo tempo desejando ardentemente que isto acontecesse.

Vinícius, que tinha ido em casa almoçar e saía de novo irritado por não ter encontrado ninguém em casa, vinha no elevador justamente com dona Noêmia. Ela esquecera de tocar o botão ao entrar e acabara subindo ao invés de descer. "Aonde será que a avó de Chuva está indo vestida desse jeito?", ele matutava consigo, sem coragem de perguntar.

- Como vai a senhora, vai bem? - perguntou, tentando disfarçar seu espanto.

Ela, contudo, além de não o reconhecer, ficou desconfiada achando o rapaz suspeito.

- Bem, obrigada - respondeu, sem muita convicção.

"Por que será que ele me olha deste jeito? Será um ladrão?", imaginava angustiada. "Assim que eu chegar no térreo, vou chamar a atenção do Severino. Onde já se viu deixar qualquer um ir entrando no prédio sem se identificar?" Aessas alturas, já esquecera do café, imaginava estar voltando para casa sabe-se lá de onde. Por medida de segurança, parou na li ente de Vinícius e se manteve de costas para ele. "Não é nada bom Ik ai dando intimidade para estranhos", dizia a si própria em pensamentos.

O elevador chegou ao térreo e dona Noêmia continuou parada na frente de Vinícius. sem sair e sem deixá-lo passar.

-A senhora não vai descer?

-Não senhor. Eu moro no terceiro -ela não se conteve e o encarou. - Escute aqui, o que é que o senhor está pretendendo?

Neste momento. Chuva abriu a porta do elevador e deu de cara Com Noêmia

- Vovó!!!! - exclamou surpresa.

- Chuva! Graças a Deus que você apareceu! Imagine que este rapazote tentou me faltar com o respeito no elevador! - ela olhou para Vinícius ameaçadora.

Só então Chuva percebeu Vinícius no fundo do elevador e ficou toda constrangida. Ele, porém, já estava a ponto de perder a paciência e mal lhe deu atenção.

- Vocês me dão licença? - ultrapassou as duas e saiu como um raio pela portaria.

- Aonde a senhora vai, vovó? - Chuva perguntou, triste, ainda segurando a porta do elevador.

- Bem... - Noêmia titubeou por alguns instantes. - Acho que estava voltando para casa, e você?

- Então vamos, vovó - ela fechou a porta, compreendendo tudo.

Lucila e Paloma haviam acabado de encontrar a chave quando elas entraram.

- Chuva! - disse Lucila.

- Mamãe! - disse Paloma.

- Que mal educados são estes rapazes de hoje! - despejou Noêmia. - Que barulho de água é esse?

Era a torneira que Paloma deixara aberta. As três correram para a cozinha, a essas alturas inundada, enquanto Noêmia cruzava a sala, resmungando sem parar, em direção a seu quarto.

- E Paloma ainda acha que podemos receber visitas! - suspirou Lucila, enquanto espremia o pano molhado no balde.

- O que foi afinal que aconteceu por aqui? - quis saber Chuva, secando outra parte da cozinha..

-Vamos fazer uma coisa? - sugeriu Paloma, sacudindo seu pano, já bastante irritada. - Eu vou agora mesmo ligar para a Florence e pedir a ela para que espere mais um pouco. Semana que vem levamos mamãe ao neurologista e...

O telefone tocou. Paloma largou o pano e foi atendê-lo.

-Alô? Florence? Você não morre tão cedo... - ela caminhou com o aparelho sem fio até a cozinha e tapou o bocal para dizer a Lucila: - É a Florence! - tirou a mão da boca do fone e continuou a conversa: - Eu ia agora mesmo ligar para você e... O quê?... Você não tem mais telefone? A ligação está ruim! Não diga! O oficial de justiça acaba de passar aí para avisar que você só tem até amanhã para desocupar a casa? Não fica assim, Flor... A gente não deve se abater por causa de bens materiais... O desapego também é um aprendizado... E o que é que você fez com os móveis? Sei... Vão ficar na garagem de uma amiga até você decidir o que vai fazer da vida... Quem sabe você não encontra um novo rumo para a sua vida aqui no Rio de Janeiro?

Lucila, que prestava a atenção ao lado, olhava para a irmã com ímpetos de enforcá-la com o pano molhado.

- Diz para ela não vir! - insistiu num sussurro quase ameaçador. Paloma, por sua vez, sem largar o telefone fechou os punhos e arregalou os olhos como a gritar que a irmã ficasse quieta.

- Sei... Tadinhos! Ficaram a manhã toda esperando e ele não apareceu, que canalha! E nem telefonou para dizer nada? Mas ele sabia que vocês estavam vindo para o Rio esta semana, não sabia? O quê? Meu Deus!

- Pergunta quando eles chegam! - pediu Chuva.

Mas, ao invés disso, ela tapou de novo a boca do fone para informar: -Aline teve uma crise porque o pai não apareceu para.despedir-se e saiu sozinha para a rodoviária. Florence acha que ela está vindo para cá!

- Isto quer dizer que ela vai chegar amanhã cedo? - deduziu Chuva.

- Eu mereço! - Lucila abriu a geladeira em busca de algo para comer.

- Você tem certeza de que ela tem o endereço? - perguntou Paloma, caminhando de novo em direção à sala para que Florence não ouvisse os comentários da irmã. Chuva foi atrás dela, não queria perder nenhum detalhe. - Fique tranquila, nós vamos ficar de prontidão... Vou agora mesmo ligar para a rodoviária para tentar saber a que horas chega o ônibus...Tá... Então a gente te espera amanhã... Outro... Que Saint-Germain te proteja...

Paloma depositou o fone no gancho e soltou o ar num sopro alto e contínuo. Os últimos acontecimentos a haviam deixado desanimada.

- Não tem jeito... Amanhã vão estar todos aqui...

- Nossa, quer dizer então que o pai da Aline e do Rafael marcou com eles e deu o cano! Caramba, e eu que pensava que o meu pai era o pior do mundo...

- Chuva, seu pai nunca te procurou porque ele morreu defendendo a classe trabalhadora, quantas vezes vou precisar te dizer isso? - explodiu Paloma.

- Seu pai morreu num incêndio provocado pelos boias-frias que ele queria transformar em grandes proprietários rurais! - debochou Lucila da cozinha.

As duas ficaram em silêncio. Dona Noêmia estava quieta no quarto. Lucila continuava almoçando na cozinha. O barulho do garfo batendo no prato enquanto ela comia parecia encher toda a sala.

-Mãe, estou pensando aqui uma coisa... - arriscou Chuva. - Será que a Aline está vindo mesmo para cá?

- Queira Deus que sim. Chuva... - Paloma esticou-se para pegar os Queira Deus...-disse levantando-se com os sapatos que deixara na mão.

XX

Ainda sonado, Oto esticou uma perna, depois a outra, levantou os dois braços e girou o corpo, espreguiçando-se lentamente. Após ser submetido a intenso tratamento à base de passes, irradiações luminosas e sonoterapia, parecia bem mais tranquilo. Já não urrava de raiva nem blasfemava contra tudo e contra todos; até sua fisionomia parecia ter adquirido contornos mais suaves, sem tantas rugas de expressão.

Têmis e Aretusa estavam sentadas a seu lado no momento em que ele abriu os olhos. Parecia não saber direito onde estava, entorpecido pelas muitas horas de sono, mas abriu largo sorriso ao divisar sua protetora de sempre.

- Como se sente? - perguntou Têmis, afagando-lhe carinhosamente os cabelos, enquanto Aretusa os observava sorridente.

- Com um pouco de sono - ele respondeu, pacífico. - Vocês me doparam?

- De forma alguma. Apenas o deixamos descansar. A estada na Terra desgastou por demais suas energias - a protetora respondeu com doçura.

- Não me lembrava de você... - ele encarou Aretusa pensativo.

- Esta é Aretusa, nossa nova estagiária. De hoje em diante, ela será para você como um anjo da guarda, acompanhando-o em cada um de seus passos aqui na colônia.

Aretusa abriu um largo sorriso, mas não foi correspondida de imediato.

- Você não vai mais cuidar de mim? - Oto pareceu desapontado.

- E claro que vou. Apenas não poderei estar todo o tempo a seu lado. Tenho muitas outras atribuições na colônia e fora dela - explicou Têmis, enquanto Aretusa continuava sorrindo solícita.

Oto esboçou um rápido e tímido sorriso para ela, parecia mesmo uma criança ressabiada sendo apresentada à sua nova babá.

- Ah, menino! - ralhou Têmis, de brincadeirinha, fazendo-lhe um cafuné.

Ele novamente curvou os lábios num sorriso, desta vez maroto, e se deixou ficar por algum tempo ali, apenas sentindo o calor do afago de Têmis. Havia mesmo esquecido do quanto era bom ser acarinhado.

- Ainda está infeliz por ter voltado? - ela perguntou.

Ele olhou fundamente em seus olhos e sacudiu a cabeça negativamente. Nem parecia a mesma pessoa, era agora uma criança com fisionomia de adulto.

- Louvado seja Deus! -Têmis o abraçou comovida, deitando a cabeça sobre seu peito. - Também estou muito feliz por tê-lo de volta...

- E Odilie? Quando poderei vê-la? — ele mostrou que não esquecera por que estava ali.

- Quem sabe mais tarde? Primeiro, no entanto, gostaríamos que fosse conosco assistir a uma palestra no Núcleo de Convivência - desconversou Têmis, estendendo-lhe o prato de sopa que um enfermeiro acabara de entregar a Aretusa.

Era um caldo tépido, de coloração alaranjada e muito aromático, que Oto aceitou de imediato.

- Uma palestra? - estranhou ele, provando a sopa. - Humm... Que delícia! Tinha me esquecido como são gostosos estes caldos daqui...

- Sim. O doutor Milton Daves, um dos mais notáveis psicoterapeutas que integram nossa equipe de trabalho, virá hoje para mais uma sessão de terapia em grupo - informou Aretusa, animada. Também estava louca de curiosidade para ver aquilo de perto.

- Não é apenas o Dr. Milton Daves que vem, mas todo um grupo de psicoterapeutas que estarão realizando diversas atividades com nossos internos - corrigiu Têmis.

- Grupo de psicoterapeutas? Afinal é uma palestra ou uma sessão de terapia? - interrogou Oto, desconfiado, ainda tomando sua sopa.

As duas coisas. Venha conosco e verá! - convidou Têmis. Sempre alegres e pacientes, as duas aguardaram até que ele terminasse tua refeição Depois, ajudaram-no a vestir-se, trajando-o com roupas claras de textura muito agradável que tinham a propriedade de jamais se amassarem. O mais curioso é que tais roupas se amoldavam exatamente ao tamanho do Corpo de quem as vestia, adquirindo mangas adultas e comprimento infantil para abrigar Oto. Aretusa lembrou-se da história do Pequeno polegar. que sempre contava para as crianças quando encarnada, ao constatar que as sapatilhas brancas que haviam sido separadas para Oto, embora parecessem possuir um solado Confeccionado em material semelhante a borracha, também eram dotada daqui Ia mesma propriedade, amoldando-se magicamente ao formato do pé de quem as vestisse.

-Se fosse contar isto para meus netos, diria que aqui os espíritos usam roupas e sapatilhas de sete léguas - comentou bem humorada.

- Se são de sete léguas eu não sei, mas garanto que são bastante confortáveis - observou Oto, pisando no chão satisfeito.

Os três riram. Em seguida, Têmis e Aretusa lavaram seu rosto com uma água tépida e reenergizante que o enfermeiro trouxe em uma pequena bacia, pentearam-lhe os cabelos e removeram-lhe a barba com delicado aparelho, que tinha o aspecto de pequeno apontador dotado de reservatório. Ao simples contato com a pele, a barba era como que sugada para o interior deste aparelho, sem qualquer dor ou ruído. Oto suportou tudo isso com a alegre expectativa de um menino que a mãe prepara para uma festa.

- Sempre pensei que os espíritos pudessem controlar a aparência e até mesmo o tamanho da barba, ou a ausência dela, através da mente -comentou Aretusa.

- Realmente podem, mas nem todos. Não se esqueça de que aqueles que regressam da crosta, imediatamente após o desencarne ou depois de longo tempo errando pelo espaço, como é o caso de Oto, chegam aqui ainda envoltos em densos fluidos de materialidade. Precisam aprender a alterar os próprios padrões mentais para que possam se adaptar a esta nova etapa da existência - esclareceu Têmis. - Prontinho! - ela fez um carinho no rosto de Oto, experimentando lhe a maciez.

Logo na entrada do prédio, ao se ver outra vez diante do imenso jardim da colônia, ele não pôde conter a emoção. Lágrimas quentes desceram de seus olhos profundos. Era como se uma janela de luz houvesse sido aberta dentro de sua mente já tão habituada à escuridão. Lembrou-se dos tempos em que ali passeava todas as manhãs de braço dado com Odilie, da imensidade de planos que os dois haviam feito sob a copa de frondosa árvore onde agora uma criança ia e vinha sentada em pequeno balanço.

- Sempre é tempo de se recomeçar - exclamou Têmis, lendo-lhe os pensamentos e apertando-lhe as mãos.

Ele sorriu agradecido e retribuiu-lhe o gesto, apertando-lhe também as mãos fortemente. O olhar era de novo o de um adulto. Caminharam alguns passos e pararam maravilhados diante de uma praça em forma de flor, inteiramente cercada por canteiros de miúdas roseiras brancas e vermelhas, de folhagem abundante, muito verde, e caules inteiramente desprovidos de espinhos.

No centro da praça, havia uma fonte de água cristalina, em formato de concha, onde coloridos pássaros pousavam para matar a sede. Ao refletir em suas águas, o sol banhava o local de intensa luz, que se espargia em torno da fonte como enorme estrela de muitas pontas.

Era a praça da Luz, onde os socorristas costumavam orar e entoar hinos de louvor a Deus antes de iniciar seus trabalhos e ao encerrar do dia, às seis horas da tarde, quando, como na Terra, as preces homenageavam a magnânima mãe de Jesus, protetora de todos os sofredores. Sentindo as vibrações de paz que pareciam emanar do local, desta vez foi Aretusa quem não conseguiu segurar as lágrimas.

- Todos os dias, vivo aqui uma das mais sublimes experiências que já tive oportunidade de conhecer no plano espiritual - ela comentou, de olhos molhados. - É tão maravilhoso o momento da prece que a gente sente como se Deus estivesse dentro da gente, como se...

- Deus vive dentro de cada um de nós, Aretusa - interveio Têmis. -Contudo, em geral, as pessoas O percebem mais fortemente no momento da oração, porque ao buscá-lo com sinceridade, com verdadeira vontade de encontrá-lo, elas se sintonizam com a grandeza da Criação, tornando-se mais sensíveis às forças de luz provenientes da energia que incessantemente emana de mais alto.

- Senhor meu Deus, ajuda-me para que eu consiga reencontrar o caminho da luz - disse Oto, de olhos fechados. - Ilumina-me para que eu possa vencer as sequelas do passado que ficaram gravadas em mim, para que eu consiga novamente sintonizar-me com as forças do amor, do perdão... - ele não pôde continuar, tragado pela forte emoção que dele tomou conta naqueles breves instantes, sacudindo-o por inteiro em sentido pranto.

Todavia, embora não pudesse divisar em sua emoção, intensa luz rósea parecia descer dos céus em sua direção, envolvendo-o inteiramente e refletindo-se ao mesmo tempo na estrela formada pela fonte, a qual pareceu mais brilhante naquele momento.

-Tenha calma, querido... Você conseguirá... - Têmis o abraçou com carinho. - Se realmente quiser, você logo irá superar tudo isto...

Ficaram ainda um tempo como que paralisados pela força quente e luminosa daquele abi aço, até que Aretusa os chamou de volta à realidade:

- Não esta na hora da palestra?

Em rápidos instantes, posto que eram seres etéreos e não precisavam vencer o peso da matéria para se locomoverem, cruzaram quilômetros de jardins ate atingirem o edifício antigo, cuja arquitetura se assemelhava á do Teatro Municipal do Rio de Janeiro. De longe já se viam dezenas de espíritos entrando e saindo do prédio, tal qual um exército de operosas formigas. Chegando mais perto, percebia-se que muitos que chegavam ao local, às vezes em grupos, às vezes acompanhados apenas de um mentor, encontravam-se trajados da mesma maneira que Oto. A visão geral fazia lembrar um museu terrestre em dia de visitação escolar, sem, contudo, a animação típica deste tipo de passeio.

-Olhem a fila, por favor... - pedia com delicadeza um dos espíritos que guardava a entrada para o interior do teatro.

Ainda que os inúmeros socorristas encarregados da organização daquele encontro muito se esforçassem para transmitir uma atmosfera de alegria e otimismo a todos os que chegavam, o clima geral era de tristeza, como se aqueles espíritos se contaminassem uns aos outros com seu derrotismo e sua falta de esperança particulares.

- Vamos, querido, não se deixe abater - Têmis o puxou pela mão, tentando animá-lo.

O trio foi encaminhado para um dos auditórios laterais, para onde se dirigiam também todos aqueles que apresentavam deformações físicas semelhantes às de Oto.

O Núcleo de Convivência era dividido em muitas salas e auditórios. Em cada um deles seriam realizadas palestras e sessões de tratamentos específicas. Uma listagem na entrada determinava previamente para onde deveria seguir cada espírito que ali chegava acompanhado de seus mentores, de acordo com suas necessidades.

Se Oto não parecia exatamente muito animado, a curiosidade e o entusiasmo de Aretusa não tinham limites. O tempo todo girava a cabeça para um lado e para outro, querendo absorver cada detalhe do ambiente, ler cada placa, cada cartaz afixado no caminho. Por pouco, aliás, ela não se perdeu de Têmis e Oto no meio da multidão.

- Vamos, Aretusa. Não temos tempo para verificar cada atividade que será desenvolvida nesta tarde - alertou Têmis, voltando alguns passos atrás para buscá-la.

-É que os temas anunciados são tão interessantes... - comentou ela, ainda esticando os olhos para o interior de uma sala cujo chão estava inteiramente coberto por coloridos quebra-cabeças. No pequeno cartaz afixado na porta estava escrito: "recomposição da personalidade - Dra. Matilde Gillesborn".

- Se eu pudesse me dividir, assistiria a todas as palestras! - ela ainda comentou, já voltando os olhos para a entrada do auditório designado como "espaço de dramaturgia".

- E eu não sei disso? - sorriu Têmis, bem-humorada, sem parar de caminhar em direção ao final do corredor. - Mas não se preocupe. Oportunamente, você terá a chance de acompanhar Oto a cada uma destas salas, ao longo das diferentes etapas de seu tratamento - ela prometeu, quando finalmente pareceram chegar a seu destino.

Sentado sozinho em uma mesa no centro do pequeno auditório para onde Oto, Têmis e Aretusa haviam sido encaminhados, o doutor Milton Daves, com a cabeça baixa e a face coberta pelas mãos, parecia concentrado em suas orações. Permaneceu assim por alguns instantes, até que todos os presentes se acomodassem nas cadeiras dispostas em semicírculo em torno do palco onde estava sentado. A porta então foi fechada e fez-se profundo silêncio. A sala parecia isolada de qualquer barulho externo.

O médico se levantou e encarou a todos. Atrás dele, havia enorme placa luminosa, semelhante a um moderno telão de TV, a qual se acendeu no momento em que ele ergueu-se da cadeira, mostrando o movimento de um rio sonoro e caudaloso atravessando magnífico campo florido.

- Boa tarde! Que a paz do querido mestre Jesus possa estar, neste instante, reverberando nas fibras mais íntimas de cada um dos aqui presentes! - disse ele, cumprimentando a pequena plateia.

Neste momento, todos puderam perceber o incrível magnetismo que seu olhar irradiava. Era como se ele tivesse alguma coisa do Cristo, sensação que era acentuada por seus longos cabelos castanhos e pela bem tratada barba da mesma cor.

- Imagino que a pergunta que a todo momento deve ecoar no íntimo de cada um de vocês seja "por que fizeram isso comigo? Por quê, se eu me preparei tanto para a experiência, se eu estava tão disposto a aproveitar esta nova oportunidade que imaginava que me seria concedida." Por que não tive a sorte de ser recebido por uma mãe amorosa?"

Imagens no telão mostravam mulheres grávidas acarinhando o próprio ventre, mães cuidando de bebês recém-nascidos.

- A primeira coisa que todos vocês precisam compreender é que a mulher que pratica o aborto também é uma vítima. Uma vítima da sociedade em que vive, dos valores morais deturpados dessa sociedade, uma vítima, em última instância, dela mesma, que não foi forte o suficiente para lutar contra estes valores. Porque toda mulher, em seu íntimo, deseja sei mãe; todas foram dotadas por Deus de aptidões para cumprir esta importante missão, mesmo aquelas que se encontram transitoriamente impossibilitadas de gerar uma vida em seu próprio ventre.

Muitos choraram no auditório ao ouvir esta preleção.

- Todavia - continuou o expositor-, não podemos nos esquecer de que, quando encarnados, muitas vezes sentimos medo, muitas vezes tivemos a impressão de que não iríamos conseguir dar conta das situações que se nos colocavam no caminho. Quem nunca viveu esta angústia quando encarnado?

Todos continuavam em silêncio, enquanto o telão mostrava imagem de mulheres chorando desesperadas depois de constatarem que estavam gravidas.

Infelizmente prosseguiu o doutor Milton Daves - , quando saímos daqui e nos esquecemos temporariamente de nosso passado, esquecemos também que Deus jamais confia um fardo pesado a ombros fracos. É que talvez uma das mais importantes provas por que todo o espírito passa através da reencarnação é a prova da fé. Envolvidos pelas solicitações do inundo material, muitas vezes nos esquecemos da importância de confiar em Deus, de acatar os seus desígnios em prol da nossa própria evolução. A mulher que aborta é acima de tudo um ser desprovido de fé, porque não acredita que Deus tenha elaborado todo um projeto para o seu crescimento individual através daquela gravidez aparentemente inesperada. Ora, meus amigos, como já dizia Einstein, "Deus não joga dados". Nada acontece por acaso. A mulher só pratica o aborto, no entanto, porque se sente incapaz de assumir uma vida, seja por razões financeiras, psicológicas, emocionais ou profissionais.

A tela mostrava sucessivamente várias situações. A mulher com medo de engordar e perder o marido; a mulher com medo de ser demitida por causa da gravidez; a mulher jovem demais; a mulher mais velha com medo de gerar um filho excepcional, entre outras.

-Todos estes casos mostram mulheres que no fundo temem não ser aceitas. Pelo marido, pela sociedade, pela família, pelo patrão, por elas mesmas. Mulheres que não conhecem a força maternal que Deus plantou dentro de cada uma delas. Todavia, os abortados precisam também conscientizar-se de que o aborto é um ato fisico e o espírito não deve ficar reavivando os fatos tristes que enfrentou.

As cenas agora focalizavam o momento em que o abortado era retirado do corpo após o ato brutal. Eram mostradas as equipes socorristas do espaço que ficam de plantão nas clínicas de aborto; o cuidadoso desligamento feito durante a retirada do feto do útero da mãe; o abortado, sob forma de bebê, sendo adormecido e conduzido de volta ao plano espiritual pelos socorristas; enfim, todos os tipos de amparo que um espírito recebe nesta situação.

- Sei que cada um de vocês carrega no corpo a chaga da rejeição, mas nem por isso deve considerar-se um rejeitado - enfatizou o palestrante, enquanto a tela era tomada por imagens de sementes a germinarem em maravilhoso jardim florido. - Cada cérebro é uma casa, um mundo, enfim, um universo, e somente seu dono pode arrumá-la. Se ficarmos ornamentando nossa casa, nosso mundo, com os enfeites da revolta, da vingança, do ódio, teremos um cérebro perturbado e uma casa mental em desalinho, fugindo do universo de Deus. Sabemos que, no momento violento do aborto, com frequência ocorrem anomalias da forma perispiritual. Não olvidemos, porém, que, para chegar à condição de feto, tivemos de aprender a nos concentrar de tal modo que, por vontade própria, déssemos ao corpo perispiritual a forma diminuta destinada a ocupar o novo corpo em formação.

A tela voltou então a ser ocupada por imagens que ilustravam todo o processo. O espírito despedindo-se dos amigos, depois de confirmada sua próxima reencarnação, sua reclusão em quartos especiais onde, com o apoio de especialistas, efetuava-se, paulatinamente, a redução da forma perispiritual até o mínimo tamanho de um óvulo.

O doutor Milton Daves mudou então o tom da voz, falando suave e pausadamente, como se procedesse a uma espécie de hipnose da pequena plateia, sob suave fundo instrumental:

- Agora, neste auditório, vamos olhar as lâmpadas que se encontram no teto... Vamos dar um novo colorido à nossa casa mental... Vamos, ainda, buscar no inconsciente o apagador, um apagador de giz, igual àqueles que se usam na escola... Depois de termos retirado da nossa mente todos os fatos cruéis já vividos, vamos, então, fazer crescer a vontade da cura... Plasmar com amor um corpo perfeito para nós... Vamos fixar as lâmpadas no teto e, agora, como se fôssemos pintores, tocar cada parte do nosso corpo, dando-lhe as formas das quais ele precisa...

Estabeleceu-se novamente completo silêncio. As luzes ganharam uma nova irradiação e a pequena plateia, de olhos bem abertos, fixava as lâmpadas, para depois cerrar os olhos em busca do apagador sugerido pelo doutor. Pouco a pouco, cada qual foi moldando um novo corpo. Oto adequou o tronco e as pernas de maneira a formarem um conjunto harmonioso com a cabeça e os braços de homem.

Para completo espanto de Aretusa, logo ele ganhava a aparência de um rapaz de traços germânicos, beirando os trinta anos de idade, muito bonito em seu conjunto.

Instantes depois, o auditório estava diferente. Todos que haviam entrado ali deformados pareciam ter adquirido uma forma mais equilibrada. Não eram mais crianças, eram homens e mulheres, espíritos que, como Oto, haviam retornado à sua antiga roupagem perispiritual, à forma que tinham antes de planejarem a reencarnação em que seriam abortados. O doutor Milton Daves parabenizou-os:

- Conseguiram! De hoje em diante todos sabem que a chave da felicidade se encontra dentro de nós e que, para vivermos em paz, precisamos amar a Deus e ao próximo.

Só então todos os olhos se abriram e deu-se a grande surpresa. Ao perceberem que a cura havia mesmo se operado, muitos não conseguiram conter o pranto sentido, enquanto outros riam e choravam ao mesmo tempo, tal a emoção que os dominava.

-Este sou eu! – dizia Oto, em um sorriso comovido. - Não sou mais um monstro!

- Você nunca foi um monstro, querido! - corrigiu Têmis. – Apenas encontrava-se sob o impacto de um grande choque, necessitando de tratamento adequado,

-Sou eu... - ele não se cansava de olhar para as próprias pernas. -E muito bom estar de volta!

- Que bom que está feliz! - comemorou Aretusa.

O doutor Daves convidou todos a fazerem uma prece de agradecimento, depois deu por encerrada a sessão de terapia daquele dia. Oto, Têmis e Aretusa seguiram em direção ao novo departamento do hospital onde temporariamente ele ficaria internado naquela nova etapa de seu tratamento. Estava, porém, tão inebriado com seu novo-velho corpo que nem se dava conta de para onde ia ou o que lhe sucederia depois. Queria apenas caminhar pela grama com suas longas pernas.

- Será que todo o ódio que ele sentia acabou? - questionou Aretusa no momento em que ele se distanciou um pouco das duas.

- Certamente que não. O ódio que desorganiza o equilíbrio emocional de Oto não é algo que surgiu com a experiência do aborto, mas um sentimento que o acompanha já há algumas existências e que foi exacerbado com o último trauma por que passou. E, portanto, um sentimento difícil de ser curado de uma maneira fulminante e definitiva. Até porque ele submeteu-se apenas a uma sessão com o doutor Milton Daves - explicou Têmis.

- Então quer dizer que a qualquer momento ele pode voltar à forma monstruosa de antes? - assustou-se Aretusa.

- Sim e não. Pode acontecer de, tempos após a terapia, as anomalias voltarem por ainda estarem muito fixadas no perispírito. Acredito que só com o decorrer do tratamento ele consiga efetivamente apagá-las de sua memória espiritual.

- Pobre Oto... Por um instante pensei que... De quantas sessões ele ainda vai necessitar?

- Não temos como precisar, tudo vai depender da maneira como ele vai reagir ao tratamento. Porque, até o momento, o que aconteceu foi uma indução. O doutor Daves procurou trabalhar o perdão como ingrediente indispensável à perfeita harmonização do ser como um todo e mostrar a eles que é a própria mente de cada um que imprime as formas que serão ostentadas pelo corpo perispiritual. Eles realizaram, portanto, um exercício, mas, para que consigam manter as formas obtidas neste exercício, será preciso que as mentes individuais aprendam a se preparar para exercer naturalmente este comando, sem qualquer indução externa, você compreende?

- Isto quer dizer que ele terá de aprender a controlar melhor os próprios pensamentos?

- No mundo espiritual, tudo funciona através da emissão de for-mas-pensamento, que nada mais são do que pensamentos potencializados pela força da vontade, capaz de tudo criar - complementou Têmis.

- Mas e os outros seres que estavam no auditório? Também estavam ali pela primeira vez? Também estarão sujeitos a uma súbita volta de suas anomalias? - Aretusa de novo mal podia conter sua imensa curiosidade.

-Alguns sim, outros não. São tantos casos... O espírito que foi abortado junto com Oto, por exemplo, não sofreu nenhuma anomalia e já se encontra, inclusive, em preparo para reencarnar...

As duas não perceberam, mas Oto, que havia parado para esperá-las e encontrava-se agora a poucos passos de distância, ao ouvir isso teve um sobressalto. "Odilie não pode voltar!", ele pensou consigo, angustiado. "E se Vítor a encontrar? Se fizer algum mal a ela?" Tomado por ódio profundo, estabeleceu imediata ligação mental com o encarnado a quem perseguia.

- Não se esqueça de que a todo momento chegam milhares de espíritos que vivenciaram a triste experiência do aborto - Têmis continuava sua explanação sem notar o que se passava. - Segundo me informou o doutor Demóstenes, o Brasil é recordista mundial desse covarde crime. Calcula-se que de 4 a 6 milhões de brasileiras o pratiquem a cada ano, sendo o número de interrupções de gravidez maior do que a taxa anual de nascimentos no país. (24)

- Meu Deus! - exclamou Aretusa alarmada. - Não tinha ideia de um número tão grande, na verdade eu nunca... Ahn! Veja! - ela estancou assustada, reparando que Oto havia se agachado subitamente no meio do caminho, como que acometido por uma dor muito forte, e agora tapava os ouvidos desesperado.

- O que houve Oto? - Têmis correu até ele e agachou-se a seu lado.

- Façam-no parar, eu imploro! Se ele continuar dizendo isso, não sei se vou conseguir me aguentar!!!

- O que ele está dizendo? De quem está falando? - quis saber Aretusa preocupada.

- De Vítor. É tão grande o ódio entre os dois, que eles não conseguem se manter desligados por muito tempo. Estão sempre sintonizados através deste sentimento - deduziu Têmis.

Aretusa olhou assustada para Oto e percebeu que havia retomado as anomalias de seu corpo perispiritual. Era novamente um adulto barbado de longos braços, comprimido num tronco de criança.

24- Tais informações foram extraídas do livro "Deixe-me Viver", de autoria espiritual de Luiz Sérgio e psicografado por Irene Pacheco Machado no ano de 1990. Brasília: Livraria e Editora Recanto, 2000. Segundo dados publicados na revista Época, em 06/05/2002, no Brasil o número de abortos registrados oficialmente é de 1,2 milhão por ano. Deve-se, no entanto, ressaltar que, seja por constrangimento das famílias ou mesmo pela grande quantidade de operações clandestinas realizadas, a grande maioria dos casos não tem como ser registrada.

XXI

- Eu tenho o controle! Eu posso controlar todas as minhas crises! -dizia Vítor, nervoso, no consistório da doutora Olívia, apertando fortemente o despertador no bolso da bermuda.

Acabara de adentrar a sala particular da psicóloga, contra a vontade. Mantinha-se de pé ao lado da porta que acabara de ser fechada, enquanto a mãe, apreensiva, o aguardava na antessala.

-Você já me ajudou tudo o que podia e, portanto, agora eu, eu... -tentou esticar o braço para abrir novamente a porta, mas foi impedido por uma forte tontura que por pouco não o derrubou.

Era como se tudo na sala subitamente houvesse se tornado distorcido, não conseguia sequer ter noção da distância que existia entre ele e a maçaneta da porta. As mãos suavam, o coração pulsava descompassado, o corpo todo tremia. A crise o atingira no auge de sua prepotência, transformada agora no medo enorme que avassaladoramente o tragava.

- Não... não... - dizia com a boca seca, quase sem fôlego, tentando puxar o relógio que mantinha dentro do bolso apertado.

Mas o danado do relógio parecia preso em alguma costura e não saía de jeito nenhum. Ou talvez fosse ele que houvesse perdido o controle da própria força.

- Procure respirar fundo... - disse a doutora, calmamente, conduzindo-o até uma confortável poltrona. - Não se fixe nos sintomas, pense que eles logo vão passar, assim como passaram todas as outras vezes...

Vítor estava tão nervoso que novamente não conseguiu controlar a urina que, em segundos, molhou toda a poltrona da doutora, fazendo-o sentir-se ainda mais humilhado. Envergonhado, soltou o despertador e deixou-se envolver inteiramente pelos sintomas da crise. Sentia-se irremediavelmente só e desprotegido diante daquela estranha que mais uma vez o surpreendia em um de seus momentos de absoluta impotência e falta de controle sobre si mesmo.

- Eu vou morrer... - desabafou, com os olhos molhados, apertando fortemente as duas mãos contra o peito. - O ar não entra... Não consigo mais res...

- Não se desespere... - pediu a doutora Olívia, sentando-se diante dele em uma cadeira giratória. - Procure manter a calma... Não é a primeira vez que você sente isso - insistiu, enquanto virava-se rapidamente para alcançar sobre a mesa um pequeno saco de papel de cor parda. -Tome - disse, estendendo-o a Vítor. - Encha-o de ar e inspire em seguida. Vamos!

Durante cerca de cinco minutos ele ficou respirando dentro do pacote, observado de perto pela psicóloga, até que finalmente sentiu-se aliviado, ao perceber que sua pulsação havia se regularizado. Abaixou então a cabeça, ainda sem coragem de desvencilhar-se do saco de papel, e olhou envergonhado para as calças molhadas.

- Não se preocupe... Te garanto que não foi a primeira vez que isso aconteceu aqui no meu consultório... - disse ela, tirando delicadamente o saco de suas mãos. - E agora? Acha que podemos conversar um pouco?

Vítor continuou cabisbaixo e envergonhado. Não sabia o que dizer. "Será que se eu tivesse conseguido tirar o relógio do bolso a tempo teria podido evitar a crise?", questionava-se, ainda tenso e ansioso.

- Lamento informá-lo - disse Olívia, como se pudesse adivinhar seus pensamentos -, mas a técnica do relógio que lhe ensinei, assim como este exercício do saco que acabamos de fazer, são apenas paliativos, recursos extremos para ajudá-lo a vencer a ansiedade nos momentos de desespero. Mas nenhuma destas técnicas têm o mágico poder de solucionar definitivamente o seu problema... porque não basta controlar a ansiedade. E preciso descobrir de onde ela vem.

E o que então pode me ajudar? Existe cura para o meu caso? - ele perguntou angustiado, voltando a abaixar a cabeça em seguida.

Apesar da postura aparentemente humilde e envergonhada, havia despeito e revolta em seu tom de voz, e isto não escapou ao olho clínico da terapeuta:

- Talvez a cura requeira uma mudança de sua postura diante da vida - diagnosticou.

- Como assim? - ele a encarou desconfiado.

- Em todos os casos que tratei dessa doença, observei sempre pessoas muito rígidas, cheias de agressividade e raiva contidas. Embora tais sentimentos não lhes pudessem ser detectados de um primeiro golpe de vista, não fossem sentimentos aparentes, por assim dizer, eram nocivos na medida em que aquelas pessoas os projetavam contra elas mesmas através de suas crises de ansiedade... - ensaiou Olívia.

- E o que isto tem a ver com uma mudança de postura diante da vida? - estranhou Vítor.

Incomodava-o perceber que a terapeuta o estava investigando, "jogando verde para colher maduro", como popularmente se costuma dizer. De mais a mais, a ideia de mudança o irritava. Por que todos insistiam tanto naquele ponto? Sinceramente não via nada em sua maneira de ser que necessitasse ser mudado.

-Tem a ver na medida em que aquelas pessoas tiveram de buscar as raízes de sua ansiedade para, uma vez conscientes de suas origens, poderem impedir que esse sentimento continuasse a ser projetado contra elas mesmas.

- Mas é justamente aí que está o problema! - desabafou Vítor. - Não existem raízes, não existe uma causa para que 'a coisa' aconteça. Ela simplesmente vem e me derruba!

- Será que não existe ou será que é você quem ainda não consegue enxergar?

A pergunta da terapeuta ficou pairando no ar por alguns instantes, ecoando dentro de Vítor. Ela falava com tanta segurança... Realmente, a ansiedade era algo que o incomodava. Existiria mesmo uma razão capaz de explicar tudo aquilo, uma origem para aquela horrível sensação? Vasculhou rapidamente a memória, tentando lembrar com detalhes a primeira vez em que tudo acontecera. Mas não havia nada, nenhum indício que pudesse ser resgatado. Ele simplesmente assistia a uma reportagem na TV quando tudo começou! É certo que não era uma reportagem qualquer, era algo que realmente o interessava e que mexia com as suas fibras mais íntimas, já que o programa falava sobre a primeira clonagem humana e, até então, especializar-se nesta área era o seu grande sonho. Mas por que o simples constatar de que um sonho seu estava cada vez mais próximo de se tornar real poderia desestabilizá-lo daquela tal maneira, a ponto de chegar mesmo a impedi-lo de continuar estudando para concretizar seus anseios?

Relatou o fato à terapeuta, ávido por um diagnóstico imediato. Ela, porém, deixou-o ainda mais confuso com suas ponderações:

- Quando falo de origem, não estou necessariamente me referindo a uma situação prática e objetiva que aconteceu em determinada data, marcando o início de suas crises. Com toda certeza, a situação que acaba de me descrever contém ingredientes que fizeram seu cérebro identificá-la com outras situações, registradas em regiões bem mais profundas do seu inconsciente.

- Como assim? - tentou entender Vítor.

- Lembra que, em nosso último encontro, em sua casa, eu lhe falei a respeito de uma nova abordagem a respeito do pânico?

- Sim. Aliás, foi assim que você me convenceu a vir até o seu consultório - confessou Vítor.

- Pois então. A maioria dos especialistas que lidam com esta doença baseia-se no chamado modelo de interpretação materialista, que acha que o pânico é puramente uma disfunção bioquímica ou psicológica atual.

- E não é? - provocou o rapaz.

- Eu, pessoalmente, trabalho com outro paradigma, segundo o qual a disfunção não é a causa da doença, e sim uma consequência de uma causa anterior, de um desequilíbrio, de um psiquismo que a pessoa traz de suas vidas passadas...

"Vidas passadas?", reagiu Vítor de imediato, arregalando os olhos e abrindo ligeiramente a boca de espanto. "Era o fim da picada!", pensava consigo. Como é que aquela louca iria convencê-lo da existência de outras vidas? Logo ele, que não acreditava sequer em religião nenhuma, que achava que a ciência estava acima de qualquer dogma religioso e até mesmo da ideia de Deus... Talvez fosse melhor ir embora dali para não perder seu tempo ouvindo bobagens. Todavia, caracterizava-o uma curiosidade científica sobre todos os assuntos. "Taí", disse para si próprio. "Quero ver como é que ela vai embasar essa afirmação absurda!"

- Falo de uma hipótese que vem ganhando cada vez mais espaço na ciência, que é o fenômeno da regressão de memória. É óbvio que nem todos os teóricos do assunto encaram o fato dentro da visão espiritualista da reencarnação.

Muitos pesquisadores partem de pressupostos diferenciados para dar conta do processo em questão, tentando explicar os relatos dos indivíduos em regressão.

- Como assim? - ele não conseguiu entender o que seriam pressupostos diferenciados.

-Alguns defendem a memória genética, ou seja, que o conteúdo dos relatos do cliente em um estado alterado de consciência não seria propriamente de nina de suas vidas passadas, mas sim a reprodução de vivências de seus antepassados que lhe teriam sido transmitidas geneticamente, ao nível dos cromossomas, com toda a gama de emoções, pensamentos e sensações vividas à época - detalhou a terapeuta.

A explicação agradou Vítor, que quis ouvir mais.

- Continue! - pediu, como se ele fosse o terapeuta e Olívia, a paciente. -Já outros estudiosos do assunto têm explicado o processo através

da possibilidade do indivíduo acessar estes conteúdos de uma memória geral do nosso planeta, que ficaria disponível a qualquer indivíduo que se 'sintonizasse' com ela - ela fez um gesto com as mãos para colocar aspas na palavra. - Seriam as experiências coletivas e raciais comuns ocorridas ao longo da história, envolvendo grande parte dos habitantes da Terra.

Ela fez uma pausa para servir-se de um pouco de água, que Vítor também aceitou.

- Existem ainda aqueles que defendem a posição de que - ela tomou um longo gole antes de dar continuidade à frase - tudo se trata de uma grande fantasia do nosso inconsciente atual para dar conta dos traumas que estão ali registrados, ficando mais fácil para o indivíduo se perceber nas personagens do passado do que em sua própria história de vida atual.

- E a abordagem reencarnacionista - deduziu Vítor - trabalha com a hipótese de que esses relatos sejam lembranças de situações ocorridas em vidas passadas. Mas por que você tinha de optar justamente por este lado mais místico e fantasioso? - embora não se desse conta disso, havia momentos em que repetia exatamente as frases do pai, igualmente cético e descrente, quase irônico em suas colocações.

- Você pode interpretar o processo sob a ótica que lhe for mais conveniente. A abordagem reencarnacionista, porém, é de uma lógica irresistível. Quer ver só? Você já foi assaltado alguma vez no Rio de Janeiro?

- Já - Vítor respondeu de imediato, embora não soubesse ainda aonde a terapeuta queria chegar com aquela pergunta. - Estava em um ônibus 569, indo para a praia, quando, de repente, numa rua mais deserta do Leblon, dois caras puxaram as armas e assaltaram todo mundo.

- Pois bem. Quando você voltou a entrar num ônibus dessa mesma linha e passar por essa rua, você sentiu alguma coisa?

Vítor pensou por alguns instantes antes de responder. A verdade é que havia passado a tomar outro ônibus só para não voltar a repetir o trajeto, com medo de que a desagradável situação pudesse acontecer novamente, embora soubesse que assaltos sempre podem ocorrer em qualquer hora e em qualquer lugar do Rio. Só de lembrar disso, sentiu uma pontada do medo se desencadeando, mas procurou concentrar-se na respiração.

- Então você admite que aquele acontecimento traumático ficou de alguma maneira gravado no seu inconsciente - prosseguiu Olívia, após ouvi-lo.

- Profundamente marcado - disse Vítor, com o ar preso nos pulmões.

- Para você ter uma ideia - ele soltou o ar antes de continuar a frase -, eu nunca mais consegui sentar de novo no mesmo banco em que estava sentado quando o assalto aconteceu!

- Excelente - comemorou Olívia, de olhos brilhantes.

Vítor não entendeu se ela se referia ao seu comentário ou à sua respiração. Ainda assim, ficou feliz com o "excelente".

- E você, por acaso, se lembra de alguma característica específica da rua onde tudo aconteceu? - prosseguiu a terapeuta.

Vítor refletiu por mais alguns instantes.

- Sim - respondeu por fim. - É uma rua comprida, meio deserta, que é cortada no meio por um canal.

- E você acha que, se, por um acaso, algum dia passasse por uma rua com estas características, comprida, deserta, com um canal, localizada em outro bairro, em outra cidade, você ficaria de alguma forma mobilizado?

- Isso já aconteceu! - Vítor começava a se empolgar com a discussão.

- Olha que coisa incrível! Estive uma vez em São Lourenço, no sul de Minas, com meu pais, algum tempo depois. Lá tem exatamente uma rua comprida, com trechos um pouco desertos, que é cortada por um canal. São Lourenço é uma cidade pacata, onde praticamente não existem assaltos, nem violência, mas você acredita que só de passar por ali uma noite, sozinho, eu fiquei todo angustiado, olhando para os lados, na certeza de que alguma coisa iria me acontecer? E olha que nessa época eu ainda nem conhecia 'a coisa'...

- Perfeito - sorriu Olívia. - Era exatamente isto o que eu queria demonstrar. Após vivermos um momento traumático, nossa mente faz um apanhado geral de todas as imagens, sensações, emoções, sentimentos, comportamentos, reações enfim, de tudo o que pôde registrar no decorrer daquele evento. Assim, de acordo com esta avaliação do momento em que foi vivido o trauma, o inconsciente estabelece uma estratégia para evitar que tal sofrimento ocorra novamente, de maneira a nos proteger do risco.

- Você fala como se tudo não passasse de um programa de computador - observou o rapaz.

- Mas é exatamente isso, você atingiu o ponto certo. Nosso inconsciente atua mais ou menos como um computador. Um grande computador, diga-se de passagem, no qual processamos diversos 'programas' -ela fez de novo um movimento com as mãos como se desenhasse aspas em torno da palavra - de comportamentos e reações a serem executados diante de cada situação vivida. Cada vez que algo nos acontece, nosso inconsciente nos apresenta uma série de possibilidades de acontecimentos que tendem a suceder diante daquele quadro dado e também de comportamentos, decisões, atitudes e valores que podemos ter, diante daquela situação específica, com base em tudo o que ele vasculhou no nosso arquivo de vida.

- Quer dizer então que, quando eu estava lá em São Lourenço, meu computador interno captou que tua comprida e deserta, cortada por um canal, era igual a probabilidade de assalto e por isso eu fiquei todo agitado, olhando para os lados, embora não tivesse nenhuma informação concreta de que algo realmente pudesse me acontecer naquele lugar, é isso? - ele era muito rápido em seus raciocínios.

Olívia respirou fundo e esboçou um leve sorriso antes de afagar sua vaidade:

- E por isso que gosto de trabalhar com pessoas perspicazes, que captam aquilo que a gente quer dizer antes mesmo de terminarmos o raciocínio...

Vítor abaixou os olhos, tentando disfarçar o quanto ficara contente com o elogio. Há tanto tempo ninguém exaltava sua inteligência... Olívia aproveitou a deixa para prosseguir:

-Agora, fazendo de conta que você aceita a hipótese da reencarnação, imagine que...

- Mas eu não acredito em reencarnação! - ele protestou com veemência.

- Fazendo de conta, eu disse. Será que você é tão radical que não consegue nem fazer de conta por alguns instantes?

- Tá - ele se conteve. - Pode continuar.

- Pois bem. Imagine então que você voltou ao mundo no corpo de uma outra pessoa chamada... - ela tentou inventar um nome rapidamente - chamada Tônico, ok? Suponhamos, que um dia, Tônico, que carrega aquela lembrança em sua memória mais profunda, acidentalmente passasse por aquela mesma rua onde você, como Vítor, foi assaltado no passado. O que você, racionalmente, acha que poderia acontecer?

- A mesma coisa que aconteceu em São Lourenço? - Vítor arriscou.

- Não de uma maneira tão clara. Porque, quando estava em São Lourenço, você tinha consciência de que seu medo era decorrente de uma situação recente e que aparecia simplesmente porque você caminhava por uma rua parecida com aquela onde tudo aconteceu. Tônico, porém, tenderá a sentir o alarme de seu inconsciente, como se seu computador interno gritasse: "cuidado, perigo", mas não vai poder decodificar de imediato o sentido daquele alarme. E então, embora mobilizado por aquele aviso do inconsciente, ele vai achar que aquele medo não tem o menor sentido, que tudo não passa de mera firula da sua imaginação...

Vítor abriu a boca para argumentar, mas perdeu as palavras antes que estas lhe chegassem até as cordas vocais. A explicação de Olívia era realmente de uma lógica irresistível. "Mas as coisas não podiam ser tão simples assim! Sua doença não era tão simples assim!", protestou seu inconsciente.

- É claro que um sentimento tão avassalador como o pânico que literalmente te desfigura nos momentos de crise envolve traumas bem mais profundos e complexos do que a lembrança de um assalto corriqueiro. Este foi apenas um exemplo que utilizamos para que você compreendesse o meu método de trabalho - arrematou Olívia. - Aliás, não recomendo a ninguém que se submeta a este tipo de tratamento por mera curiosidade. Não vale a pena remexer uma ferida pelo simples prazer de verificar se ela ainda sangra. Todavia, em casos como o seu, a terapia de vidas passadas pode funcionar como uma luz; a luz que possivelmente vai te fazer enxergar que certas situações que o seu inconsciente cadastrou como perigosas não mais o ameaçam na vida atual... Você está disposto a fazer esta experiência?

Vítor ficou em silêncio, brincando com o gole de água que restara no fundo do copo. Sentia-se tentado a aceitar o desafio, mas, ao mesmo tempo, seu lado cético alertava-o de que não devia acreditar piamente no que a terapeuta dizia. Afinal, embora a terapeuta fosse bastante eloquente em suas argumentações, ele ainda não acreditava na reencarnação.

- Você não precisa me responder nada agora. Gostaria apenas que pensasse em tudo o que conversamos, e, como intelectual que eu sei que vi k ê é, que buscasse informações sobre o assunto. Uma coisa é não acreditar porque você acha que não existe, e crer que não existe pelo simples fato de você não acreditar. Outra, bem diferente, é a postura daquele que não crê porque não dispõe de conhecimentos que o façam crer e que, por isso, resolve examinar, vasculhar, descobrir indícios que reforcem ou até mesmo destruam sua ideia inicial. E a postura lógica, racional de um verdadeiro cientista...

- Pode ser... - concordou ele, confuso.

- Tem mais uma coisa sobre a qual gostaria de conversar com você... Pelo que me contou, as crises estão voltando com muita frequência, Há, inclusive, dias, em que acontecem mais de uma vez...

- E, nesta última semana consegui controlar um pouco, com aqueles exercícios que você me ensinou, mas mesmo assim parece que 'a coisa' está sempre pairando sobre mim, apenas esperando um momento de descuido para...

- Você tem tomado os remédios que o psiquiatra receitou? - ela o interrorompeu enfática.

Bem, na verdade.... - tentou enrolar Vítor. Tem ou não tem? - insistiu a terapeuta.

- Não. Tomei apenas por um tempo, depois parei... - confessou Vítor -Eu não quero ficar dependente de remédios!

Olivia sacudiu levemente a cabeça, em sinal afirmativo, como se esperasse exatamente por aquela resposta.

-Olhe ,Vitor, não sou uma defensora dos remédios; acho mesmo que eles só devem ser tomados quando a pessoa realmente necessita. No porem, dada a intensidade com que as crises vêm acontecendo, penso que...

-Mas você não disse que trabalhava dentro de uma linha diferente da convencional? - rebateu o rapaz, interrompendo-a.

-Sim meu método de treinamento é diferente, na medida em que considera a integração dos aspectos físicos, espiritual e emocional dos pacientes, enquanto que o modelo médico tradicional centraliza apenas na matéria a explicação de todos os fenômenos. Eu não concordo com este ponto de vista, mas também não posso desconsiderar que a síndrome do pânico efetivamente envolve também sintomas materiais e objetivos, como o aumento dos níveis de serotonina e noradrenalina no organismo. Acredito que um desequilíbrio de ordem espiritual e emocional gerou determinadas sequelas no físico, mas, uma vez que já foram geradas, não posso deixar de tratá-las. Você compreende o que estou dizendo?

- Isto quer dizer que eu vou ter de tomar remédios pelo resto da minha vida? - deduziu Vítor, contrariado.

- Se você se tratar apenas com um psiquiatra, provavelmente sim, porque a psiquiatria normal não faz atuação na causa geradora dos sintomas. Todavia, a psicologia acredita que, ao tratar o trauma, suas consequências sobre o organismo tendem a reduzir, na medida em que atuamos diretamente na causa, na origem do problema. E, com isso, a quantidade de remédio necessária para mantê-lo em equilíbrio também será cada vez menor até que você possa prescindir completamente de medicamentos.

- E o que você me aconselha então? - ele perguntou desconfiado.

- Eu te aconselho a voltar a tomar o medicamento receitado pelo psiquiatra, tendo o cuidado de voltar ao consultório ao menos uma vez por mês, para que ele possa reavaliar a dosagem.

- E eu não vou ficar dependente por causa disso?

- O que eu posso te assegurar é que nenhum dos pacientes que tratei até hoje ficou... - ela consultou o relógio. - Nossa, como o tempo passou rápido! Imagino que você deve ter ficado com muitas questões a serem respondidas. Mas não dá para falar tudo em uma sessão.

Ela girou a cadeira para pegar na mesa um pequeno bloquinho, onde pôs-se a anotar rapidamente algo na primeira página.

- Aqui estão meus telefones - disse, por fim, arrancando a folha e estendendo-a a Vítor. - A qualquer momento, você pode me ligar. Anote suas principais questões e me traga na próxima sessão. Se nós viermos a trabalhar com a regressão de memória, é fundamental que você conheça bem o processo, saiba de tudo o que pode acontecer. Vamos ficar por aqui hoje?

Vítor se levantou, atônito com o monte de vozes que pareciam brigar dentro de sua cabeça, e ficou parado, esperando que ela dissesse mais alguma coisa.

- Tá... - foi tudo o que conseguiu responder.

- Ali! - ela virou-se para pegar algumas folhas que havia deixado separadas sobre a mesa. - Aqui você tem mais alguns exercícios para ajudá-lo nos momentos de crise e também a receita de um floral de Bach, que você deverá mandar manipular em uma farmácia especializada. Você já ouviu falar em florais?

- Na... na... não - titubeou Vítor.

- Pois então pesquise também sobre isso. Seria interessante que você pudesse fazer uso de medicamentos mais sutis como auxiliares no tratamento.

- São comprimidos? - perguntou ele.

- Não, é um líquido. Você deverá pingar quatro gotinhas debaixo da língua sempre que se sentir ansioso.

- Só isso?

- Hum, hum. Deixa só eu te dizer mais uma coisa. Pode ocorrer, e isto é bastante comum, de pensamentos o assaltarem de vez em quando, dizendo-lhe para não vir à consulta, que não adianta, que vai dar a crise etc. Se isto acontecer, não dê importância. Mais tarde, a partir do que nós trabalharemos aqui no consultório, você compreenderá a razão destes pensamentos e também aprenderá a lidar melhor com eles.

Vítor pegou as folhas das mãos de Olívia e lançou lhe um último olhar desconfiado antes de atravessar a porta, sem sequer se lembrar de que estava todo molhado. "Como ela poderia saber das vozes que constantemente ouvia dentro de sua própria cabeça? Que explicação teria para isso?",, perguntava-se em silêncio.

XXII

Chuva estava certa em seus pressentimentos. Na noite seguinte, quando Florence e Rafael desceram do táxi, cheios de malas e bagagens, em frente ao imponente edifício no parque Guinle, em Laranjeiras, Aline ainda não havia dado sinal de vida. Noêmia, que curiosamente durante todo aquele dia comportara-se de maneira lúcida e exemplar, Paloma e Chuva desceram para recebê-los.

- Querida, que bom que chegou! - disse Noêmia, abraçando a sobrinha. - Seja bem-vinda!

Florence, no entanto, estava tão preocupada que mal conseguiu retribuir os abraços calorosos da família. A primeira coisa que percebeu, logo de cara, foi que Aline não estava entre elas e, portanto, ainda não havia chegado. Durante toda a viagem, havia telefonado para Paloma a cada parada do ônibus, ansiosa por notícias da filha, a essas alturas não sabia mais em que pensar.

- Procure ficar calma - aconselhou Paloma, ajudando-a a pegar as malas.

- Mais cedo ou mais tarde, ela vai aparecer...

- Mais cedo ou mais tarde quando? - lágrimas escorreram de seus olhos cansados, enquanto ela subia as escadas que davam acesso à portaria. - Onde será que essa guria se meteu, Paloma?

- Bem, já estive na rodoviária duas vezes hoje, ninguém da empresa soube me informar nada. Tudo o que sei é que ela não veio no ônibus que chegou de manhã cedo, nem no da tarde.

- A culpa é toda minha... - afirmou Rafael, sentido e cabisbaixo. -Devia ter engolido a chave da porta na hora em que ela falou que estava indo viajar para o Rio sozinha... Eu fiz de tudo para impedir, mas a Aline quando fica nervosa é muito difícil de segurar...

-Tu não tiveste culpa de nada, filho - Florence afagou-lhe a cabeça com ternura, enquanto esperavam pelo elevador.

Uma total falta de assunto parecia prolongar ainda mais a demora do elevador. Ninguém sabia o que dizer, estavam todos angustiados, apreensivos com aquele sumiço inesperado, E o elevador nada de chegar, parecia preso no último andar.

- Solta a porta! - gritou Chuva, depois de alguns murros no elevador.

- Não seria melhor chamarmos logo a polícia? - sugeriu Noêmia, cujo olhar naquele instante pareceu diferente do que ostentava ainda há pouco.

- Vamos esperar mais algumas horas - opinou Chuva, que tinha verdadeiro pavor de polícia desde seus tempos de militante revolucionária. - Quem sabe ela ao menos telefona?

- Mas eles não podem continuar a prender o elevador desse jeito! Isso é caso de polícia! - protestou Noêmia, mostrando que efetivamente havia voltado a sua habitual alienação.

- Mamãe, pelo amor de Deus, agora não! - pediu Paloma.

- Mas eu não disse nada de mais! - protestou Noêmia. - Ora, Paloma, você está de implicância comigo...

- Mãe, e aqueles papeizinhos que a gente preenche antes de entrar no ônibus? Não tem como tu pedires para saber se o nome de Aline está em algum deles? - lembrou Rafael, interrompendo a discussão que estava prestes a se formar.

- O elevador! - insistiu Chuva, com murros cada vez mais fortes.

- Chuva! - ralhou Paloma, dirigindo-se aos primos em seguida. -Esses papéis ficam na chamada caixa-preta do ônibus, servem para o caso de acidentes. Cheguei a falar com o gerente da empresa sobre isso, mas ele me informou que eles estão com um problema de pessoal e só no final da semana poderão fazer a verificação. Peguei o telefone para...

Ela se interrompeu ao ouvir o barulho do elevador, que finalmente chegava.

-Até que enfim! - disse, já se preparando para abrir a porta.

- Se demorasse mais um pouco, ia pedir de volta o dinheiro da pastagem! - protestou Noêmia.

Nem bem Paloma tocou no puxador, a porta se abriu num tranco que por pouco não a derrubou no chão. De dentro saiu Jaqueline, toda paramentada para fazer aula de ginástica, puxando a filha Clarinha, de sete anos, que parecia fincada no piso do elevador.

-Vamos menina já disse que em casa você não pode ficar! - gritou Jaqueline, sem se dar conta de quantos a observavam.

A menina não saiu do lugar. Jaqueline respirou fundo com os dentes trincados, como que a ganhar forças para puxá-la novamente. Só então percebeu Paloma e os outros.

-Paloma! -ela abriu um imenso sorriso foiçado, tão artificial quanto seu perfume, e disparou a falar como uma metralhadora. - Que bom te encontrar! Já havia ligado para sua casa nem sei quantas vezes. Você caiu do céu! Posso deixar a Clarinha com você? Ainda não consegui encontrar uma babá. Minha cozinheira não fica com ela de jeito nenhum. Será que você me quebraria esse galho mais uma vez?

De dentro do elevador, a menina arregalou os olhos como se dissesse "oba!"

- Sabe o que é, Jaqueline? - ensaiou Paloma, constrangida. - É que minha família acabou de chegar de fora - ela fez um gesto mostrando a prima e o filho -, eu, sinceramente...

A menina de imediato dissolveu a alegria que acabara de iluminar seu olhar, mas a mãe se fez de desentendida:

-Ah, eu sabia que você não ia me negar este favor! - disse, estalando os lábios num beijo torto, que desviou antes de atingir o rosto de Paloma.

- Clarinha comporte-se, hein! - recomendou afetada, já ultrapassando a porta de vidro do prédio. - Paloma, amanhã estou lá para fazer minha massagem! Ah! E no sábado estão todos convidados para o meu aniversário! - disse já na escada. - Vou estar inaugurando meu forno de pizza caseiro. Vai ser um escândalo!

- Que moça simpática! Ela é quem mesmo? - perguntou Noêmia. Ninguém respondeu. Espremida no canto do elevador, morrendo de vergonha, Clarinha parecia um ratinho acuado. Florence olhou para ela e sentiu como se um pote de ternura se esparramasse dentro de seu coração. De tão compungida ficou com a situação daquela menina, com quem simpatizara de imediato, que por breves instantes até se esqueceu da filha:

- Não te assustes com a quantidade de malas! - disse, enquanto empilhava a bagagem no outro canto, ajudada por Chuva, Paloma e Rafael.

- É que talvez tenhamos de ficar aqui por muito tempo...

Clarinha sorriu como se também já a conhecesse há séculos.

- Deixa que eu ajudo! - disse solícita, já correndo a pegar uma sacola.

Era toda bonitinha, quase uma bonequinha. Tinha os cabelos castanhos e lisos, presos num rabo de cavalo enfeitado com pequenos prendedores coloridos; o narizinho era arrebitado e bem-feito. Parecia mesmo uma mini mocinha com suas roupinhas na moda combinando com a sandalinha *jeans* de salto anabela. Alguma coisa nela fazia lembrar Aline quando criança. Ou até mesmo a própria Florence, em suas longínquas recordações da infância. "Ali, minha Aline, onde estarás a uma hora dessas?", ela pensou consigo, triste, sem nem por um instante cogitar que estivesse diante da própria irmã, tão próxima do pai que tanto sonhava reencontrar.

- Sabe, o que eu queria mesmo era ficar em casa com a minha boneca Jade. Ela é tão lindinha, só falta falar... Eu faço a unha dela, coloco lacinho no cabelo, até uniforme da escola ela tem... - dizia Clarinha, toda contente, ao mesmo tempo em que saía do elevador para ajudá-los com os pacotes. - E tem também a Judite, a Esperança, a Kênia...

- Que nomes mais lindos! Es tu mesma quem os inventa? - perguntou Florence.

- E quem mais poderia ser? - Clarinha balançou a cabeça e fechou levemente os olhinhos, toda orgulhosa, antes de abaixar-se para pegar mais um embrulho.

- Cuidado com esta caixa! - pediu Florence. - Aí dentro tem um relógio muito valioso - ela sorriu olhando para tia Noêmia.

- Florence, eu não acredito que você... - admirou-se Paloma.

- Ela vai ficar satisfeita, é isso o que importa. De mais a mais, foi a única coisa que trouxe da minha casa... Aqui está seu relógio, tia Noêmia! - ela anunciou, mostrando a caixa para a tia.

- Relógio? Que relógio? - estranhou Noêmia, esquecida do escândalo que aprontara em Florianópolis.

- Hi... - suspirou Paloma. - É uma surpresa, mamãe. Logo a senhora vai ver... Mas por que é que a cozinheira não fica com você de jeito nenhum Clarinha? - ela desconversou.

- Ora, por quê! Por que ela rouba! - disse a menina com simplicidade, num trejeito de mãos. Como a mãe, ela falava cheia de gestos. - Rouba comida, rouba produtos de limpeza, até brinquedo do meu quarto ela já roubou, vocês acreditam? - suspirou levando as mãozinhas à cintura.

- Disso eu sei bem! A faxineira lá de casa é a mesma coisa! - opinou Noêmia. - Aliás, por falar em relógio, ando desconfiada que a danada me levou um relógio de parede. Um relógio cuco suíço, uma beleza...

Paloma cobriu a testa com a mão direita e balançou a cabeça com certo desalento, ao mesmo tempo em que Florence olhava sério para Rafael, numa ordem silenciosa para que o garoto contivesse o riso.

Enquanto isso, na pequena cidade de Resende, a cerca de 200 quilômetros do Rio, sentada na beirada de um meio-fio, Aline devorava, nervosa e faminta, um pacote inteiro de jujubas. Havia perdido o ônibus sem querer, distraída com uma revista de horóscopos numa banca de revistas. Junto com ele fora a bagagem, o casaco e até mesmo o travesseirinho de estimação, em cuja fronha havia guardado o endereço e o telefone das primas no Rio.

Já fazia, porém quase vinte e quatro horas que isto acontecera. No primeiro momento chegara a pensar em ir até um guichê qualquer, reclamar que o ônibus a havia deixado para trás, fazer um escândalo para que a pusessem em outro carro. Todavia, ao se aproximar de uma das cabines onde eram vendidas passagens, percebeu uma confusão em torno de um garoto de dez anos que viajava sozinho sem nenhuma autorização.

Havia sido descoberto no meio da viagem, Aline não pôde entender bem por que, em meio do pequeno tumulto de curiosos que logo cercou os envolvidos na confusão, Sentiu muito medo de sei descoberta, pois não tinha certeza se precisava de autorização para viajar sozinha.

Angustiada ao ver de alguma maneira refletida sua própria história nos olhos assustados daquele menino, saiu de fininho, indo se refugiar na imensa lanchonete da rodoviária.

"O que fazer?", perguntara-se a madrugada inteira. Mas estava ainda tão abalada com os últimos acontecimentos, tão ferida, tão machucada em seus sentimentos mais íntimos, que acabou optando por não fazer nada. Tomou rapidamente um copo de café com leite quente, depois sentou-se em um dos bancos da plataforma de espera e ficou pensando na vida, enquanto acompanhava o intenso movimento de ônibus que a todo momento chegavam e partiam.

Pouco a pouco, lembrou-se de cada uma das amigas que deixara em Florianópolis, da prova final de biologia que deixara de fazer por causa da perturbação que se instalara em sua vida depois daquele fatídico Natal. Em função disso, repetira de ano e não tinha sequer a noção se a mãe pensava em matriculá-la em alguma escola no Rio de Janeiro. Florence simplesmente tirara dois meses de licença sem vencimentos e transferira para a vida dos filhos sua desesperadora falta de perspectivas. Nunca, em toda sua vida, vira a mãe tão perdida c desestruturada.

E tudo isso só por causa de uma ideia fixa, de um pai que nunca mexera um só dedo para tentar descobrir seu paradeiro. Aline ressentia-se do fato da mãe dar tanta importância àquele pai a ponto de esquecer-se de seus próprios filhos. Então ela não pensara que ela e Rafael haviam nascido e sido criados em Florianópolis, que tinham já toda uma vida organizada na ilha?

A princípio, ela mesma achara maravilhosa a ideia de uma temporada no Rio. Mas, quando, com a notícia de que a família tinha um prazo inadiável para desocupar a casa, a simples viagem foi se transformando numa possível ida definitiva para outra cidade, Aline ficou muito assustada. Achava que a mãe não devia ter aceitado o convite de Paloma naquelas circunstâncias. Devia, sim, ter batalhado para alugar uma outra casa, ter primeiro assegurado a estabilidade mínima da família, antes de correr atrás daquele sonho maluco.

Depois, ela, Aline, era quem tinha cabeça de adolescente... Tão preocupada estava Florence em encontrar o pai que nem por um minuto pensara que ela e Rafael também sentiam a ausência paterna, que também sonhavam com um meio de reconciliarem-se com Osmar.

Mas ele também não estava nem aí para os filhos, e isto lhes fora dolorosamente provado pelo descaso com que ele respondera quando os dois lhe pediram aquele encontro de despedida. "Rafael pensa que ele simplesmente esqueceu, ocupado com suas obrigações de trabalho, como se fazer passeios de escuna com turistas fosse algo que pudesse ser chamado de obrigação de trabalho...", protestou mentalmente, enquanto estalava os dedos revoltada.

A verdade é que, enquanto os dois esperavam, havia mais de uma hora, por Osmar, em frente ao posto de saúde do Canto da Lagoa, onde tinham marcado, ela o vira beijando, quase engolindo uma mulher no bar Café dos Artistas, que ficava do outro lado da rua. Trocando em miúdos, ele não aparecera porque encontrara algo melhor para fazer.

Aline ficou tão indignada com a cena que não conseguiu nem dizer nada a Rafael. A voz travou na garganta. Apenas puxou o irmão pelo braço e acenou depressa para o ônibus que passava. Chegando em casa, socou suas roupas dentro da mochila, pegou um pouco de dinheiro dentro da gaveta onde sabia que a mãe guardava as economias e seguiu espumando para a rodoviária. De táxi, só pelo desaforo.

- Estou indo para o Rio - foi tudo o que disse ao irmão, pouco antes de passar por ele como um trator, com sua pesada mochila nas costas.

E pensar que agora ela não tinha mais nada. Nem casa, nem mochila, nem sequer um número de telefone para onde ligar, posto que o mesmo fora vendido na tarde anterior. "O que será que eles estão fazendo agora?", não pôde deixar de perguntar-se. "Será que mamãe sentiu alguma coisa? Será que falou com meu pai? Tadinho do Rafael...", ela enxugou a lágrima que lhe escorreu dos olhos. Sabia que ele não tinha culpa de nada, não o queria ter magoado em seu rompante de raiva. Só agora, contudo, quando o dia já quase amanhecia, ela começava a cair em si e se dar conta da bobagem que havia feito.

Aline era assim. De rompantes. Depois, quase sempre se arrependia das próprias palavras, mas então era tarde para voltar atrás. Jogou para trás os cabelos, num trejeito nervoso, e continuou com suas lembranças. O que mais lhe doía era o fato de não ter sequer se despedido de Mariana, sua grande amiga de infância. Não tinha notícias dela desde o "quase encontro" da véspera de Natal. Será que continuava namorando com Mairon? Aline planejava reconciliar-se com Mariana antes da viagem e colocar uma pedra sobre este assunto. Só não imaginava que fosse acabar partindo tão abruptamente antes da data prevista. Mas era tarde para lamentar-se.

“Ai meu Deus e agora o que é que eu faço?" Choramingou por dentro, enquanto estalava mais uma vez os dedos, morrendo de medo de expressar qualquer reação no meio de tantos estranhos. Os ônibus não paravam de chegar e partir, num vai e vem interminável, e ela ali, sem saber para onde ir, com quem falar, o que dizer.

Estava tão tensa, tão perturbada que sequer conseguia captar as sugestões do espírito de luz a seu lado, que o tempo todo aconselhava que ligasse a cobrar do orelhão para dona Preciosa, cujo telefone sabia de cor, e mandasse um recado para a mãe,

0 frio da madrugada começava a incomodá-la. A seu lado, uma mulher tentava embalar um bebê embrulhado numa manta. O neném chorava sem parar, enquanto alguns passageiros fumavam perto da porta de um ônibus, aguardando o momento da partida.

- E aí, tá a fim de um programa? - perguntou um caminhoneiro, exalando forte cheiro de álcool.

O susto foi tão grande que Aline levantou de um pulo e correu para o banheiro. Estava exausta. Trancou-se num compartimento, e depois de chorar em silêncio por algum tempo, acabou adormecendo sentada sobre a tampa do vaso. Só despertou por volta das sete da manhã, com o barulho de verdadeira multidão de mulheres que acabara de desembarcar de um ônibus vindo do nordeste. Saiu então do banheiro e descobriu que era dia.

"Preciso fazer alguma coisa, preciso fazer alguma coisa...", pensava sem cessar. Todavia, estava ainda tão tensa, tão nervosa e amedrontada que não conseguia ter uma ideia sequer. "Tente fazer amizade com alguma pessoa que esteja indo para o Rio, verifique qual guichê vende passagens Resende-Rio!", sugeria o espírito de luz que a protegia. Aline, porém, nada registrava. Todos os seus sentidos estavam bloqueados, todas as suas energias canalizadas para que se mantivesse atenta e alerta.

Depois de horas perambulando pela imensa loja-lanchonete da rodoviária, verificando sem muito interesse o preço de pequenos objetos que ficavam dispostos no fundo, sentiu que os funcionários começavam a olhá-la com certa desconfiança. "Eles vão acabar percebendo", imaginou, sentindo-se quase como uma criminosa de filme. "Nenhuma pessoa fica mais de oito horas esperando um ônibus na rodoviária! E muito menos rodando de um lado para o outro dentro de uma lanchonete como esta!", pensou olhando para as imensas frutas que pendiam do teto como parte da decoração, enquanto estalava mais uma vez os dedos.

Decidiu então refugiar-se no fast food do outro lado da rua. "Não gaste muito dinheiro, procure guardar o que tem para comprar uma passagem para o Rio", aconselhou seu protetor espiritual. Mais uma vez, contudo, Aline não o ouviu. Pediu um hambúrguer, depois um milk-shake, já pensava no que mais poderia comprar para ganhar tempo quando finalmente lembrou-se de que o dinheiro estava no fim e resolveu fazer hora no parquinho que havia em frente à lanchonete. Várias crianças ali brincavam, observadas pelas mães. Vendo-as, ela não pôde deixar de pensar em Florence e sentiu uma angústia profunda no coração. Estava tão arrependida...

"Converse com alguma destas senhoras", insistia o protetor em sua mente, "são todas mães, vão entender seu problema". Mas Aline nada captava, apenas estalava os dedos das mãos nervosamente, o tempo todo repetindo sem cessar: "Preciso fazer alguma coisa, preciso fazer alguma coisa..." Dezenas de pessoas entravam e saíam da lanchonete a cada minuto, mas Aline parecia nem enxergá-las. Até que, em um esforço supremo de seu protetor, sentiu vontade de pedir ajuda.

Vasculhou rapidamente a sanduicheira com os olhos e escolheu uma mesa onde um pai e uma mãe lutavam para que uma criança de pouco mais de um ano engolisse o conteúdo de um vidro de papinha industrializada. Parou a poucos metros e ficou observando o desespero do jovem casal, sem saber o que dizer.

- Filhinho, pelo amor de Deus, só mais uma colherzinha... * pedia aquela mãe descabelada, cujos olhos fundos atestavam o quanto andava estressada.

- Não - respondia a criança, virando o rosto e soprando a língua para fora para eliminar a porção de comida que ainda retinha na boca.

- Desse jeito não adianta, Tilde, ele não está com fome! - replicava

0 pai, nervoso, limpando a boca da criança e a própria camisa com uma fraldinha.

- Como não está com fome? Ele não comeu nada o dia todo! - argumentava a mãe, com os olhos cheios d'água.

- Por que tu não tentas dar-lhe um pouco de sorvete? - sugeriu Aline, num rompante de coragem. - Toda criança adora sorvete e...

- Ele está resfriado - respondeu a mãe, seca, mostrando que não gostava de receber conselhos de estranhos.

Envergonhada, Aline afastou-se dali rapidamente. Pouco tempo depois que a família deixou a lanchonete com a criança aos berros, sentiu vontade de aproximar-se de uma outra mesa, onde uma mulher tomava sorvete com a filha adolescente. O orgulho, porém, desta vez foi mais forte e ela acabou desistindo da ideia.

E assim, inúmeras vezes ao longo da tarde atravessou a rua da lanchonete para a rodoviária, da rodoviária para a lanchonete. Só se sentiu aliviada ao perceber que os funcionários trocavam de turno, o que, segundo imaginava, tornava um pouco menos arriscada sua situação. Apenas as mudas fretas do teto pareciam ter ciência de sua desesperadora peregrinação.

Por volta das quatro da tarde, estava no parquinho da lanchonete quando sentiu um apelo muito forte dentro de si para que fosse outra vez até a plataforma. Era novamente o espírito de luz que acompanhava, tentando intuí-la para que encontrasse a mãe e o irmão que acabavam de descer de um ônibus.

Todavia, neste momento estava tão faminta que achou melhor contar os trocados para comer mais um hambúrguer. Do outro lado da rua, Rafael, também intuído por benfeitores de luz, quase implorava à mãe para levá-lo até a lanchonete em frente. Florence, contudo, tão transtornada quanto afilha, não captou as vibrações que lhe eram transmitidas e achou melhor ficarem por ali mesmo para não correrem o risco de perderem o ônibus. Até porque precisava ainda ligar para Paloma, para saber se havia alguma notícia.

Por inúmeras vezes ao longo do dia, o abnegado protetor de Aline tentou também influenciar pessoas para que se aproximassem da menina e lhe oferecessem ajuda. Todavia, os poucos que intuíam-lhe os pedidos não levavam a termo o que suas próprias mentes pareciam sugerir-lhes. Em parte porque, adestrados pelo medo que impera nas grandes cidades, já haviam se acostumado a não socorrer o próximo para não correr riscos desnecessários. Em parte também porque Aline, em sua perturbação, não emanasse fluidos que lhes incentivassem a aproximação.

E assim caiu a noite e novamente a madrugada. O tempo todo Aline só conseguia pensar em ligar para alguém para pedir ajuda. Mas ligar para quem se Florianópolis estava tão longe e ela não tinha o número das primas que moravam no Rio? Já devia ser por volta das três horas da manhã, quando, não aguentando mais de desespero, gastou seus últimos centavos no pacote de jujubas e, aproveitando um descuido do vigia que cochilava na cabine, foi esconder-se numa garagem de ônibus que havia nos fundos da rodoviária. Foi quando sentou-se no meio-fio e pôs-se a devorar as jujubas, enquanto as lágrimas banhavam-lhe a face.

Na garagem havia apenas um silencioso motorista de ônibus que, exausto após encerrar sua última viagem, preparava-se para entrar em seu próprio carro e enfrentar a estrada para o Rio naquela madrugada, ansioso por reencontrar a esposa e os filhos. Cansado como estava, teria saído sem ver Aline não fosse a astúcia de seu protetor pessoal, que tentava ganhar tempo para demovê-lo da ideia de viajar sozinho naquelas condições:

- Espere um pouco! - disse a seus ouvidos. - Há alguém chorando na garagem!

Alertado por sua 'voz interior', o homem soltou imediatamente a chave que acabara de fincar na ignição de seu velho fusca e procurou atentar para os ruídos na garagem. Ouvindo um soluço mais profundo, desceu do carro pé ante pé e caminhou pela garagem até dar com Aline sentada no meio-fio.

- Graças a Deus, irmão! - saudou o protetor de Aline, ao ver o motorista se aproximando seguido por seu próprio mentor espiritual.

- A moça é sua tutelada? - quis saber o protetor do motorista.

- Sim, é menor de idade, perdeu o ônibus e precisa urgentemente de uma carona para o Rio - explicou o iluminado mentor de Aline.

- E meu protegido necessita justamente de uma companhia que não o deixe dormir no volante. Pode deixar comigo! - ele fez um sinal positivo para a outra entidade.

Em seguida, aproximou-se de novo do motorista e sussurrou aos seus ouvidos:

- É uma menina de família, deve ter a mesma idade de sua filha. Você precisa ajudá-la!

Tocado por estas ideias, o motorista se aproximou com cuidado e, ao ser notado pela menina, foi logo avisando:

Não lenha medo! Eu sou motorista da companhia Cerúlea e só quero ajudá-la! Estava me preparando para seguir viagem para o Rio quando ouvi seu choro e...

Para o Rio? O senhor disse para o Rio? - Aline o encarou cheia de expectativa, sem preocupar-se em esconder os olhos vermelhos de tanto chorar. - Pelo amor de Deus, me dê uma carona!

Tão envolvidos estavam os dois pelas vibrações de seus protetores que nem por um instante desconfiaram um do outro. Ao contrário, tiveram mesmo a sensação de que já se haviam visto antes, como se aquele encontro estivesse pré-determinado a acontecer. Neste clima de confiança mútua, entraram no fusquinha e seguiram para o Rio.

Aliviada depois de amargar tantas horas de tensão e solidão, Aline contou-lhe as razões que a haviam conduzido até aquela lamentável situação. Ele aconselhou-a como um verdadeiro pai, sempre inspirado pelos benfeitores de luz que os acompanhavam:

- Se fosse minha filha, diria para tomar mais cuidado com esses seus rompantes. A gente não deve tomar nenhuma decisão de cabeça quente. A pessoa nervosa perde a noção de tudo, magoa aqueles que ama, fica tão bloqueada que não consegue escutar nem a voz da própria consciência. Portanto, se fosse seu pai, eu recomendaria que ficasse atenta para este seu lado e tentasse ir aprimorando-o na medida do possível...

A conversa fluiu tão agradável que os dois nem sentiram a viagem. O clima só ficou tenso no minuto em que, já começando a subir o viaduto para pegar a Linha Vermelha, o motorista comentou:

- Estamos quase chegando na minha casa, que fica em São Cristóvão. Você ainda não me disse onde moram suas primas...

- Aí é que está o problema... - titubeou Aline, estalando os dedos das mãos. - Eu não sei...

- Como não sabe? Por que não me disse antes?

Ele freou o carro bruscamente, por pouco não foi atingido por uma Kombi que vinha logo atrás.

- Eu não posso deixar você no meio da rua! - protestou estupefato. E agora, o que é que eu faço com você?

XXIII

Naquela noite, depois de passar muitas horas no computador, pesquisando sobre o espiritismo e a teoria da reencarnação, Vítor teve um sonho estranho. Uma senhora, cujo rosto ele não podia distinguir direito por falta de luminosidade, conduzia-o pela mão por um corredor abaulado, sombrio e cheio de portas, onde podia escutar o eco de seus próprios passos.

-Vítor, querido, nossa existência é comparável a um grande, imenso livro de muitos capítulos - dizia ela.

- Sua voz não me é estranha... De onde eu a conheço? - ele cocou levemente a cabeça, tentando lembrar-se.

Ela parou então diante de uma porta e começou a abri-la bem devagarinho. Era como se lá dentro estivesse guardado um dia de sol, pois, na medida em que a porta foi se deslocando, todo o corredor se iluminou. Surpreso, Vítor viu então descortinar-se ante seus olhos a praia de Copacabana de tempos atrás. Teve certeza disso ao ver a própria mãe de biquíni, carregando um menininho de colo.

-Aquele... aquele sou eu? - perguntou, apontando para o bebê.

Em lugar de uma resposta, porém, a cena continuou a desenrolar-se.

- Meu Deus, onde ele está, onde pode ter se metido esse menino? Meu filho! Onde está meu filho? - repetia Cenyra, angustiada. "

As batidas de seu coração eram tão fortes que pareciam ocupar toda a cena como uma música alta. Como se fosse de novo o bebezinho no colo da mãe, Vítor sentia as batidas tal qual se viessem de dentro dele. Foi então que surgiu ao longe uma senhora de chapéu, carregando outro menino pequeno pela mão, de uns quatro anos presumíveis. Ele tinha um jeito maroto, parecia sorrir por trás do rostinho carrancudo.

- Mamãe! Graças a Deus! - disse Cenyra, correndo a seu encontro.

- Esse danadinho foi me buscar lá no calçadão, nem sei como é que conseguiu me encontrar! - disse a senhora sorridente. - Minha filha... -ela mudou o tom ao perceber a tensão no rosto do Cenyra. - Não pensei que fosse encontrá-la assim tão nervosa... Você não viu quando ele correu ao meu encontro?

- Não, estávamos voltando da água quando ele sumiu, pensei que tivesse se perdido!

Cenyra abaixou-se e abraçou o menino em prantos:

- Ah, Vinícius... Por que é que você faz isso com a mamãe?

O menino permaneceu de olhos baixos, sem participar do abraço. Parecia zangado com a mãe.

-Já entendi tudo. Vinícius fugiu porque ficou com ciúmes do irmãozinho, não foi mesmo meu boneco? Mas por sorte a vovó chegou bem na hora de evitar o pior! - ela estendeu os braços para o neném. - E você, meu pequenino? Por que essa carinha tão assustada? Vem cá com a vovó...

Só então Vítor rapaz, paralisado pela cena que se desenrolava a seus olhos como se acontecesse de novo naquele exato momento, percebeu algo de familiar naquela voz. Era exatamente igual a ...

- Vovó Têmis! - ele exclamou, associando os fatos. - E a senhora? A porta se fechou e o rosto da mulher que o acompanhava naquele

estranho labirinto se iluminou num sorriso como o que acabara de ver. Ela o aconchegou num abraço apertado, dizendo:

- Meu pequenino... Eu nunca estive longe de vocês!

- Mas a senhora está tão... - tentou definir Vítor.

-Tão jovem? - ela adivinhou seus pensamentos: - Só porque me livrei de algumas ruguinhas? Você não queria que eu ficasse para sempre com aquele ar de doente, queria?

- É que faz tanto tempo que nós nos vimos pela última vez... - ele olhou para ela fascinado.

- Que você me viu pela última vez, pequenino. Eu te vejo sempre, muito mais do que você imagina - corrigiu Têmis. - Falando nisso, ainda não terminamos a nossa conversa.

Ela o tomou pelo braço e continuou a conduzi-lo por aquele corredor cheio de portas. Curiosamente, porém, não estava mais escuro. Era como se a luz que escapara daquela porta do passado de Vítor houvesse impregnado o local de uma tênue claridade. Vítor pôde observar então que , cada porta tinha uma cor, um desenho, um acabamento particular.

Alguns eram rusticas, outras modernas, havia mesmo uma que era quase inteiramente ocupada por estranhas letras e desenhos cujo significado ele não conseguia decifrar de imediato. "O que haverá dentro de cada uma dessas, portas ". pensava, entre preocupado e curioso.

-Sabe, querido, todos nós carregamos muitas portas dentro de nós mesmo. Algumas guardam acontecimentos relativamente recentes, que de certa maneira nos marcamos na presente existência, como a que acabamos de abrir, outras são mais profundas e precisam ser literalmente trancadas a sete chaves, sob o risco de nos enlouquecer com o que trazem dentro de si... Mas é preciso que tenhamos o controle sobre todas as portas. Mesmo que não as mantenhamos trancadas a chave, é necessário que permaneçam sempre fechadas. Podemos entrar quando necessário, mas não devemos jamais deixá-las encostadas ao sair. Caso contrário, qualquer vento inesperado, qualquer pequena turbulência pode fazer com que se escancarem, deixando vir à tona conteúdos que podem comprometer seriamente o nosso dia-a-dia...

Eles pararam diante de uma escada escura e retorcida, que parecia conduzir a andares inferiores, onde muitas portas batiam sem cessar. Vítor sentiu medo.

- Eu não quero descer, vovó! - pediu, morrendo de vontade de chorar. Ela apertou sua mão, transmitindo-lhe força e carinho antes de responder:

-As vezes, no entanto, querido, é preciso descer às profundezas de nós mesmos para que possamos descobrir a razão de certos comportamentos que carregamos na nossa essência, comportamentos esses que podem mesmo pôr a perder todo o compromisso de mudança que assumimos quando decidimos iniciar novo capítulo na nossa trajetória evolutiva... Só indo até lá embaixo - ela apontou para a escada escura -poderemos descobrir exatamente onde comprometemos a nossa liberdade de ser felizes na presente existência, onde se encontra a porta aberta que necessita ser fechada.

- Eu não quero vovó! - insistiu Vítor, puxando-a para trás. - Vamos voltar... Tenho a sensação de que esses corredores estão cheios de monstros horríveis. Vamos voltar para a praia!

-Ah, Vítor... - Têmis continuava parada diante da escada. - Nossa imaginação é muito mais monstruosa do que a realidade... Por que será que você tem tanto medo de reconhecer que pode ter errado algum dia, como qualquer ser humano que transita sobre a Terra, mas que tem nas mãos agora a chave para consertar seus erros? Será mais fácil entregar-se ao medo do desconhecido do que conhecer-se melhor para tentar vencer esse medo?

- Vovó, vamos, por favor!

- Pois eu te trouxe até aqui para te fazer um convite, Vítor... Eu te convido a enfrentar a realidade!

Vítor abriu os olhos de repente e respirou aliviado ao perceber que estava de novo em seu próprio quarto. Estava tão suado que parecia até que havia acabado de sair do chuveiro. Felizmente, tudo não passara de um sonho. Ao mesmo tempo, porém, aquela conversa com a avó deixara uma impressão tão forte em seu íntimo que era como se ele realmente a tivesse encontrado.

Correu até a escrivaninha e, depois de pingar as quatro gotinhas de floral debaixo da língua, remexeu atabalhoadamente as gavetas em busca de um antigo retrato da avó que guardava entre seus pertences. Lá estava ela. De olhos profundos, bastante abatida por causa da doença. Havia morrido em consequência de um câncer raro; lutara muito para sobreviver apesar da doença, mas não resistira, embora houvesse deixado o mundo com um sorriso vitorioso nos lábios. Vítor a vira pela última vez aos seis anos de idade; precisava olhar sempre para aquela foto para não esquecer-se de sua fisionomia.

"Será mais fácil entregar-se ao medo do desconhecido do que conhecer-se melhor para tentar vencer esse medo?", a frase não parava de repetir-se em sua cabeça. "Talvez a cura requeira uma mudança de sua postura diante da vida", complementava a voz de Olívia em suas lembranças. Sentiu então os primeiros sintomas da crise começando a chegar e imediatamente fechou as mãos em concha em torno da boca e do nariz. Segundo lhe explicara a psicóloga, o movimento funcionava do mesmo modo que o saco de papel que usara no consultório, já que levava a pessoa a inspirar o gás carbônico que ela mesma acabara de expelir.(25)

'25- Ainda não se chegou a uma conclusão as cientifica sobre as razões porque uma maior quantidade de gás carbônico atua de maneira a atenuar os sintomas de uma crise de pânico. Tais métodos, contudo, costumam ser comumente recomendados por profissionais que trabalham nesta área. De acordo com uma matéria publicada na Folha de São Paulo, em 06/11/2001, pesquisadores da UFRJ vêm desenvolvendo uma série de pesquisas que utilizam o gás carbônico expelido durante a respiração também em um teste capaz de diagnosticar a síndrome.

Enquanto respirava, ele lembrou-se também da lista de exercícios que lera nas folhas que lhe haviam sido dadas por Olívia e decidiu experimentar um. Era uma contagem regressiva, de dez em dez números, a partir de trezentos. Tal como o artifício do relógio, a estratégia o obrigava a concentrar-se nos números e exigia até mesmo um pouco de raciocínio, já que não consistia simplesmente numa contagem mecânica.

-Trezentos... duzentos e noventa... duzentos e oitenta...

Ao chegar a cento e vinte, quando a recomendação da psicóloga era de passar a contagem para intervalos de apenas cinco números, a crise havia passado. Ainda assim, por medida de segurança, continuou concentrado no exercício.

-Vinte e cinco... vinte... quinze... dez... cinco... zero! - suspirou aliviado por fim.

Embora houvesse conseguido impedir a crise de se manifestar em sua plenitude, estava exausto; as mãos e as pernas tremiam. Era quase como se houvesse acabado de anestesiar um leão voraz. Durante todo o tempo, as palavras que ouvira de Têmis no sonho não lhe saíam da cabeça “Eu te convido a enfrentar a realidade!"

Era um absurdo aquilo, pensava consigo, enquanto organizava o monte de papéis que tirara da gaveta no momento em que a vasculhara em busca de papéis que tirara da gaveta no momento em que a vasculhava em busca do retrato da avó. Então ele não estava lutando? De que outra maneira poderia enfrentar a realidade? Até na psicóloga tinha ido, até sobre reencarnação andava pesquisando! Sem falar naquele tal floral que não estava que ele pessoalmente, achava que não estava tendo efeito nenhum. O que mais a avó queria que ele fizesse?

Nesse exato instante caiu da gaveta um pequeno livrinho de capa marrom, que foi parar quase na porta do quarto. Vítor foi até lá. Não tinha a menor ideia do que se tratava. Só ao divisar as pequenas letras douradas, lembrou-se que o ganhara da mãe há alguns anos, na véspera de uma prova muito difícil de matemática. Era uma edição de bolso de O evangelho segundo o espiritismo.

-Antes da prova, leia a prece dos aflitos - recomendara-lhe Cenyra na ocasião. - Se não me engano, no título está escrito "Nas aflições da vida", fica lá no finzinho do livro, junto com várias outras preces...

Apesar de aflito, Vítor não deu muita atenção ao conselho da mãe, mas não disse nada para não magoá-la. Colocou o livro na mochila e, ao voltar da escola, guardou-o ali naquela gaveta, do mesmo jeitinho que o ganhara, sem sequer folheá-lo nem por um instante. Agora, no entanto, inexplicavelmente sentia-se curioso. Abriu-o ao acaso nas últimas páginas, em busca da prece recomendada por Cenyra, e acabou deparando-se com outro trecho que o atraiu de imediato. Dizia:

O sono tem por fim dar repouso ao corpo; o Espírito, porém, não precisa de repousar. Enquanto os sentidos físicos se acham entorpecidos, a alma se desprende, em parte, da matéria e entra no gozo das faculdades do Espírito. O sono foi dado ao homem para reparação das forças orgânicas e também para a das forças morais. Enquanto o corpo recupera os elementos que perdeu por efeito da atividade da vigília, o Espírito vai retemperar-se entre os outros Espíritos. Haure, no que vê, no que ouve e nos conselhos que lhe dão, ideias que, ao despertar, lhe surgem em estado de intuição. (26)

Vítor fechou o livro e ficou meditando por alguns instantes naquelas palavras. Teria mesmo seu espírito encontrado com o da avó naquela noite? Faria algum sentido tudo aquilo que vira em seu sonho? Afinal de contas, por que um simples sonho o deixara tão impressionado?

"Eu te convido a enfrentar a realidade!" - a voz da avó repetiu-se mais uma vez na sua cabeça. Já estava ficando agoniado com aquilo. O meigo conselho de Têmis era para ele quase como uma afronta pessoal, como se ela, ao invés de fazer-lhe um convite, o estivesse acusando de algo. Na dimensão de perfeição em que ele vivia tentando se enquadrar, não havia espaços para críticas; ele odiava ver seus defeitos apontados, ainda que sutilmente.

Irritado, tomou uma das pilhas de folhas que imprimira do site sobre pânico da internet e pôs-se a pesquisar. Queria fazer alguma coisa de concreto, realizar algum exercício, mostrar a si mesmo que não estava de braços cruzados diante da doença, que não era impermeável a mudanças.

26- O evangelho segundo o espiritismo, capítulo XXVIII, 38, FEB, "À hora de dormir".

- *Yes!*- comemorou num bramido, sem se dar conta de que passava das cinco da madrugada. - Era exatamente isso o que eu estava procurando!

"Uma etapa muito importante para a superação das fobias e que deve fazer parte do tratamento da Síndrome do Pânico é o enfrentamento programado de tudo aquilo que é temido" - ele começou a ler alto. "Enfrentamento programado, conforme o próprio nome sugere, consiste em programar uma série de exercícios de exposição a situações ou a lugares que provocam o aumento da ansiedade".

Depois de passar rapidamente os olhos por uma dezena de páginas, tomou lápis e papel e pôs-se a traçar sua estratégia pessoal. Era preciso escolher metas que pretendia conquistar, do tipo "ir sozinho até a banca de jornal na esquina no prazo de uma semana". Em seguida, as páginas aconselhavam a idealizar pequenos passos de maneira a dividir i> processo em módicas etapas a serem executadas gradativamente.

Vítor, porém, a despeito de todas as limitações que lhe eram impostas por sua doença, tinha a prepotência como um de seus mais fortes traços de caráter. Por causa disso, sempre tendia a achar que podia mais do que efetivamente tinha condições, a ponto de querer seguir aqueles exercícios prescindindo de qualquer auxílio psicológico. E, o que era pior queimando etapas.

Ora essa! Onde já se viu o camarada estipular um prazo de quatro semanas para chegar até a padaria! Em quatro semanas eu chego no Maracanã!

E com esta mentalidade, ainda alfinetado pelas palavras que ouvira da avó em seu sonho, traçou para si mesmo as mais ambiciosas metas, antes mesmo de terminar de ler o explicativo até o fim.

Eram seis horas da manhã quando acabou de programar suas "Folhas de Tarefas Diárias" para a semana toda, desconsiderando a indicação de que cada dia deveria ser planejado separadamente com base nos êxitos obtidos no anterior. Vítor deliberou iniciar os exercícios indo até um quiosque de flores que ficava cerca de três quarteirões de casa, desconsiderando também a advertência de que, talvez, no início, fosse aconselhável estar acompanhado de uma pessoa de confiança. Queria fazer uma surpresa para a mãe

Muito ansioso, minou mais quatro gotas do floral c trocou-se rapidamente, disposto a iniciar a experiência o mais depressa possível, como se assim pudesse vencer o próprio cérebro. "E se você tiver uma crise na entrada do prédio?", acoitava-lhe a mente, contrariando suas expectativas mais otimistas. “E se der vexame na rua? Já pensou que vai ter de atravessar uma rua para chegar até o quiosque? E se 'a coisa' acontece bem no meio da rua? E se passa um carro bem nessa hora?" Entrou em crise antes mesmo que os pensamentos terminassem o incômodo questionário.

-Trezentos... duzentos e noventa... - lutou novamente paia dominar-se.

E conseguiu. Desta vez no oitenta. "Será que eu saio ou desisto de tudo de uma vez?", foi a primeira pergunta que lhe veio na cabeça após a contagem. "Eu te convido a enfrentar a realidade", repetiu-se de novo a voz da avó em sua memória. "Eu vou" - decidiu com coragem. "Nem que seja apenas até a portaria do prédio".

Enquanto isso, diante da rodoviária Novo Rio, onde Aline pedira para ser deixada, o motorista que a trouxera de Resende até ali continuava preocupado com sua situação:

-Você não tem noção nem do bairro onde vivem suas primas? - ele perguntou, quando ela já se preparava para descer do fusca.

- Parque Guinle é um bairro? - arriscou ela.

- Por que não falou antes? Eu conheço o parque Guinle! - disse ele, girando de novo a chave na ignição.

- E um bairro, então? - ela sorriu animada.

- Não exatamente. E um parque, como diz o nome. Fica mais ou menos entre Laranjeiras e o largo do Machado, bem próximo ao túnel Santa Bárbara, onde vamos entrar agora mesmo. E um local muito conhecido, pois é lá que fica a residência oficial do governador do Rio.

- Mas tu vais me levar até lá? Não disseste que a tua casa fica para o outro lado?

- Num pulinho vou lá e volto! - respondeu ele, revigorado pelo desejo de fazer o bem àquela menina a quem não conseguia deixar de ver como se fosse sua própria filha. - Você não se lembra de mais nenhuma referência?

- Bem... - titubeou a moça, envergonhada, estalando novamente os dedos. - Como disse, deixei o endereço certinho dentro do travesseiro que ficou no ônibus, a única coisa que decorei foi o número do prédio... Cento e quarenta e três...

- Então não há problema! - sorriu o motorista. - Para sua sorte, o parque Guinle é um local reservado, com pouquíssimos prédios; sabendo o número, você sabe tudo!

Passava das seis horas da manhã, o dia montava-se ensolarado. Cerca de vinte minutos depois, o fusquinha atravessava a rua que ladeava os suntuosos portões que demarcavam o início do Parque Guinle. Em segundos, como que por milagre, estacionava no meio da pequena ladeira, diante da escadaria do prédio de Paloma, sob o suave cantar dos pássaros que brincavam nas árvores da imensa área verde que ficava em frente ao edifício.

- E aqui mesmo! - Aline sorriu empolgada. - Lá em casa tem uma foto da tia Noêmia nesta escadaria! Que lugar lindo! - exclamou olhando para o parque.

- Tem certeza de que não precisa que eu espere um pouco até que você confirme com o porteiro?

- Não te preocupes. Eu tenho certeza! Muito obrigada por tudo e uma boa viagem pra ti! - ela beijou-lhe a mão que estava apoiada na janela e abriu-lhe um largo sorriso de gratidão.

- Não se esqueça do que conversamos! - ele ainda recomendou, antes de partir.

Aline apresentou-se então para o porteiro e foi informada de que a mãe e o irmão já haviam chegado:

- Chegaram, sim! - confirmou Severino, que já sabia de toda a história. - Então quer dizer que você é que é a mocinha que saiu de Florianópolis anteontem e...

- Se o senhor não se importasse de me deixar logo entrar, eu estou morrendo de cansaço - cortou Aline.

- Um minutim só que eu vou já interfoná pra dona Paloma, a modi avisa que...

- Não! - pediu Aline, já entrando. - Eu preferia que tu não avisasses Depois desse susto, queria fazer uma surpresa para minha mãe...

Encantado com sua formosura, Severino concordou, embora soubesse que não devia fazer isso. Deixou-a no *hall* dos elevadores e foi atender a um morador que buzinava chamando-o para abrir a porta da garagem. Aliviada, Aline já se preparava para entrar no elevador quando a porta se abriu de um só ímpeto e um rapaz quase a atravessou literalmente, caindo no chão por cima dela. Era Vítor.

Vo...Vo... Você se machucou? - ele perguntou nervoso, ajudando- a levantar -se.

- Não... - ela respondeu, ainda tonta pelo impacto. - Acho que não.

- Ainda bem! – ele disse, olhando profundamente nos olhos dela.

-Graças a Deus! -ainda repetiu, andando de costas como se estivesse meio sem fôlego, sem se dar conta da força com que aquelas palavras haviam espontaneamente saído de dentro dele.

Aline entrou no coração disparado e ficou ouvindo aquela frase se repetir dentro dela. "Graças a Deus!". Talvez nunca alguém houvesse se mostrado tão preocupado com ela. "Graças a Deus!", Por que seu coração estaria batendo acelerado daquele jeito? "Deve ser a emoção de reencontrar minha mãe depois de tudo o que passei", justificou para si. O rosto de Vítor, porém, não lhe saía da cabeça.

XXIV

-Assassino! Infame! Maldito!

Faustino elevou o tronco de um só impulso e abriu de uma vez os olhos esbugalhados. Estava tenso e angustiado, como que a espreita de inesperado ataque. Anda ofegante, levou as mãos ao pescoço dolorido. A sensação que tinha era de que alguém havia acabado de tentar estrangulá-lo. Estranhamente, porém, não se lembrava de nada. Enxugou o suor da testa com o dorso das mãos e levantou-se para mais um dia.

A seu lado, Jaqueline fez um muxoxo com a língua, virou-se e continuou dormindo profundamente, como que absorta por uma outra realidade. Faustino não deu importância. Já estava acostumado. Desde que iniciara seus trabalhos na clínica, mais precisamente desde a morte de Lupércio, não houvera uma só manhã que começasse diferente. Acordava sempre daquele mesmo jeito, como que impulsionado por um despertador macabro e invisível, enquanto Jaqueline resfolegava a seu lado, como se nada acontecesse.

- Lupércio, seu cretino, se eu acreditasse em vida após a morte, teria certeza de que você está por trás disso - ele ainda resmungou, mal-humorado, antes de se trancar no banheiro.

Faustino nem podia imaginar o quanto estava certa sua intuição. O inimigo estava de fato ao seu lado, escutando-o às gargalhadas; jamais o abandonara desde que se entendera como espírito, integrante ativo do elenco de seres que vivem do "outro lado da vida".

- Pois saiba que a minha vingança mal começou, velhaco! - gritou Lupércio a toda voz, cuspindo de lado em seguida. Tinha asco de Faustino.

Era um ser de aspecto lúgubre, ele próprio repugnante. Escuro, sombrio e sinistro, mais parecia um morto-vivo, com os olhos muito fundos e furos de balas espalhados por todo o corpo, inclusive no crânio, bem no meio da testa, de onde exalava terrível odor nauseabundo. Os cabelos eram longos e desgrenhados, o corpo muito magro, as unhas compridas e sujas, semelhando lâminas saindo de seus dedos.

- Hás de me pagar ceitil por ceitil por sua ignominiosa traição! - insistiu, parado ao lado do médico - Anda, porco! Lave bem este rosto, esfrega fundo pra ver se tira um pouco da sujeira entranhada na tua alma pútrida!

Faustino não o ouvia, mas suas sugestões eram colhidas de uma tal forma por seu inconsciente culpado que não conseguia relaxar enquanto não ensaboava a face com quatro produtos diferentes. Sobre a pia do banheiro, aliás, havia mais de dez variedades de saponáceos. Desde uma simples barra de sabão de coco até essências de limpeza importadas, acondicionadas nas mais finas embalagens. Após a cerimônia de lavagem do rosto, era a vez dos dentes, que o médico escovava com vigor até as gengivas sangrarem. Depois entrava no banho, quente, escaldante, para mais um ritual de limpeza, obcecado em arrancar do corpo o gosto de sangue que sentia na boca. Curioso, porém, é que, por mais que se limpasse, Faustino permanecia sempre com a impressão de que toda a sujeira não havia sido adequadamente retirada de seu corpo.

O médico não tinha a mais vaga ideia de que o tempo todo era seguido por uma espécie de exército de desvalidos, formado por seres deformados e fétidos, que obedeciam, servis, ao comando altivo de Lupércio.

- Quero três no chuveiro, ajudando no banho do doutor! - riu sarcástico. - Ele deve sair de lá se sentindo ainda mais sujo do que entrou!

- Sim, general - disse uma das entidades, batendo continência.

Três espíritos deformados destacaram-se então da fila e atravessaram a porta do sofisticado box e blindex, onde Faustino se esfregava vigorosamente com uma bucha, dizendo em coro:

- Sangue! Todo o seu corpo cheira a sangue!

O que só eles conseguiam enxergar é que o corpo de Faustino era todo recoberto por uma aura escura, onde podiam ser detectadas diversas feridas, provavelmente ali impressas em função de traumas e culpas do passado que o médico carregava consigo. Os fluidos deletérios emanados pelos obsessores pareciam ser dirigidos a estas marcas, que funcionavam como ralos por onde eram involuntariamente absorvidos.

- General... - disse com humildade a entidade que parecia ser a segunda autoridade do bando. - Devemos manter as sentinelas que acompanhavam Oto na vingança do andar debaixo? Já faz tempo que ele foi capturado pelas forças do bem e...

- Ele até hoje não deu qualquer sinal? - estranhou Lupércio.

- Não general A notícia que temos é de que ele continua retido na colônia

Pois então mantenha os sentinelas. Trato é trato. Até que tenhamos certeza de que Oto debandou para o outro lado, tenho de manter minha palavra. O garoto deve- continuar sitiado. Mesmo porque o pai desse menino também é meu devedor. Graças a Oto, encontrei uma boa maneira de cobrar pelo que me devia - ele riu numa gargalhada debochada. - Aumentem o cerco! Quero que o canalha enlouqueça com os ataques do filho! - determinou impiedoso.

Depois, saiu do banheiro e dirigiu-se à cama onde dormia Jaqueline.

- General... - insistiu a mesma entidade.

- O que mais você quer, infeliz? - esbravejou Lupércio, que não gostava de ver ninguém parado a sua frente, impedindo seu caminho.

- É que as sentinelas nos informaram que o garoto está começando a reagir...

- Pois então façam o que eu disse! Intensifiquem a estratégia! - gritou irritado.

Em seguida, ele mudou completamente o tom de voz ao aproximar-se de Jaqueline.

-Ah, minha deusa... Por que não reparei em você antes que aquele porco me sabotasse?

Ele ficou por alguns instantes acariciando seu corpo de maneira sensual, com extremo cuidado para não feri-la com suas unhas imundas. Decerto, sem poder vislumbrar sua horrível fisionomia, ela parecia gostar.

- Hoje, minha princesa, você vai ao shopping gastar muito dinheiro. Não faça economia! Compre joias, roupas, perfumes, tudo o que você achar que deve. Gaste todo o talão de cheques, use todos os seus cartões de crédito. Você merece. Quero que esteja maravilhosa no dia da festa do seu aniversário.

Ela virou-se novamente e abraçou com força o travesseiro, esboçando um leve sorriso de satisfação no rosto, enquanto os integrantes do exército dos desvalidos que não estavam no banheiro aguardavam, constrangidos, por novas ordens do líder.

- E vocês, o que estão esperando? - gritou Lupércio, aborrecido com a falta de iniciativa do grupo. Eles pareciam cada dia mais lentos e abobalhados! - Verifiquem a agenda que o cretino deixou em cima da mesa do escritório e dirijam-se imediatamente às casas das pacientes marcadas para hoje. Façam o impossível para demovê-las da idéia do aborto. Quero o consultório vazio!

A poucos passos de distância, invisíveis aos olhos das entidades infelizes por vibrarem em uma sintonia bem mais elevada, Têmis e Demóstenes observavam aquela cena patética com o coração apertado.

- Eles parecem tão fracos, irmão, e, no entanto, continuam submissos aos desmandos de Lupércio... Por quanto tempo nossos revoltosos ainda poderão suportar esta situação? - perguntou Têmis, condoída.

-Não sei, querida Têmis-respondeu Demóstenes, tentando disfarçar uma lágrima que escorria-lhe do canto dos olhos. - O importante é que estejamos por perto ao menor sinal de recaída do bando - ele se recompôs. -Ao que tudo indica estas pobres entidades já se encontram bastante exauridas desta situação de escravidão a que voluntariamente aderiram. O constante contato com cenas de aborto vem deixando-as deprimidas e desenergizadas; estão de fato muito fracas. Cada vez que testemunham o ato covarde, ficam tão desarvoradas que não sabem se socorrem o espírito do abortado ou se atormentam ainda mais o médico, seguindo as ordens de Lupércio. A verdade é que, ao intuir a aproximação de nossos socorristas, muitos deles já sentem vontade de pedir ajuda.

- Só não entendo como não perceberam ainda que o espírito a quem chamam de general pouco se diferencia em caráter do médico a quem perseguem! Os dois trabalhavam juntos! - ponderou Têmis.

- Lupércio é engenhoso - explicou Demóstenes, sem tirar os olhos do 'general'. - Logo que foi assassinado pelo companheiro de crimes e se viu rodeado pela multidão de abortados inconformados a cobrar-lhe por seus atos hediondos, imaginou uma maneira de aproveitar-se da situação. Entregou-se em prantos aos perseguidores, pediu perdão por seus erros e garantiu que só participou da realização dos abortos porque foi coagido pelo médico. Como prova, mostrou-lhes as marcas das balas, alegando que fora assassinado justamente por ter ameaçado Faustino de denunciá-lo à polícia caso não o deixasse ir embora da clínica.

- Isso é verdade? - estranhou Têmis, que não conhecia em detalhes o histórico de formação do grupo.

- Uma manipulação da verdade, eu diria. Lupércio realmente perdeu a vida porque ameaçou Faustino. Mas não por motivos altruístas, e sim porque queria que os lucros fossem rachados igualmente entre ele e 0 médico. Ainda assim, porém, arvorou-se em defensor dos abortados se para poder concretizar sua vingança - esclareceu Demóstenes.

- Meu Deus! Como alguém pode ser tão perverso? Ele se aproveita da confusão mental que caracteriza as vítimas do aborto... - lamentou Têmis.

- Para você ver como são as coisas... Eles não só acreditaram como o aceitaram como líder e, sob seu comando, realizaram uma série de ataques a Colônia Renascer, em busca de mais revoltosos para engrossar as fileiras de seus exércitos.

Têmis ficou pensativa por alguns instantes, lembrando-se do triste saldo da última rebelião. Aqueles espíritos equivocados haviam invadido a colônia como um bando de assaltantes, fustigando os internos com seus ideais de vingança conclamando-os a lutar pela dignidade perdida, como se aderindo ao montim, eles pudessem recapturar a oportunidade de nova existência frustrada no momento do aborto. Ao todo, vinte internos fugiram com o bando, sem perceber que sua atitude de revolta só servia para adiar ainda mais a chance de reencarnação que tanto' desejavam.

- Por mais que as colônias do espaço sejam protegidas, as próprias ondas mentais emitidas pelos espíritos que lá vivem podem abrir brechas para ataques inimigos - explicou Demóstenes, lendo-lhe os pensamentos. - Daí a importância de orar e vigiar sempre, como recomendava o Mestre. Um pensamento de revolta ou desespero tem a força de um dardo a vagar pelo universo em busca de sentimentos afins. E as inteligências ainda voltadas para o mal que se comprazem em atrapalhar as forças do bem estão sempre atentas aos mínimos sinais.

- E pensar que Oto estava na fase final de seu tratamento quando a rebelião aconteceu, estava quase pronto para nova tentativa reencarnatória, quando, em una momento de recaída, optou por se unir aos revoltosos... Agora terá de recomeçar tudo de novo, do zero, como se houvesse acabado de ser abortado, e ainda prejudicado pelo peso dos maus atos cometidos, pelo tempo em que perambulou pela crosta em situação de completo desequilíbrio... Ali, irmão Demóstenes... Como este Lupércio consegue induzir tantos seres ao erro, fazendo-os acreditar que alguém pode conquistar a paz fazendo justiça com as próprias mãos?

- Como dizia o escritor Jean Paul Sartre, pode-se enganar uma pessoa por muito tempo ou muitas pessoas por algum tempo, mas jamais se pode enganar muitas pessoas por muito tempo... - filosofou Demóstenes. - Não se preocupe. Logo ele será descoberto. Reconhece-se a árvore pelo fruto, ensinou o mestre Jesus. Não se colhem figos nos espinheiros, nem cachos de uvas nas sarças. (27)Creio que falta pouco para que nossos antigos internos enxerguem Lupércio como ele realmente é.

Eles ficaram em silêncio para acompanhar o planejamento dos espíritos vingadores, que discutiam estratégias para convencer as pacientes marcadas para aquele dia a desistirem da ideia do aborto. Esta aqui está brigada com o namorado. Tentem localizá-lo a partir das indicações fornecidas pelo pensamento dela e o convençam a ir procurá-la no trabalho logo pela manhã. De preferência com flores. Se eles se reconciliarem, ela não vai mais querer tirar a criança - informou Lupércio, que passava a maior parte do tempo investigando a vida de cada uma das mulheres que telefonavam para marcar consulta com Faustino.

-Veja como a misericórdia divina consegue extrair o bem até mesmo nas circunstâncias adversas - observou Demóstenes. - Sem querer, estes espíritos estão prestando um favor ao nosso departamento. Imaginando estar simplesmente prejudicando o aborteiro, eles estão nos ajudando a salvar inúmeras vidas e, por conseguinte, acumulando créditos que mais tarde atenuarão as faltas cometidas em nome de seu desejo de vingança.

27 O evangelho segundo o espiritismo, capítulo XXI: 1: "Conhece-se a árvore pelo fruto".

- Quanto mais eu aprendo, mais eu percebo o quanto as leis divinas são perfeitas. Nós é que somos muito ansiosos... - atalhou Têmis. - Demóstenes, será que eu poderia dar um pulinho no apartamento de Cenyra para ver como é que estão as coisas? Estou tão preocupada com meu neto...

- Pode ir tranquila, Têmis. Ainda vou esperar Jaqueline acordar. Preciso encontrar um meio de falar à sua consciência. Ela já está passando dos limites...

- Ela continua saindo com rapazes mais jovens em busca de sexo desregrado?

Demóstenes respirou fundo antes de responder:

- Infelizmente, sim. E o que é pior: encontra-se a cada dia mais distante dos filhos, os dois vivem praticamente abandonados. Para você ter uma ideia, ontem à noite ela saiu com um amigo após a aula de ginástica. Voltou tão tarde que nem pôde buscar a filha no apartamento da vizinha. Verdade seja dita, ela nem se lembrou da menina, quando voltou para casa...

- Você não conseguiu comunicar-se com ela em sonho? - tentou ajudar Têmis.

- De que jeito? Ela não oferece a menor possibilidade de sintonia nem mesmo durante o sono - ele parecia desanimado. - Mal adormece, ela cone a buscar seus iguais, a visitar lugares onde dá livre curso a seus pendores fúteis e desregrados. Vou tentar intuí-la no momento em que for tomar seu banho. Talvez, com suas qualidades purificadoras, água consiga, por alguns instantes, mantê-la livre de cargas negativas e deixa- Ia mais receptiva a meus aconselhamentos.

-Te desejo sucesso. Precisando de ajuda, é só me chamar - despediu-se Têmis.

- Nos encontramos às onze na casa de Paloma. Temos alguns trabalhos importantes a serem realizados.

- E o que leremos de fazer? - ela perguntou.

- No momento certo você verá.

XXV

Cenyra chorava em seu quarto no momento em que Têmis chegou. A mãe de Vítor começava a perder as esperanças, via sua vida naufragar com o peso da doença do filho. Naquela manhã, acordara antes das seis da manhã com Severino no interfone, pedindo para ir buscar o garoto na portaria. Ele estava em crise e não conseguia sequer entrar no elevador sozinho.

Ao voltar para casa, era Luís Paulo quem estava em crise. Não aguentava mais aquela situação; dizia-se mesmo disposto a pedir a separação. Estava cego de ciúmes. "Ou eu ou ele, você vai ter de optar", gritou para Cenyra, antes de sair para o trabalho, horas mais cedo do que o habitual, sem sequer se lembrar de que era dia do aniversário da esposa.

- Querida, não fique assim... - Têmis aproximou-se com doçura. -Tudo na nossa vida passa. As coisas boas passam, os momentos de grande alegria passam, toda dor, toda tristeza passa. Isto também passará -ela sussurrou aos ouvidos da filha.

- E... vai passar - repetiu Cenyra enxugando as lágrimas, captando-lhe os pensamentos dc imediato. - Eu só preciso de mais um pouco de paciência - ela assoou o nariz no delicado lencinho que tinha nas mãos.

Vítor entrou de mansinho e ficou procurando as palavras para dizer. Havia permanecido no quarto desde a hora em que voltou com a mãe da portaria. Percebia-se responsável por todo o desgaste no casamento dos pais. Não gostava de vê-los brigando, ainda mais por sua causa. Mesmo magoado com tudo o que ouvira Luís Paulo dizer a mãe, não queria que eles se separassem.

- Mamãe, me perdoa... - ele agachou-se ao lado de Cenyra e afundou a cabeça em seu colo. - Não queria te causar todos estes problemas, não queria que... - ele não pôde mais segurar o choro - ... que o papai me odiasse desse jeito... Eu não tenho culpa, mãe!... Juro que não tenho culpa dessas coisas que me acontecem...

- O, filho, eu sei disso... - lágrimas também escorriam dos olhos de Cenyra. - Mas também não é fácil para mim enfrentar tudo isso sozinha. Eu estou fazendo o possível, tentando todas as alternativas ao meu alcance para te ajudar, mas não posso fazer milagres... Você precisa estender a mão, Vítor, abrir o seu coração para poder receber a ajuda...

- Eu sei, mãe, eu sei! Você pode não acreditar, mas eu também estou tentando...

- Então você precisa se esforçar ainda um pouco mais, meu filho -disse Cenyra, intuída pela mãe a seu lado. - Acho que seu grande desafio é vencer você mesmo, aceitar que não pode resolver o problema sozinho, que precisa da ajuda de profissionais capacitados para isso. As vezes, Vítor, é preciso que reconheçamos as nossas fraquezas para que nos tornemos verdadeiramente fortes.

Ele ouviu cabisbaixo, sabia que a mãe tinha razão. Não fosse, aliás, sua prepotência de querer fazer aquele exercício do seu jeito, sem qualquer orientação médica, toda a confusão daquela manhã teria sido evitada. Mas uma coisa era reconhecer que tinha sido prepotente e ansioso depois de um fato consumado e outra, bem diferente, era perceber que estava sendo ansioso e prepotente no momento da ação propriamente dita, admitir que tinha como características inerentes aos seu ser a ansiedade e a prepotência. Reviu então, mentalmente, a imagem da avó no sonho dizendo para ele:

-Às vezes, querido, é preciso descer às profundezas de nós mesmos para que possamos descobrir a razão de certos comportamentos que carregamos na nossa essência, comportamentos esses que podem mesmo pôr a perder todo o compromisso de mudança que assumimos quando decidimos iniciar novo capítulo na nossa trajetória evolutiva... Só indo até lá embaixo - ele reviu também a escada escura - poderemos descobrir exatamente onde comprometemos a nossa liberdade de ser felizes na presente existência, onde se encontra a porta aberta que necessita ser fechada...

- Mamãe - ele perguntou de estalo - é verdade que, quando eu era bebê, o Vinícius um dia teve um ataque de ciúmes na praia de Copacabana e saiu correndo sem você ver?

- Ai, nem gosto do lembrar disso, filho! - respondeu Cenyra sem pestanejar, - Fiquei uma meia hora vagando pela praia, desesperada com você no colo, até que sua avó apareceu puxando o Vinícius pela mão.

Por sorte, ela estava chegando na praia quando... Mas espere! – ela se interrompeu ao se dar conta da impossibilidade de Vítor lembrar-se deste fato. - Quem foi que te contou isso?

“Então era verdade", Vítor pensou consigo. "Existiu mesmo aquela situação na minha infância. Mas como será que eu fui sonhar com isso? Será que tem mesmo alguma lógica aquele sonho estranho que eu tive com a vovó?"

- Ninguém me contou respondeu por fim. - Foi só um sonho que eu tive. A cena deve ter ficado gravada no meu inconsciente...

- Por que você não pesquisa mais sobre os sonhos? - sugeriu a avó a seu lado.

- Mãe, você tem algum livro que fale sobre essa coisa de sonhos? -perguntou ele.

- Como assim "sobre essa coisa de sonhos?" - tentou entender Cenyra.

-Você sabe... - ele parecia envergonhado de explicar. - Esse negócio que a gente sai do corpo enquanto dorme e pode encontrar pessoas que já morreram...

- Então ele quer encontrar espíritos! - disse uma voz cavernosa, que só Têmis ouviu, mas não pôde identificar de imediato de onde vinha.

Nesse instante, a porta do quarto bateu e Têmis observou assustada que duas entidades deformadas aproximavam-se de Vítor e tentavam transmitir-lhe telepaticamente imagens dele entrando em crise no consultório no momento em que a porta se fechou. O rapaz assimilou as imagens e, em seguida, os pensamentos que lhe passaram a ser infundidos pelas entidades: "Da outra vez, aconteceu assim, portanto, agora vai acontecer de novo." Vítor começou a tremer e a suar, convicto de que 'a coisa' vinha e ele não podia fazer nada para impedir.

- Bom... - disse Cenyra, sem perceber nada, agachada diante do pequeno armário que ficava embaixo de sua mesinha de cabeceira, onde guardava vários livros. - Que eu me lembre, O livro dos espíritos, de Allan Kardec, tem um capítulo inteiro sobre os sonhos... - ela pegou o livro e começou a folheá-lo - Aqui! E o capítulo oitavo, que trata da emancipação da alma - ela estendeu o exemplar aberto ao filho e só então notou que ele não estava bem.

-Vítor? - ela chamou.

O rapaz, porém, continuava trêmulo, com os olhos fixos na porta, como que congelado na imagem dele próprio em crise, que se tornava cada vez mais forte em sua cabeça. Nesse momento, Têmis, concentrada em prece, fez com que a porta se abrisse como que por encanto e, em seguida, com que uma luz azul irradiante se derramasse em torno do neto. Estabeleceu-se então um verdadeiro duelo na mente de Vítor. Enquanto uma parte de seu cérebro parecia dizer: "Você vai entrar em crise, não tem jeito", outra dizia. "Você está protegido, não há razão para temer: apenas respire pausadamente e lembre-se da contagem". Aos poucos, a segunda voz foi ficando mais forte e Vítor começou a prestar atenção à própria respiração, ao mesmo tempo em que iniciava a contagem regressiva que aprendera com a terapeuta.

- Estamos perdendo o controle, o que aconteceu? - perguntou uma das entidades que o obsediavam.

- Tem mais alguém aqui neste quarto - respondeu a outra, atenta como se estivesse num combate. - Vamos recuar e nos manter atentos.

- Vítor, fale comigo! - insistia Cenyra.

Como que voltando de um transe, ele ouviu a voz da mãe e tranquilizou-a, sem parar de respirar profunda e concentradamente:

- Está tudo bem, mãe... Cento e oitenta... cento e setenta... Eu consegui segurar...

- O livro de que eu falei é este aqui - ela tentou puxá-lo mais rapidamente para a realidade.

- Tá - respondeu Vítor, pegando o livro, ainda concentrado na respiração - noventa e cinco... noventa...

- Dê a ele o livro que Luís Paulo ganhou ontem no trabalho - sugeriu Demóstenes, que acabara de chegar.

Têmis olhou para ele, surpresa e agradecida, enquanto Cenyra corria os olhos pelo quarto, buscando algo que ela própria não sabia exatamente o que era. Ela deparou-se então com o livro que o marido deixara em cima da televisão e sentiu uma vontade irresistível de entregá-lo também ao filho. Transtornos mentais, estava escrito na capa, onde uma janela abria-se para uma enluarada paisagem noturna.(28)

-Acho que vai gostar também deste aqui - disse ela num impulso, estendendo a Vítor o exemplar sugerido por Demóstenes. - Seu pai me deu ontem à noite, ainda não li direito, mas tenho a impressão de que vai responder a muitas das questões que o estão atormentando... Tem, inclusive, um capítulo sobre a síndrome do pânico.

- Legal - ele terminou a contagem e apertou o livro que a mãe colocou em suas mãos, antes de levantar-se.

Vítor já ia saindo do quarto com os dois livros debaixo do braço quando uma frase montou-se dentro de sua cabeça:

- Hoje é aniversário da sua mãe! Você não vai lhe dar um abraço?

- Mãe! - ele voltou-se de imediato. - Hoje é o seu aniversário! - ele abraçou Cenyra com ternura.

- Que bom que você lembrou, filho! - disse ela emocionada. Os dois ficaram um tempo abraçados até que Vítor explicou:

- Sabe, embora eu tenha esquecido do seu aniversário, hoje de manhã cedo eu planejava ir até aquele quiosque aqui perto para te comprar umas flores...

- Foi por isso que você saiu?

- É, eu estava tentando fazer uns tais exercícios de exposição e pensei em te fazer uma surpresa, mas acabei não conseguindo nem sair do prédio... Será que...

- Será quê?

- Será que você se importaria de ir comigo até o quiosque para...

28- Schubert, Suely Caldas. Transtornos mentais: uma leitura espírita. Araguari, MG: Minas Editora, 2001.

Neste momento entrou Vinícius, carregando uma enorme caixa embrulhada para presente. Num salto, os dois espíritos deformados voltaram a se posicionar ao lado de Vítor. Têmis já ia se concentrar novamente para afastá-los, quando Demóstenes interferiu:

- Negativo. Desse jeito você está parecendo a Aretusa. Seu neto precisa aprender a agir sozinho. Você não pode passar o tempo defendendo-o dele próprio. Se eles se aproximaram foi porque Vítor ofereceu-lhes novamente sintonia.

- Mas... - Têmis ainda tentou argumentar.

- Preste atenção no que ele está pensando - pediu Demóstenes.

- Parabéns a você... - cantarolava Vinícius, sapecando beijos na bochecha da mãe nos intervalos da melodia.

Vítor sentiu ciúmes. Não disse nada, mas pensou: "Se eu não estivesse doente, poderia ter comprado um presente para ela. Eu tinha de ter comprado um presente para ela! Mas eu sou um doente, o que é que eu vou fazer?"

- Querido! Você também lembrou! - Cenyra começou a abrir o embrulho toda satisfeita. - É o liquidificador que eu queria! - disse surpresa, olhando para o desenho do aparelho na caixa.

- Auto-limpante, para você ter menos trabalho! - acrescentou Vinícius, orgulhoso.

- Muito obrigada, filho. Foi o melhor presente que já recebi até hoje! - ela disse comovida, fazendo um carinho no rosto de Vinícius. -Estive pensando e... Que tal se nós fôssemos almoçar fora hoje para comemorar?

- Ótima ideia! - comemorou Vinícius. - Podíamos ir naquele restaurante japonês do shopping, que você adora. Na volta, eu já aproveitava para passar na agência de passagens. Quero ver se agito logo o lance da minha viagem para o carnaval.

"Shopping? Eu não posso ir ao *shopping!",* pensava Vítor, novamente conectado com seus obsessores. "Eles se esqueceram do meu problema!" Era incontrolável o fluxo de ideias negativas que passavam por sua cabeça, ativadas pela simples cogitação de ir a um lugar cheio e movimentado. "E se eu tiver uma crise no meio daquela gente toda? E se eu passar mal no meio das escadas rolantes? Eu posso até despencar lá de cima!"

- Você vai para onde, Vinícius? - perguntou Cenyra, enquanto arrumava com cuidado o liquidificador de volta dentro da caixa.

- Cabo Frio. Vou com uma galera. - ele respondeu, animado. - E aí, o que você acha da minha proposta?

- Por mim está fechado! - sorriu Cenyra, abraçada à caixa do liquidificador. - Você concorda, Vítor?

Ele estava sentado na cama com um jeito estranho. Parecia engolir em seco e os olhos estavam distantes.

- Vítor? - ela levantou-se alarmada.

Ele estava em crise. Desta vez, para valer. Respirava com dificuldade, as mãos geladas seguravam o peito, como se tivesse algo no coração.

- Nós não podemos fazer nada? - inquietou-se Têmis.

-A doença é um sinal que desperta, Têmis. Não temos o direito de interferir. Se você reparar bem, os obsessores não causam as crises. Eles apenas as incrementam, como quem liga um fio na tomada. O pânico é uma reação do organismo de Vítor que impede que ele dê vazão a seu caráter dominador.

- E verdade, não é de hoje que ele comete bobagens em nome deste temperamento dominador - obtemperou Têmis, lembrando-se de outros tempos em que havia convivido com aquele espírito. - Mas achei que ele tivesse mudado... Atualmente meu neto é um pessoa tão boa... Antes de apresentar este problema, vivia sempre se desdobrando para ajudar os outros, chegava mesmo a se sobrecarregar na tentativa de atender a todas as solicitações alheias! - ela argumentou com os olhos molhados.

- E você já pensou que isto também não deixa de ser uma forma de manter as pessoas sob controle? - atalhou Demóstenes com gentileza. -"Todo aquele que muito ajuda e aconselha, no fundo também controla.

- Então você acha que ele tem as crises de propósito?

- Não é de propósito, mas uma reação automática de um comportamento que visa conseguir um controle sobre todas as situações que o ameai em ou que lhe causem desprazer. Ele não faz isso para chamar a atenção se inconscientemente ele tivesse uma crença de que somente com esse controle ele poderá se sentir seguro ou infeliz.

-Vinício, me ajude aqui! Seu irmão não está bem! - pediu Cenyra nervosa.

Têmis olhou novamente para Demóstenes angustiada. Neste momento. A campainha tocou.

-Droga! Ele sempre arranja um jeito de estragar tudo - desabafou Vinícius. saindo do quarto para ver quem estava na porta.

XXVI

- Mãe, tu acreditas em amor à primeira vista? - perguntou Aline, enleada, esparramando muita geleia sobre uma torrada.

Depois de algumas horas de sono e muitas explicações, ela agora tomava café da manhã pela segunda vez com Florence e Rafael. Estava faminta.

- Não sei... - titubeou Florence, mexendo e remexendo o café na xícara com uma pequena colher.

Seus olhos estavam distantes; sem querer, ao ouvir a pergunta da filha, lembrara-se de Maurício. Desde aquela noite na praia Mole nunca mais o vira, nem obtivera qualquer notícia. Apesar do 'bolo' que imaginava ter levado no dia seguinte, não conseguia sentir raiva dele.

Ao contrário, lembrava-se do momento em que ele a salvou da onda gigantesca, da conversa que tiveram na beira do mar, da canção que ouviram no carro e até mesmo do aroma de seu perfume. Talvez, se aquela história pudesse ter tido uma continuidade, ela o tivesse amado. Jamais esqueceria daqueles seus olhos de Marco Leonardi. "Seria isto amor à primeira vista?", perguntou-se em silêncio.

- Não, não acredito... - respondeu antes de tomar finalmente um gole de café.

- Vocês estão tão esquisitas... - observou Rafael. - Mas por que afinal tu queres saber sobre amor à primeira vista? Vais me dizer que te apaixonaste pelo coroa do fusquinha!

- Claro que não, tanso! Aquele senhor foi mesmo um anjo que apareceu no meu caminho, um...

- Nunca imaginei um anjo de fusca - implicou Rafael. - Aliás, nem imaginava que os anjos precisassem de carro para se locomover!

-Ah, tu não tens mesmo um pingo de sensibilidade! Se tivesses, não...

- Espera aí! - interferiu Florence. - Rafael tem razão! Que história é essa de amor à primeira vista? Por acaso conheces...

- Hi, nada a ver! - interrompeu Aline. - Por nada, oras! - ela recolheu a xícara e se levantou rapidamente, como que esquivando-se da conversa. - Só perguntei por perguntar - não havia, no entanto, como disfarçar o sorrisinho que lhe surgiu no canto da boca.

"Ai, meu Deus, porque é que eu fui ficar boba desse jeito?", ela se reprimiu na cozinha. Mas não conseguia esquecer aquela frase, "Graças a Deus", nem aqueles olhos enigmáticos. "Estaria apaixonada?", perguntou-se mais uma vez antes de voltar para a sala.

Os três estavam praticamente sozinhos em casa. Lucila saíra cedo para o trabalho, Chuva tinha ido à aula de inglês e Paloma fora até o andar de cima 'devolver' Clarinha. Apenas Noêmia permanecera no apartamento, mas não saíra do quarto até aquela hora. Estava cismada com a procedência do relógio que Paloma pendurara na parede de seu quarto.

- Que coisa mais esquisita... Me lembro de ter dado este relógio a Aretusa... Como será que ele veio parar aqui? - matutava, com os olhos fixos na portinha de onde saía o cuco. - E este maldito pássaro que não me deixa dormir! Será que não existe uma forma de prendê-lo lá dentro?

Preocupada, resolveu ir até a sala conversar com as filhas sobre o problema. Ao abrir a porta, contudo, estranhou ao perceber que não eram nem de Paloma, nem de Lucila ou de Chuva as vozes que de lá vinham.

-Tem caroço neste angu... - sussurro, desconfiada, enquanto caminhava, pé ante pé, pelo corredor, ainda tentando descobrir o que estava acontecendo.

Ao divisar os sobrinhos na sala, teve um esgar de horror. Por instantes, Noêmia permaneceu escondida no corredor, olhando assustada como se algo de errado estivesse acontecendo.

- Uma coisinha fofa aquela guria... - comentou Florence, lembrando-se de Clarinha. - Quase posso ouvir sua vozinha doce falando de sua bonequinha Jade...

- Sabe que até eu gostei dela? - disse Rafael. - E certo que ela fala pra caramba, mas também é muito legal!

-Tu e mamãe falam tanto dessa guria que já estou começando a ficar com ciúmes - brincou Aline, servindo-se de mais um golinho de café.

- Meu Deus! Quem serão estes? Como será que entraram aqui? -Sussurro Noêmia horrorizada, ainda espreitando-os do corredor.

- Ah, gente. . Só de pensar fico com um aperto aqui no peito – Florence estava com os olhos marejados de lágrimas. - Como é que uma mãe esquecer uma filha na casa dos outros desse jeito, sem dar sequer um telefonema de justificativa? Querem saber, se pudesse, eu juro que adotava aquela menina!

-Já vi que se eu demorasse mais um dia para chegar perdia até meu lugar de filha... Aline reclamou dengosa.

- Bobinha! - Florence sapecou-lhe um beijo no rosto. - Eu acho que morria se ficasse mais um dia longe de ti!

- É uma família de sequestradores! - constatou Noêmia, cada vez mais assustada. - O pai, com certeza, deve estar por aí, assaltando algum banco! Ave Maria, o que será que eles fizeram com Lucila e Paloma? Preciso ficar quieta para que não descubram que estou em casa!

Enquanto isso, no andar de cima, Vinícius olhava para Paloma sem saber o que dizer. Era ela na campainha. Havia acabado de deixar Clarinha em casa e resolvera ir até lá num instante só para cumprimentar a amiga pelo aniversário.

- A Cenyra está aí? - ela repetiu a pergunta, achando que o rapaz não havia escutado direito.

- Não... Quer dizer, está, mas está muito ocupada... - ele enrolou-se, com vergonha de explicar o que estava de fato acontecendo.

- Quem é, Vinícius? - Cenyra apareceu de repente atrás dele.

- Cenyra! - Paloma sorriu sem graça. - Não queria te incomodar. Passei só para te dar um abraço e te trazer este cartão! - ela levantou o envelope que trazia nas mãos.

Cenyra correu a abraçá-la. Estava muito emotiva naquele dia.

- O, minha amiga... Só você mesmo!

Vinícius olhou sério para a mãe, como que a perguntar o que fora feito de Vítor, e ela fez sinal para que ele fosse vê-lo no quarto.

- Se soubesse como este dia está sendo difícil para mim... - Cenyra desabafou com Paloma, fazendo um esforço supremo para que as lágrimas não caíssem, enquanto olhava para o envelope vermelho que acabara de receber. - Vou ler depois. Se eu abrir agora, acho que não aguento a emoção... Você é sempre tão atenciosa comigo, tão...

- E só um cartão - disse Paloma acanhada. - Fui eu mesma quem fiz com meus papéis reciclados...

- Entra um pouco. Vou passar um café para nós duas - Cenyra convidou.

- Na verdade eu não queria dar trabalho e...

- Entra! - Cenyra puxou Paloma.

Fazia tanto tempo que não conversava com uma amiga; andava exausta de viver prisioneira da doença do filho. Afinal, era seu aniversário! De mais a mais, Vinícius estava lá dentro com Vítor, a crise já estava sob controle quando ela o deixou no quarto. Não, ele não podia impedi-la de receber uma amiga na cozinha no dia de seu aniversário.

- Na verdade eu vim também porque precisava te pedir um favor -explicou Paloma. - Uma prima minha que está hospedada lá em casa está precisando muito da ajuda do seu marido. Ele ainda trabalha na TV Paladium, não trabalha?

- Foi Deus que te mandou aqui! - disse Cenyra, arrasada, puxando uma cadeira para que Paloma se sentasse. - Trabalhar, ele trabalha. Só não sei se vou continuar sendo sua esposa por muito tempo... - ela virou-se para a pia para lavar uma xícara, a fim de que Paloma não percebesse as lágrimas que não conseguira segurar.

- Saint-Germain, mas o que foi que aconteceu? Vocês dois sempre se deram tão bem!

- Eu vou te contar tudo - prometeu Cenyra, colocando a xícara diante de Paloma.

De longe, Têmis sorriu para Demóstenes e os dois desapareceram no espaço.

- Está tudo bem? - perguntou Vinícius, ressabiado, entrando no quarto de Cenyra e Luís Paulo.

Vítor continuava sentado na cama da mãe, terminando sua contagem de emergência.

- Você pensa que eu faço isso de propósito, não é? - ele disse ao irmão, após alguns minutos de pesado silêncio.

Vinícius olhou para Vítor e pela primeira vez sentiu pena dele. Estava magro e abatido, parecia até mais velho do que ele.

- Não... - ele aproximou-se devagar. - Para dizer a verdade, eu nem sei mais o que eu penso...

- Queria que você ficasse um minuto apenas no meu lugar na hora em que 'a coisa' acontece... Acho que só assim entenderia o que estou passando...

Vinícius sentou-se a seu lado e os dois ficaram mais alguns instantes em silêncio. Eram tantos ressentimentos guardados e ao mesmo tempo tão grande o amor que existia entre eles que era difícil encontrar o que dizer. Ambos queriam se entender, mas não sabiam como.

- Por que acontece? - perguntou Vinícius.

- Era tudo o que eu queria saber... - murmurou Vítor, entortando o volume sobre transtornos mentais que permanecera em suas mãos durante todo aquele tempo.

Após correr o dedo pelas páginas algumas vezes, fazendo vento e barulho, ele colocou o livro a seu lado. Tirou então do bolso o frasco .....tendo florais de Bach e pingou quatro gotinhas debaixo da língua.

Para você ver a que ponto eu cheguei... Até florais de Bach estou tomando...

-E não adianta nada? - quis saber Vinícius.

De pé perto da janela, as duas entidades os observavam. Anda sob o efeito das energias que lhes haviam sido enviadas por Têmis e Demóstenes durante a crise de Vítor, pareciam de alguma maneira sensibilizadas com a cena.

-Sinceramente eu não sei -respondeu Vítor, com a voz embargada. Ele escondeu a cabeça entre as mãos e começou a chorar.

- Não fique assim... - Vinícius tocou em seu ombro.

- Você pensa que não me dói estragar o aniversário da mamãe? -respondeu ele, de olhos molhados. - Que não me desespera ver o papai dizendo que vai embora de casa, que é um castigo dos deuses ele ser pai de um Minotauro como eu?

- Mas você não é um Minotauro! Ele deve ter dito isso num momento de raiva. Você sabe, o papai vive lendo essas coisas de mitologia, acaba...

- Ele tem razão - interrompeu Vítor, fungando. - Eu sou um Minotauro, sim. Vivo preso nos labirintos do meu próprio cérebro, trancafiado nesta casa, sem coragem sequer para pisar no parque aqui em frente, morrendo de medo de tudo e de todos. E o que é pior: não existe uma Ariadne para me indicar a saída...

Ao dizer isso, veio-lhe à mente a imagem da menina com quem esbarrara na portaria ao amanhecer e ele sentiu aumentar sua frustração. Os dois haviam se olhado de uma maneira tão especial naquele momento; ela era exatamente o tipo de garota com que ele sempre sonhara. "Será que ela mora aqui no prédio?", pensou consigo. Mas não havia a menor possibilidade de acontecer qualquer coisa entre eles. Afinal, que moça se interessaria por um rapaz que vive tendo crises de pânico?

- Você ao menos já tentou? - perguntou Vinícius.

- O quê?

- Sair do labirinto, cara! Buscar uma saída, um médico, sei lá! Acreditar em alguma coisa! E a tal psicóloga que te atendeu? Não disse nada?

Vítor ficou calado, olhando para o irmão, pensando no que ele acabara de dizer. Havia, sim, uma possibilidade de conquistar aquela garota. Olívia dissera que, com seu método, poderia ajudá-lo a exercer controle sobre suas crises. Ele podia voltar a ser uma pessoa normal. Ou quase normal. De que importava se existia ou não existia mesmo a tal reencarnação? O que ele queria era ficar curado, fosse lá de que jeito fosse. E ele tinha agora uma hipótese, uma possibilidade. Sim, Vinícius estava certo. Por que não tentar?

- Cadê a mamãe? - perguntou, um pouco ansioso.

- Tá lá na cozinha, conversando com a Paloma.

- A Paloma está aqui? - ele sentiu-se invadido com a notícia.

- Está, o que é que tem demais?

-Você... - Vítor parecia sem coragem para prosseguir. - ... me leva até o consultório? - disse num rompante.

Sem imaginar o que os dois conversavam, Cenyra, enquanto isso, desabafava seu segredo com Paloma. Era a primeira vez que falava sobre o assunto com alguém de fora da família que não fosse médico, psicólogo ou especialista em algum dos sintomas de Vítor. Ela sentia que iria explodir se não fizesse isso.

- Que coisa mais esquisita... Confesso que nunca ouvi falar de um caso como esse... - admitiu Paloma, brincando com a tampa do açucareiro, enquanto tentava buscar na memória alguma receita natural que pudesse ser útil para atenuar o problema. - Agora você acha mesmo que o Luís Paulo vai querer se separar de você por causa disso? Isso, sim,

para mim, é inadmissível. Afinal, você não teve o filho sozinha. Se ele ficou louco, é natural que ... - ela deixou sem querer a tampa do açucarei-ro cair no chão.

Ao virar-se para pegá-la, constatou assustada que Vítor e Vinícius estavam parados na porta da cozinha, ouvindo tudo. O constrangimento foi geral. Vítor não conseguiu disfarçar seu desconforto, Vinícius tentou aproveitar a deixa para evitar que a situação piorasse:

- Mãe, será que posso pegar o carro para...

- Deixa, Vinícius, eu não vou mais - disse Vítor, olhando sentido para a mãe, como se ela o houvesse traído.

- Eu não quis dizer que... - Paloma ia tentar se explicar quando todos foram subitamente surpreendidos pelo grito que vinha da área de serviço:

- Socoooooooorro!

XXVII

A redação já estava em clima de carnaval. Um dos repórteres havia enfeitado seu monitor com o chapéu da fantasia com que desfilara no ano anterior; no alto da sala, presa ao teto por uma linha invisível, tremulava uma bandeira da Escola de Samba Acadêmicos do Salgueiro. O local, aliás, já era decorado com os mais variados objetos, como imagens de santos, galhos de arruda, anjos, gnomos e lembranças de diversos lugares do mundo, como uma antiga peneira de arroz trazida da China. Sem falar nas dezenas de fotos espalhadas por toda parte e nas relíquias emolduradas (como a camisa usada por Romário no mundial de 94 e o paletó que Maurício Moileda vestia no dia em que entrevistou o primeiro-ministro russo Mikhail Gorbachov).

Era uma sala comprida e eclética. Dividida em vários pequenos módulos pela própria disposição dos móveis, era basicamente formada por escrivaninhas modernas que se encaixavam uma na outra formando quadrados com uma abertura lateral, que funcionava como entrada. Tudo parecia convergir para o imenso aparelho de TV, estrategicamente posicionado em um local onde podia ser visto de todos os ângulos. Ai era gerado, todas as semanas, o campeão de audiência "Isto é incrível".

Dentro de cada um dos quadrados trabalhavam cinco ou seis repórteres, além da secretária, que ficava sempre ao lado do editor-chefe. Ao todo, a equipe era formada por cerca de vinte profissionais, com idades entre vinte e cinquenta e poucos anos. No momento, estavam quase todos reunidos na pequena cantina que funcionava no fundo da redação, onde havia sempre café quentinho e chá de erva doce gratuitos. Aguardavam a reunião de pauta semanal, marcada para começar dentro de meia hora, quando seriam discutidas as matérias que entrariam na próxima edição do programa.

- Eu acho que este ano a gente devia sair na Unidos da Pinguela. Eles ofereceram fantasia grátis para toda a equipe do "Isto é Incrível". Ora, uma fantasia simples numa escola famosa não sai por menos de trezentos reais! - defendia uma repórter, na roda do cafezinho.

Pra mim, este negócio de jabá (29) de escola de samba não está com nada. A pessoa tem que desfilar onde o coração bate mais forte, na escola em que ela acredita! Por isso, mesmo que a equipe decida sair na Pinguela, de qualquer jeito eu vou pagar para sair no Salgueiro - dizia um dos mais fanáticos.

- E o bloco do "Vem comigo mas não me leva"? O ensaio geral vai ser neste sábado, quem se habilita? - perguntou Louise, a secretária.

- Se você for, eu também tô nessa! - brincou um dos mais velhos, agarrando-a pela cintura.

- Eu, hein? - reagiu ela. - Vai comigo mas não me leva! Indiferentes à conversa e à gargalhada geral que veio depois, Luís

Paulo e Maurício Moneda pareciam ser os únicos que não tomavam parte naquela euforia carnavalesca coletiva. Enquanto Moneda trabalhava no computador, Luís Paulo, brincava de rodar um cigarro em cima de uma folha de papel cheia de anotações.

- Algum problema, Luís Paulo? - perguntou Moneda, notando-o pensativo.

- Ahh.... - Luís Paulo suspirou profundamente. - Sabe quando você diz alguma coisa de que se arrepende de ter dito, mas que ainda assim não deixa de sentir?

Concentrado em sua tarefa ao computador, Moneda demorou alguns instantes para responder. Parecia mesmo não ter ouvido o que Luís Paulo acabara de dizer.

- Selecionar... copiar... enviar... ok - disse por fim.

Virou então levemente a cadeira giratória e impulsionou-a ao longo da comprida mesa até parar exatamente em frente a Luís Paulo.

29- Jargão jornalístico que vem de jabaculê, gíria que significa gorjeta, dinheiro. Em geral, é assim que os repórteres se referem aos presentes que lhes são oferecidos.

- Há semanas tenho notado você reservado e sem entusiasmo. Só escreve e fiscaliza textos de madrugada, quando a redação está vazia. Durante 9 dia, passa a maior parte do tempo no fumódromo lá fora... O que, afinal, está acontecendo?

-É -desconversou Luís Paulo, guardando o cigarro na gaveta -, acho que eu estou mesmo fumando demais...

Moneda apoiou os dois braços na mesa, de modo a elevar o tronco para encará-lo ainda mais diretamente:

- Eu não estou falando dos cigarros. Estou falando de você! Não quer me dizer o que está acontecendo?

Luís Paulo girou na cadeira, nervoso, antes de responder.

- É o de sempre. Vítor continua na mesma, acho que vou me separar de Cenyra.

- Você o quê? - alarmou-se Moneda.

- E isso mesmo o que você ouviu. Não agüento mais olhar para aquele menino, ver Cenyra andando atrás dele como uma gueixa... - ele pôs-se a esfregar a testa com a ponta dos dedos da mão direita, num gesto nervoso.

- Luís Paulo, eu não acredito que eu estou ouvindo isso! Vítor é seu filho. Pelo que tem me contado, está passando por um problema seríssimo! Cenyra está fazendo o que qualquer mãe faria no lugar dela, o que qualquer mulher deveria fazer no lugar dela, e eu a admiro por isso! Por que você não...

- E fácil falar quando não é você que chega em casa e nunca encontra sua mulher disponível. Para conversar com você por dez minutos que sejam! - exaltado, Luís Paulo começou a falar baixo e foi aumentando gradativamente o som da voz. - Nossa vida virou um nada! Não vamos mais ao cinema - ele começou a enumerar nos dedos com raiva - , nem ao teatro, não saímos para jantar, não dançamos, não transamos, não fazemos mais nada, absolutamente nada juntos. Nem ao supermercado nós vamos mais! Ela faz compras pela internet, porque o garoto não pode sair de casa nem ficar um minuto sozinho. Tudo na casa gira em torno dele. E nas poucas noites em que ele dorme como qualquer pessoa normal, ela fica sentada na sala, fazendo tapeçaria! Que homem pode aguentar isso, me diga? Que homem?

Fez-se um pesado silêncio na redação. Até o pessoal da roda do cafezinho parou de conversar ao ouvir seus gritos. Trêmulo, Luís Paulo enfiou o cigarro na boca e atravessou chispando a porta de vidro fume que dava acesso aos corredores da emissora. Moneda foi atrás dele.

- Luís Paulo!

Parado embaixo da sugestiva plaquinha onde estava escrito "fumódromo", Luís Paulo tragava lânguida e sofregamente seu cigarro quando ele o alcançou.

- Está decidido - disse Moneda convicto. - Na próxima edição, você vai fazer uma matéria sobre a síndrome do pânico. Há tempos estou com esta pauta na cabeça e...

- Uma matéria sobre a síndrome do pânico? Eu? Você ficou louco! -ele tragou o cigarro antes de continuar. - Eu não vou fazer essa matéria - asseverou, firme, soltando fumaça pela boca.

- Luís Paulo, seu filho não é a única pessoa no mundo que passa por este problema. Tenho lido bastante sobre o assunto e descobri que no Brasil existem inúmeras famílias vivendo esse drama. Esta matéria precisa ser feita e tenho certeza de que você é o repórter mais indicado para isto. Falando nisso, você leu o livro que te passei?

- Eu não vou fazer essa matéria - repetiu Luís Paulo, tragando nervosamente o cigarro, já no toco. - Me mande para o front de combate em Jenin, mas não me mande pesquisar sobre essa droga de pânico!

- Luís Paulo, mais do que seu chefe, eu sou seu amigo há muitos anos. Não posso deixar que você estrague sua vida por uma bobagem. Falando sério, acho que esta matéria poderia ajudá-lo a compreender melhor o que vem se pass..

- Eu não vou fazer - manteve Luís Paulo, apertando a guimba do cigarro contra a areia do cinzeiro ao lado. - Se você quer mesmo essa matéria, como editor do programa posso muito bem indicar uma pessoa da equipe para apurar o assunto e...

- Eu sou o diretor-geral de jornalismo e quero que você faça. Você sabe muito bem que aqui não existe mais esta coisa de função específica. Editor apura matéria, produtor apura matéria, todo mundo apura matéria. E esta eu quero que você faça - determinou Moneda, ainda mais firme.

- Eu não vou fazer - repetiu Luís Paulo.

-Você é quem sabe - Moneda deu seu veredicto e virou-se para entrar na redação. - A reunião de pauta vai começar. Aliás, já devia ter começado.

Os dois caminharam de rosto fechado em direção à sala. Logo depois que atravessaram a porta, porém, Moneda mudou o tom e disse baixo, quase amistoso, antes de ocupar seu lugar:

- Só espero que tenha pelo menos se lembrado de dar os parabéns a sua esposa no dia de hoje..

Só então Luís Paulo caiu em si e bateu com a mão na testa numa careta. Havia esquecido o aniversário de Cenyra. Moneda, que conhecia os dois desde os tempos de faculdade, tinha um carinho todo especial pela esposa do amigo. Fora ela a única que o consolara na época em que Lorraine falecera, a pessoa que mais se empenhara em ajudá-lo a sair da depressão em que ele mergulhou. Por isso, além de ser-lhe eternamente grato, ele jamais permitiria que alguém a magoasse. Nem mesmo Luís Paulo.

"Assim que acabar a reunião eu ligo para ela", decidiu Luís Paulo, morrendo de vontade de acender outro cigarro. Sentou-se em sua mesa e iniciou a reunião como se nada houvesse acontecido. O encontro começava sempre com uma avaliação do programa que tinha ido ao ar no domingo anterior, quando a equipe discutia quais as reportagens haviam funcionado melhor, o que faltou, como foi a audiência etc.

-Marcela, você gostaria de começar? -convidou Luís Paulo.

Estava, contudo, tão absorvido pelos próprios pensamentos, que mal conseguia prestar atenção ao que estava sendo dito. Deveria aceitar aquela matéria? Moneda era tinhoso, não iria desistir facilmente. E se ele continuasse se negando? Será que Moneda teria a coragem de mandá-lo embora? E Cenyra, como estaria Cenyra? Será que tinha sido rude demais com ela naquela manha

Jamais, em tantos anos de casados, ele esquecera o dia de seu aniversário!

- Você não acha, Luís Paulo? - a pergunta de uma das repórteres chamou-o de volta à realidade.

- Desculpe, estava pensando numa pauta que Moneda me sugeriu, voei completamente - ele justificou-se. - Mas o que era mesmo que você estava dizendo?

Moneda olhou para ele, surpreso, mas não fez qualquer comentário. Como diretor, não tinha obrigação de assistir às reuniões de pauta dos diversos programas jornalísticos produzidos pela emissora, mas tinha uma predileção especial pelo "Isto é Incrível", onde havia trabalhado muitos anos na função agora ocupada por Luís Paulo, e fazia questão de participar de cada etapa de realização do programa. Até porque, por seu altíssimo ibope, o "Isto é Incrível" era uma espécie de "menina dos olhos" da TV Paladium.

- Eu disse que acho válido a gente continuar a série sobre as baleias, você não acha? - repetiu a repórter.

- Eu já penso que a questão dos ratos transgênicos é muito mais interessante - argumentou outro rapaz no quadrado seguinte.

- Pois eu acho que a tônica do programa tem que ser o carnaval -interferiu Moneda. - Semana que vem já é carnaval!

- Moneda está certo - concordou Luís Paulo. - Vamos discutir todas as pautas ligadas ao carnaval, em seguida decidimos o que inserir no espaço restante.

- Com destaque para a matéria do Luís Paulo sobre a síndrome do pânico, é claro - alfinetou o diretor, olhando sugestivamente para o editor "-chefe.

- O Luís Paulo vai fazer essa matéria? - comemorou Marcela. - Que legal!

Luís Paulo chegou a abrir a boca para discutir, mas achou melhor não dizer nada. Por mais que fosse amigo de Moneda, não podia desacatá-lo na frente da equipe. Mais tarde voltariam a conversar. "Eu não vou fazer essa matéria!", garantiu a si próprio antes de continuar a reunião.

XXVIII

- Está me dando uma vertigem... - avisou Noêmia.

Ainda no apartamento de Cenyra, Paloma, desesperada, tentava orientar a mãe para que não caísse do parapeito onde estava sentada, no janelão da área de serviço do andar debaixo.

- Mamãe... - ela escolhia as palavras com medo de derrubá-la com um grito mais forte. - Pelo amor de Deus, não se mexa, não olhe para baixo! Eu estou indo imediatamente para aí!

- Paloma! - sussurrava Noêmia, olhando para cima. - Tenha muito cuidado! Nossa casa está cheia de bandidos, é preciso chamar a polícia!

u - Fique calma, dona Noêmia! - pediu Cenyra, enquanto Vinícius saía com Paloma pela porta dos fundos e os dois corriam em direção às escadas. - Vai ficar tudo bem.

- Eu estava justamente tentando fugir para o apartamento do lado, mas então me deu essa vertigem e... Ahhhhhn! - ela inspirou o susto. -São eles! Eu estou cercada! Paloma!

Florence e os meninos acabavam dc descobri-la e tentavam, cautelosos, convencê-la a descer.

-Tia Noêmia, como foi que... - percebendo o perigo, ela achou melhor mudar de estratégia e foi se aproximando em passos curtos, quase imperceptíveis - Olhe, eu sou a Florence, filha da sua irmã Aretusa, a senhora não se lembra?

- Mãe Santíssima! E uma quadrilha especializada! Ela sabe até o nome da minha irmã! - disse Noêmia, com as duas mãos fincadas no parapeito. - Não se aproxime!

Mamãe, já chega! - gritou Paloma, entrando desarvorada pela entrada de serviço.

Parado na porta, sem saber direito o que fazer, Vinícius não pôde deixar de reparar em Aline, no quanto era bonita. Quem seria ela? -pensou consigo.

-Então a senhora esqueceu que Florence e os meninos vieram passar uma temporada aqui no Rio? São seus sobrinhos, deixe de bobagens! - Paloma estendeu a mão para ajudá-la a descer.

-A senhora esteve lá em casa no Natal, em Florianópolis, não se lembra? - tentou ajudar Aline.

- Em Natal ou Florianópolis? - confundiu-se Noêmia, tentando localizar-se no tempo e no espaço.

- Florianópolis, tia - explicou Aline. - Naquela casa onde tinha o relógio que foi da senhora, não está lembrada?

-Ah, o relógio...

Noêmia segurou na mão de Paloma e, sem parar de olhar desconfiada para Aline, desceu finalmente do parapeito amparada por Rafael e Florence.

- E quem é este outro aí que está na porta? - ainda perguntou.

- E o Vinícius, mamãe, filho da Cenyra do 302!

-Ai, sei... - tornou ela, pensativa. - Não foi isto mesmo que eu disse?

- É, mamãe, foi...

Paloma e Florence a conduziram até a mesa da cozinha, seguidas por Demóstenes e Têmis, que o tempo todo haviam estado junto de Noêmia, fortalecendo-a com seus pensamentos para que não perdesse o equilíbrio.

- Bem que Aretusa disse. O caso dela é grave... - comentou Têmis.

- Por isso estamos aqui - reiterou Demóstenes.

Chegando à cozinha, ele aproximou-se de Florence e tocou na base de seu crânio, fazendo com que se lembrasse de um caso recente que acompanhara no hospital de Florianópolis e rapidamente associasse os sintomas.

- Paloma - ela disse, enquanto a prima preparava uma água com açúcar para a mãe e outra para si própria -, será que o problema da tia Noêmia não é mal de Azheimer?

- Será? - ela estendeu o copo a dona Noêmia. - Tome isso aqui, mamãe. Vai lhe fazer bem.

- Por que está me dando remédio? - protestou Noêmia. - Eu não estou sentindo nada, você sabe que eu não gosto de remédios!

- Não é remédio - Paloma explicou, acostumada a lidar com a mãe.

- E suco de maçã - se dissesse que era água com açúcar, Noêmia fatalmente iria dizer que não estava nervosa.

- Ali, bem - concordou ela, tomando a água em seguida.

- Eu tenho certeza - insistiu Florence. - Só pode ser. Me lembro, inclusive de ter ouvido um médico explicar que, ao contrário do que se acreditava até poucos anos atrás, velhice não implica em decadência intelectual. "Uma das maiores contribuições da pesquisa sobre o Azheimer", ele disse, "é mostrar que não existem velhos gagás e sim pessoas doentes".

-Tão sem gosto estas maçãs... E puro açúcar! - comentou Noêmia, fazendo uma careta para o copo.

- Faz sentido... - refletiu Paloma. - Sabe, há tempos eu desconfiava de que não podia ser simplesmente uma arteriosclerose, mas Lucila é teimosa... Vou ver se consigo marcar uma consulta para ela hoje mesmo

- prometeu, antes de virar rapidamente o copo na boca. - Mas me fale mais sobre esta doença. O que é exatamente o mal de Azheimer?

- O que é exatamente eu não sei se vou conseguir dizer pra ti. O que eu sei é que ele causa uma espécie de degeneração contínua dos neurônios, que vão se apagando na cabeça da pessoa até ela perder a noção de tudo o que aprendeu desde criança. As vezes, chega a um ponto em que o paciente começa a ter dificuldades para andar, para falar e até mesmo para engolir alimentos.

- Saint-Germain! - Paloma mostrou-se preocupada. - Isto mata?

- Bem, pelo menos a senhora que acompanhei não morreu de Azheimer - rodeou Florence, não querendo ferir a prima.

- Mas ela morreu?

- Sim.

- De quê?

- De pneumonia. Quase sempre os portadores padecem de alguma complicação associada ao mal, corno uma pneumonia ou alguma outra infecção, mas não do mal propriamente dito. Mas é como se ele facilitasse

0 caminho para as outras doenças, tu entendes? Por isso é importante que procures logo um médico, de preferência um especialista neste assunto.

- Eu vou até lá dentro descansar um pouco. Este seu suco me deu um sono... - disse Noêmia, que até então parecia fixada em um mundo à parte, com os olhos grudados no branco dos ladrilhos da parede.

Demóstenes fez um sinal de cabeça para Têmis e os dois desapareceram em seguida. Ainda tinham uma tarefa a cumprir antes de retornarem à colônia.

Enquanto isso, alheios à gravidade do assunto que era tratado na cozinha, Vinícius, Aline e Rafael conversavam na área de serviço sobre as praias de Florianópolis:

-Vou dizer uma coisa pra ti: se tu gostas mesmo de praia, não existe In ir como Florianópolis. Ao todo são quarenta e duas na ilha e mais de vinte bairros do continente que fazem parte da capital - explicava Aline, toda saudosa.

-Deve ser alucinante-imaginou Vinícius, cada vez mais encantado com jeito de Aline.

- Melhor de mais bom é a do Santinho-disse Rafael, sem notar a careta desaprovativa de Vinícius ao ouvir a estranha expressão utilizada. -Lá tu podes encontrar sinais deixados por povos ancestrais que viveram na ilha ha mais de cinco mil anos. É muito *show*! -continuou empolgado.

-Ah, Rafael, deixa de milonga (30)Tu estás dizendo isso só porque me ouviste falar a mesma coisa para Chuva quando ela esteve lá! - Aline se irritou.

- Hi, soranga!(31) Pensas que todo mundo é que nem tu? Fui eu que falei isso pra Chuva lá em Florianópolis!

"Cada palavra que eles falam!", Vinícius pensou consigo. Chuva, que naquele momento voltava da aula de inglês, ouviu seu nome ao descer do elevador e estranhou aquele bate-boca. Estranhou mais ainda ao perceber que a porta de serviço do apartamento não estava trancada, mas apenas encostada.

- O que é que vocês tanto falam de mim aí? - disse, empurrando a porta. -Ainda bem que tu chegaste! - gritou Rafael, indo ao seu encontro.

- Fui eu ou foi Aline quem te falou daquela praia dos sambaquis?

- Aquela das inscrições pré-históricas? Não sei, acho que foram os dois, eu... - ela se interrompeu ao deparar com Vinícius sentado em cima da máquina de lavar. - O ... o ... oi! - gaguejou, nervosa.

- E... - ele pulou imediatamente da máquina e adquiriu uma fisionomia contrita. - Na verdade só vim aqui por causa da sua avó - explicou depressa.

- Da minha avó? - Chuva olhou instintivamente para a porta da cozinha. - O que houve com a minha avó?

30- Papo, conversa furada.

31- Pessoas perturbada, tonta

- Nossa, Chuva, uma confusão que nem te conto! - disse Aine.

- Mas ela está bem? - preocupou-se Chuva.

-Tá, nem te esquenta. Aqui... vamos fazer uma coisa? - sugeriu Rafael.

- O que acham da gente continuar essa conversa naquele parque lindo lá embaixo?

- No parque Guinle? Bem, eu... - Chuva não sabia como agir, a presença de Vinícius a desconcertava completamente.

Vinícius também já arquitetava uma maneira de explicar que precisava voltar para casa por causa do irmão, sem entrar em muitos detalhes, quando Aline pediu:

-Ah, vamos lá, gente! Também estou louca para dar uma volta nesse parque!

"A essas alturas o Vítor já deve ter se entendido com a mamãe" - ele calculou. Estava completamente enfeitiçado por Aline; faria qualquer coisa para passar mais alguns minutos a seu lado.

- Tudo bem - disse por fim. - Vamos?

- Então vamos - sorriu Chuva, achando que era por causa dela que ele concordara.

Há tempos esperava por uma oportunidade de poder conversar com Vinícius; o parque era o lugar ideal. Tinha sido lá que eles haviam

começado a namorar, seis meses atrás. Já estavam de saída, quando encontraram Clarinha, que ia bater na porta naquele instante.

- Essa aqui é minha irmã! - apresentou Rafael.

- Eu vi de manhã, quando ela chegou... Tudo bem? - disse Clarinha, doce.

-Tudo - respondeu Aline, seca. - Você é a Clarinha?

- Eu mesma! - ela sorriu toda simpática.

- A gente vai lá no parque Guinle, tá a fim? - perguntou Rafael. -Ah, não posso... - lamentou a menina. - Minha mãe não gosta que eu vá lá sozinha...

- Mas como sozinha, se a gente vai junto? - estranhou Aine.

- É que a minha mãe acha que sempre que não tem adulto junto, é a mesma coisa que a gente estar sozinha...

- E no entanto não se importa que você durma na casa dos outros... - provocou Aline, enciumada.

Rafael e Chuva a repreenderam com o olhar. Era como se dissessem: "Você tinha que falar isso?"

- É que a minha mãe é esquisita mesmo... - respondeu Clarinha em sua simplicidade infantil.

- O elevador chegou! - avisou Vinícius.

- A Florence taí? - perguntou Clarinha. Parecia ansiosa para encontrá-la.

-Tá, sim. Entra lá! Mais tarde a gente se fala! - despediu-se Rafael. Florence estava sozinha lavando a louça quando ela entrou e a abraçou por trás, numa brincadeira de susto:

- Bú!

- Clarinha! - ela virou-se e abaixou-se para abraçá-la. - Já de volta?

- Pois é- explicou ela, com seu jeito de mocinha. - Minha mãe pediu para eu vir aqui avisar à Paloma que ela não vai poder fazer massagem hoje. Está muito a tarefada com os preparativos para a festa no sábado! - justificou, fazendo gestos com a mão para imitar o jeito de falar afetado da mãe. Você vai na festa, não vai? Florence estalou lhe um beijo no rosto:

- Tu és muito fofa, nau sabes? Não sei dizer por que, mas parece que te conheço desde que você nasceu!

-Também adorei você! - disse ela, toda dengosa. - Posso te ajudar um pouquinho? O que você está fazendo?

Florence sorriu enternecida. Era tão grande o carinho, a afinidade que ela tinha com aquela menina. Nem parecia que haviam se conhecido há menos de vinte e quatro horas:

- Estava pensando em fazer um pavê bem gostoso para levantar os ânimos do pessoal aqui de casa, o que é que tu achas?

- Ótima ideia! - adorou Clarinha. - Adoro pavês! Você vai fazer com biscoitos de maisena ou de champagne?

- Qual dos dois tu preferes?

- Depende do creme! - respondeu a menina, sacudindo levemente a cabeça num beicinho.

- Então nós vamos fazer a minha especialidade: torta alemã com creme de manteiga! - anunciou Florence, já tirando os ingredientes da geladeira.

- E bom? - quis saber Clarinha.

- E ótimo! Mas para dar certo é preciso conhecer o segredo.

- Qual?

- Primeiro é preciso bater o açúcar com a manteiga e os ovos até formar uma mistura bem branquinha. Enquanto estiver amarelo, não está bom... - ela começou a quebrar os ovos no pote. - E tem outra coisa! A pessoa não pode bater o creme de leite na batedeira junto com os outros ingredientes. O creme deve apenas envolver a massa, misturando-se levemente aos ingredientes, não sabes?

- Só de ouvir você falar já fiquei com água na boca! - confessou Clarinha. - Aposto que você cozinha muito bem!

Sem parar de conversar um instante, as duas dispuseram os biscoitos no pirex, molharam-nos com o licor de amêndoas que Florence encontrou na dispensa, acabaram de preparar o creme e arrumaram as camadas. Já cuidavam da calda de chocolate para finalizar o pavê quando a campainha tocou.

- Devem ser os meninos! - disse Florence, apagando o fogo.

- O cheirinho está maravilhoso - comentou Clarinha, inspirando o mais fundo que podia.

- Não te atrevas a colocar o dedo! - alertou Florence, já girando a chave para abrir a porta. - Está muito quente e... - ela quase caiu para trás com o que viu.

Parado a sua frente estava Maurício, segurando um lindo vaso de orquídeas. Ele estava limpando um pouco de terra que havia respingado nas folhas, de modo que reparou apenas no avental diante de si:

- Oi! A Cenyra es... - ele elevou os olhos e a reconheceu. - Você?!! Boquiaberto, ele deixou o vaso escorrer de suas mãos. Parada a seu lado, Têmis abriu um largo sorriso para Demóstenes.

XXIX

- Tu tens algum irmão? - perguntou Aline, olhando para Vinícius pensativa. - Sabes, hoje cedo, quando cheguei no prédio, encontrei um rapaz que tinha alguma coisa parecida contigo...

Os quatro desciam uma rampa de pedras que funcionava como atalho do edifício para o parque e ia desembocar bem em frente a um lago, em cujo centro havia uma simpática casinha de pombos em estilo art nouveau. Os pombos, por sua vez, estavam quase todos pousados no alto da pequena gradinha verde que cercava o lago.

- Xô! Xô! - brincou Rafael, correndo para assustá-los.

Em frente ao lago, ficava o imenso portão antigo que demarcava a entrada do parque e uma pracinha de areia com brinquedos, rodeada por comprido banco de cimento. Estava cheia de crianças, mães e babás.

- Parecido comigo? - estranhou Vinícius, que se lembrou logo do irmão. Já ouvira diversas vezes aquele comentário. Ele, pessoalmente, achava-se completamente diferente do irmão. Vítor era magrelo, franzino, as feições eram delicadas como as da mãe. Já ele, além de mais alto e mais moreno, tinha os músculos bem definidos e traços fortes como os do pai. Luís Paulo dizia que ele tinha o tipo ideal para apresentador de programas esportivos. Vítor era mais cientista, não se preocupava muito com a aparência; parecia mesmo viver só para livros. Todavia, ainda assim, era comum as pessoas o associarem ao irmão. Talvez por causa dos olhos rasgados, de sobrancelhas grossas.

- Em que exatamente ele era parecido comigo? - Vinícius quis saber mais detalhes.

- Que tal se a gente se sentasse naquele banco ali no alto do lago? -sugeriu Chuva apontado para cima, numa tentativa de desviar o assunto.

Era um banco de madeira pintado verde, desses bem antigos, com base de ferro assento duplo. Tanto se podia sentar nele de um lado, quanto do outro, dependendo do local da paisagem que se quisesse apreciar. No alto havia outra pracinha de areia, cheia de balanços e crianças; olhando-se para baixo via-se um pequeno filete de água, que escorria por entre as pedras formando outro pequeno laguinho.

- Eu adoro este lugar - comentou Chuva, sentando-se de frente para o lago.

-Ah, eu acho que prefiro este outro lado - disse Aline, sentando-se de frente para o parque. - A vista é mais ampla!

- Que maneiro este parque! - comemorou Rafael, sentando-se ao lado da irmã. - Deve ser muito legal morar aqui em frente!

-Aqui tem de tudo. Desde as crianças e o pessoal que faz caminhadas até os mendigos que vêm tomar banho no filetes de água que escorrem por toda parte - disse Chuva, sem muito entusiasmo.

- E esse pessoal dormindo? - estranhou Aline, apontando para dois homens que cochilavam em um banco mais adiante.

- Em geral são trabalhadores das imediações. Eles costumam vir aqui para fazer uma pequena sesta na hora do almoço - explicou Vinícius.

- Que louco! - observou Rafael.

Vinícius apoiou apenas a perna no assento e permaneceu de pé diante dos dois.

- Mas você ainda não me disse. Em que exatamente o tal cara era parecido comigo? - insistiu, encarando Aline.

Chuva não gostou. Rapidamente mudou-se para o lado dos primos com a fisionomia emburrada. Não podia perceber que, embora sentada diante de Vinícius, Aline rememorava a fisionomia de Vítor, com os olhos brilhando:

-Acho que era o jeito de olhar... - continuou Aline. - Não sei ao certo. Foi tudo tão rápido. Era um rapaz bem magrinho, assim... Um pouco abatido e... O cabelo era mais comprido, mas não deu para ver muita coisa. Nos encontramos num esbarrão na porta do elevador. Se não me engano, não eram nem sete horas ainda - contou ela.

Vinícius ficou um pouco intrigado com aquilo. Pela descrição, parecia que ela estava mesmo falando do irmão dele. Mas era completamente impossível que Aine tivesse visto Vítor. Há meses que ele não "saía de casa. Muito menos sozinho e de manhã cedo.

- Será que não era mesmo o Vítor? - deduziu Chuva, querendo entrar na conversa.

- Vítor é o irmão dele? - quis saber Aline.

- E, pela descrição parece que... - tentou dizer Chuva.

- Não... Tenho certeza que não... Talvez fosse o Ivan - Vinícius desconversou, lembrando-se de que o vizinho do primeiro andar também era bem magro e saía todos os dias bem cedinho para fazer aulas de remo. - Era mulato?

- Claro que não, né? Se fosse eu não ia achar que era teu irmão! -Aline imaginou que era óbvio.

- E o que é que tem demais? Sabe lá se a mãe dele é negra? - interferiu Rafael. - Liga, não, cara. Minha irmã é mazanza mesmo, só diz bobaisada.

Inconscientemente, por puro ciúme, ele tinha mania de desfazer de Aline sempre que percebia que algum rapaz estava interessado na irmã.

- Ih! Porta-me lá, Rafael! Vai posar noutro lugar que aqui não tem garapuvuü! - espinhou-se Aline.

- Como é que é? - estranhou Vinícius. - Não estou entendendo nada do que vocês estão dizendo! Parece até outra língua!

- E assim mesmo - comentou Chuva. - Quando eles começam a falar com as gírias de Florianópolis, a gente não entende nada. Traduz aí, Rafael!

Aline e Rafael riram envergonhados, perderam até o impulso para a discussão.

- O que é que vocês não entenderam? - perguntou Aline. -Tudo! - disseram Vinícius e Chuva juntos.

- Mazanza é pessoa tola, apatetada, tansa não sabem? Só diz bobeira, bobagem, bobaisada - explicou Rafael. - Assim que nem a Aline...

- Tansa! - repetiu Chuva, querendo agradar Vinícius. - Essa palavra é muito engraçada!

- E "porta-me lá" a gente diz quando a pessoa é desprezível, não importa. Que nem o Rafael, entendem? - disse Aline.

- E esse negócio de gapuru...garapu... - tentou lembrar Vinícius. -Vai posar noutro lugar, que aqui num tem garapuvuü! - repetiu

Aline, rindo. - E a mesma coisa, quer dizer que a pessoa não é bem-vinda.

- Garapuvu é uma árvore bem alta, de flores amarelas, muito utilizada na construção de embarcações - explicou Rafael.

- E a árvore símbolo de Florianópolis! - acrescentou Aline.

- Muito demais! - comentou Vinícius, que não estava conseguindo disfarçar o quanto Aline o fascinava com aquele seu sotaque ilhéu.

Chuva mais uma vez percebeu e não gostou.

- Você tem namorado em Florianópolis? - ele perguntou, confirmando suas suspeitas.

-Você vai à festa sábado, Vinícius? - ela tentou de novo mudar de assunto depressa, para não deixar que Aline respondesse.

- Festa? Que festa? - ele não sabia de nada.

- O aniversário da Jaqueline, da cobertura! Todo o prédio foi convidado! - garantiu Chuva.

- A mãe da Clarinha? - lembrou Rafael.

- Ela mesma. Vai ser o máximo! Soube que ela ganhou do marido um forno artesanal para assar pizza, igual a esses de restaurante. Clarinha me disse que ela contratou um pizzaiolo italiano para cuidar de tudo. Vai ter até música ao vivo!

- E a gente também vai poder ir nessa festa? - animou-se Rafael.

- É claro que sim. Vai todo mundo, até a Florence - garantiu Chuva. Ouvindo isso, Vinícius logo se interessou.

- Você vai, Aline?

- Não sei, acho que sim - ela desconversou, começando a perceber o olhar zangado da prima.

Sabia que Chuva havia terminado com o namorado do prédio, mas desde que chegara não tinham tido muito tempo para conversar. No meio daquela confusão com Noêmia, nem lhe passara pela cabeça que o filho da amiga de Paloma viesse a ser exatamente o ex-namorado de Chuva. Pelo que agora notava, no entanto, não só era ele o rapaz, como, ainda por cima, o caso entre os dois não estava lá muito bem encerrado. Estava escrito nos olhos de Chuva que ela continuava apaixonada por Vinícius. "Ai, minha Nossa Senhora do Desterro", pensou consigo. "Só espero que Chuva não esteja chateada comigo!"

- Rafael, vamos até lá em cima comigo ver de perto o palácio do governador? - disse ela, piscando discretamente para Chuva, enquanto se levantava.

- O governador mora lá? - empolgou-se Rafael, só então percebendo a linda mansão que ficava do lado oposto onde estavam, bem no alto do parque.

- Mora! Até 1975, aliás, aqui era a residência oficial dos presidentes da república - comentou Vinícius.

- Sério? - empolgou-se Rafael.

- Até o final do século XIX tudo isto aqui fazia parte de uma chácara, que foi adquirida por um rico empresário carioca, o Eduardo Guinle, que dá nome ao parque - acrescentou Chuva, sempre erudita. - Inicialmente ele utilizava o local como reserva de caça, até que decidiu construir um palacete que, se não me engano, foi adquirido em 1946 pelo governo federal, passando então a se chamar Palácio das Laranjeiras e a hospedar as visitas ilustres do ministério das relações exteriores. Só depois da inauguração de Brasília, em 1960, foi que passou a residência oficial dos presidentes da república.

- Nossa, como você sabe de tudo isso? - admirou-se Vinícius.

- Está escrito numa placa, logo na entrada do parque, você nunca viu? - ela respondeu, quase metida.

- Nunca parei para ler... - confessou Vinícius.

-Vamos lá ver Rafael? - sugeriu novamente Aline, vendo que Chuva estava começando a ficar irritada.

- Eu vou até lá com... - Vinícius já ia se prontificar a acompanhá-los, mas Chuva o segurou pela mão.

- Espere. Eu preciso conversar com você.

Sem jeito, ele voltou a sentar-se ao lado dela, enquanto Aine e Rafael se afastavam.

- Desde que eu voltei de Florianópolis até hoje a gente ainda não se falou direito... - rodeou ela, procurando um jeito de tentar consertar o que não tinha mais conserto.

- Pensei que você já tivesse dito tudo no dia em que a gente terminou - disse Vinícius, tenso.

- Naquele dia eu estava nervosa... Você sabe, acabei falando um monte de coisas que não devia... - lamentou ela.

- A verdade é que o nosso namoro não tava legal - sintetizou Vinícius. - Nem para você, nem para mim. Foi melhor a...

- Você ficou chateado porque eu fui para Florianópolis, não foi? Mas na véspera você também ficou de ligar para mim e...

- Chuva! - ele a interrompeu olhando fundo em seus olhos. - Nosso namoro não terminou porque você foi viajar, mas por uma série de coisas que já vinham acontecendo antes desse lance da viagem...

- Eu sei, eu devia ter sido mais compreensiva. Você me falou que o seu irmão estava com problemas... Devia ter imaginado que, se você não me ligou naquele dia, foi porque...

- Eu não estou falando do meu irmão! - ele a segurou pelo braço para que parasse.

Chuva sentiu seu corpo esquentar com aquele simples toque; parecia mesmo que seu coração estava batendo exatamente no lugar onde ele estava segurando.

- O negócio é que, hoje em dia, os namoros não são mais como antigamente - continuou ele, soltando seu braço. - As pessoas se permitem uma intimidade, um carinho mais intenso... - ele não sabia como dizer diretamente que não estava disposto a esperar até o casamento para experimentar um relacionamento mais íntimo, como ela queria.

- E se eu te disser que eu estou disposta a repensar minha opinião? –Ela disse baixinho, chegando seu rosto bem próximo ao dele.

- Chuva, eu...

Ela o beijou antes que ele pudesse dizer que não. A princípio, ele relutou, mas acabou correspondendo. A verdade é que ainda sentia atração por ela

Era hora do almoço, as mães c babás começavam a recolher as crianças que brincavam ali perto.

- Eu tenho que subir - ele disse, -Hoje é aniversário da minha mãe. Tava a maior confusão lá em casa quando eu saí. Mais tarde a gente conversa.

- Você me liga? - ela perguntou, insegura.

- Ligo.

Depois que ele foi embora, Chuva ainda ficou alguns instantes pensativa debaixo de uma árvore, acompanhando com os olhos o trajeto de

Vinícius pelo terreno inclinado que ladeava o lago, até chegar ao pequeno caminho de pedras que ia dar em frente ao edifício. Sentia que algo havia mudado entre eles. Era horrível essa sensação. Lembrou-se dos tempos em que os dois namoravam no parque, naquele mesmo local, de quando ela corria entre as árvores brincando de fugir de seus abraços até que ele a agarrava num longo beijo. A vontade que tinha agora era de chorar, abrir o maior berreiro. Parecia que algo havia se apagado dentro dele, não havia mais o mesmo calor em seu beijo. Mas, ainda assim, ela estava disposta a usar todas os seus ardis femininos para reconquistá-lo. "Ele ainda vai dizer que me ama", prometeu a si mesma antes de sair em busca de Aline e Rafael.

"E se ele estiver a fim de Aline?", não pôde deixar de perguntar-se, porém, no momento em que se encontrou com os dois e percebeu os olhos da prima procurando por Vinícius de maneira interrogativa.

XXX

- Meu Deus! O vaso se espatifou! - exclamou Florence, compungida, abaixando-se para colher os cacos.

A verdade é que não sabia o que dizer. Sonhara tanto com aquele reencontro e, no entanto, agora que ele estava ali diante dela, não tinha a menor noção de como agir. A barriga doía nervosa, as mãos tremiam geladas. "Será que estou arrumada direito?", foi a primeira coisa que lhe passou pela cabeça. Tinha os cabelos presos para trás num rabo de cavalo baixo e o rosto quase sem maquiagem.

- Não se preocupe com os cacos! - Moneda a segurou pela mão, fazendo-a levantar-se. - Deixa eu olhar para você...

- Mas a plantinha... - ainda tentou fugir Florence, sentindo seu rosto enrubescer.

Os olhos dele, porém, foram mais fortes do que todas as suas reservas Parecia mesmo que brilhavam duas estrelas dentro de suas pálpebras de tão iluminados. Ficaram alguns instantes ali parados, como que enfeitiçados um pelo outro.

- Se soubesse como esperei pelo seu telefonema... - ele deixou escapar.

Como eu podia te ligar se não tinha o teu telefone? - estranhou Florem e, soltando-se das mãos dele.

- O cartão! Você não recebeu as flores que te enviei?

- Flores? Que flores?

- Orquídeas! Mais precisamente dendróbios amarelos!

- Como? Florence não entendia nada de orquídeas.

- Você pode não acreditar, mas desde aquele dia eu não consegui parar pensar em você... - ele disse, num ímpeto de coragem.

-As flores! – Sem, de fato, conseguir acreditar no que ouvia, ela voltou a lembrar-se do vaso espatifado no chão. -Talvez pudéssemos transplantá-las para um outro vaso... - ela abaixou-se e colheu com cuidado a planta com raiz, examinando-a. Era uma orquídea maravilhosa, de talos curtos, muito floridos, que saíam de uma pequena touceira, onde já despontavam vários novos talos -Que planta mais bonita... - depositou-a com cuidado sobre o piso a seu lado e começou a fazer um montinho com a terra que se havia espalhado.

Ele agachou-se a seu lado e pôs-se ajuntar os cacos do vaso espatifado. "Como podem ser tão parecidas?", pensou consigo, sem querer lembrando-se da esposa morta. Nesse minuto, seus olhos perderam um pouco o brilho.

Florence, por sua vez, não conseguira engolir aquela história de flores. Não tinha recebido flor alguma. A única coisa de que conseguia se lembrar era dela mesma sentada sozinha naquele bar, olhando as horas passarem no relógio. Mas por que ele mentiria? E o que estaria fazendo ali? Como descobrira seu endereço no Rio? Só então lembrou-se que ele falara em uma tal de Cenyra. Já ouvira aquele nome, mas não se lembrava onde. Teria ele uma namorada que por uma incrível coincidência do destino morava justamente naquele mesmo prédio?

- Eu a trouxe para a esposa de um amigo que faz aniversário hoje -ele explicou, acarinhando docemente a orquídea que acabara de pegar sobre o vestido de Florence. - Só que não venho aqui há tanto tempo que acabei confundindo o apartamento...

- Ai! - o olhar dela iluminou-se novamente. - Cenyra é a amiga da Paloma que mora aqui em cima. O teu amigo é um que trabalha no programa "Isto é Incrível"?

- Exatamente. Você os conhece? - estranhou Moneda. Era muita coincidência se fosse verdade!

- Florence, precisa de ajuda? - Clarinha apareceu na porta.

- Sim! - ela levantou-se com as mãos cheias de terra - Será que tu poderias pegar pra mim uma vassoura, uma pá e... algum recipiente para eu colocar esta terra?

- E pra já! - a menina correu a atendê-la.

Moneda levantou-se sustentando a plantinha na palma da mão e ficou olhando para ela intrigado.

- Por que me olhas desse jeito? - ela perguntou sorridente.

- Ela te chamou de Florence! Seu nome não é Aline?

Florence corou novamente de vergonha. Só então se lembrou que havia dito o nome da filha com medo de seus próprios sentimentos, numa tentativa de não se comprometer. Só não imaginava naquela ocasião que iria passar meses envolvida pela lembrança daquele estranho que agora batia-lhe à porta como um presente dos deuses. Como explicar tudo isso a ele sem se expor em demasia?

- Bem... Entre! - ela convidou, tentando ganhar tempo. - Você já almoçou?

-Você ainda não respondeu à minha pergunta! - ele insistiu, ainda parado com a plantinha na mão.

Ela abaixou os olhos envergonhada, mas logo teve uma ideia:

- Florence é um apelido! - disse de um rompante. - E que gosto muito de flores, não sabes?

- Puxa... - ele se convenceu rapidamente e pareceu ainda mais fascinado diante daquela informação. - Então, da próxima vez que nos encontrarmos, vou te trazer um diamante negro!

Parada na porta, com a mão cheia de terra, Florence não sabia se perguntava o que era um diamante negro, se gritava para que Clarinha andasse mais depressa ou se insistia para que ele entrasse. E ainda era preciso encontrar um meio de dissolver a mentira do nome que começava a ganhar a forma de uma bola de neve.

- E uma orquídea rara, cor de carmim e labelo escuro e brilhante... - ele percebeu que Florence continuava sem entender. - Desculpe, leio tanto sobre isso que acabo me esquecendo de que nem todo mundo entende de orquídeas. Labelo é a pétala superior das orquídeas, maior e de coloração distinta das demais...

- Deve ser muito bonita - respondeu Florence sem-graça.

- Serve esta bacia? - Clarinha chegou finalmente.

- Serve! - Florence soltou a terra aliviada. - Entre um instante - insistiu para Moneda. - Tenho certeza de ter visto um vaso vazio ali perto do tanque, vamos tentar replantar as flores. Afinal, tu não podes chegar de mãos vazia na casa de tua amiga, não é verdade? Clarinha, por favor, seria demais pedir para que tu recolhesses aqueles cacos que ficaram no corredor?

- Deixa comigo! - ela correu animada a atender a solicitação da amiga. Adorava varrer, mas em sua casa nunca tinha esta oportunidade. A mãe dizia que certas tarefas uma mocinha jamais deveria fazer, sob o risco de precisar fazê-las depois pelo resto da vida. Clarinha achava ridícula aquela argumentação. Adorava lavar louças, fazer comida, tirar a poeira dos móveis e todas essas coisas que a mãe julgava menores e insuportáveis.

Enquanto ela varria satisfeita o corredor, Florence e Moneda, defumados sobre a máquina de lavar, esmeravam-se no transplante da exuberante orquídea. Era até engraçado vê-los ali tão concentrados naquela operação, ela toda suja de terra, ele de terno e gravata.

-Pronto. Acho que ela vai ficar bem - disse Moneda, apalpando a terra de maneira cobrir melhor as raízes.

Mas ainda sobrou este galhinho, que separou-se dos outros na hora em que os colocamos no vaso - disse Florence, apreciando o galho inteiramente florido que unha nas mãos.

- Não tem problema. Você tem aí outro vaso? - perguntou Moneda, arregaçando as mangas do paletó com as pontas dos dedos sujos, como que preparando se para mais uma operação.

Florence olhou rapidamente em torno, vasculhou toda a área de sei viço até encontrai o pequeno vaso esquecido no peitoril da janela, próximo ao quarto esotérico de Paloma.

- Este aqui serve? Está cheio de terra seca...

- Melhor ainda - disse Moneda com um sorriso, pegando-lhe o vaso das mãos. - Molhando um pouco ela fica no ponto!

Deslumbrada, Florence se manteve a alguns passos de distância, observando a rapidez e a habilidade com que ele preparava a terra, o cuidado com que inseriu aquele galho e suas raízes ali no meio. Era um galho pequeno, exatamente proporcional ao vaso. Do jeito como Moneda o arrumou no centro, ficou parecendo um ikebana, um daqueles arranjos japoneses.

- Este é seu! - disse, estendendo-o a Florence num sorriso.

- Puxa... - mais uma vez ela ficou sem saber o que dizer, olhando maravilhada para o vaso, enquanto ele lavava suas mãos no tanque. - E o presente mais lindo que eu já recebi na vida...

- Que bom que gostou! Agora preciso ir - ele anunciou, consultando o relógio.

- Mas...

- Estou na minha hora de almoço, não posso deixar de entregar esta encomenda antes de voltar para o trabalho.

- Que pena... - disse Florence enternecida. - Mas... você disse encomenda? Não era...

- E que sem querer você me deu uma ideia. Mas tudo isso é uma longa história. Mais tarde eu te conto. Você aceita jantar comigo hoje à noite? - ele convidou, já se encaminhando para a porta.

Florence queria gritar que sim, pular no pescoço dele e dizer que aceitaria acompanhá-lo até o final do mundo, se preciso fosse. Mas o inconsciente lembrou-a de que era preciso ser prudente. Ele era um homem, o fato de se parecer com um ator de cinema e presenteá-la com uma magnífica orquídea não queria dizer que ele fosse necessariamente diferente dos outros homens. Era preciso muita cautela. Até porque era mãe de dois filhos, não era mais uma menina.

- Bem eu... - ela titubeou, dividida.

- Às oito e meia está bom para você? - ele perguntou, olhando no fundo de seus olhos, pronto para abrir a porta do elevador.

Era impossível resistir àqueles olhos enigmáticos. Só de olhar para eles, Florence sentia um calafrio na espinha e aquela dor nervosa na barriga.

- Acho que sim - ela sorriu vencida.

Minutos depois, ele tocava a campainha do apartamento de Cenyra e estendia-lhe as flores dizendo:

- Encomenda especial para a aniversariante!

- Moneda?! Para mim? - ela abriu a boca, surpresa e emocionada.

- Foi seu marido quem me pediu para entregar! - ele respondeu num largo sorriso.

XXXI

- Não é justo ela fazer isto comigo! Não é justo! - protestava Vitor irritado, andando de um lado para outro do quarto.

Sentia-se só e desnorteado. A mãe jamais o tratara daquela maneira. Aliás, há mais de uma hora que ele esperava que ela aparecesse no quarto, para dar-lhe uma satisfação, um pedido de desculpas que fosse, mas ela nada. De certo, andava contando seus problemas particulares para alguma outra visita; ele ouvira a campainha.

- Hoje ele está no ponto, Sanchez! - comemorou um dos espíritos deformados que habitualmente o cercavam.

- Sabe que às vezes fico com pena dele quando ele está assim? - comentou o outro, pensativo.

- Pena? Como você pode ter pena dele? Então não se lembra do que Oto nos contou? Ele merece estar passando por isso! Torturou muitas pessoas no passado em nome de sua vaidade. Queria dominar o inundo com seus conhecimentos, sua ganância, sua arrogância!

- E no entanto agora não consegue dominar nem a si mesmo... -observou Sanchez. - Talvez você tenha razão, Menelau, ele merece mesmo passar por tudo isso. Do contrário, provavelmente já estaria envolvido em novas experiências genéticas.

- Nós não podemos deixar que ele realize esse sonho. Seria um risco para humanidade. Afinal, ele não mudou nada! - garantiu Menelau.

Embora não pudesse ouvir-lhes a conversa, Vítor sentia-se angustiado. Como estivesse magoado e revoltado, seu organismo absorvia, como uma esponja, todos os fluidos de mágoa e revolta que eram emanados por aquelas entidades. Os três vibravam na mesma sintonia. "Eu não quero entrar em pânico", pensou consigo, com medo de que uma nova crise estivesse se anunciando.

-Toda vez que você fica angustiado, ela vem. Pode contar que vem! Menelau sussurrou lhe aos ouvidos.

Vitor sentiu um calafrio Não era possível. Ele estava tomando os remédios, esforçando-se ao máximo para melhorar. 'A coisa' não podia vir de novo, ele não podia deixar. Mas ele sabia que os remédios demoravam pelo menos duas semanas para começar a fazer efeito, continuava, portanto, indefeso diante do pânico. O que fazer?

Pela segunda vez naquele dia, lembrou-se então da médica. "Talvez devesse mesmo procurá-la, não aguentava mais se sentir assim", cogitou, enquanto pingava quatro gotinhas de floral sob a língua. Talvez Olívia estivesse certa. Se para vencer o problema fosse preciso mudar realmente alguma coisa em si mesmo, ele estava disposto a tentar. Não tinha a menor noção do que precisava ser mudado, mas queria descobrir. Ainda que fosse necessário submeter-se à tal terapia de vidas passadas, ainda que ele não acreditasse em reencarnação. Mas era preciso fazer alguma coisa. Ele não podia mais continuar sofrendo daquele jeito. Se continuasse assim, iria acabar triste e sozinho; sua própria família já não gostava mais dele como antes.

- Sua mãe está agora mesmo lá na sala, falando mal de você para outra pessoa - disse Sanchez, captando-lhe o ponto fraco.

- Desse jeito todos vão me odiar! - Vítor pensou nervoso, internalizando as sugestões do obsessor.

De imediato pensou na menina do elevador e sentiu muita aflição. E se ela também descobrisse que ele era um panicoso? Não, ele não podia deixar que a mãe o destruísse daquela maneira, que continuasse a contar para todo mundo a sua história. Primeiro os amigos do prédio, agora esta outra vizinha... "Será que deveria ir até a sala ver com quem ela estava conversando neste momento?", cogitou, sentindo as mãos geladas. "Não, eu não vou", decidiu, lembrando-se mais uma vez da médica. "Antes de mais nada, preciso me acalmar". Sentou-se então diante do relógio e procurou concentrar-se no exercício de respiração.

Enquanto isso, na sala, Cenyra e Moneda, que acabara de chegar, conversavam no sofá.

- Tem certeza de que não quer nada? Um cafezinho, um refrigerante, um suco? - perguntou Cenyra, preocupada.

- Não se preocupe com isso, acabei de almoçar - respondeu Moneda, gentil. - A única coisa que eu quero é saber se você aceita o meu convite.

-Ah, Moneda... Eu adoraria, mas acho que não vai ser possível. Vítor está passando por uma fase muito difícil e... - ela escolhia as palavras para não expor novamente a doença do filho.

- Eu estou ciente do problema, o Luís Paulo comentou comigo. Ele também não anda nada bem... Justamente por isso, eu acho que seria muito bom se vocês aceitassem. Não tem nada demais, só vamos sair para jantar!

Cenyra ficou surpresa ao saber que o marido havia confiado em Moneda. Luís Paulo era tão fechado, dificilmente se abria com alguém. Sim, isso demonstrava que ele não estava tão distante como ela imaginava. Também estava preocupado com Vítor, embora não demonstrasse. Luís Paulo era realmente um homem surpreendente. Quando ela poderia imaginar que ele pudesse encomendar a Moneda uma orquídea especialmente para presenteá-la em seu aniversário? Com toda certeza, ele dissera todas aquelas coisas de manhã num momento de raiva e agora estava envergonhado. Por isso mandara Moneda. Sabia que, se ele pessoalmente a convidasse para jantar, ela diria que não por causa de Vítor, mas um convite partido de Moneda...

-Ali, Moneda, eu gostaria muito dc aceitar, mas como é que eu vou fazer com Vítor? - ela ponderou, triste. - Agora há pouco, cheguei a pensar em sair com ele e o Vinícius para almoçar na rua, mas, só de pensar na hipótese, ele começou a passar mal e...

- Mas é claro que você vai! - disse Vinícius, que acabara de entrar em casa e sem querer ouvira o final da conversa. - Eu fico com Víctor.

- Grande garoto! - Moneda levantou-se para cumprimentá-lo. - Quando é que você começa seu estágio lá na emissora?

- Eu acabei de terminar o segundo período - respondeu Vinícius, animado. - Quando você acha que seria bom começar?

- O ideal é no quarto período, mas se quiser começar antes, sempre se pode dar um jeito - o diretor prometeu.

- É tudo que eu quero! - comemorou Vinícius sorridente.

- Então, logo depois do carnaval, dê uma passada na minha sala, para a gente combinar tudo direitinho, está bom assim? - ele consultou rapidamente o relógio e levantou-se para ir embora. - Agora eu realmente preciso ir. Anda tenho de enfrentar mais três reuniões esta tarde! Posso passar às oito e quarenta para buscar vocês? - perguntou, já calculando o intervalo de tempo que gastaria entre um andar c outro.

- Bem... Anda não falei com o Luís Paulo, eu... - Cenyra ainda estava confusa.

- Pode deixar que eu combino tudo com ele - garantiu Moneda. -Quero aproveitar para apresentar a vocês uma pessoa - ele sorriu ao pensar em Florence.

- Uma pessoa? - Cenyra também sorriu surpresa.

- Por acaso ela está hospedada no apartamento de uma vizinha sua. Paloma, se não me engano... - ele tentou lembrar-se.

-A prima da Paloma! - deduziu Cenyra. - Mas de onde você a conhece? Vinícius arregalou logo os olhos. Também estava curioso para saber mais detalhes sobre os novos vizinhos.

- É uma longa história - despistou Moneda. - No jantar a gente (onversa. Agora, realmente preciso ir.

Enquanto Cenyra e Vinícius conduziam Moneda até a porta, no quarto, depois de muitas expirações e inspirações profundas, Vítor tomava uma decisão, talvez a mais importante de sua vida:

- Quer saber? Eu vou descobrir quem é aquela menina. Mas antes de lazer isto, eu vou ligar para a doutora Olívia. Se ela tiver um horário para me ver, eu vou até lá. Nem que seja de noite, depois de todas as i (insultas! Minha mãe, com certeza, vai adorar me levar!

XXXII

- Será que eu me precipitei? - Moneda perguntou-se, enrolado em uma toalha, tomando nas mãos o retrato de sua esposa Lorraine que ficava sobre a mesinha de cabeceira.

Depois de um dia tão intenso, sentia-se agora inseguro, quase culpado ao olhar para a foto de Lorraine. Afinal, teria ele o direito de reconstruir sua vida depois de tudo o que acontecera? Seria correto envolver-se com uma outra mulher?

Curiosamente, o que mais o atraía em Florence era também o que mais o incomodava. Ela parecia uma cópia de Lorraine, embora aparentemente as duas tivessem personalidades bem diferentes. Estaria de fato apaixonado por Florence, em quem não conseguia parar de pensar desde aquela noite na praia Mole? Ou estaria apenas atraído pela imagem de Lorraine que ela carregava impressa em seus traços?

Recolocou o retrato de Lorraine em cima da mesinha. "Talvez fosse mais do que isso o que ele sentia", cogitou, enquanto esparramava perfume pelo corpo ainda molhado do banho. Interessara-se por Florence antes mesmo de descobrir a incrível semelhança entre as duas. No momento em que seu coração bateu mais forte, estavam os dois numa praia escura, ele mal podia ver seu rosto. A primeira coisa que mexeu com ele não foi a imagem de Florence, mas as palavras dela, sua voz, sua dor, quase tão abstrata quanto a dor que ele mesmo sentia.

Era como se naqueles instantes que passaram juntos à beira do mar ambos fossem puramente essências, casualmente revestidas de corpos físicos, porém acima de tudo essências vivas e afins, que magicamente se comunicavam em perfeita sintonia. "Será que ela também sentira a mesma coisa que ele?", questionava-se.

Abriu o armário para escolher uma camisa. Sentia a alma inquieta pela proximidade do momento do tão esperado reencontro. "Será que iria dar certo aquele jantar?", não conseguia parar de perguntar-se. Talvez houvesse inconscientemente montado uma armadilha para si próprio ao convidar Cenyra e Luís Paulo para acompanhá-los, ponderava, enquanto se vestia. Mas tudo acontecera de maneira tão inesperada...

Quando saíra do restaurante da emissora e correra até em casa para buscar uma orquídea para Cenyra, planejava apenas fazer uma surpresa para uma amiga muito querida. Todavia, desde o minuto em que pisara no edifício, tivera a sensação de que alguma inexplicável e misteriosa força comandava seus passos. Seria apenas uma impressão?

Enquanto se arrumava, ele ia mentalmente recapitulando os fatos fora do comum que haviam se sucedido ao longo da tarde. Primeiro acontecera o engano de apartamento. Moneda havia entrado no prédio de Luís Paulo com a certeza de que os amigos moravam no 302. Há tempos não os visitava, mas trazia aquele número guardado na memória. Como o porteiro não estivesse na portaria, não teve como confirmar. Estranhamente, aliás, a porta estava aberta e a portaria vazia. "De certo, o porteiro não deve estar longe", pensou consigo naquele momento, enquanto verificava a garagem através da pequena porta que encontrara semi-aberta ao lado do elevador. Mas também não havia ninguém na garagem: o jeito era subir sem avisar.

Foi quando sentiu-se assaltado por aquela dúvida. Não seria no 202? Era quase como se alguém sussurrasse-lhe ao ouvido: "o apartamento é o 202". No momento em que entrava no elevador, a dúvida transformou-se numa certeza tão forte que ele acabou apertando o botão do segundo andar. E então acontecera o encontro imprevisto.

Também de repente viera aquela ideia de dizer à Cenyra que fora Luís Paulo quem lhe enviara as flores. E, na casa de Cenyra, sentira-se subitamente dominado por uma vontade irresistível de convidá-los para o jantar.

Sem falar no ímpeto que, horas antes, o fizera encomendar a Luís Paulo a matéria sobre o pânico. A bem da verdade, só havia dado ao amigo o livro sobre transtornos mentais no dia anterior porque lembrara que Cenyra gostava muito de ler sobre esses assuntos psicológicos. Como as coisas haviam se juntado em sua cabeça exatamente no momento em que discutia com Luís Paulo no corredor?

Tudo isso era curioso na medida em que Moneda não costumava agir por impulsos. Ao contrário, pensava minuciosamente cada um de seus passos com antecedência.

-O que será que está acontecendo comigo? - perguntou-se, enquanto arrumava a camisa para dentro da calça, sem poder perceber a presença de espíritos iluminados que ainda o rodeavam.

"O fato, porém, é que tinha visto naquelas ideias que magicamente lhe surgiram na cabeça uma oportunidade de ajudar aqueles amigos de que tanto gostava, e só por isso as acatara", disse a si mesmo. "Vai ver que foi isso. Eu queria tanto ajudar que acabei ativando o meu inconsciente, de onde vieram certamente todas essas ideias. Mas... e quanto ao encontro com a moça de Florianópolis?", questionou-se ainda em busca de uma explicação racional. "Como meu inconsciente poderia saber que ela estava hospedada justamente no mesmo prédio de Cenyra e Luís Paulo?"

- Bem, só espero que Aine - ele não conseguia chamá-la de Florence - simpatize com eles... - acrescentou alto, dando uma última olhada no espelho. - A Lorraine era tão difícil neste aspecto... Morria de ciúmes de todos os meus amigos... Taí. Se Aline passar nesta prova, vou ter a certeza de que devo realmente me envolver com ela...

Eram sete e vinte da noite. Ansioso, Moneda já estava pegando as chaves do carro para sair quando o telefone tocou. Era Florence.

-Alô, quem? - disse ela, no jeito típico das pessoas falarem ao telefone em sua cidade.

Maurício Moneda não entendeu de imediato, achou que era alguma brincadeira.

- Com quem deseja falar? - respondeu, áspero. Florence, no entanto, o reconheceu:

- Oi... Aqui é a Floren... quer dizer, a Aline - corrigiu a tempo. - Graças a Deus que te encontrei em casa. Minha prima Paloma pegou teu telefone com a Cenyra, espero que não estejas chateado por eu estar te ligando...

- Claro que não! - sua voz mudou ao saber que era ela. - E uma alegria ouvir a sua voz! Mas... o que foi que aconteceu? Você parece um pouco agitada...

"Será que ela ficou sabendo que convidei Cenyra e Luís Paulo para saírem conosco e não gostou?", foi a primeira coisa que lhe veio à mente. Mas Florence logo dissipou suas suspeitas preocupadas:

- Aqui em casa está a maior confusão, nem sei como te explicar -disse, nervosa. - Minhas duas primas estão brigando muito, elas acabam de descobrir que minha tia sofre de mal de Alzheimer. Ou melhor, a Paloma acaba de voltar do médico e a Lucila está revoltada porque não aceita este diagnóstico...

- Como assim não aceita o diagnóstico? - estranhou Moneda.

- Só um instantinho... - pediu Florence.

Ela tapou a boca do fone para tentar acalmar as primas:

- Lucila, por favor, tenha calma. Fui eu quem sugeri que Paloma... Lucila, porém, não lhe deu atenção. Continuou seguindo a irmã aos berros pela casa. Parecia transtornada. Do telefone, Moneda podia ouvir o bate-boca entre as duas.

- Quem é esse médico? Com ordem de quem você foi procurá-lo? -gritava Lucila.

- Pois fique você sabendo que eu não preciso de ordem para cuidar da saúde da minha mãe! - vociferou Paloma, com o dedo no nariz da irmã.

- Ah é? No entanto você se esquece de que eu também sou médica! - respondeu Lucila.

- Maurício, tu ainda estás na linha? - Florence voltou ao telefone.

- E, parece que a coisa está feia por aí... - considerou Moneda. - Você precisa de ajuda?

-Acho melhor não. Elas ficariam ainda mais aborrecidas se alguém de fora interferisse, não sabes? Queria apenas que tu não ficasses chateado comigo... Não vai dar para sair daqui hoje...

- Entendo... - respondeu Moneda, um pouco frustrado. - E claro que eu queria muito te ver, mas... E amanhã, você já tem alguma coisa para fazer?

Florence respirou fundo antes de responder, por alguns instantes até se esqueceu da briga entre as primas. Em seu contentamento, ouvia as duas discutindo, mas não lhes percebia as palavras. Era como se houvesse mergulhado em outra dimensão, quase como se ela fosse novamente uma adolescente conversando ao telefone com seu quase namorado.

- Não, não tenho... - respondeu, com o coração disparado. - Quer dizer... - ela lembrou-se de repente. - Puxa vida!

- Você também não pode?

-E que amanhã vai ter uma grande festa, aqui no prédio mesmo... Parece, inclusive, que todo o edifício foi convidado... - ela respondeu triste.

-Mas você tem mesmo que ir a essa festa? - Maurício ainda insistiu.

-Acho que sim... Te lembras daquela guriazinha que estava comigo na cozinha quando apareceste?

- Sei - respondeu ele.

- Pois é. A festa é da mãe dela; na verdade eu nem conheço ninguém, mas prometi a ela que iria. Tu sabes como é criança, se a gente promete...

- Que pena... - ele respondeu reticente.

Florence aguardava, na linha, ansiosa para que ele lhe perguntasse pelo domingo. Quem sabe um cinema, um lanche ou mesmo um passeio na praia? Imaginava já se vendo novamente num carro ao lado dele. Adoraria conhecer qualquer lugar do Rio na companhia de Maurício. Tímido, porém, ele perdeu a coragem de fazer novo convite. Até porque, se ela negasse mais uma vez, ficaria semjeito de tentar de novo em uma outra oportunidade.

- Então tá... - ele despediu-se. - Fica para outra vez...

- E, fica para outra vez... - ela repetiu, com muita vontade de dizer mais alguma coisa. Mas também não teve coragem. Tinha medo que ele pudesse achá-la oferecida. - Um beijo grande pra ti...

- Outro, maior ainda, pra ti - ele imitou seu jeito de falar. Florence desligou o telefone sorrindo, sob a gritaria das primas.

Sua vontade era beijar o aparelho. "Ele era tão...", mal sabia como defi-im para si. "Como um homem daquele podia ter passado dezoito anos sozinho?" Se ele soubesse o quanto ela desejava aquele encontro, como i Ia queria que ele insistisse mais um pouco... "Fui mesmo uma tansa", recriminou-se. "Devia ter inventado qualquer desculpa para Clarinha e..." - ela subitamente teve uma ideia. "E se eu o convidasse para ir à festa comigo? Talvez não houvesse nenhum problema. Paloma disse que a mãe da Clarinha convidou tanta gente..."

Pegou novamente o fone, disposta a fazer o convite. Deteve-se, contudo, antes de discar o primeiro número. Achou que não ficaria bem ligar duas vezes seguidas para a casa dele. Além disso, talvez fosse melhor falar primeiro com Paloma, saber se não havia mesmo nenhum problema. As primas, porém, continuavam gritando como duas loucas na sala.

"Ai, meu Deus, será que eu ligo?", perguntou-se mais uma vez. "Bom mesmo seria se ele ligasse de volta e..." - sua fisionomia mudou de repente.

Só então ela se deu conta de que ele não havia pedido o número de seu telefone.

"Ah, eu tenho é que deixar de ficar imaginando coisas", pensou sentida. "Vai ver ele só estava tentando ser gentil, dojeito que é educado deve ter se sentido na obrigação de me convidar para sair. Deve ter sido isto... Se estivesse mesmo interessado, teria ao menos perguntado meu telefone... E eu querendo convidá-lo para ir a uma festa onde nem eu mesma conheço as pessoas... Quer saber? Deixa para lá. Não foi para isto que eu vim ao Rio", ela tentou conformar-se, antes de correr para a sala para apartar Paloma e Lucila, que agora engalfinhavam-se no sofá.

Mal sabia ela que, do outro lado da linha, Moneda também estava arrasado. "E pensar que fiquei sonhando o dia inteiro com este encontro...", ele repreendeu-se, ainda com a mão pousada sobre o aparelho. Se ela ao menos o tivesse convidado para acompanhá-la na tal festa... Não que gostasse de festas. Muito pelo contrário, vivia arrumando desculpas para não comparecer às inúmeras recepções para as quais sempre era chamado. Era realmente avesso a reuniões sociais. Preferia sempre ficar em sua casa, lendo um livro, ouvindo uma boa música ou mesmo assistindo sozinho a um DVD no imenso telão que tinha na sala. Todavia, queria tanto estar com ela que concordaria até em participar de um ensaio de escola de samba se ela assim o desejasse, embora também odiasse samba.

- E se eu ligasse contando que recebi dois convites para o ensaio do Salgueiro amanhã à noite? Será que ela mudaria de idéia? - cogitou, já tirando o fone do gancho novamente.

Só no momento em que se preparava para discar, porém, se deu conta de que não tinha o número. Vasculhou rapidamente a sala em busca de um catálogo, mas, ao encontrar finalmente o volume, lembrou-se que os telefones do Rio eram agora setorizados. O catálogo da Gávea, onde morava, não incluía endereços da área do Flamengo, onde ficava o parque Guinle.

Já estava pronto para ligar para Cenyra, pedindo socorro, quando ocorreu-lhe uma outra ideia: "Ela falou que todo o prédio havia sido convidado para a tal festa. Se é assim, Luís Paulo e Cenyra também foram convidados. E se eu os convencesse a ir a essa festa e me levar com eles? Mas..." - ele se lembrou do problema de Vítor. "Será que vão poder sair dois dias seguidos?", questionou preocupado. "E se eu os convencesse a trocar o jantar de hoje pela festa de amanhã, será que ficariam muito chateados? Não..." ele desistiu em seguida. "Eles precisam muito deste jantar. Seria muita maldade fazê-los mudar de planos quase na hora de sair..." ele consultou o relógio. Eram dez para as oito; se fosse acompanhá-los, era hora de ir.

"Mas será que faz sentido eu sair sozinho para jantar com eles hoje à noite?", questionou-se já diante da porta. "Se Aline fosse comigo, não teria o menor problema. Mas eu sozinho no meio dos dois, segurando vela?"

- O ideal seria que os dois saíssem hoje, só eles, e amanhã nos encontrássemos para a tal festa. Quem sabe o Vinícius não fica de novo com o Vítor? - disse alto para si.

Resolveu então ligar para sondar as possibilidades. Estava ocupado. "Aine era mesmo uma danadinha", pensava consigo divertido, enquanto esperava um pouco para discar novamente. "Como ela havia conseguido despertar nele a vontade de ir a uma festa? E ainda por cima de penetra!" E o pior era que ele mal podia esperar pela hora de chegar na tal festa!

XXXIII

- Eu te proíbo de dar qualquer remédio à mamãe antes de ouvir o parecer de um médico de minha confiança! - gritava Lucila, agarrada aos cabelos da irmã.

- E por causa de médicos como você que a mamãe está cada vez pior! - reagiu Paloma, empurrando Lucila longe.

Por sorte, Aline, Rafael e Chuva não estavam ali para presenciar a cena. Pouco antes de Lucila chegar, haviam descido para tomar um sorvete ali perto.

- Gente, pelo amor de Deus, parem com isso! - interferiu Florence, colocando-se entre as duas. - Será que não dá para vocês conversarem como gente civilizada? O que é que os meninos iriam dizer se vissem vocês duas se atracando desse jeito?

As duas abaixaram os olhos envergonhadas, depois sentaram-se no sofá, cada qual de um lado da sala. Pareciam mesmo duas garotas em idade escolar. A verdade é que ambas estavam transtornadas com a confirmação de que Noêmia realmente sofria de mal de Alzheimer.

- Como o médico chegou a este diagnóstico? Posso saber? - perguntou Lucila, espremendo nervosamente as mãos.

- Ele fez uma tomografia computadorizada da mamãe e também alguns testes de memória - respondeu Paloma.

- E concluiu o quê? Que ela sofre de uma degeneração senil? - deduziu Lucila, levantando-se de um ímpeto.

- Sim, ele concluiu que realmente ela sofre de uma degeneração senil, contudo em um estágio extremamente avançado para a idade dela. A mamãe não tem nem setenta anos para estar caducando desse jeito! -redarguiu Paloma.

- E os exames de laboratório? Ele não pediu nenhum exame de laboratório? - insistiu Lucila, ainda querendo provar que o médico consultado não tinha bases para tal diagnóstico.

Florence não se conteve e interferiu novamente:

- Lucila levou os exames que tia Noêmia havia feito na semana passada, a pedido do outro médico. Como tu mesma deves ter constatado, realmente não existe nada de errado com tia Noêmia, a não ser um avançado quadro de arteriosclerose...

- O médico explicou que, quando existem problemas de demência, após eliminar a possibilidade de todas as outras doenças que causam os mesmos sintomas, como disfunções da tireoide, derrame e depressão, as suspeitas recaem sobre o Azheimer - complementou Paloma.

- É um diagnóstico por exclusão - considerou Lucila, sentando-se novamente. - Sinceramente, eu tenho muita dificuldade de crer no que ainda não foi devidamente provado... Por mais que eu estude, não consigo aceitar esse negócio de diagnóstico por exclusão, tão comum ultimamente...

- Tu não podes ser radical, Lucila - argumentou Florence. - Tens de pensar que, quanto antes for iniciado o tratamento, mais chances tia Noêmia terá para vencer a doença! Você é uma médica!

- Mas não existe cura para Alzheimer, será que vocês não entendem isso?

Lucila sabia o que era mal de Alzheimer. Todavia, por razões emocionais, parecia acreditar que, pelo fato dela não aceitar que a mãe estivesse acometida pela doença, esta simplesmente deixasse de existir.

- Pelo que o médico explicou a Paloma, a única expectativa de que se dispõe neste momento é justamente fazer com que a doença evolua mais devagar, através do uso constante de medicamentos. Enquanto isso, a cura pode até aparecer - lembrou Florence.

- Mas a mamãe não está tão ruim assim, ela apenas...

Neste minuto, as três tiveram sua atenção voltada para Noêmia, que vinha lá de dentro carregando algo embrulhado em uma colcha.

- Pssst! - ela pediu fazendo sinal com o dedo. - Vocês querem parar com esta gritaria! Não vêem que a menina está dormindo?

Ela se aproximou um pouco mais e as três puderam então reparar que dentro do embrulho estava Pupu, a bonequinha de estimação que Florence deixara no quarto que agora dividia com Paloma, Chuva e Aline.

- É muito bonita sua filhinha Florence... - Noêmia continuou, olhando embevecida para a boneca. - Acho que ela tem os traços da Aretusa você não acha?

-Mamãe não possível que...

Lucila conseguiu terminar a frase. Deixou-se cair sentada no sofá e escondeu o rosto entre as mãos, chorando em silêncio. Parecia finalmente ter compreendido que a situação que tinha diante de si não podia ser interpretada como um simples e corriqueiro sinal de envelhecimento

Enquanto isso, no andar de cima, uma outra cena patética se desenrolava:

- Mãe, pelo amor de Deus, você não pode fazer isso comigo! - implorava Vítor, nervoso, chorando diante do espelho do banheiro da suíte, onde Cenyra se maquiava.

Havia passado a tarde inteira trancado no quarto, sem querer falar com ninguém. Por horas e horas ficara encarando a extensão de telefone sobre a escrivaninha, tentando criar coragem para ligar para a psicóloga. Quando finalmente abrira a porta, ansioso para contar à mãe que tinha conseguido falar com Olívia e que a terapeuta aceitara vê-lo naquele dia, por volta das nove horas da noite, após encerrar sua última consulta, fora surpreendido pelo irmão, que lhe comunicara, sem qualquer cuidado maior, que os pais iriam sair naquela noite para jantar. Vítor ficou desnorteado.

-Vítor, meu filho, não fique assim... - pediu Cenyra, acarinhando seu rosto. - Eu não vou abandonar você, apenas vou sair com seu pai e alguns amigos para comemorar o meu...

- Você sabe que eu não posso, que eu não consigo ficar sozinho em casa! - Vítor continuava a chorar desesperado.

- Mas você não vai ficar sozinho em casa, filho - ela tentou explicar, paciente. - O Vinícius vai ficar aqui com você. Se você quiser ir até a médica, ele pode perfeitamente...

- Eu não vou conseguir ir sem você, mãe, eu...

- Que palhaçada é essa Vítor? - irritou-se Vinícius, entrando também na suíte. - Não foi você mesmo quem pediu hoje à tarde para que eu o levasse para falar com a tal médica? Por que naquela hora eu servia e agora não sirvo mais?

- Não sei... - respondeu Vítor, ainda chorando como uma criança. -Naquele momento eu queria mostrar para ela que era independente, que podia dar uma virada na minha vida...

- E agora não quer mais? - insistiu Vinícius. - Qual o problema de eu te levar no consultório da médica? Que diferença há entre agora e hoje de tarde? Responda, Vítor!

A pergunta ficou pairando no ar por alguns instantes. Lágrimas escorriam dos olhos de Vítor, quando ele explicou:

- De tarde ela estava em casa... Eu sabia que a qualquer momento poderia ligar e, se fosse preciso, ela ia encontrar comigo no consultório...

- Ora, você está parecendo um bebezão idiota! - estourou Vinícius. - E pensar que eu quase caí na sua conversa...

- Por favor, parem com essa discussão! Daqui a pouco seu pai chega da rua e aí eu não quero nem pensar na confusão que vai dar! - pediu Cenyra, também começando a ficar nervosa.

Luís Paulo havia descido rapidamente para comprar cigarros. Pela primeira vez desde o Natal ele e Cenyra haviam se entendido. Ao voltar do trabalho trazendo-lhe um lindo anel de ouro de presente, ele a encontrara toda derretida por causa das orquídeas que Moneda lhe entregara "a seu pedido". Sem coragem de contar à esposa a verdade e ainda por cima pasmo com a concordância dela em sair para jantar, ficara tão agradecido ao amigo diretor que começara até a pensar na possibilidade de fazer a matéria sobre o pânico que este lhe encomendara.

"Podia começar entrevistando a tal psicóloga de Vítor... Cenyra me disse que ela trabalha com regressão de memória, seria um enfoque interessante...", ele pegou-se pensando, enquanto seguia pela rua em direção ao prédio. "Podia também entrevistar aquele psiquiatra que deu o diagnóstico, para dar uma noção mais exata do problema. O que foi mesmo que ele explicou?" Só então Luís Paulo percebeu que não sabia praticamente nada a respeito da doença do filho.

Fora junto com a esposa aos primeiros médicos, mas depois afastara-se, alegando que não podia ficar tirando folgas e mais folgas no trabalho. Desde então, só se inteirava do que se passava com o filho através dos relatos de Cenyra e, ainda assim, nos últimos tempos, com raiva de Vítor por causa de sua crise no casamento, nem mais consultava a esposa sobre os últimos acontecimentos. Acompanhava o drama do filho como quem assiste esporadicamente aos capítulos de uma novela, sem saber sequer direito o nome das personagens envolvidas.

Talvez Moneda tivesse razão, reconheceu no minuto em que chegava à entrada do prédio. Ele, como repórter, tinha, mais do que qualquer pai em sua mesma situação, a obrigação de informar-se sobre o assunto. Elaborando uma boa reportagem poderia ajudar ao filho, a si mesmo e também a inúmeras outras pessoas que estivessem passando por aquele mesmo drama.

Ao abrir a porta de casa, Luís Paulo encontrou Cenyra, toda arrumada, sentada ao lado do telefone, cancelando o jantar:

- Moneda, infelizmente não vai dar... Vítor não está nada bem. Outra hora a gente conversa. Só queria que não ficasse aborrecido conosco... Festa? E, ela nos convidou, sim, mas acho muito difícil... De qualquer forma, amanhã a gente se fala... Obrigada... Outro, fica com Deus...

No momento em que desligava o telefone, ela deu de cara com Luís Paulo, parado a sua frente, e ficou lívida como se acabasse de ver um fantasma:

- Luís Paulo, eu... - procurou nervosamente as palavras para justificar-se. Para sua surpresa, no entanto, Luís Paulo não esbravejou, nem xingou Vítor. Inexplicavelmente, nem parecia aborrecido. Sentados ambos a seu lado no sofá, os meninos também olharam espantados para o pai. Vítor ainda fungava as derradeiras gotas de seu pranto.

- O que aconteceu? - Luís Paulo perguntou tranquilo, tomando a mão da esposa com suas duas mãos.

-A culpa é toda minha, pai... - respondeu Vítor, nervoso. - Eu não queria estragar a noite de vocês, na verdade nem sabia que tinham planejado sair para jantar...

-Ah, não venha de novo com esse papo de coitadinho! - protestou Vinícius, levantando-se irado. - Por que é que você não diz logo para o papai que cismou que a mamãe tem que levar você na médica agora de noite, no dia do aniversário dela?

- Na... na... não é bem assim - tentou explicar Vítor, morrendo de medo do pai. - Eu só queria que ela fosse comigo. Ma... ma... mas não tem nenhum problema. E... e... eu telefono de novo para a médica e ma... ma... marco para amanhã. Pronto.

- Nada disso - disse Luís Paulo, encarando-o. Vítor mal podia crer, mas havia ternura em seu olhar. - Se você não está bem, se acha que não tem condições de ficar em casa sozinho com Vinícius, eu vou com sua mãe levá-lo na médica - decidiu, tirando um cigano do bolso em seguida.

XXXIV

-Vamos entrar? - Olívia disse a Vítor, após ser apresentada a seu pai. Luís Paulo levantou-se de imediato, achando que o convite também o incluía. Cenyra o puxou delicadamente pelo bolso, tentando fazer com que voltasse a se acomodar no confortável sofá que ficava na sala de espera, mas ele insistiu.

- Mas nós não vamos com ele? Não foi para isto que nós viemos até aqui?

Parado ao lado da porta, Vítor olhou para Olívia como se pedisse socorro. A terapeuta entendeu.

- Senhor Luís Paulo, o processo terapêutico é individual e estritamente confidencial. Já conversei bastante com sua esposa a este respeito; ela poderá lhe passar as explicações sobre o tratamento, enquanto converso com seu filho. Ao fim da consulta, se o senhor tiver ainda alguma dúvida, estarei pronta a responder a todas as suas questões, ok? - ela prometeu.

- Eu posso fumar enquanto isso? - perguntou Luís Paulo, tenso, já levando a mão ao bolso da camisa.

- Fique à vontade - ela disse, já puxando a porta atrás de si.

Vítor sentou-se na cadeira e ficou um tempo observando os detalhes do consultório. Chamou-lhe a atenção um quadro onde estava retratado Jesus, com a mão direita levantada como se abençoasse as pessoas. A luz que se espargia do ponto onde estava localizado o coração do Mestre criava em torno dele um halo de intensa luz, que parecia realçada pela delicada moldura amarela do quadro. De outra vez em que lá estivera. Vítor não havia reparado em nada na sala.

"Há tanto tempo eu não vejo Jesus...", refletiu em silêncio. Será que ele protegia mesmo todas as pessoas como insistia sempre em dizer sua mãe?

A verdade é que, embora não desacreditasse, nunca sentira brilhar em seu intimo essa fé que inundava sua mãe e tantas outras pessoas que ele conhecia. De mais a mais, não gostava de ficar citando o nome de Jesus a toda hora, por qualquer motivo. Quase tão cético como o pai, achava que isso era coisa de gente fanática.

Lembrou-se, então, mais uma vez da menina com quem esbarrara na saída do elevador. "Graças a Deus", ele dissera a ela. Era engraçado. Até aquele dia jamais havia usado aquela expressão, jamais havia creditado a Deus a responsabilidade por qualquer sucesso ou insucesso em sua vida.

Desde menino, por influência dos colegas que faziam catecismo, aprendera a temer a Deus como o Criador de todas as coisas, aquele que castiga os que lhe desobedecem. Mas Vítor nunca tivera aulas de catecismo. Os pais sempre o haviam deixado a vontade para escolher sua própria religião e ele acabara não escolhendo nenhuma. Talvez por isso não soubesse conversar com Deus nem com qualquer um de seus ditos representantes. Percebia Deus como algo muito distante e impalpável; não se sentia íntimo o suficiente para conversar com Ele. Muitas vezes, empolgado com os avanços da ciência, até questionara Sua existência. "Por que será que naquela hora de sufoco havia se lembrado justamente d'Ele?" Ele mesmo não sabia explicar.

- Você me disse ao telefone que tinha urgência em conversar comigo - Olívia despertou-o de suas reflexões. - Afinal o que foi que aconteceu que o deixou tão mobilizado?

- Passei o dia todo angustiado porque, mesmo usando os remédios que você me convenceu a voltar a tomar, mesmo fazendo todos os exercícios que me ensinou, não estou conseguindo segurar minhas crises. Sempre acontece algo que foge ao meu controle, algo que me tira do prumo e desencadeia emoções com as quais eu não sei lidar... Parece que o mundo inteiro conspira contra o meu esforço de equilíbrio...

- Me fale um pouco sobre estes acontecimentos - pediu Olívia, interessada.

Vítor narrou-lhe então o estranho sonho que tivera com a avó materna, sua tentativa desesperada de superar os próprios limites através dos exercícios de exposição que encontrara na internet, o encontrão com a menina cujo nome ele não sabia, a fulminante paixão que sentira por ela, a certeza de que jamais poderia viver um relacionamento amoroso em função de sua doença.

- Eu não quero mais ser um doente... Não gosto de ser um doente... Por isso vim aqui buscar ajuda... - desabafou por fim.

- Muito bem. O querer é essencial na batalha que vamos travar. Diria mesmo que é nosso aliado mais importante - avaliou Olívia.

- Mas existe também um outro, importantíssimo, que é a conscientização. Somente através de um exame de sua própria realidade, de uma observação imparcial, quase científica, de suas reações, consegue-se um retrato fiel do que se é e do que cumpre fazer para mais amar-se e ajudar-se como segmento imediato do esforço - esclareceu a terapeuta.

- O que você quer dizer com observação imparcial, quase científica? - hesitou Vítor.

- Falo de uma observação desprovida de emoção, sem qualquer sentimento de autocompaixão, como os de autopromoção, de justificativa ou de culpa - ela fez uma pausa antes de prosseguir. - Como você se vê nos dois incidentes que acaba de me contar?

O rapaz cocou a cabeça por alguns instantes antes dc responder. Tanto no sonho quanto no casual encontro com a menina, sentira-se frágil, desprotegido, lutando contra realidades que pareciam extrapolar sua capacidade de agir. Não tinha coragem de descer as escadas escuras que a avó lhe mostrara no sonho, assim como não tivera coragem de conversar com a menina, não conseguira sequer perguntar-lhe o nome, embora se sentisse profundamente atraído por ela. Ao mesmo tempo, sentia-se frustrado, tinha muita vergonha de si mesmo por não dispor dessa coragem. O mesmo acontecera, aliás, quando a mãe e o irmão o convidaram para almoçar no shopping. Havia ficado amedrontado só de se imaginar descendo as escadas rolantes.

-Você já reparou que suas crises parecem surgir sempre impulsionadas por tentativas exacerbadas de superar seus próprios limites? -considerou Olívia, após ouvir seu relato. - Fico com a sensação de que você tenta viver a conclusão das situações sem passar pela etapa de desenvolvimento...

- Como assim? - reagiu Vítor.

- Tudo na vida é um processo, toda história tem começo, meio e fim. Mas parece que você pula as etapas naturais do processo; quer concluir tudo antes de experimentar, de vivenciar as situações. No caso dos exercícios de exposição, por exemplo, se tivesse lido com atenção às explicações, teria percebido que o objetivo desse tipo dc trabalho é justamente a vitória gradual do paciente, passo a passo, um dia de cada vez. Não adianta você se impor uma meta de três quarteirões logo no primeiro dia. É um desrespeito a sua própria realidade, a sua própria capacidade de mudança diante de um quadro já estabelecido.

- Mas eu já fiz esse mesmo trajeto milhares de vezes! Cansei de ir de casa até a pracinha onde fica o quiosque das flores antes da doença! -protestou Vítor.

- Você falou as palavras chaves: antes da doença. Tudo isso foi antes; a doença marcou um novo começo na sua história evolutiva e não dá para raciocinar sem levar isto em consideração. De que adianta a uma pessoa que teve todo o seu lado direito paralisado por um derrame, por exemplo, ficar se martirizando pensando que antes ela escrevia, dançava e fazia uma série de coisas que ela agora não consegue fazer mais?

Vítor comprimiu os lábios como se silenciosamente dissesse: "caramba, ela tem razão!" Há tempos só conseguia sofrer pelas coisas que não conseguia mais fazer e acabava não conseguindo fazer cada vez mais coisas em função de seu sofrimento.

- O que não significa também que essa pessoa nunca mais vá conseguir fazer essas coisas. Para isto, porém, será necessário todo um esforço no sentido de adestrar seu corpo e sua vontade para que ela possa superar seus próprios limites e novamente realizar essas funções. Talvez, no decorrer do processo, ela até descubra que pode fazer outras coisas que antes não fazia. Mas antes de mais nada é preciso reexperimentar os limites. Reaprender a segurar a caneta, reaprender a desenhar as letras, viver intensamente esse processo, sem pular nenhuma etapa. Você compreende o que estou tentando dizer?

Vítor respirou fundo. Lembrou-se de uma senhora, prima de sua mãe, que havia tido todo seu lado direito paralisado por causa de um derrame e conseguira voltar a escrever com a mão esquerda, embora não fosse ambidestra. Levara anos tentando, se esforçando, até que um dia conseguiu.

- O legal é justamente constatar que você pode ir pouco a pouco realizando pequenos passos, pequenas metas que vão fortalecer a sua segurança e a sua autoestima para que, num futuro próximo, você possa dar grandes passos e realizar grandes metas - ressaltou Olívia.

"No caso de uma pessoa que teve um derrame, isto faz sentido", Vítor pensou consigo. Mas no caso dele as coisas não era tão simples assim. Seu problema não era apenas um braço ou uma perna que não obedeciam a seu comando e precisavam ser novamente treinados através de exercícios, mas uma sensação interna que desgovernava todo o seu corpo físico!

- Tudo isso o que você sente chama-se ansiedade - explicou a psicóloga. - A ansiedade traduz desarmonia interior, insegurança e insatisfação. E a crença no inconformismo, do qual decorre a incerteza em torno das ocorrências do cotidiano. Como consequência dessa constante; incerteza e insatisfação, o ansioso perturba a si próprio e a todos a sua volta.

- Mas eu conheço uma porção de gente ansiosa, meu pai mesmo é uma pessoa extremamente ansiosa, e nenhuma dessas pessoas tem crises de pânico - comparou Vítor.

- A ansiedade tem manifestações e limites naturais aceitáveis. Quando se aguarda uma notícia, uma presença, uma resposta, uma conclusão, é perfeitamente compreensível urna atitude expectativa mais ou menos equilibrada. No fundo, todo mundo é um pouco ansioso, porque todo mundo passa por esse tipo de situação que, em certo limite é até saudável, na medida em que funciona como fator motivante. Ela fornece energia para as pessoas enfrentarem as situações.

- E quando é que a ansiedade deixa de ser considerada normal? -ponderou Vítor.

-A ansiedade patológica é aquela que para de te ajudar. Ela te inibe, te impede de agir, te incapacita. Quando a expectativa extrapola para os distúrbios respiratórios, o colapso periférico, a sudorese, a perturbação gástrica, quando se transforma na 'coisa', como você diz, é um sinal de que a ansiedade tornou-se um estado patológico que pode levar a danos ainda maiores.

- E como é que eu vou conseguir viver normalmente com toda esta ansiedade? Como é que eu vou acabar com ela, se ela é mais forte do que eu? - inquietou-se Vítor.

- Não fique ansioso só de pensar na sua ansiedade. Quem sabe as coisas não começam a mudar se você passar a prestar atenção nas armadilhas que prepara para você mesmo?

- E o que é que você chama de armadilhas? - ele quis saber.

- No caso do remédio, por exemplo. Você sabe, porque já foi informado a este respeito e até já viveu essa experiência, que ele demora cerca de duas semanas para começar a fazer o efeito esperado. Ou seja, impedir que você tenha novas crises. No entanto, com apenas uma semana de uso, você já começa a questionar a eficácia do medicamento, passando a acreditar que ele não funciona, quase como se soubesse mais do que o médico que o receitou...

- Não foi por isso que eu parei da outra vez - corrigiu Vítor.

- Claro. Como a sua ansiedade aumenta sempre em um ritmo galopante, quase imediatamente depois de achar que o remédio não funciona, você passa a imaginar a alternativa oposta. E se ele funcionar no tempo previsto e acabar provocando uma lavagem cerebral? Nos dois casos, sua ansiedade trabalha em cima de coisas que podem acontecer e não do que efetivamente acontece. Você percebe isso?

Vítor ficou um tempo olhando para o pé que girava dentro do tênis, na perna que mantinha cruzada sobre a outra. Era difícil aceitar que ela estava mais uma vez descrevendo exatamente o que acontecia com ele.

- E como procederia uma pessoa não-ansiosa neste sentido, você saberia me responder? - perguntou desafiador.

- Talvez passasse a observar de uma maneira otimista as pequenas modificações que começassem a ocorrer a partir da primeira administração do remédio. Pelo que pude notar, você, por exemplo, teve sua tristeza e vazio diminuídos, sentiu até um certo estímulo para fazer coisas que antes não estava conseguindo fazer, como pesquisar na internet sobre o seu problema...

-Você fala como se fosse muito fácil controlar os nossos pensamentos... -Vítor afirmou contrariado.

Olívia percebeu o novo desafio implícito em suas palavras e tentou, com muito carinho, confrontá-lo com sua própria situação:

-Ah, Vítor... - ela disse, em tom amoroso. - Eu sei muito bem que isso não é tão fácil. Sei também o quanto você sofre com isso. Mas também sei que a forma como você vem enfrentando o problema não tem sido muito eficaz, é preciso reconhecer... A conclusão natural é que o pânico está levando você a modificar coisas e atitudes na sua vida.

Vítor sentiu-se confuso. Do jeito como ela falava, não dava para ter certeza se aquilo era uma coisa boa ou uma coisa ruim. O afeto e o interesse da terapeuta atuavam sobre sua sensação de desproteção de uma tal forma que parecia quebrar-lhe todas as suas resistências, toda a sua racionalidade.

- A única coisa que estou te pedindo - prosseguiu ela, carinhosa - é para viver o hoje, o agora, ao invés de ficar tentando imaginar o amanhã da maneira mais pessimista possível.

- Como assim? - ele questionou, ainda confuso.

- Ontem, por exemplo, você conheceu uma garota que te interessou. Mas, ao invés de se mobilizar no sentido de descobrir quem ela é, se mora no prédio etc., você logo a rotula como "a mulher da sua vida" e, em seguida, conclui que ela jamais se interessará por você porque você sofre de síndrome do pânico e ninguém se interessa por um panicoso. Percebe como você novamente antecipa as coisas da maneira mais pessimista possível, pulando todas as etapas do processo?

-Você chama de pessimismo o fato de a pessoa ser realista? - questionou Vítor, sentindo-se novamente irritado.

- E o que você chama de ser realista? Admitir-se um fracassado por não conseguir cumprir uma meta de caminhar três quarteirões sozinho depois de passar mais de três meses trancado em casa, tendo crise atrás de crise? Será que você não está sendo exigente demais com você mesmo? Será que não está se cobrando muito além de seus limites e concluindo antecipadamente que não existe saída para o seu problema?

Vítor fixou novamente os olhos nos pés que movimentava dentro do tênis. Talvez ela tivesse razão, admitia, envergonhado, lembrando-se de que pulara vários parágrafos explicativos do exercício de exposição só para chegar mais rápido ao final do planejamento.

- O mesmo acontece com relação às crises - ensaiou Olívia.

- O que eu posso fazer se elas acontecem a toda hora, sob qualquer pretexto? - explodiu Vítor. - Só de pensar eu já começo a suar frio!

-Você tocou em um ponto crucial. Você vive sempre na expectativa, na iminência de que aquilo está prestes a acontecer. Mas isto não é crise. Chama-se ansiedade antecipatória e não implica necessariamente que você vá viver de novo aquela experiência devastadora. E muito importante saber diferenciar as duas coisas ... Nossa! - ela disse, consultando seu relógio. - O tempo desta vez passou ainda mais depressa. A propósito, semana passada estive remanejando minha agenda e disponho agora de um horário livre às terças-feiras, às dez da manhã. Estaria bom para você?

- Hum, hum - concordou Vítor, levantando-se ainda pensativo.

- Ótimo. Costumo deixar aberto este horário de quarta ao meio-dia para atender às emergências. Então... te espero na terça. Até lá você terá bastante tempo para refletir sobre a sua ansiedade - ela sugeriu, enquanto o acompanhava até a porta. - Procure observar em que momentos ela se manifesta e se existe efetivamente uma razão para isso; tente reparar se está antecipando etapas de alguma coisa quando fica ansioso.

Olívia abriu a porta e Luís Paulo literalmente saltou do sofá em sua direção. A sala de espera era então uma nuvem de fumaça.

- Doutora, eu trabalho no programa "Isto é Incrível" e estou apurando uma reportagem sobre a síndrome do pânico. Será que você teria alguns minutinhos para responder a algumas perguntas?

Vítor olhou incrédulo para o pai, enquanto tossia, incomodado com a fumaça. Agora estava tudo explicado. Não fora por acaso que Luís Paulo acompanhara a ele e à mãe de tão boa-vontade até o consultório. O pai tinha um interesse que, obviamente, não era ele, deduziu com certa decepção. Mas que história seria aquela de matéria sobre a síndrome do pânico?

- Luís Paulo, não seria melhor você marcar uma outra hora com a Olívia para fazer essa entrevista? - sugeriu Cenyra, preocupada com o olhar do filho.

Olívia, porém, acomodou-se com toda calma no sofá e disse:

- Como havia prometido, agora estou pronta a responder a todas as suas questões. Mas imaginei que o senhor quisesse saber especificamente sobre o tratamento de seu filho...

- Na verdade, Vítor é o principal foco de meu interesse, mas, se não se importasse, gostaria de aproveitar suas declarações na matéria...

-Você não vai citar meu nome nessa sua matéria, não é pai? - preocupou-se Vítor.

- Claro que não, filho. Queria apenas poder contar com o depoimento de uma terapeuta de confiança e, já que ela está cuidando do seu caso, achei que seria a pessoa mais indicada... Até porque, pelo que Cenyra me disse, aqui funciona uma clínica dirigida pela Dra. Olívia...

Vítor olhou mais uma vez preocupado para Olívia, mas ela continuava aguardando as perguntas na maior tranquilidade. Parecia mesmo já acostumada com esse tipo de situação. Luís Paulo tirou do bolso uma canela e uma pequena cadernetinha, e começou a anotar freneticamente, enquanto a Dra. Olívia explicava-lhe sobre as possíveis etiologias da doença e os avanços da ciência neste campo. A verdade é que Luís Paulo, embora fosse pai de um portador da síndrome, conhecia muito pouco sobre o assunto.

- Doutora, por que você acha que uma terapia de vidas passadas poderia resolver problemas como o de Vítor? - ele perguntou, afoito como sempre.

- Bom, na minha opinião, a TVP pode ajudar em vários aspectos. Como já tive oportunidade de explicar ao próprio Vítor e à Cenyra, a regressão de memória é uma técnica utilizada para acessar conteúdos registrados na memória do indivíduo dos quais ele não tem consciência, mesmo quando faz esforços na tentativa de rememorá-los. Podem incluir tanto conteúdos de nossas vidas passadas quanto da vida atual que, ou por terem ocorrido na primeira infância, ou por serem muito traumáticos, não estejam 'disponíveis' - ela fez o sinal de aspas - à nossa consciência. Apesar de muito significativos, estes conteúdos permanecem inconscientes e tendem a provocar diversos sintomas e patologias, influenciando comportamentos, reações, sentimentos...

- E que tipo de conteúdos você costuma encontrar na mente de pessoas portadoras da síndrome do pânico? - Luís Paulo a interrompeu, quase sôfrego cm sua ansiedade.

Olívia o olhou com certo espanto. Não podia crer que estivesse ouvindo aquela pergunta. Bem se via que Luís Paulo não entendia nada de TVP, nem dc pânico e muito menos de psicologia. "Ele consegue ser ainda mais ansioso do que o filho", pensou consigo.

- Como ia dizendo - ela continuou sua explicação, vendo que Vítor parecia bastante interessado. - a Terapia de Vidas Passadas procura, através da técnica de regressão de memória, a identificação e a conscientização, por parte do paciente, de situações ou traumas do passado que, por possuírem elevadas cargas emocionais reprimidas, interfiram e determinem o sofrimento, a queixa, a ansiedade, enfim, os sintomas de hoje. Há que se destacar, aqui, que não estamos falando de sintomas corriqueiros, mas de problemas que verdadeiramente interfiram na vida do indivíduo de maneira drástica, impedindo que ele consiga ser feliz, como é o caso da síndrome do pânico e tantas outras fobias específicas. Costumo, aliás, brincar com meus pacientes, dizendo que o setor de turismo às vidas passadas ainda não foi habilitado nesta clínica...

Apesar da brincadeira, Luís Paulo percebeu que havia seriedade em suas palavras. Afinal, era quase como se ela estivesse dizendo que desaconselhava as pessoas a procurarem esse tipo de terapia por mero divertimento. Vítor também gostou do posicionamento da terapeuta.

- E preciso que fique claro - continuou Olívia, - que não se trata apenas de conduzir o paciente a um passado remoto. A é que entra o papel fundamental do terapeuta. Ele deverá trabalhar os conteúdos que vão emergir da regressão de memória de maneira a eliminar a dor do paciente, através do entendimento, da conscientização e da transformação do indivíduo, para que ele possa efetivamente superar seus traumas...

- O que você chama de transformação? Seria uma espécie de reprogramação? - Vítor não pôde se conter.

Luís Paulo olhou surpreso para o filho. O rapaz era esperto, sabia como formular uma boa pergunta. Era exatamente isto o que ele ia perguntar!

- Bem, na verdade a reprogramação é um dos passos da transformação, mas não resume o processo, já que reprogramar parece mecânico demais. Transformar é um processo mais amplo de conscientização dos padrões e traços de caráter que se repetem ao longo das sucessivas existências do indivíduo e que, de alguma forma, são responsáveis pela manutenção da dor. Não basta mudar o programa. E preciso compreender e mudar, aproveitar o que o passado traz de bom e evitar o que hoje não é mais adequado. E um processo delicado e por isso só aceitamos profissionais da área de saúde em nossos cursos - ela fez questão de grifar.

Ao ouvir isto, Vítor lembrou-se do sonho que tivera com a avó, da escada escura que conduzia ao corredor cheio de portas mal fechadas, que batiam sem parar. "Não sei se eu quero fazer isso", pensou consigo. "Não quero que ela me transforme em algo diferente de mim mesmo..."

-Você poderia me dar alguns exemplos? - insistiu Luís Paulo, ainda anotando freneticamente suas últimas palavras na caderneta.

Olívia consultou novamente o relógio. Passavam das dez e meia da noite e, pelo visto, Luís Paulo tinha ainda muitas perguntas a fazer.

- Acho que vou aceitar a sugestão de sua esposa - disse, gentil. -Que tal se nós marcássemos um outro horário para continuar essa sua entrevista?

- Pode ser - respondeu Luís Paulo, fechando a caderneta. - Aiás, estava pensando, enquanto você falava, será que não seria possível a gente filmar uma regressão de memória?

Cenyra, Vítor e Olívia olharam pasmos para Luís Paulo. Era muita ousadia!

- Sinceramente, acho que seria muito difícil - a terapeuta respondeu por fim. - Afinal, não podemos expor a intimidade de nossos pacientes...

- Em contrapartida, o telespectador ficaria fascinado. Todo mundo tem curiosidade em saber o que acontece durante uma regressão de memória! - insistiu Luís Paulo. Estava tão entusiasmado com o sucesso que poderia ter uma reportagem como aquela que até parecia outra pessoa.

- Eu vou pensar no que pode ser feito nesse sentido. Oportunamente nós conversamos - prometeu Olívia, já encaminhando-os para a saída. - Eu entro em contato com senhor.

No caminho de volta para casa, Luís Paulo só conseguia pensar na estrutura da matéria que começava a se formar em sua cabeça. Primeiro entrevistaria um psiquiatra, depois alguns terapeutas que trabalhassem com métodos diferentes de Olívia, até finalmente abordar a terapia de vidas passadas. Seu objetivo principal era questionar até que ponto tudo aquilo não ia ao encontro da fantasia das pessoas. Nem pensava nas consequências daquele seu posicionamento no tratamento do filho. Como nos tempos em que trabalhava em jornal, tudo o que ele queria era um furo de reportagem.

- Moneda me disse que gostaria de ir amanhã na festa da Jaqueline - Cenyra comentou, quebrando o silêncio da viagem.

- Ele conhece a Jaqueline? - perguntou Vítor.

- Não, mas parece que ficou sabendo da festa por uma prima da Paloma que está morando lá no prédio... Aliás, era essa moça que...

- Como é que ela é? - o rapaz a interrompeu interessado.

-Ah, ela deve regular mais ou menos comigo, na verdade eu não a conheci... - disse Cenyra. -Tudo que eu sei é que tem uma filha de quinze anos e, se não me engano, um menino de onze...

"E ela, a filha só pode ser ela!", Vítor deduziu de imediato. Então a garota estava mesmo morando no prédio. Ele precisava encontrar um jeito de vê-la novamente.

- Querem saber? - anunciou Luís Paulo que, de tão concentrado em seus planos, não ouvira nada do que os dois estavam conversando. -Eu vou me oferecer para fazer a tal regressão de memória! O que é que vocês acham?

- Você? - surpreendeu-se Cenyra.

Vítor, porém, não respondeu nada. Agora eram seus pensamentos que estavam longe dali. "Eu tenho que conseguir ir nessa festa", dizia a si mesmo. "Eu tenho que ir nessa festa!" Foi então que veio mais uma crise.

XXXV

Naquela noite, depois de prestar novamente assistência ao neto, Têmis dirigiu-se ao apartamento de Paloma, onde Pablo a aguardava para o início de importante trabalho.

- Onde está Odilie? - ela perguntou, depois de saudá-lo afetuosamente à entrada.

- Ela está lá dentro, arrasada. - anunciou ele, apontando para o fundo da sala. - Parece que está tendo problemas em seu processo de aproximação...

Alheia à presença daquelas luminosas entidades, a família reunida assistia na TV ao final de mais um capítulo da novela "Gêmeos por acaso".

-Tadinha da Jasmine... - comentou Chuva, referindo-se a uma das personagens da trama, que acabara de descobrir-se grávida. - Guerante jamais vai acreditar que é dele o filho que ela espera. Também, ela tinha de se entregar a ele justamente no dia em que ele estava bêbado? - ela olhou para o telefone ansiosa.

- No dia em que os dois estavam bêbados - corrigiu Lucila, levantando-se para buscar alguma coisa para comer na cozinha. Ela parecia mais inquieta do que de costume.

- Pior vai ser quando Tarsille implantar em seu útero o óvulo que ela fabricou no laboratório com o material genético que extraiu do cabelo de Guerante - opinou Florence, mordendo nervosa a ponta da unha. - Depois que o clonezinho nascer, vai ser difícil Jasmine engolir que Guerante nunca teve nada com Tarsille...

- Ah, mas essa tal de Tarsille está é dando uma de bem-te-vi de igreja, (32) não sabem? - opinou Rafael.

- Bonita mesmo foi a história da Deusa Vencida - disse Noêmia, com a cabeça em outra novela.

32- Expressão usada para dizer que uma pessoa está se exibindo muito.

- Só... - respondeu Aine, também com o pensamento longe. Não podia ver uma mulher grávida que logo se lembrava de Mariana. Principalmente em se tratando de uma gravidez indesejada. Como é que uma jovem podia engravidar assim, deitar-se com um homem sem tomar qualquer precaução?, perguntava-se em silêncio. A verdade era que até hoje não conseguira engolir a gravidez da amiga. "Continuo achando que ela jamais deveria ter tirado a criança. Mas nem por isso posso considerar certo que ela tenha perdido sua virgindade tão cedo, com um carinha idiota como aquele Mairon! Na minha opinião, uma mulher só deve engravidar depois dos vinte e quatro, vinte e cinco anos de idade, depois de estar pelo menos formada em alguma faculdade!", afirmou para si própria com veemência, achando que ninguém podia ouvi-la.

Todos os seus pensamentos, no entanto, eram captados pelos espíritos ali presentes como se ela os tivesse enunciado em voz alta.

- Estão vendo? - disse Odilie, abraçando-se a Têmis em convulsivo pranto. - Ela nunca vai me aceitar! Nunca! E pensar que eu precisava tanto desta chance...

Era uma jovem bonita e longilínea, de cabelos castanhos e lisos, e olhos fundos de tanto chorar, a qual aparentava ter mais ou menos a mesma idade de Aline.

-Acalme-se, querida! - falou-lhe Têmis, compassivamente. - Quem de nós jamais experimentou posturas radicais antes de passar por determinada prova? A vida muda as pessoas, Odilie. Aquele que diz "desta água não beberei" não raras vezes acaba encontrando nela a fonte para saciar seus mais recônditos sonhos de evolução e crescimento espiritual.

E repondo-a na vasta cadeira de braços junto à janela, como se Odilie estivesse enfraquecida e enfermiça, continuou:

-Tenha coragem, minha menina. O ensejo próximo é divino para o futuro espiritual de ambas. Organizaremos as coisas, não tenha receio.

- Eu reconheço que errei no pretérito, que fiz muita coisa que não devia, mas pretendo redimir as velhas culpas - respondeu ela, ainda em prantos. - Aline, no entanto, apesar das promessas na esfera espiritual, não parece agora nem um pouco inclinada a me receber... Nas várias vezes em que tentei conversar com ela durante o sono, desde que aqui cheguei, ela sempre foge de mim; parece mesmo experimentar certo pavor cada vez que nos vemos frente a frente!

- Ora, Odilie! Por que envenenar o coração? Porque não desculpa você, por sua vez? Não complique a situação, que já é delicada por si só, abrigando injustificável desânimo. Levante as energias, minha irmã! -aconselhou Pablo, paternal. - Coloque-se na situação de sua antiga adversária, vítima noutros tempos de seus atos impensados! Não encontraria, talvez, as mesmas dificuldades? Ao menos, você pode contar com a certeza de que ela é agora uma pessoa radicalmente contra o aborto. Já não é isso uma dádiva celestial? Tenha calma e prudência; não perca a bendita ocasião de tolerar alguma coisa desagradável ao seu sentimento a fim de reparar o passado e atender às necessidades do presente. Vamos, equilibre-se! O momento é de gratidão a Deus e de harmonia com os semelhantes!...

Odilie enxugou os olhos, sorriu com esforço e murmurou:

- Tem razão. Vamos ver como ela reagirá depois de nossa conversa desta noite...

Alta madrugada, Aline dormia quando ouviu uma voz chamando por ela.

- Aline? Você pode me ouvir?

Com a cabeça sobre o travesseiro, ainda inteiramente enrolada no lençol, ela abriu os olhos devagar e olhou ao redor, examinando o ambiente. O sono era tão pesado que ela não conseguia ter noção de onde estava. Era como se tivesse vindo de muito longe e aterrissado ali de repente. A única coisa de que tinha certeza era de que não conhecia direito aquele lugar. Estava tudo muito escuro. Ainda assim percebia que aquelas paredes e até mesmo aquele teto não lhe eram familiares. Confusa, constatou que havia outras pessoas ali dormindo, mas não conseguiu de pronto identificá-las.

- Aline... - insistiu a voz.

O mais incrível era que, embora soubesse que a voz se dirigia a ela, não sabia exatamente quem era ela mesma. Era como se naqueles breves instantes estivesse de posse de sua realidade de ser integral, mas não conseguisse se localizar no tempo e no espaço. A voz, contudo, insistiu novamente:

-Aline... Aqui!

"Sim, Aline. Eu sou Aline", ela repetiu. Só então divisou o irradiante facho de luz a seu lado. Aos poucos a luz foi como que se amoldando a suas retinas, até transformar-se na imagem de um casal. Poucos passos atrás havia uma jovem de olhar cabisbaixo, também inteiramente envolta por aquela mesma luz amarelo-dourada. Há dias ela via aquela mesma jovem em seus sonhos e experimentava uma estranha agonia, embora de nada se lembrasse depois de desperta. Ao identificá-la, Aline sentiu um forte calafrio e ergueu o tronco de uma só vez, sentando-se na cama com as pernas ainda esticadas. De tão assustada, nem notou que uma parte de si havia como que se destacado da porção superior de seu corpo, o qual continuava deitado na mesma posição, respirando normalmente.

- Não tenha medo... - disse a mulher, sorridente. - Você não se lembra mais de nós?

Sua voz era tão terna, tão serena, que a envolvia como uma espécie de bálsamo, tranqüilizando-lhe a alma. Ficou mais alguns instantes encarando-os, intrigada, até que finalmente reconheceu o casal:

- Irmã Têmis e irmão Pablo! Mal posso acreditar! - lágrimas escorreram de seus olhos nesse momento.

- Querida! - Têmis a abraçou com carinho, enquanto Pablo abriu um largo sorriso que pareceu deixá-lo ainda mais iluminado. - Que teu coração possa abrigar a paz que te trazemos em nome do Senhor!

-A que devo tão maravilhosa visita? - Aine perguntou, sentindo-se algo fortalecida por aquele abraço.

Reconhecia-os como amigos muito queridos de seu coração, embora não tivesse exata noção de como e onde havia constituído tais laços de amizade.

- Por que se fazem acompanhar por esse fantasma que há dias me atormenta com sua triste figura? - ela apontou para Odilie, confusa.

Têmis e Pablo trocaram um olhar em silêncio. Pareciam cientes de algo que ela não sabia. Ou não se lembrava.

- Ora, Aline, o que é isso? - Pablo tomou a palavra. - É assim que recebe os irmãos mais infelizes?

- Mas por que ela me persegue? - tornou Aline, ainda incomodada com a presença de Odilie, a quem não conseguia encarar. - O que quer de mim?

- Querida, não fale assim... - rogou Têmis com sua habitual brandura. - Contempla a pobrezinha que te pede socorro! Observa-lhe o estado de humilhação e necessidade. Imagina-te na posição dela e reflita! Não te doeria a indiferença dos outros? Não te dilaceraria a crueldade alheia? Estimarias que alguém te classificasse de fantasma, tão-só pelas tuas demonstrações de sofrimento?

Envergonhada com as palavras de Têmis, Aine voltou-se, qual criança medrosa e, fixando profundamente aqueles mentores generosos, abriu seu coração:

- Oh, meus amigos celestiais! Tenho medo, muito medo... Existe algo entre essa jovem e eu, algo que me desperta uma aversão profunda que eu sinceramente nem sei de onde vem... Sinto como se ela desejasse roubar-me a vida, aniquilar minha felicidade futura, envenenar-me o destino para sempre... - ela também começou a chorar copiosamente.

De imediato, Têmis e Pablo compreenderam que a aproximação de Odilie despertava em Aline as reminiscências do passado que ambas haviam compartilhado. Aline não conseguia localizar os fatos vividos, mas experimentava, no plano emotivo, as recordações imprecisas dos acontecimentos, cheias de ansiedades dolorosas. Contudo, fazia-se necessário lembrar-lhe que havia algo mais de que se estava esquecendo em suas reminiscências, que num passado mais próximo ela também se comprometera seriamente com Odilie.

Antes que eles lhe dissessem mais alguma coisa, contudo, Aine olhou novamente para Odilie e sentiu-se tocada por sua fragilidade. Ela se mantinha cabisbaixa e encolhida, parecia mesmo que sentia muito frio.

- O que você quer de mini? Por que aparece tanto em meus sonhos? - ousou perguntar, ainda angustiada, porém já menos defensiva.

- Preciso muito de seu perdão - murmurou Odilie, com infinita humildade. - Não gostaria que me olhasse como inimiga, mas como alguém que necessita muito de sua ajuda... - ela não pôde continuar, embargada pelo pranto que lhe subia da alma.

- Não fiques assim... - Aline também comoveu-se.

Sob o olhar surpreso de Têmis e Demóstenes, caminhou até ela e agachou-se a seu lado.

- Eu não tenho raiva de ti... Não te desejo mal... Apenas fiquei assustada com a tua presença, com esse teu jeito estranho de me olhar... Parece que estás sempre a me cobrar alguma coisa, que eu te devo alguma coisa! - disse com sinceridade.

Odilie ergueu os olhos molhados e a encarou com profunda humildade.

- Eu não vim para cobrar, vim para pedir! Mais do que nunca, preciso da sua amizade, do seu perdão... Depois que recobrei minha consciência, no plano espiritual, entendi que jamais deveria ter feito o que fiz, mas, como você, eu também estava transtornada quando tudo aconteceu... Tudo o que eu queria era uma nova oportunidade...

- Não consigo entender direito a que tu te referes. Mas, seja lá o que for, eu te perdoo. Podes contar comigo de todo coração...

Têmis e Pablo sorriram. O perdão de Aine fora sincero, as sombras espessas do ódio que pairava entre as duas haviam sido finalmente dissipadas. Agora, no entanto, era preciso selar o novo compromisso entre as duas.

- Esta aqui é Odilie... - disse Pablo, aproximando-se novamente das duas. - Nós a trouxemos aqui porque encontra-se pronta para reen-carnar...

Aine, embora em corpo fluídico, apertou nervosamente as mãos, como se estalasse os dedos, enquanto olhava fixamente para Odilie. Aos poucos, começava a tomar consciência plena de quem era, onde estava, lembrar-se vagamente dos compromissos que assumira antes de encarnar na família da qual fazia parte.

- Então... E chegada a hora? - perguntou, um pouco temerosa.

- Sim - respondeu Têmis.

- Mas... - ela titubeou. - Eu tenho apenas quinze anos, como farei para...

- Fique certa de que a bondade de nosso pai celestial jamais a desamparará - respondeu Pablo. - Bem sabemos que na vida atual encontra-te ainda no auge da adolescência, passando por todas as dificuldades decorrentes do teu despertar em um corpo material que por hora ainda limita a manifestação de teus atributos de natureza espiritual, pelo próprio grau de desenvolvimento de teus órgãos, que ainda não se encontram completamente formados. Ainda assim, te rogamos que aceite a prova, que foi por você mesma pedida no plano espiritual, a qual certamente trará muitos benefícios, tanto para você quanto para Odilie.

- Como assim? - tentou entender Aline, ainda confusa.

- Quando deixa a Terra, querida - Têmis tomou a palavra -, o espírito adquire uma capacidade maior de discernimento, uma visão mais ampla dos fatos e situações por ele vivenciados em suas últimas existências. Fortalecido pelo equilíbrio que impera nas estâncias espirituais voltadas para o bem, ele observa as funestas conseqüências de suas paixões do passado e é induzido a tomar novas resoluções boas. Então, mediante inaudito esforço, consegue observar aqueles que um dia foram seus inimigos na Terra e faz planos para transformar em amigos aqueles que um dia odiou, para viver de novo as situações em que não procedeu como um verdadeiro cristão...(33)

- Eu sei, eu sinto que assumi este compromisso em algum lugar, algum dia... - admitiu Aline. - Vai ver até é por isso que eu fico tão irritada sempre que vejo alguma jovem grávida... Mas vocês têm certeza de que tem de ser agora? Sinceramente, eu não me sinto preparada para cuidar de uma criança! De mais a mais, ela não é uma criança! - argumentou, olhando novamente para Odilie. - Se duvidar, é até mais velha do que eu!

Odilie olhou assustada para Têmis, que apertou sua mão como a pedir-lhe calma. Com a infinita paciência que caracteriza os seres mais evoluídos, Pablo explicou:

-As crianças, Aline, são os seres que Deus manda a novas existências.

33 Conforme O evangelho segando o espiritismo, cap. XIV:9

Para que não lhe possam imputar excessiva severidade, dá-lhes todos os aspectos da inocência. Por outro lado, a delicadeza da idade infantil os torna brandos, acessíveis aos conselhos da experiência e dos que devam fazê-lo progredir, os quais assumem a sublime tarefa de reformar-lhes os caracteres e reprimir-lhes os maus pendores a fim de que possam efetivamente melhorar-se ao longo da nova existência.(34) Você percebe a importância, o teor da missão que te compete junto a este espírito?

- Mas eu ainda sou praticamente uma criança! - redarguiu ajovem, que só conseguia pensar em sua própria situação.

-Você sabe, melhor do que ninguém, que isto não é verdade. Aiás, encontra-se precisamente na fase em que começa a retomar a natureza que lhe é própria, as qualidades e defeitos que adquiriu ao longo de suas existências anteriores - insistiu Pablo.

- Então querem dizer que até o presente momento eu não era eu? -confundiu-se novamente Aline.

- Digamos que sua real personalidade encontrava-se adormecida, enquanto você crescia e os órgãos de seu corpo amadureciam. Durante o período que vai da infância até o final da adolescência, por assim dizer, não podem os órgãos da inteligência dar toda a intuição própria de um adulto ao espírito que anima o corpo. As vezes, pode até ser este espírito tão desenvolvido quanto o de um adulto, se muito progrediu em suas existências pregressas. Todavia, a imperfeição dos órgãos infantis o impede de manifestar-se - detalhou Têmis.

- Então? Como vocês mesmos estão dizendo, eu ainda não me encontro pronta para assumir a responsabilidade de ser mãe. Que eu saiba, essa tal adolescência de que tanto falam dura, pelo menos, até os dezoito anos - ela argumentou, querendo desvencilhar-se do fardo que aqueles espíritos pareciam querer imputar-lhe, tendo o cuidado de evitar o olhar de Odilie.

- Contudo, não te podes esquecer de que toda a tua trajetória na Terra foi outrora planejada nos mínimos detalhes para que pudesses atender aos imperativos ditados por tua própria consciência - disse Pablo. - Se te vês agora diante de tal tarefa é porque compromissos assumidos no passado determinam que o seu amadurecimento seja, digamos assim, incrementado através do advento de uma maternidade precoce.

34 Ver O livro dos espíritos, parte 2°, capítulo VII: A infância (perguntas 379 a 385).

- Quer dizer então que eu não tenho escolha? - ela perguntou. Percebendo sua angústia, Têmis a envolveu com seu abraço, acon-

chegando-a junto ao peito por alguns instantes, antes de responder. Olhando de longe, podia-se reparar que a luz dourada emanada naturalmente por Têmis penetrava o corpo espiritual de Aine através de diversos pontos, como que imantando-a por completo com aquela sublime vibração.

- E claro que sempre podemos optar, minha menina - disse a mentora espiritual com doçura. - Mas antes de tomar qualquer decisão, vá lá no seu íntimo e tente escutar o que o seu coração está pedindo...

Aine abaixou os olhos, pensativa, e encontrou-se novamente com o olhar profundo daquela entidade que parecia suplicar-lhe uma oportunidade. Sentiu-se então dominada por uma sensação de ternura muito grande, pressentindo a retomada de uma etapa evolutiva há muito interrompida.

- Esperem! - ela teve um lampejo. - Não eram... não eram dois? -perguntou alarmada.

- Querida, quando, no plano espiritual, pedimos a chance de reparação de nossos erros passados, nossa personalidade é minuciosamente estudada pelos mentores maiores com vistas a observar seja dispomos do equilíbrio e da maturação necessários para cumprir as provas que escolhemos para nós - começou a explicar Têmis.

- Como diz o irmão Demóstenes, que sempre trabalha conosco, compramos à vista o nosso sofrimento com nossas imprudências e invigilâncias, depois pagamos à prestação o preço de nossos erros - lembrou Pablo.

- Sim - continuou Têmis. - A misericórdia divina só cobra de nós aquilo que temos condições de resgatar naquele momento, de acordo com o nosso amadurecimento como espírito, com a nossa conscientização. Do contrário, ainda que desejando ardentemente a oportunidade de reparação completa e imediata, iríamos fatalmente falir sob seu peso...

- Querem dizer então que o menino não virá? - deduziu Aline.

- Por enquanto não. Mesmo porque, o espírito dele ainda não se encontra em condições para uma volta - esclareceu novamente Têmis.

Aline sentiu-se um pouco aliviada com a notícia, mas logo recobrou sua preocupação inicial:

- Mas... Ela tem mesmo de vir agora? Não pode ao menos esperar mais um pouco?

- Caso não queira recebê-la, compete ao seu livre-arbítrio, é um direito que você tem. Todavia, há muitos anos este espírito se prepara para comparecer ao encontro que um dia marcaram na espiritualidade. Odilie precisa reencarnar agora, já se encontra, inclusive, pronta para ser ligada ao útero de uma mulher - ponderou Pablo.

- Isto significa que, se eu não a aceitar, terão de escolher uma outra mãe para ela?

- Sim - respondeu Pablo. - Contudo, é provável que um dia lamente muito essa decisão.

Anda hesitante, Aline voltou a olhar para Odilie e novamente sentiu-se invadida por uma sensação de ternura profunda que a fez abraçá-la com todo o seu amor. Envoltas pelos fluidos das duas abnegadas entidades que as tutelavam naquele momento, as duas sentiram-se como que transportadas para a última vez em que haviam se abraçado daquele jeito, sob a promessa daquele reencontro. Permaneceram ainda longo tempo chorando abraçadas, até que Aline tomou sua decisão:

- Eu serei a mãe dela! - disse, ainda com lágrimas nos olhos. - Não fosse por meu ato precipitado em minha última existência, ela já teria...

- Não pense nisso agora - aconselhou Têmis, com carinho. - Quer dizer então que você aceita a prova?

Aline ficou em silêncio por alguns instantes e olhou ainda mais uma vez para Odilie, antes de responder.

- Sim, mas...

- Mas? - Pablo a incentivou.

- O pai não será o mesmo, será? - ela expressou sua dúvida.

- Ele estará sempre próximo de você, lhe dará todo o apoio, mas não será o pai da criança. Mesmo porque, ele também já tinha um encontro marcado com uma outra pessoa...

Aline olhou significativamente para Florence, que dormia na cama ao lado.

- Eles já se encontraram? - perguntou, com certa tristeza. -Já - respondeu Têmis.

- E quem será então o pai de minha filha? - tornou Aine angustiada. - Como posso ter uma filha se não tenho sequer um namorado?

- No momento certo as coisas irão acontecer - tranquilizou-a Pablo.

- Você não deve se inquietar. Agora, é chegada a hora de partirmos.

- Mas... - relutou Aline. - Quando ela virá?

- Como explicou Pablo, no momento certo as coisas irão acontecer - repetiu Têmis, beijando-lhe a testa, em seguida. - Não tenha pressa, confie. Agora deite-se. Logo o relógio irá despertar e todos deverão acordar.

Sentindo o coração apertado, Aine obedeceu. Envolvida pelos passes magnéticos que Têmis e Pablo lhe ministraram antes de sair, logo adormecia junto com seu corpo carnal. Era necessário que seu espírito repousasse um pouco. Não seria conveniente que se recordasse de toda aquela conversa ao amanhecer.

- Quando poderei voltar? - perguntou Odilie, tão logo ela dormiu.

- Creio que dentro de, no máximo, algumas semanas, poderá iniciar o seu serviço definitivo de reencarnação. Nós a acompanharemos com carinho. Não receie coisa alguma - pediu Pablo.

XXXVI

Horas depois, quando o despertador de Chuva encheu o quarto com sua musiquinha irritante, Aline efetivamente não se lembrava mais de nada. Trazia, contudo, um estranho pressentimento na alma e a lembrança de alguém lhe entregando um bebezinho nos braços, como se fora o resquício de um sonho. Tratava-se, na verdade, da maneira como seu inconsciente havia registrado o encontro espiritual ocorrido.

- Dormiste bem, filha? - Florence perguntou, ao vê-la sentada na cama pensativa.

- Não sei... Acordei com um nó aqui na garganta, uma vontade de chorar... Mas não sei dizer pra ti o que foi que eu sonhei... - disse de olhos molhados. - Só consigo me lembrar do bebezinho. Era tão indefeso, tão carente de amor...

- Que bebezinho, Aline? - Florence não entendeu.

- Do sonho. Não consigo me lembrar de nada direito, mas a imagem daquele bebezinho no meu colo não me sai da cabeça... Uh! - ela sacudiu os ombros como se uma rajada de vento houvesse acabado de atravessar-lhe a espinha. - Só de pensar me dá arrepio!

- Engraçado - disse Florence, sentando-se também na cama. - Sabes que também acordei com uma sensação estranha... Mas não chega a ser uma coisa ruim...

- Eu estou é morrendo de vontade de que chegue logo a hora da festa! - disse Rafael, espreguiçando-se em seu colchão.

- Meu Deus! A manicure! - Chuva, que ainda resistia em desvencilhar-se dos lençóis, saltou rapidamente sobre as bicamas de Aline e Florence e saiu correndo em direção ao banheiro - Você vai comigo, Aline? - gritou, já no corredor.

Seu tom era áspero, estava mal-humorada porque Vinícius não havia ligado na noite anterior, conforme prometera, e intimamente culpava Aine por isso.

- Vou - respondeu Aine, desanimada.

- Que desânimo é esse, menina? O dia mal começou! - comentou Paloma, também despertando. - Cada novo dia é uma dádiva divina! Bom-dia, dia! - ela virou-se para a janela e abriu os braços em direção ao céu, numa postura iogue de saudação ao sol.

- Não fique assim, filha... - Florence esticou-se para abraçar a filha, vendo que ela continuava pensativa e triste. - Vai ver tu tiveste algum pesadelo. Mas logo vai passar...

-Tomara que sim - cia respondeu, molhando o pijama da mãe com suas lágrimas. - Tomara...

- Por Saint-Germain! Olhem só o tamanho do caminhão que acaba de estacionar aqui em frente! - comentou Paloma, já em outra postura iogue ao lado da janela, sob o barulho do freio do veículo, ainda com o motor ligado.

- Pizzerie Fournaise - disse Rafael, com forçado sotaque francês, lendo o letreiro do caminhão. - O que será Fournaise?

- "Fôrneise" - corrigiu Chuva, empregando a entonação correta, enquanto escovava rapidamente os cabelos diante do espelho. Havia voltado do banheiro já pronta para sair. - Se não me engano, quer dizer fornalha em francês.

- Deve ser isso mesmo. A Jaqueline me disse que contratou um *buffet* francês sofisticadérrimo para organizar toda a festa. Disse que eles trazem tudo: mesinhas, formas, ingredientes, molhos e até a louça e os talheres! - lembrou Paloma, num movimento que exercitava o pescoço e os ombros.

- Nossa, mas esse tipo de serviço deve ser caríssimo! - calculou Florence.

- Do jeito que o marido dela é rico... Vamos embora, Aline? - apressou-se Chuva.

- Só um instante, Chuva - pediu Aline, que se deitara de novo na cama para conseguir subir o zíper da calça justíssima.

- Arombassi, Layla!:(35) Essa festa vai ser o bicho! - imaginou Rafael, enquanto os homens do caminhão começavam a descarregar toda aquela parafernália, já com o motor desligado.

De sua janela, Vítor também acompanhava o movimento lá embaixo. Sentiu como se seu coração fosse sair pela boca ao ver Aline saindo do prédio com Chuva. "Então era ela mesma!", pensou consigo, apertando a mão direita contra o coração disparado. "Sua garota misteriosa era mesmo prima dos vizinhos debaixo... E se eu conseguir ir nessa festa? Será que ela vai se lembrar de mim?"

35- Expressão usada em Florianópolis para comentar realizações grandiosas.

Ao perceber, porém, que sua ansiedade crescia além do normal, lembrou-se das palavras da terapeuta: "Observe se não está antecipando etapas de alguma coisa quando fica ansioso".

"Era verdade", ele rapidamente constatou, enquanto alcançava o vidro de florais sobre a mesinha. Só de ver a garota já se imaginara falando novamente com ela, sendo desprezado por ela e... "Quem disse que eu vou ser desprezado por ela?", tentou corrigir seus próprios pensamentos, esforçando-se para respirar no ritmo certo. Ele sabia que, caso se deixasse conduzir por aquela ansiedade desesperada, fatalmente não iria conseguir chegar à tal festa. E ele queria muito, desejava muito fazer aquela experiência.

Ainda tentava controlar os pensamentos pessimistas desencadeados por sua ansiedade, quando ouviu três batidinhas na porta. Era Luís Paulo. A crise que presenciara no carro o deixara verdadeiramente preocupado com Vítor. Tanto que passara a noite inteira acordado, conversando com Cenyra, enquanto ela desmanchava alguns pontos de sua tapeçaria.

- Está tudo bem com você, filho? - perguntou, entrando no quarto.

-Tá - respondeu Vítor, tentando disfarçar sua ansiedade. Não conseguia confiar no pai e muito menos naquele seu súbito interesse por sua doença.

"Trezentos... duzentos e noventa e cinco... duzentos e noventa e quatro...", começou a contar em pensamentos, enquanto encarava o pai com ar interrogativo.

-Tem duas coisas que eu gostaria de conversar com você... - ensaiou Luís Paulo.

-A primeira é? - Vítor tentou ser objetivo, interrompendo sem sentir a contagem.

Depois de observar a postura do pai no consultório, passara a se sentir incomodado com sua presença. A sensação que tinha era de que este o observava como se ele fosse uma cobaia e não gostava nada disso, não admitia que as pessoas o olhassem como se fosse um animal indefeso. "E se todos na festa o olhassem daquele jeito?" A este pensamento, começou a sentir certo mal-estar.

- Na verdade estive pensando e... - prosseguiu Luís Paulo, hesitante. - Sua mãe não concorda comigo, mas você não acha que talvez fosse melhor se procurássemos... um outro terapeuta?

Vítor arregalou os olhos espantado. Onde o pai estaria querendo chegar?

- Por que você acha isso? - perguntou, defensivo, sentindo um embrulho no estômago. Queria voltar a contar, mas estava tão fixado nas palavras que acabara de ouvir do pai que não conseguia pensar nos números.

- Não sei. Achei esse tratamento muito maluco... E interessante como curiosidade jornalística, mas não sei se, na prática...

- Não quero mudar de terapeuta! Anda não sei se vou fazer a tal regressão, mas até o momento estou satisfeito com ela - disse, lembrando-se da maneira carinhosa como Olívia costumava conversar com ele.

Em nenhum momento ela havia duvidado de seus problemas. Ao contrário, sempre se mostrara pronta a oferecer-lhe soluções para que pudesse lidar melhor com eles. De todos os médicos que visitara, de todas as pessoas que conhecia, ela parecia ser a única a entender realmente o que se passava no íntimo de alguém com síndrome de pânico. E como seu pai, que jamais sequer se inteirara a respeito de suas crises, agora se arvorava a querer julgar a competência de sua terapeuta?

Definitivamente, Vítor não queria mudar de psicóloga; sentia-se seguro em saber que podia contar com ela, que podia ligar para ela a qualquer momento que precisasse. Uma voz dentro dele, contudo, parecia dizer justamente o contrário.

- Ouça o que seu pai está dizendo, não volte mais naquela mulher. Ela também quer te fazer de cobaia, não tem como ajudá-lo a ficar bom. Ninguém tem, é tudo balela. Não existe cura para o pânico!

Estava novamente cercado pelos obsessores, quanto mais eles se aproximavam, aliás, mais crescia seu mal-estar. Mais uma vez, porém, Vítor lembrou-se das palavras de Olívia: "Pode ocorrer, e isto é bastante comum, de pensamentos o assaltarem dc vez em quando, dizendo-lhe para não vir mais às consultas, que não adianta, que vai dar a crise etc. Se isto acontecer, não dê importância."

Fortalecido por esta lembrança, Vítor respirou fundo e concentradamente, esforçando-se para dissipar seu mal-estar.

-Você tem certeza disso, meu filho? - ainda insistiu Luís Paulo, já batendo nervosamente no bolso onde ficavam os cigarros.

-Absoluta certeza, meu pai. Eu quero continuar meu tratamento com a doutora Olívia. E qual era a segunda coisa que você queria conversar comigo?

Ele próprio, ainda confuso com o que ouvira de Olívia na noite anterior, não teve como argumentar. De mais a mais, sabia que não era nada fácil convencer Vítor do que quer que fosse. Necessitava de sólidos argumentos para fazê-lo mudar de opinião e acreditava que poderia consegui-los depois de desmascarar a 'farsa da terapeuta' com sua reportagem.

Mesmo sabendo de tudo isso, no entanto, aceitara conversar com o filho naquela manhã a pedido da esposa. Cenyra ficara muito preocupada que o ceticismo de Luís Paulo acabasse por atrapalhar o tratamento do filho e, por isso, insistira para que o marido fosse conversar com Vítor, sem imaginar que Luís Paulo fosse textualmente aconselhar o garoto a trocar de terapeuta.

- A segunda coisa era com relação a essa festa no prédio, a que sua mãe está querendo ir, hoje à noite. Sinceramente, não sou muito chegado a confraternizações entre vizinhos - ele começou a esfregar os dedos sobre a ponta dos cigarros guardados no maço dentro do bolso da camisa, afagando-os nervosamente. - Acontece, porém, que até o meu diretor, o Moneda, sei lá por quê, está eufórico para ir nesta festa e até já ligou aqui para casa duas vezes esta manhã, de modo que...

- Eu acho justo vocês irem a esta festa - simplificou Vítor, percebendo que o pai procurava palavras para convencê-lo a não criar nenhum empecilho - até porque a mamãe desistiu de seu jantar especial ontem só para poder me acompanhar à psicóloga. Agora só tem uma coisa...

- Uma coisa? O quê? - perguntou Luís Paulo, morrendo de vontade de acender um cigarro.

- Eu gostaria de ir junto com vocês, posso?

Horas mais tarde, os primeiros convidados batiam à porta do apartamento de Jaqueline. Eram Florence, Paloma, Chuva, Aline e Rafael. Pela primeira vez na vida, Lucila aceitara de bom grado ficar em casa com dona Noêmia.

Como fossem oito e meia em ponto, Jaqueline ainda se encontrava no quarto, recebendo os últimos retoques da cabeleireira e da maquiadora contratadas especialmente para a ocasião, enquanto o *chef de cuisine* cuidava dos detalhes finais da arrumação do terraço e os músicos do conjunto afinavam seus instrumentos. Em meio a esta confusão, foi Clarinha quem abriu a porta:

- Nossa! - exclamou maravilhada ao vê-los. - Mas como vocês estão lindos! Florence, você está parecendo até uma artista de cinema!

De fato, Florence estava magnífica naquele vestido preto decolado, com delicado bordado em lantejoulas. Os cabelos, presos à nuca em charmoso coque, davam-lhe um ar sensual, enquanto a maquiagem suave destacava seus olhos cor-de-mel e seus longos cílios delineados em preto.

-Vem cá que eu quero te apresentar o meu pai - disse a menina, satisfeita, puxando-a pela mão em direção ao interior da casa.

XXXVII

- Eu odeio festas! - protestava Faustino, lavando nervosamente as mãos na pia de seu escritório. - Não bastasse a barulheira, a bagunça na casa, inteiramente contaminada pelos gérmens desse monte de gente, ainda corro o risco de cruzar com algum conhecido! E se alguma dessas amigas ricas de Jaqueline me reconhece? E o pior é que ainda estou pagando por tudo isso! Empenhei minhas últimas economias para montar este circo para Jaqueline! Como é que eu ia explicar para ela que...

Ele se interrompeu ao ouvir batidas na porta.

- Papai? - chamou a voz de Clarinha do lado de fora.

Faustino fechou a torneira e se encaminhou para a porta, ainda enxugando as mãos na toalha impecavelmente branca.

- Clarinha, o que é que você q... - ele se interrompeu ao encontrar seus olhos com os de Florence.

A toalha escapuliu de suas mãos e ele ficou encarando-a, boquiaberto. "Não, não era possível, não podia ser ela", pensava, lembrando-se da moça que vira na TV. Por mais que se esforçasse para apagar aquela imagem da memória, ela ficara gravada em sua mente como uma mancha de água sanitária.

- Papai, queria que conhecesse a minha amiga... Esta aqui é a Florence, prima da Paloma aqui debaixo. Ela acaba de chegar de Florianópolis com os filhos! - disse a menina, orgulhosa.

- Muito prazer! - Florence disse, estendendo-lhe a mão. Faustino engoliu em seco, enquanto Florence permanecia parada

com a mão estendida sem nada entender. Ele não sabia o que dizer, mal conseguia fechar a boca de tão espantado. "Não é verdade, não pode ser...", repetia assustado em pensamentos.

- Papai, o senhor está bem? - perguntou Clarinha, estranhando-lhe a palidez.

-Acho que, acho que... - ele chegou a dizer antes de desmaiar.

Foi a maior confusão. Como Faustino era muito pesado, foi preciso chamar os músicos para carregá-lo até o quarto. Jaqueline deu um ataque ao vê-lo naquele estado:

- Não é possível! Ele sempre encontra uma maneira de estragar todos os meus aniversários! - esbravejava ela, com os punhos fechados de tanta raiva. - Podem ir, podem ir - disse, indicando a porta para a maquiadora e o cabeleireiro que olhavam assustados para Faustino, cada qual com seu cheque na mão.

- Onde nós o colocamos? - perguntou o baterista, sem graça.

- Ponham em cima da cama - pediu Florence. - Seria bom se levantássemos as pernas dele para ver se melhora a circulação.

- Meu Deus, meu Deus! - repetia Jaqueline irritada, andando em círculos.

- Procure ficar calma, geralmente os desmaios são provocados por uma diferença de pressão e...

Os olhos de Jaqueline subitamente se iluminaram como se acabasse de ouvir um segredo ao ouvido.

- Querida, você me faz um favor? - disse a Florence, interrompendo-a de maneira afetada. - Cuida dele pra mim! Eu preciso ir na sala receber meus convidados!... Além de que, meus músicos não podem ficar aqui a noite inteira - ela fez sinal para que os músicos deixassem o quarto.

- Tudo bem - respondeu Florence, admirada, ainda segurando as pernas de Faustino para cima.

"Que mulher detestável", pensava consigo. "O marido desmaiado e ela só pensa na festa e nos convidados... Nem me conhece, como é que me entrega o marido desse jeito?" Não sabia explicar por quê, mas algo naquele homem tão acabado a mobilizava mais do que o normal, despertando-lhe uma profunda piedade. Era como se o conhecesse de algum lugar, quase como se tivesse afeto por ele. "Vai ver é por causa da Clarinha. Acho que fiquei assim de tanta pena dela...", justificou para si. A menina, de fato, mostrava-se bastante angustiada:

-A, Florence, e se ele morrer? - ela perguntou, segurando o choro na garganta.

- Deixa de tolices. Não vai acontecer nada, a pulsação dele está normal... Me ajude aqui... Afrouxe um pouquinho a camisa, para ele respirar melhor...

- Mas por que ele não acorda? - Clarinha continuava impaciente.

- Precisamos de um pouco de amônia - disse Florence, lembrando-se de suas lições de primeiros socorros no hospital onde havia trabalhado. - Se não tiver em casa, tu podes pedir para o Rafael correr na farmácia e buscar... - ela tirou rapidamente uma nota de dez reais da bolsa e a entregou a Clarinha - Aqui está o dinheiro!

A essas alturas a casa já estava cheia de convidados, que não paravam de chegar. Clarinha teve dificuldade em localizar Rafael. Prestativo corno era, assim que soube do que acontecia, ele saiu como uma bala. Em menos de quinze minutos estava de volta, parado ao lado da mãe, com os olhos fixos em Faustino. Curiosa, Aine havia entrado junto com ele.

- Olhes só, mãe! - ela observou. - Ele tem urna pinta preta, bem na ponta da orelha, igualzinho ao Rafael!

- É mesmo! - notou Rafael. - Avó dizia que meu vôjosé é que tinha uma pinta dessas!

- Psss... Olê, olê!;(36) Parem com essa falação... - ralhou Florence, voltando-se em seguida para Clarinha, que prestava a máxima atenção a cada um de seus gestos. - A amônia é muito forte, não se deve aproximar muito da pessoa, senão pode até queimar as narinas. O ideal é fazer só um ventinho... - explicou, enquanto mexia levemente o vidro de amônia aberto a uma distância razoável de Faustino.

Quando ele finalmente abriu os olhos e se viu cercado por Florence e os meninos, pensou: "Eu morri!"

Enquanto isso, depois de vasculhar pela quarta vez cada mesinha do terraço, onde as pessoas degustavam as mais variadas e aromáticas pizzas, e perscrutar cada canto da sala repleta de casais dançando, ao som altíssimo da pequena orquestra, Moneda constatava frustrado que Florence não estava ali e se arrependia de ter vindo. "Ela mentiu. Deve estar agora em algum outro lugar, provavelmente com algum outro admirador", pensava consigo, arrasado.

- Luís Paulo - disse ao amigo, aproximando-se da mesa onde a família estava sentada. - Acho que eu vou indo...

- O que é isso, Moneda? Espere mais um pouco - disse o jornalista, tirando um copo da bandeja que lhe era estendida pelo garçom. - Tome pelo menos um uísque conosco! - disse, entregando o copo ao amigo. -Afinal, a festa esta ótima e foi você quem insistiu para que viéssemos!

-Tem razão - ele concordou, sem-graça, sentando-se em seguida. -E você, Vítor, também está gostando da festa? - tentou puxar assunto.

36 Forma de chamar a atenção de uma outra pessoa, lambem típica de Florianópolis.

O rapaz, porém, não respondeu. Sentado ao lado da mãe como um bichinho assustado, ele também revirava o terraço com os olhos em busca de Aine.

- Eu vou até lá dentro - disse Vinícius, lcvantando-se, ao avistar Chuva caminhando em sua direção.

-Eu... eu... eu vou com você! - disse Vítor, num ímpeto de coragem.

No quarto, Faustino continuava encarando Florence, Aine e Rafael de olhos esbugalhados, acreditando-se morto, quando foi trazido de volta à realidade por um beijo de Clarinha.

- Papai, graças a Deus você acordou! - ela disse aliviada.

Só então ele teve a certeza de que continuava vivo. Todavia, se não estava morto, o que é que aquelas pessoas estavam fazendo ali em volta dele? Como o haviam descoberto?, perguntava-se, inquieto, olhando desconfiado para Aine e Rafael. Quem seriam aqueles dois? Será que...

- Estes aqui também são meus amigos, são os filhos da Florence -apresentou Clarinha, confirmando suas suspeitas. - A Aline e o Rafael...

Ao ouvir isso, os olhos de Faustino arregalaram-se ainda mais. Como o haviam descoberto, o que queriam dele?, Perguntava-se. Não, eles não poderiam estar ali por acaso... Como eram bonitos os netos, e Florence então! Não, ele não podia se entregar assim tão fácil. Não tinha nada com aquelas pessoas, sua família era outra! O que Clarinha diria se soubesse de toda a verdade? Será que eles sabiam a verdade?

- Rá, rá, rá! Agora tudo ficou muito mais fácil! - gargalhou Lupércio, no outro extremo do quarto, cercado por seu exército de desvalidos. - A desmoralização vai ser completa!

Embora ninguém pudesse ouvi-lo, Rafael sentiu um arrepio.

- O senhor teve uma queda de pressão e desmaiou - explicou Florence, percebendo seu olhar atormentado. - Isto é, imagino que tenha sido uma queda de pressão - ela corrigiu, tomando seu pulso. - Deixa eu ver se...

- Não é necessário - ele respondeu ríspido, tirando o pulso de suas mãos e discretamente limpando-o na colcha. - Deve ter sido o calor. Podem voltar para a festa, já está tudo bem... - disse, já procurando com os olhos o vidro de álcool.

- Foi uma sorte a Florence estar aqui, papai. Ela trabalha num hospital, em Florianópolis, como assistente social e... - tentou dizer Clarinha.

- Podem ir, eu já disse - ele repetiu nervoso. - Agradeço muito pela atenção, mas gostaria de ficar sozinho.

-Vamos, mãe - puxou Rafael, sentindo-se incomodado por alguma coisa que não sabia exatamente o que era.

- O senhor tem certeza de que não quer que chamemos um médico para examiná-lo? - ainda insistiu Florence. - Minha prima Lucila, que mora no segundo andar, é pediatra, mas...

- Eu sou médico - ele respondeu, seco. - Não se preocupem que eu sei exatamente o remédio que preciso tomar.

Moneda já se encaminhava para a porta, depois de alegar para os amigos um súbito mal-estar, quando, tomado por uma intuição, olhou para trás uma última vez e deu com Florence parada na sala ao lado dos filhos, bem em frente ao corredor que dava para os quartos.

"Luna tu/ Quanti sono i canti cherisuonano/Desideri che attraverso i secoli/ Han solcato il cielo per raggiungerti/ Porto per poeti che non scrivono", cantava o conjunto entoando justamente uma canção de Alessandro Safina, a mesma que tocava no momento em que Florence entrara pela primeira vez em seu carro. No terraço, imensa lua se descortinava, como que em-bevecida por aquela canção que a exaltava.

XXXVIII

Numa fração de segundo, Moneda atravessou a sala cheia de casais e postou-se à frente de Florence em iluminado sorriso:

-Vamos dançar? - ele convidou, tocando levemente em sua cintura.

- Maurício? - ela ainda estava sob o impacto das palavras ásperas de Faustino.

- Vamos dançar? - ele repetiu, puxando-a para a pista.

Florence não pôde resistir. Com o coração disparado, deixou-se então enlaçar, inebriada por seu agradável perfume, esquecendo-se até dos filhos, que a olhavam assustados sem entender o que estava acontecendo. Aquela música parecia ecoar dentro de seu coração, despertando-lhe sensações até então para ela desconhecidas. Era uma coisa tão profunda, tão intensa que sentia pulsar dentro dela que parecia até que ia explodir de tanta emoção.

- Quem é aquele homem? - Aine, pasma, perguntou a Rafael.

- Eu é que sei? Nem reparei de onde ele veio! - respondeu ele, também admirado, mas curiosamente não tão aborrecido quanto a irmã.

- Será que ela o conhece? - Aline não conseguia acreditar.

- Acho que sim - imaginou Rafael. - Do contrário ela não estaria agarrada a ele desse jeito...

- Ela nunca fez isso! - protestou, Aline, mal podendo conter seu ciúme e indignação.

-Ah, deixa ela, Aine! Dá um ar!s7

- Mas vocês dois estão sempre brigando, hein? - disse Vinícius, aproximando-se. - Tá a fim de dançar? - ele convidou Aline.

- Esta música? - ela respondeu rabugenta, pegando uma taça de tequila na bandeja do garçom a seu lado.

- O que é que tem? E romântica, você não gosta de música romântica? - insistiu Vinícius.

Vítor, que vinha logo atrás, parou subitamente ao ver que o irmão conversava com Aline. "Será que eles se conhecem?", pensou, angustiado. "Será que eu vou lá?" A enorme quantidade de pessoas na sala, contudo, o angustiava.

37- Não sufoca, dá um tempo!

- Quer saber? Vamos dançar! - ela disse, virando a taça de um só gole. - Bem ali! - ela apontou para onde estavam Florence e Moneda.

Vinícius nem discutiu. Pegou em sua mão e conduziu-a rapidamente para o meio da sala. Não podia perder aquela oportunidade.

- Istepô! (38) - exclamou Rafael, também começando a ficar enciumado.

- Rafael, você viu o Vinícius? - perguntou Chuva, ainda procurando em torno.

Rafael só fez um movimento com os olhos, como que apontando os dois com as sobrancelhas.

-Ai, que ódio! - deixou escapar Chuva. - Você me desculpe, mas, como vocês falam lá em Florianópolis, essa sua irmã é uma traíra! (39)

-Vai dizer isso pra mim? - ele respondeu. - Quer saber? Eu vou lá fora comer uma pizza!

Os dois saíram e Vítor ficou ali parado, de braços cruzados, olhando Vinícius e Aline dançarem, sentindo-se acuado pela multidão. "Ele está dançando com ela!", constatou, passado. A vontade que tinha era de dar um murro na cara do irmão! Porém havia tanta gente na pista... O sangue foi começando a correr mais depressa, a respiração começou a ficar ofegante, mas ele disse num sussurro bravo:

- Agora não!

38- Expressão usada para dizer queuma pessoa não é boa, não presta.

39-pessoa falsa.

Falou com tanta vontade, com tanta determinação que, ao invés de ter uma crise, sentiu-se mais forte. Afinal, ele havia conseguido vencer uma prova muito importante. Estava ali, no meio daquele monte de gente, desafiando todos os seus receios. Logo, podia ser mais forte do que a crise. Ele tinha que ser! No que ele acabou de se dizer isto, porém, começou a sentir um embrulho no estômago. "Preciso falar com a Olívia", decidiu, respirando o mais fundo o que podia, e seguiu pelo corredor em busca de uma porta aberta onde pudesse encontrar um telefone. "Trezentos, duzentos e noventa...", ia contando pelo caminho, tentando segurar os sintomas da crise que se anunciava. Acabou entrando no escritório, que estava vazio.

Enquanto isso, na pista, a música acabou e o conjunto fez uma pequena pausa para beber água. Maurício e Florence, que haviam dançado em silêncio até agora, afastaram-se um pouco e trocaram um olhar sorridente.

- Você está linda... - ele disse, admirado com sua beleza.

- E aí, Moneda? Você não estava indo embora? - perguntou Vinícius. Só então, como que despertada de uni sonho pelas palavras de Vinícius, Florence percebeu que estava lado a lado com a filha:

- Maurício, esta aqui é a... - ela se deteve antes de dizer o nome de Aline.

- Aline, muito prazer - a moça se adiantou, quase ríspida. Como não tinha hábito de beber e ainda por cima não havia comido nada, ficara já um pouco alterada com a dose de tequila.

- Ué? - estranhou o jornalista, beijando a mão de Aine. - Mas então vocês duas têm o mesmo...

- O mesmo jeito, todo mundo fala - Florence o puxou em direção ao terraço - Mas vamos até ali fora que eu estou morrendo de fome. Filha, depois a gente conversa, tá?

- Com licença - Moneda sorriu simpático para Aine. Aine ficou bufando de raiva.

- Por que você está tão irritada? - percebeu Vinícius.

- Nem sei. Eu sou assim mesmo - ela respondeu, pegando mais uma taça de tequila na bandeja que passava.

- Cuidado que isso é forte - Vinícius avisou, servindo-se também de uma taça. - Você está acostumada a beber?

Aline virou novamente a taça de um só gole:

- Isso responde a sua pergunta? - desafiou, devolvendo a taça ao garçom.

- E aí cara? - um rapaz bateu às costas de Vinícius.

Era Binho, o filho mais velho de Faustino e Jaqueline. Os dois eram muito amigos. Tinham a mesma idade e faziam parte do mesmo grupo de capoeira, onde tinham uma turma. Era um rapaz alto, musculoso e bronzeado. Aline, no entanto, não lhe deu a mínima. "Será que aquele rapaz do elevador também está aqui?", ela pôs a correr os olhos pelo salão.

-Até que enfim! - disse Vinícius, num forte aperto de mão. - Já estava até pensando que você tinha saído fora. Você conhece a Aline? Aline! - ele a chamou para perto, mas ela nem o ouviu, preocupada que estava em procurar por Vítor.

"Eu tenho que achar aquele garoto", pensava consigo, afastando-se sem que Vinícius percebesse.

-Aline! - Vinícius chamou de novo, só então reparando que ela havia sumido. - Ué? Ela estava aqui ainda há pouco...

- Oi, Binho! - Chuva apareceu, toda insinuante. - Há quanto tempo não te vejo... Você está tão bonito!

Vinícius virou-se rapidamente ao ouvir a voz melosa de Chuva para Binho.

Desta vez foi ele quem não gostou. Era verdade que tinha acabado de fugir dela ainda há pouco, com medo que ela voltasse a pressioná-lo com aquela história de namoro. Mas também não queria que ficasse se oferecendo para seus amigos!

- Oi, né, Chuva? - fez questão de dizer.

- Nossa, Vinícius! Sabe que eu nem tinha te visto? - mentiu ela, com olhos vingativos. - Mas, e aí, Binho, o que é que você tem feito de bom?

Os três ficaram conversando sobre trivialidades, ao mesmo tempo em que, não muito longe dali, Aline atacava mais uma vez a bandeja com tequilas.

- Que coisa engraçada! - comentou Moneda, enquanto atravessava o terraço com Florence em direção à mesa onde estavam Cenyra, Luís Paulo e Paloma. - Você e sua filha têm o mesmo nome?

- Na verdade não... - ela parou no meio do terraço, constrangida, iluminada por um fio de luar que a deixava ainda mais atraente em seu vestido bordado de lantejoulas.

- Mas então?...

- Meu nome é mesmo Florence, não é nenhum apelido... Não quis te dizer no primeiro dia porque... porque sou boba. Pronto, falei - confessou, envergonhada, levando em seguida a mão à testa de maneira a tapar os olhos.

- Bobinha - disse Moneda, tirando-lhe a mão dos olhos com delicadeza.

- Florence é muito mais bonito...

No momento em que suas mãos se tocaram, Florence estremeceu. "Como um simples tocar de mãos podia mexer tanto com uma pessoa?", perguntava-se, sem conseguir parar de olhar para a imagem da lua que brilhava nos olhos dele. "E pensar que fiquei tanto tempo matutando sobre como diria isso a ele e..." Quase como que por encanto, os rostos dos dois se aproximaram, o beijo era quase inevitável. Moneda, contudo, recuou de repente, temeroso de qual seria a reação dela se a beijasse. Não queria perdê-la por causa de um ato precipitado.

Só nesse instante, Florence se deu conta do que estivera prestes a fazer e também se conteve, reparando que Rafael e Clarinha estavam a poucos passos dali, acompanhando interessados o trabalho do pizzaiolo. "Anda bem que eles estavam de costas", pensou, aliviada, enquanto, alisava a saia do vestido em leves batidinhas, como se estivesse sujo de alguma coisa. Foi a única maneira que encontrou para disfarçar seu constrangimento.

-Vamos até aquela mesa... - Moneda convidou, avistando Luís Paulo de pé no outro extremo do terraço. - Então quer dizer que você ficou com medo de me dizer seu nome de verdade... - comentou bem-humorado, enquanto caminhavam.

- Não foi exatamente medo, sei lá... Sabes que eu não fazia isso desde os tempos em que era adolescente? Naquela época era uma espécie de defesa. Quando aparecia um *rapagi* para me paquerar, eu logo inventava outro nome. Principalmente se fosse em baile de carnaval - ela se lembrou divertida.

Moneda sorriu. Adorava aquele seu jeito típico de falar.

- Alguns povos primitivos acreditavam que o nome carrega toda a força da pessoa, por isso jamais deve ser conhecido por seus inimigos. Eles achavam que quando alguém descobre seu verdadeiro nome, descobre também todos os seus segredos - provocou-a.

Florence, porém, se fez de desentendida:

-Tu sabes que eu também já li alguma coisa parecida com isso? Não sei se era referente aos gregos ou a alguma civilização indígena, mas dizia que todas as pessoas, ao nascerem, recebiam um nome secreto, que lhes era amarrado ao pescoço num saquinho pequenino, como se fosse um talismã, que jamais deveria ser conhecido por ninguém. A pessoa então passava a ser chamada pelo nome de batismo, que nunca era o mesmo.

- Se for coisa grega, o Luís Paulo certamente deve saber - ele disse, no momento em que chegavam à mesa onde o jornalista conversava animadamente com Cenyra e Paloma. - Deixa eu te apresentar... Este aqui é o mais curioso especulador de mitologia grega que eu já conheci! - disse, batendo nas costas do amigo.

- Mas nós estávamos justamente falando sobre isso! - respondeu Luís Paulo, simpático, colocando o cigarro no canto da boca para estender a mão à Florence. - Muito prazer... Mas você não tinha ido embora? - ele olhou surpreso para Moneda, enquanto soltava a fumaça retida nos pulmões.

- Mas sobre o que vocês conversavam? - desconversou Moneda.

- Sobre reencarnação e mitologia grega! - acrescentou Paloma, animada.

- Esta é a minha prima! - disse Florence, num sorriso, piscando discretamente para Paloma para que entendesse que aquele era o rapaz que conhecera na véspera de Natal em Florianópolis.

Feitas as devidas apresentações, Cenyra trocou um sutil olhar com o marido e cochichou-lhe ao ouvido discretamente, enquanto Maurício e Florence davam atenção a Paloma:

- Ela é muito parecida com a Lorraine... Que coisa incrível!

- Não achei tanto assim, é impressão sua - descartou Luís Paulo, interessadíssimo em continuar o assunto interrompido. - Mas o que é que vocês estavam querendo saber sobre mitologia?

Florence narrou-lhe rapidamente o que acabara de contar a Maurício.

- Bem, nunca li nada sobre isso em meus livros sobre Grécia - disse Luís Paulo, reflexivo, apagando o cigarro num cinzeiro. - O que me lembro sobre esta questão de nome é que havia entre os gregos uma divindade chamada Déspoina, cujo verdadeiro nome só era conhecido pelos iniciados nos Mistérios de Elêusis, que eram uma espécie de culto a Deméter, a deusa da terra cultivada.

- Peraí! Se você conhece os Mistérios de Elêusis, têm de admitir que os gregos acreditavam na reencarnação! Não há Mistérios de Elêusis sem a idéia de reencarnação! - defendeu Paloma, que também era apaixonada por mitologia.

- Tanto não acreditavam que o culto aos Mistérios de Elêusis não incomodava o estado. Era apenas um evento mítico-simbólico do qual os gregos participavam. No resto do ano os iniciados viviam a religião estatal, panteísta! - argumentou Luís Paulo.

- Mas, afinal de contas, o que são esses Mistérios de Elêusis de que vocês tanto falam? - quis saber Florence.

- Eu confesso que também não entendo nada de mitologia - disse Maurício.

- Eu, então... - concordou Cenyra, abrindo a mão direita num gesto de dúvida e desconhecimento e, em seguida, girando a cabeça para trás para checar as pessoas que estavam atrás dela.

- Os Mistérios de Elêusis eram uma espécie de celebração, onde os gregos reviviam o mito de Deméter, através de uma encenação participativa - explicou Paloma.

- Sim, segundo este mito, Deméter, deusa e mãe da terra cultivada, casou-se, em primeiras núpcias, com Zeus e desta união nasceu Core -complementou o marido de Cenyra.

- Mas não era Déspoina? - confundiu-se Florence.

- Déspoina, cuja forma ninguém conhece, nasceu de outra união -esclareceu Luís Paulo.

- Mas o que aconteceu com a Core? - interessou-se Cenyra.

- Core, que significa a jovem, estava um dia brincando com as amigas, quando encantou-se por uma flor à beira de um abismo e sumiu. No momento em que estava sendo arrastada para o abismo, ela deu um grito agudo e Deméter acorreu, mas não conseguiu vê-la nem tampouco perceber o que havia acontecido. Simplesmente a filha desaparecera.

Luís Paulo narrava o mito com tanto entusiasmo e riqueza de detalhes que todos se calaram para ouvi-lo, fazendo-o sentir-se o próprio contador de histórias. Adorando esse papel, ele acendeu novo cigarro, antes de continuar:

- Durante nove dias e nove noites, sem comer, sem beber, sem se banhar, a deusa errou pelo mundo como uma louca, com uma tocha em cada mão, à procura da filha - continuou, após uma longa tragada. -Interrogou todos os deuses, até que Hécate, divindade ligada ao mundo das sombras, que preside à magia e aos encantamentos, contou-lhe que também ouvira os gritos e vira que a jovem estava sendo arrastada para algum lugar, mas não lhe foi possível reconhecer o raptor, cuja cabeça estava cingida com as sombras da noite. Deméter então compreendeu tudo: sua filha fora raptada por Hades, rei do imenso império localizado no seio das trevas brumosas, também conhecido como inferno, e com a conivência de Zeus. Ou seja, Core fora para outro mundo. Arrasada, Deméter então se recolhe em Elêusis, onde vão nascer os mistérios.

- Eu fiz um curso uma vez com um psicanalista que explicou que mistério é o local do mito, onde as pessoas vão para refletir. Reflectere, em grego, significa dobrar-se sobre si mesmo - complementou Paloma.

- Pois, então. Trata-se de uma encenação que faz as pessoas refletirem, como, aliás, faz toda tragédia grega - sintetizou Luís Paulo.

- Mas o que aconteceu com a Core? - insistiu Florence, interessada na história.

-Ali, sim, voltemos à Core - disse Luís Paulo, após mais uma tragada.

- Depois de raptada, Core transformou-se em Perséfone, a esposa de Hades, o senhor do inferno. Saudosa da mãe, a quem teoricamente não poderia voltar a ver, passa a argumentar com Hades que a terra ficaria estéril enquanto ela fosse mantida na outra vida, já que ela era a semente e sua mãe, o laboratório da fecundação. Deméter, enquanto isso, após sofrer várias humilhações, recolheu-se ao interior de um santuário, consumida pela saudade de Perséfone. Provocada por ela, uma seca terrível se abateu sobre a terra.

- E os outros deuses, não fizeram nada? - impacientou-se de novo Florence, sem imaginar o quanto agradava a Luís Paulo com sua curiosidade.

- Sim, mas quanto mais eles tentavam demovê-la de sua vingança, mais estéril a terra se tornava. Em vão, Zeus mandou-lhe mensageiros, pedindo que regressasse ao Olimpo. A deusa, contudo, respondeu com firmeza que não voltaria ao convívio dos imortais nem tampouco permitiria que a vegetação crescesse, enquanto não lhe entregassem a filha de volta. Assim, como a ordem do mundo estivesse em perigo, Zeus pediu a Hades que devolvesse Perséfone.

- E ele devolveu? - perguntou Cenyra, olhando em torno, começando a ficar preocupada com Vítor que até então não voltara mais à mesa.

Nesse momento, sem querer, as mãos de Florence e Maurício voltaram a se encostar e, não resistindo ao calor que então sentiu espalhar-se por dentro de si, Moneda entrelaçou seus dedos aos dela num gesto discreto e delicado. Sentindo novamente o coração disparado, Florence não disse nada, embora não pudesse disfarçar o sorriso que instantaneamente bordou-se em sua fisionomia. Anda assim, ela esforçou-se para aparentar a máxima naturalidade e manter a atenção fixa na história narrada por Luís Paulo:

- Devolver, devolveu - continuou ele. - Só que, antes, como era muito astuto, Hades fez com que Perséfone engolisse uma semente de romã, o que a impedia de deixar a outra vida.

- Como assim? - tentou entender Maurício, apertando forte a mão de Florence.

- Perséfone foi obrigada a comer a semente de romã e, com isso, sendo esta símbolo da fertilidade, a jovem ficou presa ao marido - explicou Luís Paulo.

- Na verdade, Perséfone deixou-se sucumbir pela sedução, ficando por isso condenada a permanecer nas trevas - complementou Paloma.

- Mas então ela não voltou? - deduziu Florence.

Todos estavam envolvidos com a história, à exceção de Cenyra. Cada vez mais preocupada com Vítor, ela esforçava-se para ser simpática, mantendo-se o tempo todo com um leve sorriso no rosto, todavia não conseguia concentrar-se na narrativa do marido, ainda que adorasse ouvi-lo narrando mitos como aquele. O fato, porém, é que não conseguia parar de pensar em Vítor; sentia que algo de errado estava acontecendo com o filho.

- Ela voltou - disse Luís Paulo, respondendo a Florence. - Depois de muita discussão, finalmente chegou-se a um consenso: anualmente, Perséfone passaria uma parte do ano com a mãe e outra parte com o esposo. Ficaria com o marido durante o outono e o inverno, e estaria ao lado da mãe na primavera e no verão, quando tudo floresce.

- Mas o que aconteceu com Deméter? - perguntou Florence.

- Deméter, por assim dizer, reviveu através da filha, que se torna então uma semente fértil, simbolizando toda a fecundidade da terra. Segundo o mito, depois de reencontrar a filha, Deméter retornou ao Olimpo e a terra cobriu-se, instantaneamente, de verde. Desde-então, cada vez que Perséfone vem à Terra, celebram-se os Mistérios de Elêusis, ou seja, a chegada da primavera. Os Mistérios de Elêusis seriam, portanto, o retorno e o florescimento de Perséfone e Deméter conjugadas. Como veem, trata-se apenas de uma história alegórica sobre as diferentes estações do ano, que nada tem a ver com reencarnação - concluiu Luís Paulo.

- Como não? - protestou Paloma. - Segundo explicou o professor do curso que eu fiz, os Mistérios de Elêusis têm justamente por essência uma morte simbólica, projetada na morte e ressurreição da semente. Para a semente ser semente, ela tem de morrer para ter bons frutos. Perséfone é a personificação do ciclo da semente, que sobe como árvore e volta como semente, é o símbolo da vida que não morre, daí a ideia de reencarnação.

- Desculpem interromper - Cenyra voltou-se para Florence e Moneda -, mas por acaso vocês viram o Vítor quando estavam lá dentro?

- Quem é Vítor? - perguntou Florence, só então soltando a mão de Maurício, constrangida com o olhar de Cenyra.

- Você não conhece - disse Moneda, também recolhendo a mão envergonhado. - Não, eu não o vi. Cheguei a encontrar por acaso com o Vinícius, aquele que estava dançando com a sua filha - ele explicou a Florence, antes de voltar a olhar para Cenyra. - Mas o Vítor eu não vi não...

-Se vocês me dão licença, eu vou até lá dentro ver como ele está... -disse Cenyra, levantando-se.

Ela tinha certeza de que o filho não estava bem.

XXXIX

Sentado à mesa de Faustino, no escritório vazio, Vítor chorava, arrasado, ao lado do telefone, sem coragem de ligar para Olívia.

-A que ponto eu cheguei... - dizia em prantos, com a voz entrecortada por soluços profundos. - Como um ser humano pode chegar... a este ponto?... Precisar ligar para a terapeuta... para conseguir dizer 'oi' para uma menina... Um simples 'oi'... Que espécie de homem sou eu, droga?... Que é que eu faço da minha vida?

Quase como se pudesse ouvi-lo em sua intuição de mãe, Cenyra, angustiada, revirava a festa à procura do filho.

- Mas ele não estava com você? - inquiriu de Vinícius, ao avistá-lo dançando na companhia de Binho e Chuva.

- Ah, sei lá, mãe... - respondeu Vinícius, sem conseguir tirar os olhos da dança insinuante entre Binho e Chuva. - Deve estar por aí... Esquenta não. Se ele tivesse tido algum piripaque, já estaria cheio de gente em volta...

Era exatamente disso que Cenyra tinha medo. Que Vítor não suportasse o desespero de passar mal diante de um monte de gente. "Procure no interior da casa", ela ouviu dentro de si. "Não, eu não posso ir entrando na casa dos outros desse jeito", dissuadiu-se, contudo, voltando a embrenhar-se em meio ao grupo de pessoas que pulavam ao som de uma música agitada. "Meu Deus, o que foi que eu vim fazer neste lugar? Onde está meu filho?", perguntava-se, entre uma cotovelada e outra.

O clima geral, de fato, extrapolava os limites de uma suposta festa de família. Completamente esquecida de seus papéis de esposa e mãe, Jaqueline dançava como uma odalisca, no meio de uma roda de convidados, exibindo-se aos olhos dos homens ali presentes. Já bastante alterada pela quantidade de álcool ingerida, que se denunciava em seus olhos avermelhados e na fisionomia desvairada, comportava-se tal qual uma adolescente sem modos, cuja única preocupação era chamar a atenção para sua beleza, enquanto o marido dormia lá dentro sob o efeito de calmantes.

"Isso não pode dar boa coisa", imaginou Cenyra, constrangida por testemunhar aquela cena. "Não quero nem pensar na quantidade de espíritos que devem estar participando desta balbúrdia", deduziu, lembrando-se de um livro que lera recentemente.

Cenyra tinha razão. Mal podia imaginar, contudo, a quantidade de espíritos que efetivamente se agrupavam em torno de Jaqueline, sedentos de emoções fugazes e intensas, quase todos também inebriados pelos vapores do álcool que de toda parte emanavam em assustadora profusão. Além de Lupércio, que dançava quase colado a Jaqueline, sacudindo alucinado a vasta cabeleira desgrenhada, e sua falange vingadora, que a tudo observava de longe, sempre a postos para protegê-lo, havia inúmeras entidades que ali se reuniam com o simples intuito de se divertir à custa dos desregramentos dos encarnados.

Quem olhasse de um ponto de vista espiritualmente mais elevado, veria que pairava sobre o ambiente uma espécie de nuvem cinzenta densa e viscosa, envolvendo a todos os que se sintonizavam com aquela ideia de "qualquer prazer me diverte". Havia, no entanto, alguns pontos de luz que se destacavam como ilhas de bem-aventurança em meio àquela psicosfera pesada e escura.

Essa luz, que brilhava à distância sem no entanto poder ser vista pelos espíritos mais atrasados, envolvia os garçons e as pessoas que trabalhavam na festa; algumas crianças que haviam se reunido em torno do caprichoso pizzaiolo, entre as quais estavam Clarinha e Rafael; a própria Cenyra e também algumas poucas mesas, como a em que estavam sentados Luís Paulo e seus amigos, onde, além da moderação no consumo de álcool, imperavam conversas, pensamentos e sentimentos sadios, que imprimiam no espaço vibrações bem diferentes das que eram emitidas pela grande maioria de outros convidados.

Na verdade, o restrito grupo era protegido pela luz que emanava da falange de seareiros do bem, que ali se encontrava com a difícil missão de proteger não só aqueles que não estavam sintonizados com a vibração pesada do ambiente. Com inacreditável desvelo, esmeravam-se por socorrer toda aquela grande massa de encarnados contra as maléficas inclinações de suas próprias personalidades, tentando assim evitar que estas pessoas se deixassem levar pelo desequilíbrio e abrissem as portas ao assédio das inúmeras entidades sofredoras ali presentes.

- Querida, beba ao menos um pouco de água - sugeria Demóstenes aos ouvidos de Jaqueline. - Você é a dona da casa, não deve se expor desse jeito...

- Corna alguma coisa, do contrário você vai passar mal - insistia Pablo, tentando convencer Aine, enquanto diversos obreiros de luz faziam o mesmo com outras pessoas em idêntica situação. A alguns sugeriam que fossem tomar um pouco dc ar, a outros que se contivessem, a muitos para que fossem embora o quanto antes.

Como a grande maioria dos ali presentes, tanto Aline quanto Jaqueline faziam-se surdas a seus apelos. Não perdiam, porém, urna única sugestão da parte dos trevosos que as rodeavam. "Preciso achar um jeito de levar este cara para um quarto lá dentro sem que ninguém perceba", pensava Jaqueline, louca de desejo pelo rapaz que quase a engolia com os olhos bem no meio da sala. "Eu dou um beijo na boca daquele garoto se eu o encontrar agora", repetia mentalmente Aline, enquanto caminhava cambaleante por entre as pessoas no salão.

Foi quando viu Clarinha passar depressa com Rafael em direção ao corredor que dava para o interior do apartamento. Embora tonta, observou de longe que o irmão parou de repente para vomitar.

- Hi... eu é que bebo e ele que vomita? - ela pensou alto, com ironia. Ninguém, contudo, a ouviu. "Será que ele também bebeu?", ela caiu em si, preocupada. "Preciso ir até lá. Onde será que está minha mãe?"

Rafael, contudo, não havia bebido. Apenas materializava, à sua maneira, o clima pesado da festa que desavisadamente captara. Extremamente sensível, embora protegido pelos mentores de luz ali presentes, ao deixar as imediações do forno para dar uma volta na festa com Clarinha, havia sem querer se deixado impressionar por uma jovem que dançava sensualmente com seu parceiro, sintonizando-se de imediato com as vibrações do ambiente. Para sorte de Clarinha, ele começara a vomitar poucos metros antes que ela avistasse sua própria mãe dançando de maneira provocante, agora entre dois homens mais jovens.

- Caramba! Eu estou me sentindo muito mal - disse Rafael, ainda nauseado.

- Você deve ter comido muita pizza - disse Clarinha, amparando-o. - Vamos até meu quarto. Se quiser, pode deitar um pouquinho na minha cama pra descansar...

Quando finalmente Aline conseguiu chegar ao corredor por onde Rafael seguira com Clarinha, eles já haviam sumido. "E agora, o que é que eu faço?", perguntou-se, olhando para as várias portas que havia no corredor. "E se eu entro sem querer no quarto do pai da Clarinha?", pensou, sentindo-se confusa entre duas portas, esforçando-se para lembrar-se qual delas era a do quarto onde havia entrado mais cedo. Como estivesse muito alterada, acabou soltando urna gargalhada no corredor.

- Se ainda por cima eu não estivesse tão mal da bitaca...(40) - disse, ainda rindo. - Já sei! Uni, duni, tê, salame, minguê - ela começou a cantar, apontando o dedo ora para uma, ora para outra porta. - Um sorvete colorido, o escolhido foi você! - disse, abrindo num tranco a porta do escritório de Faustino - Rafaeeel! - ela já entrou gritando.

Vítor se levantou de um salto, ainda enxugando os olhos molhados, Aline abriu a boca sobressaltada.

40- Diz-se em Florianópolis quando uma pessoa está mal da cabeça, meio pirada.

XL

-Será que eu vou?... Ou será que eu não vou? - Lucila perguntou-se alto.

Sentada no quarto diante da mala cheia de roupas, olhava para a passagem que tinha nas mãos, enquanto devorava um pacote de doce-de-leite em cubinhos, que ganhara naquela manhã da mãe de uma de suas pequenas pacientes. O avião partiria dentro de poucas horas. Rio-Londres, domingo, 3 de fevereiro, sete horas da manhã, estava escrito no canhoto.

-Ai, meu Deus, tinha de acontecer tudo isso justo agora? A mamãe com Alzheimer, eu não posso acreditar... Como é que eu vou explicar para elas que eu não posso perder esta oportunidade? - ela voltou a questionar-se, com a voz embargada, olhando para a foto de Noêmia que ficava num porta-retratos em cima de sua mesinha de cabeceira.

Fazia exatos cinco anos que lutava por aquele sonho: fazer um curso de especialização em viroses tropicais na Universidade de Londres. Que contrassenso. Era preciso ir à Inglaterra para aprofundar-se nos males que afetavam seu próprio país. E o pior é que não era nada fácil ser admitido no tal curso. Havia feito um sem-número de provas, mas, por mais que se empenhasse, jamais conseguia um percentual de pontos que lhe assegurasse a bolsa de estudos que tanto desejava. Sem a dita bolsa, era impossível fazer o curso, que além de caro demandava dedicação integral dos inscritos.

Mas Lucila era obstinada, não desistia facilmente de seus ideais. Não adiantava as pessoas dizerem que podia realizar-se em sua carreira mesmo sem o tal curso, que o bom facultativo necessita muito mais de prática, amor e dedicação do que de cursos de especialização. Queria ser uma médica completa, imbatível em seus diagnósticos, senhora de todas as doenças.

Há coisa de um ano descobrira que havia outra porta de entrada para a universidade inglesa. Soube que alguns países da América Latina vinham sendo oficialmente convidados a enviar seus melhores médicos a participarem do curso gratuitamente. Lucila mexeu-se por todos os lados, acionou seus clientes de maior prestígio na clínica particular onde também trabalhava, fez de tudo para conseguir uma indicação. Chegou mesmo a enviar uma carta ao ministro da saúde, mas não obteve nenhuma resposta. Todos os seus esforços sempre se revelavam infrutíferos no que se referia ao tal curso.

Só não esperava que a oportunidade de seus sonhos batesse à sua porta justamente através daquele hospital público que ela tanto odiava, justamente no momento em que ela começava a perder suas últimas esperanças.

- Lucila - dissera o diretor no final da semana -, recebemos um convite oficial do governo para enviar um de nossos pediatras para este curso em Londres, não sei se te interessa...

- Mas é claro que me interessa! - Lucila quase caiu da cadeira ao ler o prospecto que ele lhe entregou. - Há anos que sonho em fazer este curso!

- Então a vaga é sua. Afinal, você é a chefe do núcleo de pediatria de nosso hospital - comemorou ele. - O único inconveniente é que eles demoraram muito para nos enviar o convite, o curso já começa na segunda-feira que vem. Não sei se vai dar tempo de você providenciar tudo o que é necessário, você sabe, essa burocracia de visto no consulado e...

- Eu tenho tudo pronto! - disse Lucila, ainda sem acreditar no que estava acontecendo.

- Bom, então só ficou mesmo faltando acertar a papelada da licença e abrir uma conta no Margaretlfs Bank. E uma exigência do governo para que você possa receber a bolsa - informou o diretor do hospital.

- Então quer dizer que, além de fazer o curso sem precisar pagar um tostão, eu ainda vou receber uma bolsa do governo? - ela estava pasma.

"Como uma coisa pela qual havia lutado tantos anos, sem obter êxito, podia cair agora em suas mãos sem que precisasse mover sequer uma palha?", perguntava-se.

- Sim, afinal você vai precisar morar um ano e meio em Londres para fazer este curso - disse o diretor.

Mas nem era preciso explicar muita coisa. Lucila sabia de todos os detalhes do curso, já tinha em mente até a maneira como pretendia estruturar seu trabalho final.

- Eu já tenho também a conta no Margareth's Bank. Na verdade eu a abri há alguns anos, já pensando na possibilidade de vir a passar um tempo na Inglaterra. Como você sabe, minha mãe já é relativamente idosa, eu sempre tive a preocupação de contar com um banco através do qual eu pudesse enviar-lhe algum dinheiro caso um dia concretizasse esta possibilidade e o Margareth's Bank, além de ser um dos maiores de Londres, possui a vantagem de ter agências aqui no Rio - ela explicou ao surpreso diretor.

Ao fim da conversa, o único detalhe que Lucila não teve coragem de revelar foi que não tinha planos de voltar da Inglaterra após o curso. Desde menina, muito antes de sonhar em se tornar médica, sempre desejara viver em Londres. Achava que o povo inglês tinha muito mais a ver com ela, com seu pontualismo, suas normas rígidas, sua seriedade. Seu objetivo agora, portanto, era destacar-se ao máximo no curso, fazer com que os ingleses se interessassem em contratá-la para trabalhar em um daqueles maravilhosos hospitais de Londres, criar raízes na capital inglesa.

Estava por demais cansada de conviver com a total falta de perspectivas de um país como o Brasil, onde precisava comprar gaze e esparadrapo para tratar de seus pacientes num hospital público inteiramente desprovido de recursos. Por mais que se esforçasse, não conseguia enxergar futuro para uma nação marcada por tantas desigualdades e absurdos, um país que mal possuía hospitais decentes para tratar de seus doentes, onde tantas pessoas morriam de infecção hospitalar causada pela insalubridade das salas e equipamentos cirúrgicos.

- E pensar que foi justo este hospital que me abriu as portas para realizar o meu sonho... O Brasil é mesmo o país das contradições... - ela pensou consigo, enquanto afagava carinhosamente a foto da mãe no porta-retratos.

Não era uma pessoa de todo insensível, como costumava dizer Paloma. Doía-lhe e muito a idéia de separar-se da mãe, sobretudo agora que sua doença havia sido diagnosticada. Se por um lado lhe era extremamente conveniente deixar a casa cheia de parentes que tanto atrapalhavam a sua liberdade, e se ver livre definitivamente de Paloma e suas presepadas esotéricas, por outro, ela ressentia-se diante da realidade de que talvez nunca mais voltasse a ver dona Noêmia.

Lucila sabia que o mal de Alzheimer é uma doença degenerativa sem causas conhecidas que leva a pessoa a ir perdendo, paulatinamente, todos os seus parâmetros e referenciais de comportamento.

- O cérebro simplesmente vai se exaurindo, como uma lâmpada fraca até o ponto da pessoa não conseguir abrir nem mais a boca para se alimentar...- ela disse alto, com os olhos mórbidos e as lágrimas a escorrerem-lhe pela face. - Eu não quero ver mamãe assim! - ela escondeu a cabeça entre as mãos para abafar o pranto.

Era difícil tomar uma decisão. Em seu íntimo, ela culpava Paloma e Florence como responsáveis pelo dilema em que agora se encontrava. As hipóteses não paravam de se suceder em sua cabeça. Se elas não a tivessem levado ao médico justamente no dia em que ela voltava para casa extasiada com a notícia de sua viagem, se a doença de sua mãe houvesse sido descoberta depois que ela já estivesse na Inglaterra... O que Lucila efetivamente queria era encontrar uma alternativa que a fizesse se sentir um pouco menos culpada, como se fosse possível rearticular o passado de acordo com as suas conveniências. A verdade, porém, é que tão difícil quanto tomar uma decisão era a tarefa de comunicar sua decisão à família.

No silêncio da noite, entrecortado apenas pelas batidas da música da festa na casa do vizinho do andar de cima, ela era obrigada a admitir que havia se alterado com Paloma não só por a irmã ter levado a mãe a um médico sem o seu consentimento. A verdade é que, além de humilhá-la em sua competência, Paloma acabara por atrapalhar seu momento de felicidade com sua descoberta. Lucila relutara em aceitar que a mãe sofria de Azheimer não só por uma questão de amor filial, mas principalmente porque a doença atrapalhava seus planos. Tanto que nem tivera a coragem de mencionar o convite que recebera depois de ser informada do diagnóstico de Noêmia.

- O grande problema da Paloma é que ela nunca se conformou pelo fato de eu ser médica e ela não... Eu tenho culpa se ela achou melhor sair por aí panfletando e fazendo arruaças políticas ao invés de cursar uma faculdade?... Agora fica aí, bancando a médica de araque, querendo curar as pessoas com terapias alternativas... - ela desabafou diante do espelho, entre fungos e lágrimas.

"A, meu Deus, será que eu vou ou será que não vou?", perguntou-se mais uma vez, olhando para o armário já quase vazio. "Elas vão me crucificar quando descobrirem! Vão dizer que sou uma filha ingrata, que não ligo a mínima para o problema da mamãe!"

- O que todo o mundo se esquece - ela voltou a falar diante do espelho, com o dedo em riste - é que, quando papai ficou doente, fui eu quem cuidei dele até o último minuto, enquanto a Paloma se aventurava por aí com aquele maluco revolucionário, lutando para assentar bóias-frias nos cafundós de São Paulo... Durante todos esses anos, desde que papai morreu, fui eu - ela bateu no peito num gesto de orgulho, - eu que lutei sozinha para assegurar o mínimo conforto para a mamãe, para ela e para a filha que ela trouxe na barriga! Porque, se fosse depender só da pensão que o papai deixou e da miséria que a Paloma ganha com sua medicina de araque, elas não iam poder viver nesse luxo todo não!

Em seu desabafo, Lucila parecia tentar convencer a si própria de que tinha o direito de aceitar o convite para fazer o curso na Inglaterra. Sua consciência, no entanto, parecia teimar em dizer que ela não podia sair do Rio naquele momento. "Será que eu vou ou será que eu não vou?", ela não conseguia chegar a uma conclusão. Ainda resmungava nervosa, andando de um lado para outro do quarto, quando ouviu três batidinhas suaves na porta.

- Tia Lucila, o Rafael não está nada bem... - disse Clarinha no momento em que ela abriu.

- Era só o que me faltava! - Lucila levou as mãos à cabeça. - E onde é que está esse menino que só me dá dor de cabeça?

- Está lá na sala, deitado - explicou a menina, assustada com sua reação.

- Eu queria que ele ficasse descansando no meu quarto, mas ele insistiu que queria voltar para casa...

Lucila terminava de examinar o garoto no sofá, quando Noêmia surgiu de camisola no corredor, querendo entender o que se passava:

- O que houve? Ele foi baleado? - perguntou apreensiva.

- Que baleado, mamãe! - respondeu Lucila, tomando o pulso de Rafael.

- Ele teve apenas um mal-estar, provavelmente comeu demais na festa!

- E preciso muito cuidado - Noêmia falou baixinho. - Os homens do governo estão por toda parte, a qualquer momento podem invadir a nossa casa, à procura de algum livro comunista - avisou, com as ideias fixas em um movimento político que vivera no passado.

- Mamãe, vá deitar, vá... Não há nada de errado com ele - Lucila explicou a Clarinha. - Vou ver se tenho um digestivo para dar para ele. Amanhã vai estar tudo bem.

- Eu posso ficar um pouco aqui com ele? - pediu Clarinha.

- Pode, pode... Mas vão lá para dentro que eu não quero bagunça na sala! - Lucila determinou, já preocupada com a possibilidade de que eles atrapalhassem sua saída, caso decidisse mesmo partir.

Sua ideia era sair antes que Paloma, Chuva, Florence e Aline voltassem. Não queria perder tempo com discussões e despedidas, pensava, enquanto remexia nervosamente o pequeno armário do banheiro à procura do remédio.

Quando finalmente conseguiu voltar para o quarto, deu com Noêmia de costas, olhando a noite pela janela. Os cabelos um pouco desgrenhados e a antiga camisolinha de fustão, surrada pelo longo tempo de uso, davam-lhe um ar ainda mais frágil.

-Você está indo embora? - ela perguntou à filha, virando-se com o olhar triste.

- Por que a senhora está dizendo isso? - surpreendeu-se Lucila, fechando rapidamente a gaveta vazia da escrivaninha, onde restara apenas um pequeno maço de dólares. "A, meu Deus, será que ela vai começar mais uma de suas crises de 'caduquice'?", pensou nervosa, sentindo que seus minutos escoavam cada vez mais rápido.

Noêmia, no entanto, pareceu extremamente lúcida quando respondeu:

- Porque eu não sou boba, ora essa. Ninguém faz uma mala se não está pretendendo ir a algum lugar. E pela quantidade de roupas que você está levando, imagino que pensa em passar muito tempo nesse lugar - ela respondeu, sentando-se na poltrona que ficava ao lado da janela.

Só então Lucila lembrou-se da mala e ajoelhou-se aos pés da mãe, envergonhada, ainda procurando palavras para explicar-se.

- Mamãe, eu...

- Eu sinto que você está indo embora. Alguma coisa nos seus olhos me diz isso, eu conheço você... - continuou Noêmia em seu lapso de normalidade. - Só não entendo por que precisa sair na calada da noite, corno um foragido da polícia, justamente num momento em que sua irmã não está em casa...

- Ô, mamãe... - Lucila, vencida, afundou a cabeça em seu colo. -E verdade, eu estou indo embora... Mas não estou fugindo, não é isso... -ela levantou novamente a cabeça para encará-la de olhos molhados. -A senhora se lembra aquele curso que há anos eu venho tentando fazer?

-Aquele na Inglaterra? - Noêmia perguntou, confirmando seu estado de completa lucidez.

- Esse mesmo... - respondeu Lucila, cada vez mais surpresa. - Eu consegui finalmente a bolsa. Minha passagem está marcada para amanhã de manhã... Só que...

- Só que você não teve coragem de contar isso a sua irmã, achou que ela a condenaria pelo fato de eu estar doente, não foi isso?

Lucila demorou um pouco a responder. Estava por demais chocada com a clareza com que a mãe raciocinava. Nem parecia a mesma pessoa que minutos atrás inquietava-se ante a fantasiosa possibilidade de guardas invadirem o apartamento em busca de livros comunistas. Era muito grande a distância entre aquelas duas Noêmias!

-A senhora sabe que está doente? - perguntou por fim.

- E como não saberia, minha filha? Você acha normal alguém viver sem ter a noção daquilo que fez há dez minutos atrás? As vezes me sinto como uma folha em branco, que um dia já teve muita coisa escrita, mas então veio um vento e carregou todas as letras. De vez em quando consigo ler a marca delas que ficou gravada no fundo da página, mas outras vezes não vejo nada...

- Mãezinha... - Lucila afundou novamente a cabeça em seu colo, sem conseguir segurar mais o pranto.

- Não chora, minha filha.... - disse Noêmia, afagando-lhe carinhosamente os cabelos. - Mesmo porque, daqui a alguns minutos eu certamente não vou me lembrar mais de nada desta nossa conversa.

-Eu não posso deixar a senhora... - disse Lucila, ainda em prantos.

- Pode, sim. Não só pode, como deve - Noêmia ergueu sua cabeça e levantou da cadeira. - Vá viver a sua vida, deixe que eu me arranjo aqui com a Paloma.

- Mas, mamãe... - Lucila continuava ajoelhada no chão, com os olhos inchados de tanto chorar.

- Levanta daí e vai terminar de arrumar a sua mala, senão você ainda acaba perdendo o avião - Noêmia a puxou pela mão para que se erguesse do chão.

Lucila a enlaçou num abraço e começou a chorar novamente.

- Eu vou lá para dentro para ver se você pára com essa choradeira -Noêmia disse, soltando-se de seu abraço. - Só me faça o favor de deixar ao menos um bilhete para sua irmã. Ela ficaria muito chateada se você não tivesse ao menos este ato de consideração para com ela! Que Deus te abençoe, minha filha! - ela beijou-lhe a testa antes de encaminhar-se para a porta. - Agora deixa eu ir que ainda preciso cuidar de meus passarinhos.

- Que passarinhos, mamãe? Nós não temos nenhum passarinho! -estranhou Lucila.

Mas Noêmia já estava longe, rodopiando pelo corredor como se dançasse uma valsa, sob os gorjeios ritmados do cuco anunciando as horas em seu quarto.

XLI

Por alguns instantes, Aline e Vítor ficaram parados, se olhando de maneira interrogativa, Aine ainda de boca aberta. O susto fora tão grande que o efeito do álcool até parecia ter se atenuado naquela fração de segundo.

- Desculpe... Pensei que... - ela tentou finalmente dizer.

- Eu é que não devia estar aqui... - respondeu ele, fungando discretamente, secando com os dedos a ponta do nariz.

- Estava procurando pelo meu irmão e... - ela o encarou com atenção. - Você estava chorando? - perguntou, impulsionada pelo álcool que ainda agia em suas idéias.

- Não! - ele respondeu de um ímpeto.

-Estava sim! - insistiu Aine, aproximando-se. - Anda tensos olhos molhados...

- Isso foi porque... - ele tentou rapidamente encontrar uma explicação.

- Deixa eu te ajudar? - ela disse, olhando-o no fundo dos olhos, a apenas um passo de distância.

Estava tão perto e tão linda, apesar do cheiro de álcool, que Vítor não resistiu. Esticou o braço e agarrou-a num beijo ardente e desesperado a que ela correspondeu com intensa paixão.

- Desculpe... - ele disse, soltando-a de repente. - Eu não resisti... -Você é sempre assim? - ela perguntou, ainda atarantada pelo beijo.

- Assim como? - ele esquivou-se, achando que ela havia reparado algo de errado.

- Sei lá... Assim! - ela desatou novamente a rir.

- Você está rindo de mim? - ele pareceu zangado.

- Não... - ela tentou segurar o riso levando as mãos à boca. - E que eu bebi um pouco e... Na verdade eu não estou conseguindo controlar direito os meus pensamentos, sabes como é?

- Não seria melhor você se sentar um pouco? - ele disse, seguran-do-a com as duas mãos.

-Tu acreditas que eu vim nesta festa só para te encontrar? - ela disse, sem conseguir conter os próprios pensamentos.

Ao ouvir isso, Vítor sentiu um calor queimando-lhe as faces e aproximou de novo o rosto para beijá-la. Antes que seus lábios se tocassem, porém, Aline sentiu sua cabeça rodar e caiu sentada sobre a poltrona, esbarrando, sem querer, em vários objetos que estavam sobre a mesa.

- Eu não estou bem... - disse, fechando os olhos.

- Eu vou tentar conseguir um café para você - ele correu até a porta.

Seu desejo de ajudada era tão grande que ele se esqueceu da angústia que sentia no momento em que entrara naquele escritório, da casa cheia de gente e até mesmo do medo de entrar em pânico.

- Não saia daqui! - ainda pediu, antes de fechar a porta atrás de si.

- Café, não... Traga mais uma tequila... - ela disse numa gargalhada, assim que ele saiu. - Engraçado... - ela pareceu readquirir a seriedade ao pegar no chão um retrato antigo de Faustino que caíra da escrivaninha - Eu já vi esta foto antes...

Enquanto isso, no terraço, Florence estava prestes a descobrir a ocupação de Maurício e Luís Paulo.

- Mas, afinal de contas, tu dás aulas de mitologia em que faculdade? - ela perguntou a Luís Paulo.

- Que faculdade que nada! E ele o jornalista da TV Paladium de quem te falei! - disse Paloma.

- Não acredito! Então tu trabalhas na TV Paladium? - perguntou Florence, sentindo reacender sua esperança de reencontrar o pai.

- Eu só, não! Nós trabalhamos! - respondeu Luís Paulo, fazendo um gesto que incluía Moneda.

- Ele é editor do programa "Isto é Incrível" e eu sou diretor-geral de jornalismo da emissora - explicou Moneda, querendo impressioná-la.

- Mas você não sabia disso? - estranhou Luís Paulo, batendo um cigarro na mesa para condensar melhor o fumo antes de acender.

- Não é possível! - Florence deixou-se encostar na cadeira, pasma de assombro. - Meu Deus, como este inundo é pequeno!

"E agora", pensou consigo, "o que é que eu faço?" Não queria que Maurício conhecesse suas agruras de órfã em busca do pai, ainda mais agora que sabia de sua função na emissora. "Ele vai me achar uma grande tola", imaginava em silêncio, enquanto mordiscava de leve a ponta da unha do dedo indicador. "Por isso ele me respondeu tão asperamente quando questionei a seriedade do programa naquele dia na praia", ela lembrou-se. Por outro lado, se o programa era realmente tão sério quanto ele então afirmara, eles deveriam saber algo mais sobre o seu caso e, sobretudo agora que a conheciam, não tinham por que esconder-lhe nenhuma informação a respeito do pai.

- Mas por que você está tão assustada? - perguntou Moneda, observando-lhe o semblante contrito.

- Eu vou explicar tudo - decidiu Florence, voltando a acomodar-se de maneira mais ereta na cadeira. - Mas vocês vão ter de prometer que vão me ajudar depois, ainda que achem ridícula a minha história, não viram?

- Desculpem interromper novamente, mas o Vítor não passou por aqui, enquanto eu estava lá dentro? - perguntou Cenyra, volt ando da sala.

-Até agora, não - disse Luís Paulo, sem demonstrar muita preocupação.

- Mas espere aí! - ele acendeu seu cigarro com os olhos fixos em Florence. - Eu agora estou começando a ligar as coisas... Então você é... Mas é claro! Florence era a moça de Santa Catarina que estava procurando pelo pai!

- Exatamente... - disse Florence, soltando o ar num suspiro sentido. - Sou eu mesma... Quer dizer então que tu te lembras da minha história?

- Você pode nem acreditar, mas eu fiquei muito constrangido com a maneira como... - Luís Paulo, soltando fumaça, procurava as palavras para melhor se expressar. - Na verdade, fui eu quem atendi o telefone naquele dia...

- Não tem nada de ridículo na sua história - atalhou Moneda, também localizando-se. - Eu é que te devo desculpas, em nome da equipe do programa, por tudo o que sucedeu... - ele segurou em seu braço de maneira carinhosa. - Aliás, tudo aconteceu justamente quando eu estava em...

- Não é uma questão de desculpas! - ela o interrompeu com os olhos molhados. - Eu só queria saber se ele não deixou ao menos um telefone! Luís Paulo, se foi você quem atendeu, você deve saber!

- Luís Paulo, o Vítor sumiu! - insistiu Cenyra, curvando-se para falar ao ouvido do marido.

- Eu tenho esse telefone! - anunciou Luís Paulo, entusiasmado, sem ouvir a esposa.

- Paloma, pelo amor de Deus, me ajude - Cenyra, em lágrimas, agachou-se ao lado da amiga.

- Cenyra! O que aconteceu? - assustou-se Paloma.

- Me ajude a encontrar meu filho, por misericórdia!

- Fique calma, eu vou te ajudar! - prometeu Paloma, levantando-se de imediato. - Quem sabe ele não voltou para casa?

Moneda, Luís Paulo e Florence nem perceberam quando as duas saíram da mesa, ocupados que estavam em traçar planos para descobrir o paradeiro do sr. José da Silva Filho, sem sequer por um instante imaginarem que o homem que tanto queriam encontrar fosse o próprio dono da casa, o verdadeiro anfitrião da festa onde ora se encontravam.

Parado na entrada do corredor que dava para o interior da casa, Vítor também nem notou quando a mãe e Paloma cruzaram apressadas a sala imensa do apartamento em direção à porta da rua. "Eu tenho de conseguir", repetia mentalmente, tentando criar coragem para atravessar aquele monte de gente, chegar até a cozinha e pedir um café para Aline sem entrar em crise.

Mas era muito difícil. Havia pelo menos três vezes mais pessoas na sala do que quando vira Vinícius dançando com Aine. Ele tinha a sensação de que seria esmagado, pisoteado caso ousasse atravessar aquela multidão.

- Você vai ter uma crise bem no meio dessa gente toda - sugeriu a voz ao seu ouvido.

- Vai morrer lá no meio e ninguém vai nem notar - acrescentou outra voz, embora para Vítor todas aquelas falas parecessem vir dele próprio.

-Veja, você já está até suando - disse uma terceira.

- Então é um panicoso? Todo mundo precisa saber disso! - debochou uma quarta.

O rapaz estava cercado pelo exército invisível de Lupércio, acrescido de alguns espíritos zombeteiros que dele haviam também se aproximado, sentindo-se atraídos por aquela macabra 'brincadeira'.

- É muita gente... - insistiu uma das vozes, querendo aguçar seu medo.

-Vão todos dizer "coitadinho"... - provocou outra.

Como que paralisado por aquelas ideias que ecoavam dentro dele como pensamentos próprios, Vítor já começava a se desesperar quando de repente uma voz pareceu sobrepor-se a todas as outras:

-Você pode conseguir Vítor. Essas vozes não são você. Não dê importância a elas.

Era Pablo. Ao sentirem sua vibração, os demais espíritos rapidamente se afastaram. Vítor então lembrou-se mais uma vez do alerta de Olívia: "Pode ocorrer, e isto é bastante comum, de pensamentos o assaltarem de vez em quando, dizendo-lhe para não vir mais às consultas, que não adianta, que vai dar a crise etc. Se isto acontecer, não dê importância". Era verdade, pensou consigo. Aqueles pensamentos literalmente o assaltavam. Surgiam como gatunos no meio de uma rua escura, cercavam-no e roubavam-lhe as forças. Isso acontecia não só nos dias de consulta, mas em todos os momentos em que tentava fazer alguma coisa para vencer suas crises.

- Desta vez vocês não vão conseguir - disse alto para si, como se falasse com seus próprios pensamentos, antes de tomar fôlego e atravessar o salão, mais uma vez concentrado na tarefa de casar o ritmo de sua respiração com a contagem regressiva que aprendera com Olívia. "Duzentos e oitenta... duzentos e setenta...", ia repetindo mentalmente enquanto ultrapassava a multidão, sentindo a testa molhada pelo suor gelado que lhe escorria pelas têmporas.

Já estava voltando da cozinha, quase vitorioso com a pequena xícara de café tremulando na mão, quando, súbito, deparou-se com Ivan, Fabrício e Jorjão. Não havia como desviar. Eles estavam parados bem no seu caminho e logo o avistaram.

- Agora que eu quero ver! - riu um dos obsessores que o observavam à distância.

-Vítor! - disse Jorjão satisfeito. - E aí, cara, você melhorou?

Vítor engoliu em seco, não contava encontrá-los. A pergunta de Jorjão ficou travada em sua garganta. Como é que aquele cretino tinha a coragem, a ousadia de perguntar se ele havia melhorado, bem na frente de todo mundo?, Pensava com ódio. A verdade, porém, era que eles sabiam de seu problema, haviam testemunhado uma de suas crises, não havia como manter as aparências diante de Fabrício, Jorjão e Ivan. "Aposto como eles estão me analisando, achando que um doente como eu jamais poderia estar numa festa", deduziu Vítor, na eternidade de instantes que parecia durar aquele encontro casual.

Ouvindo seus pensamentos, o bando de entidades trevosas reapro-ximou-se de imediato. Pablo, porém, desta vez não teve como afastá-las. Afinal, era o próprio Vítor quem as chamava com as ondas emitidas pelas frases que voluntariamente formava em sua mente: "Eles estão me olhando, eu não vou agüentar por muito tempo, a crise está vindo, eu sei que está".

- Eu... eu já estava mesmo de saída - conseguiu dizer, preocupado em não deixar que eles notassem o ritmo forçado de sua respiração.

"Trezentos... duzentos...", ele ainda tentou contar, mas logo percebeu que seria impossível concentrar-se diante do olhar curioso dos amigos.

- Você vai levar o café para casa? - estranhou Fabrício.

- Não... - Vítor sentia que tinha poucos minutos para conseguir chegar até o apartamento no andar debaixo. - Me faz um favor... Leva esta xícara para uma menina que está esperando lá no escritório... Valeu...

Depositou a xícara nas mãos de Ivan que, de todos, ainda era aquele em quem ele mais confiava, e atravessou a sala como um raio, em direção à porta da rua. Por uma diferença de poucos segundos não encontrou com a mãe, que subia nervosa pelo outro elevador.

- Menina no escritório? - repetiu Ivan, ainda confuso.

- Será que ele bebeu? - imaginou Fabrício.

- Quer saber? - disse Jorjão tirando-lhe a xícara das mãos e depositando-a na bandeja do garçom que passava. - Eu acho que o Vítor está ficando é maluco. Não deve ter menina nenhuma no escritório.

- Será? - ainda questionou Ivan.

De fato, cansada de tanto esperar por Vítor e já sentindo-se um pouco melhor, Aine havia resolvido voltar para a festa.

- O-lhó-lhó!(41). Onde será que se meteram meu irmão e aquele garoto? - ela ainda se perguntava, admirada com o sumiço de Rafael e a demora de Vítor, quando esbarrou por acaso com Vinícius, que vinha andando depressa na direção oposta.

- Eh, eh! Tás tolo tás? - Aline exclamou, impedindo que ele a derrubasse.

- E aí, Aline? - ele respondeu zangado e seco.

- Tu estás aborrecido ou é impressão minha?

- Eu? - disfarçou Vinícius, também um pouco alterado pela bebida. - Por que você acha isso? Tá dando para perceber?

- Hi!... - riu Aline. - Estás muito estranho, viste? - ela virou-se para o garçom que passava a seu lado. - Ei! Espere aí! Não tem mais daquele negócio transparente não?

- Cara, você continua bebendo tequila até agora? - deduziu Vinícius. -Tequila! - Aline estalou os dedos no alto. - E isso mesmo. Não tem

mais não? - ela insistiu com o garçom.

- Infelizmente acabou, senhorita - disse o garçom educado. - Mas temos martini, vinho, uísque... - ele mostrou-lhe a bandeja.

- Deixa... - desistiu Aine, dispensando-o com um movimento de mão. - Não vou beber mais não... - ela virou-se de novo para Vinícius, sem conseguir parar de pensar em Vítor. - Falando nisso, tu por acaso não viste um rapagi andando por aí com uma xícara de café na mão?

- Rapagi... - debochou Vinícius, voltando a seu tom habitual. - E quem é que ia tomar café a uma hora dessas, Aline?

- Ah, esquece... - ela ficou sem vontade de explicar. - Mas me conte, por que é que tu estavas tão aborrecido agora mesmo?

- E que eu andei discutindo com a Chuva... - confessou Vinícius, um pouco chateado.

- Afinal de contas vocês voltaram ou não voltaram? - perguntou Aline, ainda tomada por uma espécie de ousadia alcoólica.

- Claro que não! - respondeu Vinícius irritado. - Eu não tenho nada a ver com a Chuva!

Agora as coisas começavam a ficar mais claras em sua cabeça.

41 - Expressão de admiração.

É claro que Chuva devia ter comentado alguma coisa com Aine, por isso ela se mostrava tão indiferente a suas tentativas de aproximação. Afinal, as duas eram primas! Pensando bem, ele achava Aline muito mais bonita do que Chuva, era com ela que ele queria ficar desde que chegara naquela festa!

- Mas então por que é que vocês brigaram? - Aline insistiu.

-Ah... - ele estalou a língua nos dentes. - Por que ela saiu com o Binho, e eu acho que o Binho é um cara que não tem nada a ver - resumiu, querendo acabar logo com aquele assunto.

- Como assim ela saiu com o Binho? Ela não está mais na festa? - estranhou Aine.

- Não. Foram encontrar um pessoal lá no Leblon. Eu não fui porque não curto muito esses amigos novos do Binho - contou Vinícius.

Nesse momento, Florence apareceu para falar com Aline:

- Filha, eu vou ter que dar uma saída. Parece que uma amiga da Paloma está com problemas- Nós vamos dar uma volta aqui nas imediações para ver se encontramos o filho dela...

Ouvindo isso, Vinícius imediatamente imaginou do que se tratava e esticou os olhos, tentando localizar a mãe. florence só podia estar falando de Vítor!

- Hi! Fales mais devagar que eu não estou entendendo nada - Aine realmente ainda estava zonza.

- Tu andaste bebendo, Aine? - Florence percebeu de imediato. - Ah, mãe, qual o problema? - ela desafiou a mãe com cara de desprezo.

- Pegue teu irmão e volte imediatamente para casa. Amanhã nós conversamos - determinou Florence. zangada.

- Peraí! Mas ainda não entendi onde é que tu vais... - Aine tentou segurá-la.

- Não tenho tempo. Já disse que amanhã nós conversamos - Florence se apressou ao ver que Luís Paulo, Maurício, Cenyra e Paloma já estavam na porta.

Vinícius também olhou para a porta nesse momento c confirmou suas suspeitas. O irmão certamente devia ter aprontado alguma. Mas não disse nada. Não estava a fim de participar de mais uma das palhaçadas de Vítor e muito menos de falar sobre isso com Aline. "Então desta vez o miserável resolvera sumir para chamar a atenção", deduziu, com base no que acabara de ouvir Florence explicar à filha. "Tomara não voltasse nunca mais!", praguejou em silêncio.

- Me responde só uma coisa: aquele homem vai contigo? - Aine, aos berros, perguntou a Florence.

Florence, contudo, já estava longe, nem chegou a ouvi-la por causa da música alta.

-Vou te dizer uma coisa pra ti... - ela parou bem ao lado de Vinícius, que estava agora de costas, olhando as pessoas dançando, tentando não pensar no quanto estava cheio das trapalhadas do irmão. - Se ela não está nem aí para mim, eu também não estou nem aí para ela! Eu vou é tomar um copo de uísque! E o meu irmão que se dane! Garçom! - ela gritou para o homem do outro lado da sala, como se o pobre pudesse ouvi-la.

- Faz isso não, Aine! Vai misturar tudo - ele virou-se para encará-la. - Eu estava pensando aqui, meu pai tem uma garrafa de tequila novinha lá em casa. Se não me engano, ele trouxe do México, é original mesmo. Tá a fim de ir até lá para experimentar?

Aline pensou por alguns instantes, antes de responder:

- E teus pais, não vão falar nada?

-Ah, eles saíram, com certeza vão demorar a voltar... - imaginou Vinícius. - Qualquer coisa a gente sai de fininho e vai beber lá no Parque...

Aline girou de novo o olhar pelo salão, procurando por Vítor uma última vez. Estava se sentindo carente e abandonada. Não bastasse toda aquela confusão por causa do avô, a mãe agora parecia caída de amores por aquele sujeito que só de olhar lhe dava nojo; Rafael sumira no interior da casa com Clarinha; até Chuva havia saído sem lhe dizer nada. Sem contar aquele garoto, que a deixara plantada feito uma boba naquele escritório. Estava com ódio por ter deixado que ele a beijasse, ódio do mundo inteiro. Tudo o que queria era beber, ficar muito alegre e não pensar em mais nada. Além de que, Vinícius era um cara legal, gostava de conversar com ele.

- Então tá. Vamos embora - ela decidiu em mais um de seus rompantes.

Vinícius demorou um pouco a reagir. A pergunta de Aine o deixara um pouco preocupado. E se os pais voltassem logo, e se Vítor tivesse uma de suas crises na frente da garota?

-Hi... Si quês, quês, si num quês diz! - pressionou Aine, em seu linguajar típico, percebendo que ele vacilava.

"Ali, até eles encontrarem o maluco do meu irmão, certamente vai demorar um tempinho. O que eu não posso é perder a oportunidade de ficar sozinho com esta gata", decidiu Vinícius.

- Vamos lá! - disse puxando-a pela mão.

XLII

- Têmis, por que é tão grande o número de abortos realizado na Terra atualmente? - questionou Aretusa.

As duas encontravam-se em uma pequena sala de espera, diante de uma porta inteiramente ornamentada com vitrais, que juntos compunham o desenho de uma linda orquídea. No alto dessa porta havia delicada plaquinha, onde estava escrito "Enfermaria dos Recém-chegados". Das paredes, pintadas em um tom de rosa muito suave, provinha melodia extremamente delicada, cujos arranjos faziam lembrar a "Ave Maria" de Schubert. O som impregnava todo o ambiente de uma profunda e absoluta tranquilidade.

- A grande questão é que, com a liberação do sexo, os casais não se juntam mais por amor, e sim, por mero divertimento, esquecendo-se de que toda relação sexual tem por fim um compromisso, o qual muitas vezes pode incluir a volta de um espírito ao plano carnal. Ninguém está preso ao invólucro carnal somente para viver a vida. Todos os encarnados têm de obedecer aos planos de Deus. Urge, portanto, que as pessoas compreendam que sexo não é esporte nem diversão para passar o tempo - explicou Têmis.

- Mas, então, o sexo deve ser visto como algo pecaminoso, como prega a Igreja católica e tantas outras que defendem que homens e mulheres só devem privar de um relacionamento mais íntimo com vistas à procriação? - interpretou Aretusa.

- De forma alguma. O sexo representa a plenitude do relacionamento homem-mulher. Além de atender a necessidade procriativa, é um mecanismo de profundas trocas energéticas entre dois seres, levando-se em conta que as polaridades sexuais necessitam do intercâmbio para complemento mútuo - elucidou Têmis. - Homens e mulheres são pólos em constante atração um pelo outro a fim de se construírem energeticamente. Como vê, não se trata de algo pecaminoso, mas de um momento mágico, quase sagrado, onde se verifica uma total integração entre os seres. Todavia, o homem brinca com o sexo, dele abusa sem o menor respeito e, nesse desequilíbrio, acaba semeando a dor - acrescentou com certo pesar.

- É verdade - concordou Aretusa. - Quando encarnada, ficava pasma de ver essas moças que saem por aí deitando-se com qualquer um, mesmo sem conhecer direito a pessoa. Não que eu fosse excessivamente puritana, mas achava que não era certo uma mulher se deixar conhecer, naquilo que ela tem de mais íntimo, por alguém que não significa nada para ela. Muitas dessas moças acabavam até engravidando depois ou até mesmo adquirindo doenças sérias, já que na hora em que se deixavam dominar completamente pelos instintos, nem se preocupavam em usar preservativos ou qualquer tipo de proteção. Minha filha Florence trabalhava como assistente social de um hospital e acompanhou muitos casos de mulheres que adquiriram doenças sérias como a AIDS desse jeito.

- O sexo, em si, não é algo condenável, tanto que foi criado por Deus. Condenável é o excesso, o abuso, a falta de respeito às leis morais estabelecidas por Deus, a falta de respeito a si próprio. Como você bem destacou, não podemos abrir as portas do nosso espírito a qualquer uni. Somos templos sagrados. Assim como escolhemos as pessoas a quem vamos convidar a entrar na casa onde vivemos, devemos selecionar aqueles com quem vamos trocar energias em nosso templo íntimo. E não são só as mulheres que devem ter esta preocupação, mas também os homens, há gerações estimulados a freqüentar prostíbulos e a seduzir o maior número possível de mulheres, como prova de sua masculinidade. Até porque, como disse antes, toda relação sexual gera compromissos -destacou Têmis.

-Tem razão. Quantos crimes hediondos poderiam ser evitados, quantos suicídios, quantos assassinatos passionais poderiam deixar de acontecer se as pessoas encarassem com mais respeito os sentimentos alheios. Sem falar no número absurdo de abortos praticados... - refletiu Aretusa,

- De fato. Um dos mais sérios resultados desta total falta de consciência é o que você está tendo oportunidade de ver nesta colônia - grifou Têmis.

Nesse momento a porta se abriu e um enfermeiro trajado de lilás veio ao encontro das duas:

- Sejam bem-vindas, irmãs! - disse ele, num largo sorriso. - Meu nome é Luiz Sérgio, não sei se a irmã Têmis se lembra ainda de mim...

- Mas é claro que sim! - disse Têmis. - Você esteve diversas vezes em meu departamento durante seu estágio na colônia!

- Como vê, me envolvi tanto com este maravilhoso trabalho que acabei ficando...

- Eu também vim para um estágio e acabei ficando. Na verdade, ainda tenho muito o que aprender... A propósito, esta aqui é Aretusa, nossa nova estagiária - apresentou Têmis.

- Muito prazer! - disse Luiz Sérgio, apertando-lhe a mão com entusiasmo. -Tome muito cuidado! - ele recomendou, em tom brincalhão. -Esse pessoal daqui amarra a gente!

- Amarra a gente? Como assim? - estranhou Aretusa.

- Pelo coração! - sorriu o simpático enfermeiro. - Mas vamos entrar! Irmão Guilhôme me recomendou que as acompanhasse na visita aos recém-chegados! - ele convidou, indicando a porta por onde viera.

Aretusa e Têmis passaram então a outra pequena ante-sala, onde dois novos enfermeiros as aguardavam. Era uma sala quadrada, inteiramente pintada de lilás, onde havia dois compridos bancos cobertos com almofadas da mesma cor. Tudo naquela colônia parecia meticulosamente planejado em todos os detalhes. Tinha-se sempre a impressão de estar entrando numa película cinematográfica a cada novo local visitado.

- Devido ao estado delicado de nossos internos, é necessária toda uma série de preparativos para visitar a enfermaria - um dos trabalhadores locais explicou a Aretusa, fazendo, em seguida, um sinal para que se sentasse.

- Um desses cuidados é que, sempre antes de entrarmos, nos concentramos em prece, a fim de que as energias deletérias que eventualmente carregamos conosco não venham a causar qualquer tipo de dano aos pequeninos - acrescentou Luiz Sérgio.

Feita a oração, passaram a uma comprida enfermaria, inteiramente decorada com motivos infantis. A primeira vista, lembrava um berçário de requintado hospital particular da Terra, tamanho era o capricho com que era mantida. Todavia, ao aproximar-se dos primeiros leitos, Aretusa teve um choque. Ai encontravam-se fetos em miniatura, formas diminutas cuja simples visão tocou profundamente seu coração, fazendo-a chorar por dentro de tanta piedade. Só então ela entendeu a razão de tanta preparação para entrar naquele ambiente, ocupado por seres tão frágeis.

Alguns encontravam-se acomodados em bercinhos cobertos apenas por delicado cortinado lilás, outros, protegidos por mínimas incubadoras, cujos tamanhos chegavam até ao de uma caixa de fósforos, recebiam luzes de diversas cores, de acordo com suas necessidades. Trancafiados em um períspirito reduzido, todos aqueles espíritos encontravam-se em um estado de semi-demência, provocado pela enorme, desmedida sensação de rejeição que haviam sentido ao serem mandados de volta ao plano espiritual por aqueles a quem já se haviam preparado para chamar de pais.

Aproximaram-se então de um dos bercinhos, onde descansava um bebê forte e rosado, deitado em posição fetal. Não fosse pelo leve movimento da boca a sugar o dedinho minúsculo, dir-se-ia que ele parecia congelado em seu sono profundo.

- Que bebê mais lindo! Nem parece que Têmis não ousou terminar a frase.

- Este é Natanael - apresentou Luiz Sérgio. - Foi retirado do útero da mãe com cinco meses de vida letal. Embora não pareça, seu espírito foi muito machucado. Por mais que os médicos tentem despertar-lhe a consciência, ele reluta. E um caso bastante delicado. Juntamente com ele, desencarnou a mãe.

- Meu Deus, e onde está ela? - perguntou Aretusa. lembrando-se imediatamente da amiguinha da neta.

- Ela não está aqui. Encontra-se em recuperação em outra colônia. Era uma jovem de dezesseis anos, que agora geme com a dor do remorso. Com seu ato impensado, acabou interrompendo a própria vida, rasgando inúmeras folhas do planejamento divino. E o pior é que casos como este acontecem quase que diariamente na Terra... - lamentou Luiz Sérgio.

- Esta mocinha, por acaso, vivia em Florianópolis? - preocupou-se Aretusa.

Anda não havia conseguido descobrir quem era a amiga de Aine que havia feito um aborto na época em que estivera visitando a família.

- Não se preocupe - atalhou Têmis, lendo-lhe os pensamentos. - Ela não é quem você está pensando. O bebê da amiguinha de sua neta, por sua vez, encontra-se em outro departamento. Em breve, teremos oportunidade de visitá-lo. Aliás, foi por causa dele que você pediu para fazer um estágio nesta colônia, não foi?

- Sim, foi... E este menino, Natanael? Por quanto tempo ainda vai ficar assim? - Aretusa continuava impressionada.

- Não há como precisar, cada caso é um caso, cada espírito reage de maneira diferente. Quase sempre a volta ao normal é um trabalho bastante demorado; o abortado se sente extremamente infeliz. Uns, ao receberem os primeiros socorros, logo recuperam-se; outros julgam que, permanecendo diminutos, terão uma nova chance - relatou Luiz Sérgio.

-Após o tratamento emergencial, alguns conseguem crescer na Colônia, enquanto outros se veem ora criança, ora adulto, sem falar naqueles que, alucinados pela forma violenta do aborto, acabam plasmando para si corpos completamente deformados, assim corno Oto e todos aqueles que acompanhamos em nosso departamento - complementou Têmis. - Esses só conseguem se recuperar depois de árduo tratamento psicanalítico e psiquiátrico, tal o trauma que sofrem...

- É, como sempre costumo dizer, quem conhece as consequências de um aborto, jamais o comete, não é mesmo irmã Têmis? - arrematou Luiz Sérgio.

Por longo tempo, Têmis e Aetusa permaneceram na enfermaria, fitando, condoídas, aquelas formas humanas resguardadas da fúria do homem. Pouco a pouco, começaram a perceber que em cada um daqueles corações encontrava-se plasmado um rosto de mulher que, por falta de amor, os havia rejeitado. Era tão grande a força com que aquelas formas fetais lembravam daqueles rostos de mulher que as imagens podiam ser vistas no alto de cada bercinho.

Após um sinal de Luiz Sérgio, as duas entenderam que era hora de deixar a enfermaria e foram saindo devagar. Aretusa sentia como se seu coração estivesse envolvido por uma coroa de espinhos, tamanha era a tristeza que sentia.

- Não sei se vocês repararam na mesma coisa que eu, mas a grande maioria das mães era jovem, algumas não deviam ter mais de quinze anos de idade! - ela observou, com o coração ainda apertado, no momento em que se viram novamente diante do vitral de orquídea, na sala de espera da enfermaria.

- Isto acontece porque os jovens, de uma maneira geral, estão cada vez mais livres, mas não recebem o devido preparo para desfrutar dessa liberdade com responsabilidade - esclareceu Luiz Sérgio.

-A verdade é que muitos pais que se dizem modernos, dão liberdade aos filhos apenas para ter mais tempo para cuidar de suas próprias necessidades, numa postura egoísta. Muitos alegam que precisam dedicar-se integralmente ao trabalho, para poder trazer mais dinheiro para casa e assim oferecer melhores condições para os filhos que, enquanto isso, ficam entregues a babás levianas ou mesmo a si próprios - lamentou Têmis.

- Não raras vezes, esta justificativa esconde descontrolados sentimentos de vaidade e ambição, de pessoas obstinadas que nunca estão satisfeitas com o que têm e só pensam em crescer profissionalmente, ávidas pelos aplausos da sociedade que as cerca - acrescentou Luiz Sérgio.

- De tão preocupadas com o conforto material, essas pessoas acabam por se esquecer do mais importante: de dar amor aos filhos e acompanhar-lhes o crescimento com carinho, atenção e disciplina, conforme o compromisso que um dia assumiram perante as leis maiores - lembrou Têmis.

Aetusa ouvia a tudo com desvelada atenção. Não conseguia, contudo, compreender onde Têmis e Luiz Sérgio estavam querendo chegar.

- Mas os pais não podem simplesmente deixar de trabalhar para cuidar de seus filhos! - obtemperou por fim.

-Aretusa, uma coisa é a pessoa trabalhar e esforçar-se para crescer profissionalmente, para oferecer melhores condições de vida à família. Outra, bem diferente, é viver apenas em função do trabalho, perder a noção entre supérfluo e necessário - argumentou Têmis.

- É claro que podem surgir momentos na vida dos encarnados em que eles precisem fazer o sacrifício de trabalhar um pouco mais, com vistas a galgar determinado degrau importante para o crescimento da família como um todo - Luiz Sérgio interveio, percebendo a dúvida ainda expressa nos olhos da estagiária. - Nestes momentos, é preciso que o casal entre num acordo a fim de que os filhos não fiquem por demais esquecidos. Se for indispensável que um se dedique integralmente ao trabalho, o outro precisará, de alguma maneira, compensar essa ausência doando um pouco mais de seu tempo aos filhos. Não é aconselhável que os filhos fiquem completamente desprovidos de assistência emocional, enquanto ambos os pais cuidam de suas carreiras. Os pais precisam dedicar ao menos algumas horas da semana a seus filhos!

- Tudo isso sem falar naqueles que abrem mão da convivência com os filhos para passarem horas em academias de ginástica, definindo melhor os músculos, ou mesmo em shoppings, fazendo compras - lembrou Têmis.

- O jovem precisa de muito mais que conforto, ele precisa de Deus, de fé, para não deixar que se perca a abençoada oportunidade da existência. Quase sempre, no entanto, eles ficam sem rumo por não encontrarem nos pais o exemplo capaz de incentivá-los ao aprimoramento pessoal. Não que os pais tenham que ser perfeitos, mas deveriam ao menos lembrar-se de que, na cabeça de seus filhos, eles ocupam o lugar de heróis, que são eles quem fornecem, com suas atitudes do dia-a-dia, os modelos a serem seguidos - ponderou ainda Luiz Sérgio.

-Ao contrário, no entanto, vemos muitas vezes os pais incentivando os filhos a agirem como irresponsáveis... - Têmis pensou alto, recordando alguns dos casos que vinha acompanhando ultimamente.

- Mas mesmo esses pais merecem o nosso aplauso e a nossa consideração - asseverou Luiz Sérgio. - Uma das mais importantes lições que aprendi aqui na colônia é que mesmo aquela mãe que joga seu filho na lata de lixo merece o nosso reconhecimento, porque ao menos ela teve a coragem de deixar aquela criança nascer. Diferentemente do que muitas pessoas julgam, o ato de deixar a criança na lata do lixo pode ser encarado como a única maneira que aquela mãe viu, em seu estado de completo desequilíbrio emocional, de manter a criança protegida do frio, dos animais da ma, da chuva. Só quem já esteve na colônia Renascer pode compreender a grandeza, a importância do ato de dar uma chance a um espírito que muito necessita voltar à Terra.

Têmis e Aretusa deixaram a enfermaria ainda sensibilizadas pelas palavras de Luiz Sérgio. A mulher que joga seu filho na lata de lixo é mais digna do que aquela que aborta uma gravidez, porque ao menos deu a ele uma oportunidade de ser encontrado, de sobreviver, meditavam ambas em silêncio, enquanto dirigiam-se para o chalé florido onde temporariamente viviam.

- Fiquei pensando aqui uma coisa... - disse Aretusa, ainda reflexiva. - E esses casais que querem tanto ter filhos e não conseguem de jeito nenhum? As vezes vão a médicos, fazem um sem número de tratamentos, mas ainda assim não conseguem realizar seu sonho de paternidade. Será que isto acontece porque fizeram abortos em vidas anteriores?

- Muitas vezes, sim. Na maioria dos casos, essas pessoas anularam as próprias faculdades geradoras. Quando não procederam de semelhante modo no presente, sequiosos de satisfação egoística, agiram assim no passado, determinando sérias anomalias na organização psíquica que lhes é peculiar - esclareceu Têmis. - Assim como o alcoólatra causa marcas profundas em seu períspirito, quando destrói seus órgãos físicos através do consumo inveterado de bebidas, interferindo na conformação dos mesmos em sua próxima encarnação, também aquele que lesou seu aparelho reprodutor ou mesmo o de terceiros, através da prática de abortos, deverá futuramente arcar com as consequências de seus atos.

- E por quanto tempo essas pessoas permanecem nessa situação punitiva? - penalizou-se Aretusa.

- Não se trata de uma situação punitiva, mas da conseqüência natural de um procedimento errado. Se uma pessoa dá um murro num vidro em um momento de raiva, o que acontece?

- Ela vai cortar a mão, talvez precise até levar pontos. Com certeza vai sentir muita dor depois... - imaginou Aretusa.

- Pois então? A dor que ela vai sentir não é um castigo, mas uma decorrência natural de seu ato impensado; ela deverá permanecer até que as feridas cicatrizem. Você entendeu onde quero chegar? Toda expiação, longe de ter uma conotação punitiva, visto que este critério não existe na planificação superior, é um método de eliminação das desarmonias mais profundas para a periferia do novo corpo físico. A expiação sempre tem função regeneradora c construtiva, visando essencialmente restaurar o equilíbrio energético perdido por posturas desequilibradas do pretérito - esmiuçou Têmis.

Aretusa refletiu por alguns instantes, antes de responder:

- Compreendo... Mas será que não existe nenhuma maneira de atenuar as seqüelas do corte no caso a que estávamos nos referindo?

- Certamente que sim. Deus é tão bom, tão generoso que coloca sempre à nossa disposição muitas maneiras de atenuar as dores causadas por nossa própria imprudência. Um casal que se vê impedido de gerar seus próprios filhos deve encontrar maneiras de exercer seu desejo de paternidade, ao invés de cristalizar o amor que tencionavam dar a seus descendentes em pensamentos de revolta e indignação por não poderem tê-los - destacou Têmis.

- Você fala na adoção de crianças órfãs? - deduziu Aretusa.

- Esta seria uma das maneiras. Mas esses pais em potencial podem também contribuir com famílias que enfrentem dificuldades para criar seus filhos, participar do trabalho de obras sociais para menores, visitando as crianças que ali vivem desprovidas de afeto e carinho, ou até mesmo lutar para impedir que pessoas conhecidas abortem seus filhos. Em toda e qualquer situação provacional, a prática do amor é sempre um remédio salutar. Cada espírito vem à Terra com inúmeras responsabilidades e, a cada momento, atos de amor e de crescimento interior diluem o carma construído no passado - lembrou Têmis.

- Ao menos uma felicidade eu tenho - Aretusa pensou alto -, que é a de saber que em minha família jamais alguém cogitou na possibilidade de um aborto. Noêmia acolheu Paloma, quando ela engravidou aos dezessete anos de Chuva; ajudei Florence a criar seus dois filhos, tendo sempre a preocupação em passar-lhe bons valores morais. Como ficou claro no Natal em que os tive visitando, Aine é uma menina de juízo. Jamais pensaria em fazer uma coisa dessas, tampouco se entregaria a um homem antes do casamento...

- Aretusa, Aretusa... Quantas vezes vou precisar lhe pedir que não faça julgamentos precipitados? - Têmis chamou sua atenção.

-Como assim julgamentos precipitados? Eu tenho certeza de que...

A conversa, no entanto, foi interrompida por um jovem espírito que as aguardava na porta do chalé amor-perfeito, e correu até Têmis assim que as viu:

-Trago um recado urgente do irmão Pablo e do irmão Demóstenes - anunciou ele, quase solene. - Eles pedem que a irmã vá encontrá-los o quanto antes no edifício do parque Guinle. Parece que os acontecimentos tendem a se precipitar nesta noite, a equipe de construtores do instituto de escultura anatômica já foi, inclusive, acionada...

- Odilie encontra-se lá com eles? - perguntou ela.

- Sim, desceu com a equipe dos construtores - informou o rapaz.

- Meu Deus! Então o caso é grave! Obrigada, irmão, estou indo imediatamente para lá... - respondeu Têmis.

- Espere! Quem é Odilie? O edifício do parque Guinle por acaso é aquele onde mora minha irmã Noêmia? Minha filha e meus netosjá estão lá? - inquietou-se Aretusa.

- Querida, vou realizar importante tarefa na Terra, preciso que fique e cuide de Oto.

- Mas por que eu não posso ir também? - insistiu Aretusa.

Por alguma razão que não sabia explicar, ela sentia que o problema envolvia Aline e Florence, mas não tinha a menor ideia do que pudesse se tratar.

- Por favor, não tire o olhos de Oto. Vá agora mesmo ao departamento do hospital onde ele se encontra internado e não saia do lado dele até eu voltar. Se necessário, peça ajuda aos enfermeiros - Têmis limitou-se a recomendar, antes de partir com o jovem espírito em direção ao departamento das reencarnações.

XLIII

A casa estava escura, Vinícius nem cogitou que o irmão estivesse no quarto.

-Vem, entra! - ele fez sinal para Aline, enquanto acendia as luzes da sala.

Ela, no entanto, parecia fincada sobre o tapete da porta. "Caramba, eu não devia ter vindo", recriminava-se, sem coragem de entrar. Sentia uma coisa estranha, como se uma sirene houvesse disparado dentro dela. "E se esse cara me agarrar aqui dentro?", ela se questionava confusa, dominada por estranho pressentimento.

- Entra, Aline! - ele a puxou para dentro. - Tá com medo de quê?

- Medo, eu? - ela tentou disfarçar. - Imagine!

Também não queria que ele pensasse que ela era uma boboca, uma criançona. Tinha aceitado vir, agora não podia sair correndo de repente. Precisava pelo menos dar um tempo. "De mais a mais", imaginava, "eu sei me defender muito bem. E isso", decidiu finalmente. "Eu fico um pouquinho, depois invento uma desculpa e vou embora. Preciso voltar para casa antes da minha mãe chegar".

- Cadê aquela tequila de que falaste? - perguntou, tentando bancar a corajosa.

Vítor, que acabara de viver sozinho uma de suas piores crises, estava chorando em silêncio no quarto escuro, quando, de repente, ouviu sua voz e estremeceu. "Não era possível, o que ela estaria fazendo em sua casa?" Levantou-se da cama, tendo cuidado para não fazer nenhum ruído e tirou os sapatos. Só de meias, seguiu caminhando, pé ante pé, até o final do corredor, onde parou, escondido, atrás de uma pilastra.

-A tequila é esta aqui - disse Vinícius, tirando a garrafa do pequeno bar que ficava no canto da sala e mostrando-a a Aline.

- O-lhó-lhó! - ela exclamou, achando o rótulo bonito. - Parece boa!

"Eu não acredito", pensava Vítor, indignado, enquanto Vinícius enchia duas taças de cristal do enxoval de Cenyra. "Será que ele sabe que eu estou aqui?"

Lembrou-se então do beijo que dera em Aline e sentiu vontade de bater a cabeça na parede, de tanta raiva. Se ele tivesse voltado com o café, conforme prometera, talvez ela estivesse agora com ele. "Otário!", gritavam as vozes em sua cabeça. "Tu acreditas que eu vim nesta festa só para te encontrar?", ele ouviu de novo a voz de Aline dizendo-lhe no escritório. "Mentirosa!", pensou com muito ódio.

- Sabe que eu adoro esse seu jeitinho de falar? - disse Vinícius, sentando-se ao lado de Aline.

-Ah, para com isso... - ela tomou um longo gole de tequila, tentando disfarçar sua timidez.

- E sério, Aine, eu acho super. charmoso... - ele também tomou um gole. "Então o nome dela é Aline!", Vítor constatou arrasado. - Aposto como aquele cara também está dizendo isso para a minha mãe agora... - ela disse com o olhar amargurado.

- Quem? O Moneda? Esquenta não, ele é muito gente boa. Ele e meu pai são amigos desde que me entendo por gente - explicou Vinícius. - Você tem muitos ciúmes da sua mãe?

- Eu? - ela soltou uma gargalhada. - Por que eu ia ter ciúmes da minha mãe? Só falei isso porque... - parou a frase para tomar mais um gole. - porque eu nunca a vi com nenhum outro cara e achei estranho o jeito como ela saiu dançando com ele... Ela nem o conhecia! - ela disse, levantando os ombros e mostrando as palmas das mãos para expressar seu assombro.

- Como é que você pode afirmar isso com tanta certeza? Vai ver eles até combinaram de se encontrar na festa! - adivinhou Vinícius.

- Mas como, se não tem nem cinco dias que a gente chegou de Florianópolis? Tás tolo? Ela nem saiu de casa desde que nós chegamos! -Aline virou a taça de uma só vez.

Ficou então um tempo em silêncio, tentando encontrar uma resposta para aquele enigma que havia se formado em sua cabeça. De onde sua mãe podia conhecer aquele tal Moneda? Mas suas idéias estavam muito confusas pelo excesso de álcool, não conseguia pensar direito. Para piorar, sua cabeça começou a rodar novamente.

- Está tudo bem, Aline? - perguntou Vinícius, também sentindo-se um pouco tonto.

Ela fechou os olhos com força e fez sinal com a mão para que esperasse um pouco. Na verdade fazia um esforço supremo para que sua cabeça parasse de rociar, mas, quanto mais se esforçava, mais ela parecia rodar. Acabou cochilando sentada no sofá. Cerca de cinco minutos depois, quando abriu os olhos, deu com os olhos de Vinícius e achou que estivesse diante de Vítor. Estava tão tonta que esqueceu completamente que tinha ido para o apartamento de Vinícius, imaginou estar ainda no escritório do pai de Clarinha.

- Nossa, que confusão aqui na minha cabeça... Tu não ias pegar um café pra mim?

-Você não quer deitar um pouco? Vem... Deixa que eu te carrego... - ele tomou-a nos braços. Também sentia-se bastante zonzo, mas, como era forte, conseguiu sustentá-la.

Atormentado de ódio ao presenciar a cena, Vítor nem atentou para o detalhe do café. Mesmo de olhos fechados, não conseguia parar de ver Aine docemente acomodada no colo do irmão. Correu para seu quarto antes que eles chegassem ao corredor. Fechou a porta com cuidado e afundou a cabeça no travesseiro, para que não o ouvissem chorando. Não era dor, era raiva o que ele estava sentindo. Muita raiva.

Vinícius acomodou Aine em sua cama, depois deitou-se a seu lado e ficou afagando-lhe os cabelos.

- Me beija... - ela pediu, ainda achando estar ao lado de Vítor. No instante do beijo, porém, sentiu uma coisa estranha. Não era a mesma boca, não tinha o mesmo calor. Neste momento, o telefone tocou. Vinícius pulou da cama para atender:

- Mãe? Não, para dizer a verdade eu não reparei. Só um instante que eu vou ver...

Deixou o gancho do fone em cima da mesinha e cambaleou, zonzo, até a porta do quarto, abrindo-a em seguida. Acendeu a luz do corredor e só então percebeu que a porta do quarto de Vítor, que ficava bem em frente ao seu, estava fechada.

- Ele está aqui, sim - disse voltando ao telefone, que estava com um eco estranho. - A porta do quarto está fechada. Sei lá se ele está bem... Eu não falei com ele... Tá. Outro. Fique calma.

"Essa voz...", pensou Aine, ainda de olhos fechados. "Essa voz não é dele..." Ao abrir os olhos, percebeu assustada que estava diante de Vinícius.

-Ai, meu Deus... O que é que eu estou fazendo aqui? - perguntou, sentindo de novo a cabeça girar.

-A gente ficou junto, você não se lembra? - disse Vinícius, sentando-se a seu lado.

- Ficou? Mas ficou como? - estranhou Aline, como que acordando de um sonho.

- Ah, ficou - Vinícius deu de ombros, sem entender direito a pergunta.

- Eras tu que estavas aqui esse tempo todo? - Aline ainda tentava situar-se.

- Claro que sim! Quem você achou que fosse? O super-homem? Ou o lobo mau? - ele desatou a rir, sentando-se a seu lado. - Vem cá, me dá mais um beijo - disse, com as mãos em suas têmporas, tentando puxá-la novamente para si.

-Estou com muita sede... Me traz um copo d'água? — pediu ela, tentando desvencilhar-se.

-Trago - ele respondeu contrariado, percebendo que ela se esquivava - Mas depois acho melhor você ir embora. Meus pais já estão voltando para casa... - arrematou irritado, já saindo para buscar a água.

Apesar do aviso, Aine continuou sentada na cama, cismarenta, confusa, tentando organizar suas ideias. O quarto estava tão escuro que ela nem notou quando Vinícius voltou. Só percebeu quando ouviu de repente a porta bater.

-Vinícius, é você? - ela perguntou, sentindo alguma coisa estranha no ar.

Ele, contudo, nada respondeu. Ao invés disso, pulou sobre ela, agarrando-a com força, quase sufocando-a num beijo.

- Me solta, Vinícius, para com isso! - ela debateu-se na cama, empurrando-o com força. - Solta! Já disse que não quero!

Mas ele parecia dotado de uma força descomunal a comprimir lhe os dedos das mãos, era impossível segurá-lo. Cada vez que ela tentava gritar, ele mordia seus lábios. Aine urrava de dor, sentindo o gosto do sangue em sua boca, mas nem assim ele parava. Ao contrário, colava-se cada vez mais a seu corpo, puxando-a de encontro ao peito. Não havia como sair dali.

Impetuosamente submetida àqueles lábios que se colavam aos dela, Aline desfaleceu por segundos. O hálito sedutor do primeiro homem que a retinha, submissa, destilava o magnetismo da serpente, quando hipnotiza o pássaro confiante. Sentiu então o mesmo calor dos lábios que beijara no escritório da casa de Jaqueline e deixou-se ficar, bêbada e confusa, imaginando-se possuída por aquele a quem amava. Sim, ainda que nem soubesse seu nome, ela o amava, com todas as suas forças.

A lembrança dos olhos chorosos de Vítor, de suas palavras ternas e atenciosas, misturadas ao grande volume de álcool que ainda circulava em seu cérebro, acabou por tornar menos doloroso o ato hediondo de Vinícius. Enquanto ela sonhava estar nos braços do outro, ele apossava-se dela cada vez mais voraz, abocanhando-lhe os seios, enlouquecendo-a de ódio e prazer.

Só quando se viu finalmente desembaraçada do corpo de Vinícius, Aine teve certeza do que de fato havia acontecido e deixou que o pranto explodisse-lhe quente e doloroso, enquanto ele saía do quarto, batendo outra vez a porta atrás de si num sinal de despeito.

O susto a deixara inteiramente lúcida, não fosse pela dor de cabeça, diria que não restara uma só gota de álcool em seu sangue. Arrasada, ela vestiu-se o mais rápido que pôde, sem conseguir parar de chorar.

Aine não podia se conformar. Havia perdido aquilo que imaginava possuir de mais precioso na vida com o rapaz que menos lhe interessava no mundo. Ao menos, sua amiga Mariana havia se entregado voluntariamente ao rapaz que escolhera, enquanto ela queimara, com sua imprudência e sua bebedeira, todas as suas chances de ser feliz. "Como é que eu vou contar para o garoto que eu gosto que eu perdi a minha virgindade desse jeito?", pensava, inconsolável, lembrando-se de Vítor, enquanto calçava seus sapatos no escuro. "Por que é que eu não obedeci à minha mãe? Ai, meu Deus, e se a mãe dele me pega aqui agora? O que é que eu vou dizer?"

Saiu depressa do quarto e seguiu ressabiada pelo corredor, com receio de encontrar-se de novo com Vinícius ou com qualquer outra pessoa da casa, o que na sua cabeça seria ainda pior. Suas pernas tremiam de medo e vergonha quando chegou finalmente à sala e deparou-se com a luz acesa da cozinha. Cautelosamente, esticou a cabeça para checar quem estava lá dentro e qual não foi sua surpresa ao ver Vinícius roncando, com a cabeça apoiada sobre a mesa da cozinha, ao lado da garrafa de tequila vazia, virada sobre a toalha.

- Porco! - ela ainda disse baixinho, com todo o seu ódio, antes de cruzar a porta da rua.

Segundos depois, Cenyra entrava, exausta, no apartamento com o marido. Mais uma vez, havia subido pelo outro elevador.

XLIV

O dia ainda não havia amanhecido quando Têmis adentrou o escritório de Lucila, onde Aline dormia observada dc perto por uma dezena de espíritos. Com vergonha de encarar a família depois de tudo o que se sucedera, a jovem aceitara a sugestão que lhe fora transmitida pelos mentores de luz que a acompanhavam, indo isolar-se em local mais propício ao trabalho que seria realizado pela espiritualidade no decorrer das horas seguintes.

-Aguardávamos a sua chegada para poder dar início às nossas atividades - anunciou Demóstenes, depois de saudá-la com um olhar afetuoso.

- Confesso que estou um pouco ansiosa, irmão. E a primeira vez que assisto à ligação de um espírito ao útero materno. Só de saber que vou presenciar os primeiros minutos de vida corpórea de minha futura bisneta, já sinto meus olhos se encherem de lágrimas - ela disse baixo, profundamente sensibilizada.

- Pois então procure conter ao máximo suas emoções, querida irmã. O trabalho que temos pela frente é extremamente delicado, requer de nós total equilíbrio e concentração - alertou Demóstenes.

- Não se preocupe, irmão, eu estou bem. Apenas me comovi um pouco no momento em que vi a equipe dos construtores aqui reunida -Têmis desculpou-se.

- Este aqui é o irmão Alípio - disse Pablo, apresentando-a a uma das entidades ali presentes. - Ele é o responsável pela equipe dos construtores que irá cooperar na formação fetal de Odilie.

A equipe, que continuava atenta aos movimentos internos do santuário carnal de Aline, era composta por sete médicos do espaço chefiados por Alípio. Tal como os facultativos da Terra, estavam todos eles inteiramente trajados de branco.

- Muito prazer, irmão... - disse Aretusa, cumprimentando-o com entusiasmo. - Desejo que tudo corra na mais perfeita ordem, sob as bênçãos do Altíssimo... Só não entendi uma coisa... - ela virou-se novamente para Pablo e Demóstenes. - Não estava previsto que Odilie deveria reencarnar dentro de mais algumas semanas? Por que os trabalhos foram antecipados?

- A questão é que, por imprudência, Aline acabou precipitando os acontecimentos, entregando-se antecipadamente ao rapaz escolhido para ser o pai da criança. Como a situação dos dois foge às convenções habituais, por serem ambos menores e solteiros, e dada a maneira traumática como as coisas aconteceram, que torna quase impossível nova união entre os dois nos próximos meses, decidimos aproveitar a oportunidade para fazer o que precisava ser feito - explicou Demóstenes.

- Maneira traumática? Quer dizer então que ele a possuiu contra a vontade dela? - deduziu a prestimosa colaboradora da colônia Renascer.

- Mais precisamente, à força - revelou Pablo, entristecido. Têmis suspirou consternada, compreendendo o que se passara.

Não gostaria que as coisas houvessem acontecido daquela maneira. Percebia, contudo, mais claramente que cada um de nós permanece sempre com a própria escolha de situação, em todos os lugares. O verdadeiro caráter, quando não lapidado, sempre encontra uma brecha para manifestar-se.

Ela, porém, tinha certeza plena de que Deus não descuida um minuto dc suas criaturas e que, certamente, saberia fazer com que, num faturo próximo, toda aquela situação constrangedora acabasse por repercutir positivamente no comportamento daqueles dois jovens invigilantes. Até porque o que aparentemente parecia ser um mal já se convertera num bem ao possibilitar o tão esperado regresso de Odilie àquele seio familiar.

- E Odilie? Como está ela? - perguntou preocupada. A um sinal afirmativo de Alípio, Demóstenes conduziu-a então ao pequeno quarto de empregada da casa, onde funcionava o consultório esotérico de Paloma.

- Dispomos ainda de tempo. Vamos aproveitar para prepará-la com calma - disse ele à entrada do cômodo.

Devido à boa intenção com que a 'holoterapeuta' costumava atender a seus clientes, sempre esforçando-se no sincero propósito de ajudá-los a revigorar seu conteúdo energético essencial através de suas variadas terapias, o quartinho onde Odilie se encontrava recolhida era um local impregnado de bons fluidos, que recendia delicado perfume de incenso. Vigiada por dois outros espíritos que também integravam a equipe do Dr. Alípio, Odilie repousava sobre a cama de massagens que ficava no canto, cercada pelas pedras energéticas que Paloma tratava todos os dias com banhos de sol e água salgada.

- O empenho de Paloma em fazer o bem é tão grande que, graças a sua sensibilidade e intuição, ela muitas vezes acaba sendo muito mais médica do que a irmã, que muito estuda, sem nutrir, no entanto, verdadeiro amor pela essência da profissão - comentou Demóstenes.

- Ela está tão abatida... - observou Têmis, notando o jeito triste e aflito de Odilie no momento em que esta abriu os olhos para encará-la. -Por que motivo sofre tanto, se desejava tão ardentemente a oportunidade que lhe está prestes a ser concedida?

De fato, Odilie parecia extenuada; mal conseguia sentar-se na cama.

- Desde muito e, mais particularmente, desde a noite em que aqui estivemos para obter a concordância de Aine, Odilie encontra-se em processo de ligação fluídica direta com os futuros pais. À medida em que se intensifica semelhante aproximação, que nesta madrugada, especialmente, foi ativada com os passes magnéticos da equipe dos construtores, de modo a possibilitar o início de sua ligação material com a genitora, nossa Odilie vai perdendo os pontos de contato com o veículo que consolidou em nossa esfera, através da assimilação dos elementos de nosso plano. Semelhante operação é necessária para que seu organismo perispiritual possa retomar sua plasticidade característica - explicou Demóstenes.

- Em outras palavras, você quer dizer que ela precisa desvincular-se da forma que adotou para conviver entre nós para ir, pouco a pouco assimilando as características do bebê em formação? - interpretou Têmis.

- Sim. O perispírito do reencarnante deve, aos poucos, tornar-se uma espécie de massa mole, passível de ser remodelada ao longo da gestação - concordou o instrutor.

- Mas não basta a força da nossa vontade para moldar a forma de nosso corpo perispiritual? - ela voltou a perguntar.

- Dentro da sua condição evolutiva, sim. Todavia, no estágio em que Odilie se encontra, tal serviço implica ainda em sofrimento. No tempo em que conviveu conosco na colônia, ela adquiriu toda uma série de hábitos, inclusive respiratórios e alimentares, de maneira a incorporar determinados elementos de nossos círculos de vida, dos quais é necessário se desfaça a fim de que possa penetrar, com êxito, a corrente da vida carnal. Tanto as ligações fluídicas já consolidadas com a futura mãe encarnada quanto as próprias emoções decorrentes de todo este processo por si sós já desgastam naturalmente as resistências dessa natureza, salientando-se que, no decorrer das próximas horas, faremos a parte restante do serviço, mobilizando, em seu auxílio, nossos recursos magnéticos - esclareceu Demóstenes.

- Amorte física é justamente o processo oposto... É por isso que em nossa esfera comumente se ouve dizer que nascer é tão ou mais doloroso do que morrer... - refletiu Têmis.

Demóstenes, enquanto isso, aproximava-se de Odilie e, esfregando-lhe a testa com muito carinho, convidava-a a ficar de pé:

- E então? Sente-se pronta? - perguntou-lhe otimista.

-Sim... - respondeu Odilie, arquejante. - Mas tenho medo... muito receio... - confessou, olhando angustiada para os abnegados amigos espirituais a seu lado.

- O que é isso! É hora de confiança e coragem! - redarguiu o instrutor com otimismo. - Abra o seu coração! Do que é que você tem tanto medo?

-Tortura-me o receio de errar novamente... - disse Odilie de olhos lacrimejantes, expressando-se com muita dificuldade. - O futuro desconhecido... E se não conseguir suportar o convívio com aqueles que foram meus inimigos no passado?... Se eu novamente magoá-los com minhas atitudes?... Se eu não passar na prova? - desabafou sua angústia.

- Querida, o momento é sublime! - interferiu Têmis. - Não se inquiete com conjecturas pessimistas. Pense que tudo vai dar certo, que você foi preparada para isso! A semente do bemjá foi plantada em você. Esteja, portanto, calma e feliz. O resgate dos desvios de outra época concederá ao seu espírito uma luz nova e mais brilhante. Persevere em seu propósito! Além disso, muitos de nossos companheiros a seguirão de perto, colaborando em seu êxito no porvir.

Sentindo-se revigorada pelas palavras daquela benfeitora a quem queria como uma espécie de mãezinha espiritual, Odilie deixou-se então amparar pelas entidades da equipe dos construtores que a haviam guardado até então em direção ao quarto onde as demais entidades a aguardavam para o início de sua formação fetal.

- Pelo que posso observar, o planejamento está perfeito - dizia Pablo, examinando o gráfico que lhe fora entregue por Alípio.

Têmis aproximou-se curiosa, mas não pôde entender do que se tratava. A folha estava toda preenchida com caracteres singulares, semelhantes a pequeninos arabescos, francamente indecifráveis a seu olhar. Percebendo seu desapontamento, Alípio esclareceu, gentil:

- Este não é um estudo que você possa entender, por enquanto. Trata-se da geografia dos genes nas estrias cromossômicas, mapeadas em nossos institutos de escultura anatômica do espaço para orientar as prefigurações do corpo que futuramente deverá servir ao reencarnante. Pablo o examina a fim de certificar-se até que ponto poderemos colaborar em favor de nossa amiga Odilie, com recursos magnéticos para a organização das propriedades hereditárias.

- Para que a reencarnação se processe dentro dos objetivos almejados - interveio Demóstenes, querendo tornar mais clara a explicação de Alípio - todo o material genético dos pais foi previamente analisado pela equipe dos construtores do espaço a fim de que fossem selecionadas as características que melhor se adequam às necessidades do reencarnante. De posse de todos esses parâmetros, nossos irmãos elaboraram então este gráfico, que deverá agora nos orientar na formação do feto.

- Meu bom Deus! Tudo isto é tão complexo! Decerto, se os encarnados imaginassem o trabalho realizado pela espiritualidade para que se processe uma simples fecundação não cogitariam, nem por um instante sequer, na hipótese de realizar um aborto! - comentou Têmis admirada.

- Passaremos agora aos trabalhos de miniaturização da reencarnante - anunciou Alípio.

Ouvindo isso, Odilie começou a chorar compulsivamente. Sabia que, a partir daquele momento, estaria efetivamente iniciado o seu processo de reencarne.

- Procure se acalmar, minha irmã - pediu Demóstenes, com infinito carinho. - Pense em tudo o quejá conversamos, você precisa ser forte!

- Estou com tanto medo... Vendo tudo isso não pude deixar de me lembrar da última vez em que me submeti a todo este processo e acabei sendo rejeitada por minha futura mãe...

- Não perca tempo com lembranças dolorosas, cheias de ansiedades e apreensões. O momento é outro, tenha confiança e levante o padrão de suas forças morais! - pediu Alípio.

Odilie ouviu, respeitosa, a advertência e procurou controlar-se.

- Ao invés de fixar-se no que deu errado no passado, pense que, pelo merecimento conquistado nos anos que viveu no plano espiritual, neste momento está tendo a oportunidade abençoada de presenciar todo o seu processo de reencarne, enquanto tantos outros voltam à Terra completamente inconscientes do ato que experimentam. A maioria dos que retornam à existência corporal na esfera do Globo é magnetizada pelos benfeitores espirituais, sendo conduzidas ao templo maternal como crianças adormecidas... - lembrou Demóstenes.

- Além disso, você estará permanentemente em contato conosco. Eu, pessoalmente, estarei a seu lado ao longo de toda a gestação e ainda cuidarei de sua adaptação ao plano terrestre até que complete sete anos de idade - acrescentou Pablo.

- Sempre que sua mãe carnal estiver dormindo, você poderá encontrar-se conosco para trocar idéias, relatar suas impressões e receber nossos conselhos. Anime-se! Como bem lembrou Alípio, não é todo mundo que volta à Terra com todos estes recursos. Você muito trabalhou para merecê-los! - complementou Demóstenes.

Reanimada por tantas palavras de encorajamento, Odilie conseguiu sentir-se um pouco mais confiante e esboçou um leve sorriso.

- Obrigada por tudo - ela disse, beijando a mão de Demóstenes. Em seguida, apertou os olhos para Têmis e Pablo, que estavam mais distantes, como se também lhes enviasse um beijo do mais profundo de seu ser.

Os espíritos construtores então a rodearam e começaram a enviar-lhe energias magnéticas, aplicando-lhe um vigoroso passe em todo seu corpo perispirítico.

Espantada, Têmis percebeu que alguma coisa da forma espiritual de Odilie parecia estar sendo eliminada à medida em que se intensificava a emissão de energias em sua direção. Odilie foi ficando subitamente mais pálida, seu olhar, que parecia penetrar em outros domínios, foi se tornando vago, menos lúcido, distante.

A certa altura, porém, Aípio falou-lhe com autoridade:

- Odilie, ajude-nos! Mantenha clareza de propósitos e pensamento firme!

Têmis teve a impressão de que a reencarnante se esforçava por obedecer.

-Agora - continuou Aípio -, sintonize conosco relativamente à forma pré-infantil. Mentalize sua volta ao refúgio maternal da carne terrestre! Lembre-se da organização fetal, faça-se pequenina! Imagine sua necessidade de tornar a ser criança para aprender a ser novamente um adulto!

Têmis fechou os olhos e procurou vibrar positivamente em favor de Odilie. Graças aos conhecimentos que já tivera oportunidade de adquirir ao longo dos anos em que vinha colaborando na colônia Renascer, ela sabia que a interessada necessitava oferecer o maior coeficiente de cooperação individual possível para o êxito amplo do processo.

Instantes depois, a forma perispiritual de Odilie começou lentamente a encolher. A miniaturização, contudo, não era uma operação curta, nem simples. Era preciso o máximo de concentração de todos os que ali se reuniam, num esforço geral para que se efetuasse a redução necessária.

Odilie, por sua vez, parecia cada vez menos consciente. Já não fixava os mentores com a mesma lucidez, suas respostas às perguntas afetuosas de Aípio não se revelavam completas. Por fim, a equipe, satisfeita, pôde verificar que a forma física da reencarnante assemelhava-se à de uma criança, mais ou menos do tamanho de um útero. Exausta, ela adormeceu por alguns momentos.

- Vamos deixá-la descansar um pouco - disse Alípio.

- Sabem, sempre que ouvi falar em miniaturização, sempre imaginei que o processo fosse mais lento. Aiás, já tive oportunidade de observar na colônia vários casos de espíritos cuja redução demora meses para ser efetuada. Eles se recolhem em salas especiais, quando recebem a confirmação de que está próximo o momento da reencarnação, e, ao longo de um período de repouso, seus períspiritos vão sendo gradativamente encolhidos, ao mesmo tempo em que se acompanha uma progressiva perda de consciência do espírito - lembrou Têmis.

- Imaginar que existe uma técnica invariável no serviço reencarna-tório - respondeu Alípio - é o mesmo que acreditar que a morte na Terra é única em seus processos para todas as criaturas. Cada entidade reencarnante apresenta particularidades essenciais na recorporificação a que se entrega na esfera física, não obstante o nascimento e a morte parecerem iguais para todas as pessoas. Cada ser é uma individualidade única, resultante de toda uma historiografia muito particular, que vai influir e muito em todo o processo.

-Apropria miniaturização obedece a condições diversas de acordo com a evolução do espírito. Nos seres que vivem ainda nos limites da animalidade, por exemplo, a redução do conjunto espiritual atinge o seu máximo, não se limitando, em espaço, ao tamanho do útero, como a que acabamos de presenciar. Nestes casos, o ser é reduzido às dimensões microscópicas da célula-ovo, em completo estado de inconsciência -acrescentou Demóstenes, que já havia acompanhado muitas experiências como aquela.

- O reencarnar significa, acima de tudo, mergulhar em outra dimensão. Para que isto seja possível, o espírito reencarnante terá de se fixar em um ovo, que evoluirá para um embrião, para depois vir ao mundo na forma de um recém-nascido de aproximadamente cinquenta centímetros. E importante destacar, porém, que, embora seu perispírito passe por um processo de miniaturização, ele permanecerá com todas as suas características essenciais e registros de vidas passadas - esclareceu Alípio.

- Mas esperem um pouco... - Têmis tentava raciocinar depressa. -Se ele vai conservar todas as suas características essenciais, isto significa que sua futura forma sempre será parecida com a anterior?

- Não, querida Têmis! - atalhou Alípio com gentileza. - Essenciais são as características da personalidade, os chamados traços de caráter, eme vão, sim, imprimir certas marcas nos contornos anatômicos de acordo com as necessidades educativas do reencarnante. A forma física, propriamente dita, porém, dependerá dos cromossomos paternos e maternos, que serão, digamos assim, orquestrados com a colaboração dos espíritos construtores e dos próprios moldes mentais que serão oferecidos pela mãe, mas, sobretudo, do perispírito do reencarnante. E nele, basicamente, que se encontram os centros de força que organizarão o corpo material.

- O perispírito do reencarnante é o soberano que precisa reinar no útero nove meses, durante os quais, com a ajuda dos espíritos construtores, aproveitará os potenciais genéticos dos pais e até mesmo os fluidos emitidos pela mente da mãe ao imaginar seu bebê. O grande rei de todo processo, porém, será sempre ele - complementou Demóstenes.

- O organismo material da mãe fornecerá todo o alimento para a organização básica do aparelho físico, enquanto a forma reduzida de Odilie, como vigoroso modelo, atuará como ímã entre as limalhas de ferro, dando forma consistente à sua futura manifestação no cenário da crosta, a partir das necessidades evolutivas, das culpas e imperfeições que traz impressas em seu corpo espiritual - sintetizou Pablo.

- Compreendi. E como o caso do alcoólatra que por imprudência danificou os órgãos de seu corpo físico e, consequentemente, o próprio perispírito. Ao reencarnar, as matrizes danificadas se refletirão naturalmente no novo corpo em formação - raciocinou Têmis, lembrando-se da conversa que tivera com Aretusa.

- Perfeitamente. Todos os nossos vícios, erros e defeitos ficam arquivados em nosso perispírito, vindo a repercutir em todos os corpos físicos que envergarmos, até que consigamos erradicá-los através de uma nova conduta voltada para o bem - grifou Demóstenes.

Neste momento, um dos médicos da equipe aproximou-se de Alípio e sussurrou-lhe algo.

- E chegada a hora de despertarmos o espírito da encarnada para receber a criança! - o coordenador da equipe anunciou em seguida.

Demóstenes então abriu a porta e fez entrar Cenyra, temporariamente liberta de seu corpo adormecido.

- Minha filha querida! Abençoada seja! - exclamou Têmis, abraçando-a emocionada.

- Nem sei como agradecer pela oportunidade de aqui estar! - disse Cenyra, também comovida.

- Isto só foi possível graças ao alto padrão vibratório que tanto se esforça em cultivar, minha querida - explicou Têmis.

- Nós a convidamos a participar deste momento, tendo em vista as ligações que futuramente terá com a reencarnante, já que o pai não se encontra em condições de participar...

- Meu Deus... Confesso que, se não houvesse sido anteriormente preparada por vocês, durante meu período de sono corporal, não sei se teria estrutura para encarar este momento com a tranquilidade que estou sentindo agora - confessou Cenyra, enquanto Têmis se afastava para ir buscar a forma reduzida de Odilie que repousava ao lado de Aline.

- Todo plano traçado na esfera superior tem por objetivos fundamentais o bem e a ascensão, e toda alma que reencarna no círculo da crosta, ainda aquela que se encontre em condições aparentemente desesperadoras, tem recursos para melhorar sempre - Demóstenes procurou consolá-la.

- Tome... - disse Têmis, entregando à Cenyra a pequena forma adormecida com o mesmo cuidado de quem segura um bebê. - Você irá entregá-la a Aline.

- O pequenina... - disse Cenyra com os olhos molhados. - Prometo fazer tudo o que estiver ao meu alcance para ajudá-la em sua trajetória... Seus pais são ainda tão imaturos...

- Vamos orar! - convidou Alípio.

"Pai generoso e bom", ele começou a dizer, de olhos fechados, de um dos pontos da roda que se formou em torno de Cenyra e Odilie, "apiedai-vos de vossos filhos imaturos e dai-lhes a oportunidade de ressarcir seus erros. Não os deixeis perdidos nas estradas escuras do ódio. Clarear os seus olhos para os campos do trabalho e dai-lhes coragem para plantar as sementes da humildade, do amor e do perdão. O sofrimento na Terra é imenso e ninguém existe que não esteja colhendo o fruto dos seus erros passados. Mas Vós sois o Pai bondoso e tendes o poder de aliviar todos os sofrimentos.

"Maria, mãe santíssima, que vela pessoalmente por todas as mães encarnadas e desencarnadas, fazei brotar no coração desta jovem o verdadeiro amor maternal, o amor responsável, o amor que a tudo perdoa, capaz de a tudo renunciar, o amor que enaltece e aformoseia a criatura em seu pedregoso caminho evolutivo, lembrando-a de sua filiação divina. Possa este espírito que agora retorna ao mundo carnal mostrar-se perseverante em suas boas resoluções, criar verdadeiros laços de amor e de amizade com aqueles que hoje a recebem como pais. Sejam para ela, em particular, os nossos melhores pensamentos, nossos votos de paz e esperanças mais puras."

Após a emocionada prece do coordenador da equipe dos construtores ali presentes, todo o aposento parecia repleto de novas luzes. Embora qualquer encarnado que adentrasse o escritório naquele momento nada pudesse divisar de diferente, do teto pendia uma chuva de pétalas brancas e perfumadas, abençoando todos os presentes, especialmente Aline e Odilie.

A equipe aproximou-se então de Aine, passando a aplicar-lhe passes magnéticos. Instantes depois, o espírito da moça também descolava-se de seu corpo adormecido e deparava-se, assustado, com toda aquela falange de espíritos iluminados.

- Meu Deus! - ela fechou os olhos como se não quisesse ver. - Não posso crer que...

Antes que ela pudesse expressar seu descontentamento ante a situação que já podia imaginar, Cenyra aproximou-se dela com inexcedível ternura e entregou-lhe a forma diminuta de Odilie, dizendo:

- Receba com amor a minha neta... De agora em diante você também será amada por mim como se fosse minha filha...

Em seus momentos de vigília, Aline ainda não tivera a chance de ser apresentada a Cenyra. Curiosamente, porém, naquele momento sabia exatamente quem era ela e ficou sensibilizada com suas palavras.

- Tenho tanto medo... - disse, com os olhos molhados, como se relutasse em aceitar a criança.

- Ela também estava com muito medo ainda há pouco. Vê como são parecidas? - interferiu Têmis. - Não pense agora no medo, minha menina. Pense no amor que futuramente as unirá... Pegue-a nos braços, sinta seu coraçãozinho batendo junto ao seu...

Sentindo-se levemente anestesiada pelas vibrações positivas do ambiente, Aline ouviu suas palavras e estendeu os braços para receber Odilie, que então abriu os olhos, passando a encará-la de maneira profunda. Impressionada com o olhar daquela forma diminuta, Aline imediatamente aconchegou-a junto ao peito, como que tomada por um impulso de protegê-la. Nesse momento, deu-se um dos mais belos espetáculos que a alma humana já ousou presenciar. Do coração das duas pareceram brotar raízes que instantaneamente se entrelaçaram, fazendo com que Odilie se ligasse magneticamente a Aline tal qual uma flor se une à sua haste. Era como se, a partir daquele momento, ambas fossem uma só alma.

Ficaram ainda algum tempo, como que inebriadas por aquele mágico contato, até que adormeceram, uma nos braços da outra.

- E bom que durmam agora, por algum tempo, enquanto cuidamos da formação genética que está se desenvolvendo - avaliou Alípio.

Cenyra então foi retirada do quarto por Demóstenes para que os construtores dessem início à parte mais delicada do processo.

- Nunca experimentei um sentimento de veneração tão profunda... - confessou Têmis, ainda enleada pela comovente cena que acabara de presenciar. - Uma dúvida, porém, ainda me inquieta - ela não pôde conter-se. - Pelo que pude perceber, todos nós só chegamos aqui depois que o ato sexual já havia se consumado. Todo este trabalho não deveria ter sido iniciado no momento em que os dois jovens se uniram carnalmente?

- Suas dúvidas não têm nada de absurdo, revelam tão somente sua falta de prática - avaliou Aípio com benevolência. - Na verdade, não é necessária a nossa presença ao ato de união celular propriamente dita. De maneira geral, semelhantes momentos são sublimes, privados e invioláveis. No caso de nossos amigos, dada a violência com que se deu o ato sexual, foi preciso que alguns dos integrantes de nossa equipe se mantivessem de sentinela à porta do quarto a fim de barrar a entrada das entidades sofredoras que automaticamente foram mobilizadas pelas vibrações que se instalaram no ambiente, a fim de que não viessem a atrapalhar o desenvolvimento posterior de nossos trabalhos. A fecundação, contudo, ainda não se operou.

- Não? - estranhou Têmis.

- A fecundação do óvulo materno somente se verifica algumas horas depois da união dos corpos. O elemento masculino deve fazer extensa viagem, antes de atingir o seu objetivo - esclareceu Demóstenes.

Ele conhecia bem o funcionamento do aparelho reprodutor feminino, posto que em sua última passagem pelo plano terrestre exercera com admirável empenho o ofício de obstetra e ginecologista.

- Veja você mesma! - disse Alípio, magnetizando Têmis com suas vibrações, a fim de que ela também pudesse observar o que se passava no interior do corpo adormecido de Aline juntamente com os demais integrantes da equipe dos construtores.

Parados em torno de Aline como médicos que operam um paciente numa mesa cirúrgica, eles acompanhavam o movimento dos órgãos do corpo da jovem, como se sua pele fosse uma vitrine envidraçada.

Encantada com o que se descortinava diante de seus olhos, Têmis pôde então testemunhar o momento em que um dos espermatozoides, o qual parecia envolvido por cintilante luz, destacou-se dos outros milhares que adentravam agora o ventre carnal de Aline e seguiu sozinho em direção ao óvulo que o aguardava nas trompas, sob o olhar atento dos espíritos construtores.

Só então se deu conta de que, se ela podia enxergar através do corpo de Aine graças ao magnetismo de Alípio, a visão do coordenador da equipe era ainda mais ampla. Ele podia ver as disposições cromossômicas de todos os princípios masculinos em movimento, tendo fixado naquele que identificara como o mais apto todo o seu potencial magnético, dando a idéia de que o ajudava a desembaraçar-se da marcha dos minúsculos competidores que constituíam a substância fecundante a fim de que efetivamente fosse o primeiro a penetrar a pequenina bolsa maternal.

- O gameta masculino adequado às necessidades cármicas do reencarnante é como que 'puxado', por sintonia magnética, para o óvulo e só então ocorre a fecundação ou concepção. Não é pois o 'acaso biológico' que determina que um espermatozoide fecunde o óvulo, mas a lei do retorno, da colheita obrigatória ou lei de ação e reação - observou Pablo.

- E o que será feito dos demais espermatozoides não aproveitados? Serão simplesmente eliminados? - perguntou Têmis, curiosa.

- De forma alguma - atalhou Demóstenes prestimoso. - Como um dia bem definiu o filósofo Lavoisier, na natureza nada se perde, nada se cria, tudo se transforma! Os espermatozóides não aproveitados irão se acumular cm torno do óvulo, formando uma espécie de gelatina, uma mucilagem que irá protegê-lo e alimentá-lo com sua energia vital ao longo de todo o processo de gestação.

-Tudo isso é ainda mais maravilhoso do que eu sempre imaginei! E um verdadeiro milagre divino! - Têmis exclamou extasiada.

Cerca de quatro minutos depois, sempre guiado pelas vibrações emitidas por Alípio, o espermatozóide solitário atingia finalmente a célula feminina. Absolutamente entregue a seu trabalho, Alípio tocou então a pequenina forma com a delicadeza de um cirurgião, deflagrando o início das múltiplas divisões celulares que futuramente dariam origem ao feto, enquanto Demóstenes ajustava a forma reduzida de Odilie que se interpenetrava com o organismo perispirítico de Aline, sobre aquele microscópico globo de luz impregnado de vida. Imediatamente, o óvulo fecundado começou então a movimentar-se, banhado pelas intensas vibrações magnéticas emitidas pela equipe em serviço.

- Está terminada a operação inicial de ligação - anunciou Aípio, satisfeito. - Que Deus nos proteja!

Deitada na estreita caminha do escritório, Aline pareceu sorrir ao ouvir isso.

- Santo Deus, será que ela vai continuar sorrindo depois que descobrir que está grávida? - Têmis preocupou-se.

- Só o tempo dirá... - Demóstenes respondeu pensativo.

- Irmãos! Acabo de captar um alerta vindo da colônia! - interveio Pablo. - Parece que temos problemas com nosso outro candidato à reencarnação.

- Oto! - Têmis deduziu de imediato, levando as duas mãos à cabeça.

XLV

O domingo amanheceu insuportavelmente pesado e silencioso. Nuvens escuras no céu anunciavam um dia chuvoso, não passava sequer um carro na rua. De sua janela, Vítor olhava o parque vazio, os redemoinhos de vento sacudindo as árvores e arrastando folhas para todo lado. Seu desejo era que o vento também pudesse levá-lo para bem longe dali.

- Vítor, meu filho, abra a porta! - pediu Cenyra do corredor.

- Eu quero ficar sozinho, mãe - ele respondeu, sentando-se de novo na cama.

- Vamos conversar... Desde ontem estou preocupada com você - insistiu a mãe, sentindo uma incrível necessidade de abraçá-lo.

-Já disse que quero ficar sozinho - ele, contudo, respondeu lacônico.

-Você não pode ficar o dia inteiro trancado nesse quarto! Deixa eu olhar para você... O que é que está acontecendo, Vítor? Por que não abriu quando eu pedi, de madrugada? Eu sei que você estava acordado!

Ele nada respondeu. Continuou sentado na cama, encarando a porta em silêncio.

- Vítor... Fale comigo!... Você quer que eu peça para a Olívia vir aqui? - ela sugeriu.

- Não! - ele respondeu convicto e zangado. - Eu não quero falar com ninguém! Será que não tenho esse direito?

- O que é que está acontecendo? - Luís Paulo apareceu no corredor de pijama.

- É o Vítor... - explicou Cenyra, angustiada. - Não quer abrir a porta de jeito nenhum...

- Será que não dava para vocês irem discutir em outro lugar? - gritou Vinícius de seu quarto. - Eu tô a fim de dormir! Estou morrendo de dor de cabeça!

- Posso imaginar, Vinícius! Depois de tudo o que você bebeu ontem! - a mãe comentou aborrecida. - Aliás, da próxima vez que você resolver encher a cara, faça o favor de pelo menos poupar os meus copos de cristal! Que mal lhe pergunte, quem foi que esteve aqui com você esta noite?

Desta vez foi Vinícius quem permaneceu calado.

- Deixa eles, Cenyra. Você se aborrece demais por causa desses meninos! - atalhou Luís Paulo, abraçando-a. - Não viu ontem? Você ficou tão nervosa por causa do Vítor e no final das contas ele estava em casa, dormindo. Vamos tomar nosso café que é o melhor que a gente faz!

- Eu sei que ele não está bem, Luís Paulo, eu sinto! E quanto a você, Vinícius - ela aumentou o tom de voz para que ele pudesse escutá-la, -dê graças a Deus por estar na sua cama. Não fôssemos eu e seu pai, você ainda estaria até agora dormindo na cozinha!

Enquanto isso, no andar debaixo, Paloma se inquietava porque Lucila até agora não se levantara da cama.

- E o fim da picada! Todo domingo é a mesma coisa! Ela fica lá, dormindo que nem uma rainha, e eu aqui me esfalfando para preparar café da manhã e almoço para todo mundo - reclamava Paloma, batendo louças na pia abarrotada. - Ah, não é por nada não, mas ela podia pelo menos lavar o prato dela depois de comer!

- Deixa que eu te ajudo! - disse Florence, entrando na cozinha bem-humorada em seu roupão atoalhado.

Havia acabado de sair do banho e o perfumado xampu que exalava de seus cabelos molhados recendia por toda a cozinha.

- Hoje eu vou fazer o almoço! - anunciou satisfeita. - O que é que vocês mais gostam de comer?

- Não, Florence, de jeito nenhum. Você é visita, não tem que passar o tempo inteiro trabalhando na cozinha! A Lucila é que é muito folgada, por isso que eu estava reclamando - justificou Paloma.

- Desse jeito sou eu que vou ficar ofendida. Não gosto que fiques me chamando de visita. Pelo menos, eu já me sinto de casa!

-Ah, desculpa, Flor. Eu é que não estou muito bem hoje. Acho que acabei ficando contaminada com aquelas energias nervosas da Cenyra. Ela estava tão tensa, você não achou? Esse problema do Vítor está acabando com ela...

- O Maurício me explicou. Deve ser mesmo muito difícil lidar com essa tal síndrome do pânico. E pensar que o menino tem a mesma idade da minha filha...

-Ah, eu acho tão bonitinho você falando "o Maurício"... - disse Paloma, ainda lavando a louça.

- Deixa que eu vou enxugando para andar mais depressa... - propôs Florence. - Mas tu querias que eu o chamasse como?

- É que sempre vi todo mundo chamando-o de Moneda - Paloma entregou à prima o prato molhado que acabara de enxaguar. - E pensar que eu já o conhecia há tanto tempo da casa de Cenyra.... Mas afinal você não me contou... O que foi que rolou ontem?

-Ah, não aconteceu nada de muito extraordinário... - respondeu Florence, enxugando a louça com a fisionomia distante e deslumbrada. Havia um brilho diferente em seu olhar. - A gente dançou, ele segurou na minha mão naquela hora em que a gente estava na mesa, mas depois foi tanta confusão que a gente acabou nem se despedindo direito.

-Também a Cenyra foi inventar da gente entrar naquele verdadeiro conglomerado de barzinhos que tem ali na esquina! Eu tinba certeza que o Vítor não estava lá! Onde já se viu, uma pessoa com síndrome de pânico ir se enfiar no meio daquele monte de gente?... Mas ele nem ficou de ligar para você outro dia? - estranhou Paloma, voltando a falar de Moneda.

- Não, não falou nada... - Florence pareceu aterrissar de novo na cozinha. - Mas tu ainda não me falaste o que vais querer para o almoço! - ela desconversou, pegando um punhado de louçajá seca para guardar no armário.

- Ah, eu praticamente só como salada mesmo, a Chuva e a mamãe comem o que eu puser na mesa. A Lucila é que é complicada. Se a gente faz lasanha ela diz que está de regime, se faz frango, ela diz que não gosta de carne branca, nunca nada está bom para ela!

- Queres saber? Eu vou lá no quarto perguntar para ela! - decidiu Florence, fechando o armário de pratos.

No apartamento de cima, Cenyra e Luís Paulo terminavam de tomar café quando ouviram o estrondo de uma porta batendo no interior da casa. Vinícius surgiu em seguida, ainda olhando para trás.

- Eu, hein? Qual é a dele? Estava vindo do meu quarto quando ele saiu do banheiro, falei bom-dia e ele bateu a porta na minha cara!

-Vai ver você o incomodou com a festinha que andou dando aqui em casa de madrugada - resmungou Cenyra, levando xícaras para a cozinha.

- Que festinha, mãe? Eu só trouxe uma menina para tomar a saideira aqui em casa... Falando nisso, eu nem vi a hora em que ela saiu - ele cocou a cabeça com um risinho que misturava timidez e ironia.

- Hum, hum - pigarreou Luís Paulo, mergulhado num jornal. - Saideira com a minha tequila, diga-se de passagem!

- Quantas vezes eu vou ter de dizer que não gosto que você traga suas namoradas aqui para dentro de casa de madrugada! - ralhou Cenyra, vindo da cozinha com um bule de leite.

Vinícius estalou-lhe um beijo no rosto.

- Também não precisa ficar tão brava. Foi mal, eu não vou fazer de novo...

- Senta aí e toma o seu café - ela respondeu, desarmada. - Eu só estou preocupada com o Vítor. Alguma coisa aconteceu para ele ficar desse jeito. Ele estava tão satisfeito ontem... Não sei, estou com uma sensação estranha - ela esfregou o peito na altura do coração. - Hoje de manhã acordei chorando e nem me lembro direito o que foi que sonhei...

- Ah, mãe, ele é esquisito mesmo... A! - ele levou a mão à testa. -Tem algum remédio para dor de cabeça aqui em casa?

- Esquisito é o raio que te parta! - rosnou Vítor em seu quarto. Estava diante de uma pilha de retratos picados e de um velho álbum aberto, de onde ia arrancando todos as fotos em que Vinícius estava e rasgando-as com ódio, quando ouviu nitidamente uma voz a seu lado:

- Você continua o mesmo!

Sentiu um calafrio, que fez com que todos os pelos de seu corpo se arrepiassem e procurou em torno. Mas não havia ninguém. Continuava aparentemente sozinho no quarto. Puxou com raiva uma página inteira do álbum e já começava a amassá-la nas mãos quando ouviu de novo:

- A sua culpa você não pode amassar!

- Mãe! - Vítor gritou assustado.

- Paloma, corre aqui! - gritou Florence no andar debaixo. Havia acabado de encontrar o bilhete que Lucila deixara sobre a cama vazia. Rafael e Chuva, ainda com cara de sono, chegaram primeiro, mas foi Paloma quem tirou o bilhete das mãos de Florence e o leu em voz alta:

"A oportunidade que eu tanto esperava aconteceu. Parto com o coração apertado, mas se não ousasse fazer esta experiência, jamais me perdoaria e talvez um dia até os culpasse por isso. Peço que não me crucifiquem, que por um instante apenas Paloma tente se colocar no meu lugar. Cuidem da mamãe com carinho. Assim que estiver instalada na Inglaterra, mando notícias.

Um forte abraço,

Lucila."

- Eu não acredito! - disse Paloma, atônita, amassando o bilhete. -Ela não pode ter feito isso comigo...

-A gente não vai almoçar? - perguntou Noêmia, também chegando na porta. - Já é quase noite! - ela apontou para a janela, onde os primeiros pingos de chuva começavam a escorrer.

- Ela não pode ter tido coragem... - Paloma deixou-se escorregar pela porta do armário, até ficar agachada no chão, ainda apertando o bilhete amassado nas mãos.

- Eu estou com fome! Não tem mais comida nesta casa? - insistiu Noêmia.

- Mamãe, Lucila foi embora! - disse Paloma, com lágrimas escorrendo dos olhos.

- Fique calma, Paloma, eu estou aqui! - Florence abaixou-se a seu lado.

- Lucila? Quem é Lucila? - perguntou Noêmia, sem conseguir compreender o que se passava.

-A tia Lucila, vó! Ela foi embora para a Inglaterra! - explicou Chuva.

-Ah... - Noêmia fingiu entender. - E onde fica a Inglaterra? É para os lados de Minas?

Rafael correu a contar a notícia a Aline, que tremia encolhida sob os lençóis. Sentia calafrios, seu corpo inteiro doía. Mas estava sem coragem de levantar da cama para pedir ajuda. A sensação que tinha era de que estava escrito em seu rosto tudo o que se passara na casa de Vinícius. "Como é que eu vou olhar para a cara da Chuva?", ela se perguntava, sentindo-se culpada.

- Aline, tu não imaginas o que aconteceu!

- Se é segredo não me contes, se é intriga não me digas!43 - ela respondeu, ríspida, batendo os dentes de frio.

- A tia Lucila foi embora para a Inglaterra! - insistiu Rafael, só então reparando que havia algo de errado com a irmã. - Caramba! Estás com febre?

- Aline, o que aconteceu? - Florence apareceu no quarto.

- Não foi nada, mãe! - ela se levantou enrolada no lençol e correu para o banheiro.

Neste minuto, tocou a campainha. Florence, ainda atônita, correu a atender. Era Moneda, desta vez segurando nas mãos um lindo vaso de orquídeas púrpuras.

- Vim convidá-la para almoçar! Ali! Estes são os diamante negros que eu havia prometido! - ele disse, estendendo-lhe o vaso. - Hoje não aceito desculpas!

XLVI

- Oto fugiu! - gritou Aretusa desesperada.

Havia passado a noite sentada a seu lado no quarto do hospital, conforme lhe fora recomendado por Têmis. Ele dormia tão tranquilo que ela a princípio nem compreendeu o motivo de tanta preocupação por parte de Têmis e até dispensou o enfermeiro que havia ficado de plantão no quarto até então. Ata madrugada, porém, acabou cochilando também, envolvida pela música suave que emanava das paredes sonoras. Anda não se acostumara a passar tantas horas em vigília como os mentores com quem usualmente convivia; pelo menos de três em três dias sentia necessidade de repousar um pouco. Ao abrir os olhos, constatou estupefata que Oto não estava mais na cama.

- O que aconteceu, irmã? - um enfermeiro acorreu depressa.

- Oto! - ela disse apontando para a cama vazia. - Por acaso não o viram passar pelos corredores em direção ao jardim? - imaginou, num último fio de esperança.

- Lamento informar, irmã, mas os pacientes desta unidade não têm autorização para saírem do quarto desacompanhados. Se ele tivesse passado pelo corredor, algum de nossos enfermeiros certamente o teria conduzido de volta ao quarto...

- Mas então.... para onde ele foi? Como conseguiu sair do quarto?

- Oto é um espírito acostumado a vagar pelo mundo dos encarnados, é possível que, na calada da noite, fie tenha se sintonizado com a vibração do bando a que outrora pertencia, ou mesmo de algum de seus desafetos do passado, indo direto ao seu encontro... — informou o irmão Guilhôme, surgindo na porta do quarto.

Ao vê-lo, Aretusa abaixou a cabeça envergonhada. Ainda não o conhecia pessoalmente, mas só de vê-lo teve imediatamente a certeza de quem se tratava. Irmão Guilhôme era a autoridade máxima na colônia Renascer, cuidava pessoalmente da supervisão de todos os departamentos daquele pouso espiritual. Era um ser alto e esguio, de cujo semblante parecia irradiar uma luz intensa e penetrante.

- O irmão por misericórdia me perdoe - ela disse, entre lágrimas, ajoelhando-se a seus pés. - Eu não tinha idéia de que isto poderia acontecer. Para dizer a verdade, até agora não consegui compreender direito como ele escapou daqui...

- Levante-se, irmã - ele disse, meigo, esticando-lhe a mão para que se erguesse do chão. - Não se penalize tanto. Tudo aquilo que escapa ao nosso controle é porque, de uma maneira ou de outra, iria acabar acontecendo. E certamente a providência divina saberá aproveitar este incidente para alguma realização no bem.

Ele falava de maneira tão doce, tão tranqüila, tão mansa que Aretusa custou a acreditar que estivesse mesmo diante da autoridade máxima daquela colônia. Ela esperava tudo, menos ser tratada com tanta educação e brandura.

- De que adiantaria se nós a trancafiássemos numa masmorra ou a punissemos de maneira exemplar? - disse o irmão Guilhôme, captando de imediato seus pensamentos. - Oto não retornaria à colônia por causa disso. Gritos, castigos e insultos jamais contribuem na edificação do verdadeiro bem. Devemos ser compreensivos uns com os outros assim como o Pai celestial é conosco. De mais a mais, não temos como coibir o livre-arbítrio de quem quer que seja, ainda que se trate de um dos internos de nossa colônia. E claro que poderíamos segurar Oto se assim o quiséssemos, nossos radares detectaram o momento exato em que ele deixou a colônia. Mas de que adiantaria continuarmos segurando-o aqui contra sua vontade? Mais cedo ou mais tarde ele fugiria. Aqui, como na Terra e em todas as outras galáxias do universo, só podemos ajudar àqueles que querem efetivamente ser ajudados...

- Mas eu não consigo entender... - disse Aretusa, enxugando as lágrimas que não paravam de lhe escorrer dos olhos. - Como ele conseguiu desaparecer sem que eu nada percebesse?

-A irmã ainda não se acostumou com esta realidade, mas os espíritos se movem, sobretudo, pela força do pensamento. Basta, as mais das vezes, que desejem estar em algum lugar para que lá estejam. Quando o pensamento está em alguma parte, a alma também aí está, pois que é a alma quem pensa. Por isso se diz que o pensamento é um atributo do espírito - esclareceu, sempre muito gentil, o irmão Guilhôme.

Aretusa abaixou novamente a cabeça envergonhada. Quanto mais o ouvia falar, mais atrasada e ignorante se sentia. No estado de angústia em que se encontrava, não conseguia captar a grandeza dos ensinamentos do abnegado supervisor da colônia.

-Vá descansar - ele a aconselhou. - Você se desgastou muito com o susto. Tente repousar um pouco no chalé. Mais tarde voltamos a conversar sobre o assunto.

Ela obedeceu. Não conseguia, contudo, parar de se culpar nem por um instante. E o que ela diria à irmã Têmis, que lhe confiara tão importante responsabilidade?, ia pensando, enquanto descia a alameda florida em direção à área residencial, da colônia, sem sequer reparar na magnífica paisagem que abençoava seu caminho naquele dia. "Têmis e

Pablo haviam levado tanto tempo para conseguir trazer Oto de volta à colônia, não é justo que, por uma invigilância minha, todo o trabalho deles seja perdido", disse a si própria. E o irmão Demóstenes? O que pensaria dela? Não, ela não podia deixar as coisas como estavam. Precisava descobrir onde estava Oto, ir até ele e trazê-lo de volta, custasse o que custasse.

Mal imaginava ela que Têmis e Demóstenes já estavam diante de Oto e assistiam, agora, invisíveis aos olhos de todos, a seu desesperado assédio às ideias de Vítor.

- Ele foi impulsionado por uma atração irresistível no momento em que Vítor repetiu seu mesmo comportamento do passado - explicou Demóstenes.

- E nós não podemos fazer nada para acalmá-lo? Ele vai enlouquecer Vítor! - ponderou Têmis, preocupada.

- Nada podemos fazer enquanto os dois se mantiverem ligados em tão perfeita sintonia - argumentou Demóstenes, observando-os.

O corpo fisico de Vítor havia como que se expandido em torno dele, de maneira a deixar exposto seu duplo etérico, inteiramente marcado por nódulos escuros que tinham o aspecto de feridas. Grudado a este corpo etéreo e dilatado, Oto, com uma espécie de bisturi em brasa nas mãos, cavucava-lhe as feridas cada vez que soprava alguma coisa a seus ouvidos espirituais.

-Vítor, meu filho, o que é que você está sentindo? - Cenyra perguntou, sentada na cama a seu lado, abraçado-o de encontro ao peito.

- E uma coisa estranha, mãe... Parece que tem um troço queimando aqui por dentro de mim!

- Será que não são novamente os sintomas do pânico? - imaginou Cenyra, lembrando-se de que era domingo.

- Não, desta vez não é 'a coisa'. Sinto que tem alguém aqui neste quarto, alguém que não gosta nem um pouco de mim!

- Dissimulado, hipócrita! - disse Oto com ódio.

-Você ouviu? - ele soltou-se transtornado dos braços da mãe, procurando em torno.

- Ouvi o que, filho? Só estamos nós dois no quarto! Não será um efeito do remédio? Você bebeu alguma coisa ontem?

- Não, mãe, eu não bebi! Eu não bebo! Tem alguém falando no meu ouvido!

Só então Cenyra percebeu o álbum estraçalhado em cima da cama e as fotos picadas no chão.

- Vítor, o que é isso? - perguntou, verificando as fotos. -Ah, eu... - ele foi pego de surpresa.

- Por que você picou desse jeito o álbum de vocês que eu fiz com tanto carinho?

- E que... - ele não sabia o que responder, enquanto Oto se divertia com sua situação.

- Ora, Vítor, francamente - ela juntou os pedaços de fotos em cima do álbum e foi saindo do quarto. - As vezes sou obrigada a concordar que seu pai e seu irmão têm razão! Você está indo longe demais com essa doença!

- Mãe, espere, eu...

Ela bateu a porta e ele ficou de novo sozinho no quarto, sentindo um profundo mal-estar e morrendo de medo de ouvir de novo a voz.

Enquanto isso, no andar debaixo, Aine finalmente saía do banheiro, com os cabelos molhados e os olhos inchados e fundos de tanto chorar. Sentia que havia algo de errado com ela, algo de estranho em seu corpo. "E se eu estiver grávida?", intuiu, apertando fortemente a barriga. Seguiu em direção à sala, disposta a conversar com a mãe, embora decidida a não lhe contar nada do que acontecera na casa de Vinícius. Ao chegar ao final do corredor, porém, viu Moneda sentado no sofá ao lado da mãe e estancou o passo, chocada. Fechou as duas mãos, com ódio e chegou a mirar a parede, pronta a esmurrá-la, mas foi detida pela voz de Chuva atrás de si:

- Ei, Aline! Pensei que nunca mais fosse sair desse banho! Está a fim de ir até lá embaixo comigo buscar leite e ovos para minha mãe? - ela disse, sacudindo o guarda-chuva para desamarrotá-lo.

- Ovos? - Aline repetiu, sem saber direito o que estava dizendo. Sentia-se completamente sem-graça diante da prima. "Eu dormi com o namorado dela!", recriminava-se angustiada.

- E, Aline, ovos, vamos? Acho melhor a gente ir depressa, porque a Florence acaba de convidar o amigo dela para comer aqui em casa e a minha mãe precisa dessas coisas para fazer um suflê...

- Ela o convidou para comer aqui em casa? - espinhou-se Aine, sem conseguir acreditar no que ouvia.

- É! O que é que tem demais? Eu, sinceramente, preferia aceitar o convite dele, que queria levar todo mundo para comer num restaurante chiquérrimo lá em Ipanema, mas a sua mãe achou melhor assim... - ela deu de ombros com cara de desprezo.

- Não... - respondeu Aline, atordoada. - Eu vou ficar lá no quarto. Não quero ver ninguém hoje. Desculpe...

Florence, a essas alturas, já começava a preparar a mesa. "Eu devo estar louca", pensava consigo enquanto ia dispondo os pratos, "como é que eu fui convidá-lo para almoçar aqui num dia como este? Só está faltando a tia Noêmia aparecer e começar a dizer aquele monte de bobagens... Mas o que é que eu ia fazer? Ele se despencou da Gávea até aqui para me convidar para ir a um restaurante, como é que eu ia bater a porta na cara dele? Ainda mais depois que ele estendeu o convite a toda família. Eu não tinha outra opção! Só espero que Paloma não esteja zangada comigo..."

-Você tem certeza de que não vou dar trabalho? - Moneda perguntou.

- Trabalho nenhum, é só não reparares na confusão. Como te expliquei, as coisas andam um pouco tensas por aqui hoje... - ela tentou disfarçar.

"Ao mesmo tempo, que engraçado, eu me sinto tão mais segura, tão mais protegida quando estou perto dele...", seus pensamentos voaram novamente. "A, meu Deus, será que ele vai continuar interessado em mim depois de almoçar com a família inteira?"

- É verdade que tu trabalhas no programa "Isto é Incrível?" - Rafael aproximou-se, simpático.

- Sim, é verdade. Você gosta do programa?

- Se eu gosto? É muito sliow, cara! Principalmente aquela parte que mostra a vida dos animais! Eu me amarro em reportagens sobre animais!

Enquanto os dois conversavam, Florence foi para a cozinha ajudar Paloma com o almoço. A prima parecia mais conformada.

- Tu não ficaste aborrecida por eu ter convidado o Maurício, ficas-te? - Florence finalmente colocou para fora a dúvida que a atormentava.

- Eu? De maneira alguma! - respondeu Paloma, picando legumes para a salada. - Quer saber, Flor? Entrei mentalmente em contato com a sabedoria infinita e cheguei à conclusão de que foi melhor ela ter ido. Pelo menos, agora vamos ter mais dois quartos na casa...

- Tu não estás pensando em...

- Mas é claro que sim! Ou você acha que nós vamos deixar os livros dela continuarem ocupando o quarto em sua santa ordem alfabética durante quase dois anos? Amanhã mesmo vou socar tudo no banheiro da empregada! Se um dia ela voltar, a gente renegocia o espaço! Você acha melhor dormir num quarto comigo ou prefere ficar com a Aline?

- Bom, se é assim, talvez seja mais indicado deixar a Aine e a Chuva juntas - disse Florence, começando cortar fatias finas de queijo e presunto para rechear os peitos de frango que deixara abertos sobre um tabuleiro. - Afinal, as duas são adolescentes, devem ter muito o que conversar...

Cerca de quarenta minutos depois, ela tirava do forno o suflê de cogumelos e os supremos de frango recheados que havia preparado com a ajuda de Paloma e chamava a todos para almoçar. A prima vinha logo atrás com a salada e a travessa de arroz integral.

- Aline não vem almoçar? - Florence estranhou, ao ver o lugar vazio à mesa.

- Ela disse que está enjoada, tá lá no quarto escuro trancada - informou Chuva.

- Eu acho é bom! Assim sobra mais para mim! - brincou Rafael, já com água na boca.

- Sinceramente, há tempos que eu não vejo uma comida tão cheirosa! - elogiou Moneda. - Hummm... - ele experimentou o frango. -Como diria o Luís Paulo, este frango está digno dos deuses do Olimpo! -disse, olhando para Florence com olhos apaixonados.

Todos concordaram à exceção de Noêmia, que nem tocou na comida que Paloma colocou em seu prato. Desde a hora em que soubera da partida de Lucila, conservava-se estranha e pensativa.

- Escutem... - ela quebrou finalmente o seu silêncio. - Não seria melhor guardar um pouco de comida para a Lucila?

- Só se for para mandar pelo correio, mamãe! - debochou Paloma. -Tu não devias falar assim! - Florence cochichou, cutucando-a por

baixo da toalha.

- E você queria que eu falasse o quê? Que vou congelar o frango para quando ela voltar? - Paloma cochichou de volta.

- Eu só não entendi uma coisa ainda... - continuou Noêmia. - Quanto esse moço vai pagar pelo aluguel? - ela perguntou, encarando Mofieda.

-Aluguel? - estranhou Rafael.

- É, ele não veio aqui para alugar o quarto da Lucila?

- Hi, caramba... - Chuva olhou como quem diz: "vai começar tudo de novo!"

- Na verdade eu vim aqui para alugar este apartamento com a família toda dentro! - Moneda tentou levar na brincadeira.

- Como? - tentou entender Noêmia.

- E, a senhora nunca ouviu falar em aluguel de famílias? O camarada que não tem nenhum parente, aluga o pacote fechado e passa a frequentar a casa eventualmente na hora das refeições e nas datas festivas. Quando fica enjoado da comida ou dos parentes, ele troca o pacote. É interessante porque não tem assim muito desgaste e a família ainda sai lucrando...

- Có... - Noêmia gostou da piada e começou a rir sacudindo os ombros.

Ao fim do almoço, como que contagiados pelo tempero de Florence, estavam todos apaixonados pelo jeito simpático de Maurício. Menos Aline, que continuava no quarto.

- Na verdade eu vim te ver hoje porque na quarta-feira vou precisar viajar a serviço para Madrid... - ele explicou, quando se despedia de Florence na porta.

- Para Madrid? - ela não conseguiu disfarçar seu desapontamento. - Mas quarta-feira é praticamente véspera do carnaval...

- Pois é. O mundo dos negócios não tem datas festivas, principalmente no exterior. Talvez precise ficar um mês fora,

cuidando de algumas vendas da emissora... Os espanhóis estão querendo comprar o formato do "Isto é Incrível" - ele explicou.

- Então... boa viagem para ti - ela disse num sorriso.

- Eu... eu... - ele tentou dizer, aproximando-se de seu rosto.

Os dois estavam quase se beijando quando Aline surgiu de repente.

- Mãe, eu vou dar uma saída - avisou, ultrapassando-os como uma bala. -Aline! Onde vais? Tu nem almoçaste! - Florence se recompôs de imediato.

- Estou precisando andar um pouco - ela avisou, já puxando a porta do elevador.

- Mas está chovendo! - Florence ainda tentou argumentar.

- Espere, eu vou descer com você! - pediu Moneda, constrangido, encaminhando-se depressa para o elevador.

Parecia com medo dos próprios sentimentos, ameaçado pela postura hostil de Aline, a quem percebera incomodar com sua presença. Florence ficou parada na porta, frustrada e confusa, ainda procurando o que dizer, quando ouviu Maurício gritar:

-Aline!

Ela havia desmaiado no elevador.

XLVII

- Meu Deus! Por que você fez isso? - Têmis, assustada, perguntou a Pablo, enquanto Moneda e Florence carregavam para dentro o corpo desmaiado de Aline.

- Foi a única maneira que encontrei de contê-la, para evitar um mal maior - explicou o dedicado protetor. - Foi preciso abaixar bruscamente sua pressão para demovê-la da ideia de sair andando por aí na chuva. Seu estado demanda repouso, é necessário um tempo para que suas energias se harmonizem às de Odilie.

- Eu vim assim que você pensou em mim - disse Têmis. - Mas confesso que não imaginava encontrar este quadro. As duas pareciam tão bem esta madrugada, tão divinamente integradas... - ela comentou, enquanto os dois se encaminhavam para o interior do apartamento.

- Não se esqueça de que durante o processo de ligação de Odilie, tanto ela quanto Aine encontravam-se magnetizadas pelas energias salutares de nossa equipe. Todavia, quando Aine efetivamente despertou, a coisa mudou de figura.

O choque de energias entre as duas foi tão violento que Aline chegou a ter calafrios... - explicou Pablo. - Mas e Oto? Como ele está?

- Não há o que fazer - lamentou Têmis. - A sintonia entre os dois é tão intensa que não temos como interferir. Ainda assim, Demóstenes continua a seu lado, estudando alternativas de ação.

- Oto já sabe de Odilie? - questionou Pablo preocupado.

- Sim. Acredito que foi por causa disso que ele fugiu novamente. Sentado no fundo do quarto, com a fisionomia contrita e revoltada,

Oto observava Vítor debater-se em mais uma crise de pânico, instigado pelos demais componentes do bando que o assediavam. Sob o comando silencioso do líder, eles reforçavam a intensidade de cada sintoma nas ideias de Vítor, fazendo com que mais uma vez o rapaz tivesse a sensação de estar vivendo a pior de todas as crises que já havia antes experimentado.

- E domingo, não adianta. Não há como escapar aos domingos, 'a coisa' sempre vem aos domingos! - dizia um deles aos ouvidos espirituais do rapaz.

- O ar está entrando com muita dificuldade, você praticamente já não consegue respirar. Desta vez você vai morrer, não tem jeito - dizia outra, que dificultava ainda mais a respiração do rapaz ao apertar-lhe contra a face um travesseiro invisível a olhos humanos.

Apenas Oto tinha o poder de se fazer ouvir nitidamente por Vítor. As frases ditas pelas demais entidades ali presentes eram acolhidas pelo rapaz como se fossem pensamentos próprios.

- Você vai morrei! - insistiu outra, projetando sobre sua mente a imagem dele próprio deitado num caixão.

- Basta! - determinou Oto, saciado. - Quero ver agora como é que ele faz para voltar ao normal. Vocês me disseram que neste período em que estive afastado ele desenvolveu uma série de artifícios para controlar suas crises, não é isso? - ele perguntou descrente, sentindo vontade de se divertir ainda mais.

As entidades sob seu comando assentiram com a cabeça e deram um passo para trás, afastando-se um pouco de Vítor. Estavam a tal ponto transtornadas e desgastadas pelo longo tempo em que perambulavam pela Terra sem receber o necessário socorro que já mal tinham ideia do que faziam. Apenas obedeciam ordens.

- O despertador... - o rapaz arrastou-se pelo chão para conseguir pegar o relógio sobre a mesinha.

De olhos fixos nos ponteiros e fazendo imenso esforço para controlar sua respiração, ele começou então a contar os segundos marcados pelo relógio, um a um. Ao fim de cinco minutos, já se sentia mais calmo. Os sintomas, que na verdade já se apresentavam bem mais fracos pelo uso contínuo do medicamento, mas eram profundamente incrementados pelos pensamentos que lhe eram transmitidos pelos obsessores, pareceram finalmente ceder ao seu comando. Veio-lhe então a imagem de Aline na cabeça e ele apertou as mãos ao lembrar-se do beijo que havia dado nela no escritório do pai de Clarinha. Imediatamente, Oto aproximou-se dele e gritou bem alto a seu ouvido:

- Você é culpado! Nada pode diminuir sua culpa!

Vítor ouviu e escondeu a cabeça entre as mãos desesperado.

-Ai, não! Vai começar tudo de novo! Jesus, me ajude! - disse, lembrando-se da imagem que vira no consultório de Olívia. - Pelo amor de Deus, me ajude!

Neste instante, algo de maravilhoso aconteceu, embora as entidades ali presentes nada pudessem divisar. Ao pensar na imagem de Jesus com fé, imediatamente formou-se em seu duplo etérico uma espécie de ponte de luz, através da qual Demóstenes pôde comunicar-se com ele.

- Veja o livro que sua mãe lhe emprestou - o mentor sugeriu com brandura.

Oto não entendeu quando Vítor de repente pegou um livro sobre a mesa e começou a folheá-lo nervosamente, sequer teve tempo de visualizar o que estava escrito na capa. Logo, no entanto, ele começava a ouvir a leitura silenciosa de Vítor como se o rapaz a ele se dirigisse:

"O pânico na visão espírita", dizia o subtítulo. "Segundo nos esclarece a mentora Joanna de Ângelis, há síndromes de distúrbio de pânico que fogem ao esquema convencional. Aquelas que têm um componente paranormal, como decorrência de ações espirituais em processos lamentáveis de obsessão".

- O que será uma obsessão? - Vítor perguntou-se, alto, antes de prosseguir a leitura.

"Agindo psiquicamente sobre a mente da vítima, o ser espiritual estabelece um intercâmbio parasitário, transmitindo-lhe telepaticamente clichês de aterradoras imagens que se vão fixando, até se tornarem cenas vivas, ameaçadoras, encontrando ressonância no inconsciente profundo, onde estão armazenadas as experiências reencarnatórias que, desencadeadas, emergem produzindo confusão mental até o momento em que o pânico irrompe incontrolável, generalizado".4"'

- Isto faz sentido! Eu acabo de me ver deitado num caixão! A crise veio logo em seguida! - Vítor observou admirado.

Oto e as demais entidades ficaram boquiabertos com suas constatações.

- Como ele teve acesso a estas informações? - Oto protestou irritado. - Precisamos encontrar um meio de sumir com este livro daqui! Ele não pode... - ele se interrompeu ao ouvir o barulho da porta do quarto sendo aberta.

Cenyra entrava no quarto seguida por Demóstenes. Ao ver o filho sentado na cama com o livro aberto nas mãos, sentiu uma grande alegria em seu coração. "Ele está buscando informações! Será que começa a ter alguma consciência sobre o próprio problema?", pensou consigo. Atendendo a um impulso que parecia vir de sua alma, dirigiu-se ao rapaz de maneira carinhosa:

- Meu filho, desculpe, eu perdi a cabeça quando vi o álbum de fotografias de vocês picado no chão... Mas, afinal, o que é um álbum de recordações? O importante é que eu tenho você e o Vinícius aqui, vivos, a meu lado... Encontrou alguma coisa de interessante nesse livro?

De tão acostumadas a agir como autômatas, as entidades já se preparavam para novamente atacá-lo, mas foram impedidas por Oto:

- Esperem um pouco. Esta mulher é perigosa. Vive sempre em contato com os espíritos do bem. Se ela está aqui, é porque eles também estão... - deduziu de imediato. - Será quejá descobriram que eu fugi? - ele olhou em torno preocupado.

- Mãe, o que é obsessão? - Vítor perguntou.

- Bem... - disse Cenyra, sentando-se a seu lado. - Costumamos usar esta palavra sempre que alguém se preocupa em demasia com determinada idéia, que domina doentiamente o seu espírito. Por exemplo, quando eu falo que seu pai tem obsessão pelo trabalho, estou querendo dizer que ele só pensa, o tempo todo, em seu trabalho, de maneira quase doentia, como se seu eu interno fosse um prisioneiro desta ideia fixa, você compreende? Hoje é domingo, ele está de folga e, no entanto, já foi para a emissora... - ela desabafou sem querer.

45 In: Transtornos mentais: p. 43-44. Obra já citada. 340

- Então você acha que essa coisa de eu ficar sempre esperando que minhas crises aconteçam de novo no domingo é uma obsessão que eu criei na minha cabeça? - analisou Vítor.

- Não deixa de ser. E o que sempre digo, de tanto você pensar, de tanto se programar para isso, com medo de sentir medo, 'a coisa' acaba acontecendo. Mas esta palavra designa também uma outra situação que imagino ser a que você encontrou nesse livro, que é a obsessão espiritual... - ensaiou ela com cuidado.

-Aqui fala em alguém que age psiquicamente sobre outra pessoa -disse o rapaz, mostrando-lhe a página.

- Exatamente - concordou Cenyra. - Muitas vezes essa preocupação com determinada ideia, que domina doentiamente o espírito, pode acabar trazendo para perto de você seres espirituais que de alguma maneira se sentem atraídos por aquele pensamento.

- Como assim? - Vítor não entendeu.

- Se eu, por exemplo, só penso em ficar cada vez mais bonita, gasto todas as minhas energias na satisfação desta vaidade. Este meu pensamento fixo vai emitir ondas no espaço, de maneira a atrair seres que se sintonizem com esta minha ideia. Cada criatura, com os sentimentos que lhe caracterizam a vida íntima, emite raios específicos e vive na onda espiritual com que se identifica - esclareceu Cenyra.

- Cada vez que eu penso na minha doença, cada vez que eu sinto medo de não conseguir controlar os sintomas do pânico eu vou então atrair seres espirituais que também sentem medo? - imaginou Vítor.

- Não diria seres que também sentem medo, mas entidades que de alguma maneira se comprazem em provocar medo. Você se lembra daquela conversa que nós tivemos na época em que você foi assaltado e vivia com medo de que acontecesse de novo?

- Aquele lance das ondas mentais? - lembrou Vítor.

- Isso mesmo. O processo obsessivo também tem tudo a ver com as ondas mentais que emitimos. A situação é muito semelhante à da pessoa que sai na rua morrendo de medo de ser assaltada. De tanto pensar que ela vai ser assaltada, ela vai acabar se sintonizando com a energia do ladrão, que busca justamente uma vítima para assaltar. E quase como se os dois estivessem sintonizados numa mesma estação. Ao entrar nesta sintonia, a pessoa se coloca como uma presa fácil, na medida em que já emitiu ondas no espaço, através de seus pensamentos temerosos, comunicando que ela se predispõe a ser assaltada. Ela não quer isso, mas, ao antecipar a situação em sua mente, acaba criando as condições para que isto aconteça - exemplificou Cenyra.

- Mas por que esses espíritos se comprazem em provocar ainda mais medo nas pessoas que já estão com medo? - Vítor não conseguia compreender.

- Às vezes por mero divertimento. Assim como na Terra existem muitos seres desocupados que, por ignorância e por falta do que fazer gastam seu tempo passando trotes ou criando vírus de computador, com o simples intuito de brincar, no espaço existem muitos espíritos que também se divertem causando transtornos às pessoas. Quase sempre, porém, a obsessão exprime vingança, tomada por espíritos a quem um dia prejudicamos com nossas ações. Na maior parte das vezes em que isto acontece, a origem do problema se encontra nas relações em que o obsediado manteve com o obsessor em precedente existência - destacou Cenyra, lembrando-se de seus estudos sobre a doutrina de Allan Kardec.

- E o que acontece exatamente quando um espírito desses vem para junto de uma pessoa disposto a se vingar? - preocupou-se Vítor.

Demóstenes colocou sua destra sobre a testa de Cenyra, fazendo com que se lembrasse textualmente da definição contida em O evangelho segundo o espiritismo:

- Filho, a obsessão é a ação persistente que um espírito mau exerce sobre um indivíduo. Apresenta características muito diversas, desde a simples influência moral, sem perceptíveis sinais exteriores, até a perturbação completa do organismo e faculdades mentais.'1" Nossa! Já faz tanto tempo que estudei isto...

- Caramba, mãe! E se eu estiver com esse negócio, com essa tal obsessão, o que é que eu faço? - inquietou-se o rapaz.

- Primeiramente vamos orar - disse Cenyra, sempre inspirada pelo benfeitor de luz ali presente. - A oração é sempre o melhor remédio para um espírito em desequilíbrio.

Vítor nem discutiu. Estava tão assustado com tudo que tinha acabado de ouvir que faria qualquer coisa para que aquelas coisas parassem de acontecer com ele. Abaixou a cabeça e acompanhou a mãe em sua oração, repetindo cada uma de suas palavras em seu pensamento:

"Senhor Deus, nosso Pai, possa a vossa infinita bondade e misericórdia estender-se sobre todos os espíritos sofredores, mormente aqueles que porventura estejam a nosso lado, aqueles a quem um dia tenhamos prejudicado na nossa ignorância das tuas leis morais.

"Bons espíritos, cuja preocupação é a do bem, ajudai-nos a fazê-los compreender que, induzindo os homens ao mal, obsediando-os e atormentando-os, apenas prolongam seus próprios sofrimentos. Auxiliai-os para que abram mão de seus propósitos de vingança, fazei luzir a seus olhos um raio de esperança. Que a luz divina os esclareça para bem compreenderem a sua nova situação, que ela os faça ver as imperfeições que ainda os afastam da paz e da felicidade que só aqueles que se dedicam ao bem conseguem gozar.

"Irmãos por quem oramos: possam as nossas palavras vos servir de luz e vos dar alívio. Que Deus, em sua infinita bondade, vos dê forças para sairdes da má situação em que vos achais e vos faça compreender que existem na Terra entes que compartilham os vossos sofrimentos e desejam a vossa felicidade. Se, por acaso, um dia nós os ofendemos, que nos perdoem, assim como estamos dispostos a continuar esquecidos de todas as ofensas que um dia nos tenham dirigido.

"Bons espíritos, fazei com que as nossas palavras achem acesso nestes espíritos que ora nos escutam a fim de que elas o auxiliem a aproximar-se de Deus. Rogamo-vos, em nome de Jesus Cristo, que tão grande poder teve sobre os maus espíritos. Obrigada por nos ouvir. Assim seja."

Ao fim da prece, se Vítor e Cenyra pudessem enxergar além dos olhos carnais, perceberiam surpresos que tanto Oto quanto seus comparsas haviam sido imobilizados por uma substância brilhante e gelatinosa que, com o auxílio de Demóstenes, havia se desprendido de Cenyra durante os momentos em que concentrava toda a força de sua vontade naquela oração, repetida por Vítor com tanta sinceridade de propósitos.

- Tirem-me daqui - gritava Oto, debatendo-se para soltar-se daquela teia, que o prendia no chão como uma goma elástica e grudenta. -Eu não acredito em nenhuma das palavras proferidas por ele! Jamais vou desistir de me vingar dele! Depressa! Preciso proteger Odilie! Tirem-me daqui! - ordenou, querendo-se fazer ouvir por seus sentinelas.

As demais entidades que o acompanhavam, no entanto, não mais o ouviam. Enfraquecidas como estavam, aquelas palavras ditas com tanto amor por Cenyra haviam tocado fundo em suas almas fragilizadas, levando-os a um profundo arrependimento de seus atos naquela insídia e insana vingança. Chorando muito, recebiam agora o socorro dos falangeiros do espaço que prontamente haviam sido acionados por Demóstenes. Minutos depois deixavam o quarto, conduzidos em maças especiais, e seguiam em direção ao enorme ônibus-ambulância que os esperava fora dos limites materiais do prédio, sem que Oto nada percebesse.

- Yuron? Bertillo? Sanchez? Constanza? Por que não respondem? -inquietava-se ele no interior da teia que o envolvia.

- Por quanto tempo ele ficará retido nesta armadilha de luz? - perguntou Têmis, que retornara ao quarto a tempo de presenciar a saída dos espíritos que acabavam de ser resgatados pelos enfermeiros da colônia Renascer.

- Vai depender dos pensamentos de Vítor - afirmou Demóstenes, com os olhos fixos no abraço apertado entre Cenyra e o filho. - E Aline, como está?

- Saí de lá deixando tudo sob controle. Embora ela não tenha noção disso, o contato com Maurício lhe é extremamente benéfico, atuando de maneira a fortalecer suas boas resoluções...

Com efeito, ao abrir os olhos, Aline percebeu que alguém acariciava levemente seu braço. Era Moneda, que permanecera no quarto a seu lado, enquanto Florence fora até a cozinha buscar um pouco de água para espargir no rosto da filha. Sem que conseguisse encontrar uma explicação plausível para isto, o diretor de jornalismo da TV Paladium sentiu, naqueles breves instantes, uma ternura quase paternal por aquela jovem, a quem tivera ímpetos de proteger mesmo a despeito de toda a animosidade que ela lhe demonstrara nas poucas vezes em que haviam estado mais próximos.

-Tu? - ela soltou-se rapidamente de sua mão calorosa. - Onde está minha mãe?

- Estou aqui, filha! - disse Florence voltando ao quarto com o copo de água na mão. - O que foi afinal que deu em ti?

- Bom, agora que está tudo bem, eu acho que já vou indo - Moneda levantou, sem-graça, da cadeira ao lado da cama onde estava. - Sinto que vocês duas precisam conversar. Cuide-se, mocinha! - ele beijou respeitosamente a testa de Aine, que conteve um pouco sua agressividade diante do gesto inesperado.

Sem querer, ela se lembrou do pai em Florianópolis e sentiu muitas saudades, mas não disse nada. Apenas olhou, pela primeira vez, para Moneda de maneira menos hostil.

- Espere! Tu não queres ao menos tomar mais um café? - insistiu Florence.

- Não, o café fica para outra hora. Agora você precisa cuidar da sua filha! - ele disse, já saindo do quarto. - Pode deixar que o Rafael me leva até a porta.

- De onde tu o conheces? - Aine perguntou, assim que ele saiu. -Ali, filha, é uma longa história... - suspirou Florence, já sentindo

o coração apertado pelo tempo que Maurício passaria viajando. - Eu o encontrei por acaso, naquela noite em que soube que seu avô... Bem, tu sabes. Naquela noite eu estava tão desarvorada que saí andando pelas ruas lá do bairro, depois que vocês dormiram, e acabei conhecendo o Maurício, que foi muito legal comigo... Se não fosse por ele, nem sei se estaria aqui agora, conversando contigo... - ela refletiu, lembrando-se do momento em que ele a salvara da onda na praia.

- Como assim? - Aline não entendeu.

- Deixa para lá... Agora me fale de ti, o que foi que...

- Foi por causa dele que tu quiseste vir para o Rio? - Aline insistiu no assunto.

- Não! De maneira alguma! - rebateu Florence de imediato. - A gente também se encontrou aqui por acaso... - ela disse de olhos brilhante. -Veja tu como são as coisas... Ele bateu aqui na porta por engano!

- Por engano? - estranhou Aline. -É!

Florence contou rapidamente à filha sobre aquele dia, até o momento em que os dois se encontraram na festa de Jaqueline.

- Isso quer dizer então que vocês estão namorando? - Aline perguntou, bastante desconfiada.

- Namorando eu? Que idéia! - esquivou-se Florence, temerosa de confessar à filha a imensa paixão que nutria por Maurício.

Na verdade, ainda sentia-se um pouco culpada por experimentar aquele imenso sentimento que não conseguia dominar. Afinal, como não cansava de repetir para si própria, ela não era mais uma menina, era mãe de dois filhos adolescentes!

- Não te preocupes - ela garantiu por fim a Aline. - Somos apenas bons amigos. Mas agora me fale de ti. - ela mudou bruscamente de assunto. - Estou preocupada. Será que não estás passando mal porque bebeste ontem na festa? Tu ontem vestiste a roupa da cabra, eu percebi quando conversamos! Ali, filha, já te pedi tantas vezes para não beber...

Desta vez foi Aline quem se sentiu desconfortável. Como iria confessar à mãe que ela estava coberta de razão, como iria contar-lhe o que sucedera depois da festa por causa de sua bebedeira?, Perguntava-se sob o olhar interrogativo da mãe.

- E então, Aline, estou esperando uma explicação! - insistiu Florence.

- E... é verdade. Eu bebi muito ontem. Mas prometo não voltar a fazer isso, está bem? - propôs titubeante.

- Exatamente como pensei. O chumbo virou por cima da cortiça!...48 A, meu Deus, como é difícil criar filho adolescente, bem que a minha mãe dizia... Mas vamos cuidar desta tua carraspana. A Paloma me disse que suco de maçã é ótimo para isso. E eu vou lá dentro ver se faço um pra ti...

Já estava saindo do quarto quanto Aline chamou por ela.

- Mãe... Como é que a gente sabe se...

Ia perguntar sobre sintomas de gravidez, mas ao encontrar-se com os olhos da mãe, perdeu a coragem.

- Sabe se? - incentivou Florence.

- Nada não. Deixa pra lá. E quizila da minha cabeça...

Florence não insistiu, mas ficou preocupada. Sentia que a filha estava lhe escondendo alguma coisa. Mas logo ela iria descobrir. Dificilmente Aline conseguia ficar calada por muito tempo.

XLVIII

Ainda não eram seis horas da manhã quando Florence acordou, sobressaltada, com o telefone tocando. Era segunda-feira.

- Aô, quem? - atendeu preocupada, já temendo alguma notícia ruim.

- Eu poderia falar com a Florence? - disse a voz de homem, do outro lado da linha.

- Sou eu mesma, quem está fa...

Neste momento, a linha caiu. Ou a pessoa desligou, hipótese que era bem mais provável, posto que o telefone não voltou a tocar. Por dez minutos Florence permaneceu ali parada, ao lado do aparelho, com o coração disparado. Ela conhecia aquela voz. "Não, não era possível...", tentou tirar da cabeça aquela ideia. Fazia já tantos anos... Não podia ser ele.

Deitou-se de novo na cama e tentou voltar a dormir. Mas não conseguiu. O tempo todo ficava pensando na voz, o tempo todo pensando no pai. Depois de uma meia hora rolando de um lado para o outro, resolveu levantar para fazer o café. Com a xícara fumegando, sentou-se na varanda, inebriada por aquele cheiro de café que acaba de sair do coador. O dia anunciava-se límpido e ensolarado, depois da chuva de domingo; os pássaros já cantavam nas árvores, pulando de galho em galho.

"Onde será que ele está, neste momento?", perguntou-se com as lágrimas brilhando nos olhos.

- Eu sinto tantas saudades... - disse para si, após um gole de café, enquanto as lágrimas rolavam-lhe pela face.

Mal sabia ela que o pai encontrava-se apenas dois andares acima, também sentado na varanda com o pensamento nela. Fora de fato ele quem ligara de manhãzinha, mas perdera a coragem de falar ao ouvir sua voz. "De mais a mais", matutava em silêncio, "o que falaria?"

Desde a noite em que ficara frente a frente com a filha, Faustino não fora mais o mesmo. O tempo todo ficava lembrando dela, de suas travessuras de menina. Talvez jamais houvesse amado nenhum de seus filhos como um dia amara Florence. Mas achava que agora era muito tarde para admitir isso. Florence era uma mulher feita, com toda certeza iria cobrar-lhe pelo tempo perdido. O tempo em que não a vira crescer, o tempo em que sofrerá com sua ausência.

À sua maneira, Faustino também sofrerá com a ausência da filha, ao encontrar seus brinquedos no apartamento vazio, no silêncio dos domingos em que não a empurrara no balanço da pracinha perto da casa onde moravam.

Durante muito tempo sonhara um dia reencontrá-la, mas agora... Não queria jamais que ela descobrisse quem ele realmente era. No fundo, talvez tivesse vergonha de ser quem era, do que fazia, do que fizera, mas não via mais possibilidades de voltar atrás. Sentia-se velho e cansado.

Enxugava uma pequena lágrima que contra sua vontade brotara-lhe no canto do olho, quando foi surpreendido pelo filho Bernardo:

- E aí, pai? A essa hora já na varanda?

Como de hábito, a primeira reação de Faustino foi ficar irritado. Só de cogitar na possibilidade de Binho o ter visto enxugando aquela lágrima no canto do olho, tinha ímpetos de esganá-lo.

- O que é que você quer? - perguntou ríspido.

- Nada, pai. E que eu estou indo viajar agora com a galera... - o filho explicou.

- Não encontrou o dinheiro que eu deixei em cima da mesa?

- Não é isso, pai. E que eu queria me despedir... - Binho respondeu triste. - Então tá - disse pegando a mala que deixara ao lado da porta da varanda. - Eu tô indo... Valeu pela grana. Ali! Eu tô levando as duas chaves da casa de Cabo Frio e do jipe também, falou?

- Tome cuidado com esse jipe! - Faustino ainda recomendou. Florence, enquanto isso, era sacudida pela gritaria que chegava à sala.

- Não vai e não vai de jeito nenhum - dizia Paloma, de camisola. -Um dia é o Binho, outro dia é o Vinícius... Já pensou se eu fosse deixar você viajar com todos os rapazes com quem resolve flertar?

- Não tem flerte nenhum, mãe! Mas que palavra mais esquisita! Vai a maior turma, o Vinícius também vai! - tentava argumentar Chuva, que deixara a mala prontinha escondida atrás do sofá e teria saído escondido se Paloma não a surpreendesse já na porta da rua. - O Binho até já comprou minha passagem de ônibus!

- Afinal você está namorando o Binho ou o Vinícius?

- Nenhum dos dois! No outro dia rolou um clima com o Binho, mas eu só incentivei para fazer ciúmes para o Vinícius... Não fosse assim, ele nem teria me chamado para esta viagem... - admitiu Chuva.

- Não vai e pronto, já disse. Esse negócio de um monte de jovens sozinhos numa casa, em pleno carnaval, não pode dar boa coisa - ela julgou por sua própria experiência.

- Mãe, por favor, mãe... Ultimamente você atrapalha todas as minhas viagens! Escuta só, e se eu levar a Aline comigo? Eu falo com ela rapidinho e...

- Chuva, nem que você consiga convocar o papa para ir contigo nessa viagem! Eu não autorizo! Até porque, hoje não acordei com um bom pressentimento...

- Ah, mãe, para com isso, eu...

Abriga das duas rendeu o dia inteiro. Paloma não voltou atrás. No fim da tarde, quando Chuva, finalmente vencida, saiu com Aine e Rafael para dar uma volta no shopping, Florence, ainda intrigada com o telefonema da manhã, resolveu ligar para a redação do "Isto é Incrível" para saber se Luís Paulo havia conseguido o telefone que lhe prometera. Pegou o número com Cenyra, tomou coragem e ligou. Para sua surpresa, foi Moneda quem atendeu:

- Não acredito! - ele disse. - Estava pensando em você neste momento!

- O Luís Paulo conseguiu achar o telefone? - ela perguntou ansiosa.

- Na verdade não. Era também sobre isso que eu estava querendo conversar com você... - ele disse reticente.

- Também sobre isso? Como assim? - Florence não entendeu. - Acabo de saber que vou ter de antecipar minha viagem para amanhã cedo. Lembra aquele café que você me ofereceu ontem?

- ??? - Florence ficou na mesma.

- Então! Você não quer tomar um café comigo? Queria te ver mais uma vez, antes de viajar - disse ele.

- Agora? - ela perguntou incrédula.

- E! De noite vou ter de arrumar minhas coisas, acho que só tenho tempo mesmo para um café. Você tem alguma coisa importante para fazer agora?

- Não, na verdade não estou fazendo nada...

- Ótimo! Então a gente se encontra em meia hora, na porta da emissora. O café onde pensei em te levar fica a uma quadra. Você sabe chegar aqui?

- Não, eu não conheço nada no Rio! - explicou Florence.

- Faz o seguinte, pega um táxi que todos os motoristas sabem onde fica a TV Paladium - ele sugeriu.

-Tá... Então eu estou indo - concordou Florence.

- Eu vou estar te esperando. Tem uma coisa muito importante que eu preciso te dizer - ele avisou, antes de desligar o telefone.

XLIX

-Ai, meu Deus, tinha de acontecer isso logo agora? - reclamou Florence, de dentro do táxi, enquanto a ambulância cortava célere o trânsito engarrafado.

- Essa avenida é assim mesmo, qualquer coisinha, o fluxo pára. Deve ter acontecido algum acidente lá na frente - explicou o motorista.

-A TV Paladium fica muito longe daqui? Eu já estou mais de meia hora atrasada!

- Mais ou menos um cinco, seis quarteirões - calculou o motorista.

- Então eu vou descer aqui, tu te importas?

- A senhora vai andar tudo isto? - ele espantou-se.

- Tome, tu podes ficar com o troco - ela desceu esbaforida.

Já estava quase chegando ao imenso edifício da emissora quando percebeu que havia sujado a calça de graxa, provavelmente na saída do táxi. Pior é que estava de calça branca. Era uma mancha horrível, bem no meio da coxa. Molhou com a ponta da língua o lencinho que carregava na bolsa e tentou tirar a mancha, mas ficou pior ainda.

-Ai, não é possível! Como é que eu vou encontrar com ele desse jeito? - perguntou-se, consultando o relógio.

Estava exatamente uma hora atrasada. Mesmo assim, atravessou a rua e entrou na sofisticada boutique que avistara do outro lado, decidida a comprar uma calça nova. Era tudo caríssimo. "E agora, meu Deus, o que é que eu faço?", ela perguntou-se olhando para a mancha.

Por sorte havia uma bonita calça jeans em promoção, exatamente do seu tamanho. Ou quase. Mas só tinha aquela.

-Ai, será que fecha? - perguntou à vendedora, diante do espelho. -Fechou! - comemorou, quase sem conseguir respirar.

- Ficou super sexy! - opinou a gerente.

- Então tá. Tu embrulhas a minha que eu vou vestida com ela - avisou, enquanto retocava o batom.

Moneda havia ligado cinco vezes para a casa de Paloma e já começava a pensar em ir embora, quando Florence finalmente chegou, uma hora e meia depois do combinado.

-Tu me desculpes, o engarrafamento estava tão terrível que tive de descer do táxi e vir à pé! - ela foi logo se justificando.

- Pior de tudo é que eu não consigo brigar com você! - ele respondeu, achando-a muito atraente em sua calça nova.

- Você é muito gentil! - ela beijou-o na bochecha com ternura. - Nossa, te sujei de batom! - disse, esfregando levemente seu rosto num carinho.

- Está tudo bem - ele disse, começando a ficar vermelho.

Não tinha problemas em ser cortês com as mulheres, mas qualquer toque o deixava sempre muito tímido. Principalmente se viesse da moça a quem ele cobiçava. Florence percebeu seu constrangimento e deixou que ele terminasse de limpar sozinho a mancha de batom na bochecha.

Minutos depois, estavam sentados um diante do outro à mesa de aconchegante café. Depois de encomendarem um especial drinque feito com café, canela e creme de chantili, Florence narrou-lhe o estranho telefonema que recebera de manhã. Até agora continuava intrigada, algo em seu íntimo insistia que havia falado com o pai.

- Esta sua história com seu pai me lembra um pequeno conto árabe de Malba Tahan que li recentemente em um livro que chegou na emissora para divulgação - observou Maurício. - Ele fala de um homem de roupas muito surradas que chega certa vez a um mercado aberto, desses onde se vendem tapetes, jóias e todo tipo de quinquilharias... Ele caminha melancólico por entre a multidão, até que se detém ao ouvir a voz de uma menina, que entoava uma canção no meio de uma roda de gente. E um cântico de louvor a Deus, que mexe com aquele homem de maneira especial, a ponto de fazê-lo lacrimejar no meio da multidão.

- E quem era ela? - interessou-se Florence.

- Era uma jovem morena e bonita, cujo canto alegre e melodioso parecia contagiar a todos na praça. Depois que ela acaba de cantar, o homem fica ouvindo-a, enquanto conversa com alguns conhecidos. Um deles pergunta-lhe de onde tira tanta força para cantar todos os dias, e ela diz: "quando eu era pequena, meu pai me ensinou que a força vem de Allah, mas o ânimo e a coragem são nossos". E um outro diz: "Mas por que você está sempre alegre e feliz?" E ela diz: "Alegre eu sempre estou porque tenho dois grandes amigos, que são meu cachorro e meu vovô, mas às vezes fico triste porque me lembro de minha mãe, que foi morta, e tenho saudades de meu pai, que foi perseguido por beduínos assaltantes e nem sei se ainda vive". E um terceiro então pergunta: "e por que sempre que a praça se enche de forasteiros você canta esta canção?" E ela diz: "porque tenho esperanças de que um dia meu pai a ouça e me encontre. E eu o encontrarei bonito como sempre foi, tenho certeza!" Neste momento, o cão levanta as orelhas e começa a latir. Ela sente que o pai está perto.

- Era o forasteiro que a olhava de longe? - deduziu Florence.

- Sim, mas ele foge, porque, embora tenha passado anos procurando pela filha, agora não quer que ela o veja no estado de penúria em que se encontra. Não quer ser a causa da vergonha da menina, nem do velho que a acompanha, que vem a ser seu próprio pai. Ele então se abriga em um albergue, muito simples, pensando em partir logo de manhã cedo. A canção, contudo, não lhe sai da cabeça. Ele toma então seu instrumento musical, único companheiro de suas intermináveis andanças, e entoa aquele mesmo cântico de louvor, que tantas vezes trinara ao lado da filha.

- E a menina? - quis saber Florence.

- Certa de que seu pai encontra-se nas imediações, ela teima com o avô e, juntos, os dois e o cachorro percorrem todas as ruas das redondezas até que escutam aquele verdadeiro lamento, acompanhado pelas cordas de um instrumento triste. O cão começa novamente a latir e ela corre em direção àquela figura parada na soleira. Ela então o abraça e diz com a voz entrecortada pelos soluços: "Meu pai querido, eu o perdi uma vez e quis Allah que eu o encontrasse novamente, depois de tanto tempo! Não fuja nunca mais de mim!" E o homem do deserto abriu também seus braços, chorando de felicidade."""

Ao fim da história, era Florence quem chorava na mesa.

- Não fique assim - ele disse, tocando timidamente em suas mãos. -Se eu soubesse, não tinha contado esta história...

-A história é linda... Eu é que sou uma manteiga derretida... Eu sinto tantas saudades dele... Se ao menos soubesse uma canção... - ela sorriu, enxugando as lágrimas.

- Eu vou te ajudar a encontrá-lo, confie em mim! - prometeu Moneda. -Você disse que o Luís Paulo não conseguiu encontrar o telefone...

- Não foi por falta de interesse. Ele passou seu dia de folga inteiro na redação, checando cada papel de seus armários e gavetas. Mas o danado do bloquinho, onde ele afirma ter anotado o número, desapareceu por completo. Luís Paulo acha que foi por causa da arrumação que a secretária deu em suas coisas no sábado...

- E vocês não perguntaram para ela?

- O problema é que ela está de férias. Viajou para o Nordeste hoje cedo e não levou o celular. Mas não se preocupe. Nós vamos descobrir este número. Nem que seja preciso virar a companhia telefônica de cabeça para baixo!

- Ouvindo você falar assim, eu até fico mais animada...

- Não se esqueça: a força, Deus dá, mas o ânimo e a coragem são seus! -Achei que você não acreditasse mais em Deus... - ela comentou,

lembrando-se da conversa que haviam tido na praia Mole.

-Até conhecer você eu achei que houvesse mesmo deixado de acreditar. Mas acho que agora eu fiz as pazes com ele... - brincou Maurício.

Os dois passaram ainda mais uma hora conversando. Falaram sobre livros, sonhos, Florence contou-lhe sobre seu filme favorito. Moneda também o tinha visto no cinema e achou engraçado quando ela confessou que o julgara parecido com o ator principal. Era incrível como quanto mais conversavam, mais afinidades descobriam entre si.

- Um dia então vou te levar para comer codornas com pétalas de rosa - ele prometeu, lembrando-se do prato que a mocinha do filme preparara para seu amado.

- Nada disso! Eu é que vou cozinhar para você esse prato! E minha especialidade! - disse ela, sentindo-se incendiar por dentro como os personagens que comeram desse prato no filme.

- Então está combinado. Assim que eu voltar... Nossa, são quase dez horas! - ele constatou assustado ao consultar o relógio. - O tempo voou!

- Você ainda nem arrumou suas malas? - perguntou Florence.

- Não separei nem um lenço! - disse ele, fazendo um sinal para que o garçom trouxesse-lhe a conta.

Na saída, Florence queria voltar de novo de táxi, para não atrasá-lo, mas ele fez questão de levá-la até em casa. O carro estava ainda na garagem da emissora.

- Bom, pelo menos a essa hora, imagino que não vamos pegar um engarrafamento - disse Florence, ainda preocupada em não o atrapalhar.

De fato, o trânsito correu livre até a altura do largo do Machado. No momento em que entraram na rua das Laranjeiras, porém, estava tudo parado novamente, desta vez por causa de uma blitz policial.

- Se for melhor para ti, eu posso descer aqui e ir a pé até em casa, já estamos muito perto - ela propôs.

- De que adiantaria? Eu não tenho mesmo como retornar! Pelo menos assim, eu não fico no engarrafamento sozinho, você me faz companhia... - ele disse, colocando o CD que tocava no dia em que os dois haviam se conhecido.

- Desde aquele dia eu nunca mais me esqueci desta música... - confessou Florence, ao ouvir os primeiros acordes da canção Aria e memória.

- Foi só da música que você se lembrou durante todo este tempo? -perguntou Moneda, sem tirar os olhos da fila de carros que lentamente se movia à sua frente.

-Você sabe que não... - ela respondeu envergonhada.

"Vive il ricordo/ Di quelprimo momento/Mágico incontro/ In un giorno di vento/ E leparole che/ Non ho trovato mai/Come per miracolol Per te le trovai", diziam os versos da canção. Florence tomou nas mãos o folheto do CD e pôs-se a tentar desvendar o misterioso significado daquelas palavras em italiano. Como o carro estivesse parado bem ao lado de um poste de luz, a claridade parecia ajudar em seu esforço. Para sua alegria,, depois da segunda leitura, as palavras como que começaram a ganhar sentido diante de seus olhos. "Vivo a recordação/ Daquele primeiro momento/ mágico encontro", ela, deslumbrada, começou a traduzi-las mentalmente. "Em um dia de vento/ E a palavra que eu não mais...

- O que é trovato? - ela perguntou, extasiada com sua descoberta.

- Trovare quer dizer encontrar, achar - respondeu Moneda. - Você entende italiano?

-Na verdade não... Ou, pelo menos, achava que não...- respondeu ela, sem conseguir desgrudar os olhos do folheto.

"E a palavra que eu não conseguia mais achar/ Como que por milagre/ Através de ti eu encontrei...", ela continuou sua tradução.

- Isso é lindo! - ela não pôde conter a exclamação.

- Como te disse naquele dia, esta é uma de minhas canções favoritas... - ele respondeu, engatando finalmente uma segunda marcha. O trânsito começava a andar.

"E muita coincidência", imaginou Florence, sem coragem de comentar alto seus pensamentos. "O mágico encontro... até o dia de vento! Será que ele tem consciência do quanto esta canção tem a ver com nós dois? Será que ele também sente isto?", ela se perguntou, apertando o folheto com suas duas mãos. "Se ao menos houvesse luz para que eu pudesse ler o restante da canção..."

- Aproposito, eu ainda não falei o que precisava dizer para você... -ele retomou a conversa, novamente com os olhos fixados no trânsito.

- E mesmo... Tu disseste que tinha algo de importante a me dizer -lembrou Florence, sentindo o coração cada vez mais disparado.

O trânsito parou de novo. Os dois ficaram alguns minutos em silêncio, sob o buzinar de alguns motoristas mais afoitos que parecia combinar-se aos acordes da canção. "A, meu Deus, o que é que ele vai dizer?", Florence pensava nervosa. "E se estiver apenas querendo deixar as coisas claras, explicar que gosta de mim como amiga, para que eu não venha me iludir? Ele é tão correto, seria a cara dele me dizer isso... E se ele confessar que vive um relacionamento com alguma outra mulher?" Em sua cabeça, só passavam hipóteses pessimistas; ela tinha muito medo em acreditar no que dizia seu próprio coração.

Maurício Moneda, enquanto isso, também se inquietava em expectativas ansiosas. Sentia que havia algo de muito intenso entre os dois, que ele, particularmente, estava enamorado por Florence até a raiz dos cabelos. Todavia, também tinha muito medo de abrir seu coração e ser rejeitado por ela, de assustá-la com os seus sentimentos. "Será que ela sente alguma coisa por mim?", questionava-se inseguro. Por outro lado, sentia também que aquela era sua última oportunidade. Afinal, ele iria passar um mês fora. Bonita como era, ela certamente poderia arranjar outro pretendente nesse período. Foi pensando nisto que ele encontrou coragem para dizer, ao mesmo tempo em que o trânsito começava mais uma vez a andar:

- Queria que soubesse que tenho muito carinho por você, que eu adorei os seus filhos... - ensaiou, sempre com os olhos fixos no movimento dos carros a sua frente.

Florence sentiu seu sangue gelar ao ouvir isso.

- Cheguei à conclusão de que nós dois combinamos muito - ele continuou após alguns instantes, sem perceber seu ar apalermado. -Penso que poderíamos viver uma relação muito bonita juntos. Com toda a certeza, você é a mulher da minha vida...

Florence não sabia o que dizer. Sua alegria era tão grande que ela tinha vontade de pular no pescoço dele e beijá-lo com toda a sua paixão, a despeito de todo aquele trânsito complicado. Mas estava tão surpresa que não conseguia tomar uma atitude, não conseguia sequer articular uma frase. Só quando ele freou o carro percebeu que estava na esquina de casa.

- Desça rápido! - ele disse, ainda trêmulo de nervoso. - Não tenho como dar a volta c pegar todo este engarrafamento de novo. A gente se fala depois!

Atônita, Florence obedeceu, não teve tempo nem de dizer até logo. Deixou o folheto em cima do banco e desceu. Ficou parada na calçada feito uma boba, enquanto ele arrancava depressa com o carro, para não perder o fluxo do trânsito. Anda experimentava esta sensação de deslumbre completo misturado com espanto profundo quando, já subindo a pequena ladeira em direção ao edifício, reparou na movimentação incomum diante da entrada da garagem, no espaço reservado para que os visitantes estacionassem seus carros.

De longe, viu quando Cenyra entrou num táxi que saiu em disparada, sem imaginar o engarrafamento que os esperava logo adiante. "O que será que aconteceu?", Florence perguntou-se, sentindo um estranho aperto no peito. Paloma estava entre os vizinhos que compunham a pequena multidão na porta do prédio:

- Eu nunca me engano em minhas intuições... - ela dizia aos vizinhos. - Por Saint-Germain, ainda bem que você chegou! - exclamou ao avistar Florence.

- Aconteceu alguma coisa com as crianças? - Florence perguntou num sobressalto, ainda sentindo o aperto no peito.

- Com as nossas não, graças a Deus! O problema foi com os meninos que estavam em Cabo Frio. Parece que pegaram um jipe para ir até Búzios hoje à tarde, o carro capotou na estrada. Binho morreu na hora e Vinícius está em estado grave no hospital!

L

- Irmão Guilhôme, minha filha vai mesmo encontrar-se com o pai? - perguntou Aretusa, que não conseguia deixar de se sentir desesperada ante aquela perspectiva. Sua intuição dizia-lhe que o que ela tanto temia estava cada vez mais próximo de acontecer.

Embora desejasse muito descer à crosta em busca de Oto e, neste intervalo, aproveitar para saber notícias da filha, os iluminados trabalhadores daquela colônia, percebendo suas perigosas intenções, haviam conseguido convencê-la a permanecer no local, alegando que, na ausência de Pablo, Têmis e Demóstenes, sua colaboração era absolutamente indispensável no trato dos espíritos revoltados que eram acompanhados por aquelas abnegadas entidades que ora encontravam-se ocupadas na Terra.

Além de Oto, eles acompanhavam de perto mais três outras entidades em sua mesma situação. Todos eram seres que um dia já haviam sido acolhidos naquela colônia como abortados, mas que tinham fugido antes que seu tratamento fosse finalizado. Naquele dia, especialmente, o trabalho dos médicos, enfermeiros e estagiários que atuavam naquele departamento específico era ainda mais intenso, posto que haviam acabado de receber os companheiros de Oto que Demóstenes tinha conseguido resgatar na tarde anterior.

- Aretusa, querida, não se inquiete tanto com aquilo que não lhe .cabe deliberar. O Pai sabe o que é melhor para cada um de nós - aconselhou o dedicado Irmão Guilhôme, enquanto verificava os balões de medicamentos instalados sobre o leito de cada um dos recém-chegados.

Tais balões faziam lembrar aqueles usados em hospitais convencionais para aplicação de soro nos pacientes, com a diferença, porém, de que eram preenchidos por líquidos coloridos, quase todos de um verde intenso jamais visto na Terra. Tal substância era inoculada diretamente no cérebro das entidades em repouso. A medida em que ia sendo absorvida por seus organismos espirituais, eles começavam a tossir, expelindo substância preta e viscosa, a qual se assemelhava a uma espécie de catarro grosso, que ficava pairando no ar e era prontamente recolhida por Aretusa e outros dois enfermeiros num recipiente especial que fazia lembrar oblongo e avantajado tubo de ensaio. Nem mesmo a tosse, porém, tinha o poder de despertar aqueles seres, que dormiam magnetizados pelos fluidos do irmão Guilhôme, completamente inconscientes do que lhes acontecia.

- Meu Deus, eles não param de expelir estas coisas um só instante -ela comentou, estarrecida.

- Estes fluidos são provenientes das emanações mentais que estes seres produziram e absorveram durante o longo processo obsessivo. E importante que tenha em mente que estamos apenas retirando o excedente para que mais tarde estes seres sejam transferidos para as câmaras de luz, onde, através da emanação dos pigmentos contidos nas cores, receberão verdadeira transfusão de energias para que enfim possa ser iniciado o seu tratamento de recuperação - explicou o irmão Guilhôme, atencioso.

- Meu Deus! Fico imaginando que substâncias estes seres transferiram para o perispírito dos encarnados a quem obsediavam... - ela conjecturou.

- E verdade, a ligação obsessiva prejudica a ambos os envolvidos. Contudo, não podemos nos esquecer que cada ser colhe aquilo que planta. Nenhum processo obsessivo se dá gratuitamente. E o próprio encarnado, com suas culpas e padrões mentais quem atrai para si a presença dos obsessores. Por isso o mestre Jesus incansavelmente nos recomendou que orássemos e vigiássemos - observou o mentor da colônia. -Mas vejo que se encontra já bastante exaurida - ele disse, notando o cansaço impresso na fisionomia da estagiária. - Autorizo-a a que se afaste por algumas horas da tarefa a fim de que possa refazer suas energias nos jardins da colônia. Por sinal, acabo de ser informado que uma visita muito especial a aguarda na praça da Luz.

Aretusa olhou para ele, entre surpresa e agradecida. Era incrível como o irmão Guilhôme conseguia saber de tudo o que se passava na extensão da colônia sem precisar sair do lugar ou manter qualquer contato direto com outra entidade. Espírito extremamente evoluído, era ele uma espécie de radar, que parecia sempre conectado com todos os demais mentores que atuavam na colônia Renascer e até mesmo fora dela, os quais transmitiam-lhe, por pensamentos, todas as informações necessárias a seu efetivo controle do local.

Em instantes, ela chegava à praça da Luz, cheia de expectativa, e deparava-se com Gentil, o velho amigo que recentemente desencarnara em Florianópolis, o qual ali chegara trazido por dois enfermeiros da colônia onde agora residia.

- Minha boa Aretusa! - ele a saudou, num largo sorriso.

Seu aspecto geral informava que estava ainda em franco processo de restabelecimento no plano espiritual. Embora sua fisionomia expressasse uma profunda e luminosa tranquilidade, trajava uma espécie de pijama largo e esvoaçante, típico dos que ainda se encontram sob cuidados hospitalares.

-Agradeço à misericórdia do Pai celestial pela oportunidade de vir aqui vê-la - acrescentou exultante.

- Meu amigo! Quantas saudades! - ela o abraçou emocionada.

- É nosso dever lembrá-lo, irmão, que seu estado não lhe permite passar muito tempo longe dos cuidados que lhe são ministrados em nossa colônia - um dos enfermeiros fez questão de adverti-lo com carinho.

- Não se preocupem, irmãos. Saberei fazer bom uso do tempo que me é disponível - ele respondeu, humilde.

Vendo-o convicto em seus propósitos, os dois enfermeiros então se afastaram um pouco em direção ao grande lago do jardim a fim de que os dois pudessem conversar mais à vontade.

-Você está tão bem que custa-me crer que desencarnou há tão pouco tempo - ela observou, sentando-se a seu lado nos bancos floridos que cercavam o chafariz da praça da Luz.

- Dizem os mentores da colônia Pássaro da Paz, onde vivo, que o pouco que auxiliei a meus irmãos pescadores da Terra deu-me condições de recobrar mais rapidamente minhas faculdades de ser espiritual - ele explicou, humilde. - Mas vim, sobretudo, porque fui incumbido por meus mentores maiores de fazer-te uma importante solicitação a respeito de seus entes queridos que ainda se encontram no plano terrestre - ele ensaiou, titubeante, do alto de sua larga experiência adquirida na Terra, onde sempre costumava abraçar a responsabilidade de aconselhar as pessoas, revelando-lhes, com muito tato e prudência, aquilo que ninguém tinha coragem de dizer-lhes.

- Pode falar, Gentil. Eu sei que é alguma coisa com Florence e Aline... Há dias que sinto que elas se encontram em dificuldades! Me responda com franqueza: elas encontraram-se com meu ex-marido e por isso se desequilibraram? O que foi que aconteceu? Ele disse para elas alguma besteira? - ela retomou suas inquietações mais íntimas.

- Não se trata disso. Pelo menos, não por enquanto - despistou Gentil. - Em primeiro lugar, no entanto, sinto-me na obrigação de recomendar-te que perdoe teu ex-marido. Não condiz com todo o aprendizado a que vem tendo acesso, desde que aportou no plano maior, tu continuares com esta postura de execração do pobre infeliz. Na verdade, tu deverias ser a primeira a desejar esse reencontro, posto que, com tua decisão radical, acabastes por adiar a lição que Florence e José necessitavam aprender juntos no orbe terrestre.

- Como assim adiar? O tempo todo eu agi querendo o melhor para minha filha, eu...

- Agiste querendo o melhor para tua filha ou desejando vingar-te de teu ex-marido através dela? - questionou Gentil. - E importante que sejas sincera contigo mesma. Tu sempre soubeste que os dois tinham uma ligação muito forte, mas, ainda assim, tentaste afastá-los definitivamente, negando, inclusive, a Florence, o direito de sequer cultivar a imagem do pai com suas lembranças... - ponderou Gentil, que, quando encarnado, diversas vezes ouvira de Florence menina a queixa chorosa de que a mãejamais lhe respondia qualquer pergunta a respeito do pai.

Aretusa aquiesceu envergonhada. Jamais encarara a questão sob este prisma, jamais refletira sobre sua responsabilidade em privar a filha de qualquer contato com o pai.

- Então eles tinham alguma missão a realizar juntos? - ela deduziu, apreensiva.

- Eu não chamaria exatamente de missão o compromisso que os une. Como sabes, missão é toda prova que o indivíduo voluntariamente escolhe, com vistas à sua evolução. No caso deles, contudo, há dívidas emjogo. Um e outro já muito se magoaram em vidas passadas. Trata-se, portanto, de uma prova expiatória esse reencontro. E algo que ambos necessitam para seu aprimoramento, mas que nem por isso deixa de ser doloroso - esclareceu Gentil.

- E pensar que eu sempre imaginei que fosse meramente o acaso o responsável por José ter sido o pai de Florence, que fosse ela uma missão, quer dizer, uma provação muito mais minha do que dele...

- Minha amiga... Imaginava que já soubesses que acasos não existem. A maioria dos fatos relevantes que ocorrem em nossa vida encarnada seguem uma ordem previamente traçada por nossos mentores maiores sob o aval de nosso Pai celestial. De mais a mais, ninguém recebe gratuitamente a prova da paternidade, ninguém recebe uma tarefa para ser jogada no lixo... - argumentou Gentil.

Aretusa fixou pensativa as pequenas roseiras que cresciam a seu lado. Teria mesmo atrapalhado algum compromisso firmado entre José e Florence no plano espiritual? Mas não fora dela a decisão de desfazer o casamento! Fora ele quem decidira ir embora! Teria então de ter se ajoelhado a seus pés, pedindo para que não as abandonasse? E sua dignidade, onde ficaria se ela tivesse feito isso?

Gentil não conseguiu captar palavra por palavra de seu pensamento, posto que ainda não havia tido lições sobre a forma de comunicação entre os espíritos. Todavia, por sua profunda afinidade com aquela amiga, sentiu a energia proveniente de seus questionamentos mentais e intuiu o que lhe passava pela cabeça.

- E claro que tu não terás de responder pelos erros cometidos por teu ex-marido. Contudo, não podes deixar de concordar que, ao mudares de cidade com a criança, acabaste por aumentar o peso de sua falta. Afinal, ao decidir separar-se de você, ele não podia imaginar que pagaria o preço de nunca mais poder ver a própria filha.

- Eu avisei para ele! - recordou Aretusa, com a fisionomia contrita. A lembrança daquele dia era algo que sempre a deixava zangada, por mais que se esforçasse para não experimentar esse sentimento.

- Ora, Aretusa. E que casal não diz coisas absurdas no momento de uma briga? Até por que, pelo que sempre me contou, não foi esta a primeira nem a única vez que brigaram... - obtemperou Gentil.

- Mas ele me abandonou! - ela insistiu sentida.

- Mas será que se você houvesse aceitado a situação com mais resignação ele não acabaria voltando atrás em sua decisão? Mesmo que nãocontinuasse a dividir contigo o leito conjugai, será que a convivência com a filha menina não o teria amolecido um pouco em suas fibras mais íntimas, evitando que cometesse bobagens ainda maiores?

- Eu não estou entendendo onde quer chegar! - ela se zangou.

-Tudo que lhe peço é que perdoe seu ex-marido - implorou Gentil. - E necessário que, neste momento, tu o beneficies com boas vibrações, de maneira a tornar menos doloroso o reencontro que se anuncia. Sobretudo, porque um novo ente prepara-se para adentrar o núcleo familiar com a sublime tarefa de tentar dissolver as rusgas do passado. Em nome deste ser, eu te peço que se esforce para...

- Novo ente? - estranhou Aretusa.

- Sim, a gravidez de Aline já foi consumada e...

Só ao perceber o espanto que automaticamente se imprimiu nos traços de Aretusa, Gentil se deu conta de que a amiga ainda não havia sido informada da gravidez da neta. Por ser novato ainda no plano espiritual, não tinha ideia de que nem todos os desencarnados tinham acesso às mesmas informações. Em nome dos fortes laços que o uniam àquela família, havia sido incumbido por seus mentores de rogar o perdão de Aretusa para o ex-marido a fim de contribuir para o restabelecimento da harmonia outrora esfacelada. Mas em nenhum momento imaginara que ela não estivesse ciente dos compromissos cármicos assumidos por Aline. Até por que Aretusa já se encontrava no mundo dos espíritos há muito mais tempo do que ele que, ainda encarnado, obtivera as primeiras revelações a respeito dos fatos que agora começavam efetivamente a se desenrolar no plano terrestre.

Escapara-lhe, porém, que a amiga, embora desencarnada há mais tempo, não experimentava sua mesma condição evolutiva.

- Quer dizer então que Aline está grávida? - ela perguntou, ainda engasgada com a notícia.

-Aretusa, pelo amor de Deus, me perdoe! Eu não queria...

- Bem que eu estava desconfiada de algo! Têmis, Pablo e Demóstenes me traíram! - ela constatou, com os olhos cheios de lágrimas.

-Aretusa, por favor, não veja as coisas por esse lado. Eu errei, eu...

- Eu preciso ver minha neta! - ela se levantou decidida. - Eles não podem continuar me impedindo de sair daqui!

Ao se aproximarem para avisar Gentil que seu tempo havia terminado, os dois enfermeiros da colônia Pássaro da Paz encontraram-no chorando desconsoladamente.

- Eu não sabia... Queria apenas ajudar, eu não falei por mal...

- Procure se acalmar, meu irmão - pediu um dos enfermeiros, compreendendo o que se passara. - E certo que errou, falando mais do que deveria, mas não se inquiete. Ajustiça divina encontrará meios de reparar esse mal. Nada escapa ao olhar divino...

- Por isso nosso mentor me recomendou tanto cuidado em minha argumentação... "Diga apenas o necessário", ele ainda grifou ontem à noite, só agora entendo o que queria me fazer entender...- lamentou Gentil.

- Agora vamos - convidou o outro enfermeiro. - É hora de iniciarmos mais uma série de seus exercícios de readaptação ao mundo espiritual...

- Meu bom Deus... Não permita que ela faça nenhuma loucura por minha causa... - Gentil ainda rogou, olhando uma última vez para a praça da Luz. - O que será que ela vai fazer?

De longe, ele ainda pôde ver quando a praça foi ocupada por um grupo de trabalhadores da colônia Renascer que, como de costume, ali se reuniam para orar antes de iniciar cada nova jornada de tarefas.

LI

No dia seguinte ao acidente, ainda transtornado com o que acontecera ao filho mais velho, Luís Paulo levou outro susto ao entrar em casa. Havia passado a noite com a esposa no hospital, no desespero em que ambos se encontravam, nem por um momento sequer haviam pensado no risco de deixar Vítor passar a noite sozinho. Só de manhã cedo, quando os médicos finalmente diagnosticaram que Vinícius estava fora de perigo, tendo fraturado apenas algumas costelas e a perna esquerda, Cenyra havia lhe pedido para que fosse até o apartamento ver como estava o outro filho. Assim, poderia aproveitar para buscar alguns documentos necessários para que o hospital pudesse ser reembolsado pelo plano de saúde, enquanto Vinícius permanecia em observação. Nenhum dos dois, porém, fazia a mais pálida idéia do estado desesperador em que Vítor se encontrava.

Luís Paulo o encontrou caído ao lado de uma das paredes da sala, com a testa toda ensanguentada e uma revista apertada nas mãos. A marca de sangue na parede não deixava dúvidas: o garoto batera com a cabeça contra o cimento até cair desacordado. Desde criança, Vítor cultivava aquela estranha mania de bater com a cabeça quando muito nervoso, mas jamais havia chegado a este ponto.

-Vítor! Fale comigo! - o pai jogou-se no chão a seu lado. - O que foi que aconteceu? Por que você se machucou desse jeito?

O rapaz abriu os olhos, ainda tonto. Por sorte, fazia poucos minutos que desfalecera. A testa ainda sangrava muito.

- O Vinícius, pai... Ele morreu? - perguntou, sentindo muita dor, só então largando a revista.

- Não, meu filho, está tudo bem... Nem sei como ele se salvou... Como diz a sua mãe, deve ter sido Deus... Mas por que você fez isso com você? Deixa eu pegar um pouco de gelo para colocar na sua testa... - ele correu até o congelador.

- Eu estou bem, pai... - disse Vítor, sentindo-se tonto por causa do sangue. - Me fale a verdade... Vinícius está vivo?

Luís Paulo voltou depressa enrolando um punhado de gelos num pano de prato.

- Sim, o médico garantiu que está fora de perigo... - disse, encostando a compressa improvisada na testa de Vítor. - Só vai ficar mais uns dias em observação por uma medida de precaução. O impacto foi muito violento... Mas olhe para você... Será que não é melhor irmos até o hospital para dar um ponto neste ferimento?

- Não, já vai passar, pai... - ele disse, tomando nas mãos a compressa e colocando-a ele mesmo sobre a testa. - Não quero ir para o hospital, não gosto de hospitais...

- Você tem certeza? - insistiu Luís Paulo, ainda agachado no chão a seu lado.

Sua vontade era de chorar. O acidente com Vinícius o tocara em suas fibras mais íntimas. Pela primeira vez na vida olhava para os filhos e percebia o quanto eram importantes para ele. Sobretudo ao pensar que o garoto do andar de cima havia morrido no acidente... que ele poderia estar agora no lugar de Faustino e Jaqueline. Luís Paulo percebia agora que tinha muito medo de também perder seus meninos. O tempo todo perguntava-se até que ponto era responsável pelo que estava acontecendo aos dois. Ainda assim, porém, controlou-se para tentar passar para Vítor o pouco de segurança que ainda lhe restava:

- Meu filho... Talvez eu nunca tenha tido oportunidade de lhe dizer isso... Talvez nunca tenha mesmo me conscientizado do quanto era importante te dizer isso... Mas eu te amo, Vítor.... Você e seu irmão são tudo de mais bonito que já aconteceu na minha vida... Não sei o que seria da minha vida se eu não tivesse vocês... - ele abraçou o filho, chorando.

Vítor também se emocionou ao ouvi-lo. Em verdade, jamais esperara escutar do pai algo semelhante.

- Eu também te amo, pai - disse, também chorando, manchando toda a camisa de Luís Paulo de sangue com seu abraço.

- Cuidado! - Luís Paulo preocupou-se. - Não tire ainda a compressa do ferimento.

Ele ficou um tempo olhando para o filho machucado, segurando a compressa contra a testa. Era como se o visse pela primeira vez desde que se tornara um adolescente. As feições ainda eram as mesmas do menino pequeno que tantas vezes pegara no colo, contudo era já um homem, cujas esparsas espinhas no rosto anunciavam a barba prestes a nascer. Pelo tamanho do ferimento que mostrava na testa, provavelmente a cicatriz o marcaria pelo resto da vida, pensou, enxugando os olhos molhados com o dorso das mãos.

- Meu filho, me explica, como foi que isso aconteceu? - ainda tentava entender.

- Não sei... - respondeu Vítor, limpando o nariz com a mão que não estava segurando a compressa. - Fiquei tão nervoso... Tive uma crise logo depois que a mamãe saiu... Passei o resto da madrugada andando pela casa, com medo que 'a coisa' voltasse... Era uma sensação horrível, pai! Quase como se ela fosse um ser vivo a meu lado, me envolvendo com seus braços gelados... Dizendo coisas no meu ouvido... Querendo me dominar... O tempo todo eu fazendo um esforço sobre-humano para não deixar que a onda me envolvesse... Ai! - ele levantou um pouco o gelo sentindo sua testa congelar. O ferimento havia parado de sangrar.

- Deixe mais um pouco, filho. O gelo ajuda a diminuir o galo... - observou Luís Paulo, recolocando-lhe a compressa com cuidado. - Mas continue...

- A! — sua testa docu ao entrar novamente em contato com o gelo. -A sensação que eu tinha - ele prosseguiu, após alguns instantes - era de que estava no meio de uma grande ressaca, levando caixotes e mais caixotes do mar, fazendo o impossível para não me afogar... Quando o dia amanheceu, pensei que finalmente houvesse conseguido vencer o maremoto. Mas não conseguia dormir, ficava o tempo todo pensando no Vinícius, achando que eu nunca mais iria vê-lo... - ele abaixou os olhos, segurando um soluço.

Luís Paulo segurou sua mão, tentando transmitir-lhe todo o seu amor. Mais do que nunca, ele compreendia Vítor. Também sentira muito medo de nunca mais voltar a ver Vinícius.

- Foi então que peguei esta revista... - Vítor soltou de sua mão para pegar a revista a seu lado. - Tinha uma reportagem que me interessava sobre clonagem humana, eu comecei a ler para ver se conseguia me distrair um pouco, mas então começou tudo de novo...

Luís Paulo abriu rapidamente a revista amassada, para ver do que se tratava. Era uma entrevista com o prêmio Nobel de medicina, cujo subtítulo anunciava: "pesquisas com embriões humanos permitirão criar órgãos, conhecer melhor as doenças e combater seus efeitos".

- Como assim começou tudo de novo? - ele soltou a revista e voltou a olhar para o filho.

- As vozes... Era como se alguém a meu lado dissesse: "Você não mudou nada". Comecei então a suar, o coração disparou... Eu não sabia mais o que fazer... Não podia suportar mais uma crise! Foi então que comecei a bater com a cabeça na parede... Quando dei por mim, você já estava aqui... Ai! - ele afastou novamente o gelo da testa.

- E por que você não ligou pedindo ajuda? Você sabe o número do meu celular! - argumentou Luís Paulo, já procurando o cigarro no bolso.

- Eu não queria... - ele pareceu fixar os olhos no vazio. - Não queria que o Vinícius fosse ainda mais prejudicado por minha culpa...

- Como por sua culpa, Vítor? Se você nem estava no carro! - ele tirou um cigarro do maço e o levou até a boca.

- Você é culpado! - Oto, que assistia a tudo com ar debochado, aproximou-se e sussurrou a seus ouvidos, sem que os dois pudessem lhe notar a presença. - Nada poderá diminuir a sua culpa!

- A, pai! - ele agarrou fortemente nas mãos de Luís Paulo. - Vai começai- tudo de novo! Não deixa, pai, pelo amor de Deus, não deixa ela vir!

"Ai, meu Deus, se é que Deus existe...", de tão nervoso Luís Paulo esmigalhou o cigarro nas mãos como se amassasse um papel. "E agora, o que é que eu faço?" Foi então que o espírito Demóstenes, parado a seu lado, aconselhou:

- Leve-o ao consultório da terapeuta.

- Quer saber de uma coisa? Eu vou levá-lo até o consultório da sua psicóloga - disse Luís Paulo, captando-lhe a sugestão de imediato.

-Ai! Vai para o colinho da psicóloga, que bonitinho... - ironizou Oto.

- Eu... eu não sei se eu quero ir... A! - oscilou Vítor, ainda sentindo dores na testa. - Até tinha consulta marcada com ela agora às dez horas, mas...

- Seja firme! - pediu Demóstenes. - Ele precisa de ajuda especializada.

- Se você tem consulta marcada, mais uma razão para ir - decidiu Luís Paulo, acendendo finalmente seu cigarro. - Só vou ligar para sua mãe, depois trocar essa camisa e nós saímos em seguida!

Vítor continuou confuso. A cabeça doía tanto que não conseguia pensar direito. A verdade é que queria muito desabafar com Olívia, mas se sentia tão culpado, tão envergonhado dos pensamentos que tivera contra o irmão que tinha agora vergonha de encará-la. E se ela o condenasse ainda mais do que sua consciência?

- Monstro! - gritou Oto, novamente cravando aquela espécie de bisturi em brasa nas feridas espirituais que latejavam em torno de Vítor.

Ao ouvi-lo, Vítor fechou os olhos e respirou fundo, sentindo dores por todo o seu corpo. Talvez fosse melhor mesmo ir ver Olívia. Precisava entender de onde vinham aquelas vozes, fazê-las calar de alguma maneira. "Será que a terapeuta conseguiria ajudá-lo?", perguntou-se em silêncio.

- Eu não vou deixar ninguém ajudá-lo! - prometeu Oto, torturam do-lhe mais uma vez as ideias.

LII

- Monstro! - Vítor ouviu de novo, no momento em que o carro de Luís Paulo cruzava os portões do parque Guinle.

Olhou pela janela tentando distrair-se, mas deparou-se com a ameaçadora escultura de ferro do leão alado que ficava ao lado do portão e sentiu um arrepio. Era como se houvesse acabado de encarar a fera que imaginava trazer guardada dentro de si, o pânico materializado naquela estatueta.

"Não posso deixar que ele me domine", pensou consigo, esforçando-se para manter o ritmo da respiração. A crise não vinha, mas a sensação de que poderia vir a qualquer momento tornava ainda mais insuportável sua angústia. Como se não bastasse, durante todo o caminho em direção ao consultório, a voz de Oto continuava ecoando na mente de Vítor de maneira implacável:

- Você vai pagar por tudo! Não vou te dar sossego, nem mais um minuto da sua vida!

Perverso, ele havia percebido a associação que o garoto fizera com a estátua e agora projetava-a de maneira contínua na mente do rapaz, a qual se mantinha ligado em perfeita sintonia. Cada vez mais inquieto, Vítor sentia uma tontura tão forte que chegava a embaralhar-lhe a visão, suas mãos suavam e experimentava muita sede. Era como se 'a coisa', a fera que acabara de ver na saída do parque, estivesse agora parada a seu lado, rugindo-lhe aquelas ameaças ao ouvido. Vítor tinha a certeza que a manifestação completa do pânico se daria numa questão de segundos. Curiosamente, porém, a crise não se efetivava, talvez porque os remédios começassem finalmente a fazer efeito em seu organismo. Anda assim, era horrível aquela sensação, aquele medo crescente.

- Pai, será que você não pode andar um pouco mais depressa? - ele pediu, sentindo cada vez mais dificuldade em respirar.

Oto estava agora sentado sobre seus ombros, apertando-lhe o pescoço como se tentasse sufocá-lo.

- Estou fazendo o possível, filho. Tente pensar em outra coisa - Luís Paulo sugeriu, novamente intuído pelo espírito Demóstenes.

Cerca de quarenta minutos depois, quando enfim se viu diante de Olívia, Vítor começou a chorar compulsivamente.

- Eu estou ficando louco - ele disse, em soluços. - Não posso mais suportar... Eu não tive culpa, juro que não tive culpa!

- Calma, Vítor, procure se acalmar... Tome, beba um pouco de água - pediu Olívia, entregando-lhe o copo e fazendo-o sentar-se a uma poltrona, depois de deixar Luís Paulo mais uma vez aguardando na ante-sala do consultório.

Desta vez, porém, o pai parecia mais consciente do problema do filho. Não reclamou de ficar do lado de fora do consultório, nem tampouco a importunou com suas perguntas inconvenientes. Ao contrário, parecia realmente preocupado com Vítor.

- Seu pai me explicou o que aconteceu com seu irmão - prosseguiu Olívia, depois que ele bebeu o segundo copo de água. - Imagino que deve ter sido realmente horrível para você, mas não consigo entender por que se sente tão culpado...

-As vozes! Elas me acusam o tempo todo! - ele disse atormentado, procurando algo em torno de si. - Elas estão aqui! Eu sinto que estão!

De fato, de um canto da sala, Oto o observava desconfiado. Logo ao adentrar o consultório, deparara-se com o imenso quadro de Jesus e sentira-se de certa forma tolhido por aquela imagem. Ao vê-la, lembrara-se imediatamente de Têmis e dos demais trabalhadores da colônia Renascer, deixando-se invadir por uma profunda tristeza e melancolia. Era como se a simples lembrança dos amigos voltados para o bem o enfraquecesse em seus pérfidos propósitos e até mesmo fisicamente. No fundo, Oto não queria ser mau, não queria decepcioná-los. Não podia, contudo, deixar que Vítor repetisse impunemente seus mesmos erros do passado. A necessidade de vingança era maior do que todos os bons sentimentos que arduamente aprendera a cultivar na colônia.

- Preste atenção - disse Olívia, encarando Vítor no fundo dos olhos. -Você não está louco. E muito comum as pessoas ouvirem essas vozes a que você está se referindo. Eu, aliás, avisei a você antes que isto podia acontecer...

- Sim, eu me lembrei muitas vezes do seu alerta nas primeiras vezes em que aconteceu, e até consegui me controlar para não me deixar influenciar pelo que elas estavam dizendo. Só que, de domingo para cá, essa situação chegou a um limite insuportável! Antes era apenas uma sensação, como se eu estivesse pensando um pensamento que não era meu, mas agora não! Eu escuto a voz falando dentro do meu ouvido!

- Pobrezinho... - ironizou Oto, do ponto onde conseguira acomodar-se de maneira a não precisar ficar olhando para o quadro. Vítor, porém, desta vez não o ouviu.

- Chamamos estas vozes de 'presenças'. Elas são, na verdade, os personagens do passado, com os quais nós convivemos e deixamos questões mal resolvidas - explicou a terapeuta.

- Epa! - Oto deu um pulo ao ouvir a definição. - Como é que ela sabe de tudo isso? Será que também leu aquele livro?

-Você quer dizer então que eu estou sendo obsidiado por algum espírito? - Vítor deduziu, lembrando-se do que lera a respeito e da conversa que tivera com a mãe.

- E possível que sim - ela sacudiu a cabeça em sinal afirmativo. - De uma maneira geral, as vozes costumam aparecer quando repetimos algum comportamento de uma vida passada e com isso atraímos a presença de nossas vítimas daquele tempo...

- Mas e os sintomas do pânico? Porque agora eles sempre aparecem junto com as vozes? - Vítor continuava em estado de alerta.

- Segundo pude pesquisar, ao longo de dez anos lidando com portadores desta doença, uma das formas peculiares de atuação destas "presenças" - ela fez o sinal de aspas com as mãos, - é justamente a sua capacidade de manipulação de certos fluidos sutis produzidos por cada um de nós. Todos nós, seres humanos, emitimos fluidos o tempo todo, sem percebermos. E como se fosse uma energia que emana da gente quando estamos felizes, quando estamos tristes, quando estamos com raiva...

- Quer dizer então que os espíritos podem pegar a nossa energia e manipular como se fosse um pedaço de massa? - interpretou Vítor.

- E mais ou menos isso. Por esta razão, devemos sempre ter muito cuidado com aquilo que pensamos...

- Mas eles então fabricam, por assim dizer, os sintomas do pânico? - Vítor ainda não estava satisfeito com a explicação.

- Não é bem assim. Não existe nada comprovado cientificamente, mas parece que as 'presenças' conseguem estimular as marcas dos traumas vividos no passado e que ficam gravadas no nosso perispírito. Pelo menos no que se refere aos sintomas mais graves, como as fobias específicas, o medo de morrer ou alguma dor mais intensa. Outros sintomas que costumam ser descritos pelos pacientes coincidem com o que sentem os chamados médiuns de materialização...

- E o que é médium de materialização?

- Médium de materialização é um indivíduo que produz uma substância invisível chamada ectoplasma. Esta substância, quando manipulada por espíritos, pode possibilitar a materialização dos mesmos ou até de objetos. Quando isto acontece, porém, o médium pode sentir tontura, enjoo, bolo na garganta e no estômago, entre outras coisas - explicou a terapeuta.

- Mas eu também tenho sentido tudo isso! - Vítor assustou-se ainda mais.

- Não vamos tirar conclusões precipitadas. Estes mesmos sintomas que você diz que sente podem também estar ligados aos efeitos colaterais dos remédios que vem tomando - ponderou ela. - Mas você disse que começou a ouvir as vozes no domingo. Aconteceu alguma coisa de especial, algum fato marcante antes ou no momento em que você começou a ouvir as vozes?

- Sim, aconteceu - Vítor admitiu cabisbaixo. - Naquele dia eu tinha acabado de viver uma das piores experiências da minha vida...

- Me fale um pouco sobre essa experiência - pediu Olívia, interessada, olhando intrigada para o ferimento que ele trazia na testa.

- Tudo começou na festa...

Vítor então narrou cada detalhe de seu sábado à noite. Seu esforço para conseguir comparecer à festa, a angústia diante da multidão, seu completo desencanto no momento em que vira Aline dançando com Vinícius, a incrível necessidade que experimentara em ligar para a terapeuta naquele momento.

A medida em que ia ouvindo aquele relato, Oto precisava esforçar-se muito para não pular sobre Vítor e esganá-lo ali mesmo, na frente da terapeuta. "Como podia continuar bancando o coitadinho? Será que aquela terapeuta era tão idiota que não conseguia ver quem ele realmente era?", questionava-se, indignado.

Alheio à sua indignação, porém, Vítor revivia todos os fatos com a máxima intensidade à medida em que os ia contando à Olívia. De olhos molhados, falou de sua completa sensação de humilhação ao se perceber na posição de alguém que necessitava telefonar para a analista no meio de uma festa. Lágrimas escorreram-lhe pela face no momento em que ele contou sobre o beijo que dera em Aline quando ela o surpreendera chorando no escritório.

- Ela disse que tinha ido àquela festa só para me encontrar, você acredita? - ele disse, ainda emocionado.

Olívia, porém, limitou-se a piscar os olhos demoradamente, de uma maneira meiga, como se dissesse, com aquele gesto, que entendia exatamente o que ele estava sentindo, incentivando-o a prosseguir em seu relato. Ele então narrou, entusiasmado, a passagem em que conseguiu vencer a multidão para buscar o café para Aline, mas desmontou novamente ao lembrar-se do momento em que se deparou com os amigos na festa. Era como se aquela derrota invalidasse sua vitória, empurrando-o de volta ao calabouço de sua doença.

- Mas por que encontrar com eles foi tão doloroso para você? Afinal, eles fazem parte da sua turma - ela fez questão de grifar o pronome possessivo. - Ou não?

- O problema é que por causa daquela tarde, que já te contei, eles ficaram muito íntimos do meu problema. Eles me viram tendo 'a coisa'!

- E por causa disso não podem mais ser seus amigos? - questionou Olívia. - Que eu saiba, amigos são aqueles que participam tanto dos momentos bons, quanto dos momentos ruins da nossa vida. Diria até mais.

O verdadeiro amigo é aquele que conhece todas as nossas fraquezas, mas, mesmo nas situações mais difíceis, é sempre capaz de lembrar-nos de nossas qualidades. A amizade sincera não é cega, mas, se enxerga defeitos nos corações amigos, sabe amá-los e entendê-los mesmo assim... -ela filosofou.

Vítor ficou mais um tempo pensativo. Sentia que Ivan era seu amigo de verdade, os outros nem tanto. Mas mesmo com Ivan ele não conseguia falar abertamente de sua doença. Sentia que ela era algo que o diminuía, que o tornava inferior às outras pessoas, ao mesmo tempo em que experimentava muita raiva só de pensar na hipótese de que alguém pudesse julgá-lo inferior por causa de sua doença. Ou mesmo sentir pena dele, o que em sua opinião era ainda pior. Não, desde que conhecera o pânico, ele não tinha mais amigos.

- F.lcs não são meus amigos - declarou conclusivo. - Eu não posso confiar neles, jamais compreenderiam a minha doença...

- Será que não? Será que são eles que não têm condições de compreender a sua doença ou será que é você que não quer que ninguém a compreenda?- provocou Olívia. - Mas isso é só para você pensar - ela prosseguiu, após alguns minutos de silêncio. - Voltemos à festa. Você então correu para casa depois de encontrá-los e deixou a menina bêbada no escritório. Perceba bem as armadilhas que você próprio cria para si. Não quer que ninguém note que tem algum problema e no entanto sai deixando rastros por toda parte...

- Eu não deixei rastros! - irritou-se Vítor. - Apenas não consegui agir como se não tivesse nenhum problema!

- Não precisa ficar zangado - tornou Olívia, terna. - Eu sei que é muito difícil vencer uma sensação avassaladora como o pânico, eu entendo você. Contudo, mesmo sendo difícil, você obteve várias vitórias. O que eu estou tentando te mostrar é como a figura do outro perturba você. O simples fato de perceber que alguém conhece a sua fraqueza te impede de agir. E por que não pedir ajuda ao invés de se esconder das pessoas? Por que o olhar das outras pessoas te ameaça tanto? Você já pensou que todo mundo tem suas próprias fraquezas?

- Eu não conheço ninguém que tenha síndrome de pânico! - explodiu Vítor, com os olhos brilhando de raiva.

- E será que só porque você não conhece ou não sabe, essas pessoas não existem? - insistiu Olívia. - Pare e pense, Vítor. Você não é o único ser no mundo que tem esta doença e nem deve ser crucificado por causa disso! Quem sabe o seu processo de cura não começa justamente numa aceitação desta sua limitação?

Vítor mexeu nos dedos nervosamente. O que ela estava querendo? Que ele pendurasse uma placa no pescoço, escrito "sou portador da síndrome de pânico"? Que ele ligasse para as pessoas e lhes contasse detalhes da sua doença?

- Toda doença, Vítor, tem sempre a característica de nos mostrar alguma coisa sobre nós mesmos. Você já parou para refletir o que é que o pânico quer mostrar para você?

- Eu vou me embora! - ele se levantou de repente.

- Isso! Vamos embora daqui! Esse tratamento não vai levar a nada mesmo! - Oto o incentivou. - Sua doença não tem cura!

- O que é isso, Vítor? - Olívia não se deixou abalar por sua postura infantil. - Nós ainda nem acabamos a nossa conversa! Quero que entenda que não estou falando estas coisas para você porque eu não gosto de você ou porque quero simplesmente provocá-lo. Ao contrário, eu gosto muito de você e por isso quero ajudá-lo. Acredito que você é um menino inteligentíssimo, dotado de uma rapidez de raciocínio que poucas vezes pude observar aqui em meu consultório. E, justamente por causa disso, não posso me conformar que você cruze os braços e se sinta um derrotado só porque sofre de transtorno de pânico. Você pode vencer o pânico!

- Então por que é que você fica me provocando com essas suas perguntas irritantes? - ele questionou, ainda de pé.

- Porque acredito que só através do auto conhecimento o homem pode vencer a si próprio. E aquela história do "decifra-me ou te devoro". Se eu não te provocar, se eu não fizer você pensar sobre suas próprias atitudes, como é que você vai encontrar aquilo que existe dentro de você que provoca essas crises que tanto atrapalham sua vida? O que eu quero é dar meios a você para que se conheça melhor, fazer com que encontre em você mesmo a força capaz de impedir que o pânico se manifeste!

Vítor sentou-se novamente, sem nada dizer.

- Então você pode me explicar por que é que eu sinto sempre tanta culpa? - perguntou, vencido.

- A culpa é parte essencial da natureza humana, é necessária para estabelecer limites e possibilitar o convívio em sociedade. Do contrário, as pessoas sairiam por aí matando umas às outras, agindo como animais. Ela é um reflexo das leis morais que trazemos inscritas dentro da nossa própria consciência - explicou a terapeuta.

- Se eu for seguir então esse seu raciocínio, vou achar então que sentir culpa é uma coisa muito natural e saudável... - deduziu Vítor, com certa ironia, enquanto Oto observava a conversa cada vez mais atento.

- E é. Sentir culpa não é necessariamente ruim, nem doentio. Assim como acontece com a ansiedade. O que cada um faz com seus sentimentos é que pode transformar-se em doença - ela disse, olhando novamente para a testa machucada do rapaz. - A culpa ultrapassa os limites da normalidade e torna-se uma doença quando as lembranças do que se fez, ou ainda, do que se poderia ter feito ficam remoendo incessantemente os pensamentos, numa espécie de tortura mental...

- E é normal a pessoa ouvir vozes dizendo que ela é culpada? - ele perguntou, voltando ao ponto inicial da conversa .

-Você ainda não terminou de me contar como foi que as vozes começaram. Não aconteceu mais nada depois que você voltou para casa? - ela insistiu, sentindo que a história que ele lhe narrara ainda estava incompleta.

- Agora que eu quero ver! - Oto redobrou sua atenção.

- Aconteceu - disse Vítor.

De olhos baixos, ele contou a ela todo o seu desespero ao ver o irmão em casa com a garota que ele havia deixado bêbada no escritório. Sem que pudesse se dar conta disso, à medida em que ia relatando os fatos, seu tom de voz ia se alterando, de maneira a transmitir todo o seu ódio. Com riqueza de detalhes, ele então narrou tudo o que acontecera no quarto entre Vinícius e Aline até o momento em que a porta bateu e Aline ficou chorando no escuro.

- Espera aí... Se você não estava no quarto, como pode saber de todos esses detalhes? - questionou a terapeuta, desconfiada de seu relato.

Ao ouvi-lo narrando os fatos, ficara com a sensação de que fora ele próprio e não o irmão quem violentara a menina, mas sabia que não podia dizer isso a ele de maneira direta.

- Eu... eu... - Vítor ficou confuso ao se ver pego de surpresa. - Eu ouvi atrás da porta, acho que foi isso! - disse por fim.

- Hipócrita! - protestou Oto. - Então essa mulher não vê que ele está mentindo?

- Como assim, eu acho que foi isso? - questionou Olívia.

- Na verdade, você pode até não acreditar, mas me deu um branco na hora em que eu acordei no domingo. Eu sei que aconteceu tudo isso, mas não sei te dizer como eu sei, onde é que eu estava quando as coisas ocorreram... A sensação que tenho é que vi tudo do alto, como se fosse um espírito pairando no quarto na hora em que tudo aconteceu...

- Não é impossível, mas é bastante estranho... - conjecturou Olívia. - E em nenhum momento você pensou em abrir a porta, gritar, sei lá, fazer qualquer coisa que impedisse o seu irmão de continuar a fazer o que estava fazendo?

- Não... Na hora eu apenas sentia muita raiva dos dois... - explicou Vítor. Olívia ficou alguns instantes batucando com o indicador nos lábios,

parecia esforçar-se para concatenar os próprios pensamentos. Percebia que faltava um pedaço naquele quebra-cabeças, mas não tinha como confrontar Vítor de uma maneira mais explícita. "Teria mesmo sido ele? Por que estaria mentindo? Teria fabricado aquela mentira para encobrir sua enorme culpa? Será que o nível dessa culpa era tão grande a ponto de fazê-lo esquecer-se dos próprios atos?", as perguntas sucediam-se cada vez mais complexas em seu raciocínio.

- Não acredite nele! E um hipócrita safado! Expulse-o de seu consultório! - insistia Oto, a essas alturas postado a seu lado.

Olívia, contudo, não lhe oferecia a menor sintonia e, portanto, nada escutava.

- Imagino que deve ter sido horrível tudo isso o que você passou... -ela retomou sua estratégia. - Só não entendi até agora por que se sentiu tão culpado em relação ao acidente do seu irmão... Afinal, você tinha todos os motivos para odiá-lo, ele seduziu a garota que você queria conquistar!

- E eu o odiei por isso! - Vítor confessou, fechando os punhos de raiva.

- Odiei tanto que desejei que ele morresse! Com todas as minhas forças, naquele dia eu desejei que ele morresse!!! - disse, numa explosão de todos os sentimentos que até então esforçara-se por conter.

Nesse ponto, foi Oto quem não conseguiu mais se conter. Fortalecido pelos pensamentos de ódio e revolta de Vítor, como se esses tivessem o mágico poder de alimentá-lo, ele pulou novamente sobre seus ombros, gritando a toda voz:

- Hipócrita! Dissimulado! Você não mudou nada! Você continua o mesmo e eu vou acabar com você!

Imediatamente, Vítor levou as duas mãos aos ouvidos, curvando-se sobre si mesmo na desesperada tentativa de não mais escutá-lo.

- Ele começou de novo! Pelo amor de Deus, faça-o parar! - implorou desesperado a Olívia.

A terapeuta meditou por alguns instantes, enquanto Vítor se contorcia cada vez mais, torturado pela voz que só ele podia ouvir. A terapeuta chegou à conclusão de que não tinha outra alternativa senão colocá-lo em contato com a presença que o obsediava. Do contrário, ele jamais admitiria para si próprio sua verdadeira participação em todo aquele evento que acabara de narrar-lhe. Era preciso que Vítor assumisse a responsabilidade por seus próprios atos.

- Feche os olhos - ela pediu, acomodando-o melhor na comprida poltrona onde estava sentado.

- Mas ele não pára de falar na minha cabeça! - Vítor ainda tentou resistir.

- Não tem problema - Olívia disse calmamente. - Escute o que ele está dizendo, entre em contato com ele ...

Instantes depois, Vítor expressou uma fisionomia de terror:

- Sinto que há alguém a meu lado... - avisou assustado.

- Procure estar com ele, escutar o que está dizendo sem experimentar qualquer tipo de medo - insistiu a terapeuta. - Observe o que as palavras dele despertam dentro de você, que tipo de sentimento elas fazem aflorar em você... Não tenha medo, apenas escute...

- Está tudo muito escuro... - informou Vítor.

- Você pode vê-lo?

- Não, eu não vejo nada, está tudo muito escuro aqui... - ele repetiu. -Você pode perceber essa situação com seus outros sentidos... O escuro não faz a menor diferença... - sugestionou Olívia.

- Eu não o estou vendo, mas sinto como se ele estivesse bem aqui a meu lado... Espere... Agora eu o vejo... Tem razão, consigo enxergar no escuro tão nitidamente como se estivesse no sol e aiiiii! - ele gritou assustado.

- O que houve? - perguntou a terapeuta.

- Ele é horrível... Parece todo deformado... Sua figura me dá medo!

- Então escoe o medo de dentro de você... - prosseguiu Olívia, com sua voz pausada e clara. - Ele não pode fazer nada contra você neste momento... Apenas escute o que ele tem a dizer, tente interagir com ele de alguma maneira... Perceba o que ele sente por você... O que é que ele está dizendo?

- O mesmo de sempre... Ele me xinga... Parece tomado de ódio... Ei, não! - ele disse limpando o rosto com uma fisionomia de nojo.

- O que aconteceu agora? - perguntou a terapeuta.

- Ele cuspiu no meu rosto!

- Então peça a ele para que fale o que aconteceu para ele ter tanto ódio, por que guarda esse sentimento há tanto tempo...

Vítor ficou mexendo nervosamente a cabeça de um lado para o outro por alguns instantes, atormentado. Era como se sonhasse e no sonho discutisse com alguém. Até que finalmente informou:

- Ele está falando em outra língua, não consigo entender mais nada do que diz...

- Pois então procure em sua mente o código necessário para ajudá-lo a decifrar essa outra língua... Seu inconsciente possui a chave de todos os idiomas que um dia já utilizou em suas outras vidas... Eles estão lá, guardados em sua memória extra cerebral... Procure aquele que precisa neste momento. Se ele está falando com você nesse idioma, é porque certamente você pode entendê-lo... Provavelmente era o idioma que vocês utilizavam na época em que conviveram...

- Ele está falando em alemão - Vítor decodificou, após alguns minutos de silêncio.

-Você consegue entender o que ele está dizendo? - a terapeuta insistiu.

- Sim. Ele continua a me xingar do mesmo jeito, só que agora em alemão... Espere... Ele agora está falando em uma tal de Geheim... Ele me mostra uma porta, a mesma porta que vi no sonho que tive com a minha avó... Ela tem desenhos estranhos que só agora entendo... É uma enorme suástica...

- Entre com ele! - determinou Olívia. - Provavelmente, lá dentro você vai encontrar a história do passado que viveu ao lado dessa 'presença'. Não tenha medo... E importante saber o que aconteceu entre vocês no passado para a sua melhora de hoje...

Vítor então se viu em um campo de concentração, durante a segunda guerra mundial. Era um médico com estreitas relações com a Gesta-po, a polícia secreta alemã.

- E em quê exatamente consiste esse seu trabalho? - perguntou Olívia, enquanto anotava rapidamente num bloquinho todas as suas últimas descrições.

- Faço experiências com mulheres judias grávidas e seus embriões. Meu objetivo é descobrir o limite da dor, trabalho em nome da ciência.

- E o que você sente quando faz esse seu trabalho em nome da ciência? - quis saber a terapeuta.

- Muito orgulho - Vítor respondeu de pronto. - Estou satisfeito porque estou sendo útil a meu país e a mim mesmo.

- E a 'presença'? Onde ela está neste momento? - quis saber a terapeuta.

- Ele perdeu o aspecto deformado, agora é um homem como outro qualquer... Um alemão... Seu nome é ... Oto! Estamos agora discutindo na porta da sala onde trabalho. Ele diz que é meu irmão... Sim, ele é meu irmão.

- E sobre o que vocês discutem? - ela o incentivou a continuar sua investigação.

- Ele diz que eu mandei aprisionar a mulher dele... Seu nome é Odilie. E uma judia e está grávida de um filho dele. Ou melhor, ele pensa que ela está grávida de um filho dele.

- Ele pensa? - estranhou Olívia.

- O filho que ela espera é meu - esclareceu Vítor. - Mas ninguém sabe disso, nem nunca vai saber - ele afirmou convicto.

- Mas por que ela está grávida de um filho seu, se ela é casada com ele? - tentou entender Olívia.

- Eu a possuí à força, quando ele estava viajando.

- E o que levou você a fazer isto? - ela perguntou, mantendo sua postura de neutralidade.

- Tenho muita raiva por ela o ter escolhido e não a mim. Nós dois nos interessamos por ela, quando ainda éramos solteiros, mas ela quis casar-se com ele.

- E por causa disso você a aprisionou?

- Isso eu não sei - ele respondeu.

- Localize então de novo o homem, o seu irmão que discute com você. O que acontece?

- Ele continua discutindo comigo na porta da sala... Insiste em dizer que eu aprisionei a mulher dele, exige, em nome de nosso parentesco de sangue, que eu a solte... Mas digo a ele que não, que ela não está na sala junto com as outras, embora ela esteja...

- E por que você faz isso? - quis saber Olívia.

- Porque é judia e não quero que o sangue judeu se espalhe na nossa família... Além disso, ela me chantageou...

- Como foi isso?

- Ao descobrir que estava grávida, ela me procurou, desesperada, e eu então mandei que a aprisionassem, para que ele jamais viesse a saber da verdade... Tenho muitos contatos na Gestapo e me sinto orgulhoso por poder resolver meus problemas desta maneira...

- Você também é casado?

- Sim, sou. Muito bem casado, por sinal. Minha mulher é filha de um dos generais do Reich... Eu a amo. Por isso, tenho de tomar cuidado redobrado para que ninguém descubra nada.

- Caminhe agora um pouco no tempo - pediu Olívia. - Você levou a termo as experiências com a mulher de seu irmão?

- Não! - ele deu um grito desesperado.

- O que aconteceu? - perguntou Olívia.

- Matei minha mulher! Eu não sabia, ela estava coberta... - ele disse, chorando muito.

- Como assim? - insistiu a terapeuta.

- Eles fizeram uma armação... Oto entrou em minha sala no meio da noite, vestido como se fosse eu... Somos muito parecidos, ninguém desconfiou de nada... Minha mulher veio com ele, disposta a ajudá-lo... Ele a dopou e trocou as duas de lugar... Embora não estivesse lá no momento, eu posso agora ver a cena... Odilie está muito fraca, nesta mesma manhã havia perdido o bebê na mesa de torturas... Ainda assim ele consegue vesti-la com as roupas de minha esposa e os dois deixam o campo de concentração como se fossem eu e minha mulher...

- E como você matou sua esposa? - Olívia ainda não conseguira compreender.

- No dia seguinte entrei na sala para terminar meu trabalho. Ela estava com o rosto coberto, eu não gostava de olhar para a fisionomia delas enquanto as torturava... Estranhei que estivesse dopada, mas era comum os enfermeiros da noite doparem as judias, para que não gritassem de dor a madrugada inteira... Elas todas tomavam grande quantidade de medicamentos abortivos durante o dia; costumavam expelir os fetos de madrugada... Abri então seu corpo para examinar lhe o útero, fiquei surpreso ao perceber que não havia o menor sinal de uma gravidez interrompida. Só então verifiquei seu rosto e descobri que havia matado minha esposa... Mas já era tarde demais - ele voltou a chorar desesperado.

- Procure se acalmar... - pediu Olívia. -Tudo isso ficou no passado, você já superou essa dor... Caminhe agora um pouco mais no tempo. -O que é feito da sua vida a partir desse fato?

- Continuo meu trabalho - respondeu Vítor. - A causa alemã é mais importante do que minha própria família.

- E o que aconteceu a seu irmão? Você voltou a vê-lo?

- Não, mandei matá-lo. Ele e a mulher foram fuzilados, depois pisoteados por uma multidão de judeus famintos.

- E o que você sente quando manda matá-los?

Vítor pensou por alguns instantes antes de responder:

- Não me importo com eles ou com o que possa ter acontecido a eles... Apenas estavam em meu caminho e os eliminei... Eu tenho o controle sobre todas as situações... E muito bom poder resolver as coisas do meu modo, sem precisar dar satisfações a ninguém... Minha mãe faz muitas perguntas, ela desconfia de mim... Mas finjo não saber de nada... A tristeza dela não me abala... Até porque acabo de ser homenageado pelo Fürher... Fiz importantes descobertas a respeito da hereditariedade dos genes... Sou realmente uma figura notável no Reich... Todos me admiram... A ciência não seria a mesma sem a minha participação...

- Então caminhe agora um pouco mais no tempo. Você pode se ver após essa existência?

- Está tudo muito escuro... Pessoas me perseguem... Sou um desgraçado! Eu sofro!... Debato-me e vivo arrastando-me, como o estropia-do que rasteja ao longo do caminho... Alguém me fala de Deus, mas não consigo conceber que acima de toda esta miséria reine o Deus-Pai para o qual tudo se encaminha... Quero pensar n'Ele, quero implorar-lhe misericórdia, mas não consigo...

- O que parece acontecer aí de importante que você precise saber agora? - procurou detectar Olívia.

- O medo que sinto o tempo todo, o desespero da situação, a sensação de perseguição e de estar completamente desprotegido... E o mesmo que sinto no momento das crises. É como se estivesse tudo entrelaçado... - respondeu Vítor, hesitante.

- Muito bem, você parece ter encontrado a origem de alguns de seus sintomas atuais - analisou a terapeuta. - E quanto tempo você fica aí, nessa situação? Muito ou pouco tempo?

- Um dia, um ano, um século... Que sei eu? Se as horas não dividem mais o tempo, as estações não variam... Eterno e lento como a água que o rochedo destila, este dia execrado, maldito, pesa sobre mim como avalanche de chumbo... Minha desgraça só aumenta à medida em que percebo a eternidade. O miséria! Malditas sejam todas as horas de egoísmo e inércia, nas quais, esquecido de toda a caridade, de todo o afeto, eu só pensava no meu bem-estar, na minha vaidade! Malditos interesses humanos, preocupações materiais que me cegaram e me perderam! Sinto agora apenas o remorso do tempo perdido...

Olívia sorriu, satisfeita. Percebia que Vítor havia chegado ao momento de sua consciência de culpa, o que era ótimo para seu tratamento. Se todos os seus pacientes naquela mesma situação percebessem esse momento com aquela mesma clareza, decerto todos conseguiriam melhorar bem mais rapidamente.

-Volte então ao momento atual e perceba a 'presença' aqui e agora. Como ele está? - ela prosseguiu em sua técnica.

- Continua com muito ódio depois de rever toda a minha atuação neste episódio... Não diz coisa com coisa, apenas me xinga... Sim, ele sente muito ódio de mim...

- E o que você acha que poderia dizer a ele neste momento? Vítor permaneceu em silêncio. Parecia rever de novo as imagens

que havia acabado de descrever, como se as avaliasse em cada detalhe.

- Sim, eu me arrependo - disse por fim. - Em nome de minha vaidade e de minha paixão pela ciência, destruí pessoas que deveria ter aprendido a amar nesta minha existência... - ele começou novamente a chorar.

Olívia não interferiu desta vez. Sabia que era importante deixar que o remorso brotasse do fundo de sua alma para que seus erros do passado não voltassem mais a se repetir no presente.

Era necessário que Vítor, no estado de consciência alterada em que ainda se encontrava, se percebesse como responsável por toda aquela grande tragédia para tentar, de alguma maneira, amortizar os traços de caráter daquela época que ainda trazia gravados em sua personalidade.

- Sinto vergonha de tudo o que fiz e não tenho coragem de encará-lo... - ele finalmente confessou.

- Você acha que teria alguma coisa a dizer a ele? - ela insistiu.

- Eu queria... - Vítor parecia titubeante. - Eu queria que me perdoasse, embora ele tenha também me feito muito mal...

Olívia notou então que seu arrependimento não era completo, o que também não passou despercebido ao olhar de Oto, que continuava gritando a seu lado:

- Não adianta! Ele não mudou nada!

- Mas, pensando na sua parte, na sua responsabilidade, na dor dessa 'presença' que está com você até hoje, você seria capaz de pedir perdão a ele?

Vítor ficou novamente em silêncio, refletindo sobre as suas atitudes naquela vida passada. Mas, embora admitisse que havia errado e até se sentisse arrependido por seus atos, ainda era orgulhoso demais para pedir perdão.

-A 'presença' continua ainda a seu lado? - perguntou a terapeuta.

- Sim. Ele me olha como se ainda estivesse muito bravo comigo. Mas parou de me xingar.

Acostumada a lidar com casos como aquele, Olívia entendeu que Oto ficara reflexivo com o arrependimento de Vítor. Afinal, o fato do rapaz ter admitido sua vaidade e até ter conseguido pedir perdão, ainda que se isentando em parte da responsabilidade, era um sinal de que em alguma coisa já havia mudado.

-Avaliando essa vivência, que características você acha que levaram o médico alemão a agir como agiu? - ela novamente perguntou a Vítor, com a finalidade de marcar os traços de caráter a serem trabalhados nas próximas sessões.

- Ele era uma pessoa extremamente vaidosa, dominadora e prepotente, que achava que podia resolver tudo do jeito dele, em nome de seu amor pela ciência.

- Será que era um amor pela ciência ou por ele mesmo? - Olívia questionou.

Vítor, porém, não respondeu.

- Você consegue visualizar em que medida ainda é parecido com aquele personagem do passado hoje?

- Não - ele respondeu convicto.

- Você acha então que não repete hoje nenhum daqueles comportamentos do passado? - ela voltou a perguntar.

- Acho que não.

Para a terapeuta, muitas coisas se encaixavam, embora Vítor não conseguisse ainda captar-lhes a dimensão e a profundidade. Desde o interesse do rapaz pela genética que se repetia na vida atual, talvez até com uma proposta de renovação dos propósitos de sua mente privilegiada, já que a técnica de clonagem que tanto o fascinava visava sobretudo permitir a criação de órgãos de maneira a conhecer melhor as doenças e combater seus efeitos, até as manifestações de ódio de um caráter dominador que ainda permanecia, favorecendo o intercâmbio do paciente com a 'presença'. Sem falar no próprio pânico, que certamente surgia como alarme, advertindo-o de sua necessária e urgente transformação.

Por ironia, era o pânico o grande aliado de Vítor em sua jornada evolutiva. Em sua doença estavam contidos o sinal que desperta e o sentido para seu sofrimento.

Mas ela sabia que Vítor não poderia captar tudo aquilo de imediato. Cada pessoa tem seu próprio momento de conscientização, que jamais pode ser forçado, devendo brotar naturalmente de sua própria reflexão em cima dos fatos revistos e de suas próprias atitudes que se sucederão à experiência regresssiva. Com o tempo, mesmo que não quisesse, Vítor começaria a fazer as necessárias associações, iniciando assim seu processo de cura e libertação. Enfim, a semente estava plantada.

Vendo que não havia mais nada a fazer naquela sessão, ela então o conduziu de volta a sua vida atual.

- E então? Como se sente? - ela perguntou, tão logo ele abriu os olhos.

- Confuso - ele respondeu, parecendo ainda um pouco distante. A verdade é que toda aquela experiência servira-lhe sobretudo para

levantar uma dúvida em sua consciência: afinal fora ele ou fora Vinícius quem violentara Aline na noite da festa?

-Você é culpado! Você não mudou nada! - Oto gritou novamente a seus ouvidos. Parecia um tanto exaurido pela revivência de todas aquelas cenas, talvez até um pouco cansado de tanta perseguição e ódio. Todavia, embora não houvesse efetivamente presenciado a cena, guardava a íntima certeza de que fora Vítor o responsável por mais aquele estupro e isso o impedia de aceitar o arrependimento do rapaz, forçando-o a permanecer em sua postura de cobrador implacável.

- Mas ele ... ele pode ver tudo o que eu faço? - Vítor perguntou, novamente olhando em torno, como se procurasse pelo obsessor invisível.

- Sim. Ele é um ser como você, que certamente já esteve encarnado muitas vezes. A diferença é que, neste momento, ele encontra-se numa outra dimensão, e só por isso não podemos enxergá-lo.

- E como é que eu vou me livrar dele? Por que ele só fica gritando que eu não mudei nada? - Vítor preocupou-se.

- Talvez a única maneira seja mostrar a ele que você não é mais aquele personagem do passado, que algo verdadeiramente mudou em você... - contemporizou Olívia. - Procure refletir o que você mantém como traços semelhantes ou proporcionalmente parecidos com aquele personagem do passado para que a 'presença' insista tanto em dizer que você não mudou nada...

Vítor deixou o consultório em silêncio.

LIII

- Nãããão!!!!!!! - gritou Aline, do banheiro.

Em uma das mãos segurava pequeno tubinho contendo urina, na outra, uma espécie de tira plástica que havia acabado de retirar do líquido, depois de tê-la deixado ali imersa por dez minutos. Nela estavam agora marcadas duas listras rosadas. Quase três semanas haviam se passado após aquela noite na casa de Vinícius. Desde então, sua menstruação, prevista para descer neste meio tempo, ainda não chegara. Confirmava agora suas angustiosas suspeitas com um teste caseiro de farmácia:

-A formação de uma segunda linha de coloração rósea logo abaixo da linha de controle indica que o teste é positivo, o que significa que você está grávida e deve consultar seu médico... - ela leu de novo as instruções na bula, na esperança de ter feito alguma confusão.

Não havia dúvida. A segunda linha estava lá e, portanto, ela estava grávida.

- E agora, meu Deus, o que é que eu faço? - perguntou-se em lágrimas diante do espelho, esticando para baixo os olhos numa careta de desespero.

Era uma quinta-feira à tarde, estava sozinha em casa. Florence, Paloma e Rafael haviam saído para levar Noêmia ao médico, Chuva desde o acidente não saía mais do apartamento de Vinícius. Em vão, o espírito Pablo e os irmãos construtores que haviam participado da implantação de Odilie e continuavam ali de plantão, ainda cuidando do desenvolvimento do embrião, tentaram envolvê-la com seus passes restauradores, mas Aline, com seus pensamentos desnorteados, repelia toda energia positiva que lhe era dirigida.

- Não, eu não posso ter este filho! - repetia, andando pela casa, apertando fortemente a barriga. - Definitivamente, eu não posso ter este filho! Vovó Aretusa, onde quer que a senhora esteja, por favor me ajude!

Na cabeça de Aline, a notícia mais parecia uma bomba, destruindo tudo de bom que lograra conquistar depois de sua dolorosa chegada ao Rio. Ela e Rafael haviam acabado de entrar para uma nova escola, que ela estava adorando; depois da partida de Moneda para a Espanha, a mãe vinha se mostrando bem mais atenciosa com eles; na ausência de Lucila a família estava até mais à vontade no apartamento, até tia Noêmia parecia mais controlada em suas crises de caduquice. E verdade que, às vezes, sentia-se um pouco incomodada pela presença constante de Clarinha na casa, mas aos poucos também começava a gostar dela, sobretudo depois de perceber o quanto ficara ainda mais largada após a morte do irmão no acidente.

Enfim, ao contrário do que acontecia com Clarinha, toda a sua vida parecia finalmente encaixada nos eixos. E como ela iria dizer para todo mundo que estava grávida? Sem contar que Chuva havia praticamente reatado seu namoro com Vinícius e as duas dividiam agora o mesmo quarto. Como explicaria para a prima que o rapaz por quem ela era apaixonada vinha a ser o pai do filho que ela, Aline, estava esperando? Atordoada, pegou o telefone e ligou para Mariana, em Florianópolis:

- Mari, pelo amor de Deus, tu me perdoas?... Só agora entendo o que tu passaste! - confessou arrasada.

- Aline? Es tu? - estranhou Mariana, do outro lado da linha. - Sim, sou eu, Mari... Acabo de descobrir que estou grávida! Não tenho outra saída senão fazer o mesmo que tu fizeste!

- Por Nossa Senhora do Desterro, não faças uma coisa destas! Até hoje me arrependo por aquele dia, não posso ver uma criança que logo entro em profunda crise de depressão! Estou tendo de fazer até tratamento com uma psicóloga. Escute-me, Aline, não faças isto!

- Mas eu não tenho outra saída!

- Eu, se estivesse no teu lugar, conversaria com o pai da criança. O Mairon garante que, se soubesse, jamais teria me deixado tirar o bebê!

- Tu não estás entendendo! Eu não engravidei de um namorado. Fui estuprada pelo namorado da minha prima! - ela confessou em prantos.

- Caramba!... - Mariana não sabia o que dizer. - Mesmo assim, acho que deverias conversar com ele! - ela insistiu no conselho. - Afinal, ele pode até ser namorado da tua prima, mas tem de assumir a responsabilidade pelo que fez!

- Se ao menos eu ainda tivesse a minha avó... - Aline choramingou na linha.

Enquanto isso, no plano espiritual, Aretusa continuava implorando por uma chance de ir à Terra ver a neta.

- Ela chama por mim, eu sinto! - tentava argumentar na sala simples que era ocupada pelo irmão Guilhôme.

-Ainda assim é impossível - ponderou o mentor.

- Mas por que eu não posso ir, se Têmis, que é a avó do pai da criança, está lá este tempo todo?

- Aretusa, por favor, entenda nossas objeções. Têmis tem motivos para estar lá que no momento não podemos lhe explicar. Além disso, ela encontra-se no plano espiritual há muito mais tempo que você. Neste período teve oportunidade de adquirir muitos conhecimentos que você ainda não possui. Não é um espírito com a mesma experiência de Pablo ou mesmo de Demóstenes, cujos méritos adquiridos no plano terrestre contribuíram para que se tornasse um colaborador desta colônia quase que imediatamente após o seu desencarne. Mas, ainda assim, ela tem muito mais condições de auxiliá-los nesta missão do que você, que ainda não se encontra devidamente preparada para passar por determinadas situações - explicou o irmão Guilhôme com sua infinita generosidade.

- Mas eu também aprendi muito no pouco tempo em que venho atuando aqui no plano espiritual! - insistiu Aretusa, inconformada. -A não ser pela fuga de Oto, com a qual até hoje não pude deixar de me culpar, creio que em nenhum outro momento decepcionei os mentores desta colônia! Por que todos parecem sempre tão cheios de segredos para comigo?

O irmão Guilhôme respirou fundo, como que refletindo sobre como iria convencê-la. Há dias negava-se a atender a seu pedido, mas Aretusa mostrava-se irredutível, havia mesmo mobilizado um sem número de enfermeiros para intercederem por ela junto ao diretor da colônia.

- E verdade, minha irmã - ele concordou, ainda reflexivo. - Seu trabalho abnegado tem sido muito útil para todos nós, todavia cumpre-lhe ainda, para seu próprio bem, frequentar o curso de autodomínio a fim de que possa receber determinadas notícias, sem automaticamente provocar alterações em seu campo emocional. Somente depois de concluir esse curso, estará apta a selecionar as forças que a procuram, ambientando nas zonas íntimas de sua alma apenas aquelas de teor reconfortante e construtivo, podendo assim fazer parte de excursões à crosta sem correr riscos desnecessários.

Aretusa entristeceu. Não entendia a necessidade de tantos cursos para poder atuar junto aos encarnados. Tudo na espiritualidade era minucioso e complicado, até para aprender a se alimentar e se locomover como espírito fora preciso fazer cursos. Ela, no entanto, tinha pressa em ajudar aos seus, não fazia questão de aprender tantas coisas sobre o plano etéreo. Até porque ela sentia que estava sendo necessária naquele momento. Os insistentes chamados da neta ecoavam nela como alarmes intermitentes, implorando por socorro urgente.

Depois que as coisas estivessem sob controle na Terra, teria todo o tempo do mundo para fazer todos os cursos que seus mentores julgassem necessários. "O que eu não posso é deixar minha neta desamparada num momento como este", reafirmava a si mesma com a mais profunda convicção. Ainda vinculada ao papel de mãe possessiva e dominadora que exercera em sua última encarnação, achava que nenhum outro espírito, por mais evoluído que fosse, poderia proteger sua família como ela própria.

- Sempre soube que os espíritos recebiam votos de confiança conforme o seu merecimento - ela deu sua última cartada. - Não que eu queira cobrar pelos meus serviços, mas será que ao longo de todo o tempo em que atuei como trabalhadora desta colônia e da outra em que antes vivia sem, em nenhum momento, questionar as tarefas que me eram designadas, não acumulei nenhum merecimento?

- Sua argumentação é justa - acedeu, por fim, o nobre diretor da colônia, compreendendo que seria inútil continuar tentando convencê-la do contrário. - Estamos tentando poupá-la de grandes dissabores que podem, inclusive, afetar-lhe o equilíbrio adquirido. Receamos grandes riscos que, por ora, não pode avaliar. Entretanto, se, mesmo sabendo disso, se mantém firme em sua teimosia, não tenho outra alternativa senão aderir a seu pedido.

- Quer dizer então que poderei ir? - entusiasmou-se Aretusa.

- Esta noite mesmo entrarei em contato com Pablo e Demóstenes e lhes pedirei para que tomem as devidas providências para que se efetue a excursão. Devo informá-la, contudo, que terá de esperar ainda mais alguns dias para realizar seu desejo de visitar sua neta.

- Mais alguns dias? - Aretusa desmanchou o largo sorriso que havia acabado de pendurar nos lábios. - Mas por quê?

O paciente instrutor explicou-lhe então que, até o vigésimo-primeiro dia de gestação, estavam vedadas todas as visitas à jovem, posto que neste período a gestante deveria ficar apenas sob os cuidados de Pablo e da equipe dos construtores:

- O corpo carnal em formação é também um edifício delicado e complexo. Urge cuidar dos alicerces com serenidade e conhecimento. Desde o momento da fecundação, cada entidade microscópica vem sendo cuidadosamente acompanhada pela equipe dos construtores, que segue passo a passo o desenvolvimento da estrutura celular, incentivando-a através de seus toques magnéticos.

- Mas nem à noite poderei visitá-la? Não posso conversar com ela nem durante seu sono físico, nos minutos em que seu espírito estiver liberto do corpo carnal? - inquiriu Aretusa, cada vez mais atordoada com os chamados da neta.

- Depois do vigésimo-primeiro dia, quando o embrião atingir sua configuração básica, nossas amigas poderão ser visitadas a qualquer hora. Só a esse tempo, mãe e filha conseguirão ausentar-se do corpo com facilidade durante seu período de sono. Por enquanto, porém, Odilie não pode afastar-se de Aline. Ainda mesmo em estado de sono físico as duas são obrigadas a permanecer junto aos colaboradores de nossa esfera, à pequena distância - esclareceu Guilhôme.

- E quando poderei então partir? - quis saber Aretusa.

-Acredito que no máximo em uma semana - asseverou, conformado, o prestimoso mentor.

- Mal vejo a hora de conhecer o pai de meu bisneto! - ela comentou ansiosa.

Na Terra, Vinícius preparava-se para seu primeiro passeio após o acidente, assistido de perto por Vítor e Chuva. Não era exatamente um passeio. Precisava ir até uma clínica, bem próxima ao local onde moravam, tirar algumas chapas para ver se as costelas estavam respondendo ao tratamento. Até então mantinha-se imobilizado por uma tala removível, mas, caso fosse constatado que não estava obtendo os resultados esperados, seria preciso engessar também o tronco, do mesmo modo como os médicos já haviam feito com sua perna esquerda.

Apesar de tudo, porém, o rapaz estava otimista. Para quem já estava preso em casa há quase três semanas, qualquer possibilidade de ir à rua era uma alegria.

- Sua prima não veio me ver nem uma vez depois do acidente - ele comentou, enquanto Chuva e Vítor o acomodavam em uma cadeira de rodas especial. - Ai! - ele reclamou, sentindo que Vítor soltara sua perna antes do momento devido.

- Desculpe... foi sem querer - disse Vítor, abalado com o comentário.

- Puxa vida! Pensei que estivesse gostando da minha companhia! -Chuva respondeu enciumada.

- E claro que eu estou, sua bobinha - ele disse, apertando sua mão com carinho. - Nem sei o que seria de mim se não fosse você...

De fato, ao vê-la desvelando-se em tantos cuidados para com ele, Vinícius sentira brotar dentro de si um sentimento muito forte por Chuva, diferente de tudo o que já havia sentido até então por qualquer garota e até mesmo pela própria Chuva, quando namoravam. Afinal, não era qualquer jovem que largava tudo em sua vida para ficar pajeando um ex-namorado doente.

Chuva dedicava quase todo seu tempo livre a Vinícius. Só não ficava a seu lado nos horários em que tinha aulas na faculdade de economia recém-iniciada, e, ainda assim, se dava ao trabalho de ir todos os dias no prédio da comunicação, onde Vinícius estava matriculado, para buscar as anotações de aula que alguns amigos enviavam para ele. Em casa, ela própria se encarregava de passar tudo a limpo no caderno dele.

- Não fique chateada, só perguntei'por perguntar... - ele justificou, depois de dar um beijinho na mão que ainda há pouco apertava. - E que achei estranho ela não ter vindo nem uma vez me visitar... Pensei que também fosse minha amiga...

- Quer saber? Aquela minha prima é muito esquisita... Sinceramente, eu acho que ela não é amiga de ninguém... - observou Chuva.

- Você acha que vai dar para chegar até a clínica numa boa? - desconversou Vítor, ainda sentindo-se incomodado com aquela conversa.

"Será que o irmão não se lembrava mesmo de nada?", questionou-se em silêncio. "Será que não se sentia nem um pouco culpado por tudo o que tinha feito com a garota?" Mas, definitivamente, não estava disposto a discutir este assunto com Vinícius. Desde que participara daquela experiência regressiva no consultório de Olívia, vinha refletindo sobre seu relacionamento com o irmão. Havia discutido bastante o assunto com a terapeuta em sua última sessão.

Ainda não conseguia identificar muitos traços de semelhança com a personalidade do passado a que tivera acesso, nem tampouco lembrar-se do que efetivamente ocorrera na noite em que Vinícius levara Aline para casa. De uma coisa, porém, chegara à conclusão: não queria mais viver brigado com Vinícius, muito menos por causa de uma garota que ele nem conhecia direito. A iminência de morte do irmão associada àquela vivência regressiva haviam feito com que passasse a valorizar mais a oportunidade de ter um irmão na sua vida atual.

Era estranho, mas aquela soma de experiências o fizera reformular, de alguma maneira quase inconsciente, suas relações com toda a família. Estava um pouco mais condescendente com a mãe e até um pouco mais atencioso com o irmão. O pai, por sua vez, mudara por si só. Estava mais amigo, mais presente. A seu pedido, desistira até de fazer a tal reportagem sobre o pânico que tanto o incomodava. Ligara para Moneda na Espanha e, depois de muito argumentar, acabara obtendo permissão para adiar a matéria por mais alguns meses.

Era o tempo de que Vítor precisava. Animado com os pequenos progressos que vinha fazendo na terapia, começava a acreditar numa remota possibilidade de cura de sua doença. Desde o dia da regressão não voltara a ter mais nenhuma crise; todas as noites orava para seu obsessor, pedindo-lhe que o perdoasse.

Oto, porém, ainda não aceitara suas desculpas. Recuara um pouco em sua estratégia de vingança, ao observar as pequenas mudanças no comportamento de Vítor; mas tinha certeza de que logo o rapaz recairia novamente em erro, abrindo novas brechas à sua atuação. Com esta certeza, aguardava, curioso e desconfiado, o desenrolar dos fatos.

- Só quero ver quanto tempo vai durar esta fase de anjo da asa quebrada... - debochou, enquanto Vítor empurrava a cadeira de rodas do irmão em direção à sala.

- E então, já estão prontos? - Cenyra apareceu no corredor. - Aam-bulância especial nos espera lá embaixo!

- Eu vou ficar em casa, mãe - informou Vítor, discreto, sem querer que Chuva percebesse suas limitações.

468

- Tem certeza de que vai ficar bem? - perguntou Cenyra preocupada.

- Sim, tenho. Vou aproveitar para estudar um material novo que acabei de descobrir na internet sobre 'aquele assunto'... - ele despistou.

Cerca de vinte minutos depois, estava acabando de imprimir a nova edição do jornalzinho que costumava acompanhar pela internet, quando ouviu a campainha. Pensando que fossem eles que já tivessem voltado, abriu a porta despreocupado:

- Puxa, mas vocês foram muito rápido, nem deu tempo de... Ele se interrompeu ao perceber que estava diante de Aline.

- Você? - estranhou ela.

Até hoje não sabia que Vítor era irmão de Vinícius.

LIV

- E... e... entra! - Vítor convidou nervoso.

- Eu precisava falar com o Vinícius, mas... - como da outra vez, Aline estava quase arrependida de ter vindo.

- E... e... ele saiu, mas não vai demorar. Entra! - ele insistiu num impulso. Mal podia acreditar no que via. A garota que ele adorava estava

agora ali, diante dele, os dois sozinhos em casa. Mas não podia esquecer que ela estava ali procurando por Vinícius, seu lado racional alertou-o. O que será que ela queria com ele?

Aline, por sua vez, não sabia se ria ou se chorava. Acabava finalmente de descobrir quem era o cara por quem ela estava perdidamente apaixonada, onde morava. Então ele era mesmo Vítor, o irmão de Vinícius. Ela ainda se lembrava do nome. Por ironia do destino, ela estava ali justamente para destruir todas as possíveis chances de relacionamento entre os dois. "Ai, o que é que eu faço?" ela pensou nervosa. "Será que não seria melhor tirar logo este filho da minha barriga e continuar minha vida como se nada houvesse acontecido?" Ao imaginar esta possibilidade, imediatamente sentiu um estranho aperto no ventre. Era como se algo dentro dela houvesse se assustado com as palavras que mentalizara em silêncio.

- Está tudo bem? - perguntou Vítor, estranhando ao vê-la levar instintivamente as duas mãos à barriga. - Seu nome é Aline, não é?

- Sim... - ela concordou surpresa. - Você já sabia?

- Ouvi Chuva falando de você - mentiu Vítor, que descobrira seu nome na noite em que a vira conversando na sala com Vinícius.

- E claro... - concordou /Mine, ainda atônita.

- O meu é Vítor - ele disse.

- Imaginei logo que te vi. Vinícius também me falou de você... "Será que algum dia eu conseguiria namorar este cara sabendo que ele é irmão do Vinícius? E se um dia ele descobrisse o que aconteceu entre nós? E por que meu coração não para de bater desse jeito?", ela voltou a questionar-se em silêncio.

"O que será que o Vinícius falou de mim para ela? E por que meu coração está disparado assim?", Vítor também perguntou-se em silêncio. "Será que vou ter uma crise? Não, acho que não. O disparado da crise é diferente... Não tem essa expectativa, essa força..." O mais incrível era que ele não conseguia sentir nem um pouco de raiva dela. Ao contrário, seu ar desprotegido dava-lhe uma vontade enorme de abraçá-la, sentir de novo o cheiro de seus cabelos, o gosto de sua boca. Mas ele sabia que não podia fazer isso. "Ela veio aqui à procura de Vinícius", lembrou-lhe de novo seu lado racional.

Ainda estavam os dois parados, um diante do outro, cada qual travando sua batalha íntima, quando subitamente foram surpreendidos pela música alta vinda de algum apartamento vizinho. Era um sucesso da dupla Sandy e Júnior que falava exatamente do coração disparado de alguém apaixonado. "Turu, turu, turu", dizia a canção. "*Esse turu, turu, turu aqui dentro/ Que faz turu, turu quando você passa / Meu olhar decora cada movimento/ Até seu sorriso me deixa sem graça...*

- Puxa, eu adoro esta música... - confessou Aline sem-graça.

- Só pode ter sido o Ivan... - deduziu Vítor.

- Quem?

- Um amigo meu do primeiro andar. Ele adora Sandy e Júnior - explicou Vítor.

- Tu não gostas?

- E... mais ou menos - disse ele, angustiado com aquela letra que parecia entregar todos os seus sentimentos. - Na verdade eu gosto muito das reportagens que leio sobre eles, acho legal o que eles dizem. Mas... senta! Você quer uma água, um café? - perguntou, sem saber o que dizer, repetindo as palavras que sempre ouvia da mãe quando chegava uma visita.

Aline sentou-se, tímida, na pontinha do sofá, e ficou olhando para ele. A música parou. Parecia que o vizinho só quisera mesmo ouvir aquela faixa com o intuito de provocá-los. Ainda assim, alguns versos da canção ainda ecoavam dentro dela: "Qualquer coisa entre nós/ Vem crescendo pouco a pouco/ E já não nos deixa sós/ Isso vai nos deixar loucos".

- Estou até hoje esperando o café que tu fostes buscar para mim naquela festa... - ela deixou escapar.

- Eu... - Vítor abaixou a cabeça envergonhado. - Nem sei como te dizer, mas... ei! Não fique assim! - só então ele percebeu que ela estava chorando e agachou-se a seu lado. - Puxa, me desculpe, eu...

- Liga não... E que eu hoje estou um pouco triste... Tu me desculpes... Constrangida, Aline não conseguia conter as próprias lágrimas. Era

como se a lembrança daquela cena no escritório houvesse trazido à tona todos os seus medos e esperanças frustradas. "Se naquele dia ele tivesse voltado com o café, eu certamente não estaria aqui agora, nesta situação", pensava desconsolada. "Mas, também, que culpa ele tem por eu ser uma boba irresponsável? A culpa toda foi minha, ele não tem nada a ver com isso", convenceu-se, ressentida com ela mesma.

- Eu queria ter voltado! - ele conseguiu finalmente dizer. - Você pode até não acreditar, mas..

-Tu não precisas ficar me dando explicações. Eu é que te peço desculpas - ela repetiu, levantando-se de repente e enxugando as lágrimas.

- É que hoje... - ela tocou novamente na barriga olhando fixamente em seus olhos - É que hoje eu realmente não estou legal! - desconversou.

Nisso, Oto, que vinha lá de dentro curioso com aquela voz diferente que ouvia na casa pela primeira vez, estancou assustado. Ao encontrar-se com os olhos de Aline sentiu como se uma energia diferente o envolvesse, chegou mesmo a ficar com vontade de chorar.

- Eu conheço essa pessoa... Quem é essa pessoa? - ele foi lentamente se aproximando.

A poucos passos de Aline, porém, foi detido por Pablo, que só então se fez visível a seus olhos.

- Irmão Pablo! - Oto recuou assustado.

- Não se assuste, não vim para capturá-lo. Só pediria que não se aproximasse demais da jovem.

- Quem é ela? Eu sei que a conheço! - ele afirmou confuso, sentindo seus olhos se encherem novamente de lágrimas.

- Sim, você a conhece. Mas imagino que esteja assim não propriamente por causa dela...

Ao ouvir isso, Oto olhou novamente para Aline e percebeu que Odilie estava ao lado da moça. Parecia uma boneca em miniatura, ligada ao ventre de Aline por tênue fio prateado.

- E Odilie! - exclamou ainda mais emocionado. - Por que as duas estão assim ligadas? Por que ela não me vê?

- Ela encontra-se numa outra sintonia. No momento, está por demais preocupada com os pensamentos da mãe, não consegue captar nenhuma outra vibração no ambiente - explicou Pablo.

- Mãe? - ele repetiu assustado. - Então quer dizer que...

- Sim, Odilie já se encontra ligada a esta jovem, o processo, aliás, deve ser concluído nos próximos dias. Por isso pedi que se mantivesse afastado - Pablo voltou a esclarecer. - Não seria bom para ela, neste momento, deixar-se envolver por suas vibrações, reviver emoções que luta para manter sepultadas no passado...

-Você está pálida... Sente-se mais um pouco - pediu Vítor. - Naquele dia você tentou me ajudar e conseguiu, hoje sou eu quem...

- Não adianta, ninguém pode me ajudar! - interrompeu Aline, sem conseguir parar de chorar.

- Me deixa ao menos tentar! - ele pediu, aproximando-se e enxugando carinhosamente as lágrimas de seu rosto.

Era estranho. Ele sentia por ela uma ternura tão profunda, um amor tão gratuito... "Será que ela também faz parte do meu passado?", ele cogitou, sem querer lembrando-se de sua experiência regressiva. Corno que atraídos por algum magnetismo invisível, os dois ficaram outra vez muito próximos. Sentindo-se cada vez mais irresistivelmente atraído por ela, Vítor já se inclinava para beijá-la, quando Oto gritou:

- Ei! Você não pode fazer isso!

Pablo novamente o conteve, mantendo-o à razoável distância dos dois.

- Não faça isso! - Aline, porém, disse quase ao mesmo tempo, sob o olhar surpreso de Odilie, que parecia desejar aquele beijo tanto quanto ela.

- E por que não? - disse Vítor, olhando no fundo de seus olhos.

- Eu... eu... eu estou grávida! - ela confessou num rompante, quase como que hipnotizada pelos olhos dele.

- Grávida? - Vítor deu um passo para trás e ficou encarando-a estupefato. "E se aquele filho fosse dele?", foi a primeira coisa que lhe passou pela cabeça. Embora não houvesse tido coragem de admitir isso ainda para Olívia, ficara com uma dúvida muito forte a esse respeito depois de reviver aquela experiência passada. Mas como é que ele ia explicar isso agora para Aline? Se ao menos conseguisse se lembrar o que, de fato, havia acontecido com ele depois que Aline e Vinícius entraram no quarto naquela noite...

Todavia, por mais que se esforçasse, não conseguia achar resposta para suas incertezas. Era corno se seu cérebro houvesse mastigado aquele minúsculo pedaço de fita, onde estavam gravadas as imagens de como ele conseguira ter acesso à cena do irmão violentando a garota.

- Eu e minha boca enorme! - Aline estalou nervosamente os dedos das mãos. - Escute! Me faças um favor. Pelo amor de Deus, esqueças tudo o que acabei de falar e...

- Como assim esquecer? - Vítor voltou a se aproximar, morrendo de vontade de fazer um carinho em seus cabelos.

- Esquecendo, ora essa. Tu faças de conta que eu jamais vim aqui, que eu jamais te disse isso! - insistiu Aline.

- O filho é de Vinícius? Foi por isso que você veio até aqui? - deduziu o rapaz.

- Não, na verdade...

Os dois se encararam por mais alguns instantes. Aline não sabia por que, mas não conseguia mentir para ele. Era como se aqueles olhos profundos conhecessem todos os seus segredos.

acho que sim! Não pode ser de outra pessoa! Eu nunca estive antes com urna outra pessoa... - as lágrimas começaram a rolar novamente em seu rosto. - Mas acho melhor tu não dizeres nada a ele. Sim, eu não quero que ele saiba... Jamais deveria ter vindo até aqui... Eu tenho que parar com essa mania de agir por impulsos...

- Você não acha que... - Vítor tentou dizer, ainda perplexo.

- Pelo amor de Deus, tu me prometas - ela pediu, segurando fortemente as mãos dele.

- Mas... - ele ainda tentou argumentar.

- Prometas que não vai dizer nada a ele... Por favor, em nome dessa coisa que eu sei que tu também sentes por mim... - ela o encarou novamente no fundo dos olhos. - Eu estou te pedindo...

- Está bem, eu prometo... - Vítor não pôde resistir.

- Ele não pode saber de nada... - ela repetiu. - Eu tenho que resolver isso sozinha...

- Espere! - exclamou Oto, ainda mais assustado, como que finalmente reconhecendo algo na frase que acabara de ser dita por Aline. - Eu já ouvi isso antes! Ela é... - de tão espantado, não conseguiu terminar a frase.

- Sim, ela é o mesmo espírito que se dispôs a receber você e Odilie em sua última tentativa frustrada de reencarnação - confirmou Pablo.

- Ela nos abortou! - Oto imediatamente ligou os fatos, chorando agora como um criança.

- E verdade. Entretanto, tocada de sincero arrependimento no plano espiritual, ela implorou por esta chance que agora está tendo. Pediu para reencarnar e engravidar tão logo seu aparelho reprodutivo tivesse condições de receber uma criança.

- Mas então ele precisa imediatamente ser afastado de sua presença!

- Oto apontou desesperado para Vítor, já preparando-se para pular sobre ele. — Ele não vai deixar esta criança nascer, do mesmo jeito como...

- Você está enganado - Pablo mais uma vez o deteve, irradiando desta vez uma espécie de escudo luminoso em torno de Vítor e Aline, cuja intensa vibração repeliu Oto para longe, fazendo com que caísse estatelado do outro lado da sala. - Ele é a única pessoa que pode ajudá-la!

- destacou o mentor, enquanto ajudava Oto a levantar-se.

Ainda atônitos, Vítor e Aline, se despediam na porta.

- Então... então a gente se fala - ele disse, olhando para ela com muita vontade de implorar para que não fosse.

-Tá... - ela respondeu sem muita convicção. - A gente se fala...

- Por que a barriga dela parece envolta por uma teia de raízes escuras? - estranhou Oto, ainda observando-a assustado. - E por que Odilie está chorando a seu lado?

- Porque ela, infelizmente, já pensa em outra vez recorrer ao aborto para resolver seus problemas - explicou Pablo, triste.

- Eu tinha certeza disso! Eu sabia! - ele desabafou nervoso. - E você acha que ele, justamente ele, vai fazer algo para ajudá-las? - questionou, incrédulo, apontando para Vítor com desdém.

Parado na porta do apartamento, o rapaz olhava desolado para Aline, enquanto ela, de costas para ele, enxugava suas lágrimas à espera do elevador.

- Como disse, ele é a única pessoa que pode ajudá-las - repetiu Pablo, antes de entrar no elevador junto com Aline.

LV

Uma semana depois, vendo que Aline não voltara a procurar Vítor e este, cada vez mais atormentado por suas dúvidas, nunca que tomava coragem para ligar para ela, Oto tomou uma decisão:

- Preciso fazer alguma coisa por Odilie!

Movido por esta firme convicção, seguiu para o apartamento de Faustino, disposto a pedir ajuda a Lupércio.

- Ora, ora! Quem desencarna não morre e quem é vivo sempre aparece! - debochou o obsessor do médico. - Vejo que não voltou muito bem disposto de sua temporada de férias na colônia dos bons!

- Não seja irônico, Lupércio. Você sabe muito bem que não fui para lá por minha própria vontade ! - argumentou Oto.

- No entanto, desde que chegou não teve a hombridade de vir até aqui se apresentar para o serviço! E isso que eu ganho por ser legal com as pessoas. Ajudei você, mantive minha palavra enquanto você se refestelava entre os bons...- Lupércio prosseguiu debochado.

- Escute, eu não... - tentou dizer Oto.

- E ainda se deu ao luxo de permitir que três de nossos melhores homens fossem capturados pelos exércitos da luz! - Lupércio berrou zangado. - O que é que você quer agora? Devia se dar por satisfeito por eu ter permitido que continuasse sozinho a sua vingança particular! O certo seria tê-lo feito prisioneiro por incompetência e insubordinação!

Os dois conversavam diante da porta do apartamento que, embora parecesse fechada a olhos comuns, encontrava-se aberta na dimensão dos desencarnados. Lupércio já se preparava para bater a porta na cara de Oto, quando este o segurou fortemente pelo pulso:

- Por favor, me ajude! Alguém que me é muito querido encontra-se prestes a ser abortado! - ele explicou com olhos súplices.

- O caso envolve o nosso doutor? - Lupércio interessou-se.

- Não exatamente. Não sei ainda quando acontecerá a tragédia ou pelas mãos de quem, mas sinto, uma voz aqui dentro me diz que será inevitável - Oto desabafou preocupado.

-Só posso lhe dizer uma coisa. Se a amblose cair nas mãos de Faustino - como resquício de seus tempos de enfermeiro, Lupércio sempre gostava de usar termos médicos, - terei muito prazer em ajudar. Do contrário, o problema é seu. Meu objetivo é prejudicar aquele cretino e não integrar uma caravana contra o aborto! - ele avisou, antes de bater finalmente a porta.

Oto saiu dali desconcertado e sentou-se na escada para meditar. A quem pediria ajuda? Em todo o tempo que passara fora da colônia, ele não travara novas amizades. Conhecia apenas Lupércio e os demais integrantes do bando que haviam fugido da colônia na mesma época que ele. Se ao menos Yuron, Bertillo e Constanza não o houvessem abandonado... O fato, porém, é que agora não podia contar com mais ninguém.

"O que faria então?", ele se torturava tentando encontrar uma solução. Seria mais eficiente convencer Aline a ir fazer seu aborto com Faustino, para que Lupércio e seu antigo bando a demovessem da idéia, ou fazia ele mesmo este papel, insuflando-lhe idéias para que desistisse de seu intento? Mas e se Pablo continuasse impedindo que se aproximasse da moça? Será que conseguiria impedir um bando inteiro de aproximar-se da moça? E se Lupércio, mesmo empregando todo o bando nesta tarefa, não conseguisse demovê-la da idéia?

Estava tão concentrado em suas reflexões que nem percebeu quando Têmis e Aretusa dele se aproximaram. Aretusa havia acabado de chegar do espaço para a rápida excursão de visita à neta que lhe (ora autorizada pelo irmão Guilhôme, quando Têmis, ouvindo de longe os pensamentos de Oto, a quem vivia permanentemente ligada na expectativa de um próximo resgate, a arrastou até o local onde este havia se isolado:

- Se o seu objetivo é evitar um mal, por que não unir-se a nós, que lutamos pelo mesmo propósito? - ela se aproximou, meiga, fazendo-se visível a seus olhos.

- Irmã Têmis! Irmã Aretusa! - ele tomou um susto.

- Não tema. Viemos em missão de paz! - anunciou Têmis.

- Então não vieram me pegar? - ele olhou envergonhado para Aretusa.

- Não - garantiu Têmis. - Neste momento, nossa principal meta é evitar que Odilie fracasse em sua nova tentativa de reencarne.

- Quer dizer então que vou poder ajudá-los? - alegrou-se Oto.

- Sim, desde que respeite o comando de nossos mentores maiores, agindo com a necessária cautela que pede a situação - Têmis deixou claro.

- E a senhora garante que, uma vez atingida a meta, vocês não irão me obrigar a voltar para a colônia? - ele tentou assegurar-se.

- A menos que seja essa a sua vontade - garantiu a generosa benfeitora.

- Se é assim, então eu aceito! Quando iremos começar?

Pouco tempo depois, os três adentravam, na companhia de Pablo c Demóstenes, o escritório de Lucila, onde Aline preparava-se para seu primeiro teste na nova escola. Embora o quarto fosse agora ocupado por Rafael, Aline gostava de passar suas tardes ali, estudando ou fazendo seus deveres de casa. Ainda angustiada com a gravidez recém-descoberta, ela experimentava incrível dificuldade em se concentrar no livro de física aberto a sua frente. Ligada a ela por tênue fio brilhante, que a conduzia ao ventre de Aline, Odilie partilhava-lhe o doloroso estado de apreensão e expectativa.

- Droga! Eu não consigo aprender isto! Não adianta! - protestou, abrindo a gaveta com violência, pronta para atirar o livro lá dentro. De-teve-sc, pasma, porém, ao notar o maço de dólares que com o tranco emergiu do fundo da gaveta.

Tocou o dinheiro ressabiada, como quem toca em algo proibido, c contou pausadamente as notas. Havia exatamente mil dólares novinhos, em notas de cem.

- Isso só pode ser da tia Lucila... - deduziu de imediato, ainda desnorteada com a descoberta. - Será que ela esqueceu? Será que alguém sabe que este dinheiro...

Aline emudeceu, tomada pela rapidez dos próprios pensamentos. "E se eu conseguisse o endereço daquele tal médico de abortos?", meditava Aline, rabiscando a esmo a folha que tinha diante de si. Completamente esquecida das convicções que a animavam quando ainda vivia em Florianópolis, não conseguia parar de lembrar-se da conversa que ouvira, por acaso, no banheiro da escola, entre duas colegas de classe. "A Latira comentou que o consultório só tem aparelhos de última geração... Disse que tudo é feito no mais absoluto sigilo... A pessoa sai de lá como se houvesse apenas arrancado um dente...", ela ouviu de novo a voz da colega em suas lembranças.

"Será que eu pergunto para ela onde fica esse tal médico?", questionou-se mais uma vez. "Mas como é que eu vou perguntar isso sem que ninguém desconfie de nada? Será que ela vai ficar chateada quando souber que ouvi sem querer sua conversa com a Verônica, quando eu estava no banheiro? Não... - ela olhou para o maço de notas em suas mãos. "E muita grana... E se alguém descobrir que eu peguei este dinheiro? Será que é suficiente para fazer um desmancho?"

- Por favor, não faça isso! - Odilie, desesperada, pedia-lhe em pensamentos, sob o olhar não menos afoito de Oto. - Eu quero tanto ser a sua filhinha... Prometo que vou fazer de tudo para jamais decepcioná-la! Por favor, não me negue esta chance! Não me mate!

- Precisamos fazer alguma coisa! - suplicou Aretusa, olhando para Demóstenes.

Antes que Oto e Aretusa entrassem em desequilíbrio, Têmis tomou-lhes as mãos e fez um sinal com os olhos para que entrassem em prece. Enquanto isso, Demóstenes ativava no cérebro de Aline a imagem do bebê rechonchudo que ela havia visto na praça quando voltava para casa após as aulas. Aline reviu-o em suas lembranças e sentiu seu coração apertar.

- Que gracinha! Como é o nome dele? - recordou-se de si mesma perguntando à babá.

- Igor! - respondeu a moça, limpando a boquinha do neném com uma fralda. - Ontem ele completou quatro meses. Veja, já está nascendo o primeiro dentinho. Por isso ele não para de babar!

Aline encostou a mão no coração e ficou pensando que rosto teria seu nenezinho. Será que podia entender tudo o que ela pensava?

- Sim, eu te escuto! - respondeu Odilie. - Posso compreendei tudo o que sente, sinto tudo junto com você! Queria tanto poder estar agora em seus braços...

Emocionados, Oto e Aretusa começaram a chorar diante da cena que acabavam de presenciar.

- Por favor, meus irmãos, recomponham-se! Procurem manter os pensamentos elevados! - pediu Demóstenes. - É necessário que enviemos a elas nossas mais puras vibrações de amor a fim de que se fortaleçam!

Aproveitando a brecha oferecida por Aline, Pablo, que passara a noite vasculhando os livros pediátricos de Lucila que ainda continuavam no escritório, aproximou-se então da jovem, fazendo com que sentisse uma vontade irresistível de abrir o livro vermelho de capa dura que estava na prateleira a sua frente. Sem nenhuma noção de onde vinha a própria curiosidade, ela então tomou o livro nas mãos e o abriu ao acaso. Para sua surpresa, lá dentro havia três folhas de xerox colorido grampeadas, com fotos de fetos dentro do útero materno. Falavam justamente sobre o desenvolvimento do cérebro do bebê em gestação. Admirada com sua 'casual descoberta', Aline foi direto ao parágrafo que Lucila havia destacado com caneta amarela fosforescente:

"O ser-humano é corpo e ao mesmo tempo mente, consciência. Podemos dizer que as células que formam o embrião, o feto c o bebê possuem uma espécie de mente rudimentar, na qual se observa a atuação de uma memória biológica, pois estas células foram programadas para 'lembrar' como formar os braços, as pernas, o sexo, uma mão, um pé. E quase como se houvesse um programa de computador em cada uma destas células, comandando a formação do futuro ser. Com oito semanas de gestação, o sistema nervoso central compreende vinte e cinco por cento do peso do bebê, sendo que, a partir de doze semanas, o feto já reage a estímulos sonoros. Os mais sensíveis apresentam taquicardia quando se toca uma corneta perto da barriga da mãe. Nesse período, sabe-se ainda que o sistema nervoso central já está bem formado e precisa de tempos de vigília e de sono dentro do útero".

Chocada, ela levou as duas mãos ao útero e começou a fazer mentalmente as contas de quantas semanas tinha seu bebê. "Ele tem quase um mês", disse a si própria, "mais precisamente, 29 dias... Será que já percebe alguma coisa? Será que tem consciência de que eu penso em abortá-lo?" Sua atenção, contudo, foi nesse momento atraída para o outro trecho marcado por Lucila, desta vez com caneta laranja fosforescente.

Neste trecho, um médico falava sobre experiências práticas que comprovavam a existência de uma memória fetal:

"Há casos muito complicados e tristes, como um com o qual me deparei certo dia numa maternidade pública: o bebê, nascido com trinta e sete semanas de gestação, tinha um estranho defeito ósseo que ninguém conseguia identificar, até que se checou com a mãe a história da gravidez e descobriu-se que ela tentara várias vezes abortá-lo. A posição que estavam os ossos era de uma pessoa que se defende de uma agressão, postando-se no fundo do útero".

Assustada com o que acabara de ler, Aline recolocou o dinheiro na gaveta. Depois, fechou a reportagem dentro do livro e, abraçando-o fortemente contra o peito, deixou que lágrimas abundantes lhe escorressem da face.

-Ai, meu Deus... Nessas horas eu sinto tanta falta da minha avó... -ela disse, fungando, ainda apertando o livro contra o peito. - O que será que ela me diria se fosse viva? Será que também iria me odiar pelo que eu fiz? Será que iria entender que eu não tive culpa?

A um sinal afirmativo de Demóstenes, Aretusa então aproximou-se da neta e de Odilie e enlaçou as duas num só abraço, dado com toda a sua ternura, enquanto Oto e os demais espíritos concentravam-se com o intuito de envolvê-las em uma aura positiva de paz e esperança.

- Eu entendo você, minha querida. Eu estou aqui e entendo você.!. - a avó, emocionada, sussurrou aos ouvidos espirituais da neta. - Não mate seu filho... E isso o que eu diria a você se pudesse estar ainda a seu lado como antes... Embora distantes, estamos unidas pelos laços do coração... - ela finalizou, inspirada pelas energias que lhe eram dirigidas pelo grupo de espíritos ali presentes.

Sentindo-se reconfortada por suas palavras, ainda que não pudesse ouvi-las textualmente com seus ouvidos carnais, Aline foi tomada por uma profunda sonolência e adormeceu, juntamente com Odilie, em cima da escrivaninha, ainda abraçada ao livro de Lucila. Enquanto isso, Florence voltava da rua com Paloma, Noêmia, Rafael e Clarinha. Vinham do shopping, onde tinham ido fazer algumas pequenas compras.

- Eu posso vê-los? - pediu Aretusa.

Têmis, Demóstenes e Pablo trocaram um olhar em silêncio.

- Pode - Demóstenes autorizou por fim- - Mas tome cuidado com suas emoções!

- E quanto a mim? - Oto perguntou num fio de voz. Sentia-se fundamente envergonhado diante daquelas entidades.

- Volte para o lado de Vítor e tente convencê-lo a entrar em contato com /Mine - determinou Demóstenes, depois de pensar por alguns instantes.

Enquanto isso, na sala, Rafael parava ao lado do retrato da avó que ficava na estante, tomado por um estranho sentimento de melancolia.

- O que houve, Rafael? Você ficou quieto de repente! - observou Clarinha.

- Sei lá... De repente senti uma saudade tão grande da minha avó...

- ele respondeu, captando no ar a presença de Aretusa.

- Fica assim não... Eu também fico triste sempre que lembro do meu irmão... Espera aí que eu já volto!

Ela dirigiu-se à cozinha, onde Florence e Paloma preparavam um café para Noêmia. Florence estava radiante, Moneda voltava da Espanha no dia seguinte.

-Ah, tu não achas que exagerei comprando aquele vestido vermelho?

- Florence perguntou a Paloma, enquanto escaldava o coador de pano.

Noêmia só tomava café feito com coador de pano, e este tinha de ser sempre muito bem escaldado, senão ela dizia que estava com gosto de sapo.

- É claro que não. Flor! Você ficou linda com ele! De mais a mais, vermelho é uma cor super energética. Dá iniciativa, força de vontade, necessidade de conquista c vitória, e, ainda por cima... - ela aproximou-se devagarinho sem que a prima percebesse. - Estimula a ação! -disse surpreendendo-a.

- Ai, Paloma! Quase que tu me queimas! - disse Florence, soltando sem querer o coador na pia.

- Desse jeito o café não pode prestar! - reclamou Noêmia, ranzinza.

- Onde já se viu deixar cair o coador na pia?! Vai ter que escaldar de novo!

- Florence, não tem aí um daqueles chocolatinhos que o Rafael gosta? - Clarinha chegou correndo.

- Mas isso lá é hora de comer chocolatinho, dona Clarinha? - ralhou Florence, maternal. - Tu e ele não acabaram de tomar um baita de um sorvete no shopping?

- É que ele ficou triste de repente, pensei que um chocolatinho poderia animá-lo... - explicou a menina, solícita.

- Só um chocolatinho, o que é que tem? - atalhou Paloma, já pegando a caixa de chocolates no armário. - Toma, um para ele c outro para você! - disse entregando duas barrinhas a Clarinha.

- Eu não vou querer chocolate não, quero café puro! - Noêmia foi logo avisando. - Essas meninas têm cada uma! Coar chocolate no coador de café, era só o que faltava!

Antes que Paloma pudesse responder algum., coisa, porém. a cozinha foi tomada pelo grito de pavor que Rafael deu na sala.

LVI

Florence, Paloma e Clarinha vieram o mais depressa possível. Rafael estava agachado atrás de uma poltrona, com a cabeça escondida entre os braços, morrendo de medo.

- O que foi meu filho? Parece até que viu assombração!

- E a vó, mãe! Ela tá em pé bem aí ao lado da estante! - ele apontou, sem coragem de levantar a cabeça.

-Ah, Rafael! Tens tempo! Não tens mais o que inventar? - Florence duvidou. - Não tem ninguém aqui do lado da estante!

- Vai ver foi porque ele viu o retrato da tia Aretusa - disse Paloma, virando o retrato para a parede.

- E, ele ficou todo triste por causa do retrato! - reforçou Clarinha.

- Eu juro, por tudo quanto é mais sagrado! - ainda agachado no chão, ele beijou os dedos cruzados.

- Pára com isso, Rafael! - zangou Florence. - Não vês que não tem graça!

- É sério, mãe! Ela tava aqui ainda agorinha, levei um susto tão grande que... - ele olhou para o chão molhado, envergonhado de terminar a frase.

Florence olhou para a poça que se formara em torno do filho e só então reconheceu que ele não estava brincando. "Ai, meu Deus, vai começar tudo de novo!", ela pensou levando as mãos à cabeça, enquanto ia até a cozinha para buscar um pano. Nos últimos meses em que viveram em Florianópolis, andava mesmo preocupada com essa mania que Rafael tinha de viver vendo gente que já morreu. Ela achava que era coisa da cabeça dele, provavelmente por influência do povo de lá, que era cheio de crendices e misticismos. Recentemente, lhe viera com uma história de que vira seu Gentil no dia em que o pobre homem morreu e, ainda por cima, mandando recado para ela. Obviamente, Florence não lhe deu muita atenção, sequer guardou o recado que o filho lhe transmitiu.

- Olha aqui, Rafael, vou te dizer uma coisa pra ti! Se não parares com essa mania, eu vou ter que te levar a um psiquiatra! - Florence ameaçou, enquanto limpava o chão aborrecida.

O menino, contudo, continuava agachado no mesmo lugar.

- Peraí, Florence, calma! Vai ver ele tem mesmo o dom de ver espíritos! - argumentou Paloma.

- Que dom, Paloma! Isso é coisa daqueles meninos lá de Florianópolis, que vivem vendo coisa onde não existe. Lá todo mundo já cresce educado deste jeito! É história de bruxa, alma penada, boitatá...

-Tu nunca acreditas no que eu falo, não é mãe? - Rafael ficou sentido. - E você acha que eu por acaso gosto de ver essas coisas?

- Mas você viu a sua avó como? - quis saber Paloma. - Ela disse algo?

- Eu tava lembrando dela, de repente eu senti um arrepio; quando olhei para o lado, e ela estava lá, empezinha do meu lado, fazendo carinho na minha cabeça. E fiquei tão assustado que abri a boca e a voz não saiu!

- Como não saiu se eu ouvi lá da cozinha quando tu gritastes? - duvidou Florence.

- Eu gritei, mas foi depois! - ele disse.

- E o que foi que ela disse? - Paloma estava curiosa.

- Ela só disse: "Cuida da tua irmã, Rafael! Cuida bem das duas por mim!"

- Que duas? - estranhou Clarinha.

- Acho que devia estar falando da mamãe - ele imaginou. - Daí eu fiquei tão nervoso que me joguei atrás dessa poltrona. Foi então que eu gritei...

- Ali, Rafael, vá trocar esta roupa, vá! - desconversou Florence. -Ai! - ele gemeu ao levantar-se.

- Que foi agora, Rafael?

- Eu tô embrulhado... E também com um pouco de tonteira...

- Eu avisei que esse negócio de café com chocolate não dava certo! -atalhou Noêmia, que vinha lá de dentro ainda mastigando um pedaço de pão. - A pessoa até vê coisas se come estas bobagens!

- Deve ter sido do sorvete! - deduziu Florence. - Vamos. Vamos até lá dentro que eu vou te dar um antiácido.

- Leva ele lá para o nosso quarto que a Aline cochilou no escritório. Tadinha, deve ter ficado cansada de tanto estudar - avisou Paloma.

Enquanto Florence acudia Rafael, ela tinha corrido para ver se o quarto estava arrumado, a fim de que a prima não brigasse novamente com o menino.

-Tu ficas lá dentro comigo, mãe? Não quero licar sozinho - ele pediu.

- Eu te faço companhia - ofereceu Clarinha, solícita. Enquanto isso, no escritório onde Aline dormia, Aretusa chorava abraçada a Demóstenes:

- Eu não fiz por mal, juro que não fiz por mal!

- Fique calma, minha irmã. Eu é que não me lembrei do problema da mediunidade de Rafael, quando autorizei que fosse até a sala.

- Mas por que ele me viu? Isso nunca havia acontecido antes comigo! -ela ainda chorava nervosa. Temia ter causado algum tipo de dano ao neto.

- Como te expliquei da vez em que estivemos em Florianópolis no Natal, seu neto está vivendo o desabrochar de sua faculdade mediúnica. Ele tem mediunidade ostensiva, que, ao que tudo indica, se manifesta através da vidência. Como você desejava muito que ele pudesse vê-la e ele naquele momento desejava a mesma coisa, embora sem acreditar que isto pudesse acontecer, vocês novamente entraram em sintonia, criando uma predisposição para que ele enxergasse seu corpo perispiritual.

- Eu desejei que ele me visse, é verdade... Queria muito pedir que ele tivesse mais paciência com Aline, que cuidasse bem da irmã... - ela reconheceu.

- E por pouco não acaba falando o que não devia! - alertou Pablo. -Tem razão... Por sorte eu não cheguei a mencionar o bebê...

- Não devemos antecipar os fatos desnecessariamente - lembrou Têmis.

- Só não pensei que ele fosse ficar com tanto medo! - disse Aretusa, outra vez com os olhos rasos d'água. - Pobrezinho... Pior é que ninguém acredita nele... Será que não há nada que possamos fazer para ajudá-lo? Se ele possui essa faculdade, precisa aprender a lidar melhor com ela!

- Vamos ver o que é possível fazer - prometeu Demóstenes. - Por hora, no entanto, faça o favor de ficar bem afastada de seu neto!

Horas mais tarde, depois que Noêmia e as crianças foram dormir, Florence retomou o assunto com Paloma.

- Estou preocupada... Tu achas que o Rafael vê mesmo essas coisas?

- Claro que sim! - respondeu Paloma, intuída por Demóstenes. -Isso é muito comum. Seu filho é um médium.

- Eu te confesso que não entendo nada dessas coisas. O que é um médium?

- Mediunidade é a capacidade que a pessoa tem de se comunicar com os seres que já passaram para o outro lado da vida. Já ouvi dizer que todos nós somos médiuns, em alguma medida. Alguns sentem apenas irr-tuições, inspirações, palpites, urna dorzinha de cabeça quando entram em algum lugar muito carregado. Outros, porém, tem a coisa mais aflorada. Há os que ouvem vozes, os que escrevem mensagens, os que prevêem acontecimentos futuros e até mesmo os que são capazes de materializar espíritos. Sabe uma ótima pessoa para conversar sobre isto com você? -Paloma se lembrou de repente, ainda intuída por Demóstenes. - A Ceny-ra. Ela segue a doutrina kardecista, entende tudo de espiritismo!

-Ai, será que ela ainda está acordada a esta hora? - perguntou Florence, sentindo muita vontade de ouvir o que Cenyra tinha a dizer.

- Só um instantinho que eu vou ligar para ela! - disse Paloma, já discando o telefone.

Em poucos instantes, as duas chegavam à casa de Cenyra. Ela estava sozinha na sala com sua imensa tapeçaria inacabada. Luís Paulo ainda não voltara do trabalho, Vinícius e Chuva assistiam a um filme lá dentro, Vítor, como sempre, estava trancado em seu quarto.

- Vocês não reparem a bagunça. Eu estava escolhendo algumas linhas para refazer a parte do desenho que acabei de desmanchar - ela explicou, recolhendo os novelos espalhados sobre o sofá e também alguns pedaços de fotos que ela havia acabado de colar..

- Você ainda não terminou essa tapeçaria? - admirou-se Paloma. -Mas você sempre foi tão rápida, eu me lembro que em dezembro elajá estava quase pronta! - ela esticou os olhos para verificar o andamento do trabalho. - Cenyra! Você desmanchou tudo! - ela admirou-se ainda mais.

- Desde que o Vítor começou com esta doença, eu nunca mais consegui me entender com este desenho. Primeiro achei que estava vivo demais, então tirei todos os tons alaranjados e substituí por cores mais frias. Depois achei que estava frio demais e comecei a substituir alguns azuis por cor-de-rosa... Mas aí não gostei do tom e desmanchei tudo de novo -ela explicou, olhando para os poucos pontos que havia refeito na tela.

- Que curioso, a sensação que me dá é que tu ficas procurando uma cor para consertar a vida que levas do lado de fora da tapeçaria - observou Florence.

- Sabe que você tem razão? Para ser sincera, cada vez que o Vítor tem uma crise mais grave, eu fico tão angustiada que desmancho tudo. Só nestes últimos dias, quando ele pareceu melhorar um pouco, eu consegui recomeçar o trabalho.

Florence ficou um tempo olhando para Cenyra, sensibilizada com a ansiedade que ela parecia exüavasar naquela tapeçaria. Não tinha podido reparar da primeira vez em que haviam estado juntas, na festa de Jaqueli-ne, mas era uma mulher doce, cuja beleza interior parecia estampada nos traços sofridos e delicados e até mesmo nas cores daquele pedaço de desenho que começava novamente a se delinear na tela. Assim como aquele esboço de imagem, Cenyra trazia em si a essência de uma mulher atraente, de fala pausada e sincera. Os cabelos curtos e louros davam-lhe um aspecto jovial. Mas ainda assim dava para perceber que era uma mulher que há muito vinha passando por momentos difíceis.

-Você me lembra Penélope, a mulher do Ulisses da mitologia grega. Quando o marido foi para a guerra de Tróia, vários homens começaram a cortejá-la, alegando que Ulisses jamais voltaria. Diz o mito que esses pretendentes instalaram-se todos no palácio do herói, esbanjando os bens do marido ausente e pressionando a mulher a decidir-se por um deles. Querendo fugir à decisão, ela então imaginou um ardil, dizendo aos pretendentes que quando acabasse de tecer a mortalha de Laerte, o pai de Ulisses, faria sua escolha. Só que ela desfazia de noite o que tecia de dia, e assim o trabalho não avançava. Com isso conseguiu enrolá-los por vinte anos, até que o marido voltasse - lembrou Paloma.

-Você e o Luís Paulo com essa mania de mitologia... - sorriu Cenyra, retomando seus pontos. - Só espero que não demore vinte anos até que Vítor fique curado - ela limpou uma lágrima que instantaneamente brotou-lhe no canto do olho.

- Mas, afinal, que desenho tu estás bordando? - Florence perguntou curiosa.

- E uma família de cactos diante de um oásis no deserto - ela esticou a tela para que Florence pudesse ver o traçado. - Veja só, este aqui parece até uma flor... Na minha cabeça ele simboliza a mãe...

- E este aqui, mais altivo e espinhoso, deve ser o pai - deduziu Paloma.

- Sabe que eu também o achei com cara de pai? - ela sorriu de novo. - Eu gosto muito de cactos. Eles representam a perseverança... Mas certamente não foi para falar sobre cactos que vocês vieram até aqui! — ela prendeu a agulha no pano e virou-se disposta a ouvi-las.

- Não, não foi - admitiu Florence. - Paloma me trouxe porque também estou muito preocupada com meu filho...

Ela então narrou-lhe rapidamente tudo o que vinha acontecendo com Rafael nos últimos meses. As visões, os avisos, o desespero do garoto cada vez que algo de incomum acontecia, sua dificuldade em acreditar no que o filho lhe narrava, as explicações de Paloma.

- Paloma não está errada. Pelo que está me dizendo, seu filho necessita urgentemente procurar um centro espírita - avaliou Cenyra. -Quando este tipo de mediunidade aparece numa pessoa, é preciso que ela se instrua para que possa se relacionar com isso de uma maneira saudável. O próprio Chico Xavier sofreu muito até aprender a lidar com sua mediunidade. Não adianta a gente fingir que o fenômeno não existe. Ele não deixa de existir simplesmente porque a gente não quer que ele exista. Quando ele se manifesta de uma maneira ostensiva, como está acontecendo com seu filho, é porque ele precisa ser trabalhado.

-A pessoa precisa aprender a se cercar de boas energias, a se sintonizar com bons espíritos, senão acaba servindo de canal para todo e qualquer espírito se manifestar, gerando sérios desequilíbrios - complementou Paloma.

- E como é que a pessoa faz para trabalhar sua mediunidade? - Florence queria entender.

- Escutem, amanhã é dia de sessão pública no centro que costumo frequentar, é uma reunião de estudos muito interessante. Há tempos que eu estava querendo voltar a participar. Agora que o Vítor parece estar mais calmo e que o Vinícius fica em casa o tempo todo, vocês não gostariam de ir comigo? Se não me engano, no mesmo horário funciona uma escolinha de evangelização para crianças e pré-adolescentes. O Rafael poderia ir conosco!

- Eu aceito - Florence concordou de imediato. - Há muitos anos sinto vontade de aprender sobre o espiritismo. Eu simpatizo muito com essas ideias de Allan Kardec. Até para conseguir compreender melhor essa necessidade que eu tenho de reencontrar o meu pai...

-Então está ótimo. A reunião é às seis da tarde; dura mais ou menos uma hora. No máximo, às sete e meia a gente está voltando para casa. -avisou Cenyra. - O centro é aqui pertinho, dá até para irmos a pé.

Florence achou o horário ótimo. Assim sobrava bastante tempo para que depois pudesse ir buscar Moneda no aeroporto, como haviam combinado. Durante todo esse tempo, os dois se falavam diariamente por telefone, era quase como seja estivessem namorando. "Do centro eu pego um táxi direto para o aeroporto, o Rafael volta para casa com Paloma", ela logo planejou mentalmente. O avião chegava às dez da noite. Ela mal via a hora de poder ver Maurício de novo.

Depois de tudo combinado, Florence e Paloma já estavam se despedindo para irem embora, quando Florence reparou numa das fotos remendadas que estava ao lado da caixa de linhas de Cenyra. Era uma foto de Vinícius recém-nascido no colo dos pais, que estavam cercados por vários amigos.

- Que coisa engraçada! Este aqui não é o Maurício? - ela pegou a foto para ver melhor.

- E ele mesmo, dezoito anos atrás. Ele e o Luís Paulo ainda eram recém-formados! Tiramos esta foto no dia em que o Vinícius completou uma semana! - lembrou Cenyra.

- E esta aqui? Quem é? - Florence perguntou intrigada. - Tu vais pensar que é mentira, mas esta pessoa é a minha cara há dezoito anos atrás!

- E mesmo! - concordou Paloma. - Se você morasse no Rio nesta época, ia dizer que era você quem estava na foto!

-Vocês têm toda razão. A semelhança entre as duas é realmente impressionante, percebi isso desde a primeira vez que olhei para Florence, mas o Luís Paulo teimou comigo que não!

- E quem é ela? - insistiu Florence.

- Esta é Lorraine, a falecida esposa de Moneda. Você nunca a tinha visto? Florence desmanchou o sorriso e engoliu em seco. Era como se um

balde de gelo houvesse acabado de ser derramado sobre sua cabeça. Aquele pequeno detalhe mudava tudo em sua relação com Moneda.

LVII

-Ai, meu Saint-Germain, onde é que a Florence se meteu? - Paloma se perguntou, preocupada, tão logo despachou sua última cliente do dia.

Passavam das cinco da tarde e nada da prima. Na noite anterior, Florence voltara esquisita para casa, mas dona Noêmia estava tendo mais uma de suas crises, procurando Lucila por toda parte, e acabou que as duas nem tiveram chance de conversar. De manhã cedo, Paloma encontrara apenas um bilhete na cozinha, onde a prima dizia que tinha saído para procurar emprego. De fato, Paloma sabia que ela andava preocupada com sua situação financeira. No dia anterior mesmo a vira pesquisando empregos no jornal. Contudo, o que estava estranhando era que até agora Florence não houvesse dado nenhuma notícia. Afinal, fazia mais de oito horas que ela estava na rua!

"Pior que nós marcamos às cinco e meia com a Cenyra lá embaixo, será que ela vai chegar a tempo? E o Moneda que não pára de ligar para cá! Que será que ele quer de tão urgente com ela?", Paloma tentou imaginar, enquanto espalhava fumaça de incenso em seu consultório improvisado, em seu costumeiro 'ritual de limpeza' de final de tarde.

- Saint-Germain, me inspira, me orienta! Será que eu vou sem ela? O pobrezinho do Rafael está há horas arrumado, esperando na sala! Nem lanchou direito de tão ansioso!

Nesse momento, o telefone tocou e ela saiu correndo para atender: -Alô? Moneda? Não, ela ainda não chegou... Não, ela também não ligou... Não sei, também já estou começando a ficar preocupada... Ela não tem hábito de fazer isso, nem conhece o Rio direito!... Espere! Estou ouvindo barulho na fechadura, acho que é ela quem está chegando!

Era. Estava exausta e abatida, parecia mesmo que havia chorado o dia todo. Ao ver a prima com o telefone na mão, foi logo fazendo sinal de que era para dizer que ela não estava.

- Não, não... Era a Chuva... - Paloma voltou ao telefone scm-graça. - Tá... Eu digo que você ligou. Outro... Faça uma boa viagem...

-Já não era para ele estar no avião? - perguntou Florence, assim que ela desligou.

- Era, mas acontece que houve um problema no aeroporto de Madri - explicou Paloma. - Suspeita-se de uma ação terrorista. Todos os voos foram suspensos até que a polícia termine de apurar os fatos. O coitado já ligou para cá mais de dez vezes, diz que tem algo de urgente para falar com você...

- Mas eu não tenho mais nada para falar com ele - ela disse, fria, colocando a bolsa sobre a cadeira.

- A gente não vai lá no tal centro, mãe? - perguntou Rafael.

- Vamos, filho. Deixa eu só tomar um pouco de água. Hoje foi um dia horrível...

- Tu não conseguiste nenhum emprego? - deduziu o garoto.

- Infelizmente não. O máximo que consegui foi preencher uma ficha para trabalhar como vendedora no próximo Natal... - ela respondeu, arrasada. - Do jeito que as coisas estão, já estou pensando seriamente em voltar para o Sul.

Paloma foi atrás dela na cozinha:

- Florence, a mim você não engana! Não é porque saiu um dia e não conseguiu emprego que você tem que voltar correndo para o Sul. Cadê a sua determinação, a sua perseverança? Fala a verdade, o que é que está acontecendo?

- Ai... Nada não... - ela respondeu desanimada, antes de virar seu copo de água. - Acho que fiz mesmo uma grande bobagem em largar meu emprego para vir para cá... Não vou encontrar nunca o meu pai, essa história com o Moneda só serviu para me machucar ainda mais...

-Ah, Florence, vai me dizer que você ficou desse jeito só por causa da foto da mulher dele que viu na casa da Cenyra? Até agora não entendi porque você ficou tão abalada com isso!

- Como não, Paloma? A tal Lorraine era a minha cara; nunca me deparei com ninguém tão parecido comigo em toda a minha vida!

- E o que é que tem isso demais?

- Tem que ficou claro para mim que o Maurício nunca gostou de mim de verdade! Ele vê em mim apenas uma continuidade da ex-mulher dele... - ela se deixou cair na cadeira arrasada.

- Será? - duvidou Paloma.

- Às vezes uma coisa que parece um mal pode nos ajudar a voltar para o caminho que tinha sido desviado... Acontecimentos que nos parecem desastrosos representam escoras ao nosso equilíbrio e ao nosso êxito... - disse Rafael, parado à porta da cozinha.

- O que é que tu estás dizendo Rafael? - assustou-se Florence, reconhecendo aquelas palavras.

- Estava apenas me lembrando do recado que o seu Gentil pediu que eu te desse no dia em que ele morreu - respondeu o garoto, fortemente intuído pelo espírito Demóstenes, parado a seu lado.

-Ali, Rafael, tu não começas de novo com essas histórias não... Eu estava quase desistindo de te levar nesse tal centro da Cenyra, não sabes? Mas acabo de perceber que não tenho escolha. Vamos?

Nisso, Aline veio lá de dentro. Também estava abatida. Por mais que se esforçasse, Florence não conseguia descobrir o que havia de errado com a filha.

- Eu posso ir com vocês? - ela pediu tristonha.

Naquela manhã pegara o endereço do médico de abortos com a colega de escola. Desde que voltara para casa sentia-se muito deprimida. Com muito custo, Aretusa, Têmis, Pablo e Demóstenes, em esforço conjunto, haviam conseguido sugestioná-la para que fosse ao centro com a mãe e o irmão naquele final de tarde. Na verdade, Aline nem sabia explicar como fora invadida por aquela súbita vontade de acompanhá-los. A única certeza que tinha era de que estava completamente desesperada e necessitava muito ficar ao lado da mãe.

- Mas tu não ias ficar com a tia Noêmia para que Paloma pudesse ir? - perguntou Florence, preocupada em não magoar a prima.

- Não, deixa ela ir! - Paloma recuou de imediato, também intuída pelos benfeitores ali presentes. - Eu fico com a mamãe, num outro dia eu vou...

Cenyra já os esperava na porta do edifício. Ao saber que ela era a mãe de Vítor e Vinícius, Aline ficou um pouco angustiada. Sentia-se envergonhada por tudo o que acontecera com ela na noite em que estivera no apartamento com Vinícius. Todavia, Cenyra era uma pessoa tão doce, tão delicada, que Aline não teve como não se sentir à vontade em sua presença. Parecia mesmo que as duas já se conheciam há muitos e muitos anos. Cenyra sentiu a mesma coisa com relação a ela.

- Vamos depressa senão perdemos a sessão - avisou, já puxando Aline pela mão.

Cruzaram rapidamente as ruas do largo do Machado em direção ao Catete; em poucos minutos chegavam ao Centro Espírita Reduto da Paz, seguidos de perto por Têmis, Demóstenes e Aretusa.

- Os espíritos se manifestam aqui para as pessoas? Eu não vou ver espíritos aí dentro, vou? - perguntou Rafael, curioso e ao mesmo tempo preocupado, no minuto em que cruzavam o pequeno portão da casinha antiga e modesta.

- Não precisa se preocupar com isto. Esta noite você vai apenas conversar com outros meninos de sua mesma idade - garantiu Cenyra.

Recebidos de maneira extremamente carinhosa pelos trabalhadores daquela casa, Aline, Florence e Cenyra foram então encaminhadas para uma pequena salinha, enquanto Rafael era levado para o andar de cima, onde funcionava a Escola de Evangelização Infantil. Demóstenes, Têmis e Aretusa também foram recepcionados calorosamente pelos espíritos que coordenavam os trabalhos daquele dia e logo se acomodavam em um andar invisível a olhos humanos, repleto de seres nas mais variadas condições que ali também encontravam-se para tomar parte na reunião de estudos que estava prestes a ser iniciada.

- De onde vêm todos esses espíritos? - perguntou Aretusa, admirada. -Alguns são trazidos de colônias como a nossa, com a finalidade de

se instruírem, outros vêm junto com os encarnados, a quem obsediam, e aqui recebem socorro e orientação. Outros, ainda, são trabalhadores em serviço na crosta, como nós, e vêm para ajudar ou simplesmente para reequilibrar suas energias - esclareceu Demóstenes.

- Tão bom se Oto pudesse estar aqui conosco agora... - imaginou Têmis.

- E quem disse que ele não está? - sorriu Demóstenes. Imediatamente as duas olharam para baixo, onde estavam sentados

os encarnados, e o viram sentado no chão ao lado de Aline, como se fosse uma espécie de guardião de Odilie, a qual, por sua vez, encontrava-se agora adormecida sobre o ventre de Aline.

- Meu Deus! Como não reparamos que ele estava conosco? - estranhou Têmis.

- Vocês não perceberam, mas o tempo todo ele veio nos seguindo, esquivando-se por entre os postes e árvores do caminho para que não o notássemos. Está tão preocupado com Odilie que não consegue sair de perto dela sequer por um instante - asseverou Demóstenes em sua calma habitual.

- E os demais trabalhadores da casa sabem que ele está aqui? - preocupou-se Aretusa.

- E claro que sabem, mas para que o socorro se efetue em casos como este, é preferível que o desencarnado pense que não está sendo visto - esclareceu o mentor.

- E ele não vê que a casa está cheia de espíritos? - insistiu Aretusa.

- Como seu padrão vibratório é muito baixo, ele divisa apenas aqueles que lhe são afins, mas acredita-se cercado apenas por encarnados - complementou Têmis, que já estava acostumada a frequentar centros como aquele.

A reunião ia começar. O dirigente encarnado, um rapaz de aproximadamente trinta anos, cumprimentou a pequena plateia visível a olhos comuns. Eram cerca de trinta pessoas, dispostas em cadeiras de plástico arrumadas em quatro fileiras. O dirigente ficava a frente de todos, tal qual um professor escolar, diante de uma escrivaninha cheia de livros e de um quadro branco, desses que se escreve com pincel atômico. Após sentida prece, pedindo a proteção dos mentores maiores para o estudo que seria realizado, ele então apresentou o tema da noite, já escrito no quadro:

- Nós hoje vamos falar sobre as causas atuais cias aflições, segundo o capítulo quinto de O evangelho segundo o espiritismo. Quem sabe me dizer o que é aflição?

- E o mesmo que agonia? - participou Cenyra.

- Para mim é um nervoso que dói na alma - opinou Florence.

- Não seria uma ansiedade? - questionou outra senhora.

E assim foram surgindo várias respostas da platéia. Medo, angústia, quase desespero. O dirigente anotou tudo no quadro, antes de virar-se novamente para a assistência:

-Aflição, na verdade, é tudo aquilo que se relaciona ao sofrimento -sintetizou o dirigente. - Quase sempre, estes sentimentos são acompanhados de reações corporais, como dores no estômago, tremores, membros anestesiados, às vezes até rouquidão e afonia. Nosso corpo expressa o resultado daquilo que sentimos. Mas, quem sabe me responder, todo sofrimento na vida acontece devido ao destino?

Novamente a plateia se dividiu. Uns achavam que sim, outros que não. O dirigente contou as opiniões e anotou os números no quadro. Deu empate.

-Quer dizer então que metade das pessoas aqui presentes acha que tudo é culpa do destino -ele brincou. - Lamento, informar, todavia, que estes nossos amigos estão errados. Entendendo como destino os fatos que já vêm previamente determinados a acontecerem com uma pessoa, acredito que apenas vinte por cento de nossos sofrimentos, no máximo, possam ser creditados ao destino. O restante estaria ligado a uma coisa chamada livre-arbítrio, que vem a ser a nossa liberdade de escolha -continuou. - Portanto, existem duas causas para as aflições que experimentamos na vida presente. Algumas são, sim, resultantes de compromissos que assumimos no plano espiritual. A maioria delas, porém, é uma consequência natural do caráter e do proceder daqueles que as suportam. Na hora do desespero, a gente fica achando que tudo é consequência de dívidas que trazemos de outras vidas. Mas vocês já pararam para pensar quantos de nossos problemas poderiam ter sido evitados se houvéssemos feito ou deixado de fazer alguma coisa na vida presente? Quantos erros poderíamos evitar no nosso momento atual?

Silêncio geral. Todos pareciam refletir sobre a questão formulada. Sempre trocando perguntas com a platéia, dos males gerados por nossos próprios atos, o dirigente passou à importância da dor como mola propulsora da humanidade:

- Infelizmente, somos ainda crianças espirituais, que necessitam da dor para aprender o que deve e o que não deve ser feito. Como dizia Allan Kardec, a dor é o aguilhão que faz com que avance a humanidade. Algum de vocês sabe o que é um aguilhão?

- Não é uma espécie de ferrão usado para tocar o carro de bois? -disse um senhor.

- Exatamente. E uma vara comprida com ferrão na ponta, usada para tanger os bois - ele desenhou no quadro uma espécie de gancho de três pontas para ilustrar o que estava dizendo. - Muitas vezes, a dor em nossas vidas atua como esta vara nos impulsionando para frente. Se a vida coloca pedras e precipícios em nosso caminho, é porque quer que os atravessemos conscientemente, sabendo que nos compete romper todos os obstáculos para que conquistemos algo e não nos retiremos daqui com as mãos vazias.

- Mas será preciso sofrer para que possamos evoluir? - questionou outra senhora da plateia.

- Se não tivéssemos contato com o lado ruim, não teríamos como dar valor ao lado bom - responde ele. - E necessário que saibamos extrair de cada experiência aquilo que ela tem a nos ensinar, ao invés de ficarmos nos lamentando, achando que não merecíamos isto ou aquilo. Os senhores já repararam quantas vezes costumam repetir: "Eu não merecia isso!" Ou então: "A vida é injusta comigo!" Ou ainda: "Todos os meus problemas são causados por minha família." Quem da platéia nunca disse uma dessas frases?

Ouviram-se alguns risinhos aqui e acolá, havia também pessoas que sacudiam a cabeça para frente, em sinal afirmativo.

-Todo mundo já disse, não é? - prosseguiu o dirigente, fortemente inspirado pelos protetores espirituais invisíveis que o rodeavam. - Agora, digam lá: quem somos nós para julgar o que merecíamos ou não? Deus éjusto! Se algo, portanto, nos acontece, é porque merecemos. Seja por nossa imprudência atual ou de outras vidas. Sabe lá o homem íntegro de hoje a que ou a quem está preso pelas vidas que viveu antes desta? No entanto, tendemos sempre a achar que somos coitados quando atravessamos algum momento difícil em nossas vidas.

- Mas não é coitada uma pessoa que de repente perde tudo o que possui? Ou outra que, da noite para o dia, perde um filho querido? Ou ainda aquela que recebe a notícia de que sofre de uma doença incurável? - voltou a questionar a mesma senhora.

- Vamos por partes - disse o dirigente. - Primeiro de tudo, não devemos rotular ninguém de coitado, por pior que seja a dor que esta pessoa esteja passando. Essa expressão tem um poder mórbido, capaz de fazer descer o nível moral do que mereceu tal comiseração. Sem contar que carrega uma ideia de arrogante pretensão daquele que a emprega. Não é coitado quem vive uma situação difícil, física ou moral. Vamos trocar de óculos. Os senhores conhecem a história da vidraça?

A plateia fez silêncio, convidando-o a continuar.

- Faz um tempo que recebi esta historinha de um amigo pela internet, mas é mais ou menos assim - ensaiou o dirigente. - Um certo dia, uma mulher se levantou da cama, olhou pela janela e, ao ver sua vizinha estendendo o lençol no varal, disse ao marido: "veja, querido, essa gente não sabe nem corno lavar direito um lençol! O pano está completamente encardido!" E assim, dia após dia, ela verificava as roupas de cama dos vizinhos no varal, repetindo sempre as mesmas observações. Até que, numa determinada manhã, ela abriu a boca espantada e exclamou: "Veja, querido! Eles finalmente aprenderam a lavar seus lençóis! Justo hoje eme eu estava disposta a ir até lá para ensinar para eles como é que se faz!" E o marido, muito calmo, respondeu: "Não, querida, fui eu que limpei as nossas vidraças ontem à noite..."

Toda plateia caiu na gargalhada. Até mesmo Oto, quieto em seu canto, não pôde evitar um discreto sorriso.

- Por isso, meus amigos - continuou o simpático rapaz —, devemos tomar sempre muito cuidado com o que vemos através das vidraças de nossa condição evolutiva. Muitas vezes, além de limpar o vidro, é necessário trocar de óculos. E por que não olharmos para a pessoa que passa por dificuldades corno uma criatura vivendo uma experiência necessária, corno alguém que precisa de estímulo que lhe alimente a coragem e a resistência em lugar da nossa arrogante piedade?

- Mas então corno devemos agir diante do sofrimento? - inquiriu um senhor que ainda não havia se manifestado.

- Aceitando nossas dores de maneira resignada? - opinou novamente Cenyra.

- Talvez um pouco mais do que isso - avaliou o dirigente. - Não basta sofrer, achando que temos de sofrer, porque aprendemos erradamente, ao longo de muitas gerações, que o sofrer em si é uma coisa boa. E importante tentar descobrir as causas que provocaram o nosso sofrimento atual e lutar para combatê-las. Porque, no final das contas, é muito cômodo sofrer, chorar pelo que a vida fez com a gente, ao invés de assumir a responsabilidade por nossos próprios atos que nos levaram a passar por esta ou aquela dificuldade. Cabe, portanto, àquele que sofre, reagir, não se entregar simplesmente ao sofrimento, como se isso bastasse para o seu aperfeiçoamento. Precisamos ser fortes e corajosos, fazer frente ao que a vida colocou diarrte de nós. Nenhum pai envia um filho para executar uma tarefa, sabendo que este filho não está apto a cumpri-la. Da mesma forma, Deus jamais nos dá provas superiores às rrossas forças. Sabendo disso, devemos agir sempre como um soldado confiante em seus superiores, seguro de que eles sabem onde o enviam e porque o enviam.

- Mesmo quando estivermos numa situação que temos a certeza de que não temos condições de suportar? - Aline não pôde se conter.

- Não duvides nunca do amparo d'Aquele que jamais daria pedra a quem lhe pedisse pão. Se nós, que somos humanos, falíveis e ainda tão cheios de defeitos, temos tanto amor por nossos filhos, que nascem de nós sem que tenhamos lhes criado a alma, de que tamanho não será o amor do Pai que nos criou para que um dia nos tornássemos seres perfeitos e nos acompanha a cada passo de nossa evolução? Deus é tão bom quejamais nos deixa sozinhos. Se a gente tem de passar por alguma dificuldade, podem ter certeza de que sempre haverá em nosso caminho amigos ali especialmente posicionados para nos ajudar. Não só amigos encarnados, como também amigos desencarnados, seres que nos acompanham desde que deixamos o plano espiritual dispostos a vivenciar mais uma experiência reencarnatória, que nos orientaram no planejamento desta experiência e que jamais nos abandonam.

Ao ouvir isso, Têmis não pôde conter as lágrimas. Enquanto o dirigente encerrava a reunião de estudos com uma prece de agradecimento, do alto do salão caía uma chuva de pétalas vermelhas e orvalhadas que envolviam a cada um dos presentes como beijos invisíveis da espiritualidade maior. De sua cadeira, ela olhava para todos aqueles encarnados, para todos os espíritos necessitados que ali se encontravam e condoía-se em pensar que nenhum deles tinha noção do quanto era protegido e amado pelos seres celestiais que ali se reuniam para favorecê-los com suas bênçãos de luz.

- Como acaba de dizer o nosso amigo dirigente, ninguém é coitado, querida Têmis - lembrou Demóstenes. - Um dia todos eles terão noção do quanto é grande o trabalho da espiritualidade, do quanto estão equivocados ao se julgarem sós e desamparados. Mas é necessário que cada qual descubra isso por si próprio. Trata-se de uma importante etapa evolutiva que todos um dia terão de vencer.

Enquanto isso, no andar debaixo, Oto também chorava. Ao ouvir tudo aquilo, lembrara-se do abnegado trabalho dos espíritos que, por duas vezes, o haviam acolhido na colônia Renascer. Em seu íntimo, reconhecia o quanto o haviam ajudado, embora não se julgasse merecedor de toda aquela ajuda. Este era seu grande problema. As culpas que carregava consigo não permitiam que aceitasse as bênçãos que reconhecia lhe serem constantemente dirigidas de mais alto. O ódio imenso que sentia por Vítor fazia com que se sentisse um ser inferior, impulsionando-o a continuar a agir como tal.

Instantes depois, Cenyra, Florence, Aline e Rafael deixavam o local com uma incrível sensação de leveza. Aretusa, Pablo e Oto, que continuava imaginando poder se esconder do grupo, seguiram com eles. Têmis e Demóstenes ainda permaneceriam no centro por algumas horas, ajudando nos trabalhos de assistência aos espíritos necessitados que haviam sido socorridos naquela noite pelas equipes que ali se encontravam de plantão.

- E aí, gostaram? - perguntou Cenyra, após caminharem quase um quarteirão inteiro em silêncio.

- Nossa, eu adorei! - Rafael foi logo o primeiro a responder. - Sabem que na minha sala tinha um menino com o mesmo problema que eu? A professora explicou que, com o tempo, iremos desenvolver esta nossa faculdade e um dia ainda seremos muito úteis nos trabalhos da casa - ele comentou todo orgulhoso.

- Ela disse que somos médiuns e que pessoas assim têm a missão de ajudar não só aqueles que as rodeiam, mas também aqueles que já passaram para o outro plano...

- O-lho-lhó! Mas quanta coisa tu aprendeste! - observou Florence, admirada.

- É muito legal estudar sobre essas coisas, descobrir que elas não acontecem apenas comigo, não sabem? Eu estava até pensando em trazer a Clarinha na próxima vez que viermos. Aposto como ela também vai gostar! Ao lado da sala que eu fiquei, havia uma turma só de crianças da idade dela!

- E uma ótima ideia, viste? - concordou Florence. - Puxa, eu também gostei tanto dessa casa. Nunca imaginei que um centro fosse assim, não sabem? Aquele rapaz, o dirigente, é tão novinho, mas quando fala parece um espírito muito elevado. Ele com certeza deve estudar muito sobre o espiritismo. Aliás, olhando para ele eu tinha a sensação de que tinha uns cinco metros de altura, nem sei explicar porquê. Estou até agora sem conseguir parar de pensar nas coisas que ele falou...

- I lá anos que eu frequento esse centro - contou Cenyra. - O que eu acho mais impressionante é que sempre saio daqui me sentindo muito melhor do que entrei. E como se, durante a palestra, os espíritos me dessem uma injeção de força, de ânimo, sei lá... É uma sensação de paz tão gratificante... Mas por que você está tão quieta, Aline? - ela observou, percebendo que Aline era a única que não parecia contagiada pelo mesmo entusiasmo do grupo.

- Aline! - Florence chamou, estranhando o silêncio da filha.

- Hã? Ali! Foi legal... - ela respondeu, distante.

A verdade era que, em poucos instantes, sua sensação de leveza havia se transformado em peso. "Corno é que eles iriam reagir se eu dissesse agora que estou grávida?", ela pensava consigo preocupada. "Garanto que num minuto esqueceriam de tudo o que acabaram de ouvir lá no centro. Só queria ver a cara da minha mãe, se ela ia continuar sentindo toda essa paz que a Cenyra falou... Coitada dessa Cenyra... Tão legal e, no entanto... Será que ela tem noção do bicho que ela tem em casa?", Aline questionou, lembrando-se de Vinícius com enorme ressentimento.

- Seus pensamentos de ódio estão destruindo toda a aura de luz que havia se formado em torno dela! - constatou Aretusa, chocada.

- Infelizmente, isto acontece com muitas pessoas que vão a um centro espírita e não se preocupam em manter seus pensamentos elevados quando saem de lá, de modo a prolongar ao máximo a sintonia com a espiritualidade maior - observou Pablo. - Depois saem dizendo por aí que o problema é da casa, que não transmite coisas boas àqueles que a frequentam...

"Quer saber?", Aline continuava fixada em seu negativismo. "E muito bonito esse negócio de dizer que os espíritos nos ajudam, que estão sempre junto da gente etc. e tal. Mas só queria ver, se eu tivesse essa criança, se algum deles ia se materializar do meu lado para me ajudar a trocar as fraldas ou fazer a mamadeira na hora em que o neném estivesse chorando..."

- Não diga isso, minha filha! Eu sempre vou estar a seu lado! - protestou Aretusa, angustiada com aquele comentário da neta.

- Não adianta. Ela está tão revoltada que repeliu todas as energias que lhe foram enviadas - lamentou Pablo.

"De mais a mais, se isto fosse verdade", continuou /Mine, alheia às palavras carinhosas da avó, "eu não estaria agora nesta situação. Os tais protetores espirituais estão sempre a nosso lado, mas nenhum deles conseguiu me ajudar na hora em que o Vinícius entrou no quarto!", ela imaginou, sentindo muita raiva das palavras que ouvira do dirigente da reunião.

- Ela não reteve nada do que foi dito! - angustiou-se Aretusa.

- Não compartilhe o radicalismo de sua neta. Pense que a semente foi plantada. Se o solo for fértil, no momento certo ela brotará - aconselhou Pablo.

"Amanhã cedo, eu vou ligar para esse tal médico que faz abortos", decidiu Aline, lembrando-se do dinheiro na gaveta do escritório, para desespero ainda maior de Aretusa. "A Verônica disse que fica no Méier, não deve ser difícil chegar lá. Se o dinheiro for suficiente, amanhã mesmo eu vou lá... Será que funciona no sábado?"

LVIII

- Ela vai abortar a criança! Você precisa fazer alguma coisa! - Vítor, em sonho, viu Oto dizendo para ele.

Pulou da cama transtornado. Estava suando. Era a primeira vez que sonhava com aquele homem que vira em sua viagem regressiva. "Seria inn aviso?", perguntou-se angustiado. Fazia mais de uma semana que ouvira de Aline a revelação de que ela estava grávida e até hoje não conseguira tomar coragem de procurá-la novamente. Com o coração disparado, aguardou por alguns instantes, com medo de que 'a coisa' estivesse por perto, mas nada aconteceu. Curiosamente, a voz também não havia voltado a molestá-lo desde a tarde em que ouvira de Aline aquela revelação. Será que o obsessor havia desistido de importuná-lo?, cogitou em silêncio.

Oto, contudo, estava a seu lado, mais agitado do que nunca. A diferença era que agora precisava muito de sua ajuda c por isso não queria mais assustá-lo, embora não o tivesse perdoado. A experiência regressiva de Vítor também mexera muito com ele. Curiosamente, desde a tarde em que revira seu passado ao lado de Vítor, no consultório de Olívia, readquirira seu corpo daquela encarnação, que vinha a ser o mesmo que conseguira resti-tuir através da hipnose com o doutor Milton Daves no plano espiritual.

- Será que você vai carregar para sempre essa culpa? Será que vai ter coragem de cruzar seus braços novamente? - ele não pôde se conter.

Vítor ouviu e sentiu um arrepio. Imediatamente entendeu que o obsessor continuava a seu lado.

- O que você quer que eu faça? - disse alto, querendo que ele o escutasse.

- Não deixe que ela mate a criança! - pediu Oto, nervoso. Neste momento, Cenyra entrou no quarto e ele se escondeu depressa.

- Está tudo bem, filho? Tive a impressão de tê-lo ouvido gritar...

Vítor chegou a abrir a boca, disposto a contar à mãe tudo que acabara de ouvir, mas desanimou antes de articular a primeira palavra. Como iria explicar a ela tudo o que acontecera na noite da festa? Como iria fazer com que ela entendesse aquele triste ocorrido se nem ele mesmo tinha certeza de sua participação no fato? Era melhor não dizer nada.

- Foi só um pesadelo... - ele despistou. - Está tudo bem.

Depois que ela deixou o quarto, Vítor continuou debatendo o assunto consigo próprio, sempre observado de perto por Oto. "Se eu ao menos tivesse a certeza de que foi de fato Vinícius quem violentou Aline.... Por que não consigo me lembrar onde estava no momento em que tudo aconteceu? E se ela estiver esperando mesmo um filho de Vinícius, será que devo interferir? Não seria melhor deixá-la abortar a criança e encerrar de uma vez aquele capítulo doloroso de nossas vidas? Será que eu teria coragem de assumir um relacionamento com ela?"

Ainda influenciado pelas idéias de Oto, lembrou-se então das palavras que ele mesmo dissera quando regredido. "Ao descobrir que estava grávida ela me procurou, desesperada, e eu então mandei que a aprisionassem, para que ele jamais viesse a saber da verdade... Tenho muitos contatos na Gestapo e me sinto orgulhoso por poder resolver meus problemas desta maneira..." Será que estaria repetindo seu mesmo procedimento da outra encarnação? Teria mesmo ainda algo em comum com aquele homem prepotente, egoísta e vaidoso que vira em seu passado?

O dia amanheceu sem que ele conseguisse chegar a uma conclusão. Enquanto isso, no andar debaixo, Paloma pressionava Florence para que atendesse Moneda ao telefone:

- Desde ontem, eleja ligou mais de vinte vezes para cá, insiste que tem algo urgente para falar com você! Escute pelo menos o que ele tem a dizer, Flor!

- Está bem - Florence concordou finalmente. - Eu vou falar com ele.

- Alô? Florence? - ele perguntou angustiado do outro lado da linha. -Até que enfim, já estava começando a achar que você não queria falar comigo... Cheguei hoje, de madrugada e...

- Paloma me disse que tu tinhas algo urgente a me falar - ela desconversou.

- Sim, eu tenho... Mas você está fria... Aconteceu alguma coisa? -Tu tens ou não tens algo de urgente para me falar? - ela insistiu, quase ríspida.

-Tenho. E sobre seu pai. Luís Paulo finalmente conseguiu localizá-lo.

- Verdade? - ela perguntou ansiosa. - Onde ele mora? Tu não podes me passar o telefone?

- Preferia conversar com você sobre isso pessoalmente. Você...

- Mas por que pessoalmente? Tu não estás usando isso como uma desculpa para me ver, estás?

- Não, Florence, eu não estou, embora queira muito entender o que mudou entre nós para você estar agindo deste jeito. Mas é realmente muito delicado o que eu tenho a dizer...

- A que horas tu podes me encontrar? - ela perguntou, querendo resolver logo as coisas.

-Ainda preciso passar na emissora para entregar alguns contratos. Te pego à uma hora para almoçar, está bem assim?

Florence não teve outra alternativa senão concordar. Passou o resto da manhã refletindo sobre como iria dizer a ele que não queria ser uma extensão de sua ex-mulher, ao mesmo tempo em que se inquietava pensando sobre o que de tão delicado ele teria para revelar-lhe a respeito de seu pai.

Completamente indiferente a suas preocupações, Aline levantou quase na hora do almoço, comeu rapidamente um pedaço de pão e desceu, sem que ninguém percebesse, disposta a ligar do orelhão para o médico de abortos e marcar uma consulta para aquele dia.

O tempo todo, Têmis, Demóstenes, Pablo e Aretusa revezavam-se a seu lado, em supremo esforço para passar-lhe energias salutares e acalmar seu espírito, lutando para convencê-la a refletir melhor sobre aquela ideia. Aline, contudo, parecia envolvida por uma redoma particular e inquebrantável, erguida por seu próprio sentimento de ansiedade extrema, que lhe impedia qualquer contato com as entidades de luz que a rodeavam. Incansáveis em sua tarefa, eles faziam de tudo para tentar intuí-la de sua presença, como se batessem na redoma, dizendo: "tenha calma, estamos aqui!". Mas Aline, ainda assim, parecia obcecada para levar a termo suas últimas resoluções e não conseguia pensar em outra coisa senão em marcar logo a consulta com o tal médico.

- Será que não existe um meio de escondermos o dinheiro que ela pensa em usar para fazer o aborto? Não poderíamos fazer com que ele desaparecesse por alguns dias?- perguntou Aretusa, mais uma vez querendo interferir de maneira direta na vida de seus entes queridos.

- Querida irmã, quantas vezes teremos de lembrá-la de que não podemos interferir no livrc-arbítrio dos encarnados? - ponderou Demóstenes. - De mais a mais, não temos autorização para realizar este tipo de fenômeno... Nossa tarefa não é realizar coisas fantásticas, mas dar apoio aos que precisam de nós...

- Irmão Demóstenes, será que não poderíamos ao menos dificultar um pouco as coisas para que Aline tivesse ao menos um pouco mais de tempo para repensar sua decisão? - insistiu Têmis, compreendendo a aflição da amiga.

- Como assim? - tentou entender Pablo, sem tirar os olhos de Aline, que se mantinha sentada sozinha e pensativa no gramado em frente ao orelhão.

- Pensei em Lucila... - explicou Têmis. - Ela parece que até hoje não se deu conta de que deixou na gaveta aqueles mil dólares...

- E verdade! - concordou Aretusa animada. - Provavelmente ainda não precisou do dinheiro, Lucila de certo deve imaginar que esteja guardado junto com o restante de suas economias!

- Não deixa de ser uma boa idéia - avaliou Demóstenes. - Sim, nada nos impede de fazer com que Lucila verifique o dinheiro guardado. Isto nos é possível.

- E como vamos fazer isto? - inquietou-se Aretusa.

- Poderíamos conversar com ela durante seu período de sono ou então intuir-lhe essa ideia, mas é necessário que tenham claro que nem sempre o encarnado consegue captar a mensagem que tentamos lhe transmitir no momento que desejamos. E necessária toda uma afinidade, toda uma sintonia para que a comunicação se verifique. Não fosse assim, a própria Aline já teria se convencido com nossos argumentos - ressalvou Demóstenes.

- Eu poderia tentar! - ofereceu-se Aretusa. - Não se lembram daquela noite em Florianópolis em que Lucila devorava uma travessa de grústolis? Ela captou de imediato minha sugestão!

O grupo de espíritos ainda discutia a melhor maneira de intuir Lucila, quando Aline voltou a se aproximar do orelhão e a discar para a clínica.

- Mas ele não atende nos sábados? - ela perguntou, nervosa, para a secretária na linha.

-Sim, normalmente ele atende, mas é que hoje foi o dia da missa de um mês de falecimento do filho dele, por isso ele não veio trabalhar.

- Mas é uma emergência, não posso esperar mais para fazer o que eu preciso fazer! Será que não tem jeito de tu falares com ele e perguntar se ele não pode me atender no final da tarde?

- Eu vou entrar em contato com ele e ver o que é possível. A senhora gostaria que eu retornasse a ligação ou a senhora mesma volta a ligar? -disse a secretária, já acostumada a lidar com aquele tipo de situação.

- Eu volto a ligar - disse Aline, apoiando o telefone no ombro para poder estalar os dedos das mãos. - Em quanto tempo?

- Daqui a uma meia hora, está bem? Acredito que ele deve estar chegando agora da missa - calculou a secretária.

De fato estava. Por uma dessas coincidências que ninguém consegue explicai", Aline havia conseguido justamente o telefone do consultório de Faustino, que acabava de voltai" da missa de Binho. Ao pegai" o elevador para voltai" para casa, ela encontrou Faustino e Jaqueline, que subiam da garagem.

-Aretusa, espere! Não entre agora, eu... - Demóstenes tentou alertá-la, no momento em que ela adentrava o elevador atrás da neta.

- Como espere? Não podemos sair de perto dela! - teimou Aretusa, negando-se a ouvir o que Demóstenes tinha a dizer, ainda sem reparar nas outras pessoas que estavam no elevador.

Ao ver Aline, Faustino imediatamente a reconheceu. Teve ímpetos de abraçá-la e ajoelhar-se a seus pés pedindo perdão. A morte de Binho o deixara extremamente sensível; há chás tentava tomar coragem para procurar a filha e os netos. Conteve-se, porém, ao encontrar-se com o olhar altivo de Jaqueline. Afinal, como faria para explicar a esposa todo o seu passado? Em instantes, sem se dar conta de que se encontrava rodeado de espíritos que podiam ter acesso a todos os seus pensamentos, ele reviu todo o seu passado, desde o momento em que abandonara a antiga esposa, fixando-se nas imagens desalentadoras de seu trabalho na clínica.

Sem nem por um instante imaginar quem ele era ou o que passava por sua cabeça, Aline olhou para ele e sentiu muita vontade de dizer alguma coisa. Afinal, chegara a conhecer Binho na festa, ainda que muito rapidamente. Sem contar que Clarinha praticamente vivia no apartamento de Paloma, andando para cima e para baixo com Rafael, já era quase uma pessoa da família. Em nome dela, Aline se solidarizava ainda mais com Faustino e Jaqueline naquela triste situação.

- Eu sinto muito pelo que aconteceu - ela ensaiou sem graça.

- Eu... eu agradeço as suas condolências - respondeu Faustino, limpando com um lenço os olhos úmidos.

-Ali... - suspirou Jaqueline afetada. Era estranho, mas embora estivesse toda vestida de preto, ela não parecia nem um pouco abalada com a morte do filho. - Acabamos de voltar da missa dele... O que é que se há de fazer? Eu já disse a meu marido, o pior é ficar em casa, lembrando o tempo todo... Acho que o melhor que tínhamos a fazer neste momento era passar uma temporada em Paris, mas ele insiste em não querer viajar...

Aline abriu a boca de espanto. "Como ela podia ser tão fria? Tão fútil?", ela não pôde deixar de perguntar-se. Nesse momento, o elevador chegou ao segundo andar e ela desceu, sem sequer por um instante associar a missa de Binho à missa do filho do médico com quem desejava consultar-se.

-Aretusa, vamos! - chamou Demóstenes, convidando-a a descer.

Ela, porém, parecia congelada no elevador, olhando aterrorizada para Faustino e Jaqueline. Pablo então seguiu com Aline e Demóstenes e Têmis permaneceram no elevador, tentando fazer com que Aretusa reagisse.

- Aretusa, fale conosco, por favor - pediu Têmis.

- Ela está em estado de choque! - verificou Demóstenes, no momento em que Faustino e a esposa deixavam o elevador. - Não estava preparada ainda para rever o ex-marido neste momento, e muito menos para ter acesso a tudo o que havia acontecido após a separação... Eu bem que tentei evitar, mas ela não quis me ouvir! - ele argumentou preocupado, enquanto procurava ministrar-lhe passes revigorantes.

Aretusa, no entanto, parecia magnetizada pelas próprias recordações, era quase como se houvesse entrado numa espécie de coma.

-Agora entendo porque o irmão Guilhôme resistiu tanto em autorizar esta visita - observou Têmis, compungida. - E agora, o que faremos?

- Vou pedir reforços à colônia! - anunciou Demóstenes, concentrando-se numa prece.

Algum tempo depois, diversos médicos e enfermeiros da colônia Renascer chegavam ao local e, com a ajuda de Têmis e Demóstenes, deitavam Aretusa numa espécie de maca fluídica, sobre a qual havia um travesseiro munido de recursos eletromagnéticos especiais.

- O irmão Guilhôme recomendou a imediata internação da enferma em hospital adequado, onde lhe será aplicada a sonoterapia, acompanhada de alguns exercícios de narcoanálise para que lhe sejam exumadas as informações a que teve acesso antes do momento devido. E necessária muita cautela a fim de que ela, em função disso, não se precipite em mergulhos de memória alusivos a outras existências em que manteve ligação com as mesmas pessoas que deflagraram o choque - explicou o orientador da equipe médica que cuidava de sua remoção.

- E como vamos fazer para intuir Lucila sobre o dinheiro? - perguntou Têmis, ainda compungida com a cena.

- Eu mesmo irei até lá - prometeu Demóstenes.

Parado ao lado do carro estacionado na calçada em frente ao edifício, Maurício Moneda, enquanto isso, aguardava ansioso a chegada de Florence que, como sempre, estava atrasada.

- O que aconteceu? O que foi, afinal, que tu descobristes sobre meu pai? - ela perguntou, esbaforida, antes mesmo de cumprimentá-lo, tão logo acabou de descer a escadaria do prédio.

- Entre - convidou Moneda, abrindo a porta do carro.

LIX

Arrasados depois de assistirem à missa de Binho, Chuva e Vinícius resolveram descer para dar uma volta no parque. Vinícius estava bem melhor, o médico autorizara pequenos passeios na cadeira de rodas.

-Vocês vão sair de novo? - perguntou Vítor, vendo-a passar protetor solar no rosto de Vinícius.

- Vamos até o parque, tomar um pouco de sol - explicou Chuva. -O médico falou que a vitamina contida nos raios solares ajuda na recomposição e no fortalecimento dos ossos. Além disso, minha mãe sempre diz que os raios de sol revigoram as energias e ajudam a dissolver a tristeza dentro de nós - ela acrescentou, séria, enquanto fechava o frasco de protetor solar.

- Mas a esta hora? - estranhou Vítor, verificando o relógio e vendo que era quase uma e meia da tarde.

- O que é que tem? O céu está nublado, está um mormaço agradável - disse Vinícius, de olhos ainda muito inchados de tanto chorar na missa. - Acho que, se eu não for tomar um pouco de sol agora, não vou conseguir segurar minha depressão...

- Eu vou com vocês - Vítor decidiu num ímpeto.

Também sentia uma urgente necessidade de respirar um pouco de ar puro.

De mais a mais, não queria ficar sozinho em casa. Luís Paulo, como sempre, estava no trabalho, Cenyra tinha descido para fazer umas compras para o almoço assim que Vinícius e Chuva haviam chegado. "Será que eu já estou preparado para isto?", Vítor ainda perguntou-se, no momento em que se viu no corredor.

Já desciam pelo atalho de pedras em frente ao prédio que ia dar no parque quando, tomado por uma súbita intuição, Vítor, sempre muito ressabiado, olhou para trás e viu Aline no orelhão. "E agora? O que é que eu faço?", ele parou no meio do caminho, sem saber se seguia ou se voltava.

Moneda e Florence, enquanto isso, chegavam a um elegante restaurante no Leblon. O clima era de pesado suspense. Maurício negara-se a dizer qualquer coisa no caminho até lá; ela se calara zangada, achando que tudo não passasse de uma armação para obrigá-la a estar ali com ele naquele momento. Na verdade, ele ainda procurava as palavras para relatar a Florence a lamentável descoberta que ele e Luís Paulo haviam feito sobre seu pai.

Era um restaurante espanhol, badaladíssimo no momento e muito requintado. Havia sido projetado para ser uma réplica de um outro restaurante em Madrid, ainda mais famoso, que fora construído nas ruínas de uma antiga igreja renascentista.

- Você vai querer beber o quê? - ele perguntou, educado, sob o olhar atento do garçom.

- Uma água mineral com gás - ela respondeu, ainda zangada.

- Então o senhor traga, por favor, uma água mineral com gás, um suco de abacaxi com hortelã e uma entrada de favas com presunto e blazei... - ele disse, fechando o cardápio.

- Blazei? O que é que é isso? - estranhou Florence, não conseguindo se conter depois que o garçom saiu.

- Se você visse o programa "Isto é Incrível", saberia... - ele respondeu bem-humorado. - E um cogumelo raro, que somente pode ser cultivado em uma determinada latitude do planeta, o paralelo vinte graus sul, no trópico de capricórnio, que passa apenas por Minas Gerais, São Paulo e por uma região da África. Segundo demonstram as pesquisas científicas, o blazei possui a propriedade de aumentar a imunidade do organismo, sendo, por isso, muito procurado no mercado internacional, onde é utilizado como complemento alimentar.

- Puxa, e o Brasil produz esse cogumelo? - ela quis confirmar.

-A produção vem crescendo dia após dia, porque a demanda mundial é muito grande, sobretudo do Japão e dos Estados Unidos. Em nosso país propriamente dito, ele pode ser achado em algumas farmácias homeopáticas, mas é raríssimo encontrá-lo como condimento em algum restaurante. Até por isso quis experimentar... Dizem que seu consumo freqüente aumenta também a longevidade das pessoas - ele explicou.

Nesse momento, o garçom chegou trazendo as bebidas.

- Até agora estás me enrolando - ela disse, após um longo gole de água. - Tu bem sabes que não foi para falar de cogumelos que eu vim até aqui...

Moneda também tomou um longo gole de suco antes de responder. Era como se estivesse com receio de expor o que tinha para dizer.

- Está certo - ele concordou por fim. - Como te prometi da última vez em que estivemos juntos antes de minha viagem, eu movi mundos e fundos para encontrar teu pai... - ensaiou vacilante.

- E encontraste ou não encontraste? - Florence ainda não se convencera.

- Encontrei - ele disse, após mais um gole de suco. - Há cerca de uma semana nós conseguimos entrar em contato com Louise, a secretária do programa. Ela voltou antes que terminassem suas férias e localizou finalmente o bloquinho de anotações onde Luís Paulo havia anotado o telefone de seu pai...

- Uma semana? Mas por que Luís Paulo não me avisou nada? Porque ligou para ti na Espanha ao invés de entrar em contato comigo que moro no apartamento embaixo do dele? E por que tu não me falaste nada nas várias vezes em que me telefonaste nesse período? - inquietou-se Florence.

- Espera - ele pediu, enquanto o garçom aproximava-se para servir a entrada.

Florence não conseguia entender a razão de tanto mistério. Estava com tanta raiva que tinha ímpetos de pegar aquele prato de favas com os tais cogumelos e lançá-lo contra o rosto de Moneda. Por que ele estava fazendo isso com ela? Não bastava ter usado seus sentimentos, sua boa-fé e sua imagem para fazê-la passar por uma continuidade de sua ex-mulher morta?, perguntava-se indignada.

- Ligamos para lá e descobrimos que o telefone era de uma clínica ginecológica - ele prosseguiu, depois de tomar seu último gole de suco para ganhar tempo. - Da Espanha, dei ordens então para que colocassem um detetive no circuito. Antes de te dar qualquer notícia, queria descobrir quem era exatamente o seu pai e que motivos ele tinha para negar-se a vê-la. Nessa confusão, acabei descobrindo que ele vinha a ser a pessoa que há anos eu procurava... - ele abaixou os olhos, triste.

- Que tu procuravas? Como assim? - Florence não conseguiu entender.

- Não sei como te dizer isto, mas...

- Fales de uma vez! - Florence não podia mais suportar aquela espera.

- Seu pai... Seu pai é um médico de abortos - revelou Moneda, constrangido. - Foi ele quem matou minha esposa...

- Meu pai, um médico de abortos que matou tua esposa? - Florence mal podia crer no que ouvia. - Corno pode ser isso?

Profundamente embaraçado, Maurício então narrou-lhe toda a história da morte de Lorraine. Os dois namoravam desde adolescentes, casaram-se assim que ele se formou em jornalismo e foi contratado pela TV Paladium. Logo em seguida, ela engravidou. No mesmo dia em que ela ficou sabendo da gravidez, porém, ele chegou em casa com a notícia de que havia sido convidado a morar em outro país, onde trabalharia como repórter internacional da emissora. Lorraine, que era uma mulher profundamente insegura e ciumenta, ficou com muito medo de que ele não aceitasse o cargo por causa de sua gravidez ou então que decidisse deixá-la no Rio até que a criança nascesse. Por causa disso, não disse nada a ele sobre o exame e decidiu, por conta própria, fazer o aborto.

- Só que ela estava grávida de gêmeos, já entrando no terceiro mês de gestação. Em consequência do aborto, teve urna hemorragia muito forte, entrou em profunda depressão e acabou morrendo, uma semana depois - ele explicou, com lágrimas descendo pela face. - O tempo todo ela se negava a ir ao médico. Eu só vim a saber de tudo em seus últimos momentos de vida... Depois que ela se foi, eu entrei em parafuso... Minha vontade era de achar o irresponsável que tinha matado minha mulher e meus filhos, denunciá-lo às autoridades competentes, impedir que ele voltasse a fazer isto com qualquer outra pessoa!

- E por que não fez isso? - Florence, também em lágrimas, esqueceu por instantes do pai, da fisionomia de Lorraine e de todos os motivos que minutos antes a levavam a sentir raiva de Moneda e segurou sua mão com carinho. Sentia-se profundamente tocada por aquela história, como se de alguma maneira também a tivesse vivido.

- Eu não fiz isso porque, na época, tudo o que eu sabia era o primeiro nome dele, que Lorraine deixou escapar pouco antes de morrer... Doutor Faustino.

- Espere um pouco! - Florence soltou novamente sua mão, sentindo uma espécie de alívio. - Tu estás equivocado! Meu pai se chamava José e não Faustino!

- Aí é que você se engana - insistiu Moneda, olhando-a no fundo dos olhos. - O nome dele é José Faustino da Silva Filho.

Ainda nervoso, ele então explicou a ela sobre o problema do registro de Faustino e de sua própria certidão de nascimento, que o excelente detetive contratado pela emissora também conseguira descobrir no cartório.

- Isto pode até ser verdade, mas o que te garante que esse médico que descobriste é o mesmo que matou sua esposa? Existem milhares de Faustino no mundo! - argumentou Florence, preocupada em tirar mais aquela culpa dos ombros do pai, já tão maculado nos últimos minutos.

- A questão, porém, é que Louise ligou para o consultório fazendo-se passar pela minha esposa. Disse que fazia muito tempo que havia estado no consultório, que estava precisando de um novo atendimento e queria saber se eles ainda tinham a ficha dela. E a secretária do consultório confirmou... - disse Moneda, segurando novamente nas mãos de Florence, como se pedisse desculpas por aquela confirmação.

Ela chorou por alguns instantes, olhando para as favas e cogumelos que permaneciam intocados sobre a mesa. Não sabia se sua dor maior era pelo fato de o pai ser um aborteiro ou por ele ter matado a esposa de Moneda. Ou ainda por, apesar de tudo, ela continuar amando ao pai e a Maurício da mesma maneira que antes. Em seu íntimo, sabia que, mesmo que ela conseguisse perdoar Moneda pelo fato dele ter se aproximado dela em função de sua semelhança com Lorraine - a quem ela passara até a olhar com outros olhos, depois de ouvir toda aquela história -, Maurício jamais admitiria que ela perdoasse seu pai. Era, portanto, inviável, em todos os sentidos, qualquer relação entre os dois.

- E o que é que tu pensas em fazer agora? - ela perguntou, enxugando as lágrimas e esforçando-se para conter o pranto. Estava preocupada com a vingança que ele anunciara desejar efetivar contra seu pai.

Aline, enquanto isso, acabara de conseguir marcar finalmente sua consulta com Faustino, depois de ligar pela quarta vez para sua secretária. Dada sua extrema insistência, o médico concordara em atendê-la no domingo, de manhã cedo. Ainda chorava ao lado do telefone, tangida pela angústia profunda que lhe era transmitida pelo espírito ligado ao embrião que crescia em seu ventre, quando Vítor se aproximou.

- Vo... você está bem? - ele perguntou, tímido.

-Tudo bem... e tu? - ela respondeu, enxugando rapidamente as lágrimas.

-A... a... ainda aquele problema? - ele deduziu.

- Tu não contaste nada a ninguém, contaste?

- Na... não, não contei. Mas você não pensa em...

-Já está tudo resolvido - ela disse, enfiando rapidamente o cartão telefônico no bolso. - Amanhã, a esta hora, eu já estarei livre deste problema... É engraçado pensar que eu mal te conheço e no entanto tu és a única pessoa que sabe do meu problema - ela sorriu nervosa, estalando os dedos.

- Escute! - ele agarrou seus braços num impulso. - Eu não te conheço, mas eu gosto de você! Eu gosto muito de você! E por causa disso não quero que faça nenhuma besteira! Não mate seu filho! Não importa se foi o Vinícius ou quem quer que tenha sido. Eu posso assumir esta criança, eu posso casar com você! - era tão grande a força interna que o movia que ele não conseguia conter as próprias palavras, que lhe saíam do fundo da alma, com toda a sua sinceridade.

Aline ficou um tempo olhando para ele, completamente perplexa com o que ouvia. Era tudo o que ela mais desejava escutar em sua vida. Amava aquele garoto com todas as forças de seu ser, nem sabia de onde provinha aquele sentimento tão intenso e profundo. Todavia, ela não se imaginava digna de todo aquele altruísmo. Afinal, esperava um filho do irmão dele, a quem havia se entregado, contra a vontade, numa noite de bebedeira. Não era justo fazer alguém que ela gostava tanto passar por tamanha humilhação.

-És um monstro...-ela disse, de olhos molhados, levando a mão ao coração.

Era uma expressão usada em Florianópolis para dizer que uma pessoa é grande, invencível, a melhor do inundo. Vítor, contudo, entendeu justamente ao contrário, associando-a imediatamente à voz que costumeiramente o assediava. Abriu a boca espantado, profundamente magoado, como se ela o houvesse esbofeteado com aquela expressão.

- Desculpe... Eu estava sendo sincero... Não pensei que achasse isso de mim... - disse, sentido, já rumando de volta ao prédio.

- Não é isso, eu quis dizer que... - ela ainda tentou explicar.

Mas ele saiu correndo antes que ela terminasse sua frase. Não queria chorar novamente na frente dela. Sentindo-se, ela própria, um verdadeiro monstro no sentido literal da palavra, Aline caminhou até a descida para o parque, sentou-se no chão entre as árvores e enterrou a cabeça entre as mãos, entregando-se ao pranto. "É melhor assim...", ela disse sentida a si própria. "Não poderia mesmo ser verdade aquilo tudo que ele falou..." Nunca, em toda a sua vida, havia se sentido tão só e desprotegida. Se ao menos pudesse contar com a ajuda de Florence... Mas ela nem sabia onde estava a mãe naquele momento.

No restaurante, Maurício acabava de explicar a Florence os últimos detalhes de seu plano para que Faustino fosse preso em flagrante. Naquela tarde, Louise iria novamente ligar para o consultório, tentando saber se o médico prestaria algum atendimento de emergência no domingo, alegando que também gostaria de marcar uma consulta logo em seguida. Eles já haviam sido informados de que o médico às vezes costumava atender clientes no domingo. Uma vez montada a armadilha, Moneda então acionaria as autoridades competentes. A idéia era chegar lá juntamente com a polícia e invadir o consultório no momento em que Faustino estivesse realizando o aborto, a fim de que ele não tivesse a menor possibilidade de safar-se da acusação.

- Quero que entenda que não estou fazendo isto apenas para me vingar de seu pai - Maurício explicou, vendo o terror impresso na fisionomia de Florence. - Tudo o que eu quero é evitar que mais pessoas sejam vítimas desse ato hediondo. Eu sinto muito se ele é seu pai...

Florence fechou os olhos imaginando a dor que Faustino sentiria naquele momento. Mas ela sabia que Moneda tinha razão. Seu pai era, acima de tudo, um criminoso.

- Eu não posso ao menos falar com ele antes de tudo isso? - ela pediu.

- Lamento, mas é impossível. A única referência dele que temos é a do consultório, e já fui informado de que hoje ele não está lá. Estamos tentando fazer tudo isso no domingo justamente para poupá-la. Se o flagrante fosse dado no meio da semana, o escândalo seria certamente muito maior... - ele explicou, olhando para ela com profunda ternura.

- Então eu quero ir com você... - ela decidiu, no momento em que se levantavam para deixar o restaurante.

Nenhum dos dois havia sequer tocado na comida, ainda disposta sobre a mesa.

LX

Vítor estava sozinho em casa quando sentiu-se tomado por uma estranha aflição. "Ai, meu Deus, será que é 'a coisa' que está voltando?", perguntou-se, já sentindo as mãos suarentas e geladas. Desde o acidente de Vinícius, era a primeira vez que ficava sozinho. O irmão havia descido para mais um passeio no parque com Chuva, os pais tinham ido a uma feira de antiguidades na Gávea. Haviam insistido bastante para que os acompanhasse, mas, pela primeira vez desde que descobrira sua doença, tinha sentido vontade de estar apenas consigo próprio, enfrentar o domingo como se não fosse um inimigo.

A discussão com Aline, no dia anterior, o havia deixado verdadeiramente chateado. Não com ele mesmo, mas com ela. Sentia que havia vencido todos os seus limites, todas as suas barreiras, havia passado por cima até dos próprios brios para poder dizer a ela todas aquelas coisas. Não fora prepotente, nem vaidoso, nem egoísta, chegara mesmo a cogitar em aceitar como seu o filho que Aline esperava de Vinícius. Abrira-lhe seu coração sem nenhuma reserva. E ela, no entanto, o chamara de monstro. Por mais que se esforçasse, Vítor não conseguia se conformar com isso.

Ao lembrar-se dela, sentiu aumentar sua aflição. Era como se uma coisa dentro dele dissesse que algo de errado estava acontecendo com ela. Será que estava mesmo?, ele questionou-se, sentindo novamente aquela sensação de vazio, de insegurança em relação a algo que ele próprio não sabia o que era.

- O que mais você quer de mim? - ele disse alto, querendo ser ouvido pelo obsessor. - Ela não me quer, será que você não entendeu isso?

Ficou um tempo em silêncio, esperando por uma resposta, mas não pôde divisar nada além daquele insuportável silêncio de domingo. Oto não estava a seu lado desta vez. Sua aflição, contudo, crescia em ritmo vertiginoso. A única coisa de que conseguia se lembrar era da imagem de Aline chorando ao lado do orelhão, enquanto algo quente e amargo começava novamente a lhe subir do estômago, atravessando seu esôfago e já se fazendo sentir na garganta. "Amanhã, a esta hora, eu já estarei livre deste problema", ele recordou-se dela dizendo.

- Eu tenho de fazer alguma coisa! - decidiu, tomando nas mãos a chave de casa. - Não posso ficar mais uma vez aqui parado esperando por uma crise! Alguma coisa acontece lá fora e eu preciso descobrir o que é!

Ele não podia ver, mas o irmão Guilhôme estava a seu lado, ajudando-o em suas decisões. A situação era realmente grave. Longe dali, sentada no último banco de um ônibus quase vazio, Aline seguia triste em direção ao Méier. Enquanto o veículo entrecortava as ruas desertas do centro da cidade naquele domingo de sol, ela segurava a barriga como se se despedisse do filho que carregava lá dentro. "Sabe, neném, eu não queria fazer isso... Há tempos atrás, eu fiz de tudo para evitar que uma amiga fizesse o mesmo com o nenezinho dela...", ela confessou, lembrando-se do dia em que atravessara as ruas de Florianópolis num ônibus como aquele, contando os minutos para chegar ao Campeche. Agora, no entanto, tinha vontade de segurar os ponteiros do relógio para que aquele ônibus nunca chegasse no Méier.

Doía-lhe pensar no que estava fazendo, doía-lhe muito. Ainda por cima, com um dinheiro que não era seu. Sentia-se uma ladra, uma criminosa, mas não via outra solução para seu problema. Não tinha coragem de contar para a mãe o que lhe acontecera; sentia vergonha de dizer a Chuva o que havia ocorrido entre ela e Vinícius. O que Paloma, o que Lucila, o que tia Noêmia iriam dizer se soubessem? Quando tudo terminasse, pensava em conseguir um emprego como vendedora e aos poucos repor o dinheiro que a tia esquecera na gaveta. Até lá, tinha esperanças de que ninguém desse falta dele.

"Olha, Aline, vou te dizer uma coisa para ti", ela ouviu de novo a voz de sua colega Adriana, lembrando-se do dia em que esperava Rafael na gincana da escola, "não é por nada não, mas acho que estás a bancar a doutora-da-mula-ruça, pensando que sabes de tudo! Tem certas coisas que a gente nunca pode dizer. Sabes, por acaso, o que é que te esperas no dia de amanhã?" "Adriana tá certa!", ela ouvia agora a voz de Eunice. "Como podes saber o que é que vai te acontecer de sóli parido a sóli munido?".

Com lágrimas escorrendo dos olhos, ela era obrigada a admitir que as duas estavam cobertas de razão.

-Aposto como foi praga da Eunice! - ela sem querer disse alto para si, sob o olhar curioso do trocador, enquanto apertava mais uma vez as juntas dos dedos já doloridas de tanto serem estaladas.

Vítor, enquanto isso, tocava a campainha do apartamento de Paloma.

- Escute, Lucila, eu já te disse mais de mil vezes que não tem dinheiro nenhum na gaveta do escritório... - ela discutia ao telefone com a irmã. - Eu acabei de olhar! Agora, se você não se importa, eu vou atender à campainha que... Mas é claro que ninguém pegou este dinheiro, Lucila! E muita petulância sua querer insinuar que... - ela afastou um pouco o fone do ouvido para não ouvir os gritos da irmã, olhando para a porta sem saber o que fazer.

Vítor tocou novamente. Sentia-se cada vez mais ansioso. Do corredor podia ouvir que havia gente em casa. Por que então não atendiam a campainha?

- Eu? Mas você só pode estar maluca, Lucila! Para que é que eu... É claro que não! Eu jamais faria isto! E muito menos a Florence! A menos que a mamãe... Não, Lucila, eu não estou dizendo que a mamãe ... Você sabe que ela é doente! Não, eu não estou me aproveitando da doença da mamãe para... Não fui eu! Lucila, escute!

Cada vez mais desesperado, Vítor apertou a campainha de maneira intermitente, enquanto Lucila batia o telefone na cara da irmã.

- Era só o que me faltava! - Paloma esbravejou ao abrir a porta, sem sequer se dar conta do rapaz a sua frente.

-Er... desculpe... eu... poderia falar com a Aline? - ele arriscou, tímido.

- Ela saiu cedo, disse que ia fazer um trabalho de grupo na casa de algumas amigas - informou Paloma, ríspida, ainda com a cabeça em Lucila.

- Mas ela disse ao menos onde moravam essas amigas? - ele insistiu.

- Não, não disse... Por quê? Aconteceu alguma coisa? Ela marcou algum compromisso com você? - só então ela se deu conta do quão estranho era Vítor estar ali perguntando por Aline.

- Não, é que... - Vítor não sabia o que dizer. - E a mãe dela, está aí?

- Não, Florence também saiu cedo daqui com o Moneda, nem sei onde ela foi - disse Paloma, achando tudo aquilo cada vez mais esquisito. - Você quer entrar?

- E... Na verdade não, eu...

Neste minuto, intuído pelo irmão Guilhôme, ele olhou para o chão e deu com um pequeno papel dobrado, que estava caído junto à porta. Vítor abaixou-se rapidamente para pegá-lo e, ao abri-lo, encontrou o endereço de um consultório médico no Méier.

- Ela só pode ter ido para lá! - ele disse alto, sentindo aumentar cada vez mais sua aflição.

Paloma continuava olhando-o, sem nada entender. "Eu vou até lá", ele pensou depressa. "Se eu pegar um táxi, em menos de vinte minutos es..." Só neste momento bateu a mão no bolso e percebeu que estava sem dinheiro.

- E o endereço de onde ela está? - perguntou Paloma. - Afinal, o que está acontecendo?

- Será que você poderia me emprestar vinte reais? - ele pediu, sem responder à sua pergunta.

- Falta muito para chegar no ponto fmal? - Aline perguntou ao aproximar-se da roleta, lembrando-se da explicação que lhe dera a secretária do médico.

- Mais ou menos uns seis pontos. Para que rua você vai? - quis saber o trocador, sem conseguir disfarçar sua curiosidade.

- Deixa eu ver...

Aline apalpou os dois bolsos da calça, revirou a bolsa sobre a roleta e só então percebeu que havia perdido o endereço.

- Só me faltava essa agora... - exclamou desolada.

-Você não se lembra do nome? - insistiu o trocador.

- Não tem problema. Eu sei chegar lá - ela afirmou convicta, lem-brando-se mais uma vez das indicações da secretária.

Era uma casa amarela bem grande, que ficava no final de uma rua-zinha residencial que começava em frente ao ponto final, não havia o que errar.

Atravessou a roleta e foi sentar-se em um dos bancos vazios no meio do ônibus, deixando o trocador curioso. Ajoelhada a seu lado, como pequeno ratinho, Odilie orava em soluços:

"Mãe querida!... Sustenta-me agora para que eu te sustente depois... Não me expulses, nem me desprezes... Venho ao encontro de tuas mais profundas esperanças... Junto de ti, estou na condição de anseio de teu anseio e de alma de tua alma... Hoje, sou apenas flor, sonho, pensamentos... Mas, um dia, serei tua própria realização... Resguarda-me com amor para que a confiança não me abandone... Protege-me contra o desequilíbrio... Cultiva as idéias positivas do bem para que não me falte segurança contra o mal... Guarda-me no colo, em nome de Deus, para que a luz da fé se mantenha acesa dentro de mim... Não me mates... Tenho tanta necessidade de ti, quanto a semente precisa da terra para germinar e viver... Dá-me a tua bondade e dar-te-ei a mim mesma... Dê-me esta chance, eu te imploro... De ti depende que eu possa estar amanhã entre os homens a fim de cooperar na construção de um Mundo Melhor.

Aline não podia ouvir suas palavras. Sentiu, no entanto, uma emoção tão forte enquanto Odilie orava que mais uma vez escondeu a cabeça entre as mãos e começou a chorar, sob o olhar cada vez mais intrigado do trocador.

Sentado a seu lado, Oto também chorava desconsolado, cercado por Têmis, Pablo e Demóstenes. De tão fixado no problema de Odilie, havia novamente recuperado o aspecto deformado que o caracterizava desde o momento em que fora abortado ao lado da própria Odilie.

- Não fique assim - Têmis tentou consolá-lo. - Ela ainda não perdeu as esperanças. Tente você também confiar nos desígnios do Pai...

- Não posso me conformar que ela passe duas vezes por esta mesma situação - disse ele, mal conseguindo segurar o pranto. - Já posso até ouvir de novo o barulho daquele implacável aspirador de gente... Se ao menos fosse comigo, que não sou digno de nenhuma misericórdia... Mas Odilie é pura, é boa... Ela não merece isso...

- Ninguém é indigno da misericórdia divina, Oto... - interferiu Demóstenes. - Só não recebem ajuda de Deus aqueles que não querem ser ajudados... E, ainda assim, há quem vele incessantemente por estes seres, com infinita paciência, à espera do momento em que balbuciem um sincero pedido de socorro... Se Odilie está passando por isso agora, mais uma vez, é porque ela necessita desta experiência a fim de valorizar ainda mais a oportunidade da vida... Acredite, nós fizemos tudo o que nos era possível!

- Se ao menos eu pudesse trocar de lugar com ela, nestes instantes... - Oto lamentou desconsolado. - Daria minha vida para que Odilie não precisasse passar por isto...

Comovido com sua dor, aos poucos, Pablo foi cnvolvendo-o com passes calmantes até que ele cochilou, recostado no ombro de Aline.

Vítor, enquanto isso, chegava correndo aos portões do Parque Guinle, na ânsia de encontrar logo um táxi, e deparava-se novamente com a figura do leão alado. "Eu não vou conseguir...", estancou de repente, como que hipnotizado por aquela fria figura. "A coisa' não vai deixar eu chegar lá!", imaginou, antecipando os fatos. Neste momento, porém, sempre guiado pelas vibrações do irmão Guilhôme, virou o pescoço e deparou-se então com outra estatueta que ficava junto ao portão, que atuou ainda mais profundamente sobre ele.

Era uma figura em mármore, que reproduzia o corpo de um leão sentado, em postura mansa, tendo, porém uma cabeça humana, de traços clássicos, tal qual uma esfinge, a qual parecia convidar Vítor a desvendar algo que ele ainda não sabia exatamente o que era. Sobre a esfinge, também reproduzida do outro lado do portão, brincava um cu-pido de ferro de ar inquieto, fazendo lembrar uma criança gordinha de pouco mais de um aninho. Vítor lembrou-se então mais uma vez do bebê de Aline e, num frêmito de coragem, acenou decidido para o táxi que passava.

No ônibus, a jovem continuava lacrimejando na janela, com os dois braços entrelaçados ao ventre.

- Ela não parece verdadeiramente disposta a tirar a criança - observou Têmis, enquanto afagava o rosto de Oto, adormecido a seu lado. -Ainda há esperanças? - ela perguntou, olhando preocupada para Pablo e Demóstenes.

- Estamos fazendo tudo o que nos é possível - asseverou Demóstenes.

- Até o endereço conseguimos fazer com que lhe caísse do bolso. Como vê, o aborto muito raramente se verifica obedecendo a causas de nossa esfera de ação. Em regia geral, origina-se do recuo inesperado dos pais terrestres, diante das sagradas obrigações assumidas ou aos excessos de leviandade e inconsciência criminosa das mães menos preparadas na responsabilidade e na compreensão para este ministério divino. É uma questão de livre-arbítrio, você percebe?

- Entretanto, mesmo nestes casos, tudo fazemos para opor-lhes resistência aos projetos de fuga ao dever, quando essa fuga representa mero capricho da irresponsabilidade, sem qualquer base em programas edificantes - destacou Pablo.

- E claro, porém, que a nossa interferência no assunto também tem seus limites - reiterou Demóstenes. - Se os interessados, transitoriamente esquecidos dos compromissos assumidos, retrocedem em suas decisões espirituais, perseverando sistematicamente contra nós, somos compelidos a deixá-los entregues à própria sorte...

- Será que ele vai conseguir chegar a tempo? - inquietou-se Têmis. Sentado agora no banco traseiro de um táxi, Vítor esforçava-se para manter os olhos fechados, angustiado com o movimento de carros que cortavam o centro da cidade em alta velocidade, em direção ao Méier. Nem sabia como havia conseguido chegar até ali, era a primeira vez, em muitos meses, que ele saía sozinho de casa. E ainda por cima para um lugar longe e desconhecido.

"Eu vou conseguir", tentava pensar, enquanto apertava nervosamente os dedos contra as mãos fechadas, num esforço de conter o próprio suor. "Se ao menos houvesse trazido o relógio...", lamentou sentindo o coração disparado. "Não, 'a coisa' não pode vir agora... Eu não quero que ela venha..." Era sua própria ansiedade quem fabricava os sintomas da crise.

- Lembre-se da contagem - sugeriu o irmão Guilhôme, a seu fado.

Imediatamente Vítor intuiu sua mensagem e procurou concentrar-se em mais uma contagem regressiva a partir de trezentos. "Ai, meu Deus, será que eu estou louco, será que vai dar tempo?", ainda assim conseguia pensar, entre um número e outro.

O táxi parou diante da casa amarela no exato minuto em que o ônibus chegava ao ponto final. A primeira vista era uma residência como outra qualquer, cercada por grosso portão de ferro eletrônico. Não havia nenhum letreiro na fachada. Enjoada com a viagem, Aline atravessou a rua e seguiu pela rua deserta. Ao avistar finalmente a casa, apoiou-se na mala do táxi que estava parado na porta, com muita vontade de vomitar. Estava inteiramente envolvida pelas energias de Oto, que chorava agarrado a suas pernas. Respirou fundo e comprimiu o abdômen com as mãos, na tentativa de controlar seu mal-estar. Ainda tonta e nauseada, ouviu a porta do carro bater e sentiu um estremecimento. Ao abrir os olhos, deu de cara com Vítor parado a sua frente.

-T... T... Tu? - tartamudeou incrédula, enquanto o táxi se afastava.

LXI

- Ele veio! - Oto arregalou os olhos admirado, parando imediatamente de chorar.

-Vamos embora daqui! - Vítor pediu, segurando Aline pelo braço.

- Quem és tu para tomar decisões sobre a minha vida? - ela reagiu indignada.

- Eu sou o pai desta criança que você quer matar - ele respondeu num impulso, imaginando estar mentindo. Naquele momento, faria qualquer coisa para evitar que Aline entrasse naquela casa.

- O que é que tu estás dizendo? - ela estancou, pasma.

- Sim, fui eu quem entrou no quarto naquela noite - ele assumiu sua dúvida como se fosse uma certeza.

- O quê? - ela não acreditou no que ouviu.

- Sim, fui eu. Naquela noite eu senti muito ódio quando vi meu irmão cantando você, quando te vi bebendo com ele depois de tudo o que havia acontecido entre nós...

Embora houvesse começado seu discurso com o simples intuito de demover Aline da ideia de abortar a criança, à medida em que ele ia falando, as cenas iam se refazendo em sua memória de maneira nítida, completando todos os claros que ele antes não conseguia preencher. Parado a seu lado, Oto também estava boquiaberto. Jamais imaginara que Vítor tivesse essa coragem.

- Horas antes você tinha me beijado, disse que tinha ido naquela festa só por minha causa... - ele continuou, sincero.

- Mas você saiu para buscar um café e nunca mais voltou! - ela disse alto, com lágrimas escorrendo dos olhos.

- Eu não voltei porque sofro de uma doença chamada síndrome do pânico! Eu não consegui voltar, será que você entende isto? - ele confessou, despojando-se de todas as suas defesas. - Quando vi você apagada no sofá da minha casa, com meu irmão passando as mãos nos seus cabelos, pensei que ia enlouquecer de tanta dor! E então ele te pegou no colo, do jeito que eu queria te pegar, e te levou para o quarto dele. Por um instante eu tive vontade de me jogar pela janela do edifício! Mas, então, o telefone tocou, eu ouvi a voz da minha mãe e me acalmei um pouco...

Aline ouvia a tudo sacudindo os ombros de tanto chorar, tapando a boca com a mão direita para que ele não lhe ouvisse os soluços.

-Ainda estava tentando me acalmar, contando de trás para frente e da frente para trás, porque é assim que eu faço cada vez que sinto que estou prestes a entrar em crise - ele continuou, nervoso -, quando, de repente, ouvi a porta do quarto de Vinícius novamente se abrindo. Desesperado, eu segui Vinícius até a cozinha, vi quando ele se serviu de mais uma dose de tequila. Ele ficou resmungando alguma coisa que eu não entendi, depois sentou na mesa e acabou dormindo... Foi então que eu entrei no quarto e fiz tudo aquilo com você... - ele abaixou a cabeça, envergonhado.

Aline ficou ainda alguns instantes chorando sem saber o que dizer. Se outra pessoa lhe contasse tudo aquilo, se o próprio Vinícius lhe narrasse aquela história, ela jamais acreditaria. Não conseguia entender que Vítor só chegara àquele ponto porquej estava enlouquecido de ciúmes, porque não queria que ela fosse de mais ninguém. Sentia apenas o peso da decepção com alguém que ela até então julgava diferente de todos os rapazes que ela já havia conhecido. Vítor fora o primeiro homem por quem ela havia se interessado verdadeiramente, o rapaz com quem um dia ela chegara a sonhar em se casar. Não podia, não conseguia perdoar que ele a tivesse enganado deste jeito.

- Tu tens noção de tudo o que me causaste? - Aline o empurrou com raiva. - Tu tens noção de tudo o que eu passei, de tudo o que eu senti por causa do teu ato de brutalidade? - lágrimas continuavam escorrendo-lhe dos olhos enquanto ela falava, com o dedo em riste. - Eu odiei o teu irmão por causa disso! Cheguei a desejar a morte dele quando soube do acidente!... E, no entanto, foi em ti que eu pensei na hora em que eu estava lá com ele!... Eu estava apaixonada por ti e tu fizeste isto comigo!...

-Você pode não acreditar, mas eu não sabia! No dia seguinte me deu um branco, só agora eu... - ele tentou se explicar, ainda de cabeça baixa.

- E ainda ficaste te fazendo de bonzinho na hora em que eu desabafei contigo! - ela continuou, olhando para ele com profundo desprezo. -Era tudo falsidade! Por isso saíste correndo, ontem, na hora em que eu te elogiei!

- Você não me elogiou! - ele levantou a cabeça, fungando, só então mostrando que também estava chorando. - Você me chamou de monstro!

- Na minha terra, quando a gente diz que a pessoa é um monstro, é porque ela não existe de tão bacana.... - ela explicou, chorando. - Mas eu estava errada! Tu não és a pessoa que eu pensei... Es mesmo um monstro pior do que esses de filme! - ela foi aumentando a voz. - Um monstro! - gritou a toda voz, tomada por mais um de seus rompantes. -Tu queres saber? Suma daqui! Eu nunca mais quero olhar na tua cara! Eu te odeio! - disse, olhando-o no fundo dos olhos, antes de sair pisando firme em direção à entrada da casa.

Tremendo como se estivesse ardendo em febre, Vítor assistiu da calçada ao momento em que ela tocou a campainha. Era como se ela o houvesse esbofeteado com suas palavras duras. O portão eletrônico, então, se abriu e Aline seguiu em direção ao interior da casa.

-Volte aqui! - ele correu até o portão de ferro, agarrando-se às grades, desesperado, no momento em que viu que a porta havia automaticamente sido travada após a entrada de Aline-Abram esta porta, eu estou mandando! Volte aqui, Aline! Eu te amo... - gritou, num fio de voz.

Logo, porém, ele percebeu que era inútil gritar. Não havia ninguém na rua, todas as outras casas, e inclusive aquela, estavam com asjanelas fechadas como se houvesse uma tácita combinação entre seus moradores. Ainda por cima, era domingo. Vítor sentou-se então no meio-fio e chorou. Não havia mais nada que pudesse fazer. Naquele momento, pela primeira vez em sua vida, percebia que não podia ter o controle sobre as pessoas e suas decisões. A este pensamento, viu-se imediatamente como o médico do passado e ouvi-se de novo dizendo: "Não me importo com eles ou com o que possa lhes ter acontecido... Apenas estavam em meu caminho e os eliminei... Eu tenho o controle sobre todas as situações... E muito bom poder resolver as coisas do meu modo, sem precisar dar satisfações a ninguém..."

- Eu não quero mais ser assim! - ele disse, em soluços. - Oto, pelo amor de Deus, me perdoa! Não deixe que ela mate o meu filho!

Sentado a seu lado, Oto também chorava compulsivamente. Não tinha coragem de entrar na casa atrás de Aline. Sabia exatamente tudo o que aconteceria a partir da porta que se fechara. Fora exatamente ali, naquela mesma casa, que fracassara em sua última tentativa de reencarne. E agora as duas estavam novamente ali, prontas a reviver aquela mesma tragédia. Ele não queria ver isso.

- Eu te perdôo... - ele disse aos ouvidos perispirituais de Vítor. - Não só te perdôo como me orgulho de você... Com sua coragem, você me mostrou que realmente mudou, não é mais o mesmo... Eu é que agora te peço perdão por tudo o que te fiz sofrer, aproveitando-me de sua doença... Pensando bem, eu também já te fiz muito mal...

Desta vez, Vítor não ouviu suas palavras. Mas pôde senti-las em sua alma como se acabasse de receber um beijo de Oto e olhou em torno como se o procurasse. Profundamente emocionado, o antigo obsessor olhou então para Têmis e sentiu uma vontade maior ainda de chorar. O tempo todo ela se mantivera a seu lado, deixara mesmo de acompanhar Odilie para poder melhor ampará-lo. "O Paijamais nos deixa desamparados", ele lembrou-se das palavras que ouvira no centro.

Foi então que aconteceu algo de muito especial. Pela primeira vez, Oto percebeu quem era Têmis. Naquele momento de conscientização e reconhecimento, ele a viu como aquela que fora sua mãe na encarnação que vivera na Alemanha ao lado de Vítor.

-Venha, meu filho - ela abriu os braços para ele de maneira terna.

- Já é hora de cuidarmos de você...

Os dois se abraçaram com a força do amor que os havia unido por todo aquele tempo. Logo, desapareciam no espaço, sem que Vítor desconfiasse de nada. Ele continuava sendo amparado pelo irmão Guilhôme, que mais uma vez o envolvia com suas vibrações de luz. "O que é que eu faço, meu Deus? O que é que eu faço?", Vítor se perguntava em soluços, sem nem por um instante imaginar que, meses atrás, Aline havia vivido aquela mesma situação em Florianópolis.

- Ore, meu filho! - sugeriu o irmão Guilhôme, a seu lado.

Vítor captou suas palavras e fechou os olhos, lembrando-se do quadro do consultório de Olívia.

"Jesus, por favor, fazei com que ela mude de ideia", pediu com sincera humildade. "Eu não sou nada, mas o Senhor pode tudo...

Na requintada sala de espera do consultório, Aline vivia momentos de angústia e indecisão, enquanto aguardava que o médico a chamasse. Segundo lhe explicara a secretária, ele estava terminando um outro "atendimento de emergência" que surgira de repente. Ao imaginar que outra jovem estava se submetendo a um aborto naquele momento, Aline sentiu como se um temporal houvesse desabado dentro de sua cabeça, onde agora se misturavam frases aparentemente desconexas:

- Eu posso assumir esta criança, eu posso casar com você! - dizia a voz de Vítor.

- Se fosse minha filha, diria para vos tomar mais cuidado com esses seus rompantes. A gente não deve tomar nenhuma decisão de cabeça quente. A pessoa nervosa perde a noção de tudo, magoa aqueles que ama, fica tão bloqueada que não consegue escutar nem a voz da própria consciência. Portanto, se fosse seu pai, eu recomendaria que ficasse atenta para este seu lado e tentasse ir aprimorando-o na medida do possível... - lembrava-lhe a voz do motorista que lhe dera carona na rodoviária de Resende.

- Deus é tão bom que jamais nos deixa sozinhos. Se a gente tem de passar por alguma dificuldade, podem ter certeza de que sempre haverá em nosso caminho amigos ali especialmente posicionados para nos ajudar. Não só amigos encarnados, como também amigos desencarnados. Seres que nos acompanham desde que deixamos o plano espiritual dispostos a vivenciar mais uma experiência reencarnatória, que nos orientaram no planejamento desta experiência e que jamais nos abandonam

- dizia ainda a voz do dirigente do centro onde ela assistira à reunião há alguns dias.

Pablo e Demóstenes, enquanto isso, se intercalavam pressurosos na tarefa de selecionar-lhe as frases arquivadas em seu inconsciente e trazê-las à tona naquele momento grave, ajudados por toda uma equipe de irmãos cujo trabalho era justamente atuar em casos como aquele. Entre eles estavam Lupércio e seus comparsas. Não tinham noção de que integravam um grupo. Dadas suas condições vibratórias, sequer conseguiam enxergar os irmãos das esferas mais altas. Atuavam meramente por vingança, com o único intuito de prejudicar Faustino. Em alguns momentos, por ignorância, chegavam mesmo a creditar a si próprios os pensamentos de Aline arduamente despertados pela equipe da luz.

Ainda assim, muito contribuíam no trabalho com seu esforço de convencer a jovem a desistir de seu intento.

- Nunca pensei que fosse ser tão difícil para mim entrar novamente nesta casa onde um dia ajudei a trazer ao mundo tantas vidas... - confessou Demóstenes, enxugando uma lágrima que teimara em escorrer-lhe dos olhos. - E pensar que eu o preparei para que continuasse o meu trabalho... - ele lamentou, olhando para a porta do consultório onde Faustino continuava fechado.

- Não deixe que suas recordações o desequilibrem, meu irmão - aconselhou Pablo. - Pense apenas que continua ajudando a trazer ao mundo uma alma que muito necessita dessa experiência...

- A moça parece irredutível - observou uma das entidades de plantão. - Não seria melhor iniciarmos logo a operação de desligamento do espírito que se encontra acoplado ao embrião?

- Não! - gritou Odilie, agarrando-se ainda mais fortemente aos laços fluídicos que a prendiam a Aline. - Ela não vai me matar! Eu tenho certeza de que ela ainda vai mudar de idéia!

- Odilie tem razão - opinou Pablo. - Até o último minuto ainda há esperança!

Sempre inspirada por aqueles abnegados espíritos, Aline revia agora mentalmente cada etapa de sua desesperada tentativa de evitar o aborto de Mariana. "Como é que alguém pode sequer cogitar a ideia de matar um bebê? Sim, porque desde o momento em que o óvulo foi fecundado, já existe um bebê! Não, eu não posso deixar Mariana cometer esse crime", reviu-se dizendo a si própria. Pensou então que Vítor, apesar de tudo, fora a única pessoa que tivera a coragem de fazer por ela o mesmo que ela fizera por Mariana.

Aos poucos, esta ideia foi crescendo dentro de Aline como uma gota de amor. "Eu não te conheço, mas eu gosto de você! Eu gosto muito de você!", ela o ouviu novamente dizendo. Quanto mais ela se lembrava de suas palavras, mais sentia crescer seu amor por ele.

Neste momento, a porta se abriu e a secretária convidou-a a entrar. A sala do médico estava vazia, nem parecia que há poucos minutos houvera outra jovem lá dentro. "Por onde teria passado? Será que ainda estava lá dentro?", Aline perguntou-se, olhando para a outra porta de madeira que ficava no fundo da sala.

- Eu... eu... eu não quero mais tirar a criança! - ela disse, cabisbaixa, no momento em que o médico surgia nesta outra porta. Sua vontade era sair correndo dali e ver se Vítor ainda continuava esperando-a diante da casa.

-Aline! - exclamou o médico assustado.

Só então ela levantou a cabeça e encontrou-se com o olhar de Faustino, que a encarava boquiaberto. Andava tão transtornado que sequer verificara antes o nome da paciente na ficha que lhe fora entregue pela secretária. Nem por um minuto sequer passara-lhe pela cabeça que a jovem que tanto insistira naquele atendimento de emergência fosse a própria neta, tão menina ainda.

- O senhor? - ela perguntou surpresa.

- Minha neta! - ele se lançou dejoelhos a seus pés. - Eu não sabia... Jamais faria uma coisa dessas com você... - ele agarrou-se a suas pernas chorando, sob o olhar apalermado de Aline e da secretária. - Com você não... - ele repetiu, entre lágrimas.

Antes que ele pudesse dar qualquer explicação, porém, ouviu-se o barulho de sirenes e, em seguida, alguém soou insistentemente a campainha. Ainda atônita, a secretária correu a atender. Os policiais empurraram-na e foram entrando direto na casa, seguidos por Florence e Moneda.

- Pai! - Florence gritou ao chegar na porta do consultório, introme-tendo-se entre os policiais que, a essas alturas, já ganhavam a pequena sala no fundo, e descobriam a outra paciente ainda em repouso, cercada pelos mais sofisticados aparelhos de aborto.

- O senhor está preso! - disse o delegado.

Só então Florence percebeu que era à própria filha que Faustino estava agarrado dejoelhos e que era ele o mesmo homem que desmaiara diante dela na noite em que estivera na casa de Clarinha.

LXII

Faustino deixou o consultório algemado e cabisbaixo, sem dizer mais nenhuma palavra. Tal qual uma sombra, Lupércio seguia atrás dele, gargalhando sem parar, enquanto o restante do bando era amparado por Demóstenes e pelos demais integrantes da equipe de socorris-tas da colônia Renascer.

A secretária do médico também foi levada para prestar depoimento na delegacia e a moça que se encontrava na sala de operações, depois de acomodada em uma ambulância da polícia, foi levada diretamente para um hospital. A pedido de Moneda, Florence e Aline foram liberadas de acompanhar o comboio. A secretária e a paciente que acabara de ser submetida a um aborto eram suficientes para atestar as atividades ilícitas de Faustino. Moneda também prestaria seu testemunho, mas combinou com os policiais que levaria primeiro as duas em casa e só depois seguiria para a delegacia.

-Vítor? Você aqui? - ele estranhou ao perceber o rapaz ao lado de uma árvore, observando toda aquela movimentação.

Alheias a tudo o que acontecia lá fora, Florence e Aline continuavam paradas no consultório, olhando uma para outra, com lágrimas escorrendo sem parar. Aline só conseguia lembrar do retrato do avô que vira no escritório na noite da festa de Jaqueline. Só agora entendia porque se familiarizara tanto com aquela foto. Era quase idêntica àquela que tinham em casa.

- Era ele, não era mãe? Era por isso que ele não queria conhecer a gente... - Aline, por fim, quebrou o silêncio.

- Não pense nisto agora, filha, pense apenas que... - ela olhou para a barriga da filha. - Por que não me avisaste, Aline, por que não falaste comigo?

- Eu tive medo... Achei que nunca me perdoarias... - ela respondeu, sem coragem de aproximar-se da mãe. - Eu estou esperando um filho e não quero tirá-lo de mim - disse, abraçando a barriga. - Eu quero ficar com ele, mãe...

- Filha! - Florence correu a abraçá-la. - E quem foi que disse que eu ia pedir para que tirasses teu filho? Se ele é teu, ele é meu também! Eu vou te ajudar a criá-lo, com o mesmo amor que eu sempre te criei...

- Desculpa, mãe... Desculpa! Eu juro que não queria que tu passasses por isso... Aconteceu sem querer, eu não tive coragem de te contar... - ela disse, chorando muito.

-A culpa foi toda minha - disse Vítor, entrando na sala.

Depois de explicar-se com Moneda sem entrar em maiores detalhes, aproveitara-se de um descuido dos policiais para entrar na casa sem ser visto. Aline soltou-se da mãe e correu até ele.

- Não diga nada - ela pediu, tapando-lhe carinhosamente a boca com os dedos. - Não fosse por você, eu... - ela o encarou no fundo dos olhos, quase encostando seus lábios nos dele, sem saber como continuar.

Tudo o que sabia era que ela o amava profundamente, independente de todas as bobagens que ele havia feito. Era um sentimento mais forte do que ela, que extrapolava sua própria capacidade de raciocínio.

-Acho que os dois têm muito o que conversar, mas não aqui. - disse Moneda, também entrando na sala. - Vem... -ele estendeu a mão a Florence. - Vamos todos lá para fora porque a polícia ainda precisa terminar seu trabalho.

Ainda perdidos e sem saber o que dizer, Vítor e Aline deixaram a sala e encaminharam-se para fora da casa, enquanto Moneda continuou por alguns instantes com a mão estendida para Florence. Ela, porém, não estendeu-lhe a mão de volta. Ao invés disto, cruzou os braços de maneira defensiva e seguiu rapidamente atrás de Vítor e Aline, como se Moneda não estivesse na sala.

- Espere! - ele a segurou pelo braço, no minuto em que Florence estava prestes a ultrapassar a porta. - Eu sei que é difícil para você, mas procure entender... Se eu não tivesse feito o que fiz, a esta hora sua própria filha poderia...

- Eu entendo tuas razões - ela disse, grave. - Só não entendo que queiras me fazer passar pela tua esposa que morreu.

- Por que você está dizendo isso? - ele não compreendeu de imediato.

- Então tu negas a semelhança que existe entre mim e Lorraine? -ela continuou encarando-o da porta.

- Quem disse isto a você? - ele reagiu surpreso.

- Ninguém me disse, Maurício. Eu vi.

- Mas como? Onde? - ele não conseguia entender.

- Que diferença faz isso para ti? O fato é que eu vi uma foto dela e fiquei tão chocada com a semelhança que cheguei a pensar que fosse eu mesma na foto...

Moneda enfiou as duas mãos no bolso e ficou como que girando, dando passos em torno de um mesmo ponto, enquanto procurava palavras para se explicar. Como diria para ela que ele próprio havia se questionado muito a respeito da absurda semelhança entre as duas? Que durante muito tempo tivera mesmo a sensação de estar de novo diante de sua ex-mulher quando estava a seu lado? Estava, contudo, ainda tão nervoso com toda aquela situação que mal conseguia concatenar as idéias numa explicação.

-Talvez você tenha razão - admitiu por fim. - Vocês são muito parecidas, não sei até que ponto isto influi no que sinto por você...

Ao ouvir isto, Florence levou as duas mãos ao peito, como se tentasse abafar as batidas do próprio coração. Esperava tudo, menos que ele confessasse sua dúvida com tanta sinceridade. Por um momento teve vontade de jogar-se nos braços dele e pedir-lhe, implorar-lhe que dissesse que ela era diferente da outra, que ele a amava muito mais que um dia amara Lorraine. Sabia, contudo, ser isto impossível. Mesmo que ele lhe dissesse tudo isto, ela jamais acreditaria. Ao mesmo tempo, o fato dele admitir sua dúvida, deixava-a profundamente balançada. Ele estava sendo honesto. Mas será que ela conseguiria viver um relacionamento com ele sabendo que ele olhava para ela e pensava na outra? "Não", disse a si própria. A história de amor entre os dois terminava ali.

Enquanto isso, lá fora, Vítor e Aline estavam agora parados no mesmo ponto onde haviam antes discutido.

- Moneda me falou sobre o seu avô... - ele disse, constrangido.

- Sinceramente, eu ainda não consegui entender nada até agora. A sensação que tenho é de que estou vivendo um pesadelo... - disse ela, levando instintivamente as mãos à barriga. - O mais importante de tudo isso é que, graças a Deus... - ela fez uma pausa olhando para ele -, graças a você... eu não matei o nosso filho...

Vítor abriu um largo sorriso alegre e aliviado. Até aquele momento não tinha conseguido descobrir se ela fizera ou não o aborto.

- Eu... eu... - tentou dizer, emocionado. - Eu juro que vou fazer de tudo para quejamais se arrependa desta sua decisão...

- Tu ias continuar gostando de mim mesmo se eu... - ela não teve coragem de terminar a frase.

Ele aproximou-se dela, segurou seu rosto com as duas mãos e disse:

- Estava aqui até agora esperando por você... Mesmo que... - ele também ficou constrangido de mencionar o assunto - ...eu continuaria amando você... Quer dizer, se você me quisesse...

Emocionada, Aline apenas fechou os olhos e deixou que ele a beijasse. Naquele momento, teve a certeza de que era ele realmente o pai do filho que esperava e pela primeira vez lembrou-se da noite que haviam passado juntos sem sentir tanto horror. Era nele que ela pensava quando tudo aconteceu, era com ele que ela gostaria que tudo tivesse acontecido, ainda que não da forma como havia acontecido.

-Você acha que... a gente deve casar? - ele perguntou, ainda olhan-do-a no fundo dos olhos.

-Casar? - ela espantou-se. - Mas... Nós só temos quinze anos! Nem terminamos os estudos!

- Mas, então, como vamos fazer? Eu tenho certeza de que quero me casar com você! - ele disse.

- Eu também, mas, mesmo assim, acho que é muito cedo para a gente casar! - ela argumentou. - Depois, tu ainda nem sabes como teus pais vão reagir quando souberem de tudo isso...

Vítor pensou por alguns instantes. Ela tinha razão. Contudo, não queria que Aline achasse que ele não queria assumi-la, e nem à criança. Embora fosse apenas um adolescente, ele estava realmente certo de que jamais amaria outra mulher pelo resto de sua vida.

- Eu também gosto de ti - ela disse. - Nem sei por que eu gosto tanto de ti... E quase como se sempre houvesse esperado por aquele dia em que nos encontramos... Mas, mesmo assim, a verdade é que nem nos conhecemos direito...

- E se a gente namorasse? - ele pensou depressa. - Quer dizer... Você quer namorar comigo?

Lágrimas escorriam dos olhos de Aline quando, num sorriso, ela novamente aproximou seu rosto do dele.

- É claro que eu quero! - disse antes de beijá-lo.

Nos três meses que se passaram, o sentimento entre os dois apenas cresceu. Vítor voltou a estudar. Tinha agora um objetivo maior na vida, que era o de formar-se o quanto antes, arrumar um emprego e casar-se com Aline. Enquanto isso, viveriam em casas separadas.

Passado o susto inicial, toda a família concordou com a decisão dos dois, esforçando-se mesmo para incentivá-los de todas as formas possíveis. A relação entre os dois não poderia ser mais intensa. Todos os dias, exceto às terças e quintas, quando suas aulas terminavam mais tarde, Vítor ia buscá-la na escola. Depois, almoçavam na casa dele e passavam o resto da tarde estudando juntos para recuperar o tempo perdido.

Com a ajuda de Vítor, Aline até superou suas dificuldades em biologia, enquanto ele, graças a ela, aprendeu a fazer melhores redações. Mais do que nunca, sonhava em tornar-se um geneticista e especializar-se na área de clonagens. No entanto, não se sentia mais tão ansioso quando lia as últimas novidades sobre o assunto.

Curiosamente, desde o domingo em que vencera a si próprio para tentar evitar o aborto de Aline, não voltara a experimentar nenhum de seus antigos sintomas. Continuava a tomar os medicamentos, em dosa-gens cada vez menores, sempre assistido pelo psiquiatra, a quem não olhava mais com olhos tão desconfiados, e por Olívia.

Ao longo desses três meses, foram realizadas algumas sessões onde Vítor pôde se lembrar de outras situações, nem todas com a mesma intensidade da primeira. Mas, em quase todas, pôde identificar traços e reações que se repetiam na sua vida atual, inclusive relacionados à crise de pânico.

Entre as vivências a que teve acesso através da terapia de vidas passadas, viu-se como uma jovem que passava toda a sua vida apavorada pelos rigores de um marido mais velho, violento e dominador, exigindo dela redobrada e permanente atenção para não desagradá-lo. Viu-se também como um soldado, vaidoso e prepotente, responsável por um batalhão, e que costumeiramente era obrigado a tomar decisões importantes, até que uma dessas decisões resulta na morte de quase todos os seus homens, tornando-o extremamente exigente e rigoroso com os efeitos de suas atitudes, o que explicaria seu lado controlador excessivo na atual existência.

Viu-se ainda como um coletor de impostos, exclusivamente preocupado em que tudo acontecesse do jeito que ele queria e que usava seu poder e prestígio para conseguir as mulheres que desejava, sem assumir qualquer tipo de compromisso ou responsabilidade com elas. A este personagem, Vítor associou sua atitude cega e dominadora por ocasião do estupro de Aline e sentiu-se aliviado por estar agora assumindo a responsabilidade por ela e pelo filho.

De todas estas experiências posteriores, porém, a mais significativa, a que mexeu mais com ele depois da primeira, foi aquela em que ele se viu como um aspirante a cientista nos primórdios da medicina, em um local que se assemelhava a pequeno anfiteatro, todo de pedras, com uma pequena mesa, também de pedra, ao centro. Ali, um grupo fazia experiências com indigentes recolhidos nas ruas, para avaliação do funcionamento, em vida, de algumas funções orgânicas. Sempre obcecado por agradar aquele que era uma espécie de mestre desses pesquisadores, Vítor tinha a responsabilidade de anotar todas as reações dos indigentes diante de cada experiência.

Também nessa existência, que situou cronologicamente como anterior à que vivera na Alemanha, ele se percebeu como alguém vaidoso, prepotente, egoísta e excessivamente dominador, características essas que agora tinha certeza de que precisava reformular em sua vida atual.

- Nosso passado, traga ele recordações suaves ou dolorosas - disse Olívia, na tarde em que acabavam de analisar esta sua última experiência regressiva -, deve ser lembrado apenas com uma única finalidade, que é a de retirar dele as lições provenientes das situações por que passamos. Aprendemos, nas regressões, a identificar as atitudes e valores que continuamos a repetir na vida atual, mas que representam um entrave ao nosso equilíbrio. Percebemos que ainda gostamos de ser daquela maneira vivida no passado que, contudo, traz hoje consequências inadequadas. Portanto, acabamos concluindo que estamos diante de um dilema: ou continuamos do mesmo jeito e sofrendo, ou transformamos, conscientemente, essas atitudes e valores para superarmos o sofrimento. Tais lições, na verdade, nos ensinam a ser mais prudentes. Delas retiramos o ensinamento preventivo para muitas situações. Uma vez alcançado este objetivo, o melhor que temos a fazer é esquecer o passado.

- Mas é impossível esquecer tudo isso - argumentou Vítor. - Não fosse por essas voltas ao passado eu continuaria prisioneiro do pânico, sem entender o que estava me acontecendo. Mesmo que eu obtivesse a vitória sobre as crises e voltasse a me dedicar aos estudos com uma meta para o futuro, como agora estou fazendo, não sei se conseguiria encarar este meu sonho de trabalhar com clonagens com a mesma determinação, com a mesma clareza como passei a ver esta minha verdadeira obstinação.

- Como você sente agora esta sua obstinação? - quis saber Olívia.

- Depois de tudo o que vivenciei através destas experiências regressivas e até da minha própria história atual com a Aline, eu hoje sei que não é por acaso que trago comigo esta paixão pela ciência, pelo estudo do funcionamento dos órgãos humanos - ele respondeu, reflexivo. -Tenho certeza de que um dia vou trabalhar com isso, porque eu vim ao mundo com esta tarefa. E como se fosse uma espécie de missão, sabe? -ele continuou, empolgado.

- E você acha que o pânico te ajudou de alguma maneira para que chegasse a essa conclusão? - a terapeuta continuou sua investigação.

- Com certeza - avaliou Vítor. Estava mais falante, mais seguro e maduro em suas explanações. - Se não fosse o pânico, se não fosse tudo o que eu descobri através dele, não sei se não acabaria me satisfazendo com a parte puramente científica da coisa, você me entende? Talvez ficasse meramente fabricando embriões em laboratório, manipulando células para duplicar pessoas ricas com dinheiro suficiente para bancar tal extravagância. Mas agora não...

- E como você encara isto agora? - perguntou Olívia, interessada.

- Eu quero mais do que isto, muito mais do que isto! Compreendi finalmente que a clonagem pode ser encarada sob um sentido muito mais nobre do que a maioria das pessoas costuma encarar. Quero produzir células diferenciadas de qualquer órgão do corpo, partindo das chamadas "células-tronco" embrionárias. Quero encontrar maneiras de ajudar as pessoas que sofrem das mais variadas doenças e não veem perspectivas de cura pela impossibilidade de encontrar doadores dos órgãos de que necessitam. Muitas vezes, quando esta pessoa consegue um doador, acontece o problema da rejeição.

Quero ajudar a descobrir maneiras de criar órgãos em laboratório a partir de células da própria pessoa, para acabar não só com o problema da espera angustiosa por um órgão, como também evitar os danos que costumam provocar as rejeições nos transplantes atuais - Vítor explicou, cheio de entusiasmo no olhar.

- E será que não tem nem um pouquinho de vaidade nesse sonho? Conseguindo tudo isso, você certamente será reconhecido internacionalmente... - provocou a psicóloga.

Vítor meditou por algum tempo. É claro que mexia com ele a fantasia de receber aplausos do mundo inteiro pelo bom desempenho de seu trabalho. Há algum tempo talvez fosse mesmo isso o que mais desejasse, o que o movesse em direção a seu objetivo. Todavia, as situações vivenciadas através da terapia regressiva e até mesmo os estudos a respeito da reencarnação que empreendera em função disso haviam mudado algo de essencial dentro dele.

- Se há algum tempo atrás eu te dissesse que isto não contava nada para mim, estaria mentindo - ensaiou de maneira ponderada. - Agora, porém, é como se eu tivesse mudado a minha maneira de olhar para o mundo... Talvez até eu tenha mudado... De repente, quando percebi que a gente não morre, apenas muda de corpo ao longo de várias existências, morrendo e continuando vivo, experimentando sempre as conseqüências de meus atos passados, acho que passei a encarar a vida de uma forma diferente... Pensando bem, eu acho que realmente mudei...

- Me fale um pouco sobre essa mudança - pediu Olívia.

- A questão é que essa coisa do reconhecimento das pessoas deixou de ser tão importante para mim. Não posso dizer ainda que não estou nem aí para o que as pessoas vão pensar de mim ou do meu trabalho -ele continuou, de maneira honesta. - Mas existem outras coisas que, de repente, se tornaram muito mais importantes do que isso. Minha meta não é mais a experiência científica em si, nem os aplausos que ela pode acarretar, e sim os benefícios que ela pode trazer para as pessoas. Sinto que através dela eu posso, de alguma maneira, reeditar todos os erros do meu passado de forma mais digna, sabe como é que é? Eu quero ajudar a salvar vidas! Sinto que assim estarei salvando minha própria vida, reintegrando minha atuação a uma meta existencial mais nobre, atendendo aos apelos de crescimento de meu próprio espírito...

Olívia ficou com os olhos cheios d'água ao vê-lo falar com tamanha convicção. Através do sofrimento e do esforço pessoal para vencer seu sofrimento, Vítor havia nitidamente se transformado numa pessoa mais forte, mais humana, mais apta a lutar pela própria felicidade.

- E maravilhoso que você tenha conseguido alcançar essa consciência, Vítor. Me sinto realmente muito orgulhosa de você por isso. Justamente por essa consciência estar tão consolidada em você, que eu insisto que não há mais necessidade de ficar remoendo o passado, lembrando a toda hora de detalhes de suas experiências regressivas. Faça o seu melhor daqui para frente e deixe o seu passado para trás. "Um ato de amor cobre uma multidão de pecados", já dizia o apóstolo Pedro.

- Engraçado... Ouvindo você falar, lembrei sem querer daquele sonho que eu tive com a minha avó, onde ela me mostrava as portas batendo nos porões escuros de meu inconsciente e me convidava a enfrentar o presente... - associou ele. - Ela dizia que era preciso ir até lá embaixo para podermos descobrir exatamente onde comprometemos a nossa liberdade de ser felizes na presente existência, onde se encontrava a porta aberta que necessitava ser fechada...

- E exatamente o que estou tentando te dizer. Nós vamos ao passado para nos livrarmos, pela transformação, dos efeitos nocivos dele na vida atual. Vocêjá fechou as portas que haviam ficado abertas em seu inconsciente. Daqui para frente, elas não vão mais ficar batendo e return-bando dentro de você de maneira a comprometer o seu presente, porque vocêjá resolveu as questões pendentes, as culpas que trazia impressas em seu eu mais profundo. Portanto, na medida do possível, agora procure apagar de sua mente os atos do passado, deixando impressos apenas o saldo de conhecimentos que a experiência te legou.

- Mas como é que eu vou esquecer, como não vou me lembrar? - ele não conseguia realizar isto em sua mente.

- Simplesmente não pensando, não supervalorizando esses fatos, seguindo adiante e deixando-os para trás. Quando uma pessoa aprende a dirigir, por exemplo, ela não fica o resto da vida lembrando de quantas balizas derrubou durante o tempo de auto-escola ou se aprendeu primeiro a passar a primeira ou a marcha a ré. Ela simplesmente dirige, com base em todos os conhecimentos que ficaram arquivados em seu inconsciente - figurou a terapeuta.

-Talvez você tenha razão... - concordou Vítor. - No meu relacionamento com Aline fazemos o possível para não pensar, não lembrar do dia em que aquilo tudo aconteceu. Seria muito bom se algum dia nós conseguíssemos nos esquecer de certos detalhes de nossa história... - ele comparou.

- No que se refere às regressões, o importante é lembrar quando estiver repetindo algum tipo de padrão de comportamento do passado. Essa lembrança, que ocorre naturalmente nessas horas, costuma ser o estímulo necessário à vigilância na transformação que se processa a todo instante. Quem hoje tomba, não deverá, amanhã, recordar-se do tombo, mas da sua maneira descuidada de caminhar, ou seja, da causa da queda. Por outro lado, se você dispersar a sua atenção e ficar olhando só para o passado ou só para o futuro, fazendo milhares de planos para consertar o passado, lá na frente, sem se preocupar em viver o presente e fazer aquilo que é possível no presente, vai acabar caindo de novo. O que eu quero recomendar para você é que daqui para frente, você olhe para o chão de seus passos presentes e caminhe seguro, sem temor, em relação ao futuro, sem ansiedades e expectativas desnecessárias...

-Você está me dando alta ou é impressão minha? - ele deduziu surpreso.

- Sim, Vítor. Creio que, a partir de hoje, você já pode continuar sem mim. Você hoje conhece muito mais a si mesmo, sabe os recursos que tem e o que precisa fazer a cada situação que terá pela frente. Terá muitos desafios, é claro, mas já tem os meios para superá-los. Portanto, já está pronto para seguir seu próprio caminho sem a minha interferência. De qualquer forma, quero que saiba que, sempre que precisar de mim, estarei pronta a atendê-lo...

Ao deixar o consultório, Vítor sentia-se ao mesmo tempo feliz por sua conquista e inseguro em pensar que não teria mais seu grilo-falante - era assim que ele agora a chamava, de brincadeira - ajudando-o a desvendar os recados de seu eu inconsciente. "Será que eu vou conseguir?", ele se perguntou ao deparar-se com o sol brilhando na rua movimentada. "Como será minha vida daqui para frente sem a Olívia?"

LXIII

- Será que algum dia eu vou conseguir tirar o Maurício da minha cabeça? - Florence perguntou-se ao ver a família e os amigos reunidos em torno da TV.

Passados três meses desde a última vez que o vira, ela ainda se questionava se tinha agido corretamente ao terminar tudo daquela maneira, quase arrependida por sua atitude.

Mas não era hora para pensar sobre estas coisas. Era um dia especial. Domingo, 30 de junho de 2002, dia da última disputa do Brasil na Copa do inundo, na final contra a Alemanha. A mesa estava cheia de quitutes e iguarias que ela havia especialmente preparado para a ocasião. Salgadinhos, canapés, roscas, biscoitos caseiros e até os grústolis, ou cuecas-viradas, como Rafael insistia em chamar, que todos adoravam.

- Isso aqui é muito bom! - disse Clarinha, experimentando um.

Ela agora morava também no apartamento de Paloma. Após o escândalo da prisão de Faustino, a mãe mudara-se definitivamente para Paris, deixando-a aos cuidados da irmã mais velha. Para a menina, que sofrerá tanto com os últimos acontecimentos que marcaram sua família, esta fora a melhor notícia do século depois da descoberta de que Florence era sua irmã. Na verdade, via nela a mãe que nunca tivera. Sem contar a alegria de ter um 'sobrinho' como Rafael.

A não ser por algumas pequenas crises de ciúmes de ambas as partes, seu relacionamento com Aline também era muito bom e Clarinha não via a hora de sua 'sobrinha-neta' nascer. Aline entrava em seu quinto mês de gravidez e o sexo do bebê acabara de ser revelado por um exame de ultrassonografia.

- Eu e Rafael estivemos pesquisando e encontramos uma porção de sugestões de nomes para ela - disse Clarinha, aproximando-se de Vítor e Aline com um desses livros de nomes vendidos em bancas de jornal. -Que tal Ismênia?

- Que nome estranho! - disse Vítor, sem soltar sequer por um instante a mão de Aline. - Não tem nenhum outro mais simpático?

- Significa saudade, desejo vermente de amor! - atalhou Rafael.

- Vermente não, deve ser veemente! Entusiástico, fervoroso, caloroso, intenso! - corrigiu Chuva.

-Ali, eu acho bonito... - refletiu Aline. - Ismênia...

- Eles parecem todos tão felizes - Florence comentou com Paloma.

- Que Saint-Germain os envolva com sua chama violeta! - exclamou Paloma.

A poucos passos de distância, Pablo e Têmis, que naquele dia voltava a visitar a família, também os observavam satisfeitos. Pablo continuava acompanhando de perto o gradual acoplamento de Odilie ao feto que se desenvolvia no útero de Aline. Deveria permanecer ao lado de Odilie como uma espécie de segundo anjo da guarda, até que ela chegasse a sete anos-de idade, quando finalmente estaria consolidado seu processo de reencarne.

- Aretusa ficaria emocionada se pudesse vê-los neste momento... -Têmis não pôde deixar de comentar.

- E como ela está? - quis saber Pablo.

- Ela continua em tratamento na colônia. Assim como acontece aos encarnados, é muito delicado para os espíritos ter acesso a informações que ainda não estão preparados para digerir... No encontro com Faustino, ela não só ficou sabendo da triste realidade que envolvia o ex-marido, como também teve acesso a recordações de vidas anteriores, através de mergulhos de memória provocados pelo choque violento - lamentou Têmis.

- A maioria dos seres ignora o quanto são fortes os laços que os ligam aos seres com quem convivem em seu dia-a-dia. Quase sempre um mesmo grupo de espíritos se reúne, em sucessivas reencarnações, a fim de purificar os afetos que os unem. Veja, por exemplo, o caso de Maurício, Florence e Aline. Os três estão juntos há dezenas de encarnações e, mesmo assim, ainda não conseguiram aparar suas arestas...

- Me explique uma coisa - pediu Têmis, curiosa. - Se a primeira esposa de Maurício não tivesse morrido em consequência de um aborto, Florence e Moneda se encontrariam mesmo assim?

- Sim. Estava previsto que Aline ou Lorraine, como você preferir, deveria desencarnar poucos meses depois, após um acidente e, embora ela não tivesse ideia disso, a espiritualidade também já havia planejado seu reencarne como filha de Florence. A única diferença entre o que está acontecendo e o planejamento divino é que Florence deveria ajudar a criar os filhos de Maurício, caso não houvessem sido abortados. Agora, será Maurício quem ajudará a criar a neta de Florence, caso os dois consigam se acertar... - elucidou Pablo.

- Oto não vê a hora de reencarnar! - comentou Têmis, animada. -Quem sabe ele não volta como filho dos dois?

- Não nos antecipemos aos desígnios maiores. A providência divina certamente saberá optar pelo melhor para todos - advertiu Pablo.

- Mas Maurício e Florence vão ou não vão se acertar? - insistiu Têmis.

- O irmão Guilhôme ficou de "dar uma mãozinha". Vamos ver como é que eles vão reagir - prometeu Pablo.

Nesse momento, a campainha tocou.

- Deve ser Lucila! - disse Noêmia, correndo a atender.

- Não, mamãe - interferiu Paloma, carinhosa. - Lucila ainda demora. A cada dia, parecia mais apta no trato com a mãe. Nas horas vagas

brincava até de bonecas com Noêmia, fazia o possível e o impossível para não contrariá-la. Sabia que a mãe tinha pouco tempo de vida c esforçava-se ao máximo para que esse tempo pudesse ser vivido da maneira mais harmoniosa possível.

Não era fácil. Noêmia agora havia entrado numa fase de achar que Paloma não sabia gerir o dinheiro da pensão que recebia do marido e passava o dia contando e recontando as cedidas do jogo banco imobiliário que Rafael cedera para contentá-la. De vez em quando, distribuía dinheiro entre os meninos, mas depois esquecia que havia feito a 'doação' e revistava a casa inteira dizendo que havia sido roubada.

"E eu que, em minha ingenuidade, cheguei a pensar que ela pudesse ter escondido os dólares de Lucila sem dizer nada...", lembrou Paloma, ainda olhando de maneira afetuosa para a mãe. Depois que tudo fora explicado e o dinheiro lhe fora entregue por Aline, ela correra a depositá-lo na conta da irmã. Mas não contara nada a Lucila, para não tornar ainda mais difícil a situação da filha de Florence. A fim de poupar maiores desgastes, dissera à irmã simplesmente que o dinheiro ficara preso, sem querer, às páginas do livro de física que Aline guardara na gaveta. Fora realmente uma sorte conseguir reaver aquelas economias, mas Lucila não tinha a menor noção disto. E, aliás, nem lhe pedira desculpas por todos os desaforos e insinuações que a havia obrigado a ouvir.

Lucila ligava sempre, mas Noêmia piorava de uma tal forma a cada vez que falava com ela, que Paloma e Florence haviam decidido evitar, o quanto possível, que as duas entrassem em contato direto com muita frequência. A princípio Lucila não gostara da ideia. Mesmo à distância continuava querendo controlar a família nos mínimos detalhes. Mas acabará tendo de compreender. Afinal, por mais que isto a incomodasse, pela primeira vez na vida era obrigada a admitir que Paloma era quem cuidava de Noêmia e, portanto, deveria saber o que era melhor para a mãe.

-Até hoje não consegui compreender - disse Têmis, agora observando Noêmia em sua habitual alienação. - Fico tão tocada sempre que vejo a situação desta senhora... Afinal, a filha mais velha tinha ou não tinha o direito de abandoná-la neste momento?

- Direito todos nós temos de fazer o que bem entendermos - explicou Pablo. - Para isso temos o livre-arbítrio. A questão, porém, é que nem sempre aquilo que escolhemos é o melhor para nós.

- Mas, pelo que fiquei sabendo, a oportunidade pela qual Lucila sempre lutou apareceu justamente no momento em que foi diagnosticada a doença da mãe. Isto quer dizer que, mesmo as portas tendo sido abertas para que ela realizasse seu desejo, ela deveria ter aberto mão para permanecer ao lado da família? - Têmis questionou.

- Muitas vezes o que parece ser uma chance irrecusável é na realidade uma prova que se coloca em nossas vidas para ver seja adquirimos a capacidade e a maturidade para optar corretamente - esclareceu Pablo. - A solução, nestes casos, é agir com bom senso. Diante de qualquer situação em que estejamos indecisos sobre o que fazer, devemos, antes de mais nada, propor-nos as seguintes questões: Será que aquilo que hesito em fazer pode acarretar qualquer prejuízo a outrem? Pode ser proveitoso a alguém? E se agissem assim comigo, eu ficaria satisfeito? Com toda a certeza, se Lucila houvesse feito a si mesma estas perguntas antes de viajar, ela não teria partido.

- Ela perderia então a oportunidade com que sempre sonhou? - argumentou Têmis.

- Lucila ganharia a oportunidade de aprender e de se aprimorar como espírito caso houvesse optado por permanecer ao lado da mãe e do restante de sua família. Mais tarde, caso a providência divina julgasse frutífero o seu desejo, uma nova oportunidade certamente surgiria -afirmou Pablo.

- É o mesmo caso da Jaqueline... - observou Têmis. - Fico pensando no trabalho que Demóstenes está tendo a esta hora junto da filha em Paris... Ela é tão sem juízo...

Neste momento, os dois tiveram sua atenção voltada para Cenyra, Luís Paulo e Vinícius, que acabavam de chegar.

- Eu queria aproveitar que está todo mundo aqui reunido para dar unia notícia que acho que todos vão gostar de saber - disse Vinícius, olhando significativamente para Chuva, que logo correu para perto dele, toda sorridente.

- Uma notícia? - estranhou Vítor.

- Sim. Amanhã inicio meu estágio na TV Paladium. Se tudo der certo, eu e Chuva nos casamos no ano que vem!

A alegria foi geral. Chuva não cabia em si de tanta felicidade.

- Isso quer dizer que o Vinícius vai ser o que meu de agora em diante? - tentou entender Clarinha.

- Nada, sua tansinha! A Chuva não é tua prima de verdade, porque ela é nossa parente por parte de vó, entendeu? Tu és irmã da minha mãe, mas só por parte de pai! - explicou Rafael.

- O que é que tem? - disse Clarinha, sacudindo os ombros. - Para mim, ela é prima assim mesmo, tá?

- O jogo vai começar! - avisou Luís Paulo ansioso.

Curiosamente, porém, não acendeu nenhum cigarro. Impressionado com o sucesso do tratamento de Vítor, vinha lendo muito sobre as ideias de Platão e o espiritismo. Mesmo sendo um iniciante na doutrina codificada por Allan Kardec, ficara muito preocupado com a hipótese de que poderia estar se matando através do tabagismo e acabara decidindo largar o vício depois de acompanhar uma série de reportagens produzida pela equipe do programa "Isto é incrível" sobre os malefícios do cigarro. Era uma decisão custosa. Havia dias em que sentia vontade de subir pelas paredes de tanta vontade de fumar, mas Luís Paulo estava lutando com todas as suas forças para conseguir.

- Há exatamente três semanas que ele não leva um cigarro à boca! -Cenyra contou a Paloma, toda orgulhosa, enquanto abria no colo a tapeçaria quase completa, que trouxera para mostrar às amigas.

- Está maravilhosa! - contemplou Paloma, admirada.

-Tu és mesmo uma artista, Cenyra! Que perfeição! - exclamou Florence.

- Está faltando apenas terminar o céu - explicou Cenyra, mostrando o pequeno trecho ainda vazio. - Acho que até o final do dia fica pronta... Eu trouxe até as linhas... - disse mostrando a sacola cheia de novelos e pacotes.

- Ficou tão delicado... - observou Aline, aproximando-se. - Queria que a senhora fizesse uma especialmente para colocar no quarto do neném, será que dá tempo?

- Acho que sim. Ainda falta bastante tempo até o neném nascer... Falando nisso, eu trouxe aqui umas lernbrancinhas para você - anunciou Cenyra, remexendo a sacola e dela retirando um primeiro pacote.

Na tela, enquanto isso, os instantes passavam depressa.

- Até que enfim esse Lúcio está mostrando ao que veio... - comentou Vítor, de olhos atentos no campo. - Mas este Ronaldo também não faz nada... Artilheiro da copa!... Eu, se fosse esse técnico, mandava entrar logo o Denílson...

- Vai Ronaldo! Vai! - Luís Paulo gritou, mordendo nervosamente duas unhas ao mesmo tempo! - É gol! Gooool! Esse garoto vai longe!

Enquanto todos comemoravam, Vítor manteve-se no sofá pensativo. O gol de Ronaldo, segundos depois que ele havia acabado de criticá-lo, mostrava o quanto havia sido radical em suas colocações. "Será que estava novamente sendo vaidoso, prepotente e dominador, querendo saber mais do que o técnico da seleção?", alertou-lhe o consciente, exatamente da maneira como previra Olívia. Por via das dúvidas, resolveu não dar mais nenhum palpite.

Minuto a minuto, aquele jogo fazia-se realmente marcante para toda a família, à exceção de Noêmia, que não conseguia entender exatamente o que estava se passando. O fato da seleção brasileira ter entrado na Copa desacreditada e aparentemente sem qualquer chance de chegar à final dava um sabor especial à vitória, conquistada sobretudo graças à perseverança, à união e à humildade da equipe. Era como se, vendo aquele jogo, todos se identificassem com aqueles atletas que agora venciam seus limites e fantasmas, com a máxima garra e determinação, e se sentissem também capazes de superar seus problemas.

- Goooooool! - comemoraram todos, após o segundo gol de Ronaldo, pouco antes dos minutos finais.

- Foi do Pele, foi? - perguntou Noêmia, alienada como sempre.

- O Brasil é penta! - urrou Rafael. - Pentacampeãoüü Momentos depois, todos choravam vendo a seleção de mãos dadas

no imenso campo verde de Yokohama, agradecendo a vitória numa oração. Florence aproveitou aqueles instantes de comoção conjunta para sair de fininho, sem que ninguém notasse. Precisava correr antes que as ruas fossem tomadas pela febril comemoração. Afinal, era dia de vitória do Brasil, mas era também dia de visita no presídio especial onde Faustino há três meses se encontrava detido, à espera de seu julgamento. Têmis seguiu junto com ela. Havia combinado de encontrar-se, no próprio presídio, com o irmão Guilhôme.

Todos os domingos, Florence ia visitar o pai sem dizer nada aos filhos, nem a Clarinha, já que os três se encontravam bastante revoltados com o que acontecera. Ela, contudo, que esperara tanto por aquele pai durante tantos anos, não podia simplesmente deixá-lo esquecido numa cela, sem tomar conhecimento de sua existência. Como a jovem da história que um dia lhe fora contada por Moneda, agora que ela finalmente o encontrara, não queria nunca mais perdê-lo.

-Você trouxe o álcool que eu pedi? - ele foi logo dizendo, tão logo a viu, sob o olhar consternado de Têmis e do irmão Guilhôme que, em vão, tentavam aplicar-lhe passes restauradores para que pudesse ao menos regozijar-se um pouco com a visita da filha.

- Sim, papai, eu trouxe... - ela disse, tirando da bolsa a garrafa. -Para dizer a verdade, nem sei como esses homens me deixam passar toda a semana com este álcool na bolsa... A sorte é que eles nunca me revistam direito..

- Depressa, depressa... - ele disse, já virando a garrafa em um dos panos impecavelmente limpos que mantinha empilhados ao lado da cama.

Depois de sua prisão, Faustino enlouquecera. Passava o dia inteiro esfregando as paredes, o chão e todos os móveis da cela com álcool, transtornado por sua mania de limpeza.

- Se eu não fizer isso, não consigo suportar viver aqui... - ele explicou, tenso, ainda esfregando freneticamente a cabeceira da cama, sempre observado de perto por Lupércio que, quase tão louco quanto ele, vivia quase o tempo todo às gargalhadas. - E tudo muito sujo... Escorre sangue por estas paredes!

Durante os quinze minutos de visita a que tinha direito, Florence ficava observando aquela cena patética, morrendo de vontade de chorar. Embora não pudesse ver Lupércio, sentia sempre uma aura estranha em torno do pai dementado. Ainda assim, mantinha-se firme. Queria passar-lhe uma sensação de apoio e segurança com sua presença.

Tão logo ultrapassava o portão que dava acesso ao corredor de celas especiais, porém, não conseguia conter mais o pranto e invariavelmente deixava o presídio chorando muito. Mas todos os guardas pareciam alheios a sua dor, concentrados em sua rotineira tarefa de abrir e fechar celas, portões, cadeados, correntes e trancas no horário de saída das visitas daquele mundo cão.

Naquele domingo, especialmente, ninguém notou sua tristeza em meio às comemorações que, a essas alturas, já espoucavam por toda parte até mesmo no presídio. No momento em que deixava o imenso prédio no subúrbio, porém, Florence foi surpreendida por uma buzina. A princípio, hesitou em olhar para trás, imaginando tratar-se de mais uma manifestação de torcedores inebriados com a vitória recém-conquistada. Contudo, a buzina parecia segui-la em direção ao ponto do ônibus, e insistiu tanto que ela acabou virando-se para ver do que se tratava.

Era Moneda. Ele desceu do carro e abriu a porta, convidando-a a entrar. Por infinitos instantes, Florence, ainda de olhos inchados, refletiu se aceitava ou não aquele convite. Estava com tantas saudades, queria tanto vê-lo... Acabou entrando.

- Estive no apartamento da Paloma e ela me disse que estava aqui... - ele explicou, dando partida no carro.

- Tu fostes até lá? - ela perguntou, surpresa.

"Se ele imaginasse o quanto ela havia pensado nele durante todo o jogo...", ela pensou consigo.

- Eu fui porque tinha algo de muito importante para dizer para você - ele anunciou, enquanto colocava para tocar o CD que marcara o início do relacionamento dos dois.

- Pensei que nunca mais fosse te ver... - ela confessou, morrendo de vontade de chorar novamente ao ouvir os primeiros acordes da música que começava a tocar.

- Desde aquele dia, eu pensei muito em tudo o que me falou e cheguei a uma conclusão - ele disse.

- Chegou? - ela mal conseguia crer que estivesse ali com ele naquele momento.

- Sim. Cheguei - ele afirmou, enquanto entrava no estacionamento de um shopping.

- Que mal te pergunte, para onde estás me levando? - ela estranhou ao se ver no estacionamento.

- Queria um lugar vazio, onde pudéssemos conversar, e então me lembrei deste shopping. As lojas não abrem aos domingos, mas o estacionamento funciona normalmente - ele explicou, parando o carro numa vaga ao ar livre. - Você se importa?

- Não... - ela respondeu, ainda confusa com tudo aquilo. Ele então desligou o motor e virou-se para encará-la.

- Queria que soubesse que, no dia em que eu te conheci, no momento em que me apaixonei por você, eu não vi o seu rosto...

- Não? - ela não se lembrava deste detalhe.

- Não. Estava escuro no cano, mais escuro ainda na praia. Nos poucos minutos em que conversamos, antes que você descesse até o mar, achei algo de familiar em você, mas não consegui identificar de imediato o que era. Então aconteceu tudo aquilo, nós conversamos, só quando estava te levando para casa percebi nitidamente sua semelhança com Lorraine...

- Então que diferença faz se... - Florence tentou argumentar, já com o coração apertado.

- Espere, eu ainda não acabei - ele olhou fundo em seus olhos, como se fosse beijá-la. - Cheguei à conclusão de que esta sua semelhança com ela foi apenas um atrativo, um chamariz que fez com que eu tivesse ainda mais vontade de me aproximar de você. Aliás, você também achou que eu parecia com aquele artista de cinema... Você mesma me confessou naquela noite no café!

Florence abaixou a cabeça envergonhada. Entendia o que ele estava dizendo. Talvez ela própria também tivesse necessitado de um atrativo para vencer o trauma de seu primeiro casamento fracassado.

- Eu estava viúvo há dezoito anos, jamais havia me permitido sequer olhar para uma outra mulher - ele continuou. - Não porque amasse Lorraine desesperadamente, mas porque carregava comigo uma culpa descomunal, uma culpa que me impedia até de viver como qualquer outra pessoa!

- Mas tu não tiveste culpa da morte dela! - Florence não pôde se conter.

- Agora eu sei disso, mas naquela época eu não sabia. Achava que ela tinha feito o aborto por minha causa, que tinha morrido por minha causa. O caso de Vítor e Aline, porém, me fez ver que uma pessoa só faz uma coisa dessas se realmente estiver disposta a fazer... De qualquer maneira, me senti redimido desta culpa ao prender o verdadeiro responsável pela morte dela. E então descobri que... - ele parecia hesitante, como se estivesse com vergonha ou mesmo receio de continuar.

- Que... - insistiu Florence, morrendo de medo que ele dissesse que havia descoberto que nunca sentira nada por ela.

- Eu descobri que eu nunca amei Lorraine como eu amo você - ele conseguiu finalmente dizer. - Minha relação com ela era diferente, quase infantil. Eu nunca tive com ela a afinidade que eu tenho com você...

- Moneda, eu... - ela levantou os dois braços num gesto expressivo de quem não sabe o que dizer.

- Eu nunca senti por Lorraine o que eu sinto por você, será que você não entende isso? - ele disse, segurando seus dois braços na altura dos pulsos e beijando-a em seguida com toda a paixão que mantivera contida durante tanto tempo.

Florence não pôde resistir. Entregou-se àquele beijo e sentiu como se a Terra houvesse parado de rodar naqueles instantes.

- Eu nunca mais quero me separar de você... - ele disse, beijando levemente seus lábios, várias vezes seguidas. - Se te incomoda tanto essa sua semelhança com Lorraine, então corte os cabelos, pinte-os até de vermelho, se quiser... Mas eu não quero mais ficar nem um dia longe de você... Como diz esta música que eu adoro, "*non me lasciare mai",* não me deixe nunca mais...

Novamente os dois se beijaram, ao som da música que continuava tocando, tomados por um sentimento intenso, que era muito mais do que uma paixão.

- Por falar nisso, eu trouxe um presente para você...

Ele tirou da gaveta um papel dobrado e um CD, o mesmo que tocava agora no aparelho do carro.

- Não acredito... - ela disse, abrindo o papel surpresa. - Você traduziu a letra para mim?

- Fiz isso porque ela diz mdo o que eu queria dizer paia você... - ele respondeu com olhos brilhantes, enquanto ela lia o que estava escrito no papel.

"Vento e Memória", dizia o título. "Vivo a recordação daquele primeiro momento, mágico encontro em um dia de vento. E a palavra que eu não conseguia mais encontrar, como um milagre, através de você eu achei. Eu te chamei paixão, encanto e harmonia. Palavra antiga, palavra nova, veio, não se sabe de onde, para te dizer que você é um sonho, sonho que eu sempre sonhei, você é vento e memória, e eu sempre te amarei. Vento e memória é a história de uma história, respiro e sinto que você vive em mim. E o infinito agora existe e só consiste em saber amar como eu te amo. Te chamarei paixão, encanto e harmonia, palavra cheia que, como um rio, se derrama no peito, no coração. Te falarei de amor para que não durmas, serei vento e memória, não me deixes nunca mais".

- E... é... - ela tentou dizer, com a voz embargada.

Pela primeira vez na vida, não sentia o peso do silêncio dos domingos. Era como se aquela música, cuja tradução apertava agora em suas mãos, envolvesse inteiramente sua alma com sua melodia e suas palavras, fazendo ventar para longe toda a tristeza que sentira nos últimos meses. Maurício, enquanto isso, abria novamente o porta-luvas e tirava de lá uma delicada caixinha embrulhada com papel florido com desenho de violetas e envolvida por uma fita violeta. "La Violeta - Bombo-nes", dizia a etiqueta.

- Isto aqui eu trouxe para você da Espanha... - ele disse, entregando-lhe o presente. - São balas de violeta... Achei tão delicadas que me lembrei de você... Comprei também o livro daquele filme que você tanto gosta, mas, na pressa de sair, acabei esquecendo em casa...

- Oh, Maurício, eu te amo! - ela disse, beijando-o, com toda a sua ternura. - Acho que sempre te amei, desde antes de nascer nesta vida...

Após mais alguns beijos, porém, ela o afastou, pensativa.

- E o meu pai? Tu vais aceitar que eu...

Moneda, porém, a envolveu ainda mais forte com seu abraço:

- Eu não estou aqui? E claro que eu não vou poder visitá-lo, junto com você, mas posso vir te trazer sempre que você quiser... Uma das lições que tirei de meu relacionamento anterior é que ninguém pode viver sufocado pelas neuroses do outro. Eu não posso te impedir de ver o seu pai... Nem de ser quem você é...

Ela passou as duas mãos pelo rosto de Maurício, acarinhando-o como se quisesse guardar para sempre, em todos os seus sentidos, a imagem dele naquele momento mágico.

-As vezes eu não consigo acreditar que tu existas de verdade... Fico me perguntando por que é que não te conheci antes de me casar com o Osmar...

- Simplesmente porque não era para conhecer. Nossa história é agora! - ele disse, num largo sorriso. - Vamos procurar um lugar tranquilo para a gente almoçar?

-Acho que vai ser difícil... - disse Florence, sem conseguir desmanchar também o sorriso. - Com a vitória do Brasil, a cidade inteira está em polvorosa!

- Tenho uma ideia! Podíamos ir até o meu apartamento e preparar um almoço juntos. Tenho codornas no freezer e pétalas de rosa no jardim!

- Codornas com pétalas de rosa... - Florence sorriu enternecida. -Eu acho uma ótima idéia! - comemorou, sentindo o coração doer de tanta felicidade.

-Assim você aproveita para ver se vai querer mudar alguma coisa antes de ir morar lá definitivamente comigo! - ele anunciou, maroto.

- Maurício! - ela exclamou em tom de censura, sem contudo dissolver as covinhas da bochecha sorridente.

- E o que é que tem de mais? Eu quero me casar com você!

- Mas e meus filhos? E a Clarinha?

- O apartamento é grande, cabe até o Vítor, se ele quiser...

-Tu és incrível - ela disse, antes de entregar-se mais uma vez a seus lábios.

Só então Têmis e Guilhôme afastaram-se. Estavam verdadeiramente radiantes pela felicidade dos dois.

- Precisamos nos apressar pois está quase na hora! - anunciou Guilhôme.

- Nunca pensei que fosse poder assistir o desencarne de um espírito tão abnegado... Nem sei como te agradecer por este convite! - ela disse maravilhada, com ar de profunda alegria e gratidão.

- Ele foi um dos maiores médiuns e um dos maiores exemplos de perseverança, humildade e dedicação que a Terra já conheceu, depois de Jesus. Por isso, os espíritos prepararam uma verdadeira festa para recebê-lo. Todo o caminho que deverá percorrer da casa onde abandonará seu corpo de carne até a colônia magnífica que habitará no plano maior foi inteiramente enfeitado de pontos de luz e flores perfumadas. Ele passará por este caminho sob os aplausos de verdadeira plêiade de espíritos das mais variadas categorias e será recebido nas esferas mais altas pelo próprio Mestre Jesus - contou Guilhôme, já emocionado.

- Mal posso esperar para chegar em Uberaba e conhecer Chico Xavier! - disse Têmis, desaparecendo com ele, em seguida, numa fagulha de luz.

Enquanto isso, no quarto de Aline, ela e Vítor, felizes, se divertiam, olhando as primeiras roupinhas de bebê que haviam acabado de ganhar de Cenyra. Toda a família continuava comemorando na sala o pentacampeonato, em clima de grande alegria.

- Olha esse macacãozinho de tricô que coisinha mais linda... - dizia ela, embevecida. - E a camisetinha do Brasil então? Dona Cenyra disse que foi teu pai quem escolheu...

- Você vai querer mesmo que nossa filha se chame Ismênia? - ele perguntou, preocupado.

-Ali! O que é que tem? Pensei também em Odília, o que você acha?

- Cada nome esquisito que você arranja! - ele reclamou, já buscando mentalmente um bom nome para sugerir.

Nesse momento, porém, o consciente novamente o alertou, como se dissesse: "você não pode controlar tudo! Ela é a mãe da criança, tem todo o direito de escolher um nome para ela!" Ele então se lembrou de seu infeliz comentário durante o jogo.

- Se não tiver jeito... Se você quiser mesmo um desses nomes... - ele disse, tomando-a nos braços - não tem problema. Com o tempo eu me acostumo!

Os dois se beijaram, apaixonados, para alegria de Odilie e de Pablo, que assistiam à cena exultantes.

- Queres saber, estou com muita vontade de ligar para o meu pai... - revelou Aline, ainda envolvida no abraço de Vítor. - Tu achas que eu devo fazer as pazes com ele?

- Acho que sim - refletiu Vítor. - Não devemos ficar guardando rancores das pessoas. Viemos ao mundo para cultivar amigos - ele afirmou, convicto, estalando-lhe um beijinho na ponta do nariz. - Se quiser, nas férias podemos até fazer uma viagem para Florianópolis... Eu tenho um dinheiro guardado e...

- Eu acho ótimo! - sorriu Aline, satisfeita.

No pequeno aparelho de som tocava um CD infantil que ela havia comprado pensando no bebê, enchendo de música aquele primeiro domingo de sonhos e esperanças compartilhadas:

"Domingo pede cachimbo, Lição, brincadeira
O cachimbo é de barro, E, na terça-feira,
Bate no jarro, Que a gente aprenda,
O jarro é bem fino, E divida a merenda,
Bate no sino, Que lá pela quarta,
0 sino é de ouro, Já não ê tão farta,
Bate no touro, Na quinta, se pinta.
0 touro é valente, Na sexta, a gente
Bate na gente, Reza um bocado
A gente é fraco, Pra -não cair,
Cai no buraco, E logo afunda,
Uma chuva no sábado,
Nem uma gota,
Nem um só pingo,
E que o sol ilumine esse nosso...
Domingo pede cachimbo..."

Acaba o domingo, Começa a segunda Que barafunda!

FIM

A gratidão é o sentimento digno que deve viger no homem que recebe benefícios da vida. Todos a devemos a alguém ou a muitas pessoas que nos socorreram nos momentos mais graves da existência. A ajuda na hora certa é responsável por tudo de bom que nos venha a acontecer.

Joanna de Ângelis

É muito difícil agradecer a todos os que me ajudaram nesta nova etapa de minha jornada como escritora. Na falta de palavras, apenas sinto. E este sentimento é tão forte e magnificamente intenso que é capaz de envolver em couraças de luz todos os seres que me auxiliaram até que esta história pudesse chegar às mãos do amigo leitor.

A Deus-Pai, e a meus pais, Evandro e Leticia, que me trouxeram a este mundo, agradeço especialmente pela oportunidade, pelo amor desvelado com que me criaram e me assistem até hoje. Tão especial quanto eles, porém, foi o Milton Menezes, amigo inapreciável, sem cujas sugestões ponderadas, habilitadas e criativas eu jamais teria podido trazer ao mundo um personagem como Vítor e, muito menos, conseguiria escrever sobre um assunto tão escorregadio como a síndrome do pânico.

Milton foi, digamos assim, quase um co-autor da trama. Foi terapeuta da psicóloga que aparece na história, me ajudou a entender cada sintoma, cada passo no tratamento de um panicoso. E não foram poucas as vezes em que o incomodei com minhas dúvidas, fazendo-o ler e reler capítulos em suas já tão escassas horas de folga... (Neste sentido, não posso deixar de agradecer também a sua esposa Lilian e às filhas do casal pela generosa compreensão!)

Ainda no que se refere ao pânico, fundamental também foi o auxílio da Ady Daudt que, além de responder meu questionário pela internet, enviou-me vários exemplares do jornal virtual "Saindo do Escuro", especificamente dirigido aos portadores da síndrome, o qual muito me ajudou na composição de personagens e situações. E, é claro, não posso me esquecer do Josias, que um dia me deu a sugestão de trabalhar com este tema.

É importante deixar claro, porém, que todas as histórias que o leitor encontrou neste livro foram criadas por minha imaginação, com base no vasto material que li a respeito. Embora se tratem de situações que poderiam ser vividas por qualquer portador da síndrome do pânico, não representam a história de nenhum paciente específico.

Ao Evandro, meu irmão, à Adriana Fiorese, ao pessoal da Oficina de Turismo de Caxambu, agradeço pelas fotos, folhetos e pesquisas sobre Florianópolis. A Adri conseguiu para mim um dicionário de falar es típicos da ilha, o Evandro se deu ao trabalho de escolher um bairro e uma casa onde eu pudesse situar meus personagens. Não contente, ainda fotografou toda a região e conseguiu um mapa local, onde até as padarias e barzinhos estavam assinalados. E a mamãe, mais uma vez a incansável Lelé, foi ao Parque Guinle, no Rio, com as nuvens ameaçando uma tremenda chuva, só para tirar fotos a fim de que eu pudesse reavivar minha memória carioca amineirada pelo tempo.

As amigas Silvaria, Denise e Dona Hilda agradeço pelas preces e pelo apoio amoroso e encorajador de todas as horas. Aos mestres Lúcia Geremias Ribeiro e Ivan Arantes pelos ensinamentos ligados ao espiritismo; ao saudoso mestre Junito Brandão pelas inesquecíveis aulas de mitologia grega; a dona Cidinha e à gentil Lori pela ajuda na tradução da canção em italiano que acompanha os personagens Florence e Maurício.

A Lourdinha e a Cirma me situaram a respeito do mal de Alzhei-mer; a Teresa Tavares e a tia Maria da Glória me ajudaram a conseguir uma série de reportagens vitais para o trabalho como um todo; o Marquinho Rosental me presenteou com uma matéria maravilhosa sobre o psiquismo fetal; o Sérgio Miranda colocou abaixo todo um armário de livros para complementar minha bibliografia sobre o aborto. Sem falar na Adriana Guimarães e no Luís Manuel, amigos do fundo da alma, que tão afetivamente me confiaram sua história de amor para que eu emprestasse um pouco dela a meus personagens, e na querida dona Aurora que, com suas mãos de luz, tantas vezes desbloqueou minhas energias nos momentos de maior tensão.

De urna maneira particular, porém, queria agradecer à minha Amelie Bellie, pseudônimo de grande amiga do Rio que não gostaria de ser identificada (numa honrosa menção à dedicada esposa de Kardec), e à Nádia Gonçalves, espírito abnegado a quem admiro do fundo da alma, grande amiga de Caxambu, e, é claro, à querida Luculus, já citada na dedicatória. As três são pessoas raras, generosas, positivas e leais, sempre prontas a ajudar em tudo. E só pensar, que já escutam. Elas me acompanharam em cada capítulo desta história como verdadeiras protetoras encarnadas, sofrendo e vibrando comigo ao longo de nove meses.

Foi, de fato, uma gestação. E, para que ela se consumasse, fora do comum também foi o auxílio que recebi do Beto, meu marido, meu amor, que tantas vezes alimentou-me com suas próprias energias para que eu não tropeçasse no caminho. Esquecendo-se até de si mesmo, ele ouviu intermináveis vezes minhas narrações de capítulos, foi obrigado a conhecer cada personagem, avaliar páginas de texto, desdobrou-se no cuidado com as crianças para que eu tivesse um pouco mais de tempo para escrever, e ainda agüentou todas as minhas crises nos momentos em que a trama e eu mesma parecíamos enguiçar. E ele quem me dá chão, quem cuida do meu jardim para que eu possa florir.

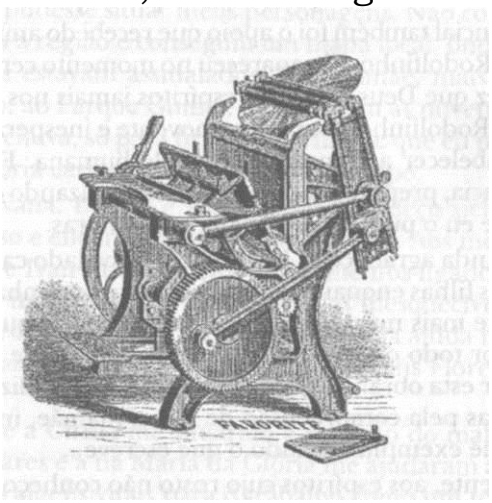
Providencial também foi o apoio que recebi do amigo Rodolfo Ribeiro Júnior, o Rodolfmho. Ele apareceu no momento certo, mostrando-me mais uma vez que Deus e os bons espíritos jamais nos abandonam. Mais do que isso, Rodolfinho, com sua comovente e inesperada generosidade, me fez restabelecer a crença na bondade humana. Foi ele quem, com muita paciência, preparou todo o texto, normatizando espaços e parágrafos, para que eu o pudesse enviar para as editoras.

Resta ainda agradecer à Isabel, pelo desvelado carinho com que assistiu minhas filhas enquanto eu trabalhava, e às minhas riquezas Sophia e Alice, fonte mais maravilhosa de amor e alegria que um ser humano pode ter, por todo o tempo que precisei subtrair de nossa convivência para realizar esta obra. Acima de tudo, gostaria de dizer obrigado a elas e ao pai delas pela compreensão de que a mamãe, infelizmente, ainda não consegue exemplificar tudo o que escreve...

Finalmente, aos espíritos cujo rosto não conheço, mas cuja presença pude sentir incondicionalmente a meu lado, inspirando-me, fortalecendo-me e amparando-me a cada folha digitada, cada capítulo, cada letra, cada lágrima, a minha eterna gratidão por sua perseverança e carinho, pela confiança que me devotaram, mesmo a despeito de toda a minha inferioridade.

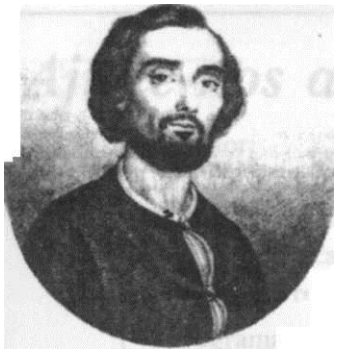
E, é claro, ao querido leitor que me acompanhou até aqui, dando vida à trama com sua energia, inquietando-se com o destino de cada personagem. Sem a sua participação, esta história não teria a menor graça...

A todos, muito obrigada!



Esta edição foi impressa pela Edelbra Indústria Gráfica c Editora Ltda., Erechim, RS, sendo tiradas três mil cópias em formato fechado 14x21 cm, em papel Off-set 63g/m" para o miolo e papel Cartão Triplex 250g/ m2 para a capa. O texto principal foi composto em New Baskerville BT 10/12. A revisão de texto foi feita por Cristina da Costa Pereira. A capa foi elaborada por Visiva Comunicação & Design.

Junho de 2004



Maurice Lachâtre
(1814-1900)

Em seu nome, a editora Lachâtre homenageia uma das figuras mais luminosas e corajosas da França, no século XIX. Nascido em Issoudun, no departamento de Indre, em 1814, Maurice Lachâtre mudou-se ainda jovem para Paris, atraído pela borbulhante vida intelectual da capital francesa. Editor e escritor, foi em ambas as atividades o contestador por excelência, em choque permanente com o regime político e a religião católica dominante. Em 1857, foi condenado a um ano de prisão e a uma multa de seis mil francos, por ter editado o romance Os mistérios do povo, de Eugén Sue, que difundia os ideais socialistas. No ano seguinte, sofreu nova condenação pelo regime de Napoleão III (que Victor Hugo chamou de Napoleão, o pequeno), pela publicação do Dicionário universal ilustrado. A pena era duríssima: seis anos de prisão. Para escapar, Lachâtre refugiou-se na Espanha, estabelecendo-se como livreiro em Barcelona. Homem inquieto, atento às novidades, acompanhava de perto o grande movimento de renovação espiritual que surgia em seu país. Em 1861, escreveu a Allan Kardec, solicitando-lhe a remessa de livros espíritas, que desejava comercializar em sua livraria. Kardec enviou dois caixotes, contendo trezentos livros. A remessa atendia a todos os requisitos legais da alfândega espanhola, mas a sua liberação foi sustada, sob a alegação de ser indispensável a aprovação do bispo de Barcelona, Antônio Palau y Termens. Lidas as obras, o padre concluiu que se tratavam de livros perniciosos, que deviam ser lançados ao fogo, "por serem imorais e contrários à fé católica". A execução ocorreu no dia 9 de outubro de 1861, ficando conhecida entre os espíritas como o Auto-de-fé de Barcelona.

A partir daí, os padres passaram a vigiar de perto as publicações de Lachâtre. O dedo da igreja encontra-se por trás da sentença da justiça, de 27 de janeiro de 1869, que condenava à destruição a História dos papas, que Lachâtre publicara em 1842-43, em dez volumes. Não foi o suficiente para abatê-lo.

Em 1870, quando ocorre a Comuna, Lachâtre retorna a Paris, num lance de ousadia, e passa a colaborar no jornal Vengeur, de Félix Pyat. A vitória do governo e a violentíssima repressão levaram-no de volta à Espanha, onde manteve a sua intensa atividade intelectual. Em 1874, publicou dois livros, a História do consulado e do império e a História da restauração. Seis anos depois, saía a História da inquisição. Com a anistia, retornou à França, fundou uma nova editora, em Paris, e entregou-se de corpo e alma à sua grande obra, o Novo dicionário universal, considerada por seus contemporâneos a maior enciclopédia de conhecimentos humanos até então publicada. Incluía, inclusive, todos os termos específicos do vocabulário espírita.

Maurice Lachâtre morreu em Paris, em 1900.